



3 1761 06990311 0





MUNDO DO LITEC

- L DA TRINDADE - 13

TELEF 3699 51

LISBOA





SCRIPTORES RERVM LVSITANARVM

(Série B)

III

COMENTÁRIOS  
DO GRANDE  
AFONSO DE ALBUQUERQUE

CAPITÃO GERAL

QUE FOI

DAS INDÍAS ORIENTAIS

EM TEMPO DO MUITO PODEROSO

REY D. MANUEL

O PRIMEIRO DESTES NOME

PARTE I E II

4.<sup>a</sup> EDIÇÃO

Conforme a segunda

PREFACIADA E REVISTA

POR

ANTÓNIO BAIÃO



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1923



D-S

498

.5

A3A3

1922

pt. 1-2

COMENTÁRIOS  
DO GRANDE  
AFONSO DE ALBUQUERQUE



Digitized by the Internet Archive  
in 2011 with funding from  
University of Toronto

COMENTÁRIOS  
DO GRANDE  
AFONSO DE ALBUQUERQUE  
CAPITÃO GERAL  
QUE FOI  
DAS INDÍAS ORIENTAIS  
EM TEMPO DO MUITO PODEROSO  
REY D. MANUEL  
O PRIMEIRO DESTE NOME  
PARTE I E II

4.<sup>a</sup> EDIÇÃO

Conforme a segunda

PREFACIADA E REVISTA

POR

ANTÓNIO BAIÃO



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1922

COMITÊ EDITORIAL

1957

COMISSÃO DE REVISÃO

1957

1957

Desta edição

fez-se uma tiragem especial de 100 exemplares,

numerados e rubricados.

DS

498

.5

A3A3

1922

# PREFÁCIO

DA QUARTA EDIÇÃO DOS COMENTÁRIOS



Á Alguém (1) capitulou de inglorio e enfadonho o trabalho de editar alheias obras. E todavia nunca epítetos mais injustos escorreriam da pena dum escritor, se encabeça-os pretendesse no livro que vai ler-se.

¡ Os *Comentários de Afonso de Albuquerque!* Eis um dos trabalhos mais meritórios e patrióticos de toda a literatura portugueza. Coração de fogo atanchado numa alma de artista, o autor entrega-se voluptuosamente à ressurreição das façanhas de seu glorioso pai. ¿ É o panegírico de um homem? Decerto; mas também o de uma raça e de uma época.

¡ Afonso de Albuquerque, filho, encarna o lavrador para quem não há pomos iguais aos do seu pomar, vinho superior ao gerado nas suas ramadas cheias de viço e frescura!

(1) O abade Correia da Serra no *Discurso Preliminar* que precede os *Inéditos de História Portuguesa*, da Academia.

¡Obra consoladora, apoteótica, bemdita! Foi concebida e executada nas noites cálidas da Bacalhoa ou nas rumorosas noites da casa dos Bicos.

Na Bacalhoa, essa linda estância que Afonso de Albuquerque soube opulentar com delicada traça, reconstruindo-a para seu defenhadamento.

À semelhança de D. Luís da Silveira, primeiro conde da Sortelha que, por ter viajado, manda erigir na matriz de Gois o sumptuoso e artístico tumulo renascença, ainda hoje digno de admiração, também Albuquerque, conhecedor *de visu* da arte italiana, funda ao lado da casa dos Bicos o palácio da Bacalhoa.

Vê-lo é lêr os *Comentários*; percorrê-lo é paginar os capitulos de tal obra. Portão braçoadado e datado de 1554, páteo nobre e amplo, escadaria exterior toda guarnecida de azulejos e, como um fante no seu nicho, sôbre a porta de entrada, o autor dos *Comentários* convidando à visita embora a mão não possa acenar-nos já, pois para caber lhe amputaram os ante-braços; mas a expressão do rosto é urbana e convidativa e a côr do barro contrasta singularmente com o branco alabastrino dos quatro bustos que nos nichos respectivos ornamentam nestora a fachada principal. Fachada principal sim, mas não a mais grandiosa porque essa, voltada ao norte, com as suas varandas de arcarias, com as

suas frestas e janelas tarjadas de azulejos, ainda actualmente se pode admirar. Devia ser aí que Braz de Albuquerque viria, pelas noites calmosas de estio, aspirar um pouco do ar fresco que da ferra de Cintra, saltando sôbre Lisboa mais veloz que um avião, repousaria levemente nessa varanda quinhentista a acariciar a fronte ampla do filho do *terribil* e a brincar, nos últimos anos da vida, com as suas alvas cans. Devia ser aí que Braz de Albuquerque iria espreitar a côrte, a mui nobre e sempre leal cidade de Lisboa, onde chegou a conselheiro real e a presidente do senado, adivinhar a sua *casa dos bicos* e como que perceber longinquamente o *brou-ha-ha* continuo duma cidade, intermediária do comércio entre a Europa e a Ásia, entre a então já decrépita Europa e a juvenil e adolescente América.

Mas a varanda dos *Comentários* não foi essa, não. Aí a vista perder-se-ia, distrair-se-ia num horizonte sem limites e seria certamente na varanda do jardim, apoiada nas suas pilastras de mármore da Arrábida, tendo na frente um lago espelhento e doce como a calma indispensável a um historiador e por detrás e aos lados os rios, alegoricamente pintados em azulejos, num despejar contínuo de água, que não afraca com os rigores do estio, nem se entumece com as arremetidas caudalosas do inverno; aí deviam ser

traçadas as páginas opulentas, vernáculas e clássicas dos *Comentários*. Concebidas passeando a pé entre as aleas de buxo do jardim, reconstado nos bancos de azulejos, a caminho da casa da Índia, ou a caminho da casa das pombas, na varanda dos rios deviam adquirir fôrma.

Quantas vezes então, cercado das cartas de seu pai, escritas algumas em papel de arroz, traçadas paciente e geomêtricamente por Gaspar Correia ou António da Fonseca e afinadas, com mão firme, a mesma que empunhara a espada gloriosa de Gôa, Ormuz e Malaca, quantas vezes não invocaria o espírito do governador da Índia?!...

E ao invocá-lo, a pena caír-lhe-ia inconscientemente das mãos e havia de afigurar-se-lhe que o pai — o gigantesco pai — em voz cava e fortuna lhe bradaria :

— *¡Emburilhadas, emburilhadas, senhor meu filho, que as afugente para bem longe o dêmo! — ¡Bemdito o teu labôr! Bem hajás pelas tuas canceiras.*

Ao renovar depois a escrita com os olhos rasos de lágrimas, a pena ora correria plácida fôbre o papel como arroio entre boninas, ora apressada, febril e agitada arremessar-se-ia qual torrente entre penhascos alterosos!

¡Como seriam extraordinários os seus estados de alma!





Rôsto da primeira edição dos *Comentarios*

Nas janelas que deitam para o lago iria Afonso de Albuquerque recrear-se vendo os cisnes cortar a água duma forma ritmica, vêr fulcá-la algum barco de alegres visitantes e quando voltasse os olhos para o interior contemplaria os tectos de maceira na presença das virtudes cristãs — Fé, Justiça, Temperança e Fortaleza — e ¡oh pecado máximo da Renascença! — todas de braço dado com a núa Suzana libidinofamente cubiçada ao faír do banho, fresca, lactea e apetecível. . .

\*

A primeira edição da obra de Afonso de Albuquerque furgiu alfim dos lisbonenses prelos de João Barreira, em 1557. Dedicada a D. Sebastião dois motivos nos apresenta o seu autor para a dar à estampa: o lembrar ao rei a obrigação aos descendentes dos que prestaram assinalados serviços a seu bisavô e a pouca atenção prestada pelos historiadores da Índia à obra de seu genial pai. Eis as próprias palavras de Afonso de Albuquerque, filho: .

AO SERENISSIMO PRINCIPE DE PORTUGAL  
DOM BASTIAM NOSSO SENHOR

**D**UAS rezoões principalmête antre outras muytas me obrigarão (serenissimo Principe) a copillar esta historia dos grandes feytos Dafonso Dalboquerq capitã

geral & governador da India: áqual pus nome Cômẽtarios, polos colligir dos proprios origináes q̃ elle no meyo dos acõtécimẽtos de seus trabalhos escrevia a elRey dõ Manuel voffo visavoo, q̃ noffo Senhor tê na sua gloria. A primeyra, pera q̃. V. A. veja neste pequeno volume, cõ quanto sofrimento & trabalho de sua peſoa este capitã conquistou os reynos & ſenhorios da India (q̃. V. A. ſucedará de pois de largos annos de vida del Rey dõ Joam o terceyro noffo ſenhor voffo avô) & a obrigaçã que tem aos netos & parêtes daquelles q̃ nesta conquista acabarã ſeus dias. A outra foy, ver eu como os q̃ escreveram a hiſtorea da India (cõ tanto trabalho & louvor de seus engenhos) ou por terẽ hũa occupaçam geral em contar tudo o q̃ aconteceo aos Portugueſes naquellas partes, des o principio de ſeu deſcobrimẽto, ou por falta das informações q̃ tiveram, paſſará brevemente por muytas couſas q̃. Afonso Dalboquerq̃ paſſou nesta conquista. E nam devẽ de ter menos credito & authoridade ante V. A. estes ſeus Cômẽtarios polos eu colligir ſendo ſeu filho, do q̃ Cefar tê polo mũdo escrevendo de ſy meſmo há tantos annos. E porq̃ tratar aqui de ſeus louvores (em q̃ avia muyto q̃ dizer) ſeria fazer outra obra mayor que a ſua, nã direy mais q̃ aquelles q̃ vão ſemeados por este livrõ, & o q̃ dizia hum Pero Gomez homẽ antigo na India, o qual ſendo já muyto velho (vendo as deſordẽs della depois de ſua morte) ſe ya em Goa cõ hum páo na mão á ſua ſepultura, & dizia:

*Ó grande capitão, tu me fizeste quanto mal pudeſte, mas eu nam te poſſo negar que foſte o mór cometedor & ſofredor de trabalhos que ouve no mundo, alevanta te q̃ ſe perde o que tu ganhaste.*

V. A. azeite de mym este pequeno ſerviço q̃ lhe

faço nesta sua primeyra idade, pois jaa a não tenho pera lhe poder fazer outros, mayóres. E se o estillo da historia nã for tam elegante como sua grandeza merecia, desculpo o atrevimento q̄ tive em lha offerecer cõ o pouco q̄ aprendi da reitorica, & cõ escrever neste estillo rudo a verdade do que passou ».

Dez anos andados, na derradeira página da terceira parte da *Crónica de D. Manuel*, escrevia o cronista Damião de Gois :

...« Do discurso da vida do qual Affonso dalbuquerque cõpos este seu filho Affonso dalbuquerque hum livro a modo de Commentarios, em que mui per estenso conta todo ho proçesso das coufas e casos que lhe acontecerão enquanto viveo ».

Intitula-se pois o primeiro capítulo desta edição *Da geração de Afonso de Albuquerque e o que passou até ir a primeira vez á Índia*; suprimido na segunda, que vagamente se refere ao assunto na parte final, reservava o auctor o estudo dêste curioso período para um livro à parte, que infelizmente não chegou a ver a luz pública e a cujo apografo Barbosa Machado faz referências na *Biblioteca Lusitana*. O segundo capítulo da primeira edição corresponde no título ao primeiro da segunda, mas só no título porquanto é dêle uma refundição completa.

Tentámos fazer o confronto das duas edições

mas notámos, após o exame dêsses dois capítulos, divergências tão profundas que desistimos, pois a segunda edição, ainda contemporânea do autor, como é sabido, é na verdade antes uma larga refundição da sua obra primitiva.

Para prova transcrevemos a *Dedicatória*. Nada mais frisante que o confronto das duas. Ei-lo:

AO MUITO ALTO E MUITO PODEROSO SENHOR  
EL-REY DOM SEBASTIAM NOSSO SENHOR.

**E**M vida del-Rey dom João terceiro, vosso avô, offereci estes *Comentarios* a vossa Alteza, que collegi dos proprios originaes que o grande Afonso Dalboquerque no meyo de seus acontecimêtos escrevia a el-Rey, dom Manuel, vosso visavô. E vendo eu, Serenissimo Senhor, a falta que avia delles (porque de todo se não perdesse a memoria de seus trabalhos) determinéy de os tornar a imprimir, emendando algumas cousas que tinha escritas, e acrescentando outras, advertido de mais certas informações que agora tive, que me persuadiram a tomar este trabalho. Convidandome tambem a isto, huma pratica que se teve diante de Vossa Alteza, na qual louvando alguns fidalgos que se acharam presentes a grandes capitães que houve pelo mundo, vossa Alteza os acufou dizendo:

— *Pera que he falar em capitães arendo Afonso Dalboquerque na India!?*

E que não tivera outra rezão senão esta, pera os tornar a imprimir, isto só me obrigara a fazelo, pera que de tam altas palavras, ditas de hum animo inven-



# COMMENTARIOS DO GRANDE AFONSO

DALBO'QUERQUE, CAPITAM GERAL

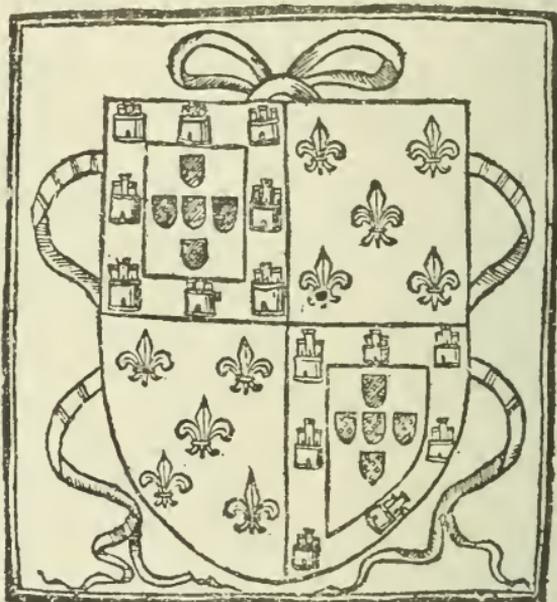
QUE FOY DAS INDIAS ORIENTAES,

Em tempo do muito poderoso Rey dom

Manuel, o primeiro deste nome.

*Novamente emendados e acrescentados pelo mesmo auçtor  
conforme às informações mais certas que agora teue.*

Vão reparidos em quatro partes segundo o tempo dos  
acontecimentos de seus trabalhos.



EM LISBOA.

*Com licença impresso por Ioão de Barreira impressor del Rey  
nosso senhor. Anno de 1576.*

COM PRIVILEGIO REAL.



Rosto da segunda edição dos Comentarios

cível como o de vossa Alteza, ficasse memoria, pera engrandecer muito mais as grandes vitorias que este excellente capitão teve dos mouros, na conquista dos reynos da India. E querer tratar aqui de seus louvores, e de muytas cousas que soffreo, e outras muitas que dissimulou com sua grandeza de animo, seria fazer outra historia mayor que a sua: não direy mais que o disse hum soldado que o sempre acompanhou na guerra, o qual sendo já muito velho, estando na Cidade de Gôa, vendo as defordês da India, hia-se com bordão na mão á sua capella, e batendo na sepultura onde estava enterrado dizia.

— *Ó grande capitão, tu me fizeste quanto mal pudeste, mas eu não te posso negar que foste o mayor conquistador e soffredor de trabalhos que houve no mundo. Alevanta-te que se perde o que tu ganhaste.*

E não devem de ter menos credito e auctoridade diante de Vossa Alteza estes comentarios polos eu coligir sendo seu filho, do que Cezar tem polo mundo escrevendo de si ha tantos anos, pois neste estilo rudo conto a verdade que passou.

Tal foi o trabalho julgado por Afonso de Albuquerque, filho, mais perfeito e completo; seguimo-lo por isso sem tergiversar.

A nova edição é portanto conforme à de 1576; *ipsis verbis* sempre e só excepcionalmente o não é tambem *ipsis literis*. Neste ponto temos que nos penitenciar de haver corrigido um salto na numeração dos capítulos (de xvi para xix); de fazer preceder o sumário dos capítulos da res-

pectiva numeração; de desdobrar as vogais nasalizadas, isto é, em lugar de *ũ*, *um*; de mudar os *uu* por *vv*. A desculpa estará na célebre frase atribuída a D. João I no paço de Cintra:

*Foy por bem.*

Penfámos arejar as páginas de composição compacta dos *Comentarios*, aliás segundo o gosto da época, introduzindo-lhes parágrafos, mas julgámos essa tarefa de affaz perigo e melindre, embora a leitura ficasse mais amenizada.

Note-se que a uniformidade ortográfica não existe na segunda edição dos *Comentarios*; assim na mesma página topamos *polo* e *pelo*, *foy* e *foi*, etc.

\*

O auctor dos *Comentarios* nasceu de um crime; (não se affustem os leitores) de um crime que a lei sanctificou. O governador da Índia, embebido nas suas ambições de glória e de conquista, não chegou a casar; mas, coração fogoso, não se ficou sem amar, embora fugitivamente, e de encarnar esse amor como os apaixonados imaginários quinhentistas. Eis o futuro auctor dos *Comentarios*. Uma irmã de Albuquerque o afeiçoou, os frades de Santo Eloy o desbastaram, à Itália foi finalmente beber a inspiração para a

elegância de frase da sua obra, a inspiração para a sua casa dos diamantes ás portas do mar e para a da Bacalhôa onde, como nos *Lusiadas*, a Mitologia se casa com a religião cristã, os versículos bíblicos dão a mão aos medalhões dos Neros e das Agripinas.

« Afonso de Albuquerque, o Grande, saíndo para a Índia em 1506 deixou no reino um filho natural, por nome Braz, legitimado em 26 de Fevereiro do mesmo ano, quando tinha apenas cinco anos de idade. Aos cuidados de sua tia paterna, D. Isabel de Albuquerque, casada com D. Pedro da Silva, o Reles, de alcunha, foi confiado e, após a morte de seu pai, por ordem de D. Manuel I, entrou no mosteiro de Santo Eloi a cujos cônegos fôï encarregada a sua instrução » (1).

A estes cabe na verdade a glória de terem feito o *rhetórico*, como êle mesmo se intitula, autor da obra prima, de tão acrifolado patriotismo, que vai lêr-se.

Por óbito do governador da Índia o autor dos *Comentários* estava herdeiro de grande nome e senhor de avultada fortuna. Responsabilidades, graves responsabilidades, fôbre êle pesavam far-

(1) ANTÓNIO BAIÃO — *Alguns ascendentes de Albuquerque*, pág. xxxi, memória publicada pela Academia das Ciências de Lisboa.

tamente compensadas porém com a aura e glória paternas que nele se reflectiam. Do pai herdara os serviços é certo mas com êles os rancores, os ódios e as invejas e êstes esquecem menos que aquêles.

¡Inimigos há que nem à beira das campas fazem tréguas e defarmam!

E o *terribil* devia tê-los desta natureza: ferinos, figadais. Por isso, quási com o estertor, a D. Manuel I invoca de longe os seus serviços em beneficio do filho; por isso êste na dedicatória da primeira edição dos *Comentários* lembra a D. Sebastião, como vimos, a *obrigação que êle tem aos netos e parentes daqueles que nesta conquista (a da Índia) acabaram seus dias.*

Estava, como se vê, queixoso da falta de atenção pelos seus serviços pois, êle próprio no-lo conta, « *tornado desta jornada (ida a Saboya no séquito da infanta D. Beatriz) com esperança de lhe elrey dom Manuel satisfazer os serviços de seu pay como tinha prometido ao conde de Linhares, seu sogro, achou ho morto, e ficou sem a satisfação que merecião os grandes serviços de seu pay, assi polo pouco cuidado que elle teve de os requerer como tambem pela mudança do tempo* ».

Então devia ainda ser viva a única filha de Afonso de Albuquerque, casada com o primeiro conde de Basto e daí as suas ambições de engrandecimento.

Não nos alongaremos em pormenores da biografia do autor dos *Comentários*; o leitor curioso depara-os na memória já citada *Alguns ascendentes de Albuquerque*.

Confelheiro de D. João III figura como tal no respectivo livro de moradias; provedor da Misericórdia de Lisboa o sabemos em 1532, 1542, 1545, 1552, 1563, 1571 a 1577; presidente do Senado da câmara de Lisboa foi nomeado pela carta régia de 12 de Dezembro de 1572, tendo sido o primeiro presidente da edilidade lisboeta.

\*

Muitos são os pontos históricos que a leitura atenta dos *Comentários* pode elucidar.

Enumerando ao acaso o primeiro facto que nos ocorre foi já objecto de uma comunicação nossa à Academia das Sciências de Lisboa. Desconhecia-se até agora, ou melhor, tinha passado despercebido, o motivo por que João de Solis, o célebre piloto portuguez, precursor de Fernão de Magalhães, ao serviço de Hespanha descobridor do Rio da Prata, se refugiára na nação vizinha e é um passo dos *Comentários*, até agora no escuro, que ao corrente de tudo nos põe.

Com effeito, a página 14 da 2.<sup>a</sup> edição se diz que o piloto João de Solis, prestes a ir

com Afonso de Albuquerque na não *Cyrne*, em 1506, na armada do comando de Tristão da Cunha, teve de ser substituído *por haver dous dias que o seu (piloto) chamado João de Solis fugira pera Castela por matar sua molher.*

¡Quantas conjecturas de investigadores, aliás illustres e zelosos, não são derribadas por estas tão claras e positivas palavras de Afonso de Albuquerque, filho!?

Outro ponto que nos ocorre é àcerca da idade do governador da Índia, ponto objecto de um meticoloso estudo do saudoso J. I. de BRITO REBELO (1). Este erudito notável teve a tal respeito apenas presente um passo do autor dos *Comentários*, o do capítulo XLVI da parte IV e todavia, nas duas partes que vão lêr-se, se faz também referência aos seus sessenta anos: no capítulo X da parte II e no capítulo XXIX da mesma parte.

¡E quantos, quantos outros, não seriam iluminados pelo caudal de luz que jorra das vernaculas páginas da obra de Albuquerque!

*Ecce elongavi fugiens  
Et mansi in solitudine,*

tal foi o pensamento bíblico que o autor dos

(1) J. I. DE BRITO REBELO, *Ementas Históricas*, 1, *A idade de Afonso de Albuquerque*, Coimbra, 1896.

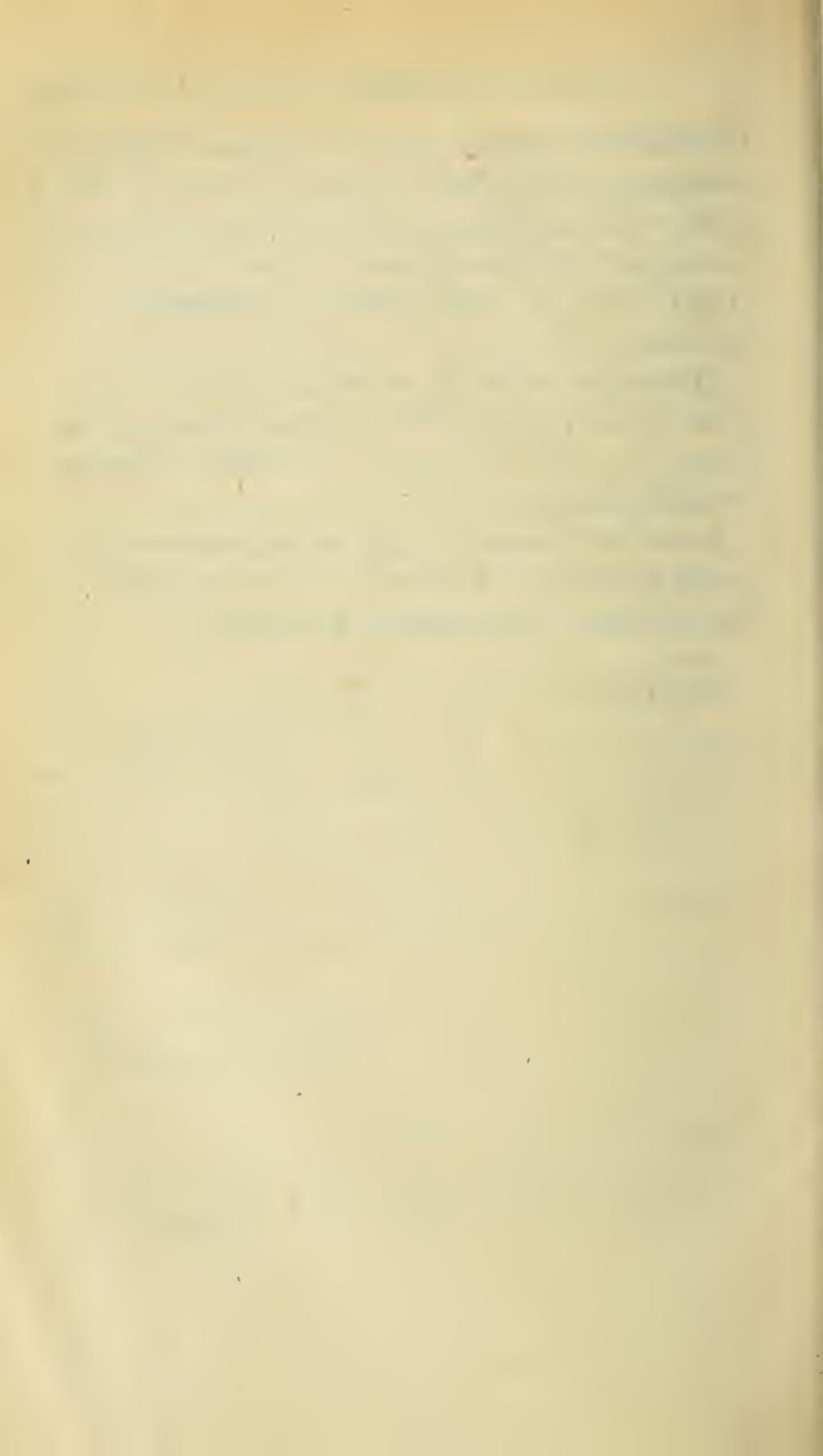
*Comentários* mandou gravar a singelas letras de marmore negro sobre a porta principal do seu pάλacio da Bacalhōa. Tal foi o lema presente à confecção dos *Comentários* e tal é o estado de espírito em que devem lêr-se as páginas que se seguem.

Quietação edénica, ância de aprender nos puros e lípidos moldes quinhentistas a bela lingua de nossos avoengos e as belas façanhas de nossos maiores.

Para tudo concorre o zêlo escrupuloso e a largueza de vistas da Imprensa da Universidade e a boa vontade do prefaciador e revisor.

Agosto de 1922.

*Antônio Baião.*



## INDICE DOS CAPITULOS.

### PARTE PRIMEIRA.

CAPITULO PRIMEIRO. *De como foi a primeira vez á India por Capitão mór de tres náos, e chegou a Cochim, e o mais que passou.* 1

CAP. II. *De como o grande Afonso Dalboquerque, e Francisco Dalboquerque, depois deste desbarato, falaram ao Rey sobre o fazer da fortaleza, e o que com elle passáram.* 4

CAP. III. *De como o grande Afonso Dalboquerque chegou a Coullão, e o que passou com os Governadores da terra.* 7

CAP. IV. *De como as náos de Calicut vieram a vista de Coullão, e o grande Afonso Dalboquerque se fez prestes pera pelejar com ellas, e o que sobre isso passou com os Governadores da terra.* 11

CAP. V. *Do assento, que o grande Afonso Dalboquerque tomou com os Governadores da terra sobre as pazes, antes da sua partida: e o mais que passou com os Christãos dali naturaes, e se partio pera Cochim.* 13

CAP. VI. *De como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Cochim pera Cananor: e do que passou até chegar a Portugal.* 16

XXII *Comentarios de Afonso Dalboquerque.*

CAP. VII. *De como ElRey D. Manuel mandou o anno de seis Tristão da Cunha á India, e Afonso Dalboquerque em sua companhia, em huma Armada de quatorze vélas, pera ambos fazerem a fortaleza de Çocotorá.* 19

CAP. VIII. *De como o Capitão mór Tristão da Cunha despedio a caravela pera Portugal, e se partio de Biziguiche: e o que passou até chegar a Moçambique.* 22

CAP. IX. *De como o Capitão mór Tristão da Cunha, pela informação que teve dos negros, que Ruy Pereira trouxe, determinou de ir descobrir a Ilha de S. Lourenço.* 25

CAP. X. *De como o capitão mór Tristão da Cunha se fez prestes pera ir descobrir a Ilha, e o que niçso passou.* 27

CAP. XI. *De como o Capitão mór Tristão da Cunha se tornou ao longo da costa, e se ouvera de perder: e o que passou com o grande Afonso Dalboquerque.* 30

CAP. XII. *De como o Capitão mór Tristão da Cunha se partio de Moçambique com a sua Armada, e se foi ver com o Rey de Melinde, e dali a Angoja, e a destrochio.* 33

CAP. XIII. *De como o Capitão mór Tristão da Cunha foi ter a Braboa, e o que nella passou.* 36

CAP. XIV. *De como o Capitão mór Tristão da Cunha foi cometer a Cidade de Braboa, e depois de destruida, se partio pera Çocotorá.* 40

CAP. XV. *De como o Capitão mór Tristão da Cunha se partio de Braboa, e fez seu caminho direito á Ilha de Çocotorá, e o que nella passou.* 43

CAP. XVI. *De como o Capitão mór Tristão da Cunha*

- entrou a fortaleza: e do que passou, chegando a ella. 48
- CAP. XVII. Do recado, que o Capitão mór Tristão da Cunha mandou á gente da terra, e o que passou com elles, e como acabou a fortaleza de Çocotará, e se partio pera a India, e como ficou o grande Afonso Dalboquerque por Capitão mór da Armada. 52
- CAP. XVIII. De como o grande Afonso Dalboquerque, partido Tristão da Cunha, fez prestes sua armada, e se partio com determinação de ir esperar as náos dos mouros, que vinham da India pera o estreito, e o que nisso passou. 55
- CAP. XIX. De como o grande Afonso Dalboquerque, pela muita necessidade que tinha de mantimentos, se foi na volta do estreito de Ormuz, e chegou a Mascate. 59
- CAP. XX. Do que o grande Afonso Dalboquerque passou com os Governadores da Cidade de Calayate, chegando a ella. 61
- CAP. XXI. De como o grande Afonso Dalboquerque se partio da Cidade de Calayate, e foi ter a Curiate, e o tomou por força de armas. 65
- CAP. XXII. De como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Curiate, e foi ter a Mascate, e o que nelle passou. 70
- CAP. XXIII. De como o grande Afonso Dalboquerque por conselho dos capitães cometeo o lugar de Mascate, e o destruiu, e o que nisso passou. 75
- CAP. XXIV. De como o grande Afonso Dalboquerque mandou pôr fogo á Cidade de Mascate, e do milagre que aconteceu no derribar da misquita, e como se recolheo ás náos, e se partio. 80
- CAP. XXV. Do que o grande Afonso Dalboquerque pas-

XXIV *Comentarios de Afonso Dalboquerque.*

*sou com João da Nora, e se partio de Mascate pera a Villa de Soar, e o que passou com os Regedores da terra.* 83

CAP. XXVI. *De como o grande Afonso Dalboquerque mandou huma bandeira aos Regedores de Soar pera se pôr em huma torre da fortaleza em final de paz: e o recebimento que lhe fizeram, e o mais que passou.* 87

CAP. XXVII. *De como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Soar, e se foi ao longo da costa direito a Orfação, e de como o tomou.* 92

CAP. XXVIII. *De como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Orfação pera Ormuz: e o que passou com os Capitães, chegando á vista da Cidade.* 99

CAP. XXIX. *Da Armada, que o Rey de Ormuz tinha no porto, e como estava concertada, e dos recados, que houve antre elle, e o grande Afonso Dalboquerque.* 103

CAP. XXX. *De como o grande Afonso Dalboquerque, vendo que tardava a reposta, foi cometer a Armada, que estava no porto de Ormuz, e a desbaratou.* 109

CAP. XXXI. *De como os Capitães, depois da não Meri rendida; foram seguindo a vitoria: e o estrago que fizeram na Armada: e como o grande Afonso Dalboquerque foi cometer o cerame, onde o feriram.* 112

CAP. XXXII. *De como o grande Afonso Dalboquerque desbaratou a Armada, e foi ao longo da Cidade, queimando, e destruindo todo o arrabalde: e de como o Rey lhe mandou dous Mouros em huma almadia, pedindo-lhe paz.* 116

CAP. XXXIII. *Da reposta que o grande Afonso Dalbo-*

*querque deo aos Mouros: e de como mandou Pero Vaç Dorta Feitor, e João Estão, e Gaspar Rodrigues, lingua, a terra: e do que passáram com o Rey, e seus Governadores.* 122

CAP. XXXIV. *Como o grande Afonso Dalboquerque assentou com o Rey as pareas, que havia de pagar: e como lhe pediu lugar na Cidade pera fazer fortaleza.* 126

CAP. XXXV. *Como o Rey de Ormuz mandou pedir ao grande Afonso Dalboquerque huma bandeira pera pôr nos seus Paços em final de paz, e o que se nisso fez.* 130

CAP. XXXVI. *De como o grande Afonso Dalboquerque se rio com o Rey no Cerame, e o que nestas vistas passáram, e o que aconteceu aos Marinheiros no mar com os Mouros mortos, que andaram sobre a agua.* 132

CAP. XXXVII. *De como o grande Afonso Dalboquerque mandou pedir ao Rey lugar em Ormuz pera fazer huma fortaleza, e do que nisso passou, e como se começou onde agora está.* 136

CAP. XXXVIII. *De como o grande Afonso Dalboquerque fez prestes sua Armada pera ir dar huma vista ao estreito do mar Roxo: e a resposta que deo a Rexnordim sobre as pareas, que o Embaixador do Xequé Ismael vinha pedir.* 141

CAP. XXXIX. *De como o Rey de Ormuz mandou dizer ao grande Afonso Dalboquerque, que desejava de ver atirar os espingardeiros Portugueses, e lhos mandou: e como escreveu ao Visorey da India o estado em que tinha as cousas de Ormuz, e o que passou com os Capitães.* 144

CAP. XL. *Da fala, que o grande Afonso Dalboquerque*

*fez aos Capitães sobre as amotinações, em que andaram: e dos requerimentos, que lhe fizeram: e de algumas palarras, que com elles passou sobre isso.* 147

CAP. XLI. *De como os Capitães tornáram a fazer outro requerimento ao grande Afonso Dalboquerque, em que se affináram todos: è o que elle niço fez, e o mais que com elle passou.* 150

CAP. XLII. *Do que o grande Afonso Dalboquerque passou com os Mestres, e Pilotos, e toda a outra gente do mar, que os Capitães tinham amotinado contra elle.* 152

CAP. XLIII. *Do que o grande Afonso Dalboquerque passou com Francisco de Tavora vindo da pedreira: e da prática, que tere com os Capitães depois de estar em terra.* 155

CAP. XLIV. *De como fugiram quatro Christãos da nossa Armada, e contáram a Cogear as differenças, que havia antre o grande Afonso Dalboquerque, e os Capitães: e do recado que lhe mandou, e o mais que passou.* 158

CAP. XLV. *De como o grande Afonso Dalboquerque, vendo que Cogear lhe não entregava os homens, mandou recolher os officiaes da obra, e a gente, que andava em terra, e o mais que passou com os Capitães.* 162

CAP. XLVI. *Como Cogear mandou pedir ao grande Afonso Dalboquerque seguro pera os Christãos: E os Capitães lhe mandáram requerer que não fizesse guerra á Cidade, e o que sobre isso passou com elles.* 165

CAP. XLVII. *De como o grande Afonso Dalboquerque determinou de fazer guerra a Ormuz: e como a*

- gente do Rey, que estava em guarda dos poços de Turumbaque, foi desbaratada pelos nossos. 171
- CAP. XLVIII. De como Cogeatar tornou a mandar desentupir os poços de Turumbaque, e a gente, que tinha em guarda delles, foi desbaratada pelos nossos, e o mais que passou. 175
- CAP. XLIX. Do recado, que o Rey mandou ao grande Afonso Dalboquerque, pedindo-lhe pazes, e a resposta que lhe deo, e o que passou na Ilha de Queixome indo tomar agua. 179
- CAP. L. Do que o grande Afonso Dalboquerque passou com João da Nova por não querer ir a Nabandé, onde o mandava. 183
- CAP. LI. Como o grande Afonso Dalboquerque tornou á Ilha de Queixome com determinação de tomar agua: e do desbarato, que fez na gente, que o Rey ali tinha pera guarda della. 187
- CAP. LII. Como o grande Afonso Dalboquerque mandou a Afonso Lopez da Costa, e Manuel Telez que se fossem ajuntar com Antonio do Campo, e comessem a Armada dos Mouros, e elles a deixaram, e se foram caminho da India. 191
- CAP. LIII. De como o grande Afonso Dalboquerque se partio pera Çocotorá, e chegado á Ilha, mandou Francisco de Tavora a Melinde buscar mantimentos, e o mais que passou. 195
- CAP. LIV. De como, chegado Francisco de Tavora ao Cabo de Guardafum, o grande Afonso Dalboquerque despachou logo Fernão Gomes, e o Mouro, que Tristão da Cunha deixára em Melinde pera ir ao Preste, e se partio pera Çocotorá, e o mais que passou. 200
- CAP. LV. De como chegaram á India Manuel Telez, e

XXVIII *Comentarios de Afonso Dalboquerque.*

*Afonso Lopez da Costa, e Antonio do Campo, e deram capitulos ao Visfory do grande Afonso Dalboquerque: e da devassa, que sobre isso mandou.* 204

CAP. LVI. *Como o Visfory D. Francisco Dalmeida, ouvidos os Capitães, mandou tirar devassa do grande Afonso Dalboquerque, e do que passou com elles sobre a nova, que lhe veio de Portugal.* 208

CAP. LVII. *Como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Çocotorá pera Ormuz, e foi ter a Calayate, e o que passou com o Capitão da Cidade.* 212

CAP. LVIII. *De como o grande Afonso Dalboquerque foi cometer a Cidade de Calayate, e a destruiu, e o mais que passou.* 216

CAP. LIX. *Das novas, que o Mouro, que trouxe o presente, contou ao grande Afonso Dalboquerque, da India: e de como se partio de Calayate pera a Cidade de Ormuz, e do que passou com Cogear.* 221

CAP. LX. *Como veio hum Mouro de terra em huma almadia a bordo da não de Martim Coelho com duas cartas pera o grande Afonso Dalboquerque, sem dizer quem as mandava, e o mais que passou.* 225

CAP. LXI. *Como o grande Afonso Dalboquerque deo conta aos Capitães, e principaes homens da Armada de tudo o que passára com Cogear, e do recado que lhe mandou, e o que respondeo.* 236

CAP. LXII. *Do conselho, que o grande Afonso Dalboquerque teve com os Capitães sobre a reposta de Cogear, e o que se nisso assentou, e do recado, que mandou aos Rustazes por huns criados seus, e o que mais passou.* 240

CAP. LXIII. *Como o grande Afonso Dalboquerque arisou*

- Diogo de Melo do que tinha sabido da Armada de Julfar, e foi a Nabande, e pelejou com os Capitães do Xequé Ismael, e os desbaratou.* 244
- CAP. LXIV. *Como Diogo de Melo, que estava na Ilha de Lara, se perdeu, e o grande Afonso Dalboquerque se partio pera a India, e o que passou até chegar á Ilha.* 249

---

PARTE SEGUNDA.

- CAPITULO PRIMEIRO. *De como chegou a Cananor na entrada de Dezembro do anno de quinhentos e oito: e requereo ao Visorey que lhe entregasse a governança da India, como ElRey D. Manuel mandava em suas Provisões, e do que sobre isso passou.* 254
- CAP. II. *Como Gaspar Pereira levou os apontamentos, que lhe o Visorey mandou, ao grande Afonso Dalboquerque, e da resposta que lhe deo.* 260
- CAP. III. *De algumas cousas, que o grande Afonso Dalboquerque passou em Cochim com Jorge Barreto: e da Carta, que lhe escreveu Lourenço de Brito, Capitão de Cananor, e da resposta que lhe mandou.* 265
- CAP. IV. *Como o Visorey D. Francisco Dalmeida, depois de desbaratar os Rumes, se partio de Diu, e veio ter a Cananor com Lourenço de Brito, e dahi pera Cochim: e do que passou com o grande Afonso Dalboquerque em chegando.* 270
- CAP. V. *O que o Visorey passou com Gaspar Pereira, e Ruy de Araujo, e os mais Officiaes da Feitoria,*

*sobre esta prática que tere com o grande Afonso Dalboquerque.* 273

CAP. VI. *O que passou o Visorey com Gaspar Pereira, e o recado, que por elle mandou ao grande Afonso Dalboquerque: e como deo conta aos Officiaes da Feitoria de Cochim, e a Jorge de Melo, e a outros Capitães do que passava ácerca da pimenta, e o que Anchecala com elles passou na Feitoria.* 276

CAP. VII. *Como Francisco de Tavora, por algumas palavras, que ouve com Jorge de Melo Pereira sobre o grande Afonso Dalboquerque, o mandou desafiar, e do mais que niisso passou: e da chegada de Diogo Lopez de Sequeira á India.* 282

CAP. VIII. *Do requerimento, que Jorge Barreto, e João da Nova, com parecer de alguns Capitães, fizeram ao Visorey D. Francisco Dalmeida, que não entregasse a India a Afonso Dalboquerque: e do conselho que sobre isso todos tiveram.* 286

CAP. IX. *Das cousas, que passáram depois deste conselho: e como o Visorey mandou prender João de Christus, Frade da Ordem de Sancto Eloy, e o que se niisso passou.* 290

CAP. X. *Como sabendo o grande Afonso Dalboquerque a prisão de João de Christus, foi falar ao Visorey sobrelle: e como o mandou prender, e levar a Cananor, e derribar as casas, em que vivia.* 294

CAP. XI. *Como chegou a Cananor D. Fernando Coutinho, Marichal de Portugal, e dali levou consigo o grande Afonso Dalboquerque pera governar a India.* 297

CAP. XII. *Como o Marichal disse ao grande Afonso*

- Dalboquerque, que ElRey Dom Manuel mandava, que se destruisse a Cidade de Calicut, e do que niſſo paſſáram.* 302
- CAP. XIII. *Como o grande Afonso Dalboquerque, e o Marichal deram conta ao Rey de Cochim da ſua ida ſobre Calicut: e do conſelho, que tiveram com os Capitães ſobre iſſo.* 304
- CAP. XIV. *Como eſtando o grande Afonso Dalboquerque preſtes pera ſe partir, chegou Vasco da Silveira de Çocotorá com recado de Duarte de Lemos a pedir-lhe navios, e gente, e do que niſſo paſſou.* 309
- CAP. XV. *Como o grande Afonso Dalboquerque, e o Marichal partiram pera Calicut com ſua Armada: e do conſelho, que tiveram ſobre o deſembarcar, e do mais que paſſou.* 312
- CAP. XVI. *Como o grande Afonso Dalboquerque, e o Marichal entráram a Cidade de Calicut, e foram ás caſas do Çamorim, e os noſſos deſbaratados, e o Marichal morto, e o mais que paſſou.* 315
- CAP. XVII. *Do que o Çamorim fez quando ſoube, que os Portugueſes tinham entrado a Cidade de Calicut: e como o grande Afonso Dalboquerque mandou Frei Luis a Narſinga dar conta ao Rey do que paſſára em Calicut, e do mais que ſe paſſou.* 319
- CAP. XVIII. *Como o grande Afonso Dalboquerque fez preſtes ſua Armada com determinação de entrar o eſtreito do mar Roxo: e do conſelho, que teve pera ir ſobre Goa.* 326
- CAP. XIX. *Como o grande Afonso Dalboquerque ſe fez á véla do porto de Mergeu, e foi ſurgir avante do Caſtelo de Cintácora: e o que paſſou com Timoja, e como dali foi ſurgir na barra de Goa.* 331
- CAP. XX. *Como o grande Afonso Dalboquerque man-*

*dou D. Antonio de Noronha, e outros Capitães fonder o rio: e como tomáram o Castelo de Pangij, que está á entrada da barra, e do mais que passou.* 334

CAP. XXI. *Como os Governadores da Cidade de Goa entregáram as chaves della ao grande Afonso Dalboquerque: e do despojo que se nella achou, e o mais que passou.* 343

CAP. XXII. *Como o grande Afonso Dalboquerque começou a fazer a fortaleza de Goa: e o que passou com os Capitães e com Timoja.* 347

CAP. XXIII. *Como os Embaixadores do Xequé Ismael, e do Rey de Ormuz, que estavam em Goa, mandáram dizer ao grande Afonso Dalboquerque, que lhe queriam falar: e o que passou com elles, e como mandou Ruy Gomes ao Xequé Ismael.*

CAP. XXIV. *Como o grande Afonso Dalboquerque mandou Francisco Pantoja prover a fortaleza de Cocotorá de mantimentos, e o que nisso passou com Duarte de Lemos sobre huma não, que tomou no caminho.* 364

CAP. XXV. *Do assento, que o grande Afonso Dalboquerque fez com Timoja, e com os principaes da terra, sobre os direitos, que haviam de pagar cada anno, e como a seu requerimento mandou fazer moeda.* 367

CAP. XXVI. *De como o grande Afonso Dalboquerque se fez prestes pera invernar em Goa, e mandou Diogo Fernandes de Béja á fortaleza de Cintácora.* 372

CAP. XXVII. *Como Mandaloy, senhor de Condal, escreveu ao grande Afonso Dalboquerque a nova que tinha da vinda do Hidalcão, e o que elle sobre este recado fez.* 375

- CAP. XXVIII. *Como o grande Afonso Dalboquerque com esta nova proveo logo os passos da Ilha de gente, e Capitães, e mandou fazer justiça do Xabandar, pela má informação que teve d'elle, e do mais que fez.* 378
- CAP. XXIX. *Como o Hidalcão mandou João Machado, e hum Venezeano, que lá andavam tornados Mouros, com recado ao grande Afonso Dalboquerque, pedindo-lhe que deixasse Goa, e a resposta que lhe deo.* 381
- CAP. XXX. *Como o grande Afonso Dalboquerque deo conta do recado, que lhe João Machado trouxera do Hidalcão, e do mais que sobre isso passára.* 385
- CAP. XXXI. *Do recado, que Garcia de Sousa mandou de Benastarim ao grande Afonso Dalboquerque: e como foi visitar os passos da Ilha, e do mais que passou.* 388
- CAP. XXXII. *Como o Hidalcão entrou a Ilha de Goa polo passo de Agacij, e foi cometer a Cidade, e o grande Afonso Dalboquerque se recolheo ao Castelo com toda a gente, e do mais que passou.* 391
- CAP. XXXIII. *Como o grande Afonso Dalboquerque determinou de se fazer forte na fortaleza, e fostela: e do que passou com os Capitães sobre isso: e do recado, que lhe o Hidalcão mandou por João Machado, e o que nisso passou.* 395
- CAP. XXXIV. *Como o grande Afonso Dalboquerque deixou a fortaleza, e se foi embarcar: e como o Hidalcão entrou nella, e o que fez.* 399
- CAP. XXXV. *Do conselho, que o grande Afonso Dalboquerque teve sobre se sahiria pela barra fóra, e o que nisso passou: e como mandou Fernão Perez Dandrade, que se perdeo.* 403

XXXIV *Comentarios de Afonso Dalboquerque.*

CAP. XXXVI. *Como o Capitão, que estava em Pangij, começou a tratar mal as nossas náos com artilharia: e do que o grande Afonso Dalboquerque passou com os nossos sobre isso: e como não quiz tomar o presente, que lhe o Hidalcão mandava.* 405

CAP. XXXVII. *O conselho, que o grande Afonso Dalboquerque teve pera cometer a fortaleza de Pangij: e como a entrou, e do estrago que fez nos Mouros.* 408

CAP. XXXVIII. *Como o grande Afonso Dalboquerque mandou Diogo Fernandez de Béja, e os outros Capitães nas galés dar huma vista á Cidade pera saberem certeza da Armada, que se fazia: e como D. Antonio polos socorrer foi morto.* 412

CAP. XXXIX. *O recado, que o Hidalcão mandou ao grande Afonso Dalboquerque, pedindo-lhe que quizesse fazer pazes com elle, e do mais que passou.* 415

CAP. XL. *De como o Hidalcão tornou a mandar outra vez hum seu Capitão principal falar com o grande Afonso Dalboquerque nas pazes: e da resposta que lhe deo, e do que passou com elle sobre Timoja.* 417

CAP. XLI. *Do que o grande Afonso Dalboquerque, estando no rio de Goa passou com certos Capitães sobre mandar enforcar Ruy Dias: e de como determinou de mandar D. João de Lima com os doentes a Cochim.* 420

CAP. XLII. *De como o grande Afonso Dalboquerque se fez á véla com determinação de sahir com toda a Armada de fóra: e a causa, por que não sahio, e o mais que passou.* 424

CAP. XLIII. *De como o grande Afonso Dalboquerque*

- fahio do rio de Goa com toda a Armada: e de como no caminho topou com Diogo Mendez, que vinha de Portugal, e o que passou com elle.* 427
- CAP. XLIV. *De como Afonso Dalboquerque chegou a Cananor, e se vio com o Rey: e da chegada de Duarte de Lemos, e Francisco Pantoja: e do que Afonso Dalboquerque passou com elle.* 431
- CAP. XLV. *Como chegou a Cananor hum Embaixador do Rey de Cambaya falar ao grande Afonso Dalboquerque em pazes: e a resposta que lhe deo, e o que passou com Duarte de Lemos sobre isso.* 436
- CAP. XLVI. *De como o grande Afonso Dalboquerque mandou Simão Martinz, e Garcia de Sousa esperar as náos, que vinham de Méca. pera saber nova certa da vinda dos Rumes: e do requerimento, que lhe Diogo Mendez fez sobre o deixar fazer sua viagem a Malaca.* 443
- CAP. XLVII. *De como o grande Afonso Dalboquerque praticou com os Capitães, se deixaria ir Diogo Mendez a Malaca: e do que se nisso assentou, e do que passou com Diogo Mendez.* 446
- CAP. XLVIII. *De como Lourenço Moreno, e outras duas náos da companhia de Gonçalo de Siqueira chegaram a Cananor: e como o grande Afonso Dalboquerque o mandou assentar as pazes com os Regedores de Baticalá, e da carta, que por elle escreveu a Timoja.* 449
- CAP. XLIX. *De como Simão Martinz tomou huma náo, que vinha de Méca muito rica, e veio com ella a Cananor: e das novas, que dous Judeos, que se nella tomáram, contáram ao grande Afonso Dalboquerque.* 453
- CAP. L. *Como chegou Gonçalo de Sequeira a Cana-*

*nor: e do conselho, que o grande Afonso Dalboquerque teve com os Capitães sobre o tornar a Goa: e da nova, que lhe deram da morte do Rey de Cochim, e do que niſſo fez.* 457

CAP. LI. *De como o grande Afonso Dalboquerque se partio pera Cochim, e assentou as differenças, que havia antre o Rey, e seu primo: e o que passou com os Capitães, estando em Cochim.* 461

## PARTE I.

Em que se contém como o grande Afonso Dalboquerque foi a primeira, e segunda vez á India: e o que passou na conquista do Reyno de Ormuz até chegar a Cananor.

### CAPITULO I.

De como foi a primeira vez á India por Capitão mór de tres náos, e chegou a Cochim, e o mais que passou.



ESTANDO as cousas da India em estado, que se não podiam bem segurar, nem tomar assento com as grandes armadas, que cada anno ElRey D. Manoel lá mandava, pela continua guerra, que o Çamorim fazia aos Portugueses, que ficavam em Cochim, e ao Rey, que era nosso amigo, persuadido dos mercadores mouros do Cairo, que viviam em Calicut, com peitas, que a elle, e a seus governadores davam, receosos de perderem seus tratos, e navegações, se os nossos fizessem assento na terra. Neste tempo, e pera remedio destes trabalhos, determinou ElRey D. Manoel de mandar á India o grande Afonso Dalboquerque a fazer huma fortaleza em Co-

chim, e a Francisco Dalboquerque, filho de João Dalboquerque, seu tio, pera recolhimento da gente, e mercadorias que mandasse. E pera se isto effectuar, mandou fazer prestes seis náos, com gente, artelharia, e munições de guerra; porque estas com as mais, que o Almirante lá avia de deixar, como levava em seu regimento, abastavam. Confiado tambem na paz, e amizade, que Pedralvarez Cabral, ao tempo de sua partida pera estes Reynos, deixava assentada com os Reis de Cananor, e Cochim, e nos offrecimentos, e recados, que per seus Embaixadores, que em sua companhia vieram, lhe mandavam. E deu a capitania mór das tres dellas a Afonso Dalboquerque: e das outras tres a Francisco Dalboquerque. E como foram prestes de tudo o que cumpria pera a viagem, partiram-se do porto de Belém na entrada d'Abril de mil e quinhentos e tres. E posto que Afonso Dalboquerque pola muita diligencia, que pos em se despachar, partisse primeiro, teve tão roins tempos, e passou tantas tormentas, e pairos na viagem, que quando chegou a Cochim avia dias, que Francisco Dalboquerque com as náos de sua companhia, e outras tres, que achou no caminho, era chegado. E porque depois da partida do Almirante pera estes Reynos, o Çamorim tornou a fazer a guerra ao Rey de Cochim: e tinha-se apoderado da ilha, em que os Portuguezes tinham passado muitos trabalhos, e mortes pola defender: foi grande o alvoroço, e prazer em todos com a chegada de Francisco Dalboquerque. E o Rey o veio logo ver; e depois de lhe perguntar por El Rey de Portugal seu irmão, e pola viagem que fizera, lhe deu conta de seus trabalhos, e da crua guerra, que o Çamorim lhe fizera depois da partida do Almirante, e como se tinha apoderado da Ilha. Francisco Dalboquerque lhe deu seus recados da



Retrato de Afonso de Albuquerque  
segundo a edição dos *Comentarios*, de 1576.



parte delRey de Portugal, e disse-lhe que se não agastasse, que elle esperava em Deos de cedo lhe dar vingança de seus imigos, porque ElRey seu Senhor mandava a elle, e a Afonso Dalboquerque, que ficava atrás, com armada, e gente pera o fervirem em tudo o que lhe mandasse. Passadas estas praticas, foi-se o Rey pera sua casa, e Francisco Dalboquerque ficou praticando sobre este negocio com Diogo Fernandez Correa, que o Almirante deixára por feitor, e com Lourenço Moreno, e Alvaro Vaz, que eram escrivães, e com outras pessoas principaes, que ali estavam, e elles lhe deram conta de tudo o que era passado; e que cumpria muito pera o credito dos Portugueses, e pera se fazer a carga das náos com menos trabalho, despejar-se a Ilha de Cochim dalguns Caimais, (que são senhores principaes do Reyno,) que o Çamorim nella tinha com gente pera a defender. Assentado isto, Francisco Dalboquerque se fez prestes com toda a sua gente, e a que estava em Cochim, e alguns Naires do Rey, e ao outro dia antemenaã foi-se nos bateis, paraos, e caravelas cometer os Caimais, que estavam descuidados do que lhe aconteceu: e deu tão de supito nelles, que os desbaratou. E postos em fogida, os foi seguindo até os lançar fóra da Ilha, matando muitos Naires, e dous Caimais. Despejada a Ilha, veo-se recolhendo aos bateis, e embarcou-se, sem aver quem lhe resistisse. E chegado a Cochim, foi recebido do Rey, e dos seus com muita honra, louvando-o muito do que tinha feito. E ali achou Afonso Dalboquerque, que era chegado daquelle dia pela menhaã, com as náos de sua companhia, e toda a gente a salvamento: ao qual o Rey de Cochim já tinha dado conta de suas fortunas. E como elle trazia sempre suas espias pera saber o que seus imigos faziam, soube logo que os Naires, que fugi-

ram do desbarato de Francisco Dalboquerque, estavam recolhidos na ilha de Repelim, e se faziam fortes com o senhor della. E porque o Rey de Cóchim se sentia muito deste senhor de Repelim, por ser sempre contra elle, e não podia estar bem seguro se naquella Ilha fizesse assento, deu conta disto a Afonso Dalboquerque, e Francisco Dalboquerque, pedindo-lhe muito que o quisessem lançar dali fóra. Elles, como não pretendiam outra cousa senão contentar o Rey, polo terem mais propicio pera o negocio da fortaleza, em que lhe aviam de falar, fizeram-se prestes com quinhentos Portugueses, e ao outro dia antemenaã foram nos bateis polo rio arriba cometer a Ilha. E posto que logo na entrada achassem alguma resistencia, por terem dous mil Naires, que o Çamorim tinha mandado de refresco, e muitos paraos com artelharia: os nossos os cometêram com tanto esforço, que os desbaratáram, e poseram em fugida, matando a maior parte dos Naires, e poseram fogo ao lugar. E com esta vitoria se tornáram pera Cochim, onde foram do Rey mui bem recebidos, dando-lhes grandes agradecimentos do serviço que lhe nisso fizeram. Em esta companhia foram tambem Duarte Pacheco, e Pero Dataide.

## CAPITULO II.

De como o grande Afonso Dalboquerque, e Francisco Dalboquerque, depois deste desbarato, faláram ao Rey sobre o fazer da fortaleza, e o que com elle passáram.

**P**ASSADAS estas vitorias, e outras, 'que os nossos tiveram contra a gente do Çamorim, e restituído o

Rey de Cochim de tudo o que lhe tinham tomado, determináram o grande Afonso Dalboquerque, e Francisco Dalboquerque, primeiro que entendessem na carga das náos, falar ao Rey sobre a fortaleza, que levavam em seu regimento, que se fizesse em Cochim. E ambos lhe differam, que a causa principal, por onde os Portuguezes, que ali ficavam pera o servir, tinham passado tantos trabalhos, guerras, e mortes, era por não terem huma casa forte, onde podessem estar seguros das aveações, que os mouros da terra cada dia lhe faziam, a que elle não podia acodir: e tambem pera se poderem defender do poder do Çamorim, e que polo socedido até então podia sua Real Senhoria ver claramente que tinham disso muita necessidade. E confiado ElRey D. Manoel seu Senhor na sua amizade, e tambem polo que cumpria a seu serviço, lhe mandava pedir lhe quizesse dar hum lugar pegado com o rio, em que fizessem huma casa forte pera segurança dos Portuguezes, que ali ficassem, e pera se recolherem as mercadorias, que de Portugal viessem, porque allí teria seu estado mais seguro. O Rey visto este requerimento, posto que por parte dos Governadores, e senhores da terra, a que deu conta, ouvesse alguns impedimentos pera o não conceder, induzidos pelos mercadores mouros da terra com peitas, que lhes davam, porque não queriam que fizessemos assento nella, com tudo por segurar seu estado, e conservar a amizade delRey de Portugal, e tambem polo grande proveito, que deste comercio lhe vinha, deixados todos os inconvenientes, foi contente de dar lugar pera se fazer a fortaleza, onde agora está: e esta foi a primeira, que se fez na India. E por se a obra acabar brevemente, repartiram ambos entre si o trabalho della, pola brevidade do tempo, e cada hum começou a fazer

a parte que lhe coube. E por não terem achegas pera a fazerem de pedra, e cal, pediram ao Rey que lhe mandasse dar madeira, a qual mandou logo trazer em muita abastança. E começou-se a fazer com humas estacadas grandes entulhadas de terra. E porque Afonso Dalboquerque avia de ir tomar carga de especiaria a Coullão, conforme ao regimento que tinha delRey D. Manoel, que o primeiro que chegasse á India, fizesse sua carga em Cochim, por acodir a Coullão, onde já tinha mandado duas náos de sua companhia, trabalhava de dia, e de noite com toda sua gente de maneira, que em breve tempo acabou sua parte da fortaleza. E recreceio-se daqui terem ambos algumas differenças sobre competencias da obra. Afonso Dalboquerque por escusar de ter paixões com seu primo, começou-se arredar de sua conversação, e mandou-lhe dizer por algumas vezes, que pois a fortaleza estava já acabada da sua parte, que lhe pedia por mercê que ordenassem huma pessoa, que ficasse nella por Capitão até ElRey prover. Francisco Dalboquerque, como era de sua vontade, não quis. Afonso Dalboquerque vendo estas competencias, que com elle queria ter, não lhe lembrando que a ambos ElRey D. Manoel mandára que fizessem esta fortaleza, mandou chamar o Padre Fr. Rodrigo da ordem de S. Domingos, e disse-lhe, que elle per muitas vezes mandára pedir a Francisco Dalboquerque que praticassem ambos como seria bom deixarem aquella fortaleza, e que nunca se quísera chegar a isso, mas antes soltára algumas palavras pouco necessarias pera o tempo, em que estavam, e que elle queria ir carregar suas náos a Coullão, porque tinha lá mandado duas da sua capitania, a que era necessario acodir, porque avia nova que eram passadas muitas náos de Calecut pera Choromandel; que elle

pola parte do trabalho, que tinha levado naquella fortaleza, desejava de mandar dizer huma Missa, e ir-se carregar suas náos: e Francisco Dalboquerque fizesse o que quisesse, que lhe pedia muito que fosse elle o que a celebrasse. Fr. Rodrigo se espantou muito entre huns homens tão honrados, e tão parentes aver differenças: e mais em terra, onde as cousas de Portugal não estavam ainda muito bem assentadas. E foi-se com Afonso Dalboquerque á fortaleza, e disse a missa, e acabada, andáram em procissão por dentro della: e pos-lhe nome o *Convento de Christus*, por ser empresa em terra anexa ao mestrado destes Reynos, e a primeira fortaleza, que se naquellas partes fez. Francisco Dalboquerque por se não concertar com elle, pola parte que teve no trabalho, pos-lhe nome *Alboquerque*, e o capitão, e officiaes que quis, de que Afonso Dalboquerque ficou muito descontente: e soffreo-lhe tudo por os Mouros não virem a entender que avia differenças entre elles. E despedido do Rey, fez-se prestes pera partir a tomar sua carga.

## CAPITULO III.

De como o grande Afonso Dalboquerque chegou a Coulão, e o que passou com os Governadores da terra.

**E**STANDO o grande Afonso Dalboquerque prestes pera se partir, chegou hum parão de Coulão, em que vinha hum criado de Antonio de Sá, feitor, com huma carta parelle, em que dizia que fosse a bom recado, porque avia nova certa que eram partidas trinta náos de Calicut pera Choromandel. E como Afonso Dalboquerque tinha mandado duas náos diante pera lhe terem

carga prestes, como tenho dito, não ficou nada contente com esta nova, e apressou mais sua partida, e em breve tempo chegou a Couilão, onde foi muito bem recebido dos governadores da terra, e do Nambeadarim, que he o principal Governador. E por o Rey fer ido por o fertão dentro a huma guerra, que tinha com o Rey de Narfinga, fizeram-lho logo a saber por homens, que tinham em paradas, e a poucos dias foi avifado de sua chegada. O Rey polos desejos que tinha de nossa amizade escreveo ao Nambeadarim, e Regedores da Cidade grandes agradecimentos da honra, e gafalhado que tinham feito a Afonso Dalboquerque, e mandou que tudo o que pedisse, e requereisse lhe fizessem, e trabalhassem muito com elle que assentasse ali trato. E posto que aos Governadores por induzimento, e peitas do Çamorim pesasse muito deste assento que o Rey queria que os nossos fizessem na terra, era elle tão temido, que sem mostrar que lhe pesava, fizeram tudo com mais verdade do que Afonso Dalboquerque delles esperava: o qual assentou logo huma casa de feitoria com muitas mercadorias, e todas as outras couças, que convinham pera bom despacho das náos, quando ali viessem buscar carga. Feitas as pazes, e juradas por o Rey, e seus governadores, começou Afonso Dalboquerque carregar suas náos de pimenta polo preço, e peso, que o Almirante tinha assentado em Cochim. Como o Çamorim soube desta nova amizade, e trato, que o Rey de Couilão queria ter com os Portuguezes, por estorvar que este negocio não viesse a effeito, mandou-lhe seus Embaixadores, dizendo, que olhasse o que fazia, que os Portuguezes eram muito má gente, e se os consentisse em sua terra, que se aviam de levantar contra elle. E que esta era a causa principal, que o movêra infistir tanto em os lançar

fóra da India. E por aqui lhe foi representando outras muitas coufas todas a feu propozito: e mandou grandes presentes aos governadores da terra, pedindo-lhe que fizessem com o Rey que não désse carrega aos Portuguezes, nem os recolhesse em feu porto. E todas estas intelligencias, que o Çamorim teve pera se valer contra os nossos, já que por armas o não podia fazer, por ser terra muito remota da sua, lhe não valêram: porque o Rey de Coulão era homem de tanta verdade, que por cima de todas estas coufas, que o Çamorim lhe escreveu, compriu sua palavra, e assentou sua amizade com Afonso Dalboquerque. E respondeo ao Çamorim, que elle não tinha recebido nenhum escandalo, nem agravo dos Portuguezes, mas antes via nelles serem homens de verdade: e que sem ter culpas suas não tornaria atrás do que tinha assentado. O Çamorim não ficou contente com esta reposta, e sentio muito não poder destruir o Rey de Coulão, nem tolher aos Portuguezes, que não levasssem a pimenta que jaz de Cochim até Coulão, porque todos os moradores do sertão eram gentios, que desejavam de ter paz, e amizade com os nossos. E em Calicut tudo eram Mouros estrangeiros, que procuravam de nos lançar fóra da India polo receio que tinham de nos senhorearmos della, e elles ficarem fóra de seus tratos. Afonso Dalboquerque como soube que o Çamorim tinha intelligencia com o Rey de Coulão, pera estorvar que os nossos não tomassem assento na terra, determinou dali por diante de se tratar mais domesticamente com elles, e negociar hum pouco mais largo o trato das mercadorias, posto que nisso passasse algum tanto o regimento, que lhe ElRey tinha dado, que foi causa de aver tanta segurança entre os nossos, e os da terra, que já se aviam todos por naturaes Portuguezes.

E a causa principal desta conformidade foi não aver mouros na terra, que procurassem divisão entre os nossos, e os gentios naturaes della, como o faziam em Calecut.

Coulão, ao tempo que Afonso Dalboquerque chegou a elle, era huma Cidade muito grande, povoada de gentios, sem aver nella nenhum mouro natural, nem estrangeiro, senão o irmão de Cherinamercar de Cochim, que avia pouco tempo que se fora ali viver. Esta cidade era grande escapola de mercadores, e antigamente avia nella muitos mercadores estantes de toda a parte da India, principalmente de Malaca. E por ser porto abrigado de todos os ventos, as náos, que navegam á India, e allí as que passavam pela Ilha de Ceilão, e Chale, faziam ali sua escapola. E naquelle tempo estava a ilha de Ceilão á sua obediencia, e pagava-lhe tributo: e tudo o que ha de Coulão até Chale, que podia ser sessenta legoas, era seu: e averá de Coulão á ilha de Ceilão oitenta legoas. O Rey de Coulão era homem de muita verdade, e muito cavaleiro: e naquella guerra, que teve com o Rey de Narsinga, tendo muita gente de pé, e de cavallo, o cometeo com sessenta mil archeiros, e o desbaratou. E a fóra o Nambeadarim, que era o principal governador da terra, avia na cidade trinta e seis homens principaes, que a governavam: e allí era a melhor regida que avia naquellas partes em aquelle tempo.

## CAPITULO IV.

De como as náos de Calicut vieram á vista de Coulão, e o grande Afonso Dalboquerque se fez prestes pera pelejar com ellas, e o que sobre isto passou com os Governadores da terra.

**N**ESTE tempo, que o grande Afonso Dalboquerque estava tomando sua carga, como fica dito, chegaram as náos de Calicut á vista dos nossos, e eram por todas trinta e nove vélas, as vinte e oito de Calicut, e as outras de Cochim, e Cananor. E como Afonso Dalboquerque desejava de enfadar o Çamorim em tudo o que pudesse, por se vingar d'elle, determinou de os ir cometer, hum pouco contra o parecer de Antonio de Sá, e da gente da armada. E por não dilatar o tempo, alargou as amarras pelos escouves, e fez-se á véla. Os mouros vendo as nossas náos defamarradas, e que os vinham demandar, despidiram hum parao de si, e mandáram-lhe pedir pazes. E neste interim encadeáram-se de cinco em cinco com determinação de pelejar. E porque o vento acalmou, temendo-se Afonso Dalboquerque que as náos de noite com o terreno se fizessem na volta do mar, e se fossem sem se vingar delles, mandou Antão Garcia no seu navio, que era pequeno, e bom de véla, que se fosse tambem na volta do mar. Os Mouros receosos do que podia ser, ouveram outro conselho, e ás toas de noite vieram-se meter dentro no porto de Coulão, porque as nossas náos estavam hum pouco afastadas d'elle, na boca de hum rio. Afonso Dalboquerque como vio as náos que se queriam valer em terra, mandou dizer ao Nambeadarim, e aos governadores da cidade, que

aquellas náos eram do Çamorim, imigo capital delRey de Portugal seu senhor, que lhe pedia por mercê lhas mandasse entregar; porque não o fazendo, elle determinava entrar no porto, e queimalas todas, e ir-se sem tomar ali carga, nem fazer com elles nenhum assento de paz. Os governadores lhe respondêram, que elles tinham escrito ao Rey, dando-lhe rezão daquelle negocio, que a resposta não podia tardar muitos dias: que lhe pediam por mercê, pois as náos estavam recolhidas naquelle porto, donde não podiam sair sem sua licença, que esperasse polo recado do Rey. Afonso Dalboquerque lhes disse, que era contente de fazer o que lhe pediam: com tanto, que mandassem tomar as vélas ás náos por não fugirem de noite. Assentado isto, o Nambeadarim mandou logo lançar mão dos capitães, mestres, e pilotos, e polos a bom recado. E dahi a poucos dias chegou recado do Rey ao Nambeadarim, em que lhe mandava, que se aquellas náos quisessem estar á obediencia dos governadores da cidade, e descarregar ali suas mercadorias, que pedissem a Afonso Dalboquerque da sua parte que lhe não fizesse nenhum mal, que abastava pera seu castigo não poderem sair daquelle porto sem seu mandado. Afonso Dalboquerque respondeo, que sua determinação era queimalas, e trazer todos os Mouros de Calicut á espada, por vingança da traição, que tinham feito aos Portuguezes; mas pois o Rey avia por seu serviço não os castigar, que não faria outra cousa senão o que lhe mandava. Os governadores mandáram logo descarregar as náos dos mantimentos que levavam: e ali estiveram metidos até que se Afonso Dalboquerque partio. E porque teve por enformação, que alguns mouros tinham comprado muita pimenta polo sertão, porque não viesse ao peso de Coulão, em quanto ali esteve,

todas as náos que passavam, ora fossem de amigos, ora de inimigos, ainda que viessem com bandeiras, e seguro do Almirante, fazia-as todas arribar ao porto de Couvão, e ali eram buscadas pelos governadores da terra: e toda a especiaria que levavam, lhe tomavam, e levavam á feitoria, e ali compravam os nossos, e os da terra.

### CAPITULO V.

Do assento, que o grande Afonso Dalboquerque tomou com os governadores da terra sobre as pazes, antes da sua partida: e o mais que passou com os Christãos dali naturaes, e se partio para Cochim.

**P**ASSADAS todas estas cousas, pareceo ao grande Afonso Dalboquerque necessario tornar a retificar as pazes, que com os governadores tinha assentado, e foi-se a terra: e falando com elles perante Antonio de Sá, feitor, e os mais Portuguezes, que com elle ficavam, lhes disse, que no concerto das pazes que tinham feito, estava assentado que a jurdição do civil, e crime estivesse em poder dos Christãos naturaes da terra, como antigamente sempre fora: que por isso elle antes de sua partida queria deixar isto assentado de maneira, que depois d'elle ido não ouvesse nenhuma deferença entre uns, e outros: e tambem para dar razão de si a ElRey seu Senhor de como as cousas naquella Reyno ficavam assentadas; que lhes pedia muito, e rogava que o ouvessem assi por bem; porque a pessoa, a quem entregasse este cargo, avia sempre de fazer o que o Rey de Couvão mandasse. Os Governadores lhe disseram, que lhes parecia bem, e que quando o Rey viesse lhe dariam conta

dillo: e que podia deixar este cargo a quem quisesse, que todos lhe obedeceriam. Afonso Dalboquerque entregou logo a jurdiçam perante elles a Antonio de Sá, feitor, e mandou-lhe que tudo fizesse com conselho, e parecer dos Christãos naturaes da terra, por não fair da ordem, com que se antigamente governavam. E todos foram contentes com a eleição de Antonio de Sá, ao qual deixou muito encomendado o provimento da igreja. E os Christãos da terra aviam de ter cuidado de a governarem, e regerem, a qual igreja se chamava *nossa Senhora da Misericordia*. E diziam os Christãos da terra, que dous Sanctos, que nella estavam enterrados em duas capelas, a fizeram milagrosamente. Tinham tres altares, em que estavam tres Cruzes, no meio hum de ouro, e nos outros dous duas de prata. Os Christãos da terra mandáram hum dellas a ElRey D. Manoel; e querendo mandar a de ouro, Afonso Dalboquerque lhes disse, que não queria levar senão hum de prata, por final que avia naquellas partes Christãos, que adoravam a Cruz, em que nosso Senhor Jesu Christo padecêra, porque este era o ouro, com que ElRey de Portugal avia mais de folgar; e que como elle chegasse a Portugal, ElRey lhe mandaria muitos ornamentos pera a sua Igreja ao modo que se costumava entre os Christãos. Elles folgáram muito com isto, e pedíram a Afonso Dalboquerque que lhes dêsse hum retavolo de Sanctiago, e hum sino, que lhe logo deu. E porque era necessário deixar ali alguma pessoa, que os doutrinasse nos ritos da nossa Sancta Fé, pediu ao P. Fr. Rodrigo da Ordem de S. Domingos, que trazia comfigo, que ficasse ali, e elle o aceitou por servir a Deos: e teve tão bom cuidado effes dias que ali esteve, que com sua doutrina, e bom exemplo tornou muitos

gentios á Fé de Jesu Christo, e bautizou muitos Christãos de trinta, e de quarenta annos de idade, por já não aver memoria de bautifmo antrelles. Assentadas todas estas coufas, os Christãos da terra se vieram a Afonso Dalboquerque, e lhe disseram, que pois os queria conservar em seus costumes antigos, que lhe pediam por mercê que tambem lhe guardasse outro costume: e era, que os Christãos, que tinham cuidado de governar a Igreja, tinham tambem juntamente em seu poder o sello, e peso da Cidade, e que o Rey de Couião lho tinha tirado por culpa, e froxidade de hum Christão natural da terra. E porque estarem estas coufas em poder dos Christãos, como sempre estiveram, faziam muito em sua autoridade, que falasse ao Nambeadarim, e aos governadores, que os tornassem á sua posse, pois a culpa, porque lho tiráram, fora de hum só, e não de todos. Afonso Dalboquerque lhes respondeo, que aquilo que elles requeriam não entrára no concerto das pazes, e que o tempo era breve pera começar requerimentos de novo, porque estava já de verga dalto pera se partir; mas que elle deixaria recado a Antonio de Sá, que ficava por feitor, que como o Rey de Couião viesse da guerra, lhe falasse nisso, e lho pedisse muito da parte delRey de Portugal. Com isto ficáram muito contentes, e despedio-se delles, e dos governadores da terra, e foi-se embarcar. E partio-se a doze de Janeiro do anno de 1504 e fez seu caminho dereito a Cochim, pera se ver com Francisco Dalboquerque, e partirem todos juntos pera Portugal, como tinha por regimento delRey D. Manoel. E porque chegando a Cochim o não achou, nem recado seu do que esperava de fazer, proveo a. fortaleza de polvora, armas, e monições de guerra, aquellas que lhe parecêram necessarias pera cumprir com sua obrigação, e duas

caravelas, e a náo Conceição bem armadas. E porque parte da gente darmas, que Francisco Dalboquerque deixou pera guarda da fortaleza, ficava nella por força, e contra sua vontade, mandou-os recolher, e deixou outra, que a seus rogos ali quizeram ficar. E feito isto, despedio-se de todos, e partio-se.

## CAPITULO VI.

De como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Cochim pera Cananor: e do que passou até chegar a Portugal.

**T**ENDO já o grande Afonso Dalboquerque suas náos prestes, e elle embarcado pera se partir pera Portugal, chegou o Feitor a bordo, e disse-lhe, que Francisco Dalboquerque se partira pera Cananor, sem levar nenhuma droga, ainda que per muitas vezes lhe requêra que a levasse, porque tudo tinha prestes dentro na fortaleza; que lhe pedia muito que quisesse fazer este serviço a ElRey em as levar até Cananor, porque ali avia de achar Francisco Dalboquerque. Afonso Dalboquerque, ainda que tinha as náos muito sobrecarregadas, por servir ElRey tomou todo o cravo, e canela, que lhe o Feitor deu; e partindo-se dali, chegou a Calicut, onde achou Francisco Dalboquerque tratando de pazes: e sem assentar nada, se partiram ambos, e foram ter a Cananor, e ali lhe entregou Afonso Dalboquerque todo o cravo, e canela que levava. E porque Francisco Dalboquerque avia de acabar de carregar suas náos, e dava-se hum pouco de vagar, e ElRey D. Manoel mandava em seu regimento, que ambos viessem juntos, assentáram todos os Officiaes da Feitoria, que Afonso Dalboquerque

esperasse ate vinte de Janeiro, e passado este tempo, se partisse logo. E fendo já vinte cinco dias do dito mes, vendo Afonso Dalboquerque que elle fazia pouca diligencia no carregar das suas náos, affentou de se partir, e não esperar mais. E sobre a navegação que faria ouve muitos conselhos, e pareceres: e por fim de tudo affentaram que fizesse seu caminho direito a Moçambique. Afonso Dalboquerque, porque aquella navegação não era muyto trilhada naquelle tempo, levou hum piloto mouro de Cananor consigo, contra parecer de todos, que diziam que aquelle Mouro avia de dar com elle a través; mas o mouro era tam bom official daquelle officio, e sabia tam bem aquelle caminho, que o levou direito a Moçambique por boa navegação, sem ter nenhum contraste: e ali o deixou, dando-lhe cincoenta cruzados por seu trabalho. E sem fazer nenhuma demora, fez seu caminho direito ao Cabo de boa esperança. E porque Fernão Martinz Dalmada tinha muyta necessidade d'agoa, foram tomar a agoada de sam Bras, e deteveram-se nella dous dias, trabalhando de noite, e de dia. E neste trabalho se perdeu o batel d'Afonso Dalboquerque, porque vinha já muito comesto do bufano. E ali acharam huma carta cerrada, emburulhada em hum pano encerado, posta em hum pao, que dezia, que Antonio de Saldanha, e a Taforea, e a nao de Setuval, chegaram ali no mes de Outubro. Afonso Dalboquerque, tanto que as suas náos tiveram tomado agoa, fez-se á véla, e veio-se na volta do Cabo de boa Esperança, e com bons tempos o dobrou o primeiro dia de Maio. Dobrado o Cabo, por conselho dos Pilotos fizeram seu caminho até se pôrem em altura de dez grãos da banda do norte. E nesta paragem teveram grandes calmarias; onde lhe adoeceo alguma gente: e dali vieram dia de sam Joam

pola menhãa á vista do Cabo Darca, que he entre os baixos de Arguim, e Cenaguá; e porque a nao de Afonso Dalboquerque fazia muyta agoa, determinou, por se achar naquella paragem, jr demandar a ilha do Caboverde, pera ali fornecer suas naos do necessario, por ser mais perto: e ainda que os ventos neste tempo fossem contrairos, nosso Senhor os ajudou de maneira, que vieram ter á ilha. E sendo apegados com a terra, quebrou a verga da náó de Afonso Dalboquerque, e rompeo-se o papafigo todo, porque vinham forçando o tempo pera aferrarem a ilha, e com o traquete foy fongir no porto da praia de sancta Maria, com as outras duas naos de sua conserva, já todos muyto desapparelhados de amarras, e velas, e de todas as outras cousas necessarias pera huma viagem tão comprida. E se nosso Senhor milagrosamente os ali não trouxera, (por não ser esta a verdadeira navegaçam que aviam de fazer,) elles foram consumidos nesse mar, e estiveram ali tres dias. Repairadas as náos de todo o necessario, e tomada agoa, e mantimentos pera sua viagem, partíram pera Portugal, e com bons temporaes, sem tomarem outra terra, chegaram a Lisboa por fim de Julho do dito anno de mil e quinhentos e quatro, onde Afonso Dalboquerque foy muyto bem recebido delRey Dom Manoel, fazendo-lhe muytas honras, e gafalhados, mostrando muito contentamento do bom successo, que naquella viagem teve, e da fortaleza de Cochim ficar feita. Francisco Dalboquerque, que ficava em Cananor carregando suas naos, como tenho dito, partio-se a cinco de Fevereiro, e no caminho se perdeu com as outras duas naos de sua conserva, sem nunca se poder saber onde, nem como se perderam.

## CAPITULO VII.

De como elRey dom Manoel mandou o anno de feis Tristão da Cunha á India, e Afonso Dalboquerque em sua companhia, em huma armada de quatorze vélas, pera ambos fazerem a fortaleza de Çacotorá.

CHEGADO o grande Afonso Dalboquerque a Portugal em Julho de 1504 como tenho dito, pela enforção, que ElRey dom Manoel delle teve do estado, em que as cousas da India ficavam, e que era necessario ordenalas de maneira, que os mouros, depois da partida das náos pera este Reyno, não tornassem a ser senhores da costa do Malabar, e favorecidos do Çamorim dessem sempre muito trabalho aos Portugueses, e aos Reys de Cochim, e Cananor, que eram nossos amigos: Praticou este negocio com os do seu conselho, em que ouve diversos pareceres. E por cima de tudo assentou de mandar hum Governador, que ficasse na India tres annos com gente, e armada necessaria ao remedio dos trabalhos, que os nossos passavam. E pela confiança que tinha em Tristão da Cunha o velho, que nisto o serviria muito bem, determinou de o mandar pera que a governasse. O qual estando com sua armada prestes pera partir o anno de 1505 adoeceo de vagados da cabeça, de que veio a cegar. E vendo ElRey dom Manoel caso tão supito, porque era necessario acodir logo aquelle anno á India pera favorecer os nossos, que lá ficavam, mandou chamar dom Francisco Dalmeida a Santarem pera jr nesta armada, e que depois de ser na India, se chamasse Vifo Rey. E porque a armada estava já prestes de tudo o que lhe era

necessario, partio-se logo. E no anno seguinte de quinhentos e seis mandou Tristão da Cunha, que já era são, e restituído á sua vista, com huma armada de quatorze vélas pera mais favorecer este negocio: Com regimento, que sendo caço que aquelle anno não podesse passar á India, fosse invernar á Ilha de Çacotorá, e nella fizesse huma fortaleza pera segurança dos Christãos, que tinha por enformação que avia nella. Fazendo tambem fundamento, que a armada, que tinha determinado que andasse na costa Darabia, e no Cabo de Comorim, tolhendo a navegação das naos, que vinham da India pera o estreito com espedearias, teria ali lugar seguro pera invernar. E vendo elRey D. Manoel, que Afonso Dalboquerque na viagem que fezera á India o anno de tres, como fica dito, o servira muito bem, e que tinha esforço, e prudencia pera governar, mandou-o em companhia de Tristão da Cunha pera ficar naquella costa por capitão mór de seis naos, e quatrocentos homens. E deu-lhe huma provisão secreta, que acabados tres annos fosse governar a India, e o Viso Rey Dom Francisco Dalmeida se viesse pera Portugal. E estando em Abrantes, por morrerem na Cidade de Lisboa de peste, lhe mandou huma bandeira de cetim branco franjada de retros cramesim, e branco, com huma Cruz de Christus de cetim cramesim no meio, que elle tornou a trazer a Portugal, como adiante se dirá. Ordenado tudo isto, tendo Tristão da Cunha sua armada prestes em Belém, a qual fez com muito trabalho pela muita peste que avia na Cidade, e muita falta de gente pera levar, partio-se a cinco Dabril pela manhã, e foi logo pela barra fora com toda a armada, tirando Afonso Dalboquerque, que ficou em Belém na náó Cirne, em que hia por capitão, esperando por hum piloto, que mandára pedir aos officiaes

delRey (por aver dous dias que o seu chamado João de Solis fugira pera Castela por matar sua mulher;) e vendo elle que lho não davam, confiado na muita experiencia que tinha das coufas do mar, e em Diogo Fernandez Piteira, mestre da sua nao, que fora já duas vezes á India: e tambem em lhe Tristão da Cunha dizer, que lhe daria o melhor piloto da frota, tirando o piloto mór, determinou de não esperar mais, e recolheo alguma gente, que ficara das outras naos em terra, que os capitães não quizeram tomar por virem de Lisboa, e fez-se á vela ao outro dia seis do dito mes. E já muito tarde alcançou o capitão mór, que hia esperando por elle, e depois de o salvar, lhe disse que trazia alguma gente, que os capitães deixaram em terra; que lhe pedia por mercê os mandasse repartir pelas náos, segundo vinham assentados, porque morriam alguns, e a gente da sua andava tão affombrada, que se não sabia dar a conselho: e se aventurara a isso, pola necessidade que alguma hora teriam delles naquellas partes pera onde hiam. O capitão mór lhe respondeo, que se vinham empedidos, pera que os tomava? E não os quis mandar repartir, do que Afonso Dalboquerque ficou muito descontente. E chegando a Biziguiche, mandou-lhe hum rol da gente que era por Pero Vaz Dorta, que hia por feitor da sua armada, pedindo-lhe muito que mandasse aos capitães que a recolheffem, porque não tinha mais mantimentos que os necessarios pera a sua gente. E que lhe mandasse dar o piloto, que lhe prometera antes que partisse de Belém, porque o não trazia, nem os officiaes delRey lho deram. O capitão mór respondeo, que mandasse pôr a gente com seu fato em terra, que elle a repartiria como lhe bem parecesse. E que quanto ao piloto não o tinha, nem o avia de tirar ás outras naos pera lho dar.

Enfadado Afonso Dalboquerque desta reposta, mandou pôr a gente em terra, e a Pero Vaz Dorta que lhe disse, que na volta daquella gente avia alguns fidalgos, e pessoas honradas, que não parecia rezão assi de mistura com os outros mandalos lançar em terra, que dali os devia mandar repartir pelas outras náos. O capitão mór dissimulou com elle, e não lhe respondeo. E porque naquelles dias que ali estiveram, não morreo, nem adoeceo nenhuma pessoa em toda a armada, mandou pelas muitas importunações de Afonso Dalboquerque repartir pelas náos os que estavam sãos, e os doentes que se embarcassẽ na caravela, que tinha despachado pera Portugal, a qual elRey D. Manoel mandára em sua companhia pera lhe trazer novas como hiam, pelo receo que tinha da muita peste que a armada levava.

### CAPITULO VIII.

De como o capitão mór Tristão da Cunha despedio a caravela pera Portugal, e se partio de Biziguiche: e o que passou até chegar a Moçambique.

**E**STANDO o capitão mór Tristão da Cunha prestes com sua armada pera se partir do Porto de Biziguiche, despedio o capitão da caravela, e escreveu per elle a elRey o estado em que hiam, e como chegando ali prouve a nosso Senhor que cessou a peste. Partido a caravela, fizeram-se todas as náos na volta do Cabo de sancto Agostinho; e por ser já tarde, e os ventos ponteiros, e esperarem pola náo do capitão mór, que era má de véla, não poderam dobrar, e tornaram outra vez na volta de Guiné, em que se gastou muito tempo. E

indo naquella volta, deu hum temporal tam rijo na armada, que as naos se apartaram humas das outras, e dali a dous dias se tornaram ajuntar, e fizeram-se todas na volta de sancto Agostinho, falvo a náo de Job Queimado, que não appareceo. E foram affi naquella volta aguardando muitas vezes pola náo do capitão mór. Vendo Afonso Dalboquerque que se gastava o tempo por esperarem por esta náo, e os capitães não oufavam de falar, veio á fala com o capitão mór, e disse-lhe, que olhassê que a causa principal de não dobrarem o cabo de santo Agostinho, fora por esperarem pola sua náo, e que por ser tarde punha em muita duvida passarem aquelle anno á India: e pois não podia ter com as outras, que a avia de deixar com outra em sua companhia, qual elle quisesse, e déssê véla, e fizesse sua viagem com as outras. O capitão mór lhe respondeu, que se lhe elRey D. Manoel fizera mercê daquella armada, fôra pera se aproveitar: e que por isso queria agoardar pola sua náo, pois nella trazia a sua fazenda. Afonso Dalboquerque porque perdia muito em não passar aquelle anno á India, dali alguns dias tornou a pedir ao capitão mór que largassê a sua náo, que foi a causa de terem ambos palavras de desgosto bem escusadas, ás quaes Afonso Dalboquerque não respondeu, nem dali por diante quis mais falar em cousa da viagem. O capitão mór vendo dali a poucos dias o erro, que tinha feito, e que perdia mais em não passar aquelle anno á India, do que ganhava em esperar pela sua náo: e que todos os mestres, e pilotos, quando o hiam salvar, lho deziã, determinou de o remediar. E sendo na paragem da Ilha da Ascensam, pos huma bandeira na quadra, e todos os Capitães arribáram logo a saber o que queria. O capitão mór lhes disse, que sua determinação era dar as velas, e não

aguardar por ninguem, que cada hum andasse quanto podesse, e o fosse esperar a Moçambique. E indo affi todos na volta do Cabo de boa esperança, amanhecêram á vista de huma terra muito grande, e muito fermosa. Afonso Dalboquerque como a vio, veio á fala com o capitão mór, e disse-lhe, que pois ainda não era descuberta, que se deviam de chegar a ella, e saber que terra era. O capitão mór parecendo-lhe bem isto que lhe dezia, mandou ir a sua náó á orça pera a tomar, e todos fizeram o mesmo; e indo sobre a tarde, tornou a fazer outra vez o caminho que levava. Esta terra eram humas ilhas, a que poseram nome de *Tristão da Cunha*, por elle ser o primeiro que as descobrio. E indo descorrendo por ellas já quasi sol posto, começou o vento a ventar tão rijo, e com tantos agoaceiros, que as naos não poderam ter com o capitão mór, e apartáram-se todas: salvo Afonso Dalboquerque que o seguio, e foram juntos huns dias com vento de viagem. E huma noite deu hum temporal tão grande por davante, que os apartou. A nao de Afonso Dalboquerque esteve sete relogios de mar em través, com affás trabalho, sem querer dar polo leme. E prouve a nosso Senhor que abonançou o tempo, e correo toda aquella noite sem ver o forol da náó capitaina, nem ao outro dia pela menhaã a víram. E foi-se naquella volta já com o cabo dobrado até aver vista das ilhas primeiras, e ali achou Francisco de Tavorã, e foram-se ambos a Moçambique, onde acháram huma caravela, que partira de Portugal muitos dias depois de Tristão da Cunha. E o capitão lhes disse, que Lionel Coutinho passára pera Quiloa. E dali a poucos dias chegou o capitão mór com as outras náos, excepto Alvaro Telez, que dobrou a ilha de S. Lourenço por fóra, e foi ter a Melinde, e deixou ali huma carta pera

elle, em que lhe dizia, que o hia esperar ao Cabo de Guardafum, e Rui Pereira, que tomou hum porto na ilha de S. Lourenço, que se chama Tanana, onde esteve alguns dias tomando enformação da terra, por ser a primeira vez que se descobrira: e dali se foy a Moçambique, levando comsigo dous negros, que com elle quizeram ir por sua vontade.

### CAPITULO IX.

De como o capitão mór Tristão da Cunha, pela enformação que teve dos negros, que Rui Pereira trouxe, determinou de jr descobrir a Ilha de S. Lourenço.

**C**HEGADO o capitão mór a Moçambique, porque era já tarde pera atravessar á India, determinou de aparelhar ali sua armada pera fazer o caminho de Çocotorá, onde elRey dom Manuel mandava fazer huma fortaleza pera recolhimento de alguns Christãos, que tinha por enformação que avia naquella ilha, por não serem avexados dos Fartaquins, e doutras naos de mouros, que ali hiam fazer sua agoada, quando passavam pera o estreito de Meca. E nestes dias chegou Ruy Pereira, e disse-lhe, que com aquella tormenta, com que se apartara delle, fora ter a hum porto da ilha de sam Lourenço, e em forgindo vieram duas almadias com alguns negros a bordo da nao, como gente de paz, e amostraram-lhe prata, cera, e panos dalgodão: e differam-lhe, que se quizesse entrar pera dentro, que se resgatariam com elle, porque daquilo avia muito na terra, e tudo por acenos, porque na nao não avia quem os entendesse. E querendo elle entrar pera tomar mais enformação deste negocio,

o piloto, mestre, e feitor da nao lhe fizeram grandes requerimentos que não entrasse, e fizesse sua viagem pera Moçambique, porque aquella nao era sua, e não eram obrigados a descobrir terras novas: e que protestavam de lhe pagar tudo o que perdessem. E vendo seus requerimentos, trouxera aquelles dous negros, por lhe parecerem homens de razão, e se fizera á véla. O capitão mór ficou muito contente com isto, porque sendo assi, podia ali carregar suas naos, e tornar-se pera Portugal: e mandou logo buscar hum mouro natural de Quiloa, que estava em Moçambique, que tinha por enformação que sabia a lingoa, e disse-lhe que perguntasse a aquelles negros o que avia na sua terra, e como se chamava: elles lhe disseram, que a sua terra se chamava Tananá, e que avia nella muito gengibre, cravo, prata, e cera. Com esta enformação mandou o capitão mór chamar Afonso Dalboquerque, e todos os outros capitães, mestres, e pilotos darmada, e deu-lhes conta de tudo o que passára com os negros; que seu parecer era, pois ali aviam de estar alguns dias, irem buscar este porto, que Ruy Pereira descobrira, que lhe dissessem o caminho que faria, porque determinava de jr lá. Os pilotos, e mestres da armada foram de parecer que devia de descobrir esta terra pola banda do norte. Afonso Dalboquerque como era marinheiro, e entendia bem a navegação, vendo que os mestres, e pilotos hiam errados no que diziam, perguntou-lhes porque lhes parecia bem fazerem o caminho do norte, pois a ilha não era descuberta por aquella parte, nem naquella armada avia pessoa, que soubesse quanto a terra bojava da banda do Norte. Os pilotos, e mestres não deram razão a isto, porque não tinham nenhuma que dar, e assentaram no que tinham dito. Afonso Dalboquerque como vio que

se não queriam decer da sua opinião, não quis ter mais praticas com elles. O capitão mór per cima destas differenças pedio-lhe que lhe dissesse seu parecer: elle lhe respondeu, que pois queria fazer aquelle descobrimento, que devia de ser por aquella parte do Sul, por onde Ruy Pereira viera, porque não era bom conselho descobrir coufas novas por caminho incerto, e mais tendo piloto, que o podia levar ao porto, que Ruy Pereira tinha descoberto, sem nenhum trabalho, o qual se podia navegar em seis dias a popa: e que no tempo, em que estavam, seria muito difficuloso dobrar-se a ponta da terra da ilha, que estava em doze grãos da banda do norte, porque ventavam os levantes, e as agoas corriam muito, e gastariam muito tempo em a dobrar, porque delle tinham mais necessidade que de outra nenhuma coufa. E posto que naquelle conselho não ouve quem contrariasse este parecer de Afonso Dalboquerque, com tudo como ao capitão mór não pareciam bem suas coufas, não se satisfez disto que lhe disse, e foi-se com o parecer dos Pilotos, e Mestres: e não tardaram muitos dias que vio o erro que tinha feito; e quando o já quis remediar, tinha gastado tres mezes ao longo da terra, passando muitos trabalhos, e perigos sem fazer nada.

## CAPITULO X.

De como o capitão mór Tristão da Cunha se fez prestes pera ir descobrir a Ilha,  
e o que nisso passou.

COMO o capitão mór teve assentado o caminho que avia de fazer, fez-se prestes, e partio de Moçambique na entrada de Novembro com todas as náos da

obrigação de Afonso Dalboquerque, e a de João Gomez, e Ruy Pereira, e Job Queimado, o qual avia dous dias que chegára, que ficou atrás, por se apartar da armada na tormenta, que lhe deu na volta do Cabo de sancto Agostinho: e contou que fora ter á ilha de sam Thomé, e dali fizera sua navegação ao longo da terra até Moçambique, e no caminho sessenta legoas ao mar do rio Danguola achára huma Ilha despovoada muito grande, e de muitos arvoredos. Partido o capitão mór, dali a poucos dias foi aver vista do parcel de Sancta Maria, que he huma coroa darea em 17 grãos e meio daltura, sessenta legoas de Moçambique, que Afonso Dalboquerque descobrio a primeira vez que foy á India, e toda a frota correo por aquelle parcel, indo os pilotos com os prumos na mão, de oito braças até quatro e meia: e dando neste-fundo por ser noite, furgiram; e em amanhecendo, tornáram a seu caminho: e foram alli até averem vista da terra, e junto della lançáram os bateis fóra, e tomaram hum zambuco pequeno com dous mouros, os quaes trouxeram logo ao capitão mór, e elles o levaram a hum lugar de mouros, que estava ali perto, e em chegando a elle, desembarcaram. Os mouros desempararam o lugar, e fugiram pelo sertão dentro, e os nossos os foram seguindo, e mataram alguns, que acháram escondidos por esses matos. E o capitão mór os mandou recolher por se não desmandarem, e trouxeram algumas molheres, que elle mandou soltar, e pôr fogo ao lugar: e embarcou-se com toda a gente, e foi-se ao longo da costa: e com o melhor resguardo que poderam, foram ter a huma enseada, que se chama Lulangane: e dentro nella hum tiro de bésta da terra firme acharam huma ilha povoada de muita gente, na qual o rey tem seu assento, e na terra firme suas criações, e lavouras: e

começando a descobrir esta enseada, porque se a gente não acolheffe, mandou o capitão mór dous bateis com gente que se fossem meter entre a ilha, e a terra firme, e não deixassem passar nenhuns mouros da outra banda. E como os despedio, foi-se com todas as naos furgir no porto diante do lugar, e desembarcou com toda a gente: os mouros como víram a determinação dos nossos, foy o medo de maneira nelles, que sem receo dos bateis vieram demandar a praya pera passarem da outra banda da terra firme, em zambucos, almadias, e delles a nado: e foy tanta a pressa que tiveram em passar, que os zambucos, e almadias polo grande esgarceo que o mar fazia (por respeito da corrente da agoa de hum rio, que ali vem ter,) soçobráram com toda a gente: de modo que o mar era todo coalhado de homens, molheres, e mininos mortos. O capitão mór deu no lugar; e entrando por elle, achou ainda muitos mouros com azagayas, e adargas, que o esperáram, e trouxe-os todos á espada. E depois deste desbarato, mandou saquear o lugar, onde acharam muitos panos, prata, e ouro, porque vem ali as náos de Melinde, e Mombaça tratar, e a troco disto levam escravos, e mantimentos: e he o arroz tanto, que vinte naos o não podem levar. O capitão mór esteve ali tres dias; e depois de todas as naos tomarem agoa, e mantimentos, embarcou-se, e foi-se ao longo da costa, com determinação de dobrar o cabo da terra, onde gastou muito tempo sem o poder dobrar, com levantes, e agoas que corriam. Neste caminho tomou hum mouro, que lhe mostrou cravo, e disse que nos matos avia muito: o capitão mór hia já tam enfadado de suas mentiras, que lhe não deu credito, e soltou-o que se fosse: e fez volta com toda a armada por aquella parte, onde Ruy Pereira tomára os negros.

## CAPITULO XI.

De como o capitão mór Tristão da Cunha se tornou ao longo da costa, e se ouvera de perder: e o que passou com o grande Afonso Dalboquerque.

**T**ORNADO o capitão mór ao longo da costa, por não poder dobrar o cabo da terra de sam Lourenço, como tenho dito, os dous mouros, que tomára em Lulangane, o levaram a huma enseada grande, que se chama Çada, cercada toda de povoações de Cafres, porque he ali escapola principal de todos os lugares da costa de Melinde, e de Mombaça, e Mogadaxo. Tanto que a armada foy furta, o capitão mór se meteo nos batejs com toda a gente, e foy demandar a terra, onde deu em duas povoações, que estavã ao longo do mar. Os cafres, que podiam ser até dous mil com suas azagayas, adargas, arcos, e frechas, posto que se poseram em som de lhe defender a desembarçam, vendo a determinação dos nossos, não oufaram de esperar, e fugiram pera os matos. Vendo Afonso Dalboquerque o tempo gastado em descobrir aquella Ilha, com tanto perigo daquella armada, posto que o capitão mór sofria já mal dizer-lhe nenhuma cousa, foi-se a elle, e disse-lhe, que se lembrasse que estava já em meado de Janeiro, e que todo o tempo que mais gatafsem naquelle descobrimento, era perdido: que sería mais serviço delRey irem-se ao Cabo de Goardafum esperar as naos, que vinham da India pera o estreito com especiarias, e fazer fortaleza em Çocotorá, como lhe elRey tinha mandado, que andarem-se ali perdendo. E que se por cima disto

queria fazer aquelle novo descobrimento, que lhe désse licença pera se ir a Çocotorá, e de caminho ajuntar todas as naos, onde quer que as achasse, pera as levar consigo. O capitão mór, como andava com aquelle alvoroço de descobrir toda a ilha de sam Lourenço, parecêram-lhe bem estas rezões, e deu-lhe licença que se fosse: e alargou-lhe todas as náos, que hião ordenadas de Portugal pera ficarem com elle, e deu-lhe hum poder pera que todos os capitães, que achasse naquella costa, lhe obedecessem. Afonso Dalboquerque, posto que o levava muito largo delRey dom Manoel em segredo, pera tudo o que quisesse fazer, por escusar paixões, que podiam recrecer sobre qual dos poderes era mayor, o aceitou. O capitão mór depois disto despachou Antonio de Saldanha, que fosse a Moçambique tomar entrega da náó Sanctiago, e a fizesse prestes, porque tantó que elle chegasse, a despacharia pera Portugal. Despedido Afonso Dalboquerque, ajuntou suas naos, e foi-se dereito a Moçambique, e de caminho mandou a Antonio do Campo que fosse a Quiloa, e dissesse a Lionel Coutinho, e ao capitão da náó Garça, que tomassem todos os mantimentos que ouvessem mister, e em Melinde esperassem por elle. Partido Antonio do Campo, dali a seis dias chegou Afonso Dalboquerque a Moçambique, e começou de entender no corregimento das suas naos, que em breve tempo fez prestes, e partio-se, fazendo seu caminho dereito a Melinde, onde se avia de ajuntar com os outros capitães pera irem juntos demandar o cabo de Guardafum. E sendo tanto avante, como as ilhas do Comoro, veio de noite ter com o capitão mór. E como foi menhaã tirou a bandera da gavea, e arribou a elle, e foi-o sálvar. O qual lhe deu conta dos muitos enfadamentos que tivera, depois que se delle despedira:

e como Ruy Pereira se perdêra em huns baixos, em que se elle tambem ouvera de perder por ser de noite, senão fora a grita, que a gente da não deu em tocando na areia: e tambem pola diligencia do seu piloto, que ouvindo a grita, mandára tomar a não por davante, e milagrosamente tornara a fair por onde entrou; porque tudo por davante eram baixos. Afonso Dalboquerque se tornou dali com elle a Moçambique, onde acharam João da Nova muito doente, que o anno passado partíra da India na não Flor de la mar pera Portugal: e em hum pairo, que teve no Cabo de boa Esperança, abriu huma agoa grande, que a fez arribar ás ilhas Dangoja, e nellas esteve alguns dias trabalhando pela tomar; e vendo que não podia por ser muita, arribara a Moçambique, pera esperar as naos, que viessem do Reyno, e ver se tinha algum remedio pera se concertar.

O capitão mór folgou muito de o ver, porque era seu amigo, e trabalhou por lhe remediar a nao; e porque a agoa que fazia era pola carlinga, e não se podia tomar sem se descarregar, comprou huma nao, que era de mercadores, em que vinha por capitão, e feitor André Dias, que depois foy Alcaide de Lisboa, e nella mandou baldear toda a carga de Flor de la mar, e deu a capitania della a Antonio de Saldanha, e mandou-o pera Portugal, e em sua companhia huma nao de Fernão de Loronha, de que era Capitão Diogo Mendez Correa. E no caminho dobrando o Cabo de boa Esperança descobriu huma agoada muito proveitosa pera as naos, antes que se tivesse noticia da Ilha de Sancta Elena, a que pos nome a agoada de Saldanha, onde os Cafres daquella terra matáram o Vifo Rey dom Francisco Dalmeida, indo ali tomar agoa, vindo da India pera Portugal.

## CAPITULO XII.

De como o capitão mór Tristão da Cunha se partio de Moçambique com a sua armada, e se foi ver com o Rey de Melinde, e dali a Angoja, e a destrochio.

**P**ARTIDO Antonio de Saldanha pera Portugal, o capitão mór começou logo concertar sua armada, e fornecela de todas as coufas necessarias: e como foy prestes, partio-se hum dia pela menhaã, e em poucos dias foi ter a Melinde. E chegado ao porto com todas suas náos embandeiradas, depois de salvar a cidade, e estarem ancoradas, foi-se a terra com todos os capitães visitar o rey, e da parte delRey de Portugal lhe deu hum presente, que levava, e offereceo-se pera o servir em tudo aquillo que lhe mandasse, com outros muitos offerecimentos que lhe fez. O rey lho agardeceo muito, e disse-lhe que elle merecia a elRey de Portugal seu irmão tudo o que de sua parte lhe dezia, porque era seu verdadeiro servidor, e amigo. E por esta causa os reys de Mombaça, e de Angoja eram seus capitaes imigos, e lhe faziam muitas avexações: que lhe pedia que antes que se fosse daquella terra, lhe désse vingança delles, porque soubessem que tinha elle elRey de Portugal por si. O capitão mór lhe disse, que pois a principal coufa que o fizera ali vir fora pera conservar a amizade antiga que tinha com elRey seu senhor, que elle lhe prometia, que antes de muitos dias lhe viessem novas do estado em que ficavam seus imigos. E despedio-se delle, ficando em muita amizade, e foi-se embarcar. E Afonso Dalboquerque indo-se despedir do rey, lhe disse

que elRey de Portugal feu senhor o mandava com huma armada conquistar o reyno de Ormuz, e toda aquella costa de Arabia, a qual não era ainda sabida dos nossos pilotos, que lhe pedia por mercê lhe mandasse dar tres, que soubessem bem aquella navegação, pera os levar consigo: e que elle os pagaria muito bem, e trataria como seus vassallos. O Rey mandou aos governadores da Cidade que lhe dessem os pilotos que pedia, e tudo o mais que ouvesse mister pera serviço delRey de Portugal seu irmão. Os governadores lhe deram tres pilotos principaes da terra, que sempre navegaram pera aquellas partes, e sabiam muito bem todos os portos daquella costa de Arabia. Despedidos todos do rey, vieram-se embarcar, e fizeram-se á véla: e sem tomarem outro porto, foram furgir na bahia de Anjoja: e tanto que furgiram, mandou o capitão mór Lionel Coutinho no seu batel a terra pera tomar enformação da gente que avia no lugar, e da fortaleza delle. Os mouros, que estavam na praia esperando, em chegando o batel perto da terra, começaram-lhe a tirar as frechadas, sem querer ter prática com os nossos. Lionel Coutinho por lhe não ferirem a gente, mandou ter o batel sobre o remo, e tornou-se pera as náos, e disse ao capitão mór o que passava. O qual mandou logo chamar os capitães, e disse-lhes: que elle pelas offensas, que o rey Dangoja tinha feito ao de Melinde, e tambem pela pouca conta que fizera do seu recado, determinava de o castigar, que todos se fizessem prestes, e ao outro dia antemenaã viessem a bordo da sua náos pera juntos irem cometer o lugar. Os capitães como foram horas vieram-se nos bateis a bordo da Capitaina, e dali se foram demandar a terra pera cometerem a cidade. Os mouros como viram vir os bateis, foram-nos esperar á

praya pera lhe defender a desembarcação. O capitão mór vendo-os naquella determinação, pera lhe darem largueza pera desembarcar, mandou aos bombardeiros que lhe tirassem com os berços que levavam nos bateis. Os mouros como se víram mal tratados dos tiros, deixaram a praya, e recolhidos á cidade, tomaram suas molheres, e filhos, e o mais fato que poderam levar ás costas, e fugiram pelo fertão dentro. Como a praya foi despejada, desembarcou o capitão mór com toda a gente em duas batalhas, e Afonío Dalboquerque na dianteira com parte da gente, e elle com a bandeira real na retaguarda. E por não aver resistencia no desembarcar, entráram logo a Cidade, a qual acháram despejada de gente, e fato. O capitão mór como vio que não avia de que se podesse temer, mandou fornecer a armada de mantimentos, de que avia muitos, e deu licença á gente que roubassem a Cidade, e se recolhessem logo, porque lhe avia de mandar pôr o fogo. E porque ao tempo que se pôs não eram ainda recolhidos, e andavam todos metidos polas casas a roubar, ouveram de ser queimados, senão acertára o vento de ventar daquella parte onde elles andavam, e quando se já quizeram recolher, foi bem pola esquentada. Recolhidos todos ás náos, mandou o capitão mór fazer a armada á véla, e botou de fóra da baya com o terreno que ventava, e fez seu caminho derecho a Braboa.

Esta Cidade Dangoja he muito grande, povóada de mouros, que tratam em Çofala, e por toda aquella costa: não avia nella casas de pedra, e cal, senão os paços do Rey: era toda cercada por derrador de muitas ortas, e arvores de fruto, que a faziam ser muito viçosa: tinha huma bahia muito boa, e de bom surgidouro, não era cercada, está allentada á borda dagoa. O rey era

hum mouro mercador, que veio de fóra, e por ser muito rico se fizera fenhõr de toda a terra.

### CAPITULO XIII.

De como o capitão mór Tristão da Cunha foi ter a Braboa, e o que nella passou.

**F**EITA a armada á véla, veio-se o capitão mór ao longo da costa ter á cidade de Braboa, e em chegando depois de toda furta, porque vio muito alvoroço na praia, mandou Lionel Coutinho no seu esquife a terra pera entender claramente o movimento que faziam os mouros; e antes que o esquife chegasse, os que estavam á borda dagoa, capearam-lhe que não portasse em terra. Lionel Coutinho como vio que os mouros não queriam ter prática com elle, tornou-se pera as náos, e disse ao capitão mór o estado em que os achára. O qual desconfiado de lhe não querer o rey aceitar o seu recado, mandou chamar todos os capitães, e deu-lhe conta do que Lionel Coutinho passára com os mouros, e como avia muita gente, e muito bem armada. Mas que per cima disto elle determinava de cometer o lugar, e aventurar tudo polo destruir, que se fizessem prestes, e ao outro dia antemenhaã viessem a bordo da sua náos pera dali irem juntos dar nelle. Os mouros, que estavam na praia, vendo o alvoroço que hia nas náos, e o ajuntamento de bateis derredor da Capitaina, como gente que determinava de os cometer, porque os não tomassem desapercebidos, começaram-se a fazer prestes, e ajuntaram muita gente pera defenderem que os nossos não desembarcassem, confiados tambem no mar, que arrebetava em terra por ser costa brava, que ao desembar-

car os acapelaria, e morreriam todos. Estando elrey nesta determinação, foram-se a elle de noite dous mouros velhos, que ali vieram viver fogidos de Calicut, enfadados da guerra, que o Çamorim tinha com os Portugueses, e differam-lhe: *Senhor, tu não tens bom conselho em querer guerra com os Frangues, dos quaes o Çamorim de Calicut, sendo tão poderoso, na guerra que teve com elles, nunca pode levar o melhor: e deves de crer que nenhum rey de toda esta costa he poderoso pera lhe defender que não desembarquem em sua terra cada vez que quizerem, e a deixem toda chea de sangue, queimando-a, e destroindo-a, como fizeram a Anjoja: e pois assi he, pedimos-te que os queiras ouvir, e fazer com o capitão mór desta armada huma paz arreoada, e não ponhas em risco perder teu estado, e nós sermos todos destroidos. E quando for cousa tam fóra de razão que não seja tua honra conceder-lha, póde-se então dilatar o negocio com boas palavras, porque este he o tempo, em que aqui cursa a vara de Choromandel, como sabes; e se vier, estando elles ali surtos, toda sua armada se perderá sem escapar nenhuma náó, e desta maneira seremos todos ringados delles, sem aventurares perder teu estado.* O rey pareceo-lhe bem este conselho dos mouros, e agradeceo-lhe muito a lembrança que lhe fizeram, e mandou logo chamar os principaes da terra, que lhe aconselhavam pelesasse, e deu-lhe conta disto que lhe os mouros differam. E praticado tudo antrelles, assentaram que devia fazer isto que lhe os mouros deziã. E antes que fosse menhaã, mandou elrey hum mouro em huma almadia com huma bandeirinha branca pedir seguro ao capitão mór pera falarem em pazes, o qual foi com este recado, e tornou logo com o seguro. E tanto que chegou, mandou o rey

hum dos principaes governadores da terra falar com o capitão mór E disse-lhe, que o rey estava muito pezaroso da pouca conta que os mouros fizeram do feu capitão, que ali mandára, e que por serem muitos não sabia quaes eram os culpados pera os castigar. Que elle queria ter paz, e amizade com elRey de Portugal, que lhe mandasse dizer o que queria delle, porque tudo faria. Tristão da Cunha respondeo, que elle era capitão mór delRey de Portugal, o qual lhe mandava em feu regimento, que todos os reys, e senhores, que estivessem ao longo desta costa, que era de sua conquista, que não quisessem fer seus amigos, e tributarios, que lhes fizesse crua guerra, e os destruisse. E porque o rey Dangoja não quiserá estar nesta obediencia, o destroíra; e que assi determinava fazer a elle, senão quisesse obedecer a elRey de Portugal, e pagar-lhe pareas, e querendo fer feu vassalo, o serviria com aquella armada contra seus imigos, porque assi o fizera com o rey de Melinde pela muita amizade que sempre teve com elRey de Portugal, e polo favor, e honra, que seus capitães, que vinham ter ao feu porto, recebiam delle. Com esta resposta tornou o mouro a terra, e contou ao rey perante todos os principaes, que estavam com elle, isto tudo que passára com o capitão mór. E depois de muitas práticas, que tiveram sobre esta resposta, de que não ficáram contentes, tornou o rey a mandar o mesmo mouro ao capitão mór, dizendo: Que mandar-lhe pedir pareas não era querer sua amizade, mas boscar razões pera se defavir com elle, se lhe não concedesse o que pedisse: que elle nunca fora tributario de nenhum rey, mas antes todos os daquella costa trabalhavam polo terem por amigo. E porque isto que elle queria era cousa nova, e não podia responder sem dar conta aos

principaes da terra, lhe pedia por mercê lhe desse lugar de tres, ou quatro dias pera ajuntar todos os mercadores, e com elles assentar o que se podia fazer. O capitão mór lhe respondeo, que elle tinha outras coufas, em que entender, que elRey de Portugal mandava em seu regimento que fizesse, e que por isso se não podia deter tantos dias: que se quisesse tomar conclusão com elle, que lhe mandasse logo a resposta, e senão, que faria o que avia de fazer. O mouro tornou a reprimir, pedindo-lhe muito por mercê que lhe desse aquelle tempo, que o rey de Braboa seu senhor lhe mandava pedir porque não feria rezão, pois todo aquelle povo avia de pagar o tributo, quando se nisso assentasse, que se fizesse sem conselho, e parecer de todos. O capitão mór por acabar com elle lhe deu de espaço até outro dia; e não vindo resposta até noite, que elle se avia por respondido. O mouro se foy a terra, e deu este recado ao rey, e ao outro dia já sol posto tornou com resposta, e disse-lhe, que o rey era contente de lhe pagar tributo; mas o quanto avia de ser, que se não podia determinar, sem primeiro falar com os mouros principaes da terra, e todos os mercadores; que elle os tinha mandado chamar, que como viessem, lhe responderia logo. Vendo o capitão mór que o mouro, que andava nestes recados, hia, e vinha a terra sem tomar nenhuma conclusão, e que tudo eram dilacões, e mentiras do rey, chegado com este derradeiro recado, mandou-o atar em hum páo, mostrando que lhe queria dar tratos, e apertou com elle que lhe dissesse a causa, porque o Rey não queria acabar de tomar conclusam, pois pera lhe responder si, ou não, avia mister pouco tempo: e que lhe falasse verdade, porque se lhe mentisse, que o avia de mandar lançar no mar com huma camara de bombardas ao peçoço. O mouro com

medo de lhe mandar fazer o que dezia, lhe disse: *Senhor, tu estás diante desta Cidade, onde neste tempo curfa hum vento, que se chama a vara de Choromandel, que vem daquellas partes tam de supito, e tam grande, que se agora acertasse de vir, não escaparia nenhuma não desta tua armada, que se não perdesse. E com a esperança, que todos temos, que cada dia virá, anda o Rey contigo nestas dilações.* O capitão mór temendo que podia isto ser affi, mandou pôr o mouro a bom recado, e fez-se prestes pera ao outro dia antemenhaã dar na Cidade.

#### CAPITULO XIV.

De como o capitão mór Tristão da Cunha foi comer a Cidade de Braboa, e depois de destroida, se partio pera Çocotorá.

**P**ASSADA esta prática, que o capitão mór teve com o mouro, que andava nos recados, avisou logo os capitães de tudo o que com elle passára, e que sua determinação era ao outro dia antemenhaã comer a cidade, que todos se fizeffem prestes, e áquellas horas viessem a bordo da sua não, e levasssem fatexas, e cabos compridos nos bateis pera deixarem por regeiras ao mar polos não acapelar, que por ser costa brava arrebentava muito em terra. Os capitães se fizeram prestes toda aquella noite, e como foram horas, vieram-se com sua gente nos bateis a bordo da não capitaina, e como chegaram, abalou logo o capitão mór pera terra, duas horas antemenhaã, sem tangerem trombetas, por não serem sentidos. O rey receoso do que podia ser, pola tardança do mouro, que tinha mandado, e não vinha com reposta, mandou toda a noite vigiar a praya, de modo que não

poderam os nossos ir tão calados que não fossem sentidos: e logo acodiram muitos mouros á praia, que trabalharam por lhe impedir a desembarcação; e porque eram muitos, e o mar andava muito de levadia, tiveram os nossos grande trabalho no desembarcar. E com tudo lançados pola agoa meynos molhados, cometeram os mouros tão valerosamente, que logo ali ficaram muitos estirados, e os que escaparam do feu ferro foram fogindo pera a cidade. O capitão mór como os vio postos em desbarato, não querendo dar tempo aos mouros que fogiam, mui espantados do improviso mal, mandou a Afonso Dalboquerque que tomasse a dianteira, e fosse no feu alcance, o qual, com a gente que levava, os foi seguindo. E á entrada da cidade fizeram os mouros resistencia aos nossos, e mataram quatro ou cinco, e feriram Antonio de Sá no rosto com huma frecha. E estando allí ás lançadas com os mouros, chegou o capitão mór, e todos juntos entraram pela cidade dentro após elles, que hiam fogindo, e as mulheres com pedras lhe feriam muita gente dos terrados. Os mouros como chegaram a huma praça grande, onde estava huma mesquita, ajuntáram-se todos, e esperaram os nossos com determinação de morrerem; e como elles eram muitos, e a praça grande, estiveram os nossos, que eram poucos, em risco de se perderem. Como esta nova chegou aos bateis, os marinheiros, e bombardeiros, que ficaram em guarda delles, largaram-nos, e tomaram baldes de couro cheos de panelas de polvora, e doutros arteficios de fogo, e foram-se a gram pressa ter á praça, onde o capitão mór estava, e com as panelas de polvora, lanças, e bombas de fogo que levavam, fizeram grande estrago nos mouros. Os nossos com este novo socorro apertaram tão riço com elles que viraram as costas, e foram fu-

gindo pera fóra da cidade, na qual não ficaram senão molheres, que carregadas de fato hiam seguindo seus maridos. E os nossos foram em seu alcance, e mataram muitas, e tomaram-lhe o que levavam. Receoso o capitão mór que seguissem os mouros, que hiam fogindo darrancada, mandou a Afonso Dalboquerque que os recolhesse, e não consentisse que fossem mais por diante. E como foram recolhidos, tornou-se o capitão mór á praça, e foy cometer a mesquita, onde mataram todos os mouros, que estavam dentro, e na entrada o feriram em huma perna de huma fréchada. Acabado este feito, pos-se na praça, e depois de descançar, disse a Afonso Dalboquerque, que lhe pedia por mercê o fizesse cavaleiro, porque o queria ser da sua mão ali naquelle lugar, onde os mouros lhe tiraram o seu sangue. E logo se ajuntou toda a gente no meio da praça, e tocaram as trombetas, e Afonso Dalboquerque o fez cavaleiro, com suas ceremonias acostumadas. E depois de Tristão da Cunha ser feito cavaleiro, fez elle seu filho Nuno da Cunha, e outros muitos fidalgos. E acabado isto, foi-se o capitão mór com todos aos paços do rey, que eram mui grandes, e mui fermosos, nos quaes até então não consintio que entrasse ninguem, onde achou muita prata, e muito ouro, muitos panos de seda, e outras cousas muito ricas, e muito dinheiro em xerafins, e tudo repartio pelos capitães, e gente nobre da armada. E porque se hiam fazendo horas pera embarcar, e tambem polo receio que tinha de vir a tormenta, que lhe o mouro tinha dito, mandou o capitão mór tocar as trombetas pera se recolherem; e depois de toda a gente junta, poseram fogo á cidade por quatro partes, a qual ardeo tão fortemente, que foi couza de espanto. Queimou-se ali muita fazenda, que os nossos não tiveram tempo pera trazer, nem o mar

lhe dava lugar pera a embarcarem tão de pressa, como o capitão mór queria.

Braboa he huma Cidade grande, de muito boas cascas de pedra, e cal, está assentada á borda dagoa, não tem porto nenhum, tudo he costa brava, desemparrada de todas as partes, he povoada de mouros naturaes da terra, e tratam dali com Çofala, e por toda aquella costa, e ali vem as náos de Cambaia carregadas de roupa, e nesta cidade he o principal trato della, e de outras muitas mercadorias, porque vem ter aqui hum rio mui grande, que córta a terra tođa, e não fae ao mar: e por este rio navegam os mercadores desta terra pera muitas partes, e vam ter dali a huma feira, que se faz em Manamotapa, que he o fertão de Çofala, onde levam esta roupa de Cambaia, e Anfião, sandalos, e agoa rosada, e outras mercadorias, em que fazem grandes proveitos, e de lá trazem ouro, e outras mercadorias, e todos os lugares do fertão navegam per este rio, e vem ter a Braboa, o qual estará meia legoa do mar, e por causa deste rio se fez esta Cidade tão nobre, e tem muitos, e bons edificios.

## CAPITULO XV.

De como o capitão mór Tristão da Cunha se partio de Braboa, e fez seu caminho direito á ilha de Çocotorá, e o que nella passou.

**R**ECOLHIDO o capitão mór ás náos, fez-se á véla, e foy ao longo da costa com toda a armada, com determinação de dar em Magadaxo. Afonso Dalboquerque, porque estava assentado do outro dia que cometessem a cidade, foi-se diante, e fúrgio defronte della.

Vendo o piloto mór da armada, que se chamava Afonso Lopez Buraquinha, que a determinação do capitão mór era dar em Magadaxo, e que se gastava o tempo: como sabia muito bem a navegação daquellas partes, porque andára já ali em companhia de Antonio de Saldanha, foi-se a elle, e disse-lhe que a monção daquellas partes era já quasi gastada, e que se mais ali andasse, não lhe ficava tempo pera dobrar os baixos de S. Lazaro, que estavam dali cincoenta legoas; e que tendo-os dobrados, não lhe podia fazer nojo o travelsam, que naquelle tempo curtava naquella costa, ainda que viesse, porque tinha mar largo por onde correr. O capitão mór mandou chamar os pilotos mouros, e todos os da armada, e disse-lhes isto que o seu piloto dizia; e porque todos foram de seu parecer, mandou que fizessem seu caminho na volta de Çocotorá, e fez final a Afonso Dalboquerque que se levasse, e o seguisse. E sem tomarem outra terra, foram surgir no Çoco, que he o porto principal que a ilha tem, e onde está a povoação: e com todas as náos embandeiradas, e de festa salvaram o lugar com artelharria por ser de Christãos. Vendo o capitão mór a fortaleza que os mouros ali tinham feita, cercada toda de muro, e barbacã, e torre de menagem, porque era muito differente da informação, que elRey D. Manoel tinha, mandou chamar Afonso Dalboquerque, e todos os capitães á sua náó; e disse-lhes, que elRey seu senhor lhe mandára que fizesse huma fortaleza naquella ilha, na qual avia de ficar por capitão D. Antonio de Noronha, que ali estava presente, pera guarda, e emparo dos Christãos, que nella viviam des do tempo de S. Thomé, porque seus desejos eram dilatar o nome de nosso Senhor por todas as partes de sua conquista. E porque achava isto fóra da enformação que S. Alteza tinha,

lhes pedia seu parecer do que faria naquella caſo. Os capitães todos lhe differam que devia de ter fala com o capitão da fortaleza pera ſaber delle ſua determinação; e quando não quiffeſſe eſtar á obediencia delRey de Portugal, que a devia cometer, e entrála por força. O capitão mór lhe pareceo bem eſte conſelho, e mandou logo Pero Vaz Dorta, e Gaſpar Rodriguez lingoa a terra, que diſſeſſem ao capitão, que elRey de Portugal o mandára com aquella armada fazer huma fortaleza naquella ilha, por ſer enformado que era de Chriſtãos, e que a achava ſenhoreada de mouros; que lhe pedia, e rogava que deixaffé a fortaleza, e que lhe daria ſalvo conduto, e embarcação pera elle, e toda ſua gente ſe irem pera ſua terra. E ſe iſto não quizeffe, que elle determinava de lhe tomar a fortaleza, e não dar vida a nenhum mouro, que nella eſtiveſſe, porque aſſi lho tinha mandado elRey de Portugal ſeu ſenhor. O capitão lhes reſpondeo, que diſſeſſem ao capitão mór, que elle, nem os Fartaquins, que tinha em ſua companhia, não morriam dabafas, ſenão a ferro, que fizeſſe o que quizeffe, porque elle não avia de deixar a fortaleza, ſem primeiro ſerem todos mortos, que eſte era o coſtume dos Fartaquins. O capitão mór com eſta repoſta tão determinada mandou chamar Afonſo Dalboquerque, e os capitães, e deo-lhe conta de tudo. Todos aſſentáram que ſe comeſſe a fortaleza, e que noſſo Senhor os ajudaria, e amansaria a ſoberba daquelle mouro; porque ainda que de fóra pareceſſe muito forte, era tão pequena, que não podia ter gente, que reſiſtiſſe ao poder daquella armada. Aſſentado iſto, porque no porto do Çoco, onde eſtavam furtos, andava o mar ſempre de levadia, e não ſe podia deſembarcar nelle ſem muito trabalho, e perigo da gente, determinou o capitão mór de buſcar porto, onde ſem

trabalho podessẽm desembarcar: e foi-se no seu batel com Afonso Dalboquerque ao longo da praia, e víram huma angra junto de hum palmar, onde o mar dava jazigo; e posto que fosse hum pouco mais longe, affentáram de desembarcar ali, e tornáram-se pera as náos. E o capitão mór avisou logo a todos os capitães, que estivessem prestes pera ao outro dia antemenaã irem cometer a fortaleza, e desembarcarem por aquella parte do palmar, não dando o mar jazigo naquelle porto, onde estavam furtos, por ser mais perto. O grande Afonso Dalboquerque como chegou á sua nao, mandou a D. Afonso de Noronha seu sobrinho que se fizesse prestes no seu batel com quarenta espingardeiros, e levasse hum falcão com polvora, e pilouros, e dous bombardeiros, e huma cabria, e dous troços descada pera sobirem ao muro da fortaleza, se fosse necessario: e que elle iria no esquife da náos com D. Antonio de Noronha, D. Joam de Lima, e D. Geronimo de Lima seu irmão, e outrós fidalgos, dando-lhe costas. Prestes tudo, foi-se Afonso Dalboquerque á náos capitaina, e dali abalaram todos direitos ao palmar. O capitão mór com todos os capitães da sua armada na dianteira, e Afonso Dalboquerque com os seus capitães, e gente na retaguarda, o qual como vio que o mar ali no porto hia dando jazigo, e que podia desembarcar defronte da fortaleza por ser mais perto, deixou-se ir de vagar ao longo da terra, picando o remo a ver se o mar abonanzava. O capitão da fortaleza, que estava vigiando a determinação dos nossos, como vio que o capitão mór hia demandar o palmar, onde já tinha huma estancia muito forte, que fizera toda aquella noite, sayo-se fóra da fortaleza com cem homens, e foi-se direito á estancia pera lhe defender a desembarcação. Afonso Dalboquerque vendo que o

capitão deixava a fortaleza, e que o mar dava jazigo, mandou a D. Afonso de Noronha que tomasse terra defronte della, e desembarcasse logo, e que elle os feguiria, e todos juntos desembarcaram. O capitão, que hia demandar o capitão mór, vendo que Afonso Dalboquerque lhe ficava nas costas, receando que lhe tomasse a porta da fortaleza, e não tivesse por onde se recolher, deixou oitenta homens com hum capitão, pera que defendesse a estancia, e elle com vinte em sua companhia tornou atrás pera acudir á porta que lha não tomassem, e veio-se a encontrar com D. Afonso de Noronha, que hia já caminhando com sua gente pera ella. E em se encontrando, ouve entre os nossos, e os mouros huma grande perfia de cutiladas, e lançadas, de maneira, que de huma parte, e da outra foram alguns feridos. E D. Afonso de Noronha encontrou-se com o capitão, e andando com elle ás cutiladas, tendo-o já quasi rendido, chegou Afonso Dalboquerque com toda a outra gente, e acabáram de o matar. Os Fartaquins como víram o seu capitão morto, volveram as costas, e foram fogindo contra a fortaleza, e no alcance mataram os nossos oito: os outros deram volta por derredor da fortaleza, e fogiram pera a ferra. Os mouros, que estavam em cima de huma guarita, como víram a nossa gente ao pé do muro, começaram a deitar muitos cantos, e pedras, com que os tratavam muito mal. E deram com hum canto no capacete de Afonso Dalboquerque, que logo cahio no chão mal tratado, e nem por isso perdeu o sentido de mandar a gente que se arredasse, e a Nuno Vaz de Castello-branco que fosse ao batel, e trouxesse o tiro, e a cabrea, e troços descada, machados, e vaivens pera quebrarem as portas da fortaleza. Como Nuno Vaz trouxe a escada, mandou Afonso Dalboquerque encoftala

ao muro, e começaram os nossos a fobir por ella, e o primeiro foi Gaspar Dias de Alcacere do Sal, que levava a sua bandeira, e Nuno Vaz de Castelo-branco, e o guião de Job Queimado, e outros, que o seguiram. Vendo-se os mouros entrados dos nossos, sem lhe poderem resistir, recolhêram-se a huma torre, que estava pegada com a da menagem. Como os mouros largaram a guarita, mandou Afonso Dalboquerque com machados, e vaivens quebrar as portas, e entraram todos dentro em hum terreiro, e foram-se á porta da torre, onde os mouros se recolheram, e ali esperaram que o capitão mór chegasse, que vinha já de volta com os mouros.

## CAPITULO XVI.

De como o capitão mór Tristão da Cunha entrou a fortaleza: e do que passou, chegando a ella.

**O** CAPITÃO mór Tristão da Cunha pela parte do palmar, onde foi desembarcar, teve hum pouco de trabalho com os mouros, que lhe defendiam valerosamente a desembarcação; mas isto lhe aproveitou pouco, porque elle os cometeo com tanta furia, e esforço, que fizeram pouca resistencia; e deixando a estancia, foram fugindo demandar a porta da fortaleza, e o capitão mór lhe foi seguindo o alcance com a sua gente, matando muitos delles; e os que ficaram vivos, vendo-se atalhados, por Afonso Dalboquerque a ter já entrado, voltáram por detrás della, e salváram-se na ferra. O capitão mór entrando pela porta da fortaleza no patio, achou Afonso Dalboquerque ao pé da torre, por onde se os mouros recolhêram; e chegando, mandou a Nuno Vaz

de Castello-branco com quatro, ou cinco homens, que fosse ver se podia achar entrada por alguma parte pera sobirem a ella: e no cabo do patio víram huma escada de pedra, que era serventia da torre, e sobindo por ella, foram ter ao terrado da torre, e ali acharam huma porta, que hia pera o sobrado debaixo, que os mouros tinham trancada de tal maneira, que não se podia entrar: e do sobrado do meio, onde estavam, tratavam muito mal os nossos ás frechadas. Os Fidalgos, que ali estavam, vendo-se mal tratados dos mouros, sem lhe poderem fazer nenhum nojo, determinaram de se aventurar, e cometer a porta pera entrar com elles. E o primeiro, que a cometeo, foi D. Antonio de Noronha; e querendo sobir, veio hum mouro com huma espada sobrelle, e ouvera-lhe de cortar o pesçoço, se Afonso Dalboquerque, vendo vir o golpe, o não emparára com a sua adarga. Os mouros vendo-se entrados por cima do terrado, recolheram-se á torre da menagem por huma escada, que hia de huma pera a outra, não sendo já a este tempo mais de vinte cinco, estando na fortaleza, quando a cometeram, cento e cincoenta, porque todos os mais eram mortos, e fugidos pera a ferra. Recolhidos á torre da menagem, trancaram as portas, e deixaram-se estar: e o capitão mór mandou-as logo quebrar com vaivens; e porque a escada era tam estreita, que não podiam sobir por ella, senão hum homem ante outro, e os mouros tinham pouco trabalho em se defender, quis o capitão mór, por lhe não matarem alguns dos nossos na entrada desta torre, cometer-lhe partido: e disse a Afonso Dalboquerque, e aos outros capitães, que aquelles mouros estavam tão emperrados, e elles tão desejosos de os matar, que o remedio pera os entrar avia de custar muito: que seria bom conselho deixarem-

nos ir livremente, porque ainda que os mataſſem todos, não ſe ganhava niſſo mais honra da que tinham ganhado em lhe tomarem a ſua fortaleza. E porque iſto, que o capitão mór diſſe, pareceo bem a todos, mandou logo por Gaſpar Rodrigues lingua dizer aos mouros á porta da torre, que o ſeu capitão era morto, como elles muito bem ſabiam, e toda a outra gente da ſua companhia, e que elles ſoos ficavam, que lhes rogava muito que ſe quiſeſſem decer de ſua opinião, e deixar a fortaleza, que elle lhe daria ſeguro, e embarcação pera ſe irem pera ſua terra. Os mouros lhe reſponderam, que agardciam muito ao ſenhor capitão mór querer-lhe dar as vidas, e que baſtava pera elles não quererem aceitar eſta mercê, mandar-lhe dizer que o ſeu capitão era morto, porque os Fartaquins não coſtumavam tornar a ſua terra vivos, deixando o ſeu capitão no campo morto, e mais ſendo filho do ſeu rey: que fizeſſe o que quiſeſſe, porque elles não ſe aviam de dar. O capitão mór com eſte deſengano dos mouros, mandou a João Freire ſeu pagem, e Nuno Vaz de Caſtelo-branco, e Dinis Fernandes, que depois foi patrão mór da India, Antonio Dinis de Setuvel, e Pedralvares pagem do Conde de Abrantes, que ſobiffeſſem ao terrado da torre, e viſſem ſe por ali podiam entrar com os mouros. E o primeiro que ſobio foi João Freire, que do ſalto que deo do peitoril da torre no terrado foy ſentido delles, os quaes abriram a porta, que hia pera o terrado, e vendo-o só, remeteram a elle, e mataram-no, e acabando de o matar, chegaram os outros. Os mouros como os viram, tornaram-ſe a recolher ao ſobrado, onde eſtavam, e trancaram a porta. Os noſſos vendo que não podiam ſeguir os mouros, fizeram hum buraco no terrado da torre, e ás pedradas, e tijolos, com que lhe tiravam, e Nuno Vaz de Caſtelo-branco com huma béſta,

que levava, começaram-nos a tratar mal. Espertado Afonso Dalboquerque da vergonha, que todos passavam, por aver tres horas, que ali estavam, sem poderem entrar a torre defendida por quatro mouros, mandou trazer do feu batel dous padefes Biscainhos, e no emparõ delles, que levavam dous soldados, começaram a sobir animosamente pela escada acima os que podiam caber, e todos os foram seguindo, sendo bem servidos de fréchadas, e lançadas de aremessõ; mas nem isso lhes valeo pera os nossos deixarem de os entrar; e os que estavam em cima no terrado como víram a revolta que avia no sobrado, e a portinha desemparrada, quebraram-na, e decêram pela escada abaixo, e huns, e outros entráram de roldão com os mouros, e matáram todos sem ficar nenhum, e foy á custa de cinco, ou seis dos nossos, que morrêram, e muitos feridos, e cativaram hum que se deo, do qual se Afonso Dalboquerque depois aproveitou na costa de Arabia, onde andou, porque este mouro era grande piloto daquella costa, e deu-lhe hum roteiro de todos aquelles lugares do reyno de Ormuz, que hum piloto, que se chamava Omár, andando ali, em cuja companhia elle andára por marinheiro, fizera. Foi a fortaleza cometida ás seis horas pela menhaã, e acabada de entrar huma hora depois do meio dia: não se tomáram nella muitos despojos, porque os mouros eram fronteiros, e acháram-se alguns mantimentos, armas, e espadas com letreiros em Latim, que diziam: *Deos ajuda-me*. Passada esta vitoria, ao outro dia pela menhaã foi-se o capitão mór com toda a gente em procifsão á misquita dos mouros; e porque avia de ser a principal Igreja, poseeram-lhe nome *N. Senhora da Vitoria*, na qual Fr. Antonio do Loureiro da Ordem de S. Francisco disse missa, e não foi sem muitas lagrimas dos nossos, por verem

em huma terra tam remota de Portugal fer celebrado o nome de noſſo Senhor Jeſus Chriſto naquella caſa de abominação.

## CAPITULO XVII.

Dô recado, que o capitão mór Triſtão da Cunha mandou á gente da terra, e o que paſſou com elles, e como acabou a fortaleza de Çocotorá, e ſe partito pera a India, e como ficou o grande Afonſo Dalboquerque por capitão mór da armada.

COMO o capitão mór Triſtão da Cunha foy em poſſe da fortaleza, mandou por hum lingoa recado aos Chriſtãos, que fugiram de huma povoação, que eſtava junto della, rogando-lhe muito que ſe tornafſem, e não fiſſem nenhum abalo de ſi, nem ſe eſcandalizafſem da deſtruição, que tinham feito nos mouros; porque a principal cauſa, porque elRey de Portugal lhe mandára tomar aquella fortaleza, e lançar os mouros da ilha, fora polos livrar de ſeu poder, pela informação que tinha de ſerem os moradores della Chriſtãos. Como a gente da terra teve eſte recado do capitão mór, ſabendo que eram Chriſtãos, vieram-ſe lançar aos ſeus pés (já fóra do receo que dantes tinham,) dando-lhe muitas graças pela mercê, que lhes fizera em os tirar da fogueição dos Fartaquins, dos quaes erão tão avexados, que não contentes de ſerem ſenhores de todo o ſeu, ainda lhe tomavam ſuas molheres, e filhos pera os fazerem mouros, e lhe faziam outras muitas injurias: e pois o Deos ali trouxera, e todos eram Chriſtãos, lhe pediam que os quizeſſe emparar, e defender de tão má gente,

como aquella era. O capitão mór com palavras de muito amor os consolou, dizendo, que elRey de Portugal feu senhor o mandára ali por amor delles, e que pera sua segurança fizesse naquella ilha huma fortaleza, e nella ficallê hum capitão com gente pera os defender dos Fartaquins, e das náos dos mouros, que por ali passavam da India pera o estreito (não sabendo que os Fartaquins ali a tinham feita,) que lhes rogava, e encommendava muito que tivessem sempre paz, e amizade com os Portugueses, principalmente com os que aviam de ficar na fortaleza, e os proveessem de mantimentos de que tivessem necessidade. E pois eram Christãos, lhes pedia quisessem receber a doutrina de Christo, e aprender as ceremonias de nossa Igreja, que elles por tanto tempo já tinham esquecidas; porque elRey de Portugal feu Senhor polos desejos que tinha de sua salvação, mandava ao Padre Fr. Antonio, que ali estava presente, com outros religiosos pera os doutrinarem nella. Estas, e outras cousas muitas lhe disse o capitão mór, de que ficáram muito contentes, e prometêram-lhe de fazerem tudo aquillo que lhe mandava: e dali se foram com o Padre Fr. Antonio ás suas Igrejas, onde muitos pela sua prégação, e bom exemplo se bautizáram.

Feito isto, mandou o capitão mór ajuntar muita pedra, e cal, e entendeo logo no fazer da fortaleza; e deu-lhe tanta pressa, que em breve tempo se acabou; e depois de ser acabada, pos-lhe nome *S. Miguel*, e entregou a capitania della a D. Afonso de Noronha, o qual vinha de Portugal provido por elRey D. Manoel, e a Fernão Jacome feu cunhado da alcaidaria mór. E porque o tempo de sua partida pera a India se chegava, entregou a Afonso Dalboquerque seis náos, que elRey D. Manuel mandava que lhe désse com gente, mantimentos, e arte-

lharia, e com tudo o mais que lhe fosse necessario pera ficar por capitão mór de todas aquellas partes (como levava por regimento delRey,) com obrigação de prover aquella fortaleza do que fosse necessario, das quaes náos eram capitães Francisco de Tavora, do rey grande, Manuel Teles do pequeno, Afonso Lopes da Costa da Taforea, e Antonio do Campo do navio pequeno. E porque o comendador Ruy Soares avia de ficar em sua companhia, e não era ainda chegado, deixou o capitão mór Tristão da Cunha João da Nova, capitão da náos Flor dela mar, em seu lugar; e tanto que Ruy Soares chegasse, se partisse logo caminho da India com novas do que Afonso Dalboquerque tivesse feito na costa de Arabia, pera levar recado disso a elRey D. Manõel. Acabadas todas estas cousas, o capitão mór se despedio do capitão da fortaleza, e de Afonso Dalboquerque, e de todos os fidalgos, e cavaleiros, que ali ficavam (o que não foi sem muitas lagrimas de huns, e outros,) e partio-se caminho da India com quatro náos o primeirò de Agosto do anno de sete, onde chegou a salvamento, e ahi tomou sua carga, e se partio pera Portugal. Afonso Dalboquerque começou a entender nas cousas da terra, e repartio os palmares, que os mouros ali tinham, por elles Christãos naturaes della, e os que rendiam pera a misquita, deu ás Igrejas. E depois de partido Afonso Dalboquerque pera Ormuz, estando os nossos em paz, e amizade com os naturaes da terra, como a gente desta ilha de sua natureza he toda malicioza, e atreçoada, tiveram pouco que fazer aquelles Fartaquins, que escapáram, de os induzirem contra os nossos, e fizeram com os Christãos da terra, que viviam por essas povoações afastados da fortaleza, que se alevantassem contra os nossos, dizendo-lhe que os Frangues não fizeram ali

aquella fortaleza, senão pera os cativarem todos, e tomarem-lhe sua terra, e que se deviam levantar, e não lhe darem mantimentos, porque estavam na força do inverno, e não era tempo pera lhe poderem vir de fóra, e desta maneira morreriam todos; e que elles os ajudariam, e fariam vir de Fartaque muytos mouros em seu favor. A gente da terra crendo ser isto assi, poseram-no por obra, e alevantáram-se, de que socedeo aver antre elles, e os nossos guerras, e desconcertos. E posto que o tempo fosse pouco, porque o trabalho foi contino, passáram os nossos grandes fomes, e muitas desaventuras, até que Afonso Dalboquerque ali tornou a visitalos, e provelos de mantimentos, como lhe tinha prometido; e quando chegou, avia dias, que a nossa gente não comia outra coufa senão palmitos, e algumas cabras, que tomavam por força com as armas vestidas.

### CAPITULO XVIII.

De como o grande Afonso Dalboquerque, partido Tristão da Cunha, fez prestes sua armada, e se partio com determinação de ir esperar as náos dos mouros, que vinham da India pera o estreito, e o que nisso passou.

**A**CABANDO o grande Afonso Dalboquerque de pôr em ordem as coufas da terra, quis logo entender em aparelhar a sua armada pera se partir na lua nova, que era a dez dias do mes de Agosto, por ser este o tempo, que os pilotos mouros, que trouxera de Melinde, diziam que se podia ir demandar a costa de Arabia, e mandou a Pero Vaz Dorta, feitor da armada, e João Estão, escrivão, que corresssem todas as náos, e se informassem

dos mantimentos que cada huma tinha; e pela informação que acháram, se entendeu que na armada não averia mais mantimentos que pera quinze dias. Advertido Afonso Dalboquerque disto, mandou abrir hum payol de pão, que trazia na sua náó, o qual com muito cuidado mandára guardar, como vio que Tristão da Cunha não se ordenava bem naquella viagem, depois que partira de Portugal, receando que a dilação do tempo confundiria tudo, e mandou-o repartir por todos os capitães, ficando elle com sua igual parte, como cada hum delles, porque não quis que o que faltasse aos outros sobejasse a elle. Estando tudo prestes, esperando tempo pera se partirem, deu tão grande temporal do sudoeste, a dous dias do dito mes, na armada, que ouveram de çoçobrar todas as naos, e da força do tempo cassaram todas as amarras que tinham, e o rey grande foi quasi fóra de sonda, e milagrosamente o teve huma amarra. Vendo-se Afonso Dalboquerque de noite nesta fortuna, ficou muy agastado por não ter assentado com os capitães o caminho que avia de fazer, e onde o iriam aguardar, se as naos se desamarrassem. E logo de noite no meio daquella tormenta aventurou o seu esquife, e escreveu aos capitães, que sendo caso que seus peccados quisessem que alguma nao se desamarrasse com aquelle tempo, e desse vela, que o fossem aguardar ás ilhas de Curia Muria, e ali juntos averiam conselho do caminho que fariam. E com este recado mandou a cada hum delles hum piloto dos mouros, que trazia de Melinde. E prouve a nosso Senhor, que como foi menhaã, o tempo abonancou, e deu lugar aos marinheiros pera emendarem suas amarras. E chegando-se o dia de sua partida, mandou Afonso Dalboquerque chamar os capitães, e todos os pilotos, assi mouros, como Christãos, e disse-lhes, que o

tempo pera se partirem era chegado, que feria bom praticarem o caminho que fariam, se o do estreito de Meca, ou o de Ormuz, ou se iriam logo demandar Dio, e Cambaya, e em que parte destas se poderia melhor prover a armada de mantimentos, porque tinha delles muita necessidade. Apresentadas estas cousas, e tirados todos os inconvenientes, que ouve naquelle conselho, assentaram que com aquelles ponentes fossem demandar o esteito de Ormuz, e tomar Mazcate, e ali se determinariam no que se avia de fazer, e que naquella paragem de Çocotorá, Fartaque, e Ofar andassem oito dias agoardando as naos, que naquelle tempo sahiam de Barbara, e Zeila, e de todo o mar roxo pera Dio, e Cambaya, e pera todos os lugares do Malabar.

Assentado isto, fizeram-se todas as náos prestes de vergas dalto, e ancoras a pique, e o grande Afonso Dalboquerque se despedio de D. Afonso de Noronha seu sobrinho, capitão da fortaleza, e de toda a mais gente que nella ficava, e deu-lhe conta de sua determinação, e assi lhe disse o tempo, em que esperava de o tornar a ver. E partio-se daquelle porto do Çoco a dez dias do mes de Agosto do anno de mil e quinhentos e sete, fazendo o caminho do norte via de Fartaque, e Dofar. E sendo naquelle mar da garganta do Estreito do mar Roxo, foy o vento, e a cerração tão grande, que por não forçarem os aparelhos, correram hum pouco mais largo, por averem vista de Curia Muria, porque não era tempo pera agoardarem naquella paragem, como tinham determinado; e ainda que ouvessem vista dalguma náó, não fazia mar, nem vento pera abalroarem polo grande perigo que avia, e tambem porque forçadamente aviam de fazer este caminho, e perdia-se nisto muito tempo. E indo assi correndo largo com aquelle

vento, a treze dias do dito mes ouveram vista de huma terra alta junto com Curia Muria, a que os mouros chamam Nooz, e foram ao longo della até se fazerem sete legoas das ilhas; e pela cerração ser grande, não ouveram vista dellas, e por ser já noite, se fizeram todos na volta do mar por se afastarem da terra. E como foy menhaã, tornárão-na outra vez a demandar, e não a víram aquelle dia: os pilotos se fizeram pela altura avante de Curia Muria na costa de Nordeste Sudueste. Afonso Dalboquerque lhe pos huma bandeira na quadra, e veio á fala com elles, e disse-lhes que naquella altura, que se elles faziam, não podia ser avante de Curia Muria; porque navegando polo rumo de Nordeste, como elles diziam, hiam varar nas ilhas: e isto que elle disse não pareceo bem aos capitães, nem aos pilotos, e fizeram aquella noite o caminho do norte, e elle o consintio por obedecer ao conselho de muitos. E indo allí de noite vespera de nossa Senhora Dagosto, sendo já o quarto da prima rendido, achou-se Antonio do Campo, que hia diante, no rolo do mar com muito vento, e muito marulho, e tirou dous tiros. Afonso Dalboquerque tanto que os ouviu, mandou fazer final ás náos pera virarem na volta do mar: e todos se fizeram naquella volta, indo os pilotos com os prumos na mão até se acharem fóra de sonda; e como ali chegaram mandou-lhe fazer final de pairo, e todos lhe responderam, e esteve aquella noite com o forol aceso pairando, e as náos todas por sua popa.

## CAPITULO XIX.

De como o grande Afonso Dalboquerque, pela muita necessidade que tinha de mantimentos, se foi na volta do estreito de Ormuz, e chegou a Mascate.

PASSADA toda aquella noite, ao outro dia pela menhaã mandou o grande Afonso Dalboquerque dizer aos capitães que fizessem sua navegação direito a terra pera tomarem Calayate, porque pela muita falta de mantimentos que avia na armada, não fazia fundamento de aguardar as naos naquella travessa; e tambem por lhe dizerem os pilotos mouros que lhes parecia que deviam ser já passadas, porque os tempos foram tão rijos, que se partissem de Adem, em tres dias eram navegadas. E com esta determinação foram todos na volta da terra, e dali a tres dias ouveram vista de huma ponta della, a que os mouros chamavam Madrica, e foram-na sempre costeando com aquelle resguardo que cumpria, indo de dia na volta da terra, e de noite na volta do mar, por fazerem seu caminho mais seguro, até averem vista do cabo de Maceiras. E vindo hum dia pela menhaã do mar demandar a terra, os pilotos mouros não na conheceram, porque huns se faziam de dentro do cabo de Refalgate, e outros a ré delle, e embarçou-os correrem as agoas ali muito teso pera dentro do estreito Dormuz; e polo mar ser brando, e os ventos irem abonçando de cada vez mais, mandaram os pilotos mouros chegar as naos bem a terra, e surgiram em fundo de vintecinco até quatorze braças, porque ainda que a costa seja aparcelada, he limpa, e de boa

tenha: e toda esta terra junto do mar he escalvada, e areosa, e no sertão ferras muito altas, e ásperas. Os pilotos mouros como aqui chegaram, conheceram logo que estavam antre o cabo de Refalgate, e a ponta de Maceiras. E ali esteve a armada furta aquella noite; e em amanhecendo a não Taforéa, que ficára mais de fóra, tirou dous tiros, e foram logo ver da gavea o que era, e o gageiro disse que via tres vélas ao mar. Afonso Dalboquerque mandou recado a Antonio do Campo, e Manoel Telez que se fizessem á véla, e fossem ver que náos eram; e sendo caso que perdessem a armada de vista, que se fossem ao longo da costa, e no cabo de Refalgate o achariam, porque o piloto mouro que levava, sabia muito bem a terra. Partidos estes capitães, mandou Afonso Dalboquerque fazer as outras náos todas á véla, e foram surgir aquelle dia á tarde de dentro do cabo de Refalgate, que he huma costa bem affombrada, e limpa, e de bom surgidouro; e estando ali, chegaram Antonio do Campo, e Manoel Telez, e disseram que as náos, que o Gageiro vira, eram tres barcos de pescar, e com o ar do mar pareciam vélas grandes, e por o vento ser calma, lhe fugiram á véla, e ao remo, e acharam ali naquelle porto, onde estiveram aquella noite, trinta, ou quarenta navios de pescar, que vem ali da cidade de Ormuz, Calayate, e de toda aquelle costa fazer sua pescaria de Bonitos, e Albecoras, porque he grande carregação deste peixe pera muitas partes, como o Atum do Algarve, e queimaram-nos todos, e ao outro dia pela menhaã partiram com bom vento, e levavam os bateis das naos com mastos, e vélas, e sobre a tarde foram ter á boca de hum rio, e dentro fazia huma grande lagoa; e mandou Afonso Dalboquerque ao mestre da Taforéa que fosse no batel ao longo

da terra, e viu que coufa era, e que fonda tinha, e achou sete braças, e a lagoa era de agoa falgada, e achou dentro quatro zambucos pequenos, a que poferam o fogo, e dali foram sempre ao longo da costa por parcel de vinte, vinte cinco braças, fundo limpo, ter a hum lugar pequeno de casaf palhaças, que os pilotos mouros differam fer de pescadores, e por terra ao longo da costa hia muita gente de pé, e de cavallo, e camelos dandadura, seguindo a nossa armada, a qual foi sempre por este parcel até vista da Cidade de Calayate. E tanto avante como o porto, mandou Afonso Dalboquerque aos capitães que tomassem as vélas grandes, e se possessem dê verga dalto, e mandassem embandeirar as naos, e fazer prestes toda sua artelharia; e com os traquetes, e mezenas, levando seus bateis por diante, fossem furgir diante da Cidade, e assi o fizeram todos com grande prazer, e muitas gritas, sem trombetas, porque lhas não quis dar Tristão da Cunha.

## CAPITULO XX.

Do que o grande Afonso Dalboquerque passou com os Governadores da Cidade de Calayate, chegando a ella.

**C**HEGADO o grande Afonso Dalboquerque com sua armada a Calayate, gastaram aquella tarde toda em concertarem suas náos, e se aparelharem, e ao outro dia pela menhaã mandou hum batel a terra, e nelle Pero Vaz Dorta, feytor da armada, e João Estão, escrivão, e Gaspar Rodrigues lingoa. Chegados a terra, os mouros, que logo acodiram á praia, lhe perguntaram, que era o que queriam, e donde eram. E Pero Vaz

Dorta lhe respondeo pelo lingoa, que aquella armada era delRey dom Manuel, Rey de Portugal, e senhor das Indias; que o capitão mór, que nella vinha, queria faber que lugar aquelle era, e de que reyno, e senhorio. Os mouros lhe responderam, que aquella cidade se chamava Calayate, e que era do reyno de Ormuz, que se alguma cousa quisessem, que lha dariam de muito boa vontade; e com esta resposta, que os mouros deram, se tornáram Pero Vaz Dorta, e João Estão, e differam a Afonso Dalboquerque o que passava. Ao outro dia pela menhaã o goazil, e os regedores da cidade lhe mandaram dizer que mandasse dous homens seus em terra, porque lhe queriam mandar outros dous a falar com elle. Afonso Dalboquerque lhe mandou dous moços seus, e de terra vieram dous mouros honrados, e differam-lhe da parte do goazil, e regedores da cidade, que tudo aquillo, de que tivesse necessidade pera a sua armada, lhe mandariam dar de muito boa vontade, porque desejavam de ter paz, e amizade com elRey de Portugal, e trouxeram-lhe hum presente de laranjas, limões, romans, e galinhas, e alguns carneiros; e porque com todas estas boas palavras, e presente, não deixava de andar muita gente ao longo da praia, e pela cidade armados, e vestidos como Turcos com seus arcos, lanças, espadas, e cimitarras, e na ribeira tinham huma estancia com quatro bombardas, não lhe quis o grande Afonso Dalboquerque tomar o seu presente, dizendo-lhe, que não avia de aceitar nenhuma cousa de pessoas, a que ouvesse de fazer a guerra, senão quisessem ser vassallos delRey de Portugal, cujo capitão mór elle era, enviado por seu mandado ao reyno, e cidade de Ormuz. Os mouros lhe responderam, que se elle hia a Ormuz, que aquella era a porta, que os tratasse bem, e elles lha abririam,

e entraria na casa: e que pois a sua determinação era ir-se ver com o rey de Ormuz seu Senhor, que se concertasse com elle; e quando não quizesse concerto nenhum, que elles estariam á obediencia delRey de Portugal, e como seus vassallos lhe pediam muito, que os não quizesse destruir, nem fazer-lhe guerra. Afonso Dalboquerque mandou chamar os capitães, e deu-lhe conta desta reposta, que os regedores da cidade lhe mandaram, e assentaram todos, que querendo-lhes elles dar todos os mantimentos, que ouvessem mister pera a armada, pela muita necessidade que delles tinham, que devia de diffimular, e dar-lhe seguro até chegar a Ormuz, e fazer da necessidade virtude até averem os mantimentos. Assentado isto, despedio Afonso Dalboquerque os mouros com esta reposta; e como os regedores da cidade desejavam muito a paz, pelo receo que tinham da nossa armada, por não estarem apercebidos, tornaram logo a mandar os mouros com sessenta fardos de arroz, e outros tantos de tamaras, e trinta carneiros, e outros refrescos da terra. Afonso Dalboquerque, porque não sabia como focederiam as cousas de Ormuz, não quis tomar nada de graça, e mandou-lhe pagar tudo o que lhe trouxeram. Os mouros não queriam aceitar a paga, dizendo, que aquelle presente, que lhe os regedores da cidade mandavam, era em final de amizade, porque todos estavam prestes pera fazer tudo o que elle mandasse, e que por isso não aviam de tomar paga nenhuma; e se o rey de Ormuz não quizesse fazer paz, que elles lhe entregariam a cidade. Afonso Dalboquerque todavia lhes fez tomar per força a paga, e mandou-lhes fazer hum seguro em nome delRey dom Manuel, assinado por elle até sua chegada a Ormuz; e porque neste seguro não entravam as naos dos estrangeiros, que estavam no

porto, mandou-lhe tomar huma nao de Adem, que feria de dozentos toneis, que ali estava carregando de cavalos, e tamaras. O senhorio da nao vendo que lha tomavam, focorreio-se ao Goazil, que era governador da cidade, pedindo-lhe que lhe valesse a não lhe tomarem a sua não, e o Goazil mandou dizer a Afonso Dalboquerque, que por honra daquella cidade lhe pedia por mercê lhe mandasse aquella não, que elle daria tudo o que mandasse. Afonso Dalboquerque se escufou, dizendo, que a tinha dada a Gaspar Rodrigues lingoa, que se a elle quisesse resgatar, que bem o podia fazer, que lhe pesava muito de o não poder servir com ella, e que elle lhe mandaria que se concertasse com o senhorio da não, e Gaspar Rodrigues se concertou com elle, e deu o dinheiro ao feitor pera despesas da armada.

Calayate he huma Cidade tão grande como Santarem, mal povoada, com muitos edificios antigos derribados. E segundo a informação que Afonso Dalboquerque teve de alguns mouros, parece que foi destruida por Alexandre, que conquistou toda aquella terra: bate o mar nella, o porto he muito bom, e está assentada ao pé de humas ferras grandes, e da banda do sertão, hum pouco afastado da Cidade, tinha hum muro de altura de huma lança, que fae do ceo da ferra, e vem ter ao mar: fizeram isto os moradores por amor dos mouros do sertão, porque os vinham muitas vezes afrontar, que he do senhorio de hum rey, que se chama o Benjabar, o qual tem muita gente de cavallo; derredor da cidade não ha arvore nenhuma, senão humas poucas de palmeiras, que estavam junto de huns poços de agoa, donde bebem: e do sertão lhe vem todo o mantimento de trigo, cevada, milho, e tamaras, que de tudo isto ha muyto nelle. Este porto he grande escapola de naos, que ali vem carregar

de cavalos, e tamaras pera a India. O rey de Ormuz mandava ali hum mouro honrado cada anno por goazil, este governava a justiça, e fazia guerra, e paz, quando lhe parecia bem. E nas rendas, e direitos, que se pagavam ao rey, não entendia senão hum capado criado do Cogear, e em todos os lugares do reyno de Ormuz tinha posto estes seus escravos capados, que governavam a fazenda, aos quaes se tinha grande obediencia na terra.

## CAPITULO XXI.

De como o grande Afonso Dalboquerque se partio da cidade de Calayate, e foi ter a Curiate, e o tomou por força de armas.

**R**ECOLHIDOS os mantimentos, despedio o grande Afonso Dalboquerque os mouros, que andáram neste concerto, que tinha comfigo, e partio-se do porto hum Domingo vinte e dous dias de Agosto, levando sempre a costa na mão, com determinação de lhe não ficar nenhum lugar em toda ella, que não visse o que nelle podia fazer, porque avia por cousa muito principal pera levar Ormuz nas mãos, senhorear primeiro todos os lugares, e portos, que por aquella costa achasse, e queimar-lhe todas as náos pera se não poderem ajudar dellas. E indo assí á vista da terra, disse aos pilotos mouros, que elle tinha hum roteiro, que fizera hum piloto mouro, que se chamava Omár, de todos os portos, villas, e lugares daquella costa, andando ali em companhia de Vicente Sodrê, e dizia nelle, que cinco legoas de Calayate estava hum porto, que se chamava Icce, que lho mostrassem (cuidando que era lugar grande,) e os pilotos lho mostraram, e era hum rio de agoa doce,

em que as náos, que navegam pera o estreito de Ormuz, vão fazer sua agoada, e a nossa armada passou á vista delle; e como foram perto de Curiate, surgiram hum pouco longe da terra por ser tudo parcel, e Afonso Dalboquerque mandou a Manuel Teles, e Antonio do Campo que se chegassem a terra quanto mais podessem, dando resguardo ao que podia a maré mingoar, sendo baixamar de todo; e como foram surtos, poseram as náos de verga dalto, e embandeiraram-nas todas, e estiveram aquella noite, sem lhe vir de terra ninguem falar; e avido conselho do que fariam, ainda que ouve diferentes pareceres nelle, assentaram de destruir o lugar; e porque era grande, polo não cometer ás cegas, determinou o grande Afonso Dalboquerque juntamente com os capitães de o irem ver, e assentarem a maneira que teriam pera desembarcar em terra, e meteram-se no batel da sua náó, e foram demandar a ribeira. E chegados perto della, os mouros, que andavam ao longo da praia, não quizeram ter pratica com os nossos, e começaram-lhe a fazer muitas rebolarias: e tinham feito daquella parte huma estancia de madeira de cinco palmos de largo entulhada de terra, que tomava toda a face do lugar, e nella tinham assentadas quatro bombardas grossas, e muitos archeiros, e outros de lanças compridas em guarda della: e mais abaixo desta tinham feito outra na borda dagoa á maneira de bastião, cercada de madeira, e entulhada de terra, da mesma largura da outra, e ficava de preamar cercada de agoa, porque se metia entre ella, e o lugar hum esteiro, na qual tinham duas portas, huma em revés da outra, pera por ellas poderem acodir a qualquer parte que fosse necessario. Como Afonso Dalboquerque vio as estancias, e vio que os mouros não queriam fala delle, e se pu-

nham em determinação de se defender, mandou-lhe tirar do seu batel com huns falcões, que levava, e recolheu-se ás náos. Os mouros tambem por sua parte começaram-lhe a tirar com suas bombardas, e com muitas frechas. E porque neste porto está hum ilheo pegado na terra, e de baixamar podem passar a pé enxuto ao lugar, e os mouros com pouca força que ali tivessem podiam defender a desembarcação á nossa gente, mandou Afonso Dalboquerque a Antonio do Campo, que logo de noite fosse com cem homens tomar este ilheo, e se fizesse forte nelle.

Ordenado tudo isto, como foram horas, vieram-se os capitães em seus bateis a bordo da náo Capitaina pera dali partirem todos; e porque a este tempo era já baixa mar de todo, determinou Afonso Dalboquerque de desembarcar mais abaixo do lugar, pera com menos perigo das bombardas das estancias poderem os nossos tomar terra, e disse aos capitães esta sua determinação, pera cada hum ser advertido do que avia de fazer. E chegado ao ilheo, onde Antonio do Campo estava, mudou Afonso Dalboquerque o conselho, e quis dar nas estancias por aquella parte com toda a gente em humã batalha, por ser pouca pera se poder repartir em duas; porque ganhando aquella estancia, em que os mouros tinham toda sua força, e confiança, as outras, que estavam da outra banda do lugar, se renderiam sem pelear. Ordenado isto, disse a Antonio do Campo que o tivesse em olho, e que ao tempo que elle dresse na estancia, pela outra banda dresse elle tambem com toda sua gente de rosto nella, e apertasse rijo com os mouros, porque esperava em Nosso Senhor de os desbaratar, e por ali levar a cidade nas mãos. Avisado Antonio do Campo disto que avia de fazer, foi-se Afonso Dalboquerque ao

longo da ribeira desembarcar da outra parte, onde tinham affentado, e com toda sua gente foram caminhando devagar; e sendo perto da estancia, appareceo huma foma de mouros, que vinham por derredor de hum outeiro, que está fobre o lugar, como gente, que queria dar nos nossos pelas costas. Afonso Dalboquerque, como os vio, mandou Afonso Lopez da Costa com sessenta homens, que lhe fosse tomar o outeiro, e os esborrondasse dali abaixo, e volvesse logo onde elle estava. Afonso Lopez da Costa deo nos mouros mui esforçadamente, e desbaratou-os, matando alguns, e tornou-se logo onde os nossos ficavam, e todos juntos cometêram a estancia. Antonio do Campo, como estava com o sentido no que lhe Afonso Dalboquerque tinha dito, vendo que os nossos pelejavam na estancia, deu na trafeira dos mouros por aquella parte, donde lhe era mandado. Os mouros afrontados dos nossos, começaram atirar com a sua artelheria, e muitas frechas, defendendo-se hum bom espaço, e feriram alguns soldados da companhia de Antonio do Campo. Passada esta furia da artelheria, os nossos cometeram com tanto esforço, que per cima das estancias pelejando entraram com os mouros dentro no lugar, e foram-lhe seguindo o alcance por espaço de meia legoa, trazendo á espada todos os mouros, molheres, e mininos, que fugiam pera o sertão; e porque a calma era grande, e a nossa gente hia já muito cansada, tomou Afonso Dalboquerque hum outeiro, e arvorou nelle a sua bandeira, e deixou-se estar, e mandou a Francisco de Tavora, Afonso Lopes da Costa, e Antonio do Campo, que á sua vista, apartados huns dos outros, fizessem outro tanto com os seus guiões, pera terem a gente que não fosse após os mouros, e a João da Nova, e Manuel Teles que se tornassem ao lugar, e recolhessem toda a

gente, que andava solta por elle; e achando alguns mouros, os trouxeffe todos á espada, e elle deixou-se estar naquelle outeiro até horas de beſpora; e como teve recolhida toda a gente, veio-se ao lugar, e mandou reparar as estancias dos mouros, e fez-se forte nelle até se recolherem os mantimentos, de que tinha muita necessidade: e no alcorão da misquita mandou arvorar huma bandeira, e pôr dez homens pera vigiarem dali o campo; e como teve todos os mantimentos recolhidos, e os despojos, que poderam levar, mandou pôr fogo ao lugar, principalmente a humas casas, em que estava a força dos mantimentos, por se os mouros não aproveitarem delles; e foi o fogo tão forte, que nem ficou casa, nem edificio, nem a misquita, que era huma das fermosas que se vio, que tudo não viesse ao chão: e mandou cortar as orelhas, e os narizes a todos os mouros, que se ali tomáram, e deixalos pera irem a Ormuz ser testemunhas de sua desaventura. Tomáram-se neste lugar vinte e cinco peças de artelharia, e muita quantidade de arcos, frechas, e lanças, e outras armas, e queimaram-se trinta e oito naos, entre grandes, e pequenas; e acabado isto, recolheu-se com todos os capitães ás naos, e cada hum se foi pera a sua fazer prestes pera ao outro dia se partirem caminho de Mascate.

Curiate he hum lugar grande, a povoação principal está ao longo do mar, e da banda do certão he hum pouco espalhada, averia nelle, ao parecer de todos, cinco, ou seis mil homens. He escapola de muitas naos, que vem ali carregar tamaras, de que ha muita quantidade, assi no lugar, como no sertão; e porque o porto he hum pouco aparcelado, e corre o mar, não ha nelle carregação de cavalos, avendo muitos na terra: tem poços de agoa muito boa, de que os moradores bebem: queimá-

ram-se duas naos muito grandes, que estavam em esta-leiro, corregidas, e concertadas pera lançar ao mar, que eram de hum colfairo, que ali vivia.

## CAPITULO XXII.

De como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Curiate, e foi ter a Mascate, e o que nelle passou.

COMO foi menhaã, mandou o grande Afonso Dalboquerque fazer toda a armada á véla, e em quatro dias chegaram á cidade de Mascate, que he porto principal de toda aquella costa, e aquelle dia á tarde entraram dentro no porto todas as naos, salvo Manuel Teles, e Francisco de Tavora, que ficáram de fóra, por lhe acalmar a viração. Surtos todos, vieram logo a bordo da nao capitaina dous mouros honrados em huma almadia; e porque já sabiam a destruição de Curiate, disseram a Afonso Dalboquerque, que os regedores daquella cidade lhe mandavam pedir que lhes não fizessem nenhum mal, porque elles queriam ser vassallos delRey de Portugal. Afonso Dalboquerque lhe perguntou se traziam elles poder dos regedores, e povo da cidade pera falarem em concerto: os mouros lhe responderam, que elles não traziam seu poder, mas que abastava virem ali por seu mandado; e elle lhes disse, que lhe não podia responder, sem primeiro entrarem dous capitães, que ficavam de fóra: que se tornassem pera terra, e que ao outro dia pela menhaã viessem seguros a elle, e que assentaria com elles tudo o que fosse serviço delRey de Portugal, e senhor das Indias. Partidos os mouros com esta resposta, porque Francisco de Tavora, e Manuel Telez

eram já entrados, mandou-lhe Afonso Dalboquerque que fossem ambos nos seus bateis fonder o porto, que braças teria dalto dali até terra, e que trabalhasssem por verem o modo das estancias, que os mouros tinham feitas; e elles foram-se ao longo da ribeira, depois de terem fonder o fundo, e viram tudo muito bem; e tornados pera as naos, differam-lhe, que os mouros tinham feito ao longo do lugar hum muro de madeira de dez palmos de largo, e vinte de alto, entulhado de terra muito forte, e de huma parte, e da outra hia entestar em duas ferras muito altas, que vinham acabar dentro do mar, que o faziam mais forte: e nelle tinham feito hûns repairos, como baluartes, com muitas bombardas da grandura dos nossos camelos postas nelles, e que podiam desembarcar ao pé do muro com preamar; e estando Afonso Dalboquerque nesta pratica com Francisco de Tavora, e Manuel Telez, chegaram os dous mouros, que o dia dantes vieram com poder dos regedores pera tratarem de paz, e differam-lhe que aquella cidade queria estar á obediencia delRey de Portugal, e fazer tudo o que lhe elle capitão mór mandasse da sua parte. Dado este recado, mandou-os Afonso Dalboquerque fair pera fóra, e praticou com os capitães, que já ahi estavam, o assento que tomaria com elles; e depois de praticado o que lhe avia de responder, mandou-os chamar, e disse-lhes, que se aquella cidade quisesse estar á obediencia delRey de Portugal, e pagar-lhe cada anno aquelle tributo que fosse rezão, e chegando a Ormuz dar-lhe todos os mantimentos de que tivesse necessidade, que elle lhes não faria a guerra, mas antes os guardaria, e defenderia como vassallos delRey seu senhor. Os mouros lhe responderam, que os moradores daquella cidade eram contentes de serem vassallos delRey de Portugal, e pagar-lhe

cada anno os direitos, que pagavam ao rey de Ormuz, que eram muitos; e quanto aos mantimentos que pedia, que por aquella só vez lhe dariam todos os de que tivesse necessidade. Afonso Dalboquerque porque lhe não pareceo autoridade de sua pessoa estar em regatarias com elles, mandou a Antonio do Campo, Pero Vaz Dorta, e João Estão, escrivão da Armada, que falassem com os mouros lá fóra, e lhe dissessem, que com aquellas condições que diziam os receberia á obediencia delRey de Portugal; mas que lhe aviam de dar mantimentos, e agoa em abastança pera aquella armada, levado tudo á sua custa á cidade de Ormuz, em quanto nella estivesse. Passadas muitas praticas, que com elles tiveram sobre este concerto, tornou o feitor dizer a Afonso Dalboquerque, que os mouros não queriam dar mais do que tinham prometido. Enfadado elle desta resposta, mandou-os chamar, e disse-lhes, hum pouco apassionado, como oustavam elles de negar a aquelles officiaes delRey seu senhor o que lhes pediam, pois lançados aos seus pés, lhe tinham dito que queriam ser seus vassallos: que se fossem logo, e dissessem aos regedores da cidade, que ao outro dia pela menhañ lhe mostraria como os cavalleiros portuguezes castigavam os lugares, que não queriam estar á obediencia delRey de Portugal, e do seu capitão mór. Os mouros vendo Afonso Dalboquerque menencorio, e que os lançava de si, sem nenhum modo de concerto, temeram-no muito, e lançaram-se aos seus pés, que lhes perdoasse, que elles fariam tudo quanto quisesse, e elle os mandou que fossem falar com Antonio do Campo, e com o feitor: Os mouros fizeram tão affombrados, que fizeram tudo o que lhe pediram; e acabado este concerto, foram-se pera terra muito contentes, e começaram logo a trazer os mantimentos que poderam

até noite; e quando veio pela menhaã, que Afonso Dalboquerque esperava que acabassem de cumprir com elle, não tornaram, nem recado nenhum da terra, e esteve allí suspenso até o meio dia, sem poder entender que mudança seria esta; e pera se melhor determinar no que faria, meteo-se no seu esquife com D. Antonio de Noronha seu sobrinho, e D. Jeronymo, e outros, e foi-se ao longo da ribeira dissimuladamente, a fim de entender este negocio, e ver o modo de suas estancias. E a este tempo que chegou a terra, estava o batel de Afonso Lopez da Costa na ribeiratomando agoa, e do contramestre que nelle estava soube que toda aquella noite ouvera grande prazer, alvoroço, e gritas na cidade, e diziam que era chegado hum capitão do sertão com dez mil homens de lanças compridas, e adargas, que o Benjabar mandava em favor da cidade, e que a nova mais certa se saberia dos grumetes, que eram nos poços a tomar agoa. Afonso Dalboquerque disse ao contramestre que dissimuladamente recolhesse os grumetes, e se lhe fosse trabalho recolher as pipas, que as deixasse. Os grumetes, que estavam nos poços, vendo o alvoroço dos mouros, receosos de os matarem, deixaram parte das pipas, e recolheram-se ao batel com muita pressa, e contaram a Afonso Dalboquerque a mesma nova, que o contramestre tinha dado; e elle depois de ter visto tudo muito bem, veio-se á Taforea, que estava mais perto da praia, e mandou Dinis Fernandez no seu esquife a terra, e que lhe chamasse hum daquelles mouros; que andara no concerto da paz. Os mouros, que andavam pela praia, que eram muitos, como viram o esquife, remeteram a elle pera o tomar. Dinis Fernandez como hia precatado de suas treições, como os vio alvoroçados, não chegou fóra, e tornou-se pera as naos com alguns

marinheiros feridos das frechas, com que lhe tiraram. Afonso Dalboquerque vendo o desavergonhamento dos mouros, mandou Afonso Lopez da Costa, Antonio do Campo, e Manuel Teles, que se chegassem com os seus navios a terra quanto podessem, e deixassem regueiras por popa ao mar, para se alarem a ellas cada vez que lhe fosse necessario, e dali esbombardeassem a cidade para os cançar, porque determinava de dar nelles como fosse menhaã. Os capitães levaram suas ancoras, e foram furgir, alli como lhe Afonso Dalboquerque tinha mandado, e começaram atirar com a artilharia ás estancias, ás quaes fizeram pouco nojo por ser o muro entulhado de terra; e elles vendo que dali não faziam nenhum nojo, mudaram-se para defronte de hum reparo, que os mouros tinham feito fóra do muro, onde tinham duas bombardas, e estava hum pouco descuberto de modo, que lhe podia a nossa artilharia fazer nojo, e como começou a jugar, desemparraram os mouros as bombardas, e fugiram. Afonso Lopez da Costa como vio o reparo desemparrado dos mouros, parecendo-lhe que podia tomar as bombardas, meteo-se no batel com a sua gente, e foi cometer o reparo para lhas tomar, e Antonio do Campo foi-se nas suas costas para o focorrer, se fosse necessario; e em chegando a terra, foram tantos os mouros, que acodiram em focorro das bombardas, que se Afonso Dalboquerque no seu esquife não acodira para os recolher, ouveram todos de passar mal, e com tudo quando já chegou era ferido Afonso Lopez da Costa, e cinco homens dentro no seu batel ás frechadas, e felos recolher, reprehendo-os muito de cometerem aquelle feito fóra do que lhes tinha mandado, e mandou-lhe que não deixassem de atirar com a artilharia ás estancias, porque ainda que lhe não

fizessem nojo, aquebrantariam os mouros, que estavam nellas.

## CAPITULO XXIII.

De como o grande Afonso Dalboquerque por conselho dos capitães cometeo o lugar de Mescate, e o destroio, e o que nisso passou.

**P**ASSADAS estas cousas, mandou o grande Afonso Dalboquerque chamar todos os capitães ás suas naos, e disse-lhes, que bem sabiam os comprimentos, que tinha feito com os regedores daquella cidade de Mascate, e que verdadeiramente lhe pesava muito não quererem estar pelo concerto, que tinha feito com elles; e a principal razão, que o a isto movia, era ser hum lugar muito abastado de mantimentos, e ter hum porto muito bom pera recolhimento das naos, que navegassem da India pera Ormuz, quando por ali passassem; e socedendo alguma necessidade, estando em Ormuz, dali se podiam prover do necessario; e que ainda que o lugar parecesse forte, como todos viam, e com muita gente, que determinava de o cometer, e destroilo, pela rebeldaria que lhe tinham feito, confiado no poder de Nosso Senhor, que era maior que tudo, que lhe dissessem o que lhes parecia. Os capitães responderam, que em cousa tão assentada, e tão determinada não tinham que aconselhar, que fizesse o que quizesse, que elles o seguiriam. Afonso Dalboquerque, posto que nesta reposta entendeu nelles não lhe parecer bem darem no lugar, polo verem differente na fortificação dos outros, que cometeram, com tudo dissimulou com elles, e mandou-lhe que se fossem pera as naos, e se fizessem prestes; e ouvindo o seu atambor, viessem a bordo da sua com

toda a gente. E ao outro dia, sendo já a estrela dalva fóra, mandou-lhe fazer o final, e os capitães se embarcaram logo, e foram demandar a nao capitaina, e dali partiram todos direitos a terra, e Jorge Barreto hia no batel de Afonso Dalboquerque com a sua gente, e elle só no esquife, ordenando a cada hum o que havia de fazer; e porque o lugar da entrada era differente dos outros, e muito mais perigoso pera cometer, e convinha fazerem-se todas as diligencias pera mais a seu salvo se poderem valer dos mouros, mandou a Francisco de Tavora, e a Afonso Lopes da Costa, que ambos juntos com a sua gente cometessem as estancias pela parte da mão direita, e como fossem dentro, correffem ao longo do muro, e se fossem ajuntar com elle, que avia de entrar pela parte da mão esquerda; e que depois das estancias entradas, juntos em hum corpo, entrariam o lugar, porque eram poucos pera o cometerem em duas batalhas. Dito isto, abalaram todos, e com muita furia foram cometer as estancias; e porque a este tempo era preamar, e os nossos aviam de desembarcar ao pé do muro, começaram os mouros de cima átirar com muitas frechas, e pedras, de modo que os nossos tiveram affás trabalho, antes que desembarcasssem; e como foram em terra, abalou Afonso Dalboquerque com a gente que levava, e foi cometer as estancias pela banda esquerda, porque ali estava a maior força de gente: e a este tempo deram Afonso Lopes da Costa, e Francisco de Tavora em as mesmas estancias pela outra banda da mão direita, como estava assentado. Os mouros, que estavam nellas, defenderam-se hum grande espaço valerosamente; mas os nossos, ainda que foi com trabalho, lhas entraram por força, e mataram muitos delles. Francisco de Tavora, e Afonso Lopez da Costa tendo entradas as

estancias, não se lembrando do que lhe Afonso Dalboquerque tinha dito, com aquelle impeto, e esforço, com que as cometeram, foram seguindo os mouros até os meterem por huma rua do lugar, onde mataram a alguns; e porque acudiram muitos, estiveram em risco de se perderem, e dali voltaram, e foram-se ao longo do muro demandar Afonso Dalboquerque, que os reprendeo muito por se desmandarem, tendo-lhe dito que se viessem ajuntar com elle. E todos juntos abalaram, e foram cometer o lugar; e por as ruas serem estreitas, e as lanças que levavam compridas, e tambem pela competencia que ouve antre elles de quererem huns passar diante dos outros, começaram-se a embaraçar de modo, que os mouros nesta revolta ás frechadas feriram a muitos: e com todo este trabalho os nossos cometeram aos mouros com tão grande esforço, que o capitão, que lhes veo do fertão com sua gente em socorro do lugar, como se vio apertado, virou as costas, e fogio. Afonso Lopez da Costa, e Francisco de Tavora, que eram na dianteira, lhe foram seguindo o alcance, e Afonso Dalboquerque com toda a outra gente detrás, dando-lhe costas, e foram após elles hum bom pedaço fóra da cidade. Antonio do Campo, deixado Afonso Dalboquerque, em cuja companhia hia, com sua gente foi seguindo hum golpe de mulheres, que se recolhiam pela ferra acima, e matou a muitas dellas. João da Nova, porque a sua gente andava toda espalhada, com alguma, que pode recolher, foi seguindo huns poucos de mouros, que se hiam recolhendo por hum vale abaixo, e matou a muitos, e mulheres, e meninos, que levavam consigo, sem dar vida a ninguem, de modo que allí huns, como outros, fizeram grande estrago em elles, e mataram a alguns mouros principaes da cidade, e a hum capado,

que governava a terra por mandado do rey de Ormuz. Afonso Dalboquerque chegou a Francisco de Tavora, e mandou-lhe que fosse pelo campo a recolher a gente, que andava espalhada, que elle o esperava ali; e como foram juntos, volveo-se á cidade, e todos os mouros, molheres, e meninos, que achavam por essas casas, traziam á espada, sem dar vida a ninguem. E porque os nossos hiam muito afrontados da calma, e do trabalho das armas, e aquelle dia não tinham comido, e no lugar não avia mouros que arrecear, mandou aos capitães que os recolhefsem, e foram-se fóra do lugar deſcançar a huns poços de agoa, onde os moradores bebiam, tendo em tanto suas atalaias postas á vista dos mouros, porque não podelſem vir de fupito dar nelles; e mandou ali trazer muitos fardos de tamaras, de que todos comeram, e beberam daquella agoa, e deixaram-se estar ali hum bom pedaço até que todos deſcansaram: e depois diſto recolheo-se ao lugar, e mandou aos capitães que tomaſſem estancias da banda do fertão, e ſe fizelſem fortes nellas, com tranqueiras nas ruas, com bombardas pera se defenderem dos mouros, ſe os quizeſſem comer, e que poſeſſem fogo ás casas do arrabalde, por onde os marinheiros aviam de carregar agoa pera as naos, porque ſe não eſcondeſſem nellas alguns mouros, que lhe deſſem trabalho, quando a foſſem buscar. Poſto tudo nesta ordem, deu licença a todos que roubaſſem o lugar, e diſſe aos capitães, que cada hum tivesse cuidado de recolher ás ſuas naos todos os mantimentos que po-deſſem, porque hiam pera terra, onde haviam de ter muita neceſſidade delles; e que tivesſem boa vigia nas estancias, alli de noite, como de dia, porque os mouros estavam na terra vendo o que todos faziam; e ſe viſſem deſcuido nelles, não feria muita dúvida cometerem-nos

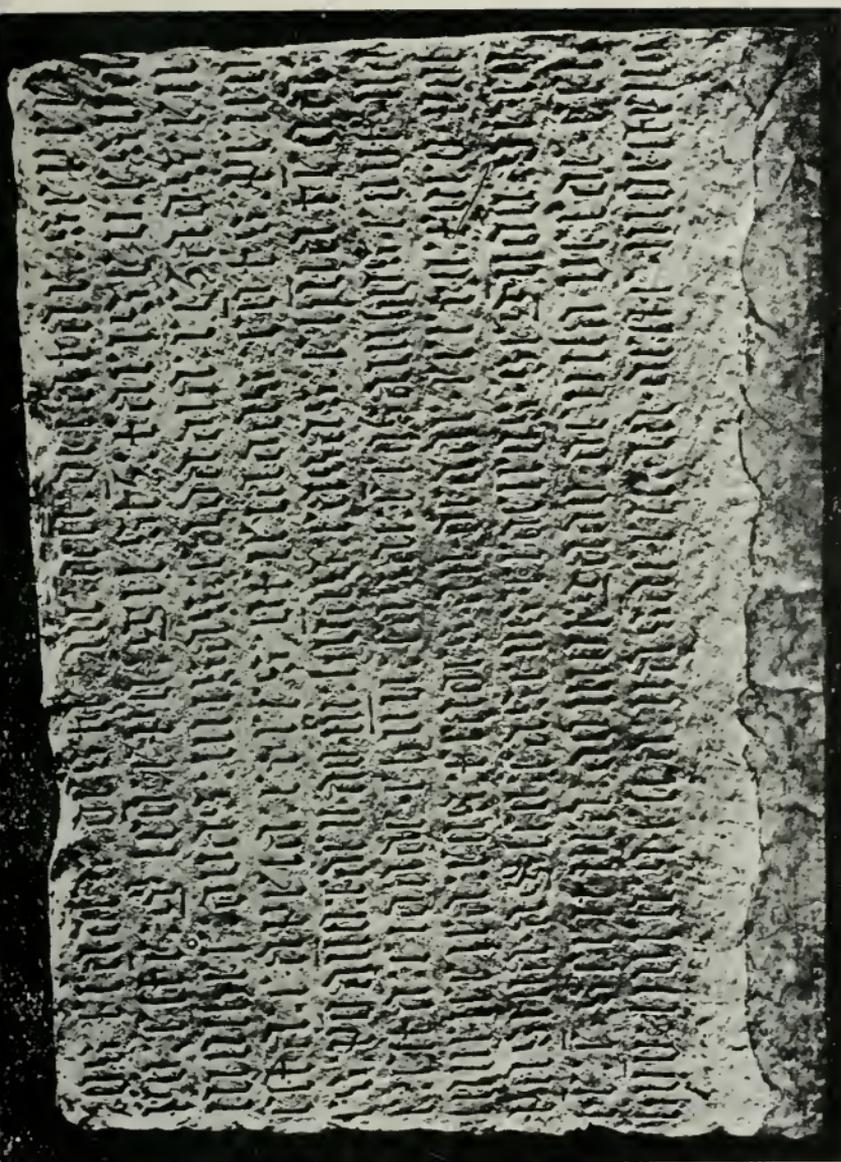
humã noite, porque gente não lhe avia de faltar, que do fertão lhe viria quanta quisessem. Os nossos começaram a faquear em oito dias, que ali estiveram, e não acharam cousa de que podessem lançar mão: e hum dia, entrando hum soldado em huma casa, levando huma chuça nas mãos, foi dar por desastre com ella em huma parede do frontal da casa, e fez hum buraco, por onde entrou dentro, e ali achou muitas mercadorias; porque os mouros daquelle lugar, com receo que tinham da gente do fertão, que os vinha roubar, faziam huma casa dentro nas suas, sem nenhum portal, nem janela, e tinham-nas cheas de muitas mercadorias. Sabido isto dos nossos soldados, dali por diante não ficou casa, que elles não arrombassem, onde acharam cousas de muito preço, e a cobiça dellas lhe fez esquecer o trabalho, que tinham passado; e acabado cada hum de recolher os despojos, que achou, e as naos providas de mantimentos, mandou Afonso Dalboquerque aos capitães, que cada hum tivesse seu dia de guarda, pera se poder carregar agoa pera as naos, sem perigo dos que a carregassem; e porque nas naos avia muita falta de pipas pera recolherem a agoa, por virem todas arrombadas da grande quentura do sol, mandou aos capitães que recolhessem todos os tanques de pão, que achassem em a cidade, que os mouros costumam de trazer em as suas naos com agoa; e os que fossem tão grandes, que não podessem caber pelas escotilhas, que os mandassem pôr em o convés, porque hiam pera terra, aonde lhe aviam de aproveitar muito; e assi se estes tanques não foram muito trabalhosamente, se podera a nossa gente sustentar em Ormuz depois de lá serem. Como tudo foi recolhido, mandou Afonso Dalboquerque aparelhar as naos de mastos, vergas, e enxarceas, porque de tudo tinham muita necessidade.

Tomaram-se neste lugar muitas armas, arcos, frechas, lanças, e outras armaduras de ferro a seu modo, e muito cobre, trinta bombardas antre grandes, e pequenas, e muitas mercadorias de toda a forte, que os nossos queimaram polas não poderem levar.

#### CAPITULO, XXIV.

De como o grande Afonso Dalboquerque mandou pôr fogo á cidade de Mascate, e do milagre que aconteceu no derribar da misquita, e como se recolheo ás naos, e se partio.

**E**STANDO o grande Afonso Dalboquerque prestes na ribeira com toda a gente pera se embarcar, deceo hum mouro da ferra com huma bandeirinha branca, e chegou a elle com seguro, e disse-lhe da parte dos regedores, que pois lhe Deos dera aquella cidade, e a ganhara, como esforçado cavaleiro, que se contentasse de lhe terem mortas suas molheres, e filhos, e não lhe queimassem as casas, nem as naos. Afonso Dalboquerque lhe respondeu, que a elle lhe pesára muito de ver destruida huma cidade tão nobre como aquella; mas que a culpa disso era sua delles, pois lhe faltaram do concerto, que lhe tinham feito, confiados na gente que lhe viera do sertão, e que pois alli era, não tinham rezão de lhe pedirem nada; que se quisessem reigatar o lugar, naos, e mantimentos, que nelle ficavam, que até o outro dia ao meio dia lhe mandassem dez mil xerafins em ouro: e não lhos mandando até aquellas horas, que lhes prometia de não deixar cousa, que não fosse cinza, e pó, e que a gente, que elles tinham na ferra em vista do lugar, lhe levaria recado da destruição delle. Passadas



Os frades deste m.<sup>o</sup> an de câtar sepre por este G.<sup>o</sup> L.<sup>o</sup> e por Gil Stz Farisen e sna molher duas missas cada dia rezadas en esta capela e tres oficiadas cõ tres procições por ano e den ao m.<sup>o</sup> hũas casas e hũa tenda e esta cidade e hũa casal e casinhos e outro na louriceira e os frades an de dar certo oro por pascoa a G.<sup>o</sup> L.<sup>o</sup> e a seus erdeiros segũdo se cõfé e scritura do morgado de Vila Verde e en hũa livro que esta na sãcristia deste moesteiro

Inscrição do Sarcófago dos Gómezes, na Graça, de Lisboa, onde jazeram durante séculos



as horas, que lhe tinha prometido, mandou pôr fogo á cidade, onde se queimaram muitos mantimentos, e trinta e quatro naos antre grandes, e pequenas, muitos barcos de pescar, e huma tereçana, que estava chea de tudq o necessario pera se as naos aparelharem: e mandou tres bombardeiros com machados a cortar os esteos da misquita, que era huma casa muito grande, e muito fermosa, a maior parte della de madeira muito bem lavrada, e por cima toda de argamassa. Tendo os esteos cortados, e querendo-se os bombardeiros sair pera fóra, deixou-se a casa vir toda junta sobrelles, de modo, que Afonso Dalboquerque os ouve por mortos: prouve a Nosso Senhor que saíram vivos, e sãos, sem ferida, nem pisadura alguma, assí como estavam em pé, cortando os esteos da misquita. Os nossos espantados, quando os viram, deram muitos louvores a Nosso Senhor por aquelle milagre, que fizera por elles, e pozeram o fogo á misquita, que ardeo toda, sem ficar nada della. E porque os nossos tinham muitos mouros, e mouras captivos, de que se não esperavam servir, nem levar comfigo, mandou Afonso Dalboquerque cortar as orelhas, e narizes a todos, e deixou-os livres. E ajuntou toda a gente, e deu huma volta pola cidade pera recolher alguns soldados, que andavam desmandados a roubar, e veio-se á praia pera se embarcar. Os mouros, que estavam na ferra, entendendo que os nossos se queriam recolher, começaram a decer abaixo. Vendo Afonso Dalboquerque que elles deciam da ferra, deixou-se estar na praia hum bom espaço com sua bandeira arvorada pera ver sua determinação. Os mouros como o viram estar quedo, deixaram-se vir mais de vagar. E os nossos dando graças a Deos pela vitoria que lhe dera, recolhêram-se ás naos com muito prazer, e contentamento,

tirando muitos tiros por festa. E elles vendo a nossa gente embarcada, decêram da ferra com muita pressa pera ver se podiam apagar o fogo, que andava na cidade, o qual era tão bravo, que não oufáram de entrar a apagaló: e a causa disto foi aver muitos azeites, e melaços em todas as casas.

Mascate he huma cidade grande, muito bem povoada, cercada da banda do sertão de ferras mui altas, e da banda do mar bate a agoa nella, e detrás nas costas contra o sertão tem hum campo tamanho, como o Rossio de Lisboa, todo feito em marinhas de sal, não que a maré chegue ali, mas a agoa, que nelle nasce, he salgada, e torna-se em sal: e aqui perto tem muitos poços dagoa doce, donde bebiam os moradores: tinha pumares, ortas, palmeiras com poços pera regar, que se tira agoa delles com engenho de bois. O porto he pequeno, de feição de huma ferradura, abrigado de todos os ventos, e he escapola principal do reyno de Ormuz, onde todas as naos, que navegam por estas partes, de necessidade hão de entrar, por se afastarem da outra costa dalém, que he de muitos baixos: he escapola antiga de carregação de cavalos, e de tamaras: he lugar muito gracioso de casas muito boas, vem-lhe do sertão muito trigo, milho, cevada, e tamaras pera carregarem quantas naos quizerem. Esta cidade de Mascate he do Reyno de Ormuz, e o sertão de hum rey, que se chamava o Benjabar, o qual tinha outros dous irmãos, entre os quaes era repartida esta terra, que se estende até Adem, e da banda do norte vem dar na ribeira do mar da Persia, e dali até cerca de Meca: e a este sertão chamam os mouros a Ilha de Arabia, porque o mar da Persia volve lá contra o mar Roxo, de maneira, que fica esta terra redonda cercada toda de mar, a saber,

do mar Roxo, e do mar da Persia. He terra muito pequena, e por isso lhe chamam os mouros Ilha de Arabia. Foi toda senhoreada de hum rey, que se chamava o Benjabar, e este teve tres filhos, e por sua morte deixou a terra repartida por todos tres, e que o mais velho se chamasse sempre Benjabar, como o pai, e os dous o reconhecessem por senhor. E este Benjabar tem seu senhorio sobre Fartaque, Dofar, Calayate, e Mascate, e vai confinar com a terra do Xequé de Adem: Os outros dous jazem sobre a ribeira do mar da Persia, e hum delles tinha tomado ao Rey de Ormuz a Ilha de Baharem, onde se péfa o aljofre, que estará cinco dias de navegação da Ilha de Ormuz; e alli lhe tinha tomado Catife, huma Ilha, que o Rey de Ormuz tinha na costa de Arabia. Nesta terra, que estes senhores tem, ha muitos cavalos, que os lavradores criam pera vender: tem muita abastança de trigo, milho, e cevada: tem grandes criações de gado: são grandes caçadores de falcão, que serão do tamanho dos nossos nebris, e tomam com elles humas alimarias mais pequenas que gazelas, e trazem galgos muitos ligeiros pera ajudarem os falcões a tomar estas alimarias.

### CAPITULO XXV.

Do que o grande Afonso Dalboquerque passou com João da Nova, e se partio de Mascate pera a Villa de Soar, e o que passou com os regedores da terra.

**R**ECOLHIDO o grande Afonso Dalboquerque ás naos com toda a gente, porque foi certificado que João da Nova tinha determinado de se ir caminho da India

fem fua licença, mandou-o chamar á fua nao, e perante os Capitães, que estavam presentes, lhe diffe, que tinha fabido, que elle fe queria ir caminho da India fem fua licença, e deixalo naquella guerra, tendo elle neceffidade de muitas mais naos, e gente da que trazia comfigo; e mais fendo a fua nao Flor dela mar tão poderofa, que ella só bastava pera destruir toda aquella costa: que fua determinação era pôr rofto na Cidade de Ormuz, deixando primeiro todos os lugares della destruidos, por lhe não ficarem nenhuns imigos por detrás. E pofto que Afonso Dalboquerque tinha entendido, que os Capitães eram neste confelho de fe João da Nova ir pera a India, por quão enfadados andavam já da guerra, pedio-lhes que lhe aconselhassem o que nifto devia fazer. Os Capitães lhe differam, que pois fua determinação era ir a Ormuz, e destruir todos os lugares, que não quifessem vir á obediencia delRey de Portugal, que não diziam elles Flor dela mar, mas vinte naos, que ali tivera, todas avia de levar comfigo; e differam ifto, porque dizendo o contrario, estava claro terem-no aconselhado que fe foffe; e com este parecer dos Capitães tomou Afonso Dalboquerque a menage a João da Nova, e mandou-lhe fob pena do cafo maior que fe não foffe, e que o feguiffe fempore, e elle o fofreo fem lhe responder nada, porque não estava fóra daquella culpa, e diffo mandou fazer hum affento por João Estão, e que o notificaffe ao mestre, e piloto, e toda a gente da nao, e mandou aos capitães que fe foffem pera as naos, e levaffem fuas ancoras, e fe fizeffem á véla ao longo da costa, como tinham de cofume. E indo affi, passáram por junto de feis ilhas despovoadas, huma ante outra; e Afonso Dalboquerque por fe fegurar, mandou aos pilotos que se foffem ao mar dellas por fer de noite, e ao outro dia

pela menhaã se chegáram mais a terra, por não descorrerem Soar, e os pilotos mouros differam que Soar era mais avante; e fendo naquella paragem, lhe deu o vento por devante, que lhe foi forçado chegarem-se a terra, e furgíram duas legoàs della, e ali estiveram toda aquella noite; e como foi menhaã, víram hum lugar grande, e muito fermofo. Afonso Dalboquerque preguntou aos pilotos mouros como se chamava aquelle lugar, e elles lhe differam, que era a fortaleza de Soar, e que o não oufavam de levar a ella por fer muito forte, e ter muita gente de pé, e de cavalo, e que se o ali desbarataffem, que se tornaria a elles: e Afonso Dalboquerque lhes respondeo, que ainda que Soar fosse muito forte, que feria delle o que fora dos outros lugares, e que olhaffem o que faziam; porque no roteiro, que Omar piloto fizera, tinha os lugares de toda aquella costa; e que se dali por diante passaffem algum, que os avia de mandar lançar todos ao mar com camaras de bombarda ao peçoço: e mandou levar ancora, e chegou-se com toda a armada o mais perto da terra que pode, e por fer parcel, forgíram meia legoa do lugar. Surta toda a armada, veio logo hum mouro da terra com recado a Afonso Dalboquerque do alcaide da fortaleza, e disse-lhe, que aquella fortaleza era do rey de Ormuz, que não fizesse fundamento de desembarcar em terra, e que não cuidasse que avia de fazer nella o que fizera nos outros lugares por onde passára, porque lho aviam de defender mui differentemente delles. E com esta reboalaria que o mouro disse, começáram em terra fazer mostra de gente de pé, e de cavalo, tangendo suas trombetas, e anafijs, sem cessarem. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que dissesse ao alcaide, que ouvesse bom conselho; porque não querendo estar á obediencia delRey de Portugal

feu senhor, que fosse certo, que ao outro dia pola me-nhaã feria com elle em terra, e que lhe avia de tomar a fortaleza, e prendelo em ferros. O mouro se foi, e não mui contente com esta reposta, nem os nossos o ficaram, vendo hum lugar tão grande, com huma fortaleza muito forte, e tanta gente nella; mas pelo que tinham passado nos outros lugares, tiveram confiança em Deos nosso Senhor os ajudar. Partido o mouro com a reposta, mandou Afonso Dalboquerque notificar aos capitães o que passára com o mouro, e que se fizessem prestes, e levasse cada hum sua escada pera sobir ao muro, e elle mandou fazer prestes dous tiros pera levar, e muitos machados, enxadas, e alferces, e todo o apparelho que compria pera fazer huma estancia forte, donde podesse bater a fortaleza; porque não na podendo logo levar nas mãos, estivessem a tão bom recado, que dali se podessem recolher aos bateis a feu salvo; e deu-se tanta pressa nisto, que ao outro dia ao meio dia tiveram tudo prestes, e embarcado nos bateis. Estando pera se partirem pera terra, chegaram tres mouros, homens principaes, com recado do alcaide, e regedores da terra pera Afonso Dalboquerque, e disseram-lhe, que elles tinham despedido de si dous mil homens de cavalo, e cinco mil de pé, que lhe o Benjabar tinha mandado pera os ajudarem a defender de sua senhoria, e por se não fiarem delles, os não quizeram meter comfigo na fortaleza; e pois o rey de Ormuz lhes não mandava o socorro, que lhe mandáram pedir, que elles queriam ser vassallos delRey de Portugal, e o alcaide estava prestes pera lhe entregar a fortaleza. A reposta, que lhe Afonso Dalboquerque deu, foi, que dissesem ao alcaide, e regedores, que elle aceitava o lugar, e fortaleza em nome delRey de Portugal feu senhor; e que folgava muito de se elles

arrependerem do recado, que lhe tinham mandado, pelo pesar que tinha de ser forçado destruir hum lugar tão nobre, como aquelle era; e que isto avia de ser com condição, que lhe pagassem aquelle tributo que fosse rezão. Os mouros ficáram tão affombrados de verem o aparelho, que estava prestes nos bateis pera irem combater o lugar, que não quizeram dilatar o negocio, e disseram-lhe que não era necessario tornarem a terra, que com elles podia fazer qualquer concerto que quizesse, porque pera tudo traziam larga commissão dos regedores, e alcaide da fortaleza.

### CAPITULO XXVI.

De como o grande Afonso Dalboquerque mandou huma bandeira aos regedores de Soar pera se pôr em huma torre da fortaleza em final de paz: e o recebimento que lhe fizeram, e o mais que passou.

COMO o grande Afonso Dalboquerque desejava que não ouvesse dilação neste negocio, quis logo tomar conclusão com os mouros, dizendo-lhes, que pois queriam ser vassallos delRey de Portugal, e estar á sua obediencia, que lhes queria mandar huma bandeira das suas armas reaes pera a mandarem arvorar na torre da menagem, por final que eram seus vassallos; e que seria necessario irem a terra, e dizerem ao alcaide, e regedores do lugar, que se viessem á borda da agoa com todo o povo a recebela, e que elle a mandaria ali levar. Partidos os mouros com esta reposta, mandou Afonso Dalboquerque a Francisco de Tavora, e Afonso Lopez da Costa, que fizessem prestes os seus bateis

muito bem embandeirados, e a sua gente armada das melhores armas que tivessem, para acompanharem a bandeira, que avia de ir no batel da sua náó: e disse a D. Antonio de Noronha seu sobrinho, que se fizesse prestes para ir nelle acompanhando a bandeira até terra, e a Jorge Barreto de Castro, e Aires de Sousa Chichorro, e Duarte de Sousa de Portalegre para a levarem com cinco homens bem tratados, que os acompanhassem, e João Estão, escrivão da armada, para dar fé de tudo: e advertio os capitães, que estas pessoas, que aviam de levar a bandeira, não sahissem em terra, sem primeiro ficarem nos bateis certos mouros por arrefens, e que na fortaleza não entrasse ninguem, senão aquelles, que tinha ordenado para a levarem. Posto tudo nesta ordem, partiram-se os capitães, e chegando a terra, pediram seis mouros para ficarem nos bateis, os quaes lhe logo deram, e Jorge Barreto com os outros de sua companhia desembarcaram, e o alcaide, e regedores, que estavam na praia esperando com todo o povo, recebêram a bandeira com grande festa, e começaram a caminhar, e o alcaide da fortaleza hia diante della muito bem vestido, com sua espada Turquesca na cinta, e hum pao na mão, fazendo lugar, dando na gente, que era muita, de huma parte, e da outra; e chegando á porta do castelo, entrou Duarte de Sousa com a bandeira, e os mais que tenho dito, e foram-a pôr na torre da menagem, a qual como de nossas náos foi vista, atiraram toda a artilharia por festa. E João Estão tomou posse por elRey de Portugal do castelo, e fechou as portas, sem ficar nelle ninguem, e de tudo passou hum estormento. Acabado isto, vieram-se todos a embarcar, e soltaram os mouros, que estavam por arrefens.

Ao outro dia pela menhaã, mandou o alcaide da for-

taleza pedir licença a Afonso Dalboquerque pera entrar nella, e que elle estaria á obediencia delRey de Portugal, e faria tudo o que elle ordenasse. Afonso Dalboquerque mandou chamar os capitães, e alguns fidalgos, e homens honrados da armada, e deu-lhes conta deste recado, que o alcaide lhe mandára, pedindo-lhes que lhe dissessem o que faria nisto. Os mais foram de parecer que devia de foster a fortaleza, porque tendo nella hum capitão com gente, teria o pé no pescoço a toda aquella costa. Afonso Dalboquerque lhes respondeu, que quando vira aquella fortaleza tão forte, determinára de a foster; mas porque sua determinação era ir sobre a cidade de Ormuz, e não tinha náos, nem gente pera poder acudir a huma cousa, e á outra, mudára o conselho, determinando de a deixar entregue ao alcaide, e ir-se, até ver o assento que as cousas de Ormuz tomavam; e porque neste parecer de Afonso Dalboquerque assentáram todos, mandou dizer ao alcaide, que querendo estar á obediencia delRey de Portugal, e ser seu vassallo, lhe daria aquella fortaleza. O alcaide, porque desejava tomar conclusão, e tornar a ser senhor da sua fortaleza, mandou logo hum criado seu com recado a Afonso Dalboquerque, dizendo, que aceitava a mercê que lhe fazia; e que pois aquella fortaleza era delRey de Portugal, e elle tinha alevantada a obediencia ao rey de Ormuz, que mandasse dar ordem com que se pagasse o soldo á gente, que ali tinha pera a guardar, porque não lhe pagando, se iriam todos. Pareceo justa a razão do alcaide a Afonso Dalboquerque, e que em nenhuma maneira podia deixar de pagar o soldo á gente, que ali estava, pois não determinava de foster a fortaleza, e mandou chamar os regedores do lugar, e disse-lhes, que o tributo, que aviam de pagar em cada hum anno, avia

de fer foldo, e mantimentos pera a gente, que o alcaide avia de ter pera guarda da fortaleza, allí como pagavam ao rey de Ormuz, fazendo-lhe huma carta escrita em Arabigo, daquelle concerto, afinada por elles, e pelo alcaide, e que elle lhes faria outra em nome delRey de Portugal, e assellada com o selo real das suas armas, e com estas condições os receberia á obediencia de elRey de Portugal. Os regedores se foram a terra, e mandáram ajuntar todo o povo da cidade, e termo, e apresentáram-lhe isto que Afonso Dalboquerque pedia, e todos assentáram que se fizesse tudo o que pedisse: e ao outro dia pela menhaã lhe mandáram a carta afinada per todos, e hum presente de vacas, carneiros, e galinhas: e elle lhes mandou outra assellada com o selo delRey de Portugal, e ao alcaide, e a dous mouros principaes do lugar algumas cousas de Portugal, e mandou por Gaspar Rodrigues lingua visitar hum capitão do Benjabar, que ali ficára com trinta de cavallo, quando despedíram a gente, que viera em soccorro da fortaleza pera ver as nossas naos, e os Portugueses, e mandou-lhe hum bacio de prata de agua ás mãos, e huma cadea de ouro. Feito isto, despedio-se do alcaide, e regedores, e mandou aos capitães que se fizessem prestes pera ao outro dia partirem.

A povoação de Soar he mui grande, e mui fermosa, e de muito boas casas, tem huma fortaleza quadrada com seis torres derredor, e sobre a porta da fortaleza tem duas mui grandes, o muro he de boa altura, e largo arrezoadamente, está assentada junto do mar em huma grande enseada, que a costa ali faz, he porto mui aparcelado; estavam as nossas náos furtas em seis braças, e dali á terra avia grande meia legoa. A fortaleza he tão grande, que lhe são necessarios mais de mil homens

pera a defender. Dizem que se póde cercar de agoa doce, porque a tem pegada comfigo: o affento da fortaleza he muito gracioso, e de preamar chega a agoa quasi pegada com o muro: dentro na fortaleza não avia mais casafas que pera a gente que a guardava. As casafas do alcaide eram mui fermofas, o qual era hum homem principal de Ormuz, que o rey antecessor do que então reinava destruiu, e lançou fóra da cidade por competencias, que teve com hum criado feu; porém era hum homem muito estimado antre os mouros de cavaleiro. A gente, que podia aver no lugar, seriam seis mil homens, e dahi pera cima, e cincoenta de cavallo, os mais delles acubertados de cubertas de aceiro, e dellas de humas escamas de ferro, affentadas a maneira de hum telhado cuberto de azulejos, e são tão fortes, que as não poderá passar huma besta, e as testeiras dos cavalos tambem são desta feição: as fellas são Turquescas, hum pouco altas dos arções, e os estribos são como os dos Turcos; as esporas que trazem são humas pontas de ferro, ou de cobre, postas em huma chapa pegadas no calcanhar do borzeguim, e ali anda sempre. Este lugar de Soar he mais cavaleiroso que nenhum desta costa: a terra he mais defabafada de ferras pera o fertão que os outros lugares della: tem muito grande termo, e tudo são lavouras de trigo, milho, e cevada, e por a terra ser grossa tem grandes criações de gado, e de cavalos. O fertão desta terra he do Benjabar, e tem pazes com o rey de Ormuz; e quando alguma hora ha differenças antre elles, e a gente do Benjabar lhe corre, acolhem-se logo á fortaleza. Esta gente do fertão se chama os Badens, e a mór parte de gente de cavallo são archeiros, e alguns trazem lanças, e maças Turquescas, e toda a de pé anda nua da cinta pera cima: trazem carapuças

de feltro, lanças, e adargas, os cavalos são mouriscos, de casta grande, bem feitos, e corredores: carrega-se neste porto muitas tamaras, e milho.

## CAPITULO XXVII.

De como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Soar, e se foi ao longo da costa direito a Orfação, e de como o tomou.

**D**ESPEDIDO o grande Afonso Dalboquerque do alcaide, e régedores de Soar, ao outro dia pela menhaã se fez á véla, e foi-se direito a Orfação, e aquella noite se fez na volta do mar por se afastar de huma enseada grande, que a terra ali faz, e ao outro dia, indo assi ao longo da costa, ouveram vista de hum zambuco pequeno, que sahia deffas quintãs, que jazem ao longo do mar; e vendo-o, mandou Afonso Dalboquerque os bateis apos elle pera lho tomarem; o zambuco corria tanto á véla que o não poderam alcançar, e perderam-no logo de vista, e depois se soube que hia avisar Orfação da nossa armada, e dahi fora seu caminho via de Ormuz; e indo assi todos ao longo da costa, viram hum lugar muito grande, e os pilotos mouros de Melinde se embaraçaram hum pouco no conhecimento da terra; mas o piloto, que Afonso Dalboquerque tomára em Çocotorá, lhe disse, que aquelle lugar era Orfação, e no livro de Omar assi se chamava. Chegada a nossa armada diante do lugar, furgiram os navios pequenos chegados a terra, e as naos grandes ficáram hum pouco mais de largo, e cada huma dellas furgio duas ancoras, por não ser boa tença; e como foram dentro no porto, os do lugar lhe deram huma mostra com muita gente de pé, e de cavallo, e

muitos camelos, e avia antre elles grande revolta. Afonso Dalboquerque mandou aos capitães, que de noite se fizessem todos prestes, porque determinava, não se vindo os moradores do lugar meter em suas mãos, e fazerem-se tributarios delRey de Portugal, de dar ao outro dia pela menhaã nelles. Neste tempo andava a gente da terra, assi de cavallo, como de pé, ao longo da praia, dando muitas mostras de si, escaramuçando huns com outros, tangendo seus atabaques, e dando suas gritas acostumadas, e ora faziam mostra que lançavam huma almadia ao mar, e outra vez tornavam-na a tirar pera terra, e os camelos não faziam senão sair pela porta da villa carregados de fato pera o sertão, e assi passaram todo este dia até noite, sem ninguem vir da terra ás naos. Como se a noite cerrou, mandou Afonso Dalboquerque avisar os capitães, que como ouvíssem tocar o seu atambor, se fizessem todos prestes, e aparelhassem seus bateis; e sendo duas horas depois da meia noite pelos espertar, mandou fazer final, e os capitães, como estavam prestes, vieram-se logo a bordo da não capitaina; e chegando a ella, começou de amanhecer, e dali partiram todos em ordem muito concertados direitos ao lugar, no qual avia muita gente, e huma parte della estava no muro, que vai pera o sertão, e outra muita em huma ferra, que está sobre a villa, e alguma de pé, e de cavallo andava ao longo da praia. Os nossos, como chegaram, começaram-lhes logo átirar com as bombardas, que levavam nos bateis. Os mouros receosos dos nossos tiros, deixáram a praia, e recolhêram-se á villa; e como a praia foi despejada, desembarcou a nossa gente, e fizeram-se em duas batalhas: na dianteira hia Francisco de Tavora, Afonso Lopez da Costa, e João da Nova com alguns fidalgos, e cavaleiros da armada; e

Afonso Dalboquerque com os outros capitães, e toda a mais gente em outra; e em chegando, deram no lugar por duas partes, e na sua batalha era Antonio de Noronha seu sobrinho na dianteira, que foi seguindo o alcance aos mouros até os meter por huma porta; e como foram dentro, deixaram o postigo aberto, e poseram-se com os nossos ás lançadas. E estando nisto, chegou Afonso Dalboquerque, e vendo D. Antonio de Noronha á porta, disse-lhe: *Ah sobrinho, que vergonha he esta, inda vós aqui estais?* e em lhe dizendo isto, cobrio-se com a adarga, e entrou pelo postigo dentro ás cutiladas com os mouros, e pôs as costas na porta, e defendeo-a té que os nossos entraram de roldão com elles, e ali mataram muitos. Francisco de Tavora com os outros capitães a este tempo entraram pela outra parte do lugar per força, onde mataram muitos mouros, os quaes como se víram atalhados de huma parte, e da outra já desbaratados, poseram-se em fugida, e os nossos lhe foram seguindo o alcance. E Afonso Lopes da Costa com a sua gente na dianteira, e Antonio do Campo apos elle seguiam os mouros por huma ferra arriba, em que elles cuidavam que tinham sua salvação, por amor das pedras, com que se podiam ajudar; mas os capitães hiam tão pegados com elles, que por não fazerem mal aos seus, deixaram de o fazer aos nossos; e porque a nossa gente se hia engodando com os mouros, acodio Afonso Dalboquerque com a gente, que comsigo tinha, e foi-os recolher, e tornou-se outra vez a fazer em corpo dentro no lugar (que já estava despejado,) e em chegando, vio fair hum golpe de mouros pela porta da cerca da villa, e mandou a Francisco de Tavora que lhe fosse tomar a dianteira; e elle com todos os outros capitães, e gente foi-lhe dando costas. E passando hum palmar, que está

logo na faida do lugar, alcançou Francisco de Tavora alguma gente daquella, que hia fogindo, e não deo vida a ninguem, e tornou-se a recolher pera onde Afonso Dalboquerque estava, como lhe tinha mandado. Recollido Francisco de Tavora, vendo Afonso Dalboquerque que todavia os mouros hiam de vagar, e como gente cansada não podiam andar, mandou a D. Antonio de Noronha com oitenta homens, parte delles bésteiros, e espingardeiros, que os seguisse, e apertasse rijo com elles, porque poderia ser que lhe ficasse todo o despojo, que levavam nas mãos, e que elle estaria á sua vista, porque se fosse necessario socorrelo, que o faria; e porque os mouros hiam longe, foi-os D. Antonio seguindo mais de pressa, e em pouco espaço chegaram á gente de pé: os de cavallo como viram os nossos pegados com os seus, que hião a pé, fizeram volta pera os salvarem, e ás frechadas feriram alguns, antre os quaes foi Antonio Vogado criado do Condestabre, que ouve huma frechada no rosto. Os mouros de cavallo como se viram maltratados dos nossos bésteiros, e espingardeiros, deixaram a companhia que levavam, e poseram-se em fogida, e não oufaram mais de volver; e neste espaço, que a nossa gente andou ás lançadas com os mouros de cavallo, tiveram os de pé tempo pera se alongarem delles hum bom pedaço, e D. Antonio os tornou outra vez a seguir; e chegando a elles, poseram-lhes as lanças, e mataram muitos, cativaram molheres, e meninos, e tomaram-lhes todo o despojo que levavam. Afonso Dalboquerque vendo que D. Antonio se hia desmandando, e não era tempo pera ir mais avante, por a nossa gente ir muito cansada, mandou-lhe recado que se tivesse, e que se recolhesse pera onde elle estava. E nesta companhia de D. Antonio eram João Estão, Antonio de Sá, Pedralvares, Nuno

Vaz de Castello-branco, Antonio Fragofo, Aires de Soufa Chichorro, Fernão Soarez, Lizuarte de Freitas, Antonio de Lis, João Teixeira, Antonio da Costa, Joane Mendez, e João Coelho, todos cavaleiros honrados, que naquelle tempo não viviam com ElRey, e queriam antes merecelo por seus serviços, que por seus pais, nem avós, e outros muitos, que aquelle dia pelejaram muito valerosamente; e como foram todos juntos, mandou Afonso Dalboquerque recolher todo o gado, que andava no campo, e os capitães que tomassem suas estancias no muro pera guardarem o lugar, até se recolherem os mantimentos, de que tinham muita necessidade. E estando allí todos em suas estancias, vieram muitos mouros por aquelle cabo da ferra, que vinha ter sobre o muro, onde Antonio do Campo tinha a sua estancia, tirando pedras com fundas, e muitas frechas; e porque era lugar, onde os nossos não podiam ir, por ser huma ferra ingrime, mandou Afonso Dalboquerque trazer das naos cinco tiros de artelharia, e mandou-os affestar na torre, que estava pegada com a estancia de Antonio do Campo, e dali começaram átirar aos mouros, que estavam defronte em chapa, e mataram quatro, ou cinco, os quaes como se víram maltratados da artilharia, e não tinham nenhum emparo na ferra, que os defendesse dos tiros, recolhêram-se, e recolhidos, tornaram outros muitos pela outra banda da ferra, e foram-se pôr sobre os poços, que estavam fóra da villa, e dali lançavam galgas á nossa gente, que andava fazendo aguada. Os bésteiros, e espingardeiros, que estavam á porta da villa em guarda dos que andavam acarretando agoa pera as náos, começaram-lhes de atirar, e derribaram tres, ou quatro: os mouros como se víram apertados, recolhêram-se aquelle dia, e não vieram mais, e ao outro pela menhaã vieram

tres mouros de cavallo com huma bandeira branca perto do lugar, pedindo seguro aos nossos, que queriam falar com o capitão daquella armada; e parece que não queriam nada, porque depois que lhe deram seguro, não vieram mais.

Como se Afonso Dalboquerque vio fóra destes sobrefaltos, e que os mouros eram recolhidos, mandou repartir pelas naos todos os mancebos, que se ali tomáram pera trabalhar, e com elles começaram todos os capitães a recolher os mantimentos, que se ali acháram, que eram poucos; e aos mouros velhos, que não aproveitavam pera trabalho, mandou cortar as orelhas, e os narizes, e soltalos, porque deste ferro ficavam assinalados todos aquelles, a que se dava vida; e antre estes mouros, que neste lugar foram cativos, tomou Nuno Vaz de Castelo-branco hum, que achou em huma casa, que por sua muita velhice não pode fugir; e porque em seus trajos lhe pareceo homem honrado, não o quis matar, e trouxe-o a Afonso Dalboquerque, o qual se lançou aos seus pés, e elle o mandou levantar, perguntando-lhe que homem era? O mouro lhe disse, que era hum dos tres governadores daquelle lugar, e por ser muito velho, e não poder andar, seus filhos, por salvarem as vidas, o deixáram no campo, e se foram, e elle por escapar á furia da sua gente, não quísera aguardar no campo, e se tornára a aquella casa, onde aquelle cavaleiro o achára. Afonso Dalboquerque lhe perguntou pelas coufas de Ormuz; e elle lhe deu larga enformação dellas, e contou-lhe muitas coufas antiguas daquelle reyno, porque era muito velho, e muito lido: e louvou muito o esforço dos Portugueses, e disse-lhe que verdadeiramente não lhe podia negar que eram pera conquistar todo o mundo; porque lendo elle a vida de Alexandre, que aquella

terra conquistára, não achára que a sua gente tivesse nenhuma ventage á Portuguesa. Afonso Dalboquerque espantado do mouro dizer que lêra a vida de Alexandre, perguntou-lhe onde a lêra, porque elle tambem era lido, e muito afeiçoado a suas coufas. O mouro tirou hum livro do ceio escrito em Parse, enquadernado em veludo carmesim ao seu modo, e deu-lho, que Afonso Dalboquerque mais estimou que quantas coufas lhe poderá dar, e ouve-o por bom pronóstico pera a determinação, que levava pera conquistar Ormuz: e mandou dar a este mouro hum vestido de escarlata, e outras coufas de Portugal, com que ficou muito contente, e muito mais de se ver livre com suas orelhas, e narizes. Neste porto se não acháram nenhuma naos da terra, nem estrangeiras, porque fugiram todas, tanto que foubem novas da nossa armada, e os mercadores Guzates tambem se foram pelo estreito da Persia dentro, com suas casas, e fazendas; e todas aquellas noites, que os nossos dormiram no lugar, lhes deram os mouros tantos rebates, que estavam mortos de cansados; e porém tinham tal vigia em si, que ainda que foram dez mil, os não podéram entrar. E tendo já os capitães tomado agoa em abastança, porque não sabiam se a poderiam tão cedo aver pela falta que della avia em Ormuz, mandou-lhes Afonso Dalboquerque que se recolhessem ás naos, e que cada hum por seu cabo possesse fogo ao lugar, e como o fogo começou a tomar posse, não ficou casa, nem edificio que tudo não viesse ao chão. Estando todos juntos na praia, embarcáram-se, dando muitas graças a Nosso Senhor pela mercê que lhes tinha feito.

Orfação he huma villa grande do reyno de Ormuz de muito boas casas: he mui forte da banda do sertão, e a causa disto era, porque se temia mais da terra que

do mar: viviam nella muitos mercadores Guzarates honrados: jaz ao pé de huma ferra muito alta, e da banda do fertão tem hum muro muito forte, que vem entrar no mar, e dous ilheos dentro no porto, que o fazem muito bom: tem muitas quintãs no fertão, de casas muito boas: muitas lorangeiras, limoeiros, zamboeiras, figueiras, palmeiras, e toda a maneira de ortaliza, e muitos poços de agoa, com que a régão: pelos campos muitos rastolhos de trigo, como o de Portugal, muitas milharadas. Tinham muitos barcos de pescar, e muitas redes, que tudo foi queimado: avia na villa grandes estrebarias pera cavalos: muitos palheiros de palha pera elles, porque neste porto ha grande cargação pera a India. A terra he temperada, e de bons ares; e passada esta ferra, que tem sobre o lugar, tudo dali por diante são grandes campos de lavouras, e criações, e todo aquelle fertão he senhorio do Benjabar, como os outros.

### CAPITULO XXVIII.

De como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Orfação pera Ormuz: e o que passou com os Capitães, chegando á vista da Cidade.

**E**MBARCAVO o grande Afonso Dalboquerque, ao outro dia pela manhã mandou fazer final aos capitães pera levarem suas ancoras, e se fazerem á vela; e indo allí todos com o terreno, deu-lhes huma torvoada da terra, com que o vento ficou calma; e porque as agoas corriam muito pera huma enseada, que a terra ali faz, tornou a armada toda a forgir, e com esta torvoada choveo tanta agoa por espaço de duas horas, que por

as naos trazerem as cubertas abertas da quentura do Sol, entrou a agoa dentro, e danou alguns mantimentos, e estiveram ali aquella noite, e ao outro dia pela manhã tornou o vento á terra, e fizeram feu caminho acostumado ao longo da costa; e passados dous dias, chegaram ao cabo de Macinde, e dobrado o cabo, hum dia á tarde ouveram vista de duas ilhas pequenas despovoadas, que jazem em este caminho de Ormuz; e sendo tanto avante, como ellas, disse hum mouro piloto a Afonso Dalboquerque, (o qual tomára em Orfação, e traziam comsigo pera o levar a Ormuz), que mandasse tomar as vélas ás náos, e fossem todos com os traquetes no mais, porque aquella noite feriam com a Ilha de Ormuz. Este mouro lhe contou, depois de se ver no mar, que avia dez dias que viera da cidade de Ormuz, e que o Rey sabia já da sua ida, e que tinha huma grande armada pera pelejar com elle, e que em a cidade avia muita gente, e muitos aparelhos de guerra. Afonso Dalboquerque não ficou contente desta nova, e disse ao mouro, que daquillo que lhe differa, não desse conta a ninguem. Os outros pilotos mouros, que Afonso Dalboquerque trouxera de Melinde, differam-lhe que fosse como hia, e não tirasse as vélas, porque tirando-as, até o outro dia não averia vista da Ilha de Ormuz. Afonso Dalboquerque pareceo-lhe bem o conselho destes pilotos, e mandou ir a armada com todas as vélas como hia até a meia noite, que mandou tirar hum tiro, e fazer quatro fogos, que era final pera amainar, e todos tomáram as vélas grandes, e contramezenas; e porque o mar era bonança, e o vento largo, deixáram-se allí ir com os traquetes até o quarto dalva, que mandou lançar prumo, e achou-se em vinte e cinco braças, e com isto fez final ás outras náos pera saberem que eram

em fonda, e todos mandáram lançar prumos ao mar, e acháram o mesmo, e com elles se deixáram ir até as duas horas ante manhã, que sintiram o ar da terra, e dali a pouco se começou alua a levantar, e víram a terra clara. Afonso Dalboquerque perguntou aos pilotos se era aquella a Ilha de Ormuz, que tinham por devante; e porque o ar era ainda pardo, não foubéram se era a Ilha de Ormuz, se a de Lara, ou se a de Queixome, porque todas tres estão em triangulo; e fendo já manhã clara, conhecêram ser a Ilha de Ormuz, e as outras duas estavam á vista; e porque o fundo hia mingoando de cada vez mais, Afonso Dalboquerque se agastou com os pilotos, e elles lhe disseram, que se não espantasse do fundo ir mingoando, porque era parcel, e avia de ir forgir no porto em cinco braças; e porque ao fair do sol eram já pegados com a Ilha, veio Afonso Dalboquerque á fala com os capitães, e disse-lhes, que se deixassem ir ao longo della, e que embandeirassem todas as náos, e fizessem prestes toda a artelharia, e muitas arrombadas, e a gente fosse toda armada, porque focedendo alguma cousa ao dobrar da ponta, donde se via toda a Cidade, não os tomassem desapercibidos: e todos se foram fazendo prestes devagar, e dobráram a ponta da Ilha todas as náos, humas diante das outras em ordem.

Dobrada a ponta, como os capitães víram a grandeza da cidade, e a muita gente de cavallo, que acodio á praia, e muitas náos no porto muito bem apercebidas de gente, e artelharia, ficaram assombrados, e com o assombramento que tinham, deixáram-se ir ao longo da nao de Afonso Dalboquerque, e disseram-lhe que olhasse o em que se metia, porque aquella Cidade não era como os outros lugares que tinha destruidos, porque em terra

parecia muita gente, e as naos eram muitas, e bem armadas, e que lhe parecia que seria inda muito mais do que viam, pois avia muitos dias, que em Ormuz se sabia a nova da sua vinda: que devia de aver bom conselho naquelle negocio, e não se determinar nelle só per si, sem parecer de todos. Afonso Dalboquerque, porque avia dias que andava enfadado das suas coufas, responde-lhes, que lhes confessava que aquelle negocio era muito grande, e muito pera arrecear; mas que elles eram já metidos em lugar, que lhes compria mais boa determinação que bom conselho, e não quis ter mais praticas com elles sobre isso, e mandou a Manuel Telez, e a Afonso Lopez da Costa que dessem ás vélas grandes, e fossem com os prumos nas mãos; e que se o fundo não mingoasse de cinco braças, como lhe os pilotos tinham dito, fossem forgir junto com as naos dos mouros, e que elle com os outros capitães os iriam seguindo: e assi foram todos forgir pegado com as naos dos mouros: os navios pequenos da banda da terra, e as naos grandes da banda do mar. E porque o navio de Antonio do Campo era pequeno, mandou-lhe que forgisse junto delle, e desse hum cabo á sua nao: e disse ao seu mestre, que lhe fosse forgir huma âncora boia com boia de huma nao, que estava junto com a sua, a qual era a maior que avia naquella armada; e como a armada toda foi furta, mandou salvar a cidade com toda a artelharia; e porque era já sol posto, não ouve mais tempo aquelle dia, que para se amarrarem muito bem, e toda aquella noite estiveram em vigia. As gritas dos mouros, e os tangeres dos atabaques, e anafis eram tantos, que não avia homem, que se entendesse hum com outro.

## CAPITULO XXIX.

Da armada, que o rey de Ormuz tinha no porto, e como estava concertada, e dos recados, que ouve antre elle, e o grande Afonso Dalboquerque.

COMO avia dias, que o rey tinha sabido novas certas da nossa armada, e a destroição que o grande Afonso Dalboquerque vinha fazendo nos lugares de toda aquella costa, começou-se fazer prestes pera pelejar com elle: e pera isto mandou arrestar todas as naos, que ao porto de Ormuz vinham, e ajuntou huma copia de sessenta grandes, nas quaes mandou meter muita gente de guerra, e artilharia, e tudo o mais que era necessario pera tal feito; e antre estas naos grandes avia hum do rey de Cambaya, que se chamava a não Meri, que feria de mil toneis, com muita gente, e artilharia, e todas as mais cousas necessarias pera sua defensão: e outra do principe de Cambaya de seiscentos toneis, aparelhada de maneira, que não tivesse necessidade dos almazens do Rey: e a fóra estas náos averia no porto duzentos galeões, que são huns navios compridos, que vogam muitos remos, e não muito grandes, e estavam aparelhados com duas bombardas grossas por proa, e arrombadas de facas de algodão, tão altas, que não pareciam os remeiros: avia tambem muitas terradas, (que são como barcas de Alcouchete), cheas de artilharia miuda, e gente armada de laudeis, e armas brancas, e a mais della archeiros: toda esta armada estava embandeirada de estandartes, e bandeiras de cores, que era coufa fermosa pera ver. As náos grandes estavam

da banda do mar, os galeões, e terradas da banda da cidade, com as proas nas popas huns dos outros: e nesta ordem tinham cercada toda a nossa armada: e na terra ao longo da praia averia, ao parecer de todos, quinze, ou vinte mil homens, gente muito luzida, e muitos delles a cavallo, tangendo suas trombetas, e anafis; as gritas no mar, e na terra eram tamanhas, que parecia que se fundia o mundo. Vendo Afonso Dalboquerque esta ordem, em que os mouros tinham a sua armada, e que o seu defenho era pelejar, mandou chamar os capitães, e perguntou-lhes o que faria, e por onde começaria primeiro, porque sua determinação, com ajuda de Nosso Senhor, era pelejar com aquella armada, por maior que fosse, e aventurar a vida, e tudo o mais pela honra, e credito delRey de Portugal seu Senhor: e por isso lhes não perguntava se o faria, senão como o faria: e posto que antre os capitães, e a outra gente ouvesse muitas differenças, por se verem com pequena armada cercados de tantas naos, espantados tambem da grandeza da cidade, e da muita gente, que avia nella, que os não deixava tomar verdadeiro conselho do que aviam de fazer; com tudo assentáram de pelejar, e que primeiro tivessem fala do rey pera saberem sua determinação. Com este parecer dos capitães, mandou Afonso Dalboquerque Gaspar Rodrigues lingoa no esquife, pedir ao capitão da nao Meri, que tinha mais perto de si, hum homem pera mandar hum recado ao rey: o Capitão lhe mandou dous, e offrecer tudo o mais que ouvesse mister. E por elles mandou Afonso Dalboquerque dizer ao rey, que elle viera ali com aquella armada delRey de Portugal com desejos de o servir; e pelo alvoroço, que via na gente daquellas suas naos, queria saber se avia de aver antre elles paz, ou guerra. Dado

este recado ao rey, mandou logo com a reposta hum mouro Armenio de nação, que se chamava Cogebeirame, o qual entrando na nao achou Afonso Dalboquerque, e todos os Capitães, e Fidalgos armados, assentados na tolda em bancos cubertos de alcatifas, e toda a outra gente da nao armada; e depois de fazer sua cortesia, (hum pouco torvado), lhe disse: *Senhor Capitão, o rey de Ormuz ouvio o teu recado, e quer saber de ti que queres, e que vens buscar a este seu porto?* Afonso Dalboquerque lhe respondeo: *Dize ao rey de Ormuz, que ElRey D. Manuel Rey de Portugal, e Senhor das Indias, desejando muito sua amizade, me mandou a este seu porto pera o servir com esta armada; que se elle quizer ser seu vassallo, e pagar-lhe tributo, que farei com elle pazes, e o servirei em tudo o que me mandar contra seus imigos; e senão quizer, saiba que lhe ei de destruir toda esta armada, em que tem sua confiança, e tomar-lhe a Cidade por força de armas.* E com esta reposta despedio Cogebeirame, a qual foi mui estranhada dos Capitães, e disserão-lhe algumas coufas a maneira de o quererem reprehender, de responder tão áspero ao rey, em tempo que era necessario ter com elle muitos cumprimentos. Afonso Dalboquerque com aquelle animo invencivel que tinha, disse-lhes: *Eu, senhores, não sou homem pera acabar hum feito tão grande, como este, com dissimulações, e moralidades; mas como cavaleiro, e grande capitão executar as obrigações de meu regimento, como por ElRey Nosso Senhor me he mandado, e por isso a fortuna se poderá acostar a qualquer parte que quizer, mas eu espero na paixão de Jesus Christo, em que tenho toda minha confiança, de quebrar a cabeça a estes Mouros, e fazer o seu Rey tributario delRey*

*Noſſo Senhor, ou me hão de levar a cabeça nas mãos; e eſte he o melhor, e mais são conſelho, que em tal caso, e tempo podemos tomar, pois eſtamos em lugar, que Je não póde fazer outra couſa, e cada hum se vá pera a ſua nao fazer preſtes; e ouvindo hum tiro de bombardas, acuda, e faça o que me vir fazer.* Cogebeirame chegou a terra, e contou ao rey tudo o que paſſára com Afonso Dalboquerque, e como o achára. E o rey mandou logo chamar Cogeatar, e todos os Governadores da cidade, e diſſe-lhes a repoſta, que lhe Cogebeirame trouxera, e o mais que lhe contára. Cogeatar, como era o principal no governo, e ſobre quem carregava tudo, diſſe, que o conſelho, que naquelle negocio ſe avia de tomar, era dilatar o tempo o mais que podeſſem, até lhe vir a armada, e gente, que mandára vir de terra firme, que não podia tardar mais que até o outro dia, porque já tinha recado que eſtava da outra banda: e que ſe não eſpantaffem da repoſta chea de ſoberba, que o Capitão mór daquella armada dera a Cogebeirame, porque era fazer das tripas coração, e que elle eſperava de tomar todos os Portugueſes, que ali eſtavam vivos, pera com elles fazer guerra a ſeus vizinhos. Eſte conſelho de Cogeatar pareceo bem a todos os governadores; porque, ſegundo as muitas náos, e gente que tinham, aviam por grande doudice quererem os noſſos pelejar com elles. O rey tornou a mandar Cogebeirame, que diſſeſſe a Afonso Dalboquerque, que elle ſolgava muito com ſua vinda pelos deſejos, que tinha de ter amizade com El-Rey de Portugal: e pois ſua determinação era vir áquelle porto, e aſſentar paz, e amizade com elle, pera que lhe deſtruhia os ſeus lugares, que tinha por toda aquella coſta, matando quanta gente nelles achava; e que ſe dos regedores delles tinha recebido agravo, que a elle

ouvera de pedir a emenda disso, e não destruilos: e que quanto era ao tributo, que lhe mandava pedir, que elle falaria com os seus governadores, e officiaes de sua fazenda, e do que assentasse, lhe mandaria a reposta. Chegado Cogebeirame com este recado, Afonso Dalboquerque mandou logo chamar os capitães, e disse-lhes, que elles por muitas vezes se queixavam por detrás d'elle, que lhe não dava conta das cousas que fazia, que agora tinham tempo pera o aconselharem, e pera o reprehenderem; porque a reposta, que lhe o Rey mandava, parecia mais dissimulação, que querer-lhe dar o que lhe pedia, pois se lembrava dos males, que os seus lugares tinham recebido delles. Os capitães lhe respondêram, que de se elles aqueixarem tinham muita rezão, porque sua vinda a Ormuz não fora por seu conselho, nem por sua vontade; mas pois já ali estavam, devia de ter alguma maneira de concerto com o rey; porque, segundo a muita gente, e armada que elle tinha naquelle porto, não duvidavam pôr-se em ventura de se perderem todos: e pois as cousas se podiam fazer sem trabalho, que lhe pediam muito por mercê, que escusasse quanto podesse telo. Afonso Dalboquerque lhes disse, que elle não vinha ali a rogar o rey de Ormuz, senão fazer-lhe guerra, não querendo estar á obediencia delRey de Portugal, e que avia tres dias que ali estavam; e todo o mais tempo que estivessem sem alguma determinação, era mostrar claramente fraqueza. Passada esta prática, que teve com os capitães, disse a Cogebeirame, que dissesse ao rey, que elle folgava muito da paz, que queria ter com ElRey de Portugal seu Senhor, porque lhe vinha muito bem tela; mas que isto avia de ser conclusão, e não palavras; e que quanto era ao que dizia, que lhe fizera sem rezão de lhe queimar os seus

lugares e destruilos, que a culpa fora dos seus capitães, que se quizeram tomar com elle; porque primeiro que lhe elle fizesse a guerra, trabalhára muito por a paz, e que a prova d'isto era Soar, e Calayate, que elle não destrahio, porque os capitães quizeram paz. Cogebeirame tornou com esta reposta; e porque o fundamento de Cogeatar era dilatar este negocio, como está dito, tornou logo a mandar Cogebeirame, pedindo a Afonso Dalboquerque, que se não agastasse por alguma dilação que podia aver; porque pagar o rey tributo não se podia conceder sem conselho, e parecer de todos os senhores do seu reyno, por não haver depois dúvidas no pagar d'elle, e que a sua gente podia ir segura a terra tomar refresco, e tudo o mais que quisesse. E fazia isto a fim de saber pelos Portugueses que gente podia aver na nossa armada, porque estava espantado do que lhe Cogebeirame dizia que vira na não de Afonso Dalboquerque; e porque elle hia entendendo de cada vez mais que eram manhas de Cogeatar, disse a Cogebeirame, que lhe dissesse, que elle avia tres dias que ali estava sem ver reposta do rey, que parecesse conclusão: que lhe pedia por mercê, que ouvesse bom conselho, e que até o outro dia pela manhã lhe mandasse dizer o que determinava de fazer; porque não vendo reposta sua, lhe prometia de lhe destruir a sua armadã, e apos isso tomar-lhe a cidade por força de armas. E mandou aos Capitães que se fossem pera as náos fazer prestes, e que ouvindo hum tiro de artilharia, fizessem o que lhe vissem fazer.

## CAPITULO XXX

De como e grande Afonso Dalboquerque, vendo que tardava a reposta, foi cometer a armada, que estava no porto de Ormuz, e a desbaratou.

POSTO que os capitães não ficaram muito contentes da reposta, que Afonso Dalboquerque mandou ao rey, com tudo chegados ás náos, fizeram-se prestes com sua artelharia, e arrombadas, esperando o final, que lhes tinha dado. Os mouros receosos da conversação das nossas náos, foram-se alando as amarras, que tinham da banda da cidade, por se afastarem dellas. Afonso Dalboquerque como estava em vista de tudo o que se fazia, mandou logo recado aos capitães, que nos bateis com gente armada emendassem suas amarras, e as fossem portar boia com boia das náos dos mouros, que se afastavam. Os capitães, (posto que affombrados do perigo, em que se viam); como valerosos, e esforçados cavaleiros o poseram por obra, e o mestre da náo capitaina com cincoenta homens armados foi portar huma ancora na gorja da náo Meri. O capitão da náo, que sabia a causa da dilação do rey, vendo a mudança das nossas naos, bradou da popa a Afonso Dalboquerque, que se não agastasse, que logo viria recado. E não devem ter menos louvor os mestres, pilotos, e gente do mar, pois não sendo esta sua profissão, armados de todas as armas, com muito esforço, e diligencia faziam o que lhes seus capitães mandavam. Vendo Afonso Dalboquerque o brandir das espadas, e capear com as adargas, e outras cousas, que os mouros de terra fa-

ziam, como gente, que o não tinham em conta, entendendo por estes ademanes que a determinação do Cogear era dar-lhe batalha, e que não era já tempo de dissimular, por estarem metidos em lugar, que lhes convinha buscar o remedio por suas mãos, determinou de cometer os inimigos antes, que lhe viesse o socorro que esperavam, e pos-se em ordem pera o outro dia, não vindo recado, cometer a armada, e repartio as estancias da sua náó por D. Antonio seu sobrinho, e por Jorge Barreto de Crasto, D. Jeronymo de Lima, e D. João de Lima, com todos os mais fidalgos, e criados del-Rey, que avia na náó: e mandou a Nuno Vaz de Castelobranco que tivesse cuidado de fazer carregar a artilharia, e da guarda da polvora, e avisou os capitães das outras náos que guardassem esta ordem, e que estivessem prestes, e fizessem o que lhe vissem fazer. Como foi menhaã, vendo Afonso Dalboquerque que não vinha recado do rey, e que esta dilatação defenhava quererem guerra, e não paz, mandou pôr fogo á artilharia. Os bombardeiros ordenáram-se de maneira, que dos primeiros tiros metêram duas naos grossas, que tinham diante, no fundo com toda a gente, huma do principe de Cambaya, e outra de Meliquiaz de Diu. Afonso Lopez da Costa, que ficava da banda da terra, desbaratou, e meteo no fundo alguma parte dos galeões, e atalaias, que a sua artilharia alcançou. Manuel Telez, depois de ter feito grande estrago em alguns navios, mandou alargar o cabo, que tinha da banda do mar, e veio-se sobre huma nao grande, que tinha junto com-sigo, e matou-lhe parte da gente, e a outra lançou-se ao mar, e os que hiam armados foram-se logo ao fundo; e João da Nova com sua artilharia fez grande estrago nas naos, que estavam da banda do cerame, e o mesmo

fizeram Antonio do Campo, e Francisco de Tavora nos galeões, que os tinham cercados, que toda a noite andáram emendando suas ancoras pera os tomarem no meio; e ainda que os mouros trabalhavam de se vingarem com a sua artilharia, estavam as nossas naos tão fortificadas das arrombadas, que não lhes fizeram nojo, senão nas obras mortas, e com as frechas lhes feriram alguma gente. Foi a peleja tão travada de huma parte, e da outra, allí da artilharia, como das frechas, que durou muito espaço, sem se verem huns aos outros com o fumo. Afonso Dalboquerque em descobrindo a fumaça, mandou com grande pressa alargar hum cabo, que tinha da banda do mar, e deixou-se vir sobre a náó Meri, e matou-lhe muita gente com as espingardas, e béstas, e ali morreo o capitão, (que era hum homem principal de Cambaya), e vendo o desbarato da armada do rey, e a vitoria não pensada, que lhe Nosso Senhor mostrava, e que os mouros se lançavam ao mar com medo da nossa artilharia, cuidando que ali tinham seu remedio a nado, pelos reprimir alargou-se da náó, e D. Antonio com elle no seu esquife, e bradou aos capitães, que acodissem aos bateis, e seguissem a vitoria. E o primeiro capitão, que veio ter com elle, foi Manuel Telez; e por o seu batel ser mais leve do remo, meteo-se nelle com sua bandeira real (que hogue está em N. Senhora da Graça), e foi-se pôr á vista dos nossos no meio da armada dos Mouros, pera dali acodir aonde fosse necessario, e dar ordem aos capitães do que aviam de fazer, e ali esteve sem se bolir, bem servido de frechadas, e espingardadas, e mandou a Jorge Barreto de Crafo que se metesse no seu batel, e Jorge da Silveira, Aires de Soufa Chichorro, Duarte de Soufa, Nicolao de Andrade, Nuno Vaz de Castello-branco, e outros muitos

fidalgos, e criados delRey com elle, que fossem cometer a não Meri; e se ainda ouvesse gente nella, que a trouxesse toda á espada, sem dar vida a ninguem. Jorge Barreto foi cometer a nao, e os primeiros que entraram foi Gaspar Diaz de Alcacere do Sal, e á entrada lhe cortaram a mão direita, que logo ali ficou com a espada apertada, ao qual Afonso Dalboquerque deu de sua fazenda em sua vida dez mil reaes de tença: e após elle entrou João Estão, Escrivão da armada, que o defendeo que o não mataassem, e Pero Gonçalvez piloto, que ouve ali duas cotiladas mui grandes (de que esteve á morte), e Nuno Vaz de Castelo-branco, que com huma bêsta ferio, e matou muitos mouros, até que não teve almazem, e apos estes entraram todos os outros, que hiam com Jorge Barreto, e tres marinheiros da nao Capitaina; e juntos todos, pelejaram com tanto esforço, que de sessenta mouros, que ficaram na nao, sem se quererem lançar ao mar, foram todos mortos, e estirados por esse convés, e a não ficou allí com a gente, que lhe Jorge Barreto deixou pera a guardarem.

### CAPITULO XXXI.

De como os Capitães, depois da nao Meri rendida, foram seguindo a vitoria: e o estrago que fizeram na armada: e como o grande Afonso Dalboquerque foi cometer o cerame, onde o feriram.

**C**OMO Jorge Barreto teve a não Meri rendida, os nossos, que nella ficavam, com a artelharia della começaram a tirar á gente da cidade, que andava na praia, e fizeram-lhe muito nojo, e Jorge Barreto foi-se

ajuntar com D. Antonio, que andava no esquiife da não capitaina, e Francisco de Tavora no seu batel, e foram seguindo alguns galeões, que hiam fogindo contra a ilha de Queixome: e com a artelharia, que nelles levavam, e espingardas matáram muita infinidade de mouros, e na companhia de D. Antonio hiam Francisco de Melo, Pero Gomez, Rui Diaz, (filhos de homens honrados de Alenquer), e Simão velho filho do Commendador de Almourol, James Teixeira, Duarte de Melo, Pedralvres Froes, e Antonio Vogado. Estes capitães, depois de terem posto em desbarato os galeões, e muitos delles metidos no fundo, vieram-se recolhendo para onde Afonso Dalboquerque estava, o qual mandou logo Antonio do Campo que fosse afferrar huma não, que estava por render, e em sua companhia hia Nicolao Juzarte seu sobrinho, e Antonio Dabreu, e outra muita gente, e pelejáram hum grande espaço sem a poderem entrar; porque os mouros da não eram Fartaquins, e defenderam-se mui valerosamente. Vendo-os Afonso Dalboquerque nesta pressa, mandou Afonso Lopes da Costa que os fosse socorrer, e em sua companhia Antonio de Lis filho de Alvaro Gil de Lis de Setuval, e Antonio de Azevedo, e Bras da Silva seu irmão, e Alvaro Fernandes moço da Capela delRei, e outros homens honrados, que pelejáram de maneira, que entráram á não, e matáram-lhe muita parte da gente; e alguns, que não podéram sofrer sua furia, lançáram-se ao mar. João da Nova, que estava perto delles, como os vio no mar, acodio no seu batel com Fernão Soares, João Luis criado delRey D. Manoel, e Antonianes mestre da sua nao, e começaram todos a pôr o ferro nos mouros, que andavam a nado, e matáram muita parte delles, e outros se afogáram, e dali foi aferrar huma nao grande,

em que avia muitos mouros, que inda não tinham sentido o ferro dos nossos; e começando-os a combater, chegou Francisco de Tavora no seu batel, e com elle Manoel de Lacerda, D. João de Lima, Bastião de Miranda, Pero Dalpõe, Martin Vaz, Lopo Alvres criado do condestabre, e Diogo Neto, e muita gente darmas; e chegando a bordo da nao, elle por huma parte, João da Nova pela outra, a entráram, e matáram quantos acháram dentro, sem dar vida a nenhum. Afonso Dalboquerque, que estava em vigia do que se fazia, vendo que alguns se salvavam a nado, mandou aos capitães qua atalhassem da banda da terra, e trouxessem todos á espada: elles acudiram, e não deram vida a nenhum. Os mouros eram tantos no mar, dos que se lançavam das náos que os capitães entráram, e das que nossa artelheria meteu no fundo, que não podendo acodir por serem os bateis poucos, e os soldados já enfadados de matar, se salváram muitos a nado.

Neste tempo andava Cogear em hum parao muito esquipado, com suas arrombadas feitas de colchas vermelhas, e huma mea gavea no topo do masto, metido na maior furia da batalha, animando os seus, que pelejassem, e trazia consigo muitos Turcos corações com suas espadas guarnecidas de prata, e ouro, e muitos archeiros, sem ser conhecido dos nossos, senão por derradeiro, que o disse hum mouro a Afonso Dalboquerque, já quando se elle hia recolhendo pera terra, depois do desbarato da sua armada. E com tudo mandou aos capitães nos seus bateis, e a Jorge Barreto de Castro que o seguissem, e lhe fossem tomar a terra, e investissem o parao, em que elle hia; e quando chegáram, eram já os mouros tão pegados com as cascas, que se lançáram ao mar, e Cogear tambem com elles, deixando no

parao muitas espadas guarnecidas de ouro, e prata, e agomias, e vestidos de borcado, e de fedá, tudo despojo de gente honrada, que lhe os nossos tomáram, e com elle se tornáram pera onde Afonso Dalboquerque estava; e comò foram todos juntos, tornáram outra vez á batalha do mar com os mouros, que andavam a nado, e ás lançadas, e cotiladas matáram tantos delles, que de cansados de matar, não podendo acodir a tudo, se salváram alguns, e o mar andava tão tinto de sangue, que era espanto velo. Os grumetes, e pagens das náos tambem por sua parte não faziam senão vafalos com os croques, e lançar-lhes as tripas fóra, de maneira que foi feito grande estrago nelles: e ouve grumete, que só matou outenta mouros. E porque isto tudo era ao longo da ribeira, receberam os nossos muito dano de hum cerame, que o rey tinha feito de madeira metido no mar, diante das portas do castello com a artelharía que nelle tinha, e com frechas. Como Afonso Dalboquerque vio os nossos afrontados da artelharía, mandou remar rijo o seu batel direito ao cerame, com determinação, que acodindo todos os capitães, cometer o castelo; e não fora muita duvida entralo, se todos acodiram, porque os mouros estavam tão cortados de medo do desbarato que viam, que ouvera pouco que fazer na entrada; mas os capitães não tinham sabido sua determinação, nem Afonso Dalboquerque cuidou que podia ser; mas a victoria, e o desbarato dos imigos lhe mostrou o que podéra fazer, se todos acodiram com tempo; mas com elle não se achou mais que Antonio do Campo, e ambos apertáram rijo com os mouros, que estavam no cerame; e com as bombardas, que traziam nos bateis, matáram alguns delles á porta do castelo, que logo víram levar a rasto pera dentro da fortaleza. Os re-

meiros do batel, em que Afonso Dalboquerque hia com a revolta da peleja, embaraçaram-se de maneira que atravessáram o batel debaixo do cerame, e ali feriram Afonso Dalboquerque, e a Manoel Telez de huma frechada pelo rosto, e Pero Vaz Dorta, e Jorge da Silveira, e dous bombardeiros, e outros tres, ou quatro homens: e no batel de Antonio do Campo feriram a elle, e a Antonio Dabreu, e cinco marinheiros. E com quanto ali foram estes feridos, apertáram tão rijo com os mouros, que os meteram todos pela porta do castelo dentro, e nisto acodiram todos os capitães nos seus bateis, e juntos se afastáram pera fóra, e foram-se ao longo da cidade esbombardeando todas as casas. Durou esta batalha, que os nossos tiveram com os mouros no mar, desde as sete horas de pela menhaã até as tres horas depois do meio dia, em que morreram infinidade de mouros, e os bombardeiros o fizeram aquelle dia de maneira, (porque Nosso Senhor os quis ajudar), que não tiráram tiro, que não metessem nao no fundo, e matastem muita gente.

## CAPITULO XXXII.

De como o grande Afonso Dalboquerque desbaratou a armada, e foi ao longo da cidade, queimando, e destroindo todo o arrabalde: e de como o rey lhe mandou dous mouros em huma almadia, pedindo-lhe paz.

**N**ão contente o grande Afonso Dalboquerque de ter desbaratada, e destroida toda a armada do rey, porque lhe não ficasse nada por fazer, mandou a Afonso

Lopez da Costa, Antonio do Campo, e D. Antonio de Noronha, que foffem nos bateis dando caça a humas atalaias, que hiam fugindo pera a terra firme. E como elles andavam favorecidos da vitoria, que lhe Nosso Senhor dera, foram-nas seguindo, e todas as que alcançaram metêram no fundo, e matáram-lhe toda a gente que nellas hia, e a outras punham o fogo, e hiam arrendo por effe mar, pera onde os levava o vento, que era hum grande espectáculo pera ver. E Afonso Dalboquerque com os outros capitães foi-se ao longo da praia esbombardeando o arrabalde, queimando todos os navios, que estavam varados em terra; e hiam tão perto, que das janelas, e eirados lhes feriram alguns homens com frechas, e pedradas; e todos os navios, que topou no mar, que se hiam recolhendo pera vararem em terra, tomou, e matou-lhe toda a gente, e pos-lhe o fogo. E porque a este tempo andavam alguns capitães nos seus bateis espalhados por effe mar a esta pescaria, mandou-lhes fazer final que se recolheffem pera onde elle estava, e logo voltáram todos, e vieram afferrar terra meia legoa da cidade. Chegando Afonso Dalboquerque ali achou Francisco de Tavra, e João da Nova, como homens de pouco recado, com sua gente em terra; e chegando a elles, disse-lhe, que pera homens a que parecia mal, e impossivel cometer aquelle feito, não deveram de estar tão descançados em terra de seus imigos sem sua licença, e mandou-lhes que se recolheffem logo aos bateis, e a Afonso Lopez da Costa que desembarcasse com sua gente, e fosse tomar hum outeiro, onde avia huns grandes edificios, e sepulturas de mouros honrados, e que descobrisse dali todo o campo, e visse o que lá hia, e com elle mandou certos bombardeiros, e gente solta pera pôrem fogo aos navios, que achassem, e casas do arrabalde.

Afonso Lopez da Costa, depois de ter descoberto o campo, e vio que estava seguro, veio-se do outeiro pelas costas do arrabalde com sua gente á vista dos nossos bateis, queimando, e destruindo tudo o que achava; e Afonso Dalboquerque lhe foi dando costas por mar ao longo da ribeira com todos os capitães, e dali até a cidade não ficou cousa nenhuma no arrabalde, que não fosse queimada, sem aver quem lhe resistisse; e alguns mouros, que se quizeram fazer fortes em humas casas, pera as defenderem, ali morrêram todos queimados, e todo o campo ao longe era cuberto de gente, que fugio da cidade pera a ferra. Vendo Cogear toda a armada do rey de Ormuz desbaratada, e a bravosidade do seu animo reprimida, temendo-se que Afonso Dalboquerque lhe cometesse a cidade, mandou arvorar humã bandeira branca na mais alta torre do castelo em final de paz. Afonso Dalboquerque, que hia ao longo das casas, vendo a bandeira na torre, levou remo, e deixou-se estar quedo, e mandou a Afonso Lopez da Costa, que vinha por terra, que se recolhesse com toda a sua gente; e estando assi, chegou humã almadia com dous mouros, e humã bandeira branca, pedindo paz, os quaes mouros eram naturaes de Ourão, e avia poucos dias que eram chegados a Ormuz, e deram novas da armada, que El-Rey D. Manoel mandára a Turquia, em que hia o Conde Prior por capitão geral, e por elles mandou o rey de Ormuz dizer a Afonso Dalboquerque, que elle se metia em suas mãos, e lhe queria entregar, a cidade, pois tudo o mais do seu reyno elle o tinha ganhado: e por ser já sol posto, e a gente não ter comido todo aquelle dia, recolheu-se Afonso Dalboquerque pera as náos, e mandou hum dos mouros na almadia a terra com recado ao rey, que primeiro que entendesse em nenhuma cousa

das que lhe mandava dizer, lhe mandasse dez mouros principaes da cidade em arrefens, os quaes sem mais dilacão ao outro dia amanhecessẽ a bordo da sua nao; e que foubesse certo que pelo mais pequeno engano que lhe fizesse, lhos avia de mandar lançar todos espedaçados em terra. Partido hum dos mouros com este recado, Afonso Dalboquerque se recolheo pera as náos com toda a gente a descançar do trabalho daquelle dia, e levou comfigo o outro mouro, que se chamava Abedalá; e como foi menhaã, mandou recado aos capitães, que se viessem em seus bateis a bordo da sua nao e foi-se correndo todas as naos dos mouros, que estavam furtas sem gente, e mandou-as desamarrar, e pôr-lhe o fogo: ventava o vento da terra, e foram-se por esse mar ardendo, que era cousa espantosa de ver; e porque avia algumas naos, que estavam antre a nossa armada, e era perigo por-lhe o fogo, mandou-as Afonso Dalboquerque arrombar, e foram-se ao fundo, recolhendo primeiro algumas cousas, que nellas avia pera provimento da sua armada. Feito isto, tornou-se a recolher, e disse aos capitães, que estivessem todos prestes, porque não vindo recado do rey até ás dez horas, que elle determinava de combater a fortaleza, e entrála per força de armas, e prender o rey, e todos os seus governadores. Os capitães se foram pera as suas náos mal contentes desta determinacão de Afonso Dalboquerque; mas não ousaram de lhe falar nisso, e elle foi-se pera a sua nao, e mandou chamar Abedalá, e enformou-se delle do estado em que estava a cidade de Ormuz; e perguntou-lhe, qual era a causa, por que o rey não quísera ter paz, e amizade com elle. O Abedalá lhe disse, que o rey era moço, e não tinha nenhuma culpa; e que Cogear, que era governador do reyno, fizera com o rey que se não

concertasse com elle, porque tinha por muito certa a vitoria, por lhe ver pequena armada, e pouca gente; e que mandára apregoar por toda a cidade, que todo o mouro, que mataffe Portugues, morresse por isso, e que os tomassem a todos vivos, pera com elles fazer a guerra ao Benjabar; e que Cogear os mandára chamar o dia que aquella armada ali chegára, e lhe perguntára que homens eram os Portugueses, e se eram homens de guerra, e que gente podia trazer a sua armada; e elles lhe disseram, que os Portugueses tinham fama de cavalleiros ante todos os reys christãos, e mouros daquellas partes; e que por elles serem taes, tinha ElRey de Portugal ganhado muitos lugares em o reyno de Fez aos mouros; e sobre isto que lhe elles disseram, começára Cogear de fazer muitos feros, e elle lhe respondêra: *Senhor, não te enganes, e creme, que se não ouver espada, não averá ley de Mafamede;* e ao outro dia pela menhaã tornou o mouro companheiro de Abedalá, e trouxe quatro mouros principaes por arrefens. Afonso Dalboquerque começou-se de agastar, e disse-lhe, porque lhe não mandára o rey os dez mouros, que lhe mandava pedir. O mouro lhe respondeo, que a gente da cidade era toda fugida, e morta; e que por isso lhe não mandava mais que aquelles quatro, que eram os principaes da terra; e que o rey lhe dissera, que se disto não fosse contente, que elle se viria meter em suas mãos com toda sua casa. Afonso Dalboquerque dissimulou com elle, e não lhe respondeo nada até ver o fim que teria este negocio, e mandou chamar todos os capitães, fidalgos, e homens honrados, que avia na armada, á sua náó; e estando todos assentados na tolda da náó, que pera isso estava muito bem concertada, mandou vir perante si os mouros; e hum delles,

que era o principal da casa do rey, começou a falar desta maneira:

*Diz o rey de Ormuç nosso Senhor, que nas cousas passadas antre ti, e elle, que foram causa de tantos males, e destruição de náos, e gente, não tem nenhuma desculpa que te dar, porque he moço, e nunca se vio em trabalhos de guerra, senão agora, e que máos conselhos de seus governadores lhe fizeram não aceitar a paz, e amizade, que lhe tu offereceste, de que está muito arrependido; e que prouvera a Deos que este arrependimento não fora tanto á sua custa, e de seu povo, e vassallos, como he: que este reyno he delRey de Portugal, e que elle se quer meter em tuas mãos, e fazer tudo o que tu quiseres: que te pede que ajas piedade delle, e deste povo, e que o faças como faz hum pai com hum filho desobediente, que depois de arrependido lhe perdoa: e que pois este reyno he delRey de Portugal, não queiras acabar de destruir esta cidade, porque está de maneira, que não ha casa nella, em que se não sintam trabalhos, mortes, e desaventuras. E Cogear, que he governador do reyno, e os regedores da cidade te mandam dizer, que elles são teus escravos, e que o reyno he teu, e querem estar á tua obediencia, e fazer tudo o que tu quiseres. Afonso Dalboquerque mandou fair os mouros pera fóra sem lhe responder, e praticou com os capitães, e fidalgos, que ali estavam, o que faria neste negocio, e todos assentaram que devia de aceitar estes offerecimentos do rey, e seus governadores, e que os mouros estivessem na náó até se assentar este negocio com o rey.*

## CAPITULO XXXIII.

Da reposta que o grande Afonso Dalboquerque deu aos mouros: e de como mandou Pero Vaz Dorta feitor, e João Estão, e Gaspar Rodrigues lingoa a terra: e do que passáram com o rey, e feus governadores.

**A**SSENTADO este negocio da maneira que tenho dito, mandou o grande Afonso Dalboquerque chamar os mouros, e disse-lhe perante todos, que elle desejava muito de servir ao rey, querendo estar á obediencia del-Rey de Portugal seu senhor, como dizia: e que pera tomar conclusão neste negocio, mandava Pero Vaz Dorta, feitor daquella armada, falar ao rey; e que lhe rogava muito, em quanto elle não vinha com reposta, se não escandalizassem de ficar ali na nao. Os mouros lhe responderam, que fizesse o que quizesse, porque elles offerecidos vinham a fazer o que lhes mandasse. Afonso Dalboquerque mandou Pero Vaz Dorta a terra, e João Estão, escrivão da armada, e Gaspar Rodrigues lingoa com elle; e que dissesse ao rey, e Cogear, e governadores da cidade, que elle em nome do mui alto, e poderoso rey D. Manuel, rey de Portugal, e senhor das Indias, aceitava a obediencia, que lhe tinha mandado; e que até se isto assentar da maneira que avia de ser, elle alevantaria a mão de lhe fazer a guerra, que lhe pedia que tomassem logo conclusão, e neste negocio não ouvesse as dissimulações passadas. E depois de dar este recado a Pero Vaz, perante todos, apartou-se com elle, e disse-lhe que dissimuladamente olhasse pela disposição

da fortaleza, e entradas, e faidas della, e quanta gente o rey teria comfigo, e se avia muita artelharia, e armas, e a ordem que tinha. Partidos com este recado, como Afonso Dalboquerque não era descuidado das coufas de sua obrigação, e do cargo que tinha, e porque não sabia como este negocio socederia, começou logo de se prover de todas as coufas, que eram necessarias pera cometer a cidade, e mandou ajuntar muita madeira das naos dos mouros pera se fazer forte com tranqueiras em qualquer lugar da cidade que ganhasse, e mandou vigiar toda a ilha em roda, pera que da terra firme lhe não podesse vir nenhum socorro de gente, agoa, e mantimentos. Pero Vaz, e João Estão foram a terra, e deram o recado ao rey, e a Cogeatar; e como elles estavam muito desejosos de paz, despacharam-no logo. Tornado Pero Vaz Dorta com a reposta, disse a Afonso Dalboquerque perante todos, que o rey lhe mandava beijar as mãos polo querer aceitar por vassallo delRey de Portugal, e tomar sua amizade, e que elle prometia de ser sempre seu leal vassallo. E que Cogeatar lhe mandava dizer, que elle fora escravo do rey Sargol, e que agora era seu; e que pois o rey estava á sua obediencia, e a terra era sua, que podia fazer nella o que quisesse; que lhe pedia muito por mercê que a pena, que merecia de se não vir o dia dantes á sua obediencia, lhe perdoasse, porque elle lhe jurava por sua lei que em tal caso nunca consentira; mas que o povo, e alguns mouros mercadores lho fizeram fazer; e que se elles nisto tinham alguma culpa, que bem paga estava. Afonso Dalboquerque como ouviu esta reposta do rey, e Cogeatar, primeiro que tomasse nenhuma conclusão com os arre-fens, e com os mouros de Ourão, se apartou com Pero Vaz, e João Estão, e perguntou-lhes por aquellas cou-

fas, que lhe mandára que vissem. Pero Vaz Dorta lhe disse, que o rey tinha comsigo a alguns archeiros, e que a fortaleza de dentro era forte, e grande, e que pera se defender tinha o rey de Ormuz necessidade de mais gente da que elles virão, e que lhe vira mui boa artilharia de metal, mas pouca, e outra de ferro; e que foubera de alguns mouros com que falára, depois de ser despedido do rey, que a sua determinação, e de todos os que com elle estavam, era meterem-le em suas mãos, e fazerem tudo o que elle mandasse, e que cria isto, porque os achára muito quebrados, com gente vencida, e desbaratada. Com esta informação de Pero Vaz, e João Estão, determinou Afonso Dalboquerque de mandar os quatro mouros, que tinha em arrefens, a terra, pera provar se nestas palavras, que lhe o rey, e Cogear mandavam dizer, avia alguma malicia, como nos outros negocios passados; e tambem por lhe mostrar que tinha muita confiança nelles, fazendo da necessidade virtude; porque ainda que lhe abrissem as portas, e lhe entregassem a cidade, era a nossa gente tão pouca, que na mais pequena casa de Ormuz, em que entrassem, não averia mais homem que foubesse parte hum do outro, e quis curar isto, mostrando que confiava nelles, porque os mouros não viessem a faber quão pouca gente elle tinha, e estando na sua armada, estava mais poderoso, e mais senhor da cidade. E assentado isto comsigo, despedio os arrefens, e mandou por elles dizer ao rey, e a Cogear, que o feitor lhe dera seu recado; e que quanto era a obediencia que dizia, que queriam dar a elRey seu senhor, que elle em seu nome a recebia, e as causas da guerra passada lhes perdoava, pois queriam ser seus vassallos, e ao que diziam, que a terra era delRey de Portugal: e que podia fazer nella o que qui-

feffe, que niffo faria o que fosse mais serviço delRey seu Senhor; e com esta resposta mandou os arrefens. E como o rey os vio sem saber a causa porque os Afonso Dalboquerque foltára, pois com muita instancia lhos mandára pedir, não se ouve por satisfeito das palavras, que por elles lhe mandou dizer: e ao outro dia pola menhaã cedo os tornou a mandar todos quatro, e que lhe diffessem, que elle era vassalo delRey de Portugal, e que estava prestes pera fazer tudo o que elle quisesse; e que na cidade, e em todo o reino podia mandar tudo o que fosse serviço delRey de Portugal, pois era seu, e que lhe perdoasse o erro passado, porque o que fizera fora por mãos conselhos. Vendo Afonso Dalboquerque resposta tão justificada, quis-se aproveitar do tempo, e mandou logo Pero Vaz Dorta a terra, com hum dos quatro arrefens, dizer ao rey, que querendo elle ser leal vassalo delRey de Portugal, seu senhor, como dizia, que elle lhe deixaria ter a governança do reyno em seu nome, pagando de tributo cada ano aquillo, que fosse razão, até elle determinar niffo o que fosse mais seu serviço. O rey lhe respondeu, que elle o tomava por pai, e que o reyno, e a cidade, e as rendas delle tudo era seu, pois o tinha ganhado, que mandasse governar a cidade por quem quisesse, e que logo lhe mandaria entregar a fortaleza, e se meteria em suas mãos, e que lhe lembrava que em os grandes capitães o vencer era perdoar. E Cogear lhe mandou dizer, que elle fora escravo do rey Sargol, rey que fora de Ormuz, como já lhe tinha mandado dizer, o qual lhe tivera sempre muito amor, e lhe fizera de continuo muitas mercês, por quão lealmente o sempre servira. E estando elle por guazil em Calayate, os Abexins, que eram guarda do rey, o qual era filho do rey Sargol seu senhor, se alevantaram, e

matáram á treição, e roubáram todo o feu thefouro, ficando em posse da cidade; e sabendo elle esta treição, ajuntára gente deffes lugares do reyno, e viera a Ormuz, e os desbaratára, e matára a todos aquelles, que foram principaes na treição, e alevantára por rey este moço, que agora reinava, a que pertencia a soceffão do reyno de direito, por ser da linhagem dos reys filho de hum rey cego, que ali estava; e que pois tinha ganhado o reyno, que elle queria estar á sua obediencia, e fazer tudo aquillo, que lhe elle mandasse; e quando isto não quisesse, que lhe pedia por mercê que o deixasse com sua velhice ir viver a Calayate, que era sua natureza, porque ahi queria acabar seus dias.

#### CAPITULO XXXIV.

Como o grande Afonso Dalboquerque assentou com o rey as pareas, que avia de pagar: e como lhe pedio lugar na cidade pera fazer  
 fortaleza.

COM estas justificações do rey tão importunas, e de Cogeatar, pareceo a Afonso Dalboquerque tempo pera fazer seu negocio mais acomodado ao serviço del-Rey D. Manuel, e determinou de pedir ao rey que lhe pagasse huma certa penção de pareas; e isto assentado, mandar-lhe pedir lugar na cidade pera fazer huma fortaleza, porque com ella na terra, e armada no mar ficavam as cousas de Ormuz mais seguras, e fóra de inconvenientes, e trabalhos; e posto nesta determinação, respondeo ao rey, e a Cogeatar polos mouros, que elle tinha por muito certo tudo o que lhe mandáram dizer,

e que esta confiança teria sempre delles polo amor que tinha ao rey; e que disseffem a Cogeatar, que se espantava muito delle mandar-lhe pedir licença pera se ir pera Calayate; porque huma das principaes rezões, que o obrigavam a largar aquelle reyno ao rey, fora porque o elle avia de governar; e que se isto assi não avia de fer, que faria outro fundamento; e que avia de fer com condição, que pagasse certa coufa de tributo cada anno a elRey de Portugal seu senhor pera despesa de huma armada que avia de andar naquella costa, fer-vindo o rey de Ormuz. Cogeatar lhe mandou dizer polos mouros, que o que elle mandasse, isso pagaria. Afonso Dalboquerque lhe mandou dizer, que todavia queria saber o que poderiam pagar, e depois elle daria nisso seu parecer. O rey lhe respondeu, que não avia de pôr preço, e que pois o reyno era seu, que pagariam o que lhe mandasse. Como Afonso Dalboquerque vio que o rey se punha a não prometer nada, mandou-lhe dizer polo feitor, e João Estão, que pois elle deixava tudo á sua determinação, que lhe parecia, visto a grandeza do reyno, e a nobreza daquella cidade, e o muito que rendia a alfandega, e a obrigação que ficava a elRey de Portugal a conservar e defender o reyno a todos seus imigos, o que se não podia fazer sem grandes despesas, que pagasse trinta mil xerafins em cada hum anno de pareas, e toda a despesa que aquella armada tinha feito até aquelle dia. O rey praticado com Cogeatar, e com os seus governadores, respondeu, que o reyno estava muito destruido, e pobre, e que não podia ser pagar tanto tributo; que lhe pedia muito por mercê que quizesse aceitar seis mil xerafins cada anno, e cinco mil pera despesa da armada. Afonso Dalboquerque mandou chamar os capitães, a disse-lhes o que o rey de Ormuz

mandava prometer que pagaria de tributo, que lhe dissessem se o aceitaria. Os capitães começaram a dar suas razões, parecendo-lhe bem que se aceitasse o que o rey prometia, fundados no desejo que tinham que não ouvesse effeito aquelle negocio de Ormuz pera se irem pera a India, onde tinham suas pretensões. Afonso Dalboquerque dissimulou com elles, e disse-lhes, que olhassem bem o que diziam, porque o reyno de Ormuz era cousa grande, e o trato daquella cidade avia de ser cada vez maior; e pois o reyno era delRey D. Manoel seu senhor, ganhado por força com sua armada, e gente, não feria razão largalo com tão pequena pensão, porque ainda com trinta mil xerafins, que lhe mandára pedir, não ficava satisfeito, pelo muito que valiam as rendas do reyno. Todavia os capitães por cima destas razões, e de outras, que lhe elle deu, assentaram no que tinham dito. Afonso Dalboquerque vendo claramente que elles queriam danar este negocio, não quis tomar mais seu parecer nisto, pois por cima de verem que o rey queria fazer tudo o que elle quisesse, diziam que lhe largasse o reyno com tão pequena pensão; e porque se isto não viesse a saber, e tambem por ter os governadores da terra mais suaves pera lhe concederem lugar pera fazer fortaleza, que era o que elle mais pretendia que tudo, determinou de lhe pôr hum tributo honesto, e fazelo de maneira que ficasse sempre resguardado aos reys de Portugal acrescentalo cada vez que quisessem, pois a terra era sua, conquistada per seus capitães, e gente com muita despesa de sua fazenda. E mandou dizer ao rey, que pelos desejos que tinha de o servir, era contente que pagasse em cada hum anno quinze mil xerafins de tributo a elRey D. Manuel, e a todos os seus socesores, (sendo elle disso contente,) e que daria logo cinco mil

xerafins mortos pera a despeza da armada; e que as mercadorias, que de Portugal viessem pera a feitoria, fossem francas; e as que os portuguezes comprassem em Ormuz, e nos seus portos, não pagassem mais direitos, que aquelles, que os naturaes da terra pagavam; e além destas condições lhes pos outras, que lhe pareceram serviço delRey D. Manuel, e com ellas foi o rey, e Cogear, e todos os governadores contentes de aceitarem o reyno, e governança d'elle da mão de Afonso Dalboquerque, em nome delRey de Portugal: e deste concerto se fizeram duas cartas, huma em huma folha de ouro do tamanho de huma de papel, feita a modo de libro, escrita em Arabigo com letras abertas ao boril, e suas brochas de ouro com tres sellos de ouro dependurados por cadeas, a saber, hum do rey, outro de Cogear seu governador, e outro da cidade. A outra carta quis o rey que fosse em Parse, que he a lingua commua da terra, e esta se fez em papel com letras de ouro, e pontos de azul, e ambas estas cartas mandou Afonso Dalboquerque metidas em caixas de prata a elRey D. Manuel, as quaes devem de estar na Torre do Tombo: (senão ouve descuido em deixar perder huma antiguidade como esta, digna de muita memoria) E deste teor deu Afonso Dalboquerque outra ao rey de Ormuz, feita por João Estão, escrivão da armada, conforme ao poder, que lhe elRey D. Manuel tinha dado em seu regimento, assinada por elle, e affelada com o finete das armas delRey.

## CAPITULO XXXV.

Como o rey de Ormuz mandou pedir ao grande Afonso Dalboquerque huma bandeira pera pôr nos feus paços em final de paz,  
e o que se niffo fez.

**A**CABADO este concerto, mandou o rey pedir ao grande Afonso Dalboquerque huma bandeira pera a pôr fobre os feus paços, em final de paz, e amizade; e como na armada não avia nenhuma que lhe podessem mandar, disse ao feitor que fosse a terra fazela de cetim branco com huma Cruz de Christus; e acabada, mandou dizer ao rey por João Estão, que a bandeira estava prestes, que mandasse Cogear, e Rexnordim, e aos governadores, e officiaes da cidade, e a todo o povo, que viessem a borda da agoa recebela com muita festa, e naquelle dia não trabalhasse ninguem na cidade, e que mandasse ter prestes cavalos pera os capitães, e fidalgos, e criados delRey; e disse a João Estão, que depois de dar este recado ao rey viesse correndo ás naos, e dissesse a todos, que se viessem a bordo da sua náó, pera dali partirem com feus bateis muito bem concertados, e aos mestres que embandeirassem as naos, e aos condestabres dos bombardeiros que mandassem cevar toda o artelharia, e em chegando a bandeira a terra mandassem tirar; e mandou a Jorge Barreto de Crafo que se fizesse prestes pera levar a bandeira. Como tudo esteve aparelhado, huma segunda feira pela menhaã, dez dias de Outubro de 1507, vieram-se os capitães nos bateis a bordo da náó capitaina, e ali entregou Afonso Dalboquerque a bandeira a Jorge Barreto, e disse a



Casa dos Bicos, fundada por Albuquerque, filho:  
sen estado actual.



Pero Vaz Dorta, e João Estão o que aviam de fazer, e a ordem, que aviam de ter no levar da bandeira por a cidade. Partidos todos nos bateis embandeirados, e alcatifados, e tiros por proa, chegaram a terra, onde já estavam aguardando na praia Cogear, e Rexnordim, e os governadores, e principaes da cidade, e a gente do povo com muitos cavalos pera os nossos, muito bem concertados ao seu modo, e Jorge Barreto cavalgou primeiro que todos, e tomou a bandeira nas mãos; e como a teve levantada, começou logo a artelheria das náos, e dos bateis a atirar; e postos todos a cavallo, foram caminhando pela principal rua da cidade, e diante de todos hia todo o povo, com muitos instrumentos ao seu modo, bradando de quando em quando *Portugal, Portugal*; e como o povo era muito, parecia que se fundia o mundo com suas gritas: e logo apos o povo hia a bandeira, e Cogear, Rexnordim, e todos os governadores da cidade hiam apegados com ella, e os capitães, e fidalgos da armada hiam detrás, e nesta ordem foram pela rua principal da cidade, e tornaram por outra direitros aos paços, onde o rey estava esperando a pé, e ali se deceram todos, e Jorge Barreto lhe entregou a bandeira, e elle a deu da sua mão aos governadores que a levasssem: e assim a foram pôr em a mais alta torre dos seus paços; e como foi vista das náos, começaram outra vez a desparar toda a artelheria. E desta entrega fez João Estão seus estromentos, em que o rey, Cogear, e Rexnordim, com todos os principaes da cidade, assinaram; e feito isto, os capitães se despediram do rey, e vieram-se embarcar nos bateis, e foram-se á nao de Afonso Dalboquerque, e contaram-lhe tudo o que passaram, e o grande triumpho, com que levaram a bandeira pela cidade, de que elle

ficou muito contente, e deu muitas graças a Nosso Senhor por lhe deixar acabar aquelle negocio como elle desejava, e ao outro dia lhe mandou dizer se mandaria tirar a bandeira da torre pera a guardar. Afonso Dalboquerque lhe disse, que si, e que a guardasse muito bem, porque elle esperava em Deos que debaixo della o avia de ajudar a ganhar muitos lugares, e fortalezas aos reys seus vezinhos, que lhe sempre fizeram a guerra. O rey respondeo, que elle era vassalo delRey de Portugal, e que isto bastava pera ninguem ousar de ter pendências com elle. E porque o estromento, que João Estão tirou da entrega da bandeira, não vinha jurado, mandou Afonso Dalboquerque a elle, e a Pero Vaz Dorta que fossem a terra, e dissessem ao rey, que elle, e Cogear, e Rexnordim, e todos os governadores da cidade jurassem no seu Alcorão de terem, e manterem tudo aquillo que tinham assinado: e o rey foi disso muito contente, e todos juraram de o cumprir, e João Estão, passou disso estromentos, e cartas testemunhaveis, que Afonso Dalboquerque mandou a elRey D. Manuel.

## CAPITULO XXXVI.

De como o grande Afonso Dalboquerque se vio com o rey no Cerame, e o que nestas vistas passaram, e o que aconteceu aos marinheiros no mar com os mouros mortos, que andavam sobre a agoa.

**D**ESPEDIDO o feitor, e João Estão do rey, depois dos estromentos jurados, disse-lhe, que elle desejava muito ver-se com Afonso Dalboquerque; que lhe dissesse

da sua parte, que lhe pedia muito por mercê lhe mandasse dizer onde queria que se vissem, e de que maneira. Afonso Dalboquerque lhe mandou dizer, que elle tambem desejava muito de o ver, e que não avia outro lugar mais acomodado pera se poderem ver que o seu Cerame, porque estava sobre o mar, que ali seria bem verem-se, e que o mais fosse como elle quisesse. O rey com este recado de Afonso Dalboquerque mandou logo por seus officiaes fazer prestes o Cerame, o qual foi todo alcatifado de muitas alcatifas, e ao derredor bancos cubertos com ellas, e hum estrado com duas cadeiras de feda, e almofadas do mesmo teor. Concertado o dia em que se aviam de ver, mandou Afonso Dalboquerque aos capitães que se fizessem prestes com seus bateis muito bem concertados, e a todos os fidalgos, que avia na armada pera irem com elle, porque allí estava concertado que Afonso Dalboquerque avia de ir. E o rey com os seus governadores, e principaes senhores do seu reyno, que ali eram vindos a servilo na guerra. E como todos foram prestes, embarcou-se Afonso Dalboquerque no seu batel, e os capitães nos seus, e foram-se todos a Cerame, e em chegando a elle desparou toda a artilharia das naos. Como o rey soube que Afonso Dalboquerque desembarcava, veio-o receber fóra acompanhado de Cogear, Rexnordim, e todos os outros, que com elle aviam de estar. Chegado Afonso Dalboquerque ao rey, trataram-se ambos com muita cortesia, e dali se foram assentar nas cadeiras, e os fidalgos, e capitães nos bancos da mão direita: e Cogear, Rexnordim, e os senhores que vinham com o rey nos bancos da mão esquerda. Seria o rey a este tempo de idade de quinze annos, bem disposto, e de bom corpo, hum pouco baço, trazia vestido hum saio de cetim cramesim

ao modo da terra, e hum touca branca na cabeça, e hum pano cengido derredor de si, e hum adaga de ouro, e hum cetro de ouro na mão com a cabeça de chrifal encaftoada em ouro. Depois de estarem affentados, disse Afonso Dalboquerque ao rey, por Gaspar Rodrigues lingua, que folgava muito de o ver pelo amor que lhe tinha, e pola grande obediencia, e acatamento, que lhe via ter ás coufas delRey D. Manuel feu senhor; que lhe pedia por mercê que fosse sempre leal, e verdadeiro vassallo feu, e lhe reconhecesse a mercê que delle em feu nome tinha recebido, deixando-lhe a governança do reyno, e feu estado como dantes tinha. O rey lhe respondeo, que elle era em conhecimento da mercê, que lhe tinha feito em nome delRey de Portugal, e que sempre seria feu vassallo, e estaria á sua obediencia; e depois de muitas praticas passadas, querendo-se Afonso Dalboquerque despedir do rey, pedio a Cogeatar, e a Rexnordim, e a todos os outros senhores, que quisessem outra vez perante elle retificar, e jurar o concerto, que tinham feito, porque queria elle tambem ser testemunha disso, e elles o fizeram logo; e acabado isto, despedio-se do rey, e de todos os senhores, e foi-se embarcar, e o rey lhe deu hum cinto de ouro, e hum adaga guarnecida de ouro, e hum cavallo mui bem aparelhado, e duas peças de brocado pedrado: e aos capitães, e fidalgos deu a cada hum sua peça de feda. E dali por diante começaram os nossos ir, e vir a terra, porque até então não consentia Afonso Dalboquerque que lá fossem; e estava o rey, e todos tão contentes da paz que era feita, pelo muito que lhe custou a guerra, que toda a maneira de cortesia folgavam de fazer aos fidalgos, e cavaleiros, que hiam a terra folgar, e mandava que lhes tivessem sempre cavalos sellados pera andarem pela cidade.

Neste tempo, avendo já oito dias que a batalha do mar, era passada, pareceram em cima da agoa muitos corpos mortos daquelles mouros, que se lançáram ao mar o dia da batalha, e de outros muitos, que morrêram nas naos em diversas partes. Hum grumete, que estava no batel de Antonio do Campo, apegou de hum com hum gancho, que veio ao longo da nao, e por lhe ver bom vestido, começou-o a despir, e achou-lhe dinheiro, e huma adaga de prata. Como os marinheiros das outras náos souberam isto, foram-se nos bateis por esse mar a esta pescaria: e todos os que topavam despiam, e achavam-lhes dinheiro, terçados, e agomias, guarnecidos de ouro, e prata, e joias de gente limpa, e honrada, e durou isto oito dias, de que os marinheiros ouveram hum grande-despojo. E a estes mouros mortos, que podiam ser passante de oitocentos, acháram muitas frechas metidas polo corpo, de que morrêram, sem terem outras feridas das nossas armas, não avendo em toda a armada pessoa, que tivesse arco, nem frecha, nem que soubesse atirar com elle. Parece que Nosso Senhor quiz fazer aquelle dia este milagre pera mostrar aos capitães, que arreceavam de acometer este feito, quão certa vitoria tem de seus imigos aquelles, que pelejam com verdadeira fé contra infieis. E porque a maré levava estes corpos mortos à terra, fez renovar aos moradores daquella cidade os trabalhos passados, porque huns achavam ali seus filhos, outras os maridos, e outros parentes, e amigos, que com grande pranto, e choro hiam soterrar, que era grande lastima ouvilos.

## CAPITULO XXXVII.

De como o grande Afonso Dalboquerque mandou pedir ao rey lugar em Ormuz pera fazer huma fortaleza, e do que nisso passou, e como se começou, onde agora está.

**S**ENDO feitas todas as seguranças de huma parte, e da outra, e pago o dinheiro das pareas, (como tenho dito,) determinou Afonso Dalboquerque de fazer huma fortaleza em Ormuz, porque sem ella lhe parecia que as coufas daquelle reyno não podiam ser bem seguras. Assentado isto, mandou dizer ao rey pelo feitor, que elRey D. Manuel seu senhor lhe mandava em seu regimento, que ganhando algum lugar, ou cidade naquellas partes por conquista, que a segurasse com huma boa fortaleza, e que se lembrasse da traição, e maldade, que os reys de Calicut, e Coulão cometêram contra os seus capitães, tendo feito assento de pazes, e affinado por elles. E porque se elle queria tirar destes inconvenientes, e tambem pela fazenda, e gente delRey de Portugal, que ali ficasse estar mais segura, que lhe pedia muito por mercê que o ouvesse assi por bem, e lhe aconselhasse onde faria esta fortaleza. O rey aconselhado de Cogearar, respondeo, que a licença era escusado pedir-lha, pois tudo era de elRey de Portugal; e que quanto a aconselhar-lhe onde a faria, que seria de parecer que a fizesse na ilha de Queixome, ou na de Turumbaque, porque eram lugares, onde avia agoa. E se a queria fazer pera defensão de Ormuz, que no porto de Nabandé, que era na terra firme, estaria muito melhor que em outra nenhuma parte. E posto que o fun-

damento de Afonso Dalboquerque era fazela em Ormuz, onde agora está, e não em outra parte, todavia, por dissimular com Cogeatar, e mostrar-lhe que lhe não dava mais fazela em hum lugar que noutro, mandou a Afonso Lopez da Costa com dous bateis armados ver o porto de Nabandé, e deu-lhe muitos panos de Cambaya pera dar aos moradores principaes do lugar. Partido Afonso Lopez da Costa, em chegando ao porto, veio toda a gente da terra recebelo com muitas talhas de agoa, melões, e maçans, e outras fruitas da terra. E depois de ter visto o sitio, e repartidos os panos, que levava por esses homens honrados, tornou-se com recado a Afonso Dalboquerque, e trouxe-lhe hum presente de fruitas, que lhe hum mouro honrado do lugar mandava: e disse-lhe, que o sitio de Nabandé era terra areisca desabafada, e junto do porto avia tres braças de agoa, e dali a Ormuz feriam cinco legoas, tudo parcel, que começava em vinte braças, e hia diminuindo até o porto: e a agoa que os mouros bebiam, estava afastada da ribeira do mar hum bom pedaço. Chegado Afonso Lopez da Costa com esta informação do porto de Nabandé, ao outro dia chegou D. Antonio de Noronha, que fora com dous pilotos á ilha de Queixome ver o porto, donde os mouros traziam agoa á cidade; e disse a Afonso Dalboquerque, que na ilha avia hum lugar grande ao longo da ribeira do mar, no qual o rey tinha humas casafas velhas derribadas; e a agoa, que se dali trazia pera Ormuz, era de huns poços, que estavam afastados hum pedaço da ribeira, e tudo ao derredor da ilha era parcel de baixo fundo. Estando Afonso Dalboquerque nesta pratica com D. Antonio, chegou Cogebeirame de terra, e disse-lhe, que huma legoa da cidade de Ormuz estava hum lugar, que se chamava Turum-

baque, que tinha muita agoa, que o mandasse ver, porque podia ser que se contentasse delle pera fazer fortaleza. Afonso Dalboquerque, posto que entendeu que este mouro vinha lançado por Cogear, diffimulou com elle, e disse-lhe, que elle queria em pessoa ir ver aquelle lugar. Despedido o mouro, mandou a Francisco de Tavora, Antonio do Campo, e Manuel Teles, que se fizessem prestes pera irem com elle, e ao outro dia pela menhaã cedo partiram; e polo vento ser por diante, chegaram com assás trabalho a Turumbaque: deste porto se vê o Cabo de Maçandom. Tendo Afonso Dalboquerque visto per si, e pelos capitães os lugares, que lhe Cogear tinha offerecidos pera fazer fortaleza, deu rezão disso a algumas pessoas da sua armada particularmente, de que podia fiar sua honra, e que sabia que eram desejosos de todo o serviço delRey D. Manuel. Praticado este negocio com elles, sem dar conta aos capitães, (dos quaes se já não confiava polo que tinha passado com elles,) assentaram todos, que avendo de fazer fortaleza naquellas partes, que devia de ser dentro em Ormuz, porque ali era mais serviço delRey de Portugal fazer-se, que nos outros lugares, que Cogear apresentava. Determinado isto, mandou Afonso Dalboquerque dizer ao rey pelo feitor, que elle tinha mandado ver todos os lugares, que lhe offerecêra pera fazer fortaleza; e que pola enformação que delles tinha, olhadas bem as qualidades de huns, e outros, e os inconvenientes, que se disso podiam seguir, lhe parecia ser mais serviço seu fazer-se na ponta de Morona, que em outro nenhum lugar; porque além de estar ali antre dous portos muito bons, hum de levante, outro de ponente, convinha-lhe muito pera segurança de seu estado ter os portuguezes muito perto de si. O rey deu conta deste recado a seu

pai o rey cego, e a Cogear, e a Rexnordim, e aos governadores da terra; e porque todos desejavam a paz, foram disso muito contentes: e respondeu a Afonso Dalboquerque, que elle avia por bem, polos desejos que tinha de sua amizade, de lhe dar o sitio que pedia pera fazer fortaleza, e que mandasse começar a obra cada vez que quizesse. Com este recado do rey ficou Afonso Dalboquerque muito contente, e mandou dizer a Cogear, que lhe mandasse dar todos os pedreiros, que ouvesse na cidade, e tudo o mais que fosse necessario pera ferventia da obra, e servidores em abastança, porque a queria logo começar, e que elle pagaria tudo o que o rey mandasse. Cogear mandou logo provêr o que era necessario; e porque imigos senhoreados por força se vem tempo procuram por sua liberdade, não se quis Afonso Dalboquerque de todo fiar em Cogear, e mandou a D. Antonio de Noronha seu sobrinho, que estivesse em terra com oitenta homens dos principaes, que avia na armada, pera segurança da gente, que trabalhasse na obra; e que tivesse ao longo da ribeira dous bateis aparelhados de artelharia por proa, que estivessem sempre ali perto da praia, prestes pera acodirem onde fosse necessario. E ali mandou pôr hum parao muito bem toldado por amor da calma, em que elle, e todos os outros fidalgos, e cavaleiros aviam de estar dando aviamento a todas as cousas necessarias pera a obra; e mandou a Antonio do Campo, que se viesse no seu navio ancorar junto deste parao, pera dar favor a tudo isto, e porque a gente, que estava em terra, não andasse de noite pela cidade fazendo cousas de que se o povo escandalizasse, disse a D. Antonio, que se viesse cada noite com toda a gente dormir ao navio, e ao parao, e que dali se vigiassem muito bem. Fez mestre

desta obra hum bombardeiro, que se chamava Fernão dalvarez, bom official deste officio, e ordenou que os capitães de dous em dous tivessem cuidado de trazer pedra da pedreira pera a obra. Ordenadas todas estas cousas, foi-se Afonso Dalboquerque a terra com toda a gente da armada, e começou e abrir os aliceces da torre da menagem a vinte e quatro dias do mes de Outubro do anno de mil e quinhentos e sete; e porque esta torre avia de ser tão alta, que podesse ser vista de toda a terra firme da banda da Persia, mandou fundar os aliceces muito largos, e da mesma maneira mandou fundar os muros da fortaleza, a que pos nome *Nossa Senhora da Vitoria*. Começada a obra, deu Afonso Dalboquerque grande pressa a se acabar a torre, porque sua determinação era, vindo o mes de Janeiro, ir dar huma vista ao mar Roxo, e queria deixar esta torre no primeiro sobrado, porque dali se podiam defender os portuguezes a toda a gente da Persia que viesse, até elle tornar a Ormuz; e porque os officiaes trabalhasssem de melhor vontade, além de lhes pagar cada dia o que Cogear tinha assentado que lhes pagassem, mandou dar a todos os que trabalhavam agoa, e tamaras quantas quisessem de graça; e andavam todos tão contentes com isto, que muitos vinham trabalhar na obra sem os Cogear mandar; e com isto, e com a diligencia, que os capitães, e fidalgos tinham na ferventia, começou a obra a crescer muito em pouco tempo, e o portal principal desta torre mandou fazer de tres ancoras de pedra, que foram da nao Meri, que se ali tomou, e davam os mouros por ellas muito dinheiro; mas Afonso Dalboquerque as não quis dar, e mandou-as assentar no portal da torre, porque ficasse memoria pera sempre daquella grande vitoria, que os portuguezes ali tiveram.

## CAPITULO XXXVIII.

De como o grande Afonso Dalboquerque fez pres-tes sua armada pera ir dar huma vista ao estreito do mar Roxo: e a reposta que deu a Rexnordim sobre as pareas, que o Embaixador do Xequé Ismael vinha pedir.

VENDO o grande Afonso Dalboquerque a vontade, e allossego, com que a gente da terra trabalhava na obra; (o que não via nos portuguezes, porque a muitos parecia cousa muito desnecessaria fazer-se aquella fortaleza) por se unir a esta amizade dos mouros da terra, mandou a Pero Vaz Dorta feitor da armada, que tomasse humas casas na cidade, em que recolheffe todas as mercadorias, que trazia, pera começar a aver trato antre os nossos, e os mouros, e que de todas as mercadorias fizessem bom barato, porque com esta cobiça folgassem mais com nossa amizade, e deu-lhe pera escrivães Pedralvarez, moço da camara delRey, e Lizuarte de Freitas, e Antonio Fernandes Tassalho, criado do Conde de Villa nova; e porque a gente, que estivesse em terra, andasse sempre junta, por atalhar á malicia de Cogear, mandou aos capitães, que dessem mesa á gente, que lhe era ordenada, e que cada hum tivesse hum homem, que lhe fosse comprar tudo o que fosse necessario, e que esse podesse andar pela cidade, levando escrito do seu capitão, e que outro nenhum não; e pera executar todas estas cousas, fez meirinho a Martim Vaz com doze homens; e mandou-lhe, que todo o portuguez, que achasse sem sua licença pela cidade, lhos trouxesse presos; e achando algum daquelles, que aviam de ir

comprar com escrito do seu capitão, fazendo cófua, de que se os mouros podessem escandalizar, o prendesse, e lho trouxesse pera o castigar muito bem. Ordenadas todas estas coufas, e outras, que são largas de contar, determinou Afonso Dalboquerque de pôr todas as naos da sua armada a monte, e aparelhalas de mastos, e vergas, e enxarceas, porque tudo era gastado do muito tempo, que avia que andava no mar; e porque se não fiava de Cogear, (posto que nas suas falas, e no aviamento que dava a todas as coufas, que eram necessarias, mostrasse o contrario,) mandou a João Redondo, mestre da carpentaria, que não posse mais que humano; e acabada aquella de se concertar, e aparelhar de tudo o que lhe fosse necessario, posse outra; porque ordenando-lhe Cogear alguma treição, perdendo-se huma náó, ficassem as outras pera darem rezão de si: e com estas dissimulações, sem se dar a entender a ninguém, foi concertando suas naos, e aparelhando-as de tudo o que era necessario, como se aquella ora partirão de Portugal; e juntamente com isto mandou fazer huma fusta de dezoito bancos, pera se ajudar della entrando o estreito do mar Roxo. E com ver a sua armada desta maneira, tinha mór contentamento, que de todas as victorias, que naquelle reyno ouvera contra os mouros, porque com a ter allí concertada, não arreceava a vinda da armada do Sal que se esperava, por grande que fosse; e andando neste trabalho, veio Rexnordim ter com elle ao parao, onde estava, e disse-lhe da parte do rey, que da banda dalém da terra firme era chegado hum capitão do Xequé Imael acompanhado de gente de cavallo a pedir as pareas, que lhe elle era obrigado a pagar cada anno; e sabendo que elle ali estava fazendo aquella fortaleza, não ousára de passar a Ormuz,

e dali lhas mandára pedir: que lhe mandasse dizer o que faria. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que disse ao rey, que aquelle reyno de Ormuz era delRey de Portugal, ganhado com sua armada e gente: que soubesse certo que se tributo pagasse a nenhum outro rey, senão a elRey D. Manuel seu senhor, que lhe avia de tirar a governança do reyno, e dala a quem não ouvesse medo do Xequé Ismael: e mandou trazer das naos pelouros de bombardas, béstas, espingardas, e bombas de fogo: e que dissesse ao rey, que mandasse tudo aquillo ao capitão do Xequé Ismael, porque aquella era a moeda, em que elRey de Portugal mandava aos seus capitães, que lhe pagassem as pareas daquelle reyno, que estava debaixo de seu senhorio, e mando: e que lhe prometia, acabada aquella fortaleza, de entrar o estreito da Persia, e fazer tributario a elRey de Portugal seu senhor todos os lugares, que o Xequé Ismael tinha naquella ribeira: e que quando se lá vissem, que lhe pedissem as pareas do rey de Ormuz, porque elle lhas pagaria em muito boa moeda. Tornado Rexnordim com esta resposta, pareceo a Afonso Dalboquerque que seria necessario contentalo, e a Cogear, e a tres mouros principaes, com quem se o rey aconselhava; porque tendo estes contentes, e da sua parte, que eram do conselho do rey, teria delle tudo o que quisesse, e fez prestes certas peças de prata, e escarlata roxa, e vermelha, e muitos panos ricos, que tomára nas naos das presas, e algumas coufas, que trouxera de Portugal. E por João Estão, escrivão da armáda, que lhe este presente levava, lhe mandou dizer, que lhe perdoasse mandar-lhe aquella pouquidade, pois eram coufas de homem, que passava de dous annos, que andava no mar, e que se atrevêra a fazelo pela muita amizade, que com elles tinha. Receberam o pre-

fente com muito contentamento, e mandáram-lhe grandes agardcimentos por elle.

### CAPITULO XXXIX.

De como o rey de Ormuz mandou dizer ao grande Afonso Dalboquerque, que desejava de ver atirar os espingardeiros portuguezes, e lhos mandou: e como escreveu ao Viforey da India o estado em que tinha as coufas de Ormuz, e o que passou com os capitães.

**R**EXNORDIM ficou tão affombrado de ver a temeridade, com que Afonso Dalboquerque lhe respondeu, que chegando ao rey, fizeram logo prestes huma atalaia, e nella mandáram hum mouro com todas estas peças, que Afonso Dalboquerque deu, que as desse ao capitão do Xequé Ismael da sua parte; e que o desenganasse, que não aviam de pagar nenhum tributo ao Xequé Ismael, porque o reyno era delRey de Portugal. Passado isto, dali a seis, ou sete dias, mandou o rei chamar Gaspar Rodriguez lingoa, e disse-lhe, que dissesse a Afonso Dalboquerque seu pai, que desejava muito de ver atirar os seus espingardeiros, que lhe pedia por mercê que lhos mandasse lá hum dia. E como Afonso Dalboquerque andava sempre acautelado das malicias, e manhas de Cogear, mandou por todas as náos aos capitães, que fizessem prestes duzentos e cincoenta bétteiros, e espingardeiros, dos mais mancebos, e melhor dispostos, e que foubessem muito bem atirar, porque queria mostrar a Cogear quanto mais poder tinha do que lhe os nossos podiam ter dito; porque hia enten-

dendo na frieza, com que Cogear acodia ás coufas, que estava muito arrependido de lhe ter dado lugar pera fazer fortaleza, por ter sabido dos portuguezes, com que falava, que na armada avia muito pouca gente, e por este modo se queria ir certificando mais na verdade. Afonso Dalboquerque vendo estes deffenhos de Cogear, fundados todos sobre sua danada tenção, dissimulou sempre com elle, e por fazer a vontade ao rey, mandou ter prestes humas barreiras ao longo do muro da fortaleza, e fez aparelhar os bésteiros, e espingardeiros de tudo o que era necessario pera aquelle auto; e avisou a D. Antonio de Noronha seu sobrinho, que estava em terra, que olhassê pôr elles, e que não consentisse tirar nenhum, senão aquelles, que o melhor foubessem fazer; e estando todos prestes mandou a Gaspar Rodriguez lingoa, que os fosse apresentar ao rey, e lhe disse, que com aquelles mancebos, e oütros muitos, que lhe elRey feu Senhor mandaria de Portugal, esperava em Deos de lhe fazer restituir todos os lugares, que lhe os seus vizinhos tinham tomados. Chegados os besteiros, onde as barreiras estavam, veio-os o rey ver de hum terrado dos seus Paços, e elles fizeram-no tão bem, que pareciam méstres daquelle officio. O rey, depois de os ver atirar, despedio-os, e mandou dizer a Afonso Dalboquerque, que folgára muito de os ver atirar, e que avia dias, que não víra coufa, que lhe melhor parecesse: e que lhe pedia muito por mercê, que se não tinha ordenado outra coufa da náó Meri, lhe fizesse mercê della, e seguro pera poder navegar de Cambaya pera Ormuz, porque estava a cidade tão desbaratada, que era necessario acodirem mercadorias de huma parte, e da outra á alfandega, pera do rendimento dellas se poderem soprir as despezas que se fa-

ziam; e tambem lhe pedia, que lhe mandasse dar huns mouros seus criados, que na guerra passada foram cativos, e que elle lhe daria por elles quanto quifesse. Cogearar lhe mandou pedir outra náó, e humas molheres, e meninos, que estavam cativos em poder dos nossos, que eram de criados seus. Afonso Dalboquerque lhe mandou dar tudo, sem por isso querer paga, dissimulando sempre com Cogearar, porque desejava de acabar a fortaleza. Hum mouro capitão de huma náó do rey de Onor, que se ali tomou, sabendo as larguezas, que o grande Afonso Dalboquerque fazia com o Rey, e com Cogearar, foi-lhe falar, e disse-lhe, que elle era do reyno de Onor, com quem o Visorey tinha pazes, como podia ver por aquelles dous seguros de D. Lourenço seu filho; e que ao tempo que elle chegára a aquelle porto com sua armada, estava elle descarregando sua mercadoria, e Cogearar lhe tomára a sua náó por força, e metêram gente, e artelharia nella; e pois não tinha culpa, e forçosamente lha tomáram, como podia saber de Cogearar, que lhe pedia por mercê que lha mandasse dar. E ainda que o mouro tinha pouca rezão em isto que pedia, quis Afonso Dalboquerque guardar o seguro de D. Lourenço, e mandou-lha dar, e seguro pera poder navegar; e por este mouro escreveu huma carta ao Visorey, dando-lhe conta do que tinha feito, e a determinação em que ficava, pedindo-lhe que o mandasse logo socorrer com gente, navios pequenos, e galés, e munições de guerra; e que lhe não mandava este recado por navio seu, pela muita necessidade que tinha delles, e desta carta deu em segredo conta a Antonio do Campo, e guardou-lho elle tambem, que o soube logo Cogearar, e as cousas que mandava pedir ao Visorey, e tudo o mais que de-

terminava de fazer. Os capitães, e fidalgos da armada, porque lhe Antonio do Campo deu a entender que na carta hiam muitas cousas contra elles, (não sendo assi,) ficáram mui descontentes de Afonso Dalboquerque; e pelos desejos, que tinham de se irem pera a India enfadados já dos trabalhos daquella guerra, começaram dali por diante a fazer-lhe cousas com que o enfadassem.

### CAPITULO XL.

Da fala, que o grande Afonso Dalboquerque fez aos capitães sobre as amotinações, em que andavam: e dos requerimentos, que lhe fizeram: e de algumas palavras, que com elles passou sobre isso.

**C**HEGADO o mes de Janeiro, em que o grande Afonso Dalboquerque tinha determinado de se partir pera o estreito, sendo já a torre da menagem em altura pera se poder defender, e a sua armada aparelhada de tudo o que lhe era necessario pera aquella jornada, mandou a Manuel Telez, que carregasse na sua não todos os mantimentos, que se podessem aver, pera de caminho prover a fortaleza de Çocotorá, e algumas mézinhas, e cousas de botica pera os doentes; e mandou ao feitor, que comprasse todas as cousas, que lhe Manuel Telez désse por hum rol; o que elle fez com muita diligencia, e carregou a não, e entregou ao mestre tudo perante o seu escrivão. Como Afonso Dalboquerque despedio o feitor pera ir fazer estas cousas, foi-se a terra ver a obra da fortaleza: os capitães se foram logo pera elle; e como avia dias, que tinha

fabido que elles murmuravam de se aquella fortaleza fazer, pera saber mais certo sua determinação, apartou-se pela praia com Manuel Telez, Francisco de Tavora, e Afonso Lopez da Costa, que ali estavam, sendo tambem presente Jorge Barreto de Castro seu cunhado, e disse-lhes, que as cousas de Ormuz estavam no estado que elles viam, que lhe pedia muito que lhe dissessem se era mais serviço delRey acabar aquella fortaleza, ou ir na volta do cabo de Guardafum, porque elle pera huma cousa, e pera a outra tinha a armada prestes, e muito bem aparelhada. Os capitães lhe respondêram, que bem viam o estado em que tinha as cousas de Ormuz, e porém que lhes parecia que era mais serviço delRey de Portugal ir ao cabo de Guardafum esperar as náos, que vinham da India com especiarias pera o estreito, que estar fazendo huma fortaleza, que acabado de a deixar, avia de ser logo tomada dos mouros; e ainda que deixasse gente nella, não podia ser tanta, que a podessem defender ao poder do rey de Ormuz. Jorge Barreto foi de parecer que devia de assegurar as cousas de Ormuz, e acabar a fortaleza, que tinha começado, porque era huma cousa muito importante ao serviço delRey de Portugal. Afonso Dalboquerque foi-se com o parecer de Jorge Barreto, não lhe descobrindo nada da sua determinação. Afonso Lopez da Costa, como vio que Afonso Dalboquerque assentava no parecer de Jorge Barreto, começou-se a travar em palavras com elle, e disse-lhe, que aquelle negocio era tão grande, e de tanta sustancia, que compria cuidar-se devagar nelle: e pois Antonio do Campo, e João da Nova não estavam presentes, que os devia de mandar chamar, e juntos todos assentar o que se faria, porque foster Ormuz não lhe podia parecer bem. Afonso Dal-

boquerque dissimulou com elle, e foi-se pera o parao, onde sempre estava, sem lhe responder couza alguma. Afonso Lopez da Costa, e Francisco de Tavora, e Manuel Telez ficáram tão descontentes desta pratica, e da pouca conta, que Afonso Dalboquerque fizera delles, que se foram ajuntar com João da Nova, e com Antonio do Campo logo, e ao outro dia pela menhaã mandáram-lhe fazer hum requerimento por escrito, (bem pouco necessario,) de que Afonso Dalboquerque ficou muito descontente; e pela necessidade que tinha de acabar as cousas de Ormuz, dissimulou com elles, e rompeo o requerimento sem os castigar, como elles mereciam; e com muita paciencia lhe mandou dizer por João Estão, que lhe pedia que tivessem tal segredo naquellas cousas, em que andavam, que Cogear as não viesse a saber, pois estavam em tempo, que compria muito ao serviço delRey de Portugal serem todos em hum querer, e em huma vontade; que Cogear era tão discreto, e tinha taes modos pera saber tudo, que sabia muito bem quanto elles desejavam de deixar aquella empresa, e irem-se pera a India; e que lhe aconselhavam, que não fizesse aquella fortaleza; e por Cogear não sentir suas fraquezas, mandava que lhe dissessem, que todas as differenças, que antre elles avia, eram porque se agravavam muito de lhe elle não dar as náos, em que elles tinham parte.

## CAPITULO XLI.

De como os capitães tornáram a fazer outro requerimento ao grande Afonso Dalboquerque, em que se affináram todos: e o que elle nisso fez, e o mais que com elle passou.

VENDO os capitães que o grande Afonso Dalboquerque lhe rompêra o seu requerimento, dali a poucos dias, estando elle em a torre da menagem, dando ordem a algumas coufas necessarias pera a obra, lhe mandáram por Antonio Fernandes, escrivão da náó, de Francisco de Tavora, outro requerimento affinado por todos, tirando João da Nova, que não quis affinar. Afonso Dalboquerque, enfadado delles, e de suas coufas, tomou o requerimento assi dobrado como lho deram, sem o ler, e mandou-o meter debaixo de hum pedra do portal da torre, que se estava assentando, a que os marinheiros dali por diante chamáram o portal dos requerimentos; e os capitães ficáram tão enfadados disto, que desde então trabalháram sempre de buscarem coufas pera se desavirem dellê; e todas as suas praticas, quando se ajuntavam, eram danar as coufas de Ormuz, e que era hum tredor, e que fazia aquella fortaleza pera se alevantar com ella, e fazer-se senhor do reyno, e que toda aquella culpa era delles, pois lhe consentiam fazer fortaleza, sendo muito contra o serviço delRey. E que na carta, que escrevêra ao Visorey, (de que Antonio do Campo era boa testemunha,) lhe mandava dizer grandes males delles, roubando-lhe sua honra, e serviços, e nesta pratica reprehêram João da Nova, porque se não hia pera a India, pois não era da sua

obrigação; e não contentes destas praticas, que tinham antre si, cada hum na sua náó indinava a gente do mar pela ter da sua banda contra Afonso Dalboquerque, affirmando-lhe que lhe tinha roubado a sua parte dos vinte mil xerafins de pareas, que o Rey pagára; e que ElRey D. Manuel lhe tinha mandado em seu regimento, que das primeiras pareas, que os reys que conquistasse pagassem, désse parte a toda a gente da armada, e que tudo isto tinha tomado pera si, a fim de se alevantar com a fortaleza depois de acabada, porque não fazia fundamento de tornar mais a Portugal. Afonso Dalboquerque sabendo estes conselhos, e praticas, em que os capitães andavam trabalhando por amutinarem a gente toda contra elle, e que não bastava pera os animar naquelle negocio ter-lhe muitas vezes dito quão bem pareceriam nas janelas daquella fortaleza muitas damas, e charamelas, e o grande contentamento, que ElRey D. Manuel teria, quando foubesse que tinham senhoreado o reyno de Ormuz, e feito fortaleza nelle, cuidando que por aqui os incitaria a terem gosto de o ajudarem. E porque a principal rezão, por onde estavam agravados de Afonso Dalboquerque, era a carta, que escreveu ao Visorey, mandou-os chamar, e mostrou-lha, dizendo, que por ella veriam não ser verdade o que lhe Antonio do Campo tinha dito, e fez-lhe outras muitas justificações, e desculpas, que podéra escusar, e nada disto lhe quizeram receber, mas antes como homens soberbos lhe deram a entender em palavras não ser aquella a carta, e que fizera outra. E estavam tão indignados pelo que Antonio do Campo tinha dito da carta, não sendo verdade, que Afonso Dalboquerque a rompeo perante elles, e disse-lhes, que escrevessem outra á sua vontade, e que elle a affina-

ria: e assi se apartou delles mui descontente por lhe não receberem suas verdadeiras desculpas: e o principal deste negocio era Jorge Barreto, que elles já se tinham mudado de todo. Apartado Afonso Dalboquerque, mandáram apanhar os pedaços da carta por João Lopez, criado de Francisco de Tavora; e posto que nella não dizia mais que dar conta ao Visorey do estado, em que as cousas de Ormuz ficavam, e como sua determinação era fostelo, pedindo que lhe mandasse gente, armas, e artilharia. Vendo elles esta determinação de Afonso Dalboquerque, assentáram, segundo o negocio era grande, que dali tres annos não iriam á India, e perderiam carregarem suas quintaladas, que tinham de ordenado; e dali por diante começaram-se a danar muito mais contra elle.

## CAPITULO XLII.

Do que o grande Afonso Dalboquerque passou com os mestres, e pilotos, e toda a outra gente do mar, que os capitães tinham amotinado contra elle.

**S**ABENDO o grande Afonso Dalboquerque, que os capitães tinham amotinado toda a gente das suas náos, principalmente mestres, e pilotos, marinheiros, e bombardeiros, que era a gente, de que elle mais fundamento fazia, porque eram sempre os primeiros no trabalho da fortaleza, pelos desassombrar mandou-os chamar a todos, e mostrou-lhe o regimento, que trazia delRey D. Manuel, e disse-lhes, que elle tinha sabido que os seus capitães os indinavam contra elle, dizendo, que lhes tomava suas partes dos quinze mil xerafins,

que o rey de Ormuz pagára de tributo; que por aquelle regimento, que lhe ali mostrava, veriam o que ElRey nisso mandava que fizesse, e que não era elle o homem pera lhe tomar nada do que lhe fosse devido, e que por cima disto tudo elle queria pôr o dinheiro, que se em isso montasse, em poder de dous homens até o Visorey determinar o que fosse justiça. Elles como estavam indinados polos seus capitães, não lhe aceitaram nada disto que disse, e começaram com grandes vozes, e grandes alvoroços a dizer, que não aviam de trabalhar na obra, nem pelejar até lhes não pagarem o seu. Afonso Dalboquerque lhes disse muito mansamente, que aquelles alvoroços eram escusados, e que se lembrassem que eram Portugueses, e que andavam entre imigos muito longe da sua terra, e que não compria aver entre elles senão muita paz, e amizade, porque tudo o que se passava naquella armada sabia Cogeatar muito bem, e que se não quisessem crer pelo conselho de seus capitães, porque andavam aborrecidos da guerra, e desejosos de se ir pera a India carregar suas quintaladas: que o que fosse seu de direito elle lho não avia de tomar; e que se lembrassem que contra o regimento delRey lhe dera escala franca em todos os lugares que tomára, onde ouveram grandes despojos, de que estavam muito ricos, e que foram sempre muito bem tratados delle, e pagos de seu soldo, sem lhes deverem nada; e que se os trabalhos da guerra os faziam mal sofridos, que elle não estava fóra delles, nem fazia mais nisso que cumprir o que lhe ElRey mandava em seu regimento; e que lhe rogava muito da sua parte que o quisessem servir, como se delles esperava, e por falta sua se não perdesse huma empresa tamanha, como a que tinham nas mãos, pois esse fora o fundamento,

com que partira de Portugal. Todavia elles, (per cima destas rezões, e outras, que lhe Afonso Dalboquerque deu,) começaram a dizer defatentadamente, que pois não tinha dúvida a lhe dar suas partes, se fosse justiça, que elles eram contentes que Jorge Barreto, Afonso Lopez da Costa, e Antonio do Campo o determinassem; e elle lhe respondeo, que as cousas de seu regimento determinadas, e assentadas por ElRey seu senhor, não nas avia de pôr a juizo de ninguem, senão executalas, como por elle lhe era mandado, e que abastava terem-no elles visto pera se convencerem: e se lhes parecia que no que diziam tinham rezão, que perto estava o Visorey pera o determinar, e que elle seria seu procurador diante d'elle; porque tambem daquelle dinheiro, quando não fosse delRey, tinha sua joia, e vinte cinco partes. E já agastado tomou hum livro na mão, e disse-lhes, que por aquelles Sanctos Evangelhos lhes jurava, que elle não entendia aquillo doutra maneira, nem ElRey lhe mandava que do tributo, que os reys que conquistassem pagassem, desse parte á gente daquella armada. A isto respondêram todos, que lhes desse suas partes, e que cada capitão ficaria por fiador da sua gente, pera lhas tornar, quando fosse justiça dar-lhas. Afonso Dalboquerque deseioso de ter mais certeza de quaes eram os capitães, que metiam a sua gente nisto, dissimulou com elles, e disse-lhes, que era muito contente de fazer aquillo que lhe pediam, com tanto que cada hum trouxesse assinado do seu capitão em que se obrigasse por isso, e que elle lhes mandaria logo dar o dinheiro. Com esta reposta se foram muito contentes pera as suas náos, e deram conta aos capitães de tudo o que tinham passado; mas nunca podêram acabar com elles que lhes dessem escrito, e ficou a cousa assi pera

o Visorey a determinar. Passada esta pratica, que Afonso Dalboquerque teve com os mestres, e pilotos, mandou dizer a Francisco de Tavora, que se fizesse prestes pera irem á pedreira, porque avia falta de pedra na obra, e o dia era feu, e que viesse pela menhaã ter com elle pera irem ambos; e como todos estavam juramentados de lhe não obedecer, foi-se Francisco de Tavora pela menhaã á pedreira sem esperar por elle, e Afonso Dalboquerque chegou dali a poucas horas muito descarregado, e sem lhe dizer nada andáram ambos passeando pela praia, em quanto se os bateis carregavam, e nisto chegou Pero Vaz Dorta, feitor a cavallo que vinha da cidade, e apartou-se pera detrás de hum penedo a falar com Afonso Dalboquerque; e depois que faláram, tornando-se pera os bateis, vio ir Francisco de Tavora hum pedaço pelo mar caminho da cidade, e mandou-lhe capear que esperasse, e não quis: e como isto vio, embarcou-se, e foi-se apos elle, e mandou-lhe outra vez capear que esperasse. Francisco de Tavora, mais com vergonha que com vontade, mandou levar o remo, e esperou.

### CAPITULO XLIII.

Do que o grande Afonso Dalboquerque passou com Francisco de Tavora vindo da pedreira: e da pratica, que teve com os capitães depois de estar em terra.

**C**HEGADO o grande Afonso Dalboquerque a Francisco de Tavora, porque entendia a semente, que Antonio do Campo tinha semeado no coração de todos

os capitães, não se pode ter que se não defenganasse com elle, e disse-lhe:

— *Senhor Francisco de Tavora, com mais cortesia vos aguardo eu, quando vindes a mi, do que me vós agora fizestes. Como? Antre duas pedras em terra de inimigos me aveis vós de deixar, e irdes-vos sem mi, e sem meu mandado? bem sei eu o castigo, que vós merecieis; mas soffro tudo, porque me he necessario soffrer.*

Francisco de Tavora se alevantou em pé, e pondo a boca em Deos, disse:

*Vós não me aveis de castigar, nem tendes poder pera isso: tomai a vossa náó, e fazei della o que quizerdes, que vos prometo, que se nos fazemos á véla, que vos ei de fugir:* e disse-lhe outras palavras, a que Afonso Dalboquerque não quis responder, e mandou-o passar ao seu batel; e avendo dó d'elle, lhe disse, que era pobre, e casado de novo, que não quisesse andar naquellas conjurações com os capitães, porque se perderia com ElRey D. Manuel. Francisco de Tavora agastado lhe disse, que tinha mais que elle, e que não queria nada delRey, e que bem sabia que lhe queria mal polo requerimento que lhe fizera: que deixasse Ormuz, e se fosse ao Cabo de Guardafum fazer o que lhe ElRey mandava em seu regimento. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que se espantava muito d'elle dizer, que lhe queria mal polo requerimento, que lhe todos fizeram, pois lhe elle descobrira que lho queriam fazer, e lhe perguntára se affinaria nelle, e lhe respondêra sem nenhuma paixão rindo-se, que se lhe parecia bem o que os outros capitães faziam, que affinasse. Francisco de Tavora envergonhado disto que lhe tinha dito, calou-se, e não lhe respondeo nada: e chegados á ribeira, levou-o Afonso Dalboquerque comfigo pera a sua náó; e porque os capitães andavam já de todo danados, e estas cousas

eram já muito públicas por toda a cidade, e não se podia já curar, senão com o cutelo da justiça delRey, ou com a paciencia de Job, determinou de tomar algum meio com elles, e mandou-os chamar, e disse-lhes, que quando ElRey D. Manuel lhes fizera mercê em Portugal das capitancias daquellas náos, foi pera o virem servir naquella empresa de Ormuz em sua companhia, e pelejarem debaixo da sua bandeira, e não pera andarem nas differenças, em que andavam com elle, as quaes eram muito perjudiciaes ao serviço delRey, que o rey de Ormuz, e Cogeatar sabiam muito bem: e que depois que partiram de Çocotorá até aquella hora, nunca lhe aconselháram coufa, que não fosse contra o serviço, e honra de sua Alteza, o que elle curára sempre com muito siso, e muito sofrimento, que com elles tivera. E ainda que lhe ElRey mandára que tomasse seus conselhos, como diziam, de crer era, que sendo elles os que eram, que tambem lhe mandaria que fizesse o que lhe parecesse mais seu serviço, pois lhe aconselhavam que deixasse huma empresa tamanha, como aquella, e se fosse á galhofaria das presas do Cabo de Guardafum, na qual empresa se o todos ajudáram como verdadeiros Portugueses, elle a tivera posta no estado, em que avia de estar; e se cada dia lhe aviam de vir com requerimentos, desaffossogando a gente, e trazendo-a toda alvoroçada, como andava, (que Cogeatar sabia muito bem,) que lho não avia de sofrer, como fizera até ali: e que lhes pedia muito por mercê, que com muita paz servissem todos ElRey, que lhes avia de galardoar seus serviços, e não aconselhassem a João da Nova que se desconcertasse com elle, e lhe pedisse licença pera se ir pera a India, pois sabiam todos que em quanto andasse naquella guerra, não era serviço delRey dar-lha; e assi

lho differam em hum conselho, que com elles tivera sobre isso em Calayate. E se se agastavam com o trabalho, que tinham na continuação da obra da fortaleza, que estivessem em suas náos, e não viessem a terra, que elle os avia por desobrigados disso, porque não era tamanho que não folgasse mais de o passar, que tudo o mais que cada dia diziam, e faziam contra elle. E que lhe mandava, da parte delRey de Portugal seu senhor, que nenhum delles fosse mais a terra sem sua licença; porque segundo os mouros andavam desaffogegados com estas cousas, acontecendo alguma desaventura, queria saber o capitão que lá estava. Passada esta pratica, sem mais querer ouvir as rezões fingidas, que lhe davam, os despedio que se fossem pera as suas náos, e suspendeo Francisco de Tavora da capitania da sua, por lhe ter dito que lhe avia de fugir, e deu-a a Diniz Fernandes de Melo.

#### CAPITULO XLIV.

De como fugiram quatro Christãos da nossa Armada, e contáram a Cogear as differenças, que avia antre o grande Afonso Dalboquerque, e os capitães: e do recado que lhe mandou, e o mais que passou.

COMO o cuidado de Cogear era trabalhar sempre de saber tudo o que Afonso Dalboquerque fazia, e ordenava, foubes logo as differenças, que os capitães com elle tiveram, e os requerimentos, que lhe tinham feito, e neste tempo fugiram quatro homens da armada, pelos quaes foi mais certificado de tudo o que passava; e como a determinação de Afonso Dalboquerque era,

tornando do estreito, (pera onde determinava de ir,) fazer seu assento em Ormuz, e alevantar-se com a fortaleza depois de acabada, a qual elle fazia contra parecer dos capitães, e sem seu conselho, porque ElRey de Portugal não lhe mandára que fizesse fortaleza em Ormuz: Cogear como estava arrependido de ter dado lugar pera se fazer fortaleza, ficou muito lédo de lhe estes affirmarem, que os capitães, e gente da armada não eram disão contentes, porque tinha grande dor em seu coração de ter consentido nisso; e ajudou muito a este seu arrependimento certificarem-lhe, que Afonso Dalboquerque queria fazer assento em Ormuz, porque sendo allí, ficaria elle sem nenhum mando, e Afonso Dalboquerque senhor do reyno. Cogear com a paixão, que tinha deste novo dessenho de Afonso Dalboquerque, deu conta destas cousas a certos mouros honrados, que eram da sua parcialidade, pera entender o que avia de fazer neste caso. Praticado com elles, dali a dous dias mandou dizer a Afonso Dalboquerque por Pero Vaz Dorta, feitor, que os regedores da terra lhe vinham cada dia com grandes querelas, dizendo, que o fundamento, com que fazia aquella fortaleza, era pera se alevantar com ella, e destroir Ormuz: e pois allí era, não avia de consentir que se posse mais pedra nella. Afonso Dalboquerque enfadado desta infamia, que lhe os Portugueses punham, respondeo-lhe, que elle não era coffairo, nem ElRey seu senhor o mandára senão a conquistar aquella reyno, que elle tinha ganhado; e que os Portugueses, que tinham honra, não acostumavam fazer treição a seu Rey, e que o não julgasse por quatro bargantes, que lá tinha comfigo, que pois foram treedores ao seu Deos em deixarem a sua sancta Fé, que allí o feriam a seu rey: e que pera destroir Ormuz,

se o quizesse fazer, não tinha necessidade de mais que daquella armada que ali tinha; e que a fortaleza que fazia; não era pera se alevantar com ella, como lhe os capitães davam a entender, senão pera guardar, e defender Ormuz, como coufa delRey feu senhor. E ainda que Cogeatar mandasse este recado, todavia a obra hia por diante. O feitor foi a terra com esta reposta, e disse a Cogeatar tudo o que lhe Afonso Dalboquerque dissera; e como elle pelo que sabia dos capitães desejava de se defavir com Afonso Dalboquerque, disse ao feitor, que lhe dissesse, que o rey queria mandar Rexnordim falar com elle certas coufas, que lhe compria perante os capitães, que ordenasse hum lugar, onde se vissem. Afonso Dalboquerque lhe mandou dizer, que o lugar mais certo, onde se podiam ver, era na fortaleza, e que ali iria esperar por Rexnordim aquella tarde. Como o feitor foi com este recado, foi-se Afonso Dalboquerque com todos os capitães á fortaleza, e ali esteve esperando hum grande espaço até que veio o feitor, e disse-lhe, que Rexnordim não avia de vir, porque Cogeatar estava arrependido do recado, que lhe tinha mandado, e que se não fiasse em suas palavras, porque o vira tão contente de saber as differenças, que avia antre elle, e os capitães, que não avia de cumprir nada do que lhe prometteffe; porque na pratica, que com elle tivera, entendêra que o recado, que lhe o rey queria mandar por Rexnordim era, que se alevantasse logo daquelle porto com sua armada, e se fosse. Afonso Dalboquerque enfadou-se muito deste recado, que lhe o rey queria mandar; porque avia poucos dias, que estando elle prestes pera se partir pera o estreito, lhe mandára dizer polo mesmo Rexnordim, que se não fosse, porque tinha nova certa, que hum grande senhor da terra firme, que se

chamava o Messará, se fazia prestes com huma grossa armada pera vir sobre a cidade, e segundo ella estava destruida, e sem gente, seria facil coufa tomala, e tomando-a, ficaria senhor de todo o reyno: e elle lhe respondêra, que ainda que a sua ida do estreito fosse obrigatoria, por lho ElRey seu senhor mandar em seu regimento, faria o que lhe elle mandava; pois polo contrato, que com elle tinha feito em seu nome, era obrigado a defender aquelle reyno como coufa sua. E porque este recado, que o rey queria mandár a Afonso Dalboquerque, era conforme á tenção dos capitães, e aos requerimentos, que lhe tinham feito, vio Afonso Dalboquerque claramente que elles eram culpados neste defavergonhamento de Cogear; e entendendo isto, dissimulou com elles, e sem lhes dizer nada, despedio-os, que fossem pera as suas náos; e mandou dizer a Cogear, por Gaspar Rodriguez, lingoa, que daquella armada delRey de Portugal seu senhor eram fugidos quatro christãos, que elle tinha presos pera os castigar, por alguns crimes, que tinham feito: que lhe pedia por mercê que lhos mandasse entregar. Cogear disse a Gaspar Rodriguez, que até aquella hora elle não sabia parte delles, que os mandaria buscar, e achando-se, que logo lhos entregaria; e posto que Afonso Dalboquerque entendesse que Cogear tinha os christãos comsigo, dissimulou com elle com fundamento de acabar a torre da menagem até o primeiro sobrado, a que dava grande pressa. E com tudo passados alguns dias, vendo que lhe não mandava os Christãos, mandou lhe dizer que lhe pedia muito que lhe mandasse os seus homens, porque como elle era capitão mór daquella armada, tinha obrigação de dar conta com entrega della, e da gente a ElRey seu senhor: e que se lembrasse que o rey, e elle

avia muito poucos dias, que tinham jurado de serem muito obedientes a ElRey de Portugal seu senhor, e de cumprir inteiramente os mandados de quem seus poderes tivesse. Cogearar lhe respondeo, que se não agastasse, que os seus homens estavam da banda dalém na terra firme, atados de pés, e de mãos, que lá tinha mandado, que dali a cinco dias lhos mandaria.

### CAPITULO XLV.

De como o grande Afonso Dalboquerque, vendo que Cogearar lhe não entregava os homens, mandou recolher os officiaes da obra, e a gente, que andava em terra, e o mais que passou com os capitães.

**P**ASSADOS os cinco dias, que Cogearar tomou pera mandar buscar os homens, mandou-lhe o grande Afonso Dalboquerque dizer por Gaspar Rodriguez, que o tempo, que lhe mandára pedir pera se buscarem os seus homens, avia dias que era passado, te eram vindos, que lhos mandasse. Cogearar lhe disse, que elle tinha mandado alguns criados seus á terra firme em busca dos christãos, e que não vinham, nem tinham feito nada: que dissesse ao senhor capitão mór, que lhe mandasse hum criado seu, em que tinha feito reprefaria, que sabia a terra muito bem, pera o mandar em busca dos seus homens, porque era muito diligente, que faria este negocio differentemente de todos os outros, e dali a dous dias lhos mandaria. Tornado Gaspar Rodriguez da terra com esta resposta, disse a Afonso Dalboquerque, que elle entendêra no alvoroço de alguns mouros, que

eram da parcialidade de Cogear, e nas palavras de sua reposta, que lhe não avia de entregar os christãos, e que desejava de quebrar com elle, e que andava nestas dilações a fim de pôr em effeito alguma treição, que tinha ordenada, porque mandára tapar as bocas de duas ruas, que vinham ter ás cascas, onde estava a feitoria de pedra, e cal. Advertido Afonso Dalboquerque disto, que lhe Gaspar Rodriguez disse, e por atalhar as malicias de Cogear, determinou de mandar alevantar mão da obra, e praticou este negocio com João da Nova, e o feitor, que ao presente estavam com elle no parao junto de terra; e porque a ambos pareceo bem, mandou Afonso Dalboquerque, sem mais dilação, a João da Nova, que recolhesse todos os officiaes da obra, e a mais gente, que andava pela cidade, porque não recebessem alguma afronta dos mouros. João da Nova foi-se logo a terra, e fez recolher todos ao parao, de modo que antes do sol posto não avia ninguem na cidade; e como foram recolhidos, mandou Afonso Dalboquerque chamar os capitães, e alguns fidalgos á sua náó, e juntos todos, disse-lhes o que tinha passado com Cogear, e o que lhe Gaspar Rodriguez dissera, e pedio-lhe que lhe dissessem o que faria, se lhe Cogear não quisesse entregar os homens. Praticado este negocio, assentáram, que se lhos Cogear não entregasse, que lhe devia fazer a guerra, e destruir Ormuz, se podesse; e que lhe não devia de mandar o seu mouro, que lhe mandava pedir, nem os outros, que lhe o rey pedia, porque tudo eram enganos, e mentiras. Afonso Lopez da Costa foi de outro parecer, e disse, que por cima do que os capitães diziam, que seria bom mandar-lhe o mouro, e dar falha a suas mentiras, e dissimulações, pois estava em sua mão fazer-lhe guerra cada vez que

quifesse. Afonso Dalboquerque pareceo-lhe bem este conselho de Afonso Lopez da Costa, e mandou a Cogear o seu criado, e os dias, que lhe mandou pedir; e neste interim disse ao feitor, que dissimuladamente recolhesse a feitoria, e os homens, que nella tinha. Cogear como soube que se mandava recolher a feitoria, vendo que Afonso Dalboquerque andava sempre diante d'elle em tudo, por dissimular, e ver se podia antreter, mandou-lhe dizer por Almaçá da parte do rey, que lhe pedia muito por mercê, que não mandasse recolher a feitoria, porque era grande escandalo pera os mercadores, e elle da sua parte recebia muito de-prazer nisso. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que como queria sua real senhoria que fiasse a fazenda delRey seu senhor, e os seus officiaes d'elle, se Cogear tinha mandado atalhar com paredes duas ruas, que vinham ter á feitoria, e não lhe queria mandar quatro bargantes, que lhe fugiram da sua armada, que per muitas vezes lhe tinha mandado pedir: e com esta resposta lhe mandou amosstrar por João Estão as cartas, que lhe tinham feito da entrega do reyno, e que dissesse ao rey, que lhe pedia muito por mercê que cuidasse bem no que fazia, e não faltasse de sua palavra, nem quifesse ter guerra com ElRey de Portugal seu senhor, porque se perderia: e que visse bem aquellas cartas, e os sellos, com que estavam asselladas, e que não quebrasse a paz, que com elle tinha assentada em nome delRey de Portugal, porque o reyno de Ormuz não se podia defender por armas, senão com siço, e bom conselho. O rey, e Cogear não quizeram ver as cartas, dizendo, que bem sabiam o que estava nellas, e que sua tenção era comprilas inteiramente, porque elles eram vassallos delRey de Portugal; e que se todas estas

coufas fazia por amor dos homens, que lhe fugiram, que se não agastasse, que elles appareceriam.

## CAPITULO XLVI.

Como Cogear mandou pedir ao grande Afonso Dalboquerque seguro pera os christãos: E os capitães lhe mandáram requerer que não fizesse guerra á cidade, e o que sobre isso passou com elles.

**N**o cabo dos dous dias, que Cogear pedio pera mandar os christãos, vendo Afonso Dalboquerque que não vinham, mandou-lhe dizer por Gaspar Rodrigues, que lhe pedia muito que lhe mandasse os seus homens, e não andasse em dilações, porque lho não avia de soffrer. Gaspar Rodriguez foi a terra, e deu este recado a Cogear; e passadas muitas praticas sobre isso, disse-lhe, que dissesse ao capitão mór, que lhe mandasse huns mouros, que tomára no desbarato das náos, que eram seus criados, e hum alvará seu, em que prometia de não fazer justiça dos homens, que logo lhos mandaria, porque não queria ter guerra com elle, senão muita paz, e amizade, pois todos eram vassallos delRey de Portugal, e sempre avia de estar á sua obediencia; e por aqui lhe disse outras muitas palavras a fim de averem effeito suas dissimulações. Gaspar Rodriguez tornou com esta resposta, e disse a Afonso Dalboquerque, que Cogear lhe mandára amosstrar os christãos muito ataviados, e que os vira tão contentes de si, que per cima destas palavras, que Cogear dizia, se affirmava que lhos não avia de entregar. Afonso Dal-

boquerque, posto que entendia muito bem suas manhas, e mentiras, dissimulou sempre com elle, porque desejava de saber delles quem os fizera fugir; e porque não ficasse nada por fazer, tornou a mandar Gaspar Rodriguez com o escrito, que lhe pediu de seguro, e que lhe mandasse dizer onde queria que lhe possessem os mouros, porque lhos mandaria logo. Partido Gaspar Rodriguez com este recado, mandou Afonso Dalboquerque a João Estão, que corresse todas as náos, e ajuntasse os mouros, que podiam ser duzentos, e embarcados em hum zambuco, viesse com elles á borda da água, onde elle estava no parao: e como ali foram, mandou dizer a Cogeatar, que ali tinha os mouros, que mandasse os christãos. Cogeatar lhe respondeu, que os mandasse pôr em terra, e que fosse hum capitão ao Cerame polos christãos, que lá lhos entregaria. Afonso Dalboquerque, como andava atalaiado de suas treições, mandou a D. Antonio de Noronha seu sobrinho, e a João da Nova com duzentos homens, que possessem os mouros junto da fortaleza atados huns nos outros, e que ali esperassem seu recado; e mandou a Francisco de Tavora, que fosse em hum batel ao Cerame polos christãos, e a Gaspar Rodriguez que fosse diante dizer a Cogeatar, que os mouros estavam em terra, que mandasse entregar os christãos a Francisco de Tavora, que lá hia pera os trazer. E porque Gaspar Rodriguez começou a tardar, e não vinha com recado, mandou Afonso Dalboquerque hum moço seu a saber porque tardava, e no caminho o achou que vinha já: e disse-lhe, que Cogeatar o detivera todo aquelle tempo sem lhe responder, que não podéra saber o fim por que o fizera, e que vira os homens vestidos de trajos de mouros, com suas espadas na cinta, muito ledos, como homens, que sabiam

que os não aviam de entregar; e depois de muitas praticas, que tivera com elle, lhe differa, que devia de mandar apresentar os mouros ao-rey pera se aquelle negocio fazer melhor, e que elle mandaria amosstrar os christãos a Francisco de Tavora. Afonso Dalboquerque enfadado desta reposta, mandou logo recado a D. Antonio, e João da Nova, que recolhessem os mouros ao zambuco, porque Cogear não entregava os christãos, e no Cerame avia grande ajuntamento de frécheiros, e elle lhe iria dar costas com a mais gente, porque ordenando-lhe Cogear alguma treição, não nos tomasse desapercebidos. Recolhidos os mouros ao zambuco, desembarcou Afonso Dalboquerque, e ajuntou-se com D. Antonio, e João da Nova, e estiveram assi hum bom espaço ao pé da fortaleza esperando a determinação de Cogear; e como tudo foi affossogado, recolheu-se aos bateis, e foi-se á sua ná. Chegado Afonso Dalboquerque á ná, deu-lhe Antonio Fernandez, que era o corretor dos requerimentos, (como atrás tenho dito,) hum escrito assinado por todos os capitães, que eu tresladei do proprio, que dizia assi:

*Senhor, fazemos isto por escrito, porque por palavra não ousamos, por quão apaixonadamente nos sempre respondeis; e em caso que vós, senhor, nos tenhais dito per vezes que ElRey vos não manda que tomeis conselho commosco, este caso he de tamanha substancia, que nos parece que somos obrigados a darvo-lo; e se o não fizessẽmos, seriamos dignos de grande castigo; e porque esta guerra, que agora quereis fazer, he muito contra o serviço delRey nosso senhor, nos parece que vossa mercê deve de olhar muito bem, antes de a começar, quanta culpa tem Cogear pera ser razão pôrem-se ao taboleiro quinze mil cruzados de renda cada anno,*

*a fóra a honra de tão grande cidade, e reyno; e se de todo vossa mercê determina de lha fazer, e quebrar a paz, e assento, que com elle tem feito, a nós nos parece que o não deveis de fazer, porque mais serviço delRey nosso senhor será deixar agora esta cidade, e dissimular com Cogear, e pera o anno vir possante pera a senhorear, e segurar, que destroila pera sempre. E se todavia vossa mercê determina de fazer a guerra, olhe bem que seja com todo o resguardo, e segurança desta armada, em que vai mais ao serviço do dito senhor, que ganhar, nem perder esta cidade, agora, pois a todo o tempo se póde fazer; porque saindo vossa mercê em terra de Ormuz, ou na cidade, nós determinamos de não ir convosco, nem ser em tal guerra, nem conselho; e porque disto seja certo, e depois o não possamos negar, assinamos aqui todos: oje cinco dias do mes de janeiro de mil e quinhentos e oito annos. João da Nova. Antonio do Campo. Afonso Lopez da Costa. Francisco de Tavora. Manuel Telez.*

Vendo Afonso Dalboquerque este escrito, foi-se á não de Francisco de Tavora, e levou João Estão escrivão da armada comfigo, e ali mandou chamar a todos; e sendo juntos, disse-lhes, que Antonio Fernandez lhe dera hum escrito assinado por elles, que tinha muito bem guardado pera o mandar a ElRey seu senhor: e que pois estavam arrependidos do que lhe tinham aconselhado, e lhe parecia bem não se destruir Ormuz, que lhe dissessem se se affirmavam de não ferem com elle nesta guerra, como no seu escrito diziam; e que se lembrassem que avia dous dias, que praticando com elles se faria a guerra a Ormuz, se lhe Cogear não entregasse os seus homens, que lhe aconselháram que lha fizesse, e não se fiasse nas suas palavras brandas, e doces, por-

que tudo eram mentiras: e que agora os via tão mudados, que lhe parecia que ou era paixão, ou alguma coufa, que elle não entendia, porque de cavaleiros não era refuſar os trabalhos da guerra; porque ElRey Dom Manuel, pela confiança, que nelles tinha, os mandára em ſua companhia pera conquistarem aquelle reyno: e que olhaſſem muito bem o que diziam, porque não lhe obedecerem era irem contra o poder delRey, que lhe tinha dado ſobrelles. Os capitães lhe reſpondêram, que era verdade que lhe tinham aconselhado que fizeſſe a guerra a Ormuz, ſe lhe Cogearar não deſſe os homens, e que depois de lho terem dito, cuidáram niſſo, e aſſentáram ſer muito deſſerviço delRey noſſo ſenhor fazer-ſe, e por iſſo devia de a eſcuſar quando podeſſe, e diſſimular com Cogearar; porque ElRey D. Manuel lhe mandava em ſeu regimento, que tudo o que fizeſſe foſſe com conſelho delles, o que elle nunca quiſera tomar, e fazia tudo o que queria, ſem lhe dar conta de nada. E por aqui foi cada hum tratando dos agravos, que delle tinham. Afonſo Dalboquerque lhe reſpondeo, que os trabalhos da guerra não ſe podiam chamar agravos, e que o foſſem, não era tempo pera ſe falar nelles, ſenão pera acabada aquella fortaleza, a defenderem em que pez aos mouros. E ſe os agravos, que diziam eram de ſeu officio, que na India tinham o viſorey, que lhe faria juſtiça, e ElRey D. Manuel em Portugal que o caſtigaria: e o que agora mais compria ao ſerviço delRey era ſe aviam de ſer com elle em aquella guerra, ou não. Franciſco de Tavora diſſe, que ſeria com elle, e faria tudo o que lhe elle mandaffe. Todos os outros capitães ſe affirmáram de não fazerem outra coufa, ſenão a que tinham dito no ſeu eſcrito. João da Nova começou a dizer, que ſe os capitães

estavam naquella determinação, era por elle mandar recolher a gente da cidade sem seu conselho: e que pois Cogeatar dizia, que todos eram vassallos de ElRey de Portugal, escusado era fazer-lhe a guerra. Afonso Dalboquerque lhe respondeo:

*Isso me ouvereis vós de dizer, quando vos mandei recolher a gente, e não agora, pois o fiz com vosso conselho, e do feitor; e sem mais querer ter pratica com elles, os despedio.*

Afonso Lopes da Costa como chegou á sua náó, mandou ajuntar toda a gente, e quiz saber delles se estavam na sua determinação: todos lhe respondêram, que elles aviam de morrer, onde o seu capitão mór morresse. Passadas estas praticas, foi-se Afonso Dalboquerque pera a sua náó enfadado desta determinação dos capitães; e estando alli suspenso no que neste caso faria, chegou Fernão Soares, e disse-lhe, que os capitães ficavam muito arrependidos do escrito, que lhe tinham mandado, e muito mais das palavras, que com elle passaram: que lhe pediam muito por mercê que se não lembrasse disso, porque a paixão os fegára, e que todos estavam prestes pera o servirem naquella guerra, e fazerem tudo o que lhes mandasse.

## CAPITULO XLVII.

De como o grande Afonso Dalboquerque determinou de fazer guerra a Ormuz: e como a gente do Rey, que estava em guarda dos poços de Turumbaque, foi desbaratada pelos nossos.

TENDO o grande Afonso Dalboquerque assentado de fazer guerra ao rey de Ormuz, se lhe não mandasse entregar os christãos; primeiro que a começasse, quiz entender no alvoroço dos capitães, e saber se o recado, que lhe mandáram por Fernão Soares, era mais que comprimento; porque não querendo elles estar á sua obediencia, como tinham dito, proveria de outros capitães nas náos, que servissem a ElRey; e mandou a João Estão, escrivão da armada, que da sua parte dissesse a Antonio do Campo, que tinha algumas culpas delle, que deixasse a sua capitania, e se viesse preso á sua náos: e aos outros capitães, que pois sua determinação era não servirem ElRey naquella guerra, que deixassem as suas náos, e que elle as proveria de capitães, que servissem a ElRey, e estivessem á sua obediencia, e que de tudo o que passasse com elles fizesse autos. Os capitães vendo esta determinação de Afonso Dalboquerque, envergonhados do que tinham cometido, disseram a João Estão, que elles estavam arrependidos do que tinham dito, e feito, e que isto lhe tinham mandado dizer por Fernão Soares, e que elles estavam prestes pera o servirem, e serem com elle naquella guerra, que queria fazer. Afonso Dalboquerque, visto o arrependimento dos capitães, porque o tempo não era

pera castigar culpas, pela necessidade que delles tinha, perdoou-lhes, e tornou-lhe suas capitánias, salvo a de Antonio do Campo, a que não quis tornar a sua, por ter informação que fora autor de todas estas emburilhadas. Passadas estas praticas, que teve com os capitães, mandou-lhes que se chegassem a terra com suas náos quanto mais podessem, e deixassem rageiras por popa pera se tornarem atrás cada vez que quisessem, e com a artelharia dessem bateria á fortaleza do rey, e que cada hum tivesse ao longo da sua náó hum parao pera os emparar da artelharia, que os mouros tinham no muro da fortaleza; e mandou ao seu mestre, que chegasse tambem a sua náó a terra quanto podesse da banda do porto do ponente. Os capitães deram aquelle dia bateria com tanta furia á cidade, que matáram muita gente na fortaleza, e derribáram muitas casas pela cidade. Os mouros tinham a sua artelharia assentada tão alta, que de baixa mar não fazia nójo ás náos, porque passava por cima dellas, e de preamar dava nos paraos, que tinham por emparo; e se metiam algum no fundo, cada capitão punha logo outro em seu lugar. Envergonhado Antonio do Campo de ver os capitães nas suas náos pelejar, e elle fóra da sua, mandou pedir a Afonso Dalboquerque que lhe perdoasse seus erros passados, e lhe tornasse sua náó pera com ella ajudar seus companheiros, e que elle faria tudo o que elle mandasse. E porque neste tempo tinha necessidade de homens, posto que Antonio do Campo fosse o que ordia todas emburilhadas, perdoou-lhe, e mandou-lhe entregar o seu navio: e aos capitães disse, que ao outro dia tornassem a dar bateria á fortaleza; e foi com tanta furia, que os repairos da artelharia grossa, por serem podres, arrebutáram todos. Afonso Dalboquer-

que vendo isto, mandou afastar as náos pera o mar, e poz-se em ordem pera tolher que não viessem mantimentos, nem agoa á cidade, e cercou a ilha em roda com toda a armada, e mandou pôr fogo a todas as náos, que no porto estavam com feu seguro, requerendo primeiro a Cogear per muitas vezes que entregasse os homens, que lhe tinha tomado, lembrando-lhe o assento, que elle, e o rey tinham feito, quando lhe entregára o governo daquelle reyno em nome delRey de Portugal. E com esta ordem, com que tinha cercada a cidade, começou aver nella muita falta de mantimentos, e de agoa, porque lhe não podia vir da terra firme; e sabendo Afonso Dalboquerque a falta que avia, mandou-lhe apertar mais o cerco, e notificou aos capitães, e a toda a gente da armada, que sua determinação era não se alevantar daquelle cerco até lhe o rey não entregar a cidade, e que já não fazia fundamento de ir ao estreito. Assentado isto, mandou a Manuel Telez, que se fizesse prestes pera levar os mantimentos que tinha á fortaleza de Çocotorá; e tendo nova no caminho que por aquella costa andavam algumas náos de Portugal, que se visse com os capitães, e lhes dissesse da sua parte, que o viessem socorrer, e que lhe trouxesse todas as munições de guerra que achasse, porque de tudo tinha necessidade. O povo da cidade vendo-se atalhado de maneira, que de nenhuma parte lhe podia vir agoa, que era o que se mais sentia, ajuntáram-se os principais mouros della, e foram-se ao rey, pedindo-lhe que mandasse guardar os poços de Turumbaque, que estavam no Cabo da ilha, porque os Portugueses se não apoderassem delles, e dali se poderia soprir a muita falta, que avia de agoa. O rey mandou logo hum capitão com gente de pé, e de cavallo pera estarem em

guarda dos poços, e tendas, em que se podessem agafalhar. Avifado Afonso Daboquerque desta determinação dos imigos, mandou-os huma noite espiar; e sabida a ordem, em que estavam, não sofrendo tardança, mandou D. Antonio de Noronha com cem homens, e Francisco de Tavora, e João da Nova com outros cento, que os fossem cometer; e estando prestes, embarcaram nos bateis, e partiram á boca da noite; e chegando aos poços, que seriam duas horas ante menhaã, deram logo nos mouros, que estavam bem descuidados do que lhes aconteceo, e desbarataram-nos, e mataram dous capitães principaes do rey, que eram vindos com aquella gente, e muitos mouros de pé, e de cavallo, e queimaram humas poucas de casas, que ali estavam, e todas as tendas, que trouxeram pera seu gafalhado; e acabado isto, enchêram os poços de homens, e cavalos, e camelos mortos, e recolhêram-se aos bateis com esta victoria, e vieram-se pera as náos, trazendo comsigo dous archeiros, que ali cativaram, dos quaes soube Afonso Dalboquerque, que avia dias que o rey por conselho do rey cego, e dos governadores da terra tinha determinado de se alevantar contra elle, e matar todos os portuguezes, que andassem na cidade, porque estava muito arrependido de lhes dar lugar pera fazer fortaleza, e que na cidade avia muita falta de agoa; e Cogear por se não fiar de ninguem, tinha a chave de huma cisterna, que seria de oitenta covados, e tinha em guarda della hum capitão com gente. Afonso Dalboquerque, posto que estes mouros, que guardavam a cisterna, tinham o socorro certo por estarem perto da cidade, com tudo pelos enfadar determinou de os ir cometer, e fez-se prestes com toda a gente, e partio das náos ante menhaã, e mandou Francisco de Tavora

na dianteira com quarenta homens, que désse nelles; e elle com toda a mais gente foi nas suas costas, e deram tão de súbito nos mouros, que os puferam logo em desbarato, e foram-nos seguindo hum pedaço, matando muitos mouros de pé; e ao seu capitão, que andava a cavallo, e Lopo Alvarez, criado do condestabre, foi o primeiro, que lhe pos a lança. Dos nossos foram muitos feridos com frechas, porque os mouros de cavallo hiam fugindo, e tirando com ellas aos nossos, que os seguiam sem ordem. Afonso Dalboquerque, temendo-se do socorro, que lhe podia vir, mandou a D. Antonio de Noronha que os recolhesse, e quebrou as portas da cisterna, e enchêram-na toda de corpos, e cavalos mortos, e com esta victoria se foi embarcar nos batejs, e veio-se pera as náos.

### CAPITULO XLVIII.

De como Cogear tornou a mandar desentupir os poços de Turumbaque, e a gente, que tinha em guarda delles, foi desbaratada pelos nossos, e o mais que passou.

**P**ASSADOS dous dias depois deste desbarato, porque na cidade avia muita falta de agoa, e começavam a morrer muitos meninos de sede, e de nenhuma outra parte se podiam prover com brevidade, senão dos poços de Turumbaque, (pela muita vigilancia, e cuidado, que o grande Afonso Dalboquerque tinha de guardar a ilha toda em roda,) determinou Cogear de mandar secretamente desentupir os poços, e mandou a isto hum capitão com gente de pé, e de cavallo, e muitos camelos,

e bestas pera trazerem logo agoa á cidade. Afonso Dalboquerque como tinha suas intelligencias pera saber tudo o que o rey ordenava, por mouros a que dava muito de sua fazenda, foi logo avisado disto, e fez prestes Manuel Telez, e Afonso Lopez da Costa com cento e cincoenta homens pera irem saltar esta gente, e que tornassem a intupir os poços. Os capitães se partiram de noite por mar, e chegaram aos poços, começando de amanhecer, e deram logo nos mouros; e como elles estavam descuidados, foram desbaratados, e sem fazerem resistencia, se poseram em fugida, e os nossos, os foram seguindo, e no alcance matáram muitos, e tornáram-se a recolher aos poços, e matáram todos os camelos, e azemelas, que os mouros ali tinham pera levarem agoa, e entupiram os poços. E feito isto, recolhêram-se aos bateis, e tornando-se pera as náos, topáram no caminho Afonso Dalboquerque, que vinha nos bateis com gente pera os ajudar, se fosse necessario. Os capitães lhe contáram tudo o que tinham passado: e elle lhe louvou muito o feito, e o modo, que tiveram em cometer os mouros. E disse-lhes, que tinha por enformação, que sobre aquelles poços estava hum outeiro alto talhado a pique ao mar, onde se podia fazer hum forte, em que podia estar artelharia, e gente, que defendessem não se levar dali agoa pera a cidade, que seria bom verem aquelle sitio, e o que se nelle podia fazer, porque tolhendo-lhe aquella agoa, de necessidade se avia o rey de entregar, porque não tinham donde se prover, senão com muito trabalho, e risco das vidas. Com esta determinação voltáram todos, e foram desembarcar no porto, e começando a caminhar pelo cerro acima, viram gente de cavallo, que vinham da cidade em socorro de huns poucos de archeiros, que ali

ficáram do desbarato passado. Afonso Dalboquerque avendo vista delles, esteve quedo com toda a gente, e mandou Afonso Lopez da Costa, D. Antonio de Noronha, Manuel Telez, e Jorge Barreto, que tomassem a dianteira á nossa gente, e os tivessem que não andassem; e feitos todos em hum corpo, mandou a D. Antonio com cem homens, que sobisse o outeiro, e cometesse os mouros: e elle deixou-se estar na praia com a mais gente á vista delles. D. Antonio ouve-se tão valerosamente no sobir, que deu nos archeiros primeiro que a gente de cavalo chegasse, e postos em desbarato, foi-os seguindo por hum vale, que hia ter á ferra. A gente de cavalo, que vinha da cidade, vendo os nossos desmandados, começaram a travar com elles. Os archeiros como se víram favorecidos da sua gente de cavalo, fizeram volta, e vieram-se ajuntar com elles, e cometeram D. Antonio. Afonso Dalboquerque vendo os nossos emburilhados com gente de cavalo, mandou dizer a D. Antonio que se recolhesse pera onde elle estava; e porque tardava, mandou-lhe dizer por Afonso Lopez da Costa que se recolhesse logo, e com este segúdo recado se veio recolhendo pelo vale abaixo, hum pouco mais depressa. Os mouros como víram que D. Antonio se recolhia, apertáram mais com elle. D. Antonio como se vio apressado dos mouros, voltou, e felos arredar de si, ficando alguns archeiros estirados por esse chão mortos, e recolheo-se á praia, onde seu tio estava, e os mouros pegados com elle sem ordem, e matáram hum moço junto com Afonso Dalboquerque de huma fré-chada pela cabeça, o qual vendo os mouros allí desmandados, mandou a D. Antonio que tornasse a dar nelles com a sua gente, e nesta volta matáram tres mouros de cavalo, que se quizeram aventajar dos outros,

homens bem tratados de vestidos, e de armas. Os de cavallo como viram estes mortos, deixáram as armas, e as cubertas dos cavalos pera ficarem mais leves, e puferam-se em fugida pera a cidade. Foram feridos neste desbarato D. Antonio de sete fréchadas, Gonçalo Queimado, Nuno Vaz de Castelo-branco, e Antonio de Liz, e outros, e tornáram-se a recolher. Os archeiros, posto que se vissem sem a gente de cavallo, ajuntáram-se na boca do vale com animo de se vingarem, e ás fréchadas começaram a tratar mal os nossos. Afonso Dalboquerque enfadado da sua contumacia, disse aos capitães, que dessem nelles, e foram-nos seguindo por hum vale acima, e escozêram-os de maneira, que não ousáram de cometer mais os nossos, e puferam-se todos juntos em hum outeiro, e nesta volta feriram Afonso Lopez da Costa, Manuel Telez, Jorge da Silveira, Fernão Feijo, João Rodriguez Pireira. Afonso Dalboquerque como teve os mouros afastados de si, recolheo-se aos bateis, e veio-se pera as náos, sem se determinar no lugar que hia ver; e de dous frécheiros, que se ali cativáram, soube que os de cavallo que matáram, era hum delles filho de Rexnordim, homem muito cavaleiro, que viera da Persia com gente a servir o rey naquella guerra, pelo qual se fez tamanho pranto na cidade, que nas náos se ouvia. Estes tres capitães, que aqui matáram, pagáram a soberba, com que se ofrecêram ao rey pera guardarem estes poços.

## CAPITULO XLIX.

Do recado, que o rey mandou ao grande Afonso Dalboquerque, pedindo-lhe pazes, e a reposta que lhe deu, e o que passou na Ilha de Queixome indo tomar agoa.

**R**ECOLHIDO o grande Afonso Dalboquerque com esta vitoria pera as náos, foi-lhe dito, que depois de elle ser partido pera Turumbaque, fãiram duas almadias de noite da cidade pera a terra firme; e desejando de saber o fundamento desta ida, mandou logo Duarte de Soufa com dous esquifes muito bem aparelhados pera qualquer coufa que lhe socedesse, que as fosse esperar por aquella parte por onde ellas fãiram; e as almadias tornando de noite, vieram dar de súbito com Duarte de Soufa; e como ouve vista dellas, foi-lhe dando caça, e antes de chegarem a terra as tomou ambas, e veio-se com ellas a Afonso Dalboquerque; e dos mouros, que se ali tomãram, soube que Cogear, pela muita falta que na cidade avia de agoa, mandava almadias ligeiras do remo a Nabande por ella de noite, porque podiam ir ao longo de terra mais secretas que os paraos. Sabido isto dos mouros, mandou-lhe cortar as orelhas, e os narizes, e lançalos em terra, e queimar as almadias, e dali por diante mandava vigiar a ribeira pera atalhar este remedio, que Cogear buscou pera aver agoa. O povo da cidade vendo-se apertado desta maneira, e posto em grande necessidade de fome, e sede, como era noite, ajuntavam-se muitos homens, molheres, e meninos, e hiam-se derredor dos paços do rey, e com grandes brados, e gritas lhe pe-

diam que ouvesse piedade delles, e dos trabalhos, que padeciam com morte de pais, maridos, filhos, e parentes, sem esperanza de lhes vir socorro de nenhuma parte, e tudo por Cogear não querer entregar quatro christãos, que não aproveitavam pera nada, nem tinham necessidade delles: e por aqui diziam muitas desaventuras, que passavam, que era lastima ouvilos: os gritos eram tamanhos, que nas náos se ouvia. O rey vendo estes trabalhos do seu povo, e as grandes necessidades, em que a cidade estava, determinou por conselho do rey cego de mandar pedir misericordia ao grande Afonso Dalboquerque, e mandou-lhe dizer por Almaçá, hum mouro capado muito seu privado, que elle estava arrependido de tudo o que era passado, e que lhe jurava por sua lei, que elle não tinha nenhuma culpa: que lhe pedia muito por mercê que se contentasse com a destruição, que tinha feita naquella cidade, e que elle faria tudo o que elle quisesse. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que se o rey queria concerto, e ter amizade com elle, que primeiro lhe avia de mandar entregar a fortaleza delRey de Portugal seu senhor, e os seus homens, que lhe tinha tomados, e toda a fazenda, que ficára na feitoria, com todas as despesas; e satisfeito tudo, falasse em concerto, porque doutra maneira o não avia de ter com elle. Almaçá foy com esta reposta a terra. O rey, depois de praticar este negocio com o rey cego, e Cogear, e com esses mouros principaes do seu governo, respondeo, que na fortaleza não falasse, porque lha não avia de dar, que dinheiro lhe daria quanto quisesse. Afonso Dalboquerque vendo reposta tão soberba, e entendendo que era forjada por Cogear, disse a Almaçá, que dissesse ao rey, que elle não tinha necessidade do seu dinheiro, nem queria nada delle,

fenão a fortaleza, que era delRey de Portugal, ganhada com sua gente, e armada, que se lha não desse, não falasse em concerto, e que elle esperava que Cogear, que lhe aquilo fazia dizer, se arrependesse em algum tempo de lho ter aconselhado. Cogear como sabia que os capitães não eram de parecer que se fizesse a guerra ao rey, mandou-lhe logo de noite dizer aos navios, onde estavam junto de terra, que lhe fazia a saber que o rey tivera muitos cumprimentos com o seu capitão mór, e lhe offerecêra muito dinheiro, pera que não destruisse aquella cidade, que estava á obediencia delRey de Portugal, e todos eram seus vassallos, e que o não quizera aceitar; que o rey determinava de mandar hum navio com recado ao Visorey da India, e dar-lhe conta destas sem-rezões que lhe fazia. Afonso Dalboquerque foi logo avisado d'isto, que Cogear passára de noite com os capitães; mas dissimulou com elles sem os castigar, como elles mereciam, até ver sua determinação, e foi continuando a guerra como fazia; e porque na armada avia muita falta de agoa, mandou a Antonio do Campo, e Pero Vaz Dorta, Feitor, ao porto de Nabande, e vissem se com dadas, ou dinheiro podiam aver agoa, porque os moradores daquelle porto vivem disso, e trazem-na a Ormuz a vender. Chegados ali, hum capitão do rey de Ormuz, que estava com gente em guarda daquelle porto, não quis ter prática com os nossos, nem consentio que lha vendessem por dinheiro. Antonio do Campo, vendo a determinação do capitão, tornou-se pera as náos, e contou a Afonso Dalboquerque o que passára, o qual se fez logo prestes pera em pessoa ir á ilha de Queixome tomala por força, por ser mais perto, e levou consigo Antonio do Campo, e Francisco de Tavora com cem homens, e paraos, e

mouros, que eram usados neste officio de trazer agoa á cidade, e deixou João da Nova com toda a mais gente com seu poder em guarda das náos. Estando tudo prestes, partíram de noite, e chegaram á ilha antemenhaã, e primeiro que desembarcasssem, mandou Afonso Dalboquerque pôr atalaias derredor dos poços pera vigiarem toda a terra ao longe, e Duarte de Soufa, e o Feitor que tivessem cuidado de fazer carregar os paraos dagoa com muita brevidade. Ordenado isto, desembarcou com toda a gente, e foi marchando direito a hum lugar, que se chamava Arbés, que estava hum pedaço afastado da borda dagoa, e mandou a Jorge Barreto com dez homens, que fosse por huma comiada alta vigiando a terra, e a Antonio do Campo com cinquenta homens que fosse diante, e désse no lugar. Antonio do Campo como chegou, deu logo nelle; e Afonso Dalboquerque, que hia nas suas costas, deu por outra parte com Jorge Barreto, que já ali era, e mataram alguns mouros; e como o rey não tinha aqui guarnição de gente, os mouros, que acodiram, vendo se maltratados das nossas espingardas, poseram-se em fugida, e deixaram o lugar. Afonso Dalboquerque como o vio despejado, e que não tinha de que se recear, mandou recolher todos os mantimentos aos bateis, e andando nesta presa, ouviram hum tiro de bombardas pera aquella parte, onde elles ficáram, e mandou logo recolher a gente, porque lhe pareceo que era final que lhe faziam, e veio-se em corpo com toda ella direito á praia, e em chegando, disse-lhe Duarte de Soufa, que estando fazendo agoada, viera hum capitão com trinta mouros, e duas bombardas em camelos, e que elle em os vendo se recolhêra aos bateis, e se posera de largo, e o capitão mandára decer as bombardas dos camelos,

e começára a esbombardear; e aos primeiros tiros, vendo a nossa gente que vinha, tornára a carregar as bombardas, e recolher-se muito depressa. Afonso Dalboquerque acabou de tomar sua agoa, e partio-se, e em chegando ás náos, soube que João da Nova fora de noite no seu esquife a terra falar com os arrenegados e com alguns criados de Cogear, o que sentio muito pelo fazer sem sua licença, deixando-o em guarda daquella armada em seu nome.

## CAPITULO L.

Do que o grande Afonso Dalboquerque passou com João da Nova por não querer ir a Nabande, onde o mandava.

COMO o grande Afonso Dalboquerque foy nas náos, ao outro dia mandou dizer a João da Nova, e a Francisco de Tabora, que elle tinha novas que ao porto de Nabandé era chegada huma cafila, que vinha da Persia pera Ormuz com mantimentos, e outras mercadorias; que se fizessem prestes com sua gente pera irem lá, e que viessem a bordo da sua náos pera lhe dizer o que aviam de fazer. Francisco de Tabora, como lhe deram o recado, fez-se logo prestes, e veio-se á borda da náos capitaina ás horas, que lhe tinha mandado; e porque era tarde, e João da Nova não vinha, mandou-lhe Afonso Dalboquerque dizer, porque tardava, que Francisco de Tabora avia muitas horas que lá estava esperando por elle: e João da Nova lhe mandou dizer, que se tardava, era porque a gente da sua náos não no queria acompanhar, e que elle só não avia de ir.

Afonso Dalboquerque como estava mal contente delle pelo que fizera sendo ido á ilha de Queixome, e enfadado tambem desta reposta, meteo-se no seu esquite com João Estão, escrivão da armada, e alguns homens, e foi-se já de noite á náó de João da Nova; e entrando nella, porque vio a gente alvoroçada, e posta em lhe desobedecer, dissimulou, e disse a João da Nova, que os fizesse embarcar nos bateis, e que se fosse á sua náó. Elle (como homem, que não estava fóra desta culpa) não o quis fazer, e disse-lhe, que aquella gente não queria ir pelejar á terra firme, porque não eram a isso obrigados; e se queria que lá fossem, que lhe mandasse dar sua parte dos vinte mil xerafins, que o rey de Ormuz tinha dado de pareas. Afonso Dalboquerque lhe disse, que os fizesse embarcar, que elle lhe responderia. E posto que por muitas vezes lho dissesse, sempre se escusou, dizendo, que a gente não queria. Entendendo Afonso Dalboquerque que tudo nacia de João da Nova, e não da gente, disse-lhe:

*Muitos dias ha que eu sei os conselhos, em que vós, e os outros capitães andais, e tudo dissimulei, fazendo sempre que o não sabia, porque desejava de acabar esta fortaleza em paz, e todos o fizestes de maneira, que se veio tudo a perder; e não contentes disto, sendo eu na Ilha de Queixome, deixando-vos a vós, com todo meu poder, em guarda desta armada, fostes a terra falar com os inimigos cercados, e com os homens, que me fugiram, não tendo licença minha pera o poderdes fazer: e desobedecer-me a gente da vossa náó, sendo eu vosso capitão geral, nasce de os terdes amotinados contra mi, afirmando que lhe tenho tomado a parte, que lhe cabia dos vinte mil xerafins, que o rey de Ormuz pagou de pareas: e que ElRey Dom Manue*

*nosso senhor mo mandava em meu regimento, não sendo assi, e tudo isto he a fim de eu deixar esta empresa: porque todos desejais de vos irdes pera a India carregar vossas quintaladas enfadados da guerra, e não vos lembra que esta obrigação tanto he minha, como de todos, e que nos convem darmos boa conta a ElRey nosso senhor deste reyno, que temos ganhado. E sofrer Cogear tantos trabalhos, e necessidades, sem me querer entregar quatro christãos, visto está, que sabe, que me aconselhais todos, que deixe a guerra, e me vá; e quem tem esta culpa, ElRey nosso senhor o saberá.*

João da Nova não ficou muito contente destas coufas, que lhe Afonso Dalboquerque disse, e começou-se a desculpar; e quanto era amotinar a gente da sua náó, que lhe perguntasse quantas vezes os reprehêda, e forçara que se embarcassem, sem lhe quererem obedecer: e o que dizia das quintaladas, era verdade, que quando em Calayate lhe pediram licença pera se ir pera a India, fora pera carregar a sua náó, e ir-se pera Portugal, como lhe Tristão da Cunha tinha mandado em Çocotorá que o fizesse, pera lhe levar recado antes de sua partida, do que elle tinha feito naquella costa, e que se se quisesse ir sem sua licença, que bem o podera fazer; e como João da Nova era de animo austinado, e soberbo, começou a dizer muitas doudices, e fazer grandes alvoroços, de maneira que era o arroido tamanho na náó, que os mouros, que estavam nos muros da cidade vigiando, começaram a dar grandes gritas, e atiraram quatro tiros de artelharia, falando muitas palavras contra Afonso Dalboquerque, como gente, que sabia daquelle alvoroço, e divisão; e vendo elle estas coufas, e que já não aproveitavam boas palavras, pareceo-lhe que pera o credito de sua peffoa feria mais

onefto matarem-no ali, que fofrer defobedecerem-lhe, e remeteo a huma espada de hum grumete que achou, e faltou com os que eram autores deste alvorço, no convés, e felos embarcar, e chegou-fe a João da Nova, e levou-o pelos peitos, e disse-lhe, que se embarcasse logo. Como a gente da náó vio Afonso Dalboquerque embarçado com João da Nova, não ouve ninguem mais que oufasse falar, e foram-fe todos embarcar. João da Nova como se vio atalhado, (pera desculpa do que tinha feito, ainda que fosse contra sua honra,) puxou pela barba, que trazia muito comprida, e tirando alguns cabelos, que atou em hum lenço, começou a dizer alto:

*Eu me irei a ElRey, e diante do seu conselho lhe pedirei justiça destas barbas, que me arrancastes, em pago dos serviços, que lhe tenho feitos nestas partes da India.* Afonso Dalboquerque lhe respondeo severamente:

*Eu não vos pus as mãos na barba; e ainda que vo-la arrancára toda, polo que tendes feito, e por me desobedecerdes, nem por isso me ouvera ElRey nosso senhor de mandar cortar a cabeça; e se eu usára comvosco, e com os outros capitães do rigor de meu regimento, quando todos começastes a danar as cousas de Ormuz, não estiveram ellas no estado, em que agora estão; mas sofri-vos com muita paciencia, cuidando que assi se faria o serviço delRey melhor, que era o que eu pretendia; e sem mais querer ter prática com elle, o fez embarcar, e todos os mais culpados, e veio-fe pera a sua náó já muito de noite: e ao outro dia mandou João da Nova preso sobre sua menagem á náó de Francisco de Tavora, e disse a João Estão, escrivão da armada, que tirasse huma devassa pera se saber quem tinha a culpa deste alevantamento. Tirada a devassa, achou o capitão, e a todos tão culpados, que ouve que*

era melhor conselho perdoar-lhes polo tempo, em que estavam, e pela necessidade que delles tinha, que dar-lhe o castigo, que elles mereciam; e por affossegar a gente daquelle alvoroço, em que andavam, deu a cada hum dez xerafins, em parte do que lhe podia caber dos vinte mil xerafins de pareas, se fosse direito dar-lhos, e senão que se descontariam nos seus soldos, e mandou-lhe que se tornassem pera a não: e alevantou a menagem a João da Nova, e tornou-lhe a capitania, e não quis entender em suas culpas, e deixou o castigo dellas pera ElRey, posto que no seu regimento lhe dava poder pera tudo.

## CAPITULO LI.

Como o grande Afonso Dalboquerque tornou á ilha de Queixome com determinação de tomar agoa: e do desbarato, que fez na gente, que o rey ali tinha pera guarda della.

COM todas estas deferenças, que o grande Afonso Dalboquerque cada dia tinha com os capitães, que lhe davam bem em que cuidar, não deixava de buscar remedio de aver agoa pera a sua armada, de que tinha muita necessidade; e posto que na ilha de Queixome (que era mais perto) se não podia já tomar sem força de gente, pela muita que o rey ali tinha mandado depois do desbarato, com tudo determinou de ir lá, e primeiro que partisse, quis saber dos mouros, que tomára em Arbes, onde se alojavam os capitães, e gente, que o rey ali tinha em guarda dos poços. Os mouros lhe disseram, que toda estava aposentada em hum lugar grande, que se chamava Queixome, e dali

se proviam todalas outras povoações. Afonso Dalboquerque com esta informação, mandou a João da Nova, e Afonso Lopez da Costa, que se fizessem prestes com sua gente, pera irem com elle, e a Antonio do Campo que proveffe os paraos de mouros, que os mareassem, pera carretarem agoa, e deixou Francisco de Tavora, e Manuel Telez em guarda das náos; e como foi meia noite, partíram, e chegaram tão cedo defronte de Queixome, que foi necessario surgirem em pégo, até serem horas pera verem onde desembarcavam; e como a menhaã começou a romper, mandou Afonso Dalboquerque chegar os bateis a terra, e desembarcou com toda a gente, e disse a João da Nova, e Afonso Lopez da Costa, que com a sua fossen diante de rosto ao lugar, e deffem logo nelle, e mandou a Jorge Barreto com cincoenta homens, que deffem da banda do sertão, pera atalhar aos mouros, que se não acolheffem por aquella parte, e que ali se ajuntariam todos; e depois de lhe dar esta ordem, foi-se com toda a outra gente, marchando direito ao lugar, pera dar costas aos capitães. João da Nova, e Afonso Lopez da Costa apressáram-se de maneira, que chegaram primeiro que Jorge Barreto ao cabo do lugar, e deram em humas casas grandes, onde estavam tres capitães do rey de Ormuz pondo-se já a cavallo, e alguns archeiros. Como João da Nova, e Afonso Lopez da Costa sentiram nas casas gente, remetêram ás portas, e quebráram-nas com machados, e entráram com elles de roldão. Jorge Barreto, que já era com elles, foi-os cometer por detrás das casas por cima das paredes de huns quintaes. Os mouros, quebradas as portas da rua, recolhêram-se a hum patio, e ali se defendêram por hum bom espaço, sem os poderem entrar: os nossos envergonhados da

tardança, apertáram rijo com elles, e entráram-nos por força: e na entrada feriram João da Nova, que foi o primeiro, e o mejrinho, e despenseiro da sua náó, e matáram-lhe hum marinheiro; mas os nossos se vingáram bem, porque matáram os tres capitães, que se estavam pondo a cavallo pera fogir, e todos os archeiros, que com elles estavam. Foy este feito tão apressado, e tão bem pelejado, que estando Afonso Dalboquerque muito perto das casas, em que isto passou, não sentio nada do que hia dentro; e quando entrou no patio, onde os nossos estavam, e vio tanto sangue, e tantos mouros mortos, começou a dizer grandes palavras de louvor aos capitães, e a toda a outra gente, e que tomára por fatisfação de seus serviços, velos ElRey D. Manuel seu senhor pelejar daquellas varandas: e sahio-se fóra das casas pera hum terreiro, e mandou a Aires de Sousa, e Fernão Soarez, e a outros, que cavalgassem nos cavalos, que ali estavam, e corressem o campo por derredor da villa, e não dessem vida a nenhuma pessoa, que achassem: elles o fizeram, e matáram muitos mouros, molheres, e meninos, e recolhêram todo o gado, que acháram, e tornáram-se pera onde Afonso Dalboquerque estava; e como ali foram, mandou matar todos os cavalos, porque os mouros se não aproveitasssem delles, e fez recolher todos os mantimentos aos bateis, e veio-se com esta vitoria pera as náós: e não quis que possessem fogo ao lugar, porque avia muitos mantimentos, e esperava que quando os bateis tornassem por agoa, levasssem de cada vez huns poucos, e deixou Antonio do Campo no seu navio em guarda dos poços pera favor dos que lá mandasse por agoa; e como chegou ás náós, mandou lançar hum parao cheo de mouros principaes, que ali matáram, na ribeira da

cidade, e por ser gente honrada, e de estima, fizeram por elles grande pranto. Descarregados os paraos dos mantimentos, mandou Afonso Dalboquerque, Francisco de Tavora, e Jorge Barreto a Queixome, onde Antonio do Campo ficára, que trouxessem toda a agoa, e mantimentos que pudessem; e depois de serem partidos, chegou o piloto de Antonio do Campo com recado pera Afonso Dalboquerque, que lhe fazia a saber, que da gavia da sua não viram ao mar muitos navios, que vinham á véla contra a ilha de Lara, que lhe mandasse dizer o que faria; e elle, porque o dia de antes viera de lá, e não avia nova de tal armada, não se pôde determinar no que podia ser; e pera se certificar disto, mandou vir perante si dous mouros honrados, que tomára na ilha, e perguntou-lhes que navios podiam ser aquelles? Hum delles lhe disse, que deviam de ser huns, que Cogear mandava vir de Julfar, pera se ir nelles com o rey, e com toda sua casa pera a mesma ilha, que socorro não podia ser, porque Cogear não avia de meter mais gente consigo na cidade da que tinha, pela muita falta, que avia de mantimentos, e de agoa: e o outro mouro disse, que assi lhe parecia, porque a noite, antes que os tomassem, passára hum criado de Cogear com grande pressa, e lhe dissera, que hia a Julfar com recado ao goazil, que lhe mandasse gente, e navios, que não sabia pera que era.

## CAPITULO LII.

Como o grande Afonso Dalboquerque mandou a Afonso Lopez da Costa, e Manuel Telez que se fossem ajuntar com Antonio do Campo, e comezarem a armada dos mouros, e elles a deixaram, e se foram caminho da India.

COM esta nova, que o grande Afonso Dalboquerque teve da chegada destes navios á ilha de Lara, mandou logo recado de noite a Afonso Lopez da Costa, e Manuel Telez, que se fossem ajuntar com Antonio do Campo, avisando-os, (pela informação, que tinha dos mouros, que tomára na ilha de Queixome,) da armada, e gente, que podia ser, e assi lhe mandou dizer a maneira, que avia de ter, cometendo a armada pera pelear; e que por Men Rodriguez, condestabre dos bombardeiros, que lhe aquelle recado levava, o avisassem logo do que passava, porque tendo necessidade de socorro, elle em pessoa iria com todas as outras náos. Manuel Telez, e Afonso Lopez da Costa, como lhe deram este recado, levaram suas ancoras, e foram-se á ilha de Queixome, onde Antonio do Campo estava, e disseram-lhe o que Afonso Dalboquerque mandava, e ali assentaram todos tres de irem cometer a armada dos mouros; e indo á véla, começando a descobrir huma ponta da ilha, como os mouros ouveram vista dos nossos navios, largaram as amarras, e a remo, e á véla fogiram, e elles lhes foram dando caça duas legoas, sem os poderem alcançar, e por ser já noite, tornaram-se a ancorar no porto da ilha, onde a armada dos mouros

estava furta, e dali escrevêram por Men Rodriguez a Afonso Dalboquerque o que tinham feito, e como estavam esperando recado seu, do que aviam de fazer. Chegado Men Rodriguez com este recado, tornou-o logo a mandar, que dissesse a Afonso Lopez da Costa, e Antonio do Campo, que pois a armada dos mouros era ida, que tornassem a tomar suas estancias derredor da cidade, como estavam, e a Manuel Telez que se viesse furgir junto da sua náó, e que o despacharia pera levar os mantimentos á fortaleza de Çacotorá, como lhe tinha dito. Men Rodriguez partio-se logo, e foi-se direito á ilha de Lara, onde os capitães todos tres ficaram; e chegando, deu-lhe este recado, e elles lhe respondêram, que se estavam fornecendo de agoa, e como a tivessem tomada, se tornariam logo aos lugares onde lhe mandava. Tornado Men Rodriguez, no caminho topou com Francisco de Tavora, e Jorge Barreto, que vinham da ilha de Queixome carregados de agoa, e deram-lhe hum mouro velho, morador na ilha de Lara, que ali tomáram, que trouxesse consigo, o qual era hum piloto, que fugira em Cananor a Antonio de Saldanha a primeira vez que fora á India. Como Men Rodriguez chegou, deu o mouro a Afonso Dalboquerque, e disse-lhe, que achára os capitães todos tres em terra passeando pela praia, afastados da gente, e que Afonso Lopez da Costa lhe dissera com grande arrogancia:

*Diizei vós ao nosso capitão geral, que digo eu, que homens são estes pera lhe elle mandar suas partes dos quinze mil xerafins perfumados a bordo.*

Disto, que lhe Men Rodriguez disse, não ficou Afonso Dalboquerque contente, e perguntou ao mouro, que armada era aquella, e que gente trazia? Elle lhe disse,

que eram sessenta navios, e que vieram nelles quatro mil homens, e o capitão se chamava Xaquear, o qual vinha por mandado de Cogear guardar todas aquellas agoadas, porque a sua gente não tomasse agoa nellas. Passados dous dias, como Afonso Dalboquerque vio que os capitães não vinham a tomar as estancias, que lhe elle tinha mandado que tomassem, nem recado seu, mandou Fernão Soarez no batel de Frol dela mar, e Pero Gonçalvez, piloto mór, no esquife do Cirne, que fosse em busca delles, e lhe dissesse, que se espantava muito não virem com os seus navios, aonde lhe tinha mandado. Chegando Fernão Soarez á ilha, como os não achou, portou em terra, e tomou hum mouro, que lhe disse, que aquelles tres capitães, que ali estavam, tomáram agoa, e se fornecêram de muita carne, e taffalhos, e falmoura, metida em jarras, e fizeram-se á véla, e foram na volta do cabo de Maçandi. Fernão Soarez tornou-se com esta informação que achou, e disse a Afonso Dalboquerque o que passava dos capitães, e que a armada dos mouros ficava furta antre ilha de Lara, e a de Queixome. Elle enfadado de sua fugida, deixando a armada dos mouros por desbaratar, e a elle em cerco sobre huma cidade tamanha com tres navios, que huma armada por pequena que fosse, lhe podia dar muito trabalho, em caso tão novo ficou suspenso por espaço de seis dias, sem se saber determinar em o que faria, e mais vendo o grande alvoroço, que avia nos mouros da cidade, como homens, que tinham sabido a fogida dos capitães: de huma parte via a cidade (pelos muitos trabalhos, que padecia, de fome, e sede) rendida, se a não deixasse: da outra, a grande obrigação, que tinha de prover a fortaleza de Çacotorá de mantimentos, pela muita necessidade, que delles tinha; (os

quaes Manuel Telez levava no feu navio:) e estando assi nestas considerações, tomou por mais seguro conselho alevantar-se daquelle cerco, e ir focorrer a fortaleza de Çacotorá com effes poucos de mantimentos que tinha, e as coufas de Ormuz deixalas a Deos, porque elle lhe daria outro tempo, em que se melhor pudesse ajudar delle: e com esta dor, que tinha de deixar Ormuz, se foi, á não de João da Nova, e disse-lhe, que já tinha sua vontade comprida, pois que Antonio do Campo, Afonso Lopez da Costa, e Manuel Telez eram fugidos pera a India: que sua determinação era ir focorrer a fortaleza de Çacotorá com alguns mantimentos, pois Manuel Telez levára os que tinha, pera lhe mandar, que se fizesse prestes, e que iria em sua companhia até o Cabo de Roçalgate, e dali se iria caminho da India. João da Nova lhe disse, que elle não folgára de lhe os capitães fugirem, nem nunca fora com elles em tal conselho, mas antes lhe parecia muito mal o que tinham feito: que lhe pedia muito por mercê, pois lhe dava licença pera se ir pera a India, que lhe alevantasse a menagem, que lhe tinha tomáda. Afonso Dalboquerque lha alevantou, e despachou Pedralvares, criado do Condestabre, pera ir em sua companhia com cartas pera o Viforey, em que lhe dava conta da fugida dos capitães, e como o deixáram sobre aquella cidade, tendo nova certa, que a armada do Soldão estava em Diu, fazendo-se prestes com a do rey de Cambaya, pera virem sobrelle, a qual nova soubera por huns mouros, que se tomáram em huma não de Ormuz, que vinha de Diu, que Cogear lá mandára a pedir este focorro: que pedia a sua senhoria, que se estes capitães lá eram, que lhes désse aquelle castigo, que elles mereciam, por deixarem o feu capitão geral em tal tempo, e lhe fugi-

rem, e deu licença a Jorge Barreto feu cunhado pera se ir, porque lha pedio, e mandou a João Estão, e a João Teixeira, (a que deu juramento dos Sanctos Evangelhos,) que tirassem devassa pelas náos da fugida dos capitães, e depois de tirada a mandou a Portugal a ElRey D. Manuel, pera ser certificado como lhe fugiram, e o tempo em que o deixáram: e deu licença a alguns homens, que tinham alvarás delRey, pera fervirem officios, e capitancias, e a todos mandou pagar tudo o que lhes era devido de feus foldos, e ordenados até aquelle tempo.

### CAPITULO LIII.

De como o grande Afonso Dalboquerque, se partio pera Çacotorá, e chegado á ilha, mandou Francisco de Tavora a Melinde buscar mantimentos, e o mais que passou.

**E**STANDO o grande Afonso Dalboquerque com suas náos prestes pera partir, vieram dous mouros junto da nossa fortaleza, e começaram a capear com huma bandeira; e como os vio, mandou Aires de Sousa, e João Estão, e Gaspar Rodriguez lingoa a terra saber o que queriam: os mouros disseram, que dissessem ao capitão mór, que o rey desejava muito sua amizade, e que faria tudo quanto elle quisesse; mas que os feus homens não lhos podia entregar, porque eram já feus irmãos. Afonso Dalboquerque entendendo que isto eram manhas, e dissimulações de Cogeatar, por lhe ver já pouca armada, respondeu-lhe, que por muitas vezes lhe tinha mandado dizer, que nenhum concerto avia de

fazer com elle, sem primeiro lhe mandar entregar os seus homens, e que agora o faria de peor vontade, pois os fizera arrenegar a fé de Jesu Christo nas mesquitas de Mafamede; e que se elle tal soffresse, ElRey seu senhor lhe mandaria cortar a cabeça chegando a Portugal; e que lhe prometia (dando-lhe nosso senhor dias de vida) de muito cedo lhe tirar a governança do reyno de Ormuz, e acabar aquella fortaleza, que deixava começada: e que então lhe pagaria em dobro todas as perdas, e danos, que aquella armada tinha recebidos: e mandou a João Estão, que assi lho notificasse, e passasse hum estromento publico de tudo o que era passado até aquella hora. E posto que este requerimento, que elle mandou fazer a Cogeatar, pareceffe cousa de zombaria, todavia, depois na segunda tomada deste reyno de Ormuz lhe aproveitou, pera sem escandalo lhe pagarem tudo o que lhe fizeram gastar. Aires de Sousa foi com este recado a terra, e sem mais ter outra prática com elles, se tornou. Chegado ás náos, mandou Afonso Dalboquerque chamar a Francisco de Tavora, e tomou-lhe a menagem, arreceando que lhe fugisse, como tinha dito, e fez-se á véla com João da Nova em sua companhia; e sendo tanto avante como Çoá, hum dia pela menhaã não vio Frol dela mar, e parecendo-lhe que faria outro caminho, e que se tornaria ajuntar com elle, passou aquelle dia todo sem a ver; e não a vendo ao outro, assentou que era ida caminho da India: e pezou-lhe muito de se João da Nova apartar d'elle sem lhe falar, ficando de lhe ter companhia até o Cabo de Rosalgate, e fez seu caminho via de Çacotorá; e sendo na paragem do dito cabo, ouveram vista de huma não, e deram-lhe caça todo aquelle dia, e por noite a perdêram, e tornáram a seguir sua viagem: e

indo naquelle golfão, tomáram huma não de mouros, que vinha de Meca muito rica; e do dia que partíram de Ormuz a vinte dias, foram ancorar no porto da ilha, e acháram o capitão da fortaleza muito doente, e com tanta neceſſidade de mantimentos, que já não comiam ſenão palmitos, e huma fruta brava do mato, e eram já mortas quatro peſſoas, e toda a outra gente muito doente, e com a chegada de Afonſo Dalboquerque ficáram muito contentes, e providos de mantimentos, e tudo o mais que lhes era neceſſario pera ſuas doenças. Deu conta a Dom Afonſo de tudo o que tinha paſſado em Ormuz, e da fugida dos capitães, e como Manuel Telez levára todos os mantimentos, e couſas de doente, que lhe tinha dadas pera trazer: e pera mais contentar a gente, deu-lhe parte a todos da fazenda da não, que tomáram no caminho, e mandou-lhe pagar oito mezes de ſoldo, que eram devidos: e depois de todos eſtarem contentes, e ſatisfeitos, entendeu em mandar concertar os bateis, que trazia muito comeſtos de buſano, e as náos algumas couſas, que lhe eram neceſſarias; e como teve tudo preſtes, deſpedio Franciſco de Tavora com dinheiro, e mercadorias, que foſſe a Melinde carregar a não de mantimentos, porque na fortaleza não avia tantos, que baſtaſſem á gente, que nella eſtava; e diſſe-lhe, que depois de tomados os mantimentos, ſe foſſe ter com elle ao Cabo de Guardafum, e trouxeſſe comſigo quaesquer navios, que em Melinde achaffe, pera em maio irem invernar a Çacotorá. Concertado iſto, fizeram-ſe á véla. Franciſco de Tavora fez ſeu caminho pera Melinde, e Afonſo Dalboquerque foi na volta da ilha de Bedalcuria pera andar ali alguns dias, porque lhe differam os pilotos mouros, que as náos, que vinham demandar o cabo de

Guardafum, era melhor aguardarem-nas naquella paragem, que em outra parte. Chegado ao porto da ilha, em furgindo, mandou lançar vinte homens em terra com dous mouros, que trazia de Çacotorá, que sabiam a lingua, pera lhe tomarem algum mouro da terra, e elles ordenáram-se tambem, que lhe tomáram feis, e mandou-lhe Afonso Dalboquerque, depois de serem na náó, perguntar por ambre, (porque nesta ilha ha muito,) e se eram passadas algumas náós de mouros pera a India: elles lhe amostráram hum pedaço de ambre, em que averia hum marco, e disseram-lhe que avia poucos dias, que ali chegára huma náó, que vinha da India, e que se perdêra com levantes naquelle porto, e que lhe tomáram todo o ambre que tinham: e fizeram hum zambuco pequeno da madeira da náó, em que se foram. Os mouros desta ilha he gente bestial, móram em choças cubertas de limo do mar: averia naquella povoação quarenta moradores: andam vestidos de peles: tem grandes creações: o seu mantimento he pescado, leite, e carne: he terra muito doentia. E porque a gente (esses dias que ali esteve) começou de adoecer, deixou Afonso Dalboquerque a determinação que levava de estar ali, e mandou pôr os mouros que tomáram em terra, e fez-se á vela, e foi furgir de dentro do cabo de Guardafum, e ali esteve furto só, tendo sempre huma atalaia em cima da ferra, que está sobre o rosto do cabo, donde se vê a Bedalcuria, e todo aquelle mar: os mouros de huma povoação, que ali está, lhe davam todos os mantimentos, e agoa, que aviam mister, a troco de pannos. Afonso Dalboquerque andou nesta paragem do cabo de Guardafum, de quinze de janeiro até treze dias de maio, sem ver mais que quatro náós, as tres lhe fugíram, porque ouveram vista delie de

longe, e estavam de balravento, e a que tomou trazia poucas mercadorias, que vinha da ilha de Diva, que jaz ao mar de Ceilão.

A gente desta terra he muito domestica. Afonso Dalboquerque lhe fez muito boa companhia, e deste cabo até a boca do estreito não tem rey: são governadores por Xeques: suas armas são adargas, e espadas mouriscas: tem grandes criações de gados, e muitos camelos, de que se servem: ha pela terra dentro muita myrra, que trazem a vender: e na terra muitas arvores, em que nasce o incenso, que os nossos em companhia dos mouros, em quanto ali estiveram, hiam muitas vezes apanhar: não tem moeda, nem dam nada por dinheiro, senão a troco de pannos fazem suas compras, e vendas. Deste cabo de Guardafum até Feliz ha tres portos: hum se chama Bendariçaa, outro Bendaraxaa, e o derradeiro Bendefymuçaa, e todos tres tem agoa doce á borda do mar, e cada hum tem seu senhor, e logo diante está Feliz, Metee, Barbora jazira, e Barbora fiara; e mais chegado ás portas do estreito do mar Roxo pela mesma costa jaz Zeilajadit, e daqui até o cabo do estreito não ha mais lugares.

## CAPITULO LIV.

De como, chegado Francisco de Tavora ao cabo de Guardafum, o grande Afonso Dalboquerque despachou logo Fernão Gomez, e o mouro, que Tristão da Cunha deixára em Melinde pera ir ao Preste, e se partio pera Çocotorá, e o mais que passou.

SEUDO já fim de abril, chegou Francisco de Tavora ao cabo de Guardafum, onde o grande Afonso Dalboquerque estava, e em sua companhia trouxe Diogo de Melo, e Martim Coelho, que achou em Melinde, que vinham de Portugal, e todos tres tomáram na paragem de Magadaxo huma não de Cambaya, que vinha carregada de roupa; e depois de a terem despejada de tudo o que trazia, poseram-lhe fogo. Afonso Dalboquerque folgou muito com a vinda de Diogo de Melo, e de Martim Coelho, e partio com elles do que tomáram na não; e depois de falarem em novas de Portugal, disse-lhe Francisco de Tavora, que em Melinde achára o commendador Ruy Soarez, e lhe requerêra que se visse com elle, pois era da sua obrigação, e os outros capitães eram idos caminho da India, e sobriſſo lhe fizera muitos requerimentos polo seu escrivão, e que lhe respondêra, que se queria ir pera o visorey: e que tambem trazia consigo Fernão Gomez, e o mouro, que Tristão da Cunha lá deixára encomendados ao capitão de Melinde, pera os mandar pôr no cabo de Guardafum, pera dali fazerem seu caminho, como ElRey D. Manuel mandava; e Fernão Gomez lhe

requerêra, que os trouxesse comsigo, pois o capitão não posera por obra o que lhe Tristão da Cunha deixára tão encommendado avia tanto tempo. Afonso Dalboquerque se espantou muito, quando os vio, porque avia tanto tempo que eram partidos, que cuidou que estavam já em Portugal, e perguntou ao mouro, que caminho determinava de fazer, e por onde avia de tornar pera Portugal? O mouro lhe disse, que o seu caminho avia de ser polo sertão de Barbora Zeila, e pela terra do Cadandin, hum capitão mouro, que andava em guerra com outro do Preste João, porque a terra confina huma com outra; e que a cafila, que hia de Zeila pera o Preste João, passava sempre segura, porque levava salvo conduto de ambos, e que sua tornada pera Portugal seria por Tambocotu, e dali a Arguin polo rio de Çanaga, porque este caminho andára elle já. Afonso Dalboquerque mandou dar a cada hum cincoenta xerá-fins pera sua despesa, porque o mouro não quis que lhe dessem mais, e dizia, que não levava maior imigo comsigo que o dinheiro: e escreveu por elles huma carta ao Preste João em Arabigo, e outra em portugues. O mouro era muito avifado, e sesudo, e não hia muito contente de Fernão Gomez, porque falava muito, e avia medo que soltasse alguma cousa, com que se perdessem todos, e quisera que Afonso Dalboquerque lhe dera outro companheiro, e não no fez, por ser já a cousa ordenada por Tristão da Cunha; e depois de os ter despachados, mandou-os pôr em hum batel em terra por Nuno Vaz de Castello-branco, abaixo do porto de Feliz, e dali fizeram seu caminho, e deram a entender aos mouros da terra, que eram mercadores, e que perdêram a náó, e as mercadorias, e elles fôz se salváram. Despachados estes homens, esteve Afonso Dalboquerque

ali no cabo com os outros capitães até quinze de maio, que os pilotos mouros lhe differam fer a moução das náos já passada; e se quisesse ir dar vista a Adem, como tinha determinado, não podia tornar a invernar a Çocotorá, porque corriam as agoas naquelle tempo ao norte, e não podiam tomar a ilha em nenhuma maneira, e com este conselho leváram suas amarras, e deram ás vélas; e sem lhe acontecer nenhuma coufa no caminho, vieram ancorar diante da fortaleza de S. Miguel, com determinação de a proverem de mantimentos, que levavam, e dahi írem invernar a Mascate; e porque achou a gente da terra levantada contra a fortaleza, com lhe terem mortos alguns homens, mudou o conselho, e ficou ali aquelle inverno, pera ver se os podia pacificar, e mandou ao feitor da sua armada, que mandasse entregar na fortaleza todos os mantimentos, e que nas náos não ficassem mais que aquelles, que ouvessem mister pera sua viagem. Afonso Dalboquerque com essa gente, que comsigo trazia, começou a fazer a guerra aos da terra; e depois de serem bem escozidos, e a morte dos nossos bem vingada, mandáram cometer concerto, e elle o aceitou, com pagarem de tributo cada anno pera a gente da fortaleza seiscentas cabeças de gado miudo, e vinte vacas, e quarenta fardos de tamaras. Feito este concerto, e todos á obediencia de D. Afonso capitão, mandou concertar suas náos, e fazer huma fusta de catorze bancos pera levar comsigo, porque determinava de dar huma vista a Ormuz; e neste inverno, que aqui esteve, foram as tormentas tão grandes, e tão contínuas, que muitas vezes estiveram as náos em risco de se perderem; e porque o rey grande era muito alteroso de castelos, e çorria mais risco de se perder, que as outras náos, foi

necessario, por conselho dos mestres, e pilotos, mandar-lhos cortar. Francisco de Tavora anojou-se tanto disto, que disse a Afonso Dalboquerque, que pois lhe mandava desfazer a sua náó, que désse a capitania della a quem quisesse, porque elle a não queria, nem andar mais com elle: e por aqui se foi destemperando em palavras. E porque estas paixões vinham já de longe, não lhe quis responder, e dissimulou com elle, tendo muita rezão de o castigar, porque o mandou a Melinde buscar mantimentos, e elle por andar ás prezas naquella costa, deixou de carregar a náó delles, e trouxe tão poucos, que depois das náós fornecidas dos que lhe eram necessarios pera sua viagem, não ficavam mantimentos, que podessem abastar a gente da fortaleza tres meses, senão foram as tamaras, e o mais, que a gente da terra eram obrigados a dar. Passados tres dias, vendo Francisco de Tavora que tinha muita culpa das palavras, que dissera a Afonso Dalboquerque sem rezão, mandou-lhe pedir perdão por D. Afonso de Noronha seu sobrinho, e que lhe tornasse a sua náó: elle lhe respondeo, que já era enfadado das coufas de Francisco de Tavora, e de lhe fazer tantos mimos, como lhe tinha feitos, que pois deixára a sua náó sem nenhuma rezão, que lha não avia de tornar, que pera a India hiam, que o visorey lha mandaria dar.

## CAPITULO LV.

De como chegaram á India Manuel Telez, e Afonso Lopez da Costa, e Antonio do Campo, e deram capitulos ao visorey do grande Afonso Dalboquerque: e da devassa, que sobre isso mandou.

COMO avia muitos dias, que estes capitães tinham determinado de deixarem o grande Afonso Dalboquerque, e irem-se pera a India ao visorey, partido Men Rodriguez da ilha de Lara, fornecêram suas náos de agoa, e mantimentos, e fizeram-se á véla, e em poucos dias chegaram a Cochim; e como desembarcáram, foram-se todos tres ao visorey, e fizeram-lhe grandes exclamações, dizendo, que ElRey D. Manuel os mandára em companhia de Afonso Dalboquerque pera andarem com elle no cabo de Guardafum aguardando as náos, que hiam carregadas de especiaria pera Meca, e que elle deixára este caminho, e se fora á costa do reyno de Ormuz, e ali andára sempre contra conselho de todos, fazendo a guerra sem nenhum proveito; e não contente disto, começára a fazer huma fortaleza, não lhe mandando ElRey que a fizesse; e vendo elles quão pouco serviço de sua alteza isto era, e que só por seu parecer a queria fazer, lhe fizeram hum requerimento, ao qual respondêra muito más palavras, por ser homem muito aspero de condição, e muito supito, sem ter conta com a honra dos homens; e por não querer senão insistir em fazer a fortaleza, lhe tornáram a fazer outro requerimento, ao qual tambem não quisera responder;

e polos desprezar, e não ter conta com o que lhe diziam, sendo muito serviço delRey nosso senhor, o mandára meter debaixo de hum portal da fortaleza, que se estava assentando, como sua senhoria podia ver polo trelado do requerimento, que ali apresentavam, assinado por elles, e por Francisco de Tavora, que lá ficava preso: que pediam a sua senhoria, que mandasse tirar testemunhas de tudo aquillo, que lhe diziam, por aquelles capitulos, que ali apresentavam contra elle; e sabida a verdade, lhes fizesse justiça, e mandasse passar seus estromentos pera se irem a Portugal pedir justiça a ElRey D. Manuel das injurias, que lhe tinha feitas, e das partes, que lhe roubára, sem lhas querer pagar. E o visorey mandou a Gaspar Pereira, que servia de secretario, que lhe lesse o requerimento, o qual dizia desta maneira:

*Do requerimento, e protestaçoão, que nós Afonso Lopez da Costa, Francisco de Tavora, Manuel Telez, e Antonio do Campo, capitães delRey nosso senhor, fazemos ao muito honrado senhor Afonso Dalboquerque, nosso capitão mór: vós João Estão, escrivão desta armada, nos dareis a cada hum seu estromento, e mais, se nos necessario forem, pera ElRey nosso senhor, ou pera o senhor visorey: em como he verdade que sua alteza nos mandou em sua companhia a estas partes pera se fazer huma fortaleza na ilha de Çocotorá, a qual os mouros tinham feita, e nós lha tomámos por força de armas; e que depois de acabada, fosse guardar o estreito do mar Roxo, que não passassem náos carregadas de especiaria pera Meca: e pois tem tomada esta cidade de Ormuz, e feita tributaria a ElRey nosso senhor, e assentado nella feitoria em muita paz, e asofsego, sem ser necessario outra nenhuma cousa,*

não se deve elle senhor capitão mór de meter a fazer fortaleza, porque he muito desserviço delRey, e perda de sua fazenda, e risco da gente, e artelharia que nella ficar, por muitos respeitos, e rezões, que elle senhor capitão mór não quer olhar, nem a hum capitulo do seu regimento, que diz, que podendo fazer alguma fortaleza, a faça em parte, e lugar, que seguramente se possa manter, e defender pela gente, que nella ficar. E que bem deve de ver quanto cumpre ao serviço delRey nosso senhor, e a seu estado, fazer-se assi. E as mais rezões, a fóra estas, daremos a sua alteza, ou ao seu visorey da India, sendo necessario. E que se deve de lembrar, que a fortaleza de Çocotorá ficava com a maior parte da gente doente, e com mantimentos pera tres meses, que ha que de lá partimos, e que a terra não tem mais, que os que lhe vam de fóra, e que nella ficavam ainda muitos mouros, que hão de trabalhar por amotinar os christãos da terra contra os nojsos, os quaes escandalizados de lhes tomarem contra sua vontade o gado, de que vivem, (que lhe os mouros não tomavam.) terão rezão de os ajudarem, e serem em seu favor, de que se póde seguir darem muito trabalho á nojsa gente: e esta fortaleza, que elle senhor capitão faz aqui em Ormuz, não se póde acabar, pera ficar gente, e artelharia em guarda della daqui a cinco meses: e se elle por todo este mes de novembro não partir daqui, já o não poderá fazer este anno, por ser passada a moução de se guardar o estreito, que seria grande desserviço delRey nojsso senhor, e a fortaleza de Çocotorá corria grande risco de se perder; polo qual lhe requeremos da parte delRey nojsso senhor, e do senhor visorey, que elle se parta logo a prover a dita fortaleza, como sua alteza lhe manda em seu re-

gimento, e dahi entrará o estreito do mar Roxo: e assi lhe requeremos da parte do dito senhor, que mande logo daqui esta não frodelamar ao senhor visorey, pera se renovar, e não se perder, por quanto a armada, que lhe fica, abasta pera guarda do estreito, e nesta não póde mandar as mercadorias, pareas, e embaixadores, que determina mandar a ElRey nosso senhor, porque da India irá tudo mais seguro que daqui: quanto mais, que com as mercadorias, e dinheiro, que tem recebido das pareas, se poderá este anno remediar a carga das náos, pela muita falta, que de tudo ha na India, que será mais serviço delRey nosso senhor, que mandalo a Portugal, e por João da Nova póde escrever ao senhor visorey os termos, em que tem esta cidade, pera sua senhoria prover nisso, como lhe parecer mais serviço de sua alteza: pois no seu regimento lhe manda, que ganhando algum reyno, ou outra qualquer cousa, lho faça logo a saber pera elle nisso prover como lhe parecer mais seu serviço. E não querendo elle senhor capitão fazer tudo isto que lhe requeremos, protestamos por todas as perdas, danos, e proveitos da fazenda delRey nosso senhor, e de não sermos dignos de nenhuma culpa, pois lho requeremos em tempo, que se póde tudo remediar. E isto com sua repostla, ou sem ella, (se a dar não quizer,) nos dareis os ditos estromentos, com protestaço de reprecarmos se comprir. Feito, e assinado por nós neste porto da cidade de Ormuz a treze de novembro da era de mil e quinhentos e sete annos.

## CAPITULO LVI.

Como o visorey D. Francisco Dalmeida, ouvidos os capitães, mandou tirar devassa do grande Afonso Dalboquerque, e do que pafsou com elles sobre a nova, que lhe veio de Portugal.

VENDO o visorey D. Francisco Dalmeida o requerimento, e capitulos, que lhe os capitães apresentaram contra o grande Afonso Dalboquerque, mandou por Gaspar Pereira, (que servia de secretario,) fazer hum auto de tudo, e poz hum despacho, que dizia:

*D. Francisco Dalmeida, visorey das Indias por ElRey meu senhor, mando a vós Gonçalo Fernandes, e Francisco Lamprea, escrivão público, e judicial nestas partes da India, e a Pero Vaz, escrivão que foi da caravela S. Jorge, e a João Saramenho, recebedor dos defuntos, que todos quatro tireis esta inquirição, (pelas testemunhas, que vos nomearem Manuel Telez, Afonso Lopez da Costa, e Antonio do Campo,) contra Afonso Dalboquerque, ás quaes perguntareis por huns capitulos, que vos apresentarão: e Gonçalo Fernandez será o enqueredor, e os outros tres escrivães, e fereis sempre todos quatro presentes ao tirar das testemunhas: e por a parte não ser presente, virão todas as testemunhas jurar perante mim; e as testemunhas, que nomearem, que estam em Cananor, se mandarão lá tirar: e tirar-se-ha esta inquirição em casa de Gonçalo Fernandez enqueredor, onde o feito cada dia ficará fechado em hum cofre com tres chaves, e cada escrivão levará sua: e já todos quatro recebestes jura-*

Abrae filho de afouso talbuquer que fidal  
quo de joana vicente mothez solteira li  
gitimaçã: —

Título da legitimação do autor dos *Comentarios*



mento perante mim, que vos foi dado por Gaspar Pereira, de o fazerdes bem, e directamente. Feito em Cochim a vinte e seis dias do mes de maio. Gaspar Pereira o fez, de mil e quinhentos e oito annos.

*E assi vos mando, que qualquer cousa que disserem as testemunhas fóra dos artigos, a bem de feito, por parte dos autores, que o escrevais; e se alguma testemunha, (depois de ter testemunhado,) vier dizer, que lhe lembra alguma cousa, escrevelo-eis.*

Acabado o visorey de pôr este despacho no requerimento dos capitães, mandou a Gaspar Pereira, que entregasse todos os papeis aos escrivães, e enqueredor, que aviam de tirar a devassa, e assi lhe mandou entregar hum papel com sessenta capitulos, que lhe os ditos capitães deram contra Afonso Dalboquerque. Que se póde dizer aqui deste negocio? senão que ou era odio, que o visorey tinha a Afonso Dalboquerque, ou paixão? pois quis proceder desta maneira sem o ouvir, e aceitava capitulos contra elle dados pelos capitães, que lhe fugiram, deixando o seu capitão na guerra, pelejando de dia, e de noite com as armas ás costas, sem os reprender de o deixarem, e fugirem pera a Índia, tendo rendido hum reyno tamanho, e tão poderoso á obediencia delRey de Portugal, com tão pequena armada como tinha, e aceitar por culpa a falta dos mantimentos da fortaleza de Çácotorá, andando Manuel Telez passeando em Cochim, que fugio com a sua náó carregada delles, que Afonso Dalboquerque tinha pres-tes pera lhe mandar. Muito tinha que dizer nesta materia, que deixo por me não sahir da historia.

Nestes dias, que se isto negoceava, chegaram Fernão Soares, e Ruy da Cunha, que vinham de Portugal, em companhia de Jorge de Aguiar, que deste reyno partio

o anno de oito por capitão mór de tres vélas, o qual ElRey D. Manuel mandava pera andar de armada no cabo de Guardafum, e na costa de Ormuz com certas náos, e o grande Afonso Dalboquerque se fosse governar a India; e depois da chegada destes dous capitães a Cochim, estando hum dia o visorey assentado na armada com effes fidalgos, e cavaleiros da India, sendo tambem presentes João da Nova, Afonso Lopez da Costa, Antonio do Campo, e Manuel Telez, começou a dizer:

*Senhores, nestas náos me vieram cartas, em que me mandam nova de hum grande mercê, que me ElRey nosso senhor faz, e he, que pois tenho acabado meus tres annos, que me vá pera Portugal, e Afonso Dalboquerque fique no meu cargo, governando a India. Certamente nosso senhor me faz muita mercê nisto pois já sou morto no contentamento que podia ter das cousas deste mundo: e meus peccados mereceram ver eu antes de minha morte os trabalhos, que tenho visto.*

E por aqui foi dizendo outras muitas palavras, que significavam a dor, que tinha da morte de seu filho. Com esta nova, que o visorey deu de sua ida pera Portugal, ficáram todos muito tristes, principalmente João da Nova, e os capitães, que fugiram da guerra de Ormuz. Antonio do Campo, que foi sempre o principal nas differenças, que ouve em Ormuz, antre Afonso Dalboquerque, e os capitães, (parecendo-lhe que nisto lifongeava o visorey, e tambem por indignar os que estavam presentes contra Afonso Dalboquerque,) levantou-se em pé, e disse:

*Senhor, mandar ElRey nosso senhor, que vossa senhoria se vá desta terra, e deixe a governança a Afonso*

*Dalboquerque! sua alteza acertou nisto quanto foi sua vontade, e eu espero em Deos, que assi como as cousas da India são governadas da sua mão, que elle lhe mostre pelo tempo o erro que nisso faz; porque eu tenho por sem dúvida, que sendo Afonso Dalboquerque conhecido dos homens da India, que andam favorecidos do amor, e boas obras, que lhe vossa senhoria faz, e virem quão trabalhoso he em suas cousas, (de que nós somos testemunhas, do tempo que com elle andámos na guerra de Ormuz), não averá pessoa na India que o não deixe, e se vá pera Portugal, e os que com elle ficarem será mais per força, que per suas vontades: e pois assi he, vosa senhoria não deve de fazer fundamento de deixar a governança da India, sem primeiro o fazer a saber a ElRey nosso senhor, e mandar-lhe hum estromento das cousas, que Afonso Dalboquerque tem feitas; porque de crer he que se as sua alteza soubera, nunca tal mandára.*

O visorey lhe disse, que elle não podia al fazer, senão ir-se, e comprir o que ElRey seu senhor mandava, tanto que chegasse Jorge de Aguiar; e que se a India se perdesse, que a culpa fosse de quem aconselhára ElRey que o mandasse ir, e Afonso Dalboquerque que ficasse governando.

## CAPITULO LVII.

Como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Çacotorá pera Ormuz, e foi ter a Calayate, e o que paffou com o capitão da cidade.

**P**ROVÍDA a fortaleza de Çacotorá, (como tenho dito,) o grande Afonso Dalboquerque se fez prestes pera Ormuz, e partio aos quinze dias do mez de agosto, com determinação de correr o estreito, e faber novas do visorey, e da India, porque avia muito tempo que as não sabia, e naquella costa fazer o que pudesse, e dahi ir-se caminho da India, e deu conta desta determinação a D. Afonso de Noronha seu sobrinho, capitão da fortaleza, e allí o notificou aos capitães de sua companhia. Diogo de Melo, e Martim Coelho, como estavam mal enformados por Francisco de Tavora, dos trabalhos, que tinham passados na conquista do reyno de Ormuz, querendo-se escuzar delles, fizeram hum requerimento a Afonso Dalboquerque, dizendo, que elles vinham de Portugal pera andarem na companhia do visorey, e não eram da sua obrigação: que lhe pediam por mercê lhe désse licença pera se irem pera a India. Elle lhes disse, que lhe mostrassem seu regimento; e porque nelle lhe mandava ElRey, que chegando onde o grande Afonso Dalboquerque estivesse, lhe obedecessem, os obrigou a estarem á sua obediencia, e mandou-lhes, que sob pena de caso maior o seguisssem, e o não deixassem, pois viam a necessidade que delles tinha com a fugida dos capitães, e mandou aos escrivães dos seus navios, que fizessem autos desta pena que lhe punha; e com isto feito, fizeram-se todos á véla

caminho do cabo de Rosalgate, e tanto avante como Curiamuria, (porque se faziam muito ao mar,) tiveram conselho de virarem na volta da terra, e cortáram todo aquelle dia sem a verem; e como foi noite, mandou Pero Gonçalvez piloto mór fazer o caminho de noroeste. Afonso Dalboquerque vendo que aquella navegação era contraria ao caminho, que elle fazia por sua carta, mandou-o chamar, e todos os pilotos e disselhe, que se no ponto, e altura, em que estavam, fossem por aquelle rumo que elle dizia, que aquella noite varariam em terra, por isso olhasse bem o que fazia. Pero Gonçalvez, porque cuidava que naquelle officio sabia mais que todos, respondeo com paixão, que pois assi era, que mandasse elle a náó, e fizesse o caminho por onde quizesse, que elle tomaria a sua carta, e compassos, e lançaria tudo no mar. Afonso Dalboquerque lhe respondeo:

*Pero Gonçalvez, vede o que dizeis, não sejais agastado, porque eu tambem sei hum pouco deste officio, e póde ser que fala o Espirito Santo em mim; porque o caminho, que avemos de fazer, he tornarmos na volta do mar, porque se formos nesta volta, que himos, varamos em terra na ponta do Madriçaa; e se vos isto não parece bem, fazei o que quizerdes, que eu bem sei o que ha de ser.*

Pero Gonçalvez como era contumaz, mandou ir a náó na volta da terra como hia: as outras fizeram o mesmo caminho; e sendo já o quarto da modorra rendido, tirou a náó de Diogo de Melo, que hia diante, huma bombardada, e espertáram todos. Afonso Dalboquerque mandou logo lançar prumo, e acháram-se em quatro braças, quasi no rolo do mar: a sua náó era boa do governo, acodio ao leme mui prestes, e todos

viráram na volta do mar pela bolina quanto podéram; e chamou a Pero Gonçalvez, e disse-lhe:

*Eu sou o que avia de lançar a minha carta, e o compasso ao mar, pois confio no vosso saber, e não no meu: e daqui por diante olhai o que fazeis, e não queirais que faça vosso senhor milagre por nós em nos livrar do perigo em que estávamos;* e quando a náó de Diogo de Melo fez final, avia hum grande pedaço, que os homens darmas, que vigiavam a proa, ouviram arre-bentar o mar, e chamáram os marinheiros, e perguntavam-lhes se era aquillo terra, è nesta differença estavam huns com outros, quando sentíram-no baixo, e toda aquella noite foram na volta do mar; e como foi menhaã, tornáram na volta de terra, e fizeram feu caminho direito ao cabo de Rofalgate. Sendo naquella paragem, veio Afonso Dalboquerque á fala com os capitães, e disse-lhes, que fossem todos prestes com sua gente armada, porque elle determinava a qualquer hora do dia, que chegasse a Calayate, cometer a cidade, e destroila, antes que lhe viesse algum socorro; e como ouveram vista da terra, armáram-se todos, cuidando que aquella dia chegassem, e polo vento acalmar, surgiram, e estiveram ali aquella noite, e como foi menhaã, deram véla, e foram surgir no porto. Afonso Dalboquerque em surgindo, mandou D. Antonio de Noronha feu sobrinho na fusta á cidade, pera ver que gente acodia á ribeira, e que náos avia no porto. Chegado D. Antonio ao longo da ribeira, veio huma almadia com certos mouros ter a bordo da fusta, e traziam quatro cabras, e dous cestos de limões, e outros dous de romans. O fundamento destes mouros era saberem quem era o capitão mór daquellas náos, porque se receavam que fosse o grande Afonso Dalboquerque.

D. Antonio se veio com a almadia a bordo da não capitaina, e achou já toda a gente armada, e prestes pera cometer a cidade. O mouro, que leváva o presente, quando vio os nossos postos em auto de guerra, ficou affombrado. Afonso Dalboquerque lhe perguntou quem era o capitão da cidade, e que gente teria de guarnição? O mouro lhe disse, que o capitão era Xarafadin, criado de Cogeatar, muito seu privado, e que averia duzentos archeiros de guarnição; e porque elle em Ormuz tinha muito conhecimento deste Xarafadin, mandou a D. Antonio a terra, que lhe dissesse, que o capitão mór daquella armada lhe mandava pedir muito, que quisesse ir a bordo da sua não, avifando-o que lhe não descobrisse quem era. Chegando D. Antonio a terra, achou Xarafadin a cavallo ao longo da praia com alguns mouros, que o acompanhavam, e perguntou-lhe polos que tinha mandado na almadia ao capitão mór, e que capitão era, e donde vinha? D. Antonio lhe disse, que os mouros ficavam na não do capitão mór esperando hum presente, que lhe queria mandar, e logo veriam, e que aquellas náos vinham de Portugal por mandado delRey em favor doutro capitão seu, que andava naquella costa, que se chamava Afonso Dalboquerque, e que o capitão mór dellas lhe mandava pedir, que se quisesse ir ver com elle, porque relevava falarem ambos. Xarafadin lhe respondeo, que elle não avia de ir á sua não, que se alguma cousa quisesse daquella cidade, que bem podia ir seguro a terra.

## CAPITULO LVIII.

De como o grande Afonso Dalboquerque foi cometer a cidade de Calayate, e a destruiu, e o mais que pafsou.

**T**ORNADO D. Antonio com esta reposta, mandou o grande Afonso Dalbôquerque embarcar toda a gente nos bateis, e na fusta, e a Francisco de Tavora, que aquelle dia mandasse a gente da sua náó, de que era capitão Diniz Fernandez; patrão mór, Diogo de Melo, e Martim Coelho, que já tinham recado de Afonso Dalboquerque: como estavam prestes, vieram-se a bordo da náó capitaina, pera dali partirem todos juntos. O povo da cidade, como vio que a almadia não tornava, e os nossos bateis se ajuntavam com determinação de irem a terra, começaram-se a recolher muitos pera a ferra. Afonso Dalboquerque deixou os mouros da almadia a bom recado, e abalou com toda a gente direito a terra, e disse a Martim Coelho, e a Francisco de Tavora, que em desembarcando come-tessem logo a cidade pela banda da mesquita, que estava pegada no mar, e que elle com a mais gente entraria pelo outro cabo. Chegados á ribeira com esta determinação, começaram os nossos atirar com os tiros, que levavam nos bateis, pera afastarem os mouros, que estavam na praia; e como se elles víram mal tratados da nossa artelheria, foram se recolhendo depressa pera a cidade. Afonso Dalboquerque, porque a determinação dos mouros lhe fez mudar o conselho do que tinha affentado, assi como desembarcou com toda a gente junta, entrou com elles de roldão pelas portas da

cidade dentro, e foi-os seguindo pelas ruas até os lançar fóra della; e alguns, que quizeram ter rosto aos nossos, foram logo ali mortos, e nesta peleja foram feridos Payo Pereira, e Diogo Camacho, e outros alguns soldados ás fréchadas. Despejada a cidade, os mouros se puferam todos juntos hum tiro de bombardas dos muros. Afonso Dalboquerque receoso de o tornarem a cometer, porque tinha pouca gente, mandou aos capitães que guardassem as portas da cidade, e não consentissem que os nossos a saqueassem, nem se desmandassem, até elle não dar licença pera isso: e toda aquella noite andou roldando a cidade com muita gente. O Xarafadin como vio que os nossos eram poucos, (envergonhado da pouca resistencia que tivera,) ajuntou trezentos mouros, e veio cometer a nossa gente. Afonso Dalboquerque vendo-o nesta determinação, mandou dizer aos capitães que não travassem com elles, e que os deixassem chegar aos muros, e como os teve engodados, deu nelles com toda a gente, e polos em fugida por huma ferra arriba: os nossos bésteiros, e espingardeiros foram-nos seguindo, e feriram muitos, e tornáram-se a recolher. Xarafadin como se vio desapressado dos nossos espingardeiros, tornou a recolher os mouros, e fez-se em corpo com elles; e Afonso Dalboquerque, porque o não tornassem mais a cometer, mandou ás náos por quatro bombardas, e poseram-nas no muro, e começaram de lhe tirar. O Xarafadin como vio as bombardas, e que os nossos avia tres dias que guardavam, e defendiam a cidade, como gente, que se queria fazer forte nella, pera a foster, foi-se recolhendo pera a ferra com toda a gente, e deixou-se estar até ver a determinação dos nossos. Afonso Dalboquerque como se vio desabafado dos mouros, mandou a Diogo de Melo, e a D. Antonio de

Noronha, que guardassem as portas da cidade, que hiam pera a ferra, e elle, e Martim Coelho com cem homens poferam-se na outra porta, que hia pera a ribeira, e mandou pôr hum a atalaia no alcorão da mesquita, pera dali vigiar o que os mouros faziam. Como teve a cidade posta nesta ordem, deu licença a toda a outra mais gente que a faqueassem, e depois de faqueada, mandou a Francisco de Tavora, que com aquella gente toda fizesse recolher todos os mantimentos, e fato, que tinham roubado ás náos. O Xarafadin vendo que os nossos andavam recolhendo os despojos, que tinham tomado, parecendo-lhe que todos andavam desmandados, deceo da ferra com quinhentos homens, e veio cometer a porta, onde D. Antonio de Noronha, e Diogo de Melo estavam, e apertou tão riço com elles, que por força os entrou, e elles foram-se recolhendo por humas ruas estreitas, pera dali se poderem valer melhor dos mouros, que eram muitos. O Xarafadin como teve a cidade entrada, fez duas batalhas da sua gente, pera os tomarem no meio; e Dom Antonio, e Diogo de Melo, vendo que os mouros se punham em ordem de os atalharem, bradáram á sua gente, que fizessem volta: o atalaia, que estava no alcorão, como vio o aperto, em que os nossos estavam, começou a bradar á nossa gente, que acodissem, que os mouros tinham entrado a cidade. Afonso Dalboquerque ouvindo os brados do atalaia, foi-se riço pera aquella parte, onde os nossos pelejavam. D. Antonio, e Diogo de Mello com a sua gente, que tinham já junta, fizeram volta com os mouros, e apertáram com tanto animo com elles, que quando a dianteira da gente de Afonso Dalboquerque chegou a elles, hiam já os nossos de volta com os mouros por essas ruas estreitas, e dali até a

porta por onde entráram os foram seguindo, onde matáram muitos mouros, e tomáram muitas armas, que os que fugiam deixavam, pera ficarem mais despejados, e melhor o poderem fazer. Chegado Afonso Dalboquerque a elles, quando vio tantos mouros desbaratados por tão pouca gente, como era a que estava em companhia de D. Antonio, e Diogo de Melo, deu muitas graças a Nosso Senhor por aquella grande victoria, que lhe dera, e disse a todos, depois de estarem juntos, que bem parecia aquillo obra de cavaleiros portuguezes, e que se deviam de ter por bem envergonhados os capitães, que lhe fugiram, de se não acharem em tal feito como aquelle, quando foubessem o estrago, que elles tinham feito, sendo os inimigos sem comparação muitos mais que elles. Os mouros, depois de desbaratados, e lançados fóra da cidade, poseeram-se todos á vista dos nossos muito tristes, (como homens, que tinham recebido muito damno,) e em sua companhia estava Pedreanes Lamprea, (hum dos arrengados, que fugiram em Ormuz,) com hum capacete na cabeça, e escapou o dia, que se entrou a cidade, porque o não conhecêram. Foram aqui neste feito D. Antonio de Noronha, Diogo de Melo, Aires de Souza, Duarte de Melo, Pero Dalpoen, Lisuarte de Freitas, Antonio de Liz, Antonio Vogado, Lourenço da Silva, Antonio da Costa, Fernão Vaz, e João Teixeira, todos homens honrados, e de criação, e Simão Velho, Nuno Vaz de Castelo-branco, Antonio de Sá, James Teixeira, Bertolameu Pessoa, criados do Mestre Sanctiago, e Jorge Dorta moço da camara delRey, e Lopo Alvarez, e Martim Vaz, criados do Condestabre, todos estes com suas lanças, e espadas cheas de sangue, que eram testemunhas do que cada hum fez aquelle

dia. Afonso Dalboquerque esteve ali com toda gente aquella noite, que feriam duzentos e trinta homens portuguezes, e mandou aos capitães, que cada hum se fizesse forte nas casas, onde estavam, e tivessem os bateis bem equipados junto comfigo, e que por nenhum rebate, que lhe os mouros de noite dessem, fuisse fora, até não ser menhaã clara: e nesta ordem estiveram toda a noite vigiando a cidade; e como foi menhaã, mandou pôr suas atalaias, e começaram acarretar os mantimentos, e todo o mais fato, que tinham tomado. Como tudo foi recolhido, ajuntou Afonso Dalboquerque a gente, e veio-se á praia, e mandou pôr fogo ás principais casas da cidade, porque nellas tinham os mouros a maior parte dos seus mantimentos; e tambem mandou pôr fogo á mesquita, que os mouros sentiram muito, porque era huma casa muito grande de sete naves, toda forrada de azulejos, e muitas porcelanas metidas pelas paredes, e na entrada da porta tinha huma nave muito grande feita em arcos, e por cima ficava como eirado sobre o mar, tudo forrado de azulejos: as portas, e o teto da mesquita era todo lavrado de maçonaria; e como lhe deu o fogo, veio-se toda ao chão, sem ficar cousa nella que não fosse queimada. Queimáram-se aqui vinte e sete náos antre grandes, e pequenas, que estavam no porto, esperando carrega pera se partirem pera diversas partes. Acabado isto, mandou cortar as orelhas, e os narizes a todos os mouros, que tinha tomados, e deixou-os em terra, e embarcou-se nos bateis, e foi-se pera as náos, dando muitas graças a Nosso Senhor pela mercê que lhe fizera, em lhe dar huma cidade como aquella, ganhada sem perigo dos nossos com tão pouca gente.

## CAPITULO LIX.

Das novas, que o mouro, que trouxe o presente, contou ao grande Afonso Dalboquerquê, da India: e de como se partio de Calayate pera a cidade de Ormuz, e do que passou com Cogear.

COMO o grande Afonso Dalboquerque foi na náó, mandou vir perante si o mouro, que lhe trouxera o presente, o qual estava bem agastado, assi pela destruição, que vira feita na sua cidade, como tambem por não saber o que avia de ser delle, e dos outros; e como o teve diante de si, perguntou-lhe, que novas avia da India, e Ormuz em que estado estava, e que gente tinha, e se mandára o Rey fazer alguma obra na fortaleza, que deixára começada. O mouro lhe disse, que Cogear tinha por nova certa, que a armada dos portuguezes pelejára em Chaul com Mirocen capitão do Soldão do Cairo, e Meliquiaz capitão de Diu o ajudára com toda a sua armada a tomar huma náó, e que mataram o capitão mór da armada, e Ormuz estava em grande necessidade de mantimentos por aver dous annos, que do sertão lhe não viera nenhum arroz, nem trigo; e que os rustazes se alevantaram contra o Rey, e se foram com toda a sua gente, porque Cogear quebrára os olhos a hum capitão seu principal, que se chamava Naçaradin, e mandára lançar no mar outro, que se chamava Tajadin, e que os filhos de Rexnordim, goazil da cidade, eram lançados fóra do reyno, e tomára a fazenda a certos mercadores, e tinha preso Almaçá,

(hum capitão muito seu privado,) porque era no conselho de o matarem pela destruição, e morte da gente, que era feita no reyno por sua culpa, e que fizera tornar os christãos, que lhe fugiram, mouros, e os casára, e tratava muito bem, porque lhe tinham feito algumas bombardas de metal muito boas, e na fortaleza não fizera mais obra, que alevantar a torre da menagem, e cobrila por cima, e cerrar a porta, que vinha pera o mar, e abrir outra pera dentro do terreiro dos paços do rey, e que na cidade avia muita falta de agoa, porque os navios, com que a traziam, foram todos queimados na guerra passada: e por isso mandára Cogeatar a Xarafadin seu criado correr toda aquella costa pera lhe levar todos os paraos, que achasse pera serventia da cidade; e que Cogeatar tinha nova que os capitães, que lhe fugiram de Ormuz, estavam em Cochim, e que foram muito bem recebidos do visorey; e que lhe parecia, que chegando elle a Ormuz com aquella armada, segundo a grande necessidade em que estava, não se poderia foster dous mezes que se não entregasse. Depois de Afonso Dalboquerque ter sabido estas novas, despedio o mouro que se fosse, e levasse seus companheiros, e o presente que trouxera, porque seu costume era não tomar nada de gente com que tinha guerra, e que lhe perdoasse pelo ter assi reteudo, e se o fizera fora por não ir dar novas ao capitão como o achára prestes pera ir cometer a cidade, e que a culpa de a destruir era dos governadores da terra, pois lhe faltáram do concerto que com elles fizera, quando por ali passára pera Ormuz, como podiam ver polo seguro real, que lhe dera em nome delRey de Portugal seu senhor; e mandou ao feitor, que lhe desse dous mil faluzes, e alguns pannos, e aos remeiros quinhentos, e assi se

foram muito contentes. Afonso Dalboquerque, como teve despedido o mouro, mandou chamar os capitães, e deu-lhes conta de tudo o que com elle passára, e que sua determinação era, pela muita agoa, que o Cirne, e o Rey grande faziam, arribar á India, que lhe dissessem o que faria. Os capitães foram todos de parecer, que se Ormuz estava em tanta necessidade, como lhe o mouro tinha dito, que lhe avia de ir dar huma vista, porque sendo assi, não averia dúvida, chegando elle, tornar o rey ao assento que tinha feito, e que ali teria lugar, e tempo pera concertar suas náos, e prover a fortaleza de Çacotorá de mantimentos. A elle lhe pareceo bem o conselho dos capitães, e disse-lhe que se fossem ás suas náos, e se fizessem prestes pera ao outro dia partir; e como foi menhaã, levaram suas amarras, e fizeram-se á véla ao longo da costa, e foram surgir a hum porto, que se chama Tenij, e ali estiveram dous dias tomando agoa em hum rio grande, que corria por antre duas ferras talhadas a pique, e vinha fazer hum grande lago junto da ribeira do mar, todo cercado de palmeiras, e de muitas arvores; e depois de terem tomado agoa, fizeram-se á véla, e sem tomarem outra terra, foram surgir todos juntos diante da cidade de Ormuz. Afonso Dalboquerque mandou aos capitães, que se posessem todos em ordem pera tolherem todo focorro de mantimentos, e gente, que viesse pera a cidade, com determinação de se não alevantar dali até a não render; (não fazendo as náos tanta agoa, que lhe fizessem tomar outro conselho.) Como Cogear vio a nossa armada, mandou logo despejar a cidade de toda a gente miuda, e passala da banda da terra firme, e todos os paraos, e navios, que tinha pera serventia della pelos não queimarem. Afonso Dalboquerque de-

fejando de saber a ordem, em que Cogear tinha a cidade, mandou aos capitães que se trabalhasssem por tomar alguma lingoa da terra; e por hum mouro, que se tomou de noite em huma almadia pescando, soube que Cogear tinha feito dous baluartes muito fortes na sua fortaleza com muita artilharia posta nelles, e que avia cinco dias que eram chegados a Ormuz dous homens, e hum mouro, que lhe fogiram das náos em Calayate, e lhe contáram a destruição da cidade, de que o rey estava muito anojado; e que estes homens lhe differam, que os dous capitães, que com elle vieram de Çacotorá, se quiseram ir pera o visorey caminho da India, e que os trazia por força, e que as náos faziam tanta agoa, que lhe seria forçado deixar a guerra, e ir-se pera a India, e que na armada avia muito pouca gente, e essa andava muito contra sua vontade com elle, e em Portugal avia tanta peste, e fome, que o seu rey lhe não podia mandar aquelle anno nenhum socorro de náos, nem de gente; e que Cogear como isto soubera, mandára a todo o homem do povo, que tivesse arco, adarga, e espada, e provifam de agoa pera hum mes, e por se não fiar da gente, tinha as chaves de todas as cisternas, que avia no campo: e a agoa em Ormuz era tão cara, que huma jarra della, que em tempo de paz valia dez dinheiros, valia agora duzentos.

## CAPITULO LX.

Como veio hum mouro de terra em huma almadia a bordo da náó de Martim Coelho com duas cartas pera o grande Afonso Dalboquerque, sem dizer quem as mandava, e o mais que passou.

COMO o grande Afonso Dalboquerque teve esta formação do estado, em que as coufas da cidade estavam, deixou-se estar assi sem mandar ninguem a terra, esperando a determinação de Cogear; e passados tres dias, vieram dous mouros junto da nossa fortaleza capear com huma bandeira. Afonso Dalboquerque lhe mandou pôr outra na quadra da sua náó, e capear-lhe que viessem a bordo, e elles não quizeram vir, e ao outro dia fizeram outro tanto; e como os mouros de terra víram que lhes não respondiam, mandáram hum mouro pescador em huma almadia a bordo da náó de Martim Coelho, que estava da outra banda da cidade no porto do ponente, com duas cartas, huma de Cogear pera Afonso Dalboquerque, e outra do visorey pera Cogear. A carta pera Afonso Dalboquerque dizia assi:

*Capitão mór, Jabe que o visorey, carta pera ti, e pera todos os capitães de Portugal escreveo, que nenhuma entrada no reyno, ilhas, e terras de Ormuz fizesses; a mesma carta te mandei, e não obedeste, nem fizeste o que elle mañda; e outra carta escreveo ao rey Ceifadin, com os sellos delRey de Portugal, e por mais credito, pera que neste reyno não entrasses,*

*Gaspae lingoa, e a companhia vieram á ribeira, e carta com o sello delRey viram, e rezam ao sello do seu rey deram, dizendo que muita cera vermelha avia, polo sello do teu rey não fizeste nada, parece que queres a destruição do reyno. Outras duas cartas em Parfe, huma pera o rey, e outra pera mim escreveo, ambas tas mando, lê-as, e mandamas, pois polo mandado, e sello do teu rey não dás. Cogeamir, que o visorey mandou, e outros homens de Cananor, que aqui estão, se espantam destas cousas: e eu todas escreverei, e huma jelua pequena despacharei, pera que saiba o visorey que tu es tredor a ElRey de Portugal.*

CARTA DO VISOREY PERA COGEATAR.

**O** Generoso sem par da bemaventurança, principal em mando, abrigo de todos, grande senhor, e capitão antre todos os alguazis, e capitães: mais chegado que ninguem á alteza do rey, aprazível ao mui alto de todos perfeito senhor Ataa: alevante Deos seu estado: deste amigo D. Francisco Dalmeida visorey, fogueição, e beijar de mãos offerece. He bem que entre nós aja tal amizade, que cada anno mandes presente a ElRey. Negodaquiçar com cem homens que tinha cativos do teu reyno, todos os soltei, e chegando lá o saberás: e as quatro náos, que de lá vieram, me disseram, que tudo o que avia de fazer hum rey fizeste, e em nada não erraste, e depois o capitão começou de trocar tudo; e como as quatro náos viram que o capitão errava, vieram-se perà mim, e o capitão não ousou de vir pera mim, e foi-se pera Çacotorá, o qual eu castigarei tambem, como o rey verá, porque saiba que onde receber honra, e der carta por ElRey, não o

deve de trocar, porque ElRey de Portugal não he mentiroso, e ha mister que o seu capitão não saia de seu mandado; e pois que sahio, elle averá o seu galardão. As quatro náos dizem, que em a guerra elles não tem a culpa, e que o erro do capitão he: do primeiro concerto que se fez, nós o não trocamos, e o teu amor com ElRey de Portugal he assi, e assi de tudo o que cá soube. Ha mister como esta carta souberes, que venhas pera mim, pera que o eu saiba, senão tu o saberás; mas as quatro náos, quando aqui vieram, muitos mouros traziam, grandes, e pequenos a todos os soltei pola amizade que te temos: e todas as náos, que quiserem vir a estas partes, ha mister que confiem, e não temam, porque se lhes falecer hum cabelo, eu serei treddor a ElRey de Portugal, despacha azinha huma não com cartas tuas, que por isso aguardo, e não fica mais, senão que Negodaxemeçadin a ti beijar os pés, chegar á elle, sabe parte de tudo, dar-lhe-as credito, e no que elle contigo fizer, não ha de aver dívida: elle fará tudo o que tu quiseres: sete cartas em portugues te mando pera as náos que forem, e vierem, e huma do sello delRey de Portugal, dá-lhe credito: não escrevo mais disto: paz, e saude. E deste mesmo teor vinha outra carta pera o rey Ceifadin, e não fazia outra differença, sómente onde beijava as mãos a Cogearar, beijava os pés ao rey.

REPOSTA DO GRANDE AFONSO DALBOQUERQUE  
PERA COGEATAR.

**V**I huma carta, que me veio dessa cidade, e não diz quem ma manda, á qual respondo que obedeço á carta, e mandado do visforey; e porque na carta me

manda, que não me pagando os quinze mil xerafins de pareas, ao tempo do contrato, que faça o que me bem parecer, e mais serviço de ElRey for, digo que te requireiro da parte do dito senhor rey, e do visorey da India, que pagues ao tempo que elle manda, porque me não ei de alevantar daqui até não pagares, ou vir mandado do visorey, em que me mande o contrairo: não te faça a guerra, nem te tiro ás fréchadas, e bombardadas, como a tua gente fez a mim: estas duas cartas, que me deram escritas em parse, não creio serem do visorey, pois não tem o seu final: as minhas cartas, que tem o meu final, guarda-as bem que não tas ei de negar, como tu fazes ás tuas, e por isso as não affinas.

Como Cogearar vio que Afonso Dalboquerque se hia declarando com elle, escreveu-lhe esta carta, em que se affinou:

*Capitão mór Afonso Dalboquerque, saberás ácerca do que escrevestes, que as duas cartas do parse não eram do visorey, porque não tinham o seu final: A pessoa que as trouxe he presente, e eu de mim, carta em nome do visorey não ei de escrever, pois as não crês, manda-as, e responderlhe-ei, e a carta, que em tua letra está com final do visorey. Se a do parse não hê sua, cuja he estoutra, isto he achaque que dizes: Acerca dos quinze mil xerafins, a tempo que o reyno he povoado, e as náos vam, e vem, podem dar alguma cousa: dagora ha hum anno que esta destruição fizeste, e te foste até agora, não foi tempo: agora que era tempo viesste aqui estar, foi a nova por toda a parte, e ninguem não vem: tu queres a destruição deste reyno, e não povoação. Calayate, que he estremo do reyno, roubaste, e destruíste, e cem mil xerafins, e mais delle levaste: cem mil xerafins bem podem responder por*

quinze mil: toda esta destruição ei de fazer a Jaber ao visorey: O que escreveste que não avias de fazer guerra, nem tirar ás bombardadas, isto não to agradeço, que o que Deos quizer ha de ser: o que escreveste que te não avias de ir, e que tinhas o mar: se aproveitas em estar, está: em o escrever eu não escrevo mal: se os teus têm mal, isso he outro: a carta do visorey com tua letra, e com selo delRey, leitores delRey tens, manda-os pera que as lêão, pera saberem a verdade, ou mentira: Acerca das quatro náos que escreveste, que fugiram, e fizeram treição, ao visorey se foram: e foram leaes em se ir pera o seu capitão, e fizeram mandado do seu rey, como foram testemunhas, que tu querias destruir o reyno, e a tua gente toda he agravada de ti, que se assi não fora não se ajuntáram em Calayate a dizer mal de ti, nem te fugiram pera a serra, pera os Ara-beos: se tu estiveras em verdade, e em amor, agora ha hum anno como tomaste as pareas, logo te foras, mas estiveste cinco mezes até que a guerra pareceo. Quantas vezes te disse que te fosses, nunca quise, e começaste imizade? agora o meu falar he ao visorey: qualquer cousa que ouver, a elle a ei de dizer, e elle ausente he meu amigo, e tu eras presente, e o rey te fez muita honra, e em fim foste imigo, e em tua palavra, e concerto não estiveste, e não fizeste como pai com filho, e andas com os bateis ao longo d'agoa, e não deixas que entre gente com o provimento de Deos. De gente, e mantimentos, e armas não falta nada; e se o não cres, manda hum homem, que veja tudo: eu não sou mentiroso: o messageiro não teme nada, e a minha palavra he palavra: e o que dizes que não sabes quem te escreve, o meu nome he meu final, e agora affinei, e affelei.

Treladei estas cartas aqui, pera que te veja claramente quanto o visorey trabalhou por anichilar todas as coufas do grande Afonso Dalboquerque, sendo muita razão ajudalo em tudo, pois era visorey da India.

DA REPOSTA, QUE O GRANDE AFONSO DALBOQUERQUE  
MANDOU A COGEATAR.

**H**Onrado Cogeatar, folguei saber que eras tu o que me escreveste, e vi bem esta carta que me mandaste: e quanto he ás duas cartas do Parse, que te o visorey mandou, que me tu mandaste, não esperava eu que o senhor visorey désse tanta fé a hums capitães, que me fugiram da guerra, sobre os quaes eu tinha tanto poder, como elle nos que lá tem comfigo; e se o quiseses ver, eu to mandarei mostrar, e então saberás se fizeram treição, ou não. Bem sei quantas coufas te disseram, e como te fizeram levantar contra mim, e fizeram com que tu me não désses os meus homens, em que estava toda nossa paz, e affossego; que vendidos na praça de Ormuz, podia cada hum valer cinco xerafins: deixando-te eu vinte criados delRey na feitoria em teu poder, e á tua obediencia, e mais a feitoria delRey, que valia duzentas mil dobras. Estes me podéras bem tomar sem guerra, se quiseses, depois de minha partida, e não me tomáras estes quatro diante dos meus olhos, pera com elles me começar guerra, e te alevantares contra mim; e se os querias, não me confessáras que os tinhas, nem me disseras que mos davas, nem os mostráras; porque como disseras que não sabias delles parte, logo te não ouvera de fazer a guerra; mas que obediencia era a que tu tinhas a ElRey meu senhor, e aos seus capitães, assinada, e jurada, se me tu tomavas a minha gente? e

quem esperava de lhe tu dares quinze mil xerafins, se lhe tomavas quatro bargantes, que não valem dez? capitão és, e sabes quanto carrega sobre os capitães darem boa conta da gente que lhe entregam. Eu sei bem que os capitães to fizeram fazer, e tu os verás degolar na praça de Ormuz, porque não tem ElRey meu senhor ganhadas as Indias, e quantos reynos tem ganhado, senão aguardando seus capitães a guerra com o seu capitão mór, sem lhe fazerem treição; e porque nunca tal fizeram portuguezes, tu verás o que eu digo.

E quanto ás rezões, que o senhor visorey diz contra mim nas duas cartas do Parse, (se verdade sam,) avendo por bem o que os capitães fizeram, devéra-lhe de lembrar que sou eu capitão geral da armada delRey meu senhor, e que as pareas, que te elle agora manda pedir com palavras doces, e cartas de grande titulo, que tas fiz eu pagar com a espada na mão, e tu és diſſo boa testemunha, que assi o confessas nas cartas do contrato, feitas antre mim, e o rey, e assi espero em Deos de me não alevantar daqui sem ellas, pois que o visorey o manda em sua carta; porque se a eu aqui não achára, bem sabes tu que te não ouvera eu de pedir pareas, senão homens, (o porque te eu comecei a guerra, por conselhos dos capitães, cavaleiros, e criados delRey da minha armada, da qual me ainda agora não arrependo,) e porque tu has por leaes, e verdadeiros os capitães, que me fugiram da guerra, e me deixáram, por isso te quizeram a ti matar os de dentro de tua casa: e a casa, que eu fazia, que te os capitães fizeram entender que era pera te destruir, he esta armada, em que eu estou, e a que eu fazia era pera te conservar, que aos taes tempos como estes, (que muito se costuma em Or-

muç,) não he rezão que a gente, e feitoria delRey esté á determinação de quem vencerá: o que não se comerá, se ella estivera feita. E do que dizes, que a minha gente he agravada de mim, e me foge, quando vires contigo homem honrado, e criado delRey, então o cré; mas dous bargantes, que fugiram da prisão: hum a que quísera mandar cortar as mãos, e outro porque o quísera açoutar o contramestre, e quatro, que tu enganaste com palavras doces, em que cuidavas que estava toda tua salvação, estes taes, a que tu dás tanto credito, foram começo de toda tua destruição; e queira Deos que a não acabem.

E ao que me dizes se agora ha hum anno estivera em paz, e amor, e como tomei as pareas logo me fora, tu sabes bem que sempre trabalhei em concertar minha armada, e aguardava o tempo, e moução, em que se navega o estreito de Meca, que he no começo do Ramadão, onde me ElRey mandava ir, o qual eu não descrobi a ti, nem aos capitães, nem a outra pessoa alguma, porque assi he costume dos capitães móres terem segredo, por não saberem seus imigos o que querem fazer; porque se eu daqui dissera o caminho que avia de fazer, em poucos dias fora avisado Adem, e Judá, que hia eu sobre elles, como me ElRey mandava em seu regimento, e pera isto fazia o bargantim, que me tu queimaste, porque era necessario pera tal navegação. E mais, se te bem lembra, o Noradim me requereo da parte do rey, e tua, que eu me não fosse daqui, porque vinham as náos de Meçar, e poderiam tomar a cidade, e senhoreala; e eu lhe respondi, que pelo assento que tinha feito, era obrigado ao defender, que riße o rey o que queria que fizesse. E mais, que perdia Ormuz em eu estar nelle? que as cafilas não

deixavam de vir, antes vinham mais? nem as náos de navegar, se as tu não tolhéras? mas antes o reyno se segurava com minha estada aqui, e enriquecia o povo miudo. E tu sabes bem que na justiça da terra, nem na governança do reyno nunca meti a mão, depois que to entreguei, antes te dei lugar que mandasses prender a minha gente, se na cidade não fazia o que devia. Hum pão se não comprava sem teu mandado, se por elle mandavas dar cem xerafins, tanto se dava; e assi no aljofar, como em tudo o que se comprava, tudo se pagava como tu mandavas; e nenhuma cousa mandava fazer na cidade a ferreiro, carpinteiro, pedreiro, alfaiate, nem a nenhum outro official sem tua licença, em que mostrava estar eu mais á tua obediencia, que tu á minha. A casa, que eu fazia, o rey, e seu pai, e tu me déstes a ponta, e os aliceces, em que a fiz, (como tenho por seu assinado.) A pedra, e os officiaes, com que a fazia, tu mos davas. Muitas vezes te mandei perguntar, se eras contente de a eu fazer, e tu dizias que si: se o não eras, porque o não dizias? e não me tomáras os meus homens, por onde caiste em desobediencia, e quebrastes o contrato: e de quantas vezes falas nesta guerra ao visorey, nunca lhe dizes o porque se começou, que he final de homem culpado: e ante as taes pessoas has de mandar as cousas claras. E estas hão de ir diante delRey meu senhor, e não ha de aver por seu serviço fazeres-lhe tu os seus christãos mouros.

E ao que dizes, que não estive na palavra, e concerto que fiquei com o rey, nem o fiz com elle como pai com filho, eu lhe compri, e mantive tudo o que fiquei com elle; e se assi não he, deixa-o tu em sua liberdade, e governar seu reyno, e eu te fico que elle conheça a boa

obra que lhe fiz, em lhe entregar o reyno, depois de o ter ganhado. Se elle estivera em sua liberdade, e o reyno fora governado por elle, não me tomáras tu os meus homens, nem te alevantáras contra mi; mas eu espero em Deos de lhe fazer ainda tantas boas obras, e ajudar a ganhar tantas terras, (trazidas a seu mando, e á obediencia delRey meu senhor,) na Persia, que elle seja o maior senhor della, porque o merece por sua bondade, e por ser da linhagem dos reys. Ao que dizes que tens muitos mantimentos, armas, e gente, e que te não falece nada, bem o has mister; mas quem te a ti desbaratou na tua prosperidade, te fará agora fazer o que o visorey manda; e não comprindo tu, então verás os cavaleiros portuguezes se andão descontentes de mim, ou não, porque já entre nós não ha quem dane os corações aos homens, senão capitães, que com muito esforço, e boa vontade, por servir seu rey, hão de morrer com o seu capitão geral. E bem sabes tu que sei eu, que os Rustazes são contra ti, porque cegaste o melhor capitão, e cavaleiro, que o rey de Ormuz tinha, e Calcocejo, que tem muita gente, e se faz sempre o que elle manda na terra, e Xequé Ale não vem já a teu mandado, e a gente que tens contigo bem a sei, e a determinação, com que mandaste Xarafadin a Calayate, e onde dormes bem o sei, e o que comes, e como vives, e tambem sei que a casa de Ormuz está sobre hum esteo mui fraco, e de necessidade se ha de perder, se levas este caminho. Requeirote huma vez, duas, e tres, que cumpras o mandado do visorey; e se tens outro em contrario, móstra-mo, que eu o cumprirei inteiramente, como me manda ElRey meu senhor. Se escreveres ao visorey, manda-lhe minhas cartas, que por isso te mando esta em portuguez, affinada, e

afselada do meu finete, porque ouvindo as partes, dará melhor sentença: torno-te a dizer que viva está a querela da guerra começada antre mim, e ti, e que ninguem me póde apagar, e esconder com inveja; porque já te disse muitas vezes, que eu não era cossairo, senão capitão geral delRey de Portugal, velho, e sefudo, e que tenho mui bom regimento seu, por onde me ha de tomar conta do que faço. E quanto ao que dizes, que o teu falar ha de ser ao visorey, e que qualquer cousa que ouver a elle a has de dizer, fazes bem, e tens rezão; porque quando eu faço a guerra aos inimigos, he de maneira que lhes convem ir pedir misericordia a ElRey, ou a quem seus poderes tem; e pois lha tu já pediste hum vez, eu te prometo, (se tu não cumpres o que elle em sua carta manda) que tu lha vás pedir outra. Ao que diz na carta do Parfe, que te o visorey mandou, que não ousei de ir pera elle, e me fui pera Çacotorá, sabe certo que a ninguem ei medo, senão a meu rey; mas antes te digo, que o capitão que tambem soube ganhar este reyno, e vencer hum rey em batalha, e fazelo tributario a ElRey de Portugal, que em qualquer parte aonde for, lhe farão muita honra, e o visorey sabe que fiz eu meu officio em ir socorrer a fortaleza de Çacotorá, como me ElRey manda, e não já fugido, senão buscar os mantimentos, que me os capitães leváram, e se foram, deixando a tua armada de sessenta vélas sobre mim, mandando-lhe eu que afofsem desbaratar, e elles não o quiseram fazer, e bem era que fosse assi, pois antre ti, e elles avia tanta amizade.

## CAPITULO LXI.

Como o grande Afonso Dalboquerque deu conta aos capitães, e principaes homens da armada de tudo o que passára com Cogear, e do recado que lhe mandou, e o que respondeo.

**D**EPOIS de ter mandado o grande Afonso Dalboquerque que esta reposta a Cogear, mandou chamar os capitães, e todos os fidalgos, e homens principaes da armada, e deu-lhe conta de tudo o que tinha passado com Cogear; e depois de lida a carta, que lhe o visorey escrevêra, disse-lhes, que lhe pedia por mercê, que cuidassem bem naquelle negocio, e lhe aconselhassem verdadeiramente o que nelle devia de fazer, porque o seu juizo não bastava pera entender este modo, que o visorey com elle queria ter, porque não se contentára de favorecer muito os capitães, que lhe fugiram da guerra, e o deixáram, sofrendo-lhe muitas descortesias, feitas a sua pessoa, por servir a ElRey nosso senhor; mas ainda escrevêra aquella carta a Cogear, louvando-lhe muito a sua fugida, e tornar-lhe os mouros cativos, que lhe tinha mandado, tomados de boa guerra, com muitas palavras de pouca estima de sua pessoa, e pouco credito em seus trabalhos, como naquella carta tinham visto, que fora grande favor pera os mouros, e grande descredito seu; que pois allí era, e elle não tinha já esperança de o visorey o ajudar naquella empresa, determinava de não tẽr mais contendas com Cogear, nem lhe pedir pareas, e ir-se caminho da India ver com elle. Os capitães posto que sentiram muito as

palavras da carta, e a pouca conta, que o visorey fazia de Afonso Dalboquerque, per cima de tudo lhe pediram que o sofresse, e não se agastasse, pois estava já no cabo da jornada, e que se devia de mandar declarar com Cogear, e notificar-lhe o que o visorey mandava. Afonso Dalboquerque com este parecer dos capitães sofreo a paixão que tinha, e mandou dizer a Cogear por Pero Dalpoem, e Gaspar Rodrigues lingoa, que o prazo, que o visorey posera pera pagar as pareas, sem lhe fazer a guerra, se acabava dali a oito dias; e não as pagando, passado aquelle tempo, fosse certo que lhe não avia de pedir pareas, senão os quatro christãos, que lhe tinha tomãdo, porque o reyno de Ormuz era delRey de Portugal seu senhor, ganhado com sua armada, e cavaleiros portugueses, e que o não avia de perder. Cogear disse a Pero Dalpoem, que dissesse ao capitão geral que se defenganasse, que a elle, nem a outra nenhuma pessoa avia de pagar pareas, ainda que lho o visorey mandasse; e posto que Afonso Dalboquerque ficou mal contente desta resposta, porque já estava affentado por todos, que até passar o tempo lhe não fizesse guerra, dissimulou com elle, e ordenou de mandar D. Antonio de Noronha seu sobrinho á ilha de Queixome na fusta, e nos bateis buscar agoa pela muita falta que na armada avia della; e como foi prestes, partio-se logo de noite, e chegou á ilha pela menhaã; e querendo desembarcar, acodio muita gente pera lhe tolher a desembarcação; mas Dom Antonio com essa que levava sahio em terra per força, e desbaratou-os, e chegou aos poços, e polos achar cheos de fardinhas podres, que lhe os mouros lançaram, tornou-se pera as náos sem a trazer; e porque na armada não avia nenhum remedio de agoa, e a gente parecia, e na ilha de

Queixome, e em Nabande, (que eram mais perto,) não se podia tomar, senão com força de gente, pela muita que Cogear ali tinha em guarda dos poços, tornou a mandar logo D. Antonio de Noronha na fusta, e nos bateis á ilha de Lara pera trazer agoa, e ao outro dia tornou com os paraos carregados della. Chegado D. Antonio, mandou Afonso Dalboquerque a Pero Dalpoem, e Gaspar Rodriguez lingoa a terra, e que dissessem a Cogear, que o tempo dos oito dias, que lhe dera pera pagar as pareas, era passado, e que já pelo defengano que lhe tinha dado, ficava nelle fazer o que lhe parecesse mais serviço delRey de Portugal; que já agora não queria pareas, senão os<sup>m</sup> homens da sua armada, que lhe tinha tomados, confiando na sua amizade, e no assento, que com elle tinha feito, quando lhe entregou o reyno em nome delRey de Portugal, assinado pelo rey, e asselado com o seu sello; e quanto era ás pareas, que era obrigado a pagar, que o visorey as mandaria arrecadar, pois tomára cuidado disso, e antrelles avia tanta amizade, e que dissesse ao rey, que olhasse muito bem pela conservação daquelle reyno, e não quisesse que se destruisse, por lhe não mandar entregar quatro bargantes, que lho não aviam de defender. Cogear, porque sabia que o rey não folgava muito com a guerra, quisera estorvar não lhe dar Pero Dalpoem este recado, e por dissimular deu lugar a isso, e quiz que fosse perante elle. O rey, depois de ouvir o recado, receoso do que responderia, poz os olhos em Cogear, e disse a Pero Dalpoem, que elle não avia de mandar entregar os quatro homens, porque eram já mouros, e a sua ley o defendia; e depois de Pero Dalpoem se despedir do rey com esta resposta, disse-lhe Cogear, que dissesse ao capitão geral, que as pareas,

que o visorey mandava pedir, estavam bem pagas pela destruição, que tinha feito em Calayate; e que por elle estar sempre naquelle porto, tomando, e destruindo tudo o que a elle vinha, avia dous annos que na alfandega não avia nenhum rendimento, e que nisto não avia mais que dizer; e quanto aos quatro christãos, que mandava pedir, que já lhe o rey tinha respondido a isso: que se por lhos não dar lhe avia de fazer a guerra, que fizesse o que quisesse, porque lhe não dava nada estar elle ali mais hum dia, que hum anno, que cem annos. E mandou chamar Cogeamir, que era o que trouxera as cartas do visorey, e disse-lhe perante Pero Dalpoem, que elle se não escufava de pagar as pareas, mas que não tinha ao presente de que as poder pagar, que elle era fervidor delRey de Portugal, e aquelle reyno era feu, e que o capitão geral o queria destruir, e que se lembrasse de todas aquellas cousas pera as dizer ao visorey, quando lá tornasse; e por aqui lhe disse outras muitas palavras mentirosas, e cheas de enganos. Pero Dalpoem, sem lhe responder, se despedio, e Cogear teve maneira, que sahisse pela porta do castelo, onde tinha dez falcões de metal, tamanhos, e tão bem lavrados como os nossos, e huma bombardada grossa de duas camaras, da grandura dos nossos camelos, (todas encaretadas,) e outras muitas de ferro bem lavradas, que lhe os arrenegados fizeram, assentadas em hum baluarte, que ali tinha feito de novo.

## CAPITULO LXII.

Do confelho, que o grande Afonso Dalboquerque teve com os capitães sobre a reposta de Cogear, e o que se nisso assentou, e do recado, que mandou aos Rustazes por huns criados seus, e o que mais passou.

COM esta reposta de Cogear tão chea de soberba, mandou o grande Afonso Dalboquerque chamar os capitães, e fidalgos, mestres, e pilotos, e toda a outra gente da armada pera se determinar no que avia de fazer; e juntos todos na sua náó, contou-lhe o recado, que Cogear lhe mandára por Pero Dalpoem, e disse-lhes o descontentamento, que na sua alma tinha de ver com quanta soberba lhe Cogear respondia aos seus recados, o que nunca fizera, senão agora, e tudo isto pela pouca conta que via que o visorey fazia delle, e de todos os que naquella guerra andavam, servindo ElRey de Portugal; e os capitães, que lhe fugiram, muito seus privados, que lhe dissessem se se iria caminho da India segurar aquellas náos, que faziam muita agoa, ou se se deixaria estar em cerco sobre a cidade até a render, porque tinha sabido de certo que estava muito falta de mantimentos, e de agoa, e que avia muita divisão antre elles. Os capitães, e toda a outra gente, depois de lhe Afonso Dalboquerque propôr tudo isto, praticaram este negocio; e visto tudo muito bem, assentaram que não perseverando a agoa, que as náos faziam, de maneira que lhes désse muito trabalho o passar á India, estivessem ali até o fim de outubro, por-

que até este tempo podiam ali vir algumas náos de Portugal, que fossem arribadas a Çacotorá, que feria grande ajuda pera favorecer aquelle negocio. Assentado isto, mandou Afonso Dalboquerque aos capitães, que tivessem suas náos derredor da cidade, na ordem em que estavam, e que nos bateis andassem de noite ao longo da praia, vigiando cada hum como lhe coubesse sua sorte, que não passassem nenhuns paraos á cidade; e com esta diligencia tomáram muitos, que vinham carregados de mantimentos, e nesta companhia foram tres, que eram dos capitães dos Rustazes, que vinham de hum lugar, que se chamava Jáquem. Afonso Dalboquerque como soube que os paraos eram seus, mandou-lhos dar, e escreveu-lhe por huns criados seus, que nelles vinham, que querendo elles com sua gente ajudallo naquella guerra, que elle lhe daria soldo, e mantimentos; e lançando Cogear fôra da cidade, lhe daria a governança do reyno. Os criados dos Rustazes se foram, e deram as cartas a Caecocejo, que era o principal delles; e por ser o caminho longe tardáram muito; e quando tornáram com reposta, acháram já Afonso Dalboquerque determinado em se ir caminho da India. O Caecocejo lhe respondeu, que folgava muito com sua amizade, e que se ficava fazendo prestes com todos os seus parentes pera o vir servir naquella guerra, porque todos desejavam de serem vassallos delRey de Portugal; e que lhe fazia a saber, que tanto que elle chegára a Calayate, Cogear os mandára chamar prometendo-lhe muitas dadivas, que elle não quísera aceitar: e com este recado mandou hum presente de gallinhas, carneiros, e romans, e Afonso Dalboquerque lhe mandou outro de panos de feda, e outras cousas de muito preço, e escreveu-lhe grandes agardcimentos da sua

vinda, e que lhe pezava muito não no poder esperar, e que esperava, de muito cedo tornar a cometer aquella empresa, e juntos todos fazerem a guerra a Ormuz. Despedidos estes criados dos Rustazes, como a agoa pera provimento da gente da armada, (que era o que mais cuidado dava ao grande Afonso Dalboquerque que tudo,) faltava nas náos, mandou D. Antonio que fosse á Ilha de Lara carregar os paraos, como os dias passados fizera. D. Antonio se partio, e chegou á ilha; e porque achou já guarnição de gente, que passára da ilha de Queixome em guarda dos poços, tornou se sem a tomar. Como D. Antonio chegou, fez-se Afonso Dalboquerque prestes pera em pessoa ir á ilha, e mandou Martim Coelho diante no seu navio, e elle embarcou-se na fusta, e nos bâteis com muita gente, e foi-se após Martim Coelho, e em chegando desembarcáram, e foram cometer os mouros, e desbaratáram-nos logo, e fizeram-lhes deixar as estancias, que tinham, e tomáram muitos camelos, cabras, e vacas, e desentupíram os poços, que os mouros tinham entupidos, e carregáram os paraos, e bateis de agoa, e mantimentos. Feito isto, veio-se Afonso Dalboquerque pera as náos, e deixou Martim Coelho no seu navio em guarda dos poços; e em quanto ali esteve não oufáram os mouros, que estavam na ilha de Queixome, passar á ilha de Lara; e como chegou ás náos dahi a tres dias, mandou Diogo de Melo á ilha de Lara, e que dissesse a Martim Coelho, que tomasse agoa, e se viesse ancorar derredor da cidade no lugar, onde elle estava. Diogo de Melo se partio logo, e chegando á ilha, disse a Martim Coelho o que Afonso Dalboquerque mandava, o qual tomou sua agoa, e levou as amarras, e veio furgir ao lugar, onde Diogo de Melo estava; e depois de Martim Coelho ser vindo,

mandou Afonso Dalboquerque Pero Dalpoem, e João Estão no esquife da sua não de noite ao longo da ribeira ver o que os nossos, (que elle mandára vigiar a cidade nos bateis,) faziam; e estando sobre o remo ao longo da ribeira, veio ter com elles hum parao, e não se percatando do que podia ser, foram-no investir deſapercebidos de armas, cuidando que vinha com mantimentos pera a cidade, e em o envestindo foram todos feridos de frechadas, e com o negocio ser ſupito, embaraçaram-se de maneira, que tiveram os mouros lugar de se salvar no parao. Afonso Dalboquerque entendendo que podia ser arдил dos arrenegados, que aconselhariam a Cogear, que mandasse meter archeiros nos paraos, que traziam os mantimentos pera guarda delles, mandou aquella noite os bateis armados com gente, que lhe tomassem hum, pera saber dos mouros o que isto era; e andando os nossos bateis rodeando a cidade de noite, veio ter com elles hum parao com trinta archeiros, [que elles tomaram sem nenhuma resistencia, e trouxeram-no a Afonso Dalboquerque; e de dous mouros, que mandou meter a tormento, foubes que a mulher, que fora do rey Cergol, mandava cento e cincoenta archeiros a ElRey de Ormuz espalhados por muitos paraos, por virem mais ſecretos, pera o ajudarem naquella guerra, e que Cogear mandava fazer huma armada em Julfar pera lhe vir queimar a sua, e que ao porto de Nabande era chegada huma cafila da Persia, em que vinham dous capitães do Xequé Ismael com quinhentos archeiros das carapuças compridas, que Cogear lá mandára buscar, com grande soldo que lhe dava, pera o ajudarem naquella guerra, e que estavam esperando embarcação segura pera passarem.

## CAPITULO LXIII.

Como o grande Afonso Dalboquerque, avifou Diogo de Melo do que tinha sabido da armada de Julfar, e foi a Nabande, e pelejou com os capitães do Xequé Ismael, e os desbaratou.

COMO o grande Afonso Dalboquerque teve nova desta armada, que se fazia em Julfar, escreveu logo a Diogo de Melo que se vigiasse, e estivesse a bom recado, porque o não tomassem descuidado; e vendo tantos navios, que se não estivesse a pelejar com elles, o avifasse logo, porque elle iria em pessoa ajudalo; e disse aos outros capitães, que tinha nova que a Nabande eram chegados dous capitães do Xequé Ismael, que vinham com gente em favor do rey de Ormuz, que se fizessem prestes, porque elle determinava de ir lá, e pelejar com elles; e mandou a D. Antonio de Noronha que se embarcasse no batel da sua náó com parte da gente, e elle com a que ficava iria na fusta; e porque as náós não estivessem desacompanhadas á vista da cidade, e os arrenegados pela falta dos bateis não entendessem que estavam sós, (ardil, que elles sabiam muito bem,) assentou com todos de fazer este salto de noite, porque fazia luar muito craro, e tornar a horas que o não achassem menos, e ordenou certos homens, que vigiassem as náós, com dous bombardeiros em cada huma; e feito isto, embarcou-se logo á noite com toda a gente, e foi ter com os outros capitães, que estavam já prestes, e dali fizeram todos seu caminho direito a Nabande, onde chegaram á meia noite, e foram logo sentidos, e ouviram huma grita de muita gente, e che-

gando-se mais a terra, deram os mouros outra, que parecia ser de menos gente. Afonso Dalboquerque, que era na dianteira, porque não ouviu nenhum rumor de gente, cuidando que deixáram o lugar, e se foram, desembarcou; e como poz os pés em terra, foram tantas as fréchadas sobre os nossos, sem verem donde lhes tiravam, (por ser de noite,) que se não podiam valer. E estando com a sua gente toda junta, esperando que chegassem os bateis, vendo que era menos perigo dar nos mouros, que esperar que os ferissem todos, determinou de os cometer, e nisto chegaram os outros capitães, e como desembarcáram, abalou, e começou a entrar o lugar. Os mouros como ouveram vista delle, fizeram-se em corpo junto da mesquita, e ali esperáram, o qual assi como hia acompanhado da sua gente, deu nelles, e cometêram-nos tão valerosamente, que aos primeiros golpes derribáram alguns, e depois de terem as lanças bem empregadas, vieram com os mouros ás espadas em hum médão de area, que estava pegado no lugar, e pelejáram huns, e outros com tanto esforço, por hum bom pedaço, sem mudarem pé atrás; (que fizeram o médão tão chão, que mais parecia terreiro de paço, que médão de area;) e estando neste aperto, que não durou muito, com a maior parte da sua gente ferida, acodio D. Antonio de Noronha por detrás da mesquita, e deu nos mouros, os quaes como se víram atalhados, poseram-se em fogida, e nisto chegou Francisco de Tavora, e Martim Coelho com sua gente, e foram-nos seguindo por hum bom espaço, derribando muitos delles, que hiam assi a meia volta pelejando com a nossa gente, sem se determinarem bem em fugir. Afonso Dalboquerque, porque era de noite, deixou-se estar apegado com a mesquita em corpo com a sua

gente, e temendo-se que os que hiam apòs os mouros se desmandassem; mandou aos capitães que os recolhessem, e viessem ter com elle; e como foram juntos, entraram no lugar, e indo por huma rua, foram dar em huma casa, onde estavam os dous capitães do Xequé Ismael, pondo-se a cavallo com seus criados pera fogirem, e entrando dentro, mataram-nos a todos, e volveram logo sobre a mesquita, onde estava outro capitão com muita gente recolhido pera se fazer forte nella; mas não lhe valeo, porque D. Antonio de Noronha, e Martim Coelho, e toda a outra gente, que hia apòs elles, foram cometer a mesquita, e entraram-na por força, e mataram o capitão, e toda a gente, que estava dentro, e tomaram-lhe as armas, e as carapuças vermelhas, e tudo o mais que tinham, e saídos dali começaram a roubar o lugar. Afonso Dalboquerque vendo que os mouros da terra se começavam ajuntar, e elle com pouca gente por ser de noite, veio-se recolhendo com os capitães pera a praia, onde estavam os bateis, pera se valer das bombardas, se o quisessem cometer, e mandou pôr fogo ao lugar por quatro partes, e fazer final com o tambor, pera que a gente, que andava a roubar, soubesse onde elle estava. Como os nossos viram o fogo, cada hum se recolheo pera aquella parte pera onde ouviram o tambor com esse fato, que podéram trazer; e como estiveram juntos, não ousaram os mouros mais de travar com elles, e poseram-se da outra banda do lugar, e metia-se antrelles, e os nossos hum brejo, e ali se deixaram estar, sem poderem valer ao lugar que não ardesse.

Eram ali aquelle dia em companhia de Afonso Dalboquerque, Diogo Guifado, Gaspar Machado, criados delRey, Antonio de Sá, Bertolameu Pereira, Nuno

Vaz de Castelo-branco, Antonio de Liz, criados do mestre de Sanctiago, João Coelho, Gonçalo Queimado, e Pero Gonçalvez, piloto mór, e todos foram feridos de fréchas. E com D. Antonio de Noronha eram Jorge da Silveira, Francisco de Melo, Duarte de Soufa, Bastião de Miranda, Antonio da Costa, Lifuarte de Freitas, João Estão, Nicoláo de Andrade, Antonio Fragofo, Pero Dalpoem, João Teixeira, Simão Velho, James Teixeira, Antonio Vogado, e outros muitos homens honrados. E com Francisco de Tavora eram D. Jeronymo de Lima, D. João feu irmão, Aires de Soufa, Lopo Alvarez, Martim Vaz, Antonio Fernandez criado do conde de Villa Nova, Diogo Maçhado, Dinis Fernandez, mestre do Cirne, e outros muitos. E com Martim Coelho eram Antonio da Silva, Christovão de Magalhães, feu irmão, Paio Pereira, Pero de Soufa, Gaspar Vaz, Christovão de Azevedo irmão bastardo de Martim Coelho, e huns, e outros pelejaram aquelle dia tão valerosamente, e fizeram hum feito tão honrado, por ser contra os persas, (que naquella terra he avida pela melhor gente do mundo,) que me pareceo rezão, por honra de seus filhos, fazer aqui memoria delles. E bem creio eu que os persas, que dali escapáram, dariam melhor fama dos portuguezes em sua terra, da que os capitães, que fugiram da guerra, deixáram em Ormuz: E asli como esta fugida dos capitães foi estranhada do Xequé Ismael, foi louvado muito delle este desbarato, que os nossos fizeram nos seus capitães, porque depois disto trabalhou muito ter amizade com o grande Afonso Dalboquerque, e mandou-o visitar, e quando os seus embaixadores chegáram a Ormuz era já partido pera a India. Os moradores deste lugar não tinham ali suas molheres, nem suas fazendas, por-

que viviam com receo d'isto que lhe aconteceo, e o despojo que se tomou, foi áquella gente da Perfia, que ali estava, que era dinheiro, vestidos, armas, adagas guarnecidas de ouro, e de prata, arcos, frechas, e muitos cavalos, que lhe matáram, e queimáram-lhe todos os mantimentos, e monições de guerra, que Co-gearar ali tinha pera passar a Ormuz.

Acabado isto, Afonso Dalboquerque se recolheo com toda a gente aos bateis, e ao remo, e á véla trabalháram todo o espaço que ficou da noite, de maneira, que chegáram ás náos em amanhecendo, e os que ficáram nellas lhe differam, que na cidade ouve toda aquella noite grande alvoroço, quando víram o fogo em Nabande, e todo aquele dia se gastou em mandar curar os feridos, que eram muitos; e ao outro dia pela me-nhaã mandou Afonso Dalboquerque Dinis Fernandez no rey grande, que fosse á ilha de Lara tomar agoa, e Diogo de Melo se viesse lançar, onde elle estava, e levadas as ancoras, indo á véla com o traquete, veio hum parao de terra remando riço demandar a náo. Dinis Fernandez cuidando que lhe trazia algum recado, mandou largar as escotas, e esperou por elle. Os mouros, que vinham no parao, como chegáram perto da náo, tiráram-lhe huma bombardada. Vendo Afonso Dalboquerque o parao esbombardear a náo, mandou com grande pressa D. Antonio no seu batel, e Jorge da Silveira no seu esquife, que fossem tomar a terra ao parao, e que se chegassem bem á borda da praia, porque era baixamar, e não lhes podia a artelheria da cidade fazer nojo. Os mouros do parao como víram que os nossos bateis arrancavam das náos, primeiro que lhes atalhassem, ouveram a terra, e como os nossos hiam já perto delles, começaram atirar com a artelha-

ria, que levavam á gente da terra, que os vinha focorrer, e fizeram-nos afastar. Dom Antonio, e Jorge da Silveira com esta furia que levavam, quizeram descer em terra após os mouros; mas Afonso Dalboquerque acodio logo na fusta, e felos recolher; porque os mouros, que acudiram áquelle rebate, eram oitocentos frêcheiros, e cincoenta de cavallo, e os nossos muito poucos pera os cometer; e recolhido o parao, e a bombardarda, que os mouros nelle levavam, tornáram-se pera as náos, e Dinis Fernandez fez seu caminho á ilha de Lara como hia.

#### CAPITULO LXIV.

Como Diogo de Melo, que estava na ilha de Lara, se perdeu, e o grande Afonso Dalboquerque se partio pera a India, e o que passou até chegar á ilha.

**E**STANDO o grande Afonso Dalboquerque esperando por Diogo de Melo, que se viesse no seu navio ancorar, onde o rey grande estava, chegou Duarte de Melo seu irmão no batel, e disse-lhe, que avia tres dias que Diogo de Melo se metêra em hum zambuco pequeno, que Manuel de Lacerda tomára carregado de tamaras, e se fora com nove homens portuguezes, e dous mouros, e que não tornára mais, nem se sabia nenhuma nova delle, e que a armada dos mouros, que se fizera em Julfar, viera á ilha de Lara, e ahi estava furta. Afonso Dalboquerque agastado desta nova, que lhe Duarte de Melo deu, mandou logo D. Antonio de Noronha, e D. Jeronymo de Lima, que se embarcasssem

na fusta, e no seu batel com gente, e Duarte de Melo, e fossem ver o que isto era, e escreveu a Martim Coelho, que se levasse donde estava, e se ajuntasse com elles, e juntos todos cometessem a armada dos mouros, que estava na ilha de Lara, e trabalhassem muito por saberem alguma nova de Diogo de Melo; e se pela ventura estivesse em lugar, donde não podesse sair por amor da armada dos mouros, que o fossem focorrer. Partidos estes capitães, foram-se ajuntar com Martim Coelho, pera todos juntos irem cometer a armada dos mouros, que estava furta, a qual como ouve vista dos nossos, levou suas ancoras, e ao remo, e á véla fugiram. D. Antonio com os outros capitães foram-nos seguindo; e vendo que os não podiam alcançar, tornaram-se, e deram huma volta derredor da ilha de Lara, pera saberem novas de Diogo de Melo, e neste caminho acharam no mar seis homens mortos, e conhecêram serem da sua companhia; e vindo-se recolhendo ao longo da ilha, tomaram hum parao pequeno com tres, ou quatro mouros, e dali despedio D. Antonio de Noronha Duarte de Melo, e mandou-o com esta nova, e que levasse consigo os mouros, que se ali tomaram. Chegando Duarte de Melo, mandou Afonso Dalboquerque meter os mouros a tormento; e elles lhe disseram, que estando a sua armada furta na ilha de Queixome, viera ter com ella hum parao pequeno com certos portuguezes, e que o seu capitão os fora cometer, e por se não querer render, o metêram no fundo; e depois dos christãos andarem na agoa os mataram a todos, senão hum, que tomaram vivo, que o capitão mandou logo a Cogeatar, e o dos portuguezes por andar muito armado se fora ao fundo. Anojado Afonso Dalboquerque deste desastre, disse a Duarte de Melo, que como fizera seu irmão

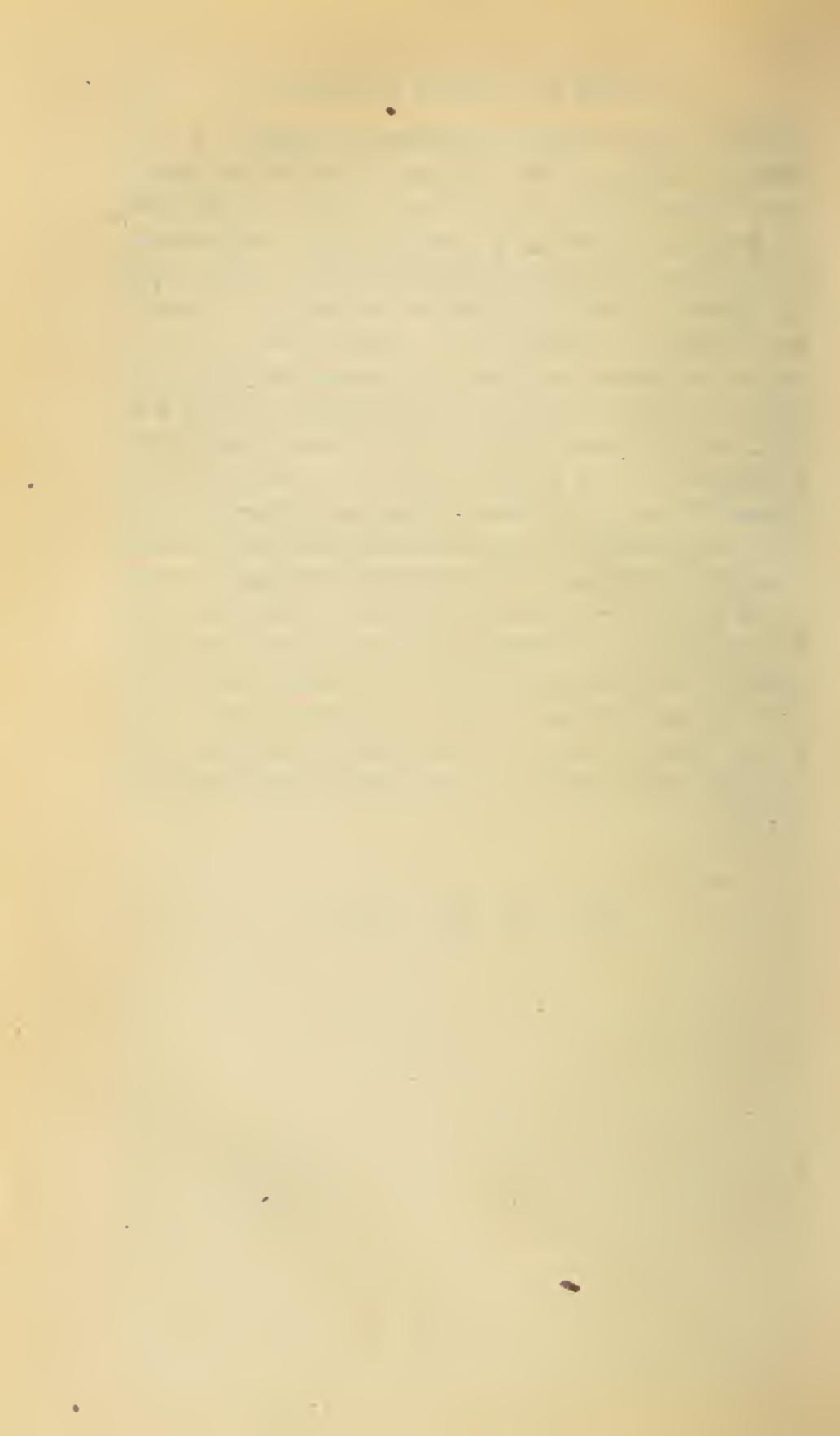
aquilo, tendo-o aviado muitas vezes daquella armada? E elle lhe disse, que fora enganado por dous mouros, que Manuel de Lacerda tomára em hum zambuco, os quaes lhe differam que se os forraste, que elles o levariam a hum porto, onde estavam certos paraos metidos, e que se fora com elles áquelle ardil, e não dera nada polos requerimentos que lhe todos fizeram da sua parte.

Como se Duarte de Melo partio com este recado, Martim Coelho levou suas amarras, e foi-se ajuntar com Dinis Fernandez, capitão do rey grande, que estava na ilha de Queixome, pera ali esperarem recado de Afonso Dalboquerque, e D. Antonio de Noronha no navio de Diogo de Melo, e Jorge da Silveira nã fulta. Depois de terem tomado sua agoa, foram-se pera a cidade, e acháram Afonso Dalboquerque muito agastado, assi pelo defastre acontecido a Diogo de Melo, como pela muita agoa que o Cirne fazia, que era tanta, que trinta mouros, que continuamente davam á bomba, com muito trabalho a podiam vencer; e estando assi, deu huma tormenta tão supita nas náos, que ouveram de çoçobrar todas; mas porque durou pouco, e as amarras tiveram mão, se salváram. Afonso Dalboquerque passada a tormenta, vendo-se sem gente, e sem armada, e mal focorrido do visorey, determinou de se partir pera a India; e sem mais ter prática com Cogear, fez-se á véla, e foi demandar a ilha de Queixome, onde estavam Martim Coelho, e Dinis Fernandez pera ali tomar agoa, e fazer sua viagem caminho da India; e como chegou, que não vio o rey grande, perguntou a Martim Coelho onde estava. Elle lhe disse, que na lua nova passada lhe dera huma tormenta tão rija, que de todo estiveram perdidos, e que Dinis Fernandez largára as amarras, e que vendo-o ir á véla, lhe perguntára se se

levaria. E elle lhe respondêra, que se a sua não tinha boas amarras, que se deixasse estar, porque o tempo avia logo de abonçar, que por serem agoas vivas ventava assi, que elle se hia lançar da outra banda da ilha, por ser abrigada daquelle vento, e como passasse aquella estrepada, se viria pera elle. Afonso Dalboquerque mandou ajuntar todos os pilotos, e mestres, e perguntou-lhes que caminho faria a não, e se seria perdida? Todos differam que se não agastasse, porque Dinis Fernandez era tão grande homem do mar, que elle daria boa conta della; quanto mais que antre aquellas ilhas era o mar tão brando, que as almadias atravessavam de huma parte pera a outra, sem nenhum perigo. Afonso Dalboquerque com isto que lhe os pilotos differam, ficou algum tanto mais desagastado, e com tudo mandou D. Antonio de Noronha, que fosse a huma ferra alta, que a ilha tem, donde se vê todo aquelle mar, com alguns marinheiros, e visse se via alguma não, e todos os que hiam em sua companhia se affirmaram verem huma não grande, que hia dobrando o cabo de Maçandi. Recolhido D. Antonio, estando já todos fornecidos de agoa, fizeram-se á véla, e dobrando o cabo, tomáram huma não de Guzarates, que vinha do mar Roxo pera Cambaya carregada de sedas, pedra hume, e aljofar, e algum dinheiro. Afonso Dalboquerque mandou vir perante si o piloto, e mestre, e perguntou-lhes se víra huma não grande naquella paragem, que era de sua companhia. O piloto lhe disse, que estando elle furto detrás do cabo, vieram hunis barcos de pescadores recolhendo-se do mar pera terra, e disseram que vinham fugindo de huma não de Frangues, que hia na volta da India. Sabido isto, mandou despejar as náos de todas as mercadorias que trazia, e

pôr-lhe o fogo, e foltou os mouros livremente que se fossem, e tornou a seu caminho, e sem lhe acontecer outra cousa, veio a ver vista de Angediva; e passados tres dias, que ali esteve, partio-se, e foi ter a Cananor, e ali achou o visorey acompanhado dos capitães, que lhe fugiram, e do commendador Rui Soarez, que sendo da sua obrigação, não quis ir a seu chamado, os quaes passava de hum anno, que ali andavam, muito favorecidos do visorey, sem os castigar por lhe fugirem, e o deixarem na guerra, e dali a poucos dias chegou Dinis Fernandez no rey grande com toda a gente a salvamento. E posto que Afonso Dalboquerque sentio muito ver os seus capitães diante do visorey sem castigo, dissimulou, e entregou-lhe a armada, e gente paga de tudo o que lhe era devido até aquella hora, e deu-lhe conta dos trabalhos, que tivera com os mouros, e com os christãos, avendo dous annos, e oito meses que andava no mar, conquistando o reyno de Ormuz, como lhe ElRey Dom Manuel seu senhor tinha mandado, sem em todo aquelle tempo ter nenhum favor, e ajuda do visorey.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.



## PARTE II.

Em que se contém o que passou o grande Afonso Dalboquerque com o visorey: e o que fez depois de ser entregue da governança da India, até tomar Goa a primeira vez.

### CAPITULO I.

Como chegou a Cananor na entrada de Dezembro do anno de quinhentos e oito: e requereo ao visorey [que lhe entregasse a governança da India, como ElRey D. Manuel mandava em suas provisões, e do que sobre isso passou.



CHEGADO o grande Afonso Dalboquerque a Cananor, (como tenho dito,) achou ali o visorey fazendo prestes sua armada pera ir buscar os rumes, que estavam em Diu; e como elle tinha já sabido por Fernão Soares, e Ruy da Cunha, capitães, da armada de Jorge de Aguiar, (que avia poucos dias que eram chegados,) que ElRey D. Manuel mandava que aquelle anno se fosse pera Portugal, e Afonso Dalboquerque ficasse governando a India, não folgou muito com sua

vinda, nem elle de ver ,quão bem tratados eram do visorey os capitães, que lhe fugiram de Ormuz, e recreceo-se daqui aver antrelles grandes descontentamentos. Passados alguns dias, foi-se Afonso Dalboquerque ao visorey, e disse-lhe perante Fernão Soarez, e Ruy da Cunha, que pois ElRey D. Manuel mandava que se fosse pera Portugal, e todas as cartas, e negocios vinham endereçados a elle, como a governador da India, que lhe pedia por mercê que lha entregasse, assi como ElRey mandava, porque estavam na entrada de dezembro, que era o proprio tempo, em que podia partir, e tinha a não Betlem, em que sua pessoa iria bem agazalhada, e outras seis náos pera o acompanharem. O visorey lhe respondeo. que o tempo da sua governança se acabava ainda em Janeiro, e que acabado elle lha entregaria. Afonso Dalboquerque como vio esta determinação do visorey, não lhe quiz mais reprimir, e foi-se pera sua casa, e mandou-lhe mostrar por Antonio de Sintra, que servia de secretario, (por Gaspar Pereira ficar doente em Cochim,) os poderes, e Alvarás, que tinha delRey D. Manuel, assi cerrados, e asselados como os trazia, os quaes Antonio de Sintra abriu, a requerimento de Afonso Dalboquerque; porque dizia no sobrescrito, que se abiriam, quando o elle requereffe, e assi abertos os levou ao visorey, o qual depois de os ter lidos, disse a Antonio de Sintra, que fizera muito mal de abrir aquellas provisões sem lho primeiro dizer; e Afonso Dalboquerque errára muito no requerimento, que lhe fizera perante Fernão Soarez, e Ruy da Cunha: que lhe dissesse, que seria bom conselho tornalos a cerrar, e telos assi em segredo até sua vinda de Diu. Antonio de Sintra lhe deu este recado, e disse-lhe, que se fosse necessario tornar a cerrar todas aquellas provi-

sões, que elle o faria de maneira, que pareceffe que nunca foram abertas. Afonso Dalboquerque lhe disse:

*Segundo isso, Antonio de Sintra, já vós fizestes outra tal como esta; não sou eu o homem, que ei de tornar a cerrar os poderes, e alvarás delRey, em que me manda que governe a India depois de abertos: dissei ao visorey, que pois a obrigação desta armada he minha, por ser governador da India, que ma entregue, que eu irei buscar os rumes.*

O visorey lhe mandou dizer, que elle estava já prestes, e determinado pera fazer aquella jornada, que ficasse elle ali em Cananor, ou se fosse pera Cochim a repoufisar dos trabalhos passados; e que tanto que tornasse, elle lha entregaria, conforme as provisões delRey. Afonso Dalboquerque lhe mandou dizer, que elle não podia tornar a tempo, que aquelle anno podesse ir pera Portugal: que se determinava de ficar na India, que governasse elle a terra, e lhe deixasse a armada do mar pera ter cuidado della. O visorey enfadado já destes recados, disse a Antonio de Sintra, que lhe este recado levou: *Bem está assi por agora*, e não lhe deu outra resposta; e ao outro dia pela menhaã foi Lourenço de Brito, capitão da fortaleza de Cananor, ver Afonso Dalboquerque, lançado polo visorey, e depois de outras praticas, começou-lhe a dizer, que não curasse de requerimentos, nem falar naquellas coufas, porque a gente desejava muito que o visorey ficasse nella; e que se muito apertasse com este negocio, e se possesse em votos de capitães, que todos aviam de ser deste parecer, e que aquillo lhe dizia como seu servidor, e amigo, porque desejava que antre elle, e o visorey não ouvesse differenças. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que pois lhe não pedia conselho, que podéra escusar dar-lho,

porque elle o tinha tomado com aquelles poderes, e alvarás delRey D. Manuel, que ali tinha; que aconselhasse ao visorey que os comprisse, e não lhe viesse meter biocos.

Passadas estas coufas, vendo Afonso Dalboquerque, que o visorey lhe não queria entregar a India, e os capitães que lhe fugiram, e o deixaram na guerra de Ormuz, com seu favor lhe faziam muitas descortesias; por se tirar destes, e de outros inconvenientes, foi-se embarcar na náó Cirne, em que viera de Ormuz e, partio-se pera Cochim, e pela muita agoa, que a náó fazia, se ouvera de perder no caminho, e chegou aos catorze dias do mez de dezembro, e esteve na náó cinco dias, esperando que lhe buscassem humas casás pera poustar, e á náó o vieram ver em chegando Gaspar Pereira, Rui de Araujo, e os outros officiaes da feitoria; e depois de lhes dar conta do que tinha passado com o visorey em Cananor, mostrou-lhes os poderes, e alvarás, que tinha delRey D. Manuel pera ser capitão geral da India; e disse-lhes, que lhes não mostrava aquelles poderes delRey pera lhe obedecerem, senão pera serem certos, que requerêra ao visorey, que desistisse do poder, e mando da India, e lha entregasse como ElRey D. Manuel mandava, porque não queria ser azo de se fazer alguma união: que já em Cananor se vieram algumas pessoas a elle, e lhe aconselharam que se chamasse capitão geral da India, e que elle o não quisesa fazer, por escusar bandos, e differenças; e que lhe jurava que o trataram de maneira em Cananor, que ouvera medo de lhe fazerem alguma descortesia, ou de o matarem. O visorey como se Afonso Dalboquerque partio, arreceando que se mandasse queixar a ElRey nas náos, que aquelle anno aviam de ir pera

Portugal, escreveu ao Prior do Crato seu irmão, que se ajuntasse com o Barão, e com o governador D. Alvaro de Castro, e todos tres falassem a ElRey, e lhe dissessem, que sua ficada na India fora porque todos os capitães, e gente nobre lhe requerêram que se não fosse; porque ficando Afonso Dalboquerque por governador della, os mouros se aviam logo de alevantar contra os nossos, e que por esta causa lha não entregára, até Sua Alteza ser advertido do que passava, e prover nisso o que fosse mais seu serviço; e que dos males, que tinha feitos no reyno de Ormuz, se podia informar de Afonso Lopez da Costa, que lá hia pera o dizerem a ElRey, e de Gaspar Rodriguez lingoa, que dizia que por sua culpa, e máo governo se perdêra Ormuz: e com estas cartas mandou o visorey Manuel Fragofo a Cochim na fusta, em que Nuno Vaz viera de Ormuz, e escreveu a Gaspar Pereira, que lhe pedia por mercê, que olhasse que antre Afonso Dalboquerque, e Jorge Barreto não ouvesse differenças, porque não sabia quão amigos estavam, e que por escusar escandalos não poufasse na fortaleza, e que lhe dessem as melhores casas da villa pera poufar, (não sendo as de João da Nova,) e que lá lhe mandava huns apontamentos de culpas, que tinha de Afonso Dalboquerque, que lhas amostrasse, e que tambem o tentasse se tomaria tudo o que ouvesse de aver de seu soldo, e quintaladas, quando fosse capitão mór da India, porque elle lho quísera mandar offercer, e que lhe vira tanta vaidade, (não tendo de que a ter,) que não ousára de o cometer com isso. Afonso Dalboquerque tambem por sua via escreveu a ElRey tudo o que passára com o visorey, e mandou-lhe a devassa, que em Ormuz mandára tirar da fugida dos capitães, pedindo-lhe que os castigasse. ElRey D. Ma-

nuel ficou tão descontente desta fugida dos capitães, que chegado Afonso Lopez da Costa, o mandou logo prender na cova do castelo, e quísera-o mandar degolar por isso, senão tivera amigos, que lhe valêram.

## CAPITULO II.

Como Gaspar Pereira levou os apontamentos, que lhe o visorey mandou, ao grande Afonso Dalboquerque, e da reposta que lhe deu.

PASSADOS os dias, que o grande Afonso Dalboquerque esteve na náó esperando que lhe despejasssem as cascas de Gonçalo Fernandez, em que avia de pouisar, veio-se a terra, e Gaspar Pereira o foi logo ver, e disse-lhe, que o visorey, antes de sua partida de Cananor pera Diu, lhe mandára huns apontamentos de culpas suas, que lhe mostrasse, que se lhe désse licença pera lhos dar, que o faria, e senão, que estariam assi até o visorey vir, porque elle ali não era mais que mestegeiro. Afonso Dalboquerque lhe disse, que lhos désse, porque vinha já de Cananor tão farto das cousas do visorey, que senão avia de espantar de nada, que elle responderia.

A primeira culpa era, que podéra escusar mandar-lhe provar os seus poderes, que tinha delRey, por Antonio de Sintra em Cananor, e fazer-lhe o requerimento, que lhe tinha feito perante Fernão Soarez, e Rui da Cunha capitães delRey. Afonso Dalboquerque respondeu, que não sabia porque se espantava tanto daquelle requerimento, pois por muitas vezes tinha dito, que ElRey lhe escrevêra que se fosse pera Portugal, e

lhe entregasse a governança da India; e que mais pera espantar era, chegar elle a Cananor, e achalo em determinação de lha não entregar, como fizera.

A segunda culpa era, que deixára Çacotorá sem mandado delRey, e se viera pera a India, tendo-lhe escrito por Tristão da Cunha, que Sua Alteza lhe mandava que tivesse cuidado della, e por esta causa deixára de a mandar prover do necessario. Afonso Dalboquerque respondeo, que chegando a Cananor, lhe dera rezão de sua vinda ser pelos tempos não consentirem outra navegação, porque no mez de novembro, e dezembro não se podia tomar de Ormuz a ilha de Çacotorá, por serem os ventos travessões, e os tempos mui rijos; e que tambem o obrigára vir-se pera a India a muita agoa, que o rey grande, e o Cirne faziam, por se não perderem, e mais ser já chegado o tempo, em que lhe ElRey mandava entregar a governança da India: E pois lhe pedia tão estreita conta do que fizera, que primeiro a ouvera de tomar aos capitães, que lhe fogiram da guerra, e a Manuel Telez, que trouxera os mantimentos, que lhe tinha dados pera levar á fortaleza de Çacotorá na sua náó, os quaes elle trazia diante de si muito favorecidos; e querendo-lhe por muitas vezes dar rezão de si em Cananor, nunca o quisera ouvir, nem ver seu regimento, porque nelle lhe mandava ElRey, que quando não visse recado seu, fizesse o que lhe parecesse mais seu serviço, e se lhe não parecêra bem sua vinda sem mandado delRey, como lhe parecia bem sua ficada na India, sem lhe querer entregar a governança della, nem guardar os seus mandados, e regimentos? E que a carta, que lhe escrevêra por Tristão da Cunha, viva estava, e outra, em que lhe dava conta da fugida dos capitães, pedindo-lhe que lhe tor-

nasse a mandar os navios, e gente, e outros capitães, e nella lhe dava conta do estado, em que ficava, da qual nunca víra reposta, nem o ajudára, como era obrigado, por fer capitão geral das Indias; mas antes víra cartas suas pera o rey, e Cogeatar, desprezando sua pessoa com palavras muito feas, avendo seus trabalhos por coufa de pouca substancia, louvando-lhe muito o que os capitães fizeram, e como foram bem recebidos delle.

A terceira culpa era, que tivera cercado a Ormuz, sem lhe deixar tirar, nem meter coufa alguma, durante o tempo do seguro, que lhe tinha dado, e Cogeatar lho mandára mostrar, e elle lho não quísera tornar mais. Afonso Dalboquerque respondeo, que era verdade, que durando o tempo do seguro, tivera cercada a ilha de Ormuz toda em roda, não consentindo, que nenhuma gente de fóra entrasse nelle, nem fuisse de dentro, porque assi lhe cumpria pera segurança da sua gente, e armada, e aguardar ali o focorro, e ajuda delRey D. Manuel nosso senhor; porque nas cartas, que achára em Ormuz, quando tornára de Çacotorá, pera Cogeatar, víra bem o focorro, que lhe elle avia de mandar; e boa testemunha era Gaspar Rodriguez lingoa de huma carta, que lhe Cogeatar mostrára com o felo das armas delRey de Portugal, que não servia de mais que de nichilar seus trabalhos, e sua pessoa, como se fora hum cossairo banido do reyno; e vendo Cogeatar a pouca conta que fazia d'elle, (como homem fefudo,) entendeo o negocio, e soube-se aproveitar do tempo; e não era de espantar dizerem-lhe algumas pessoas da sua companhia, que fizera o que não devia, por lhe comprazem, pois víram serem bem recebidos delle os capitães, que lhe fugiram, com querela de lhe não contentar a guerra que fazia, e mandar-lhe carregar suas quintala-

das, e ordenados; e os que aguardáram, e o acompanháram em todos os trabalhos, e fortunas, como mui bons, e leaes cavaleiros, acharem suas arrecadações em branco, sem lhe serem carregadas suas quintaladas. E se Cogear avia de gozar deste seguro, que lhe elle mandava, rezão era que estivesse elle tambem seguro de Cogear; mas elle pedia que lhe guardasse o seguro, e mandava-lhe tirar ás fréchadas, sendo elle capitão mór delRey de Portugal, em cujo nome o seguro lhe era dado.

A quarta culpa era, que Cogear lhe mandára pedir hum mandado, e assinado, que tinha feu, e que lho não quísera dar. Afonso Dalboquerque respondeo, que lhe não lembrava se lho mandára; e ainda que assi fora, não lho ouvera de dar, porque o mandado era pera elle do que avia de fazer, e por dar rezão de si a ElRey D. Manuel do que fizesse, por vir dirigido a elle, nomeando-o por feu nome, e por cima de tudo lhe dera o trelado assinado por elle, asselado com o feu finete, e hum conhecimento de como recebêra aquelle feu mandado; porque se pela ventura o viessem buscar náos, e gente, que ElRey D. Manuel ali mandasse em feu favor, como ficava ordenado, quando partisse de Portugal, foubessem chegando a Ormuz o que ali passára.

A quinta culpa era, que tomára hum escravo a hum mouro mercador de Ormuz contra sua vontade. Afonso Dalboquerque respondeo, que não era tal, senão que viera huma cafila de mercadores da Persia pera Ormuz, e hum mouro trazia em sua companhia hum moço christão da Ruxia, o qual, como vira as nossas náos, fugira, e viera-se meter nellas, e o mouro lhe pedira o moço, e elle lho não quísera dar, porque era christão, e não se queria tornar com elle, e nem por isso ficára

cativo; nem se devia de crer, que hum homem tal como elle, cativasse hum moço, que se vinha meter em suas mãos com nome de christão; e porque Gaspar Pereira, além destes apontamentos, disse a Afonso Dalboquerque outras coufas, que lhe o visorey mandava dizer por palavra, e huma dellas era, que lhe pagaria todo o ordenado do tempo que ficasse na India, respondeo-lhe, que disseffe ao visorey, que na corte delRey de Portugal, donde ambos vieram, não lhe vira elle manhas, nem costumes, pera lhe cometer que vendesse por dinheiro sua honra, e a estima de sua pessoa, e que elle esperava em Deos de fazer tantos serviços naquellas partes a ElRey nosso senhor, por onde merecesse fazer-lhe mercê de outros titulos mais honrosos que visorey. Depois de Afonso Dalboquerque ter respondido a estes apontamentos, mandou chamar Gaspar Pereira, e perante Rui de Araujo, e André Diaz, e os outros officiaes da Feitoria de Cochim, que estavam com elle, lhos deu, e disse-lhe, que se espantava muito delle, sabendo pelas cartas, que lhe ElRey tinha escritas, como a Secretario da India, em que mandava, que o visorey se fosse pera Portugal, e elle a ficasse governando, aver-lhe tamanho medo, que não queria fazer o que Sua Alteza mandava em suas cartas; e que pois o visorey lhe não queria entregar a governança da India, que elle a não avia de tomar á espada, senão conforme aquelles poderes, que ali tinha delRey seu senhor. Gaspar Pereira lhe disse, que elle tinha por sem dúvida, que o visorey lhe deixaria a governança, tanto que chegasse de Diu, como por muitas vezes tinha dito perante aquelles officiaes, que ali estavam; e quando não quizesse fazer o que ElRey mandava, que lhe deixaria os seus officios, pera que os dêsse a quem quizesse, e serviria com elle.

## CAPITULO III.

De algumas cousas, que o grande Afonso Dalboquerque passou em Cochim com Jorge Barreto: e da carta, que lhe escreveu Lourenço de Brito capitão de Cananor, e da resposta que lhe mandou.

**A** Vendo dez dias que o grande Afonso Dalboquerque era chegado a Cochim, Jorge Barreto capitão da fortaleza, porque lhe o visorey tinha escrito, que antrelles não ouvesse paixões, foi-o ver a sua casa; e porque era casado com huma filha de Fernão Dalboquerque seu irmão, e tinha recebido d'elle muito boas obras, assi de sua fazenda, como do mais, e não se lembrando disto, se lançára da parte do visorey, dizendo-lhe tudo o que quiz d'elle, e desdenhando sempre suas cousas, não o recebeu bem, e como se foi, mandou-lhe dizer por hum clerigo, que lhe pedia muito por mercê, que não curasse de ter muita conversação com elle, nem o visitasse, pois era seu imigo capital, e dizia mal d'elle, e quando se topassem por essas ruas, lhe faria a cortezia que merecia. Jorge Barreto ficou mal contente deste recado, e foi-se a Gaspar Pereira, e contou-lho, e disse-lhe, que depois disto, entrando na igreja, onde elle estava ouvindo missa, lhe quizera falar, e elle posera os olhos no chão, e fizera que o não vira: que determinava de se ir á feitoria requerer aos officiaes, que fizessem hum assento de todas estas cousas, porque soubesse o visorey, quando viesse, as uniões, que Afonso Dalboquerque fazia. Gaspar Pereira, porque o visorey lhe tinha

encommendado que o temperasse de maneira, que antrelles não ouvesse differenças, foi-se a Afonso Dalboquerque, e depois de lhe contar as queixas, que Jorge Barreto delle tinha, disse-lhe, que lhe não parecia serviço delRey estas differenças, e que abastava pera lhe soffrer tudo ser governador da India; e se antrelles avia vontades danadas, que as guardassem pera Portugal, que lhe pedia que fosse ver a fortaleza, (na qual não entrára depois que viera,) por não dizerem os negros de Cochim, porque não poufava o capitão geral na fortaleza, e não falava ao capitão della: elle lhe disse, que não queria ter conversação com Jorge Barreto, nem falar-lhe, porque o avia assi por serviço delRey por muitos respeitos, porque não se contentára de em Ormuz ser no conselho da fugida dos capitães, mas ainda como se vira com o visorey, fizera, e differa tudo o que quiz contra elle; e que quanto era a dizer, que na igreja lhe não quísera falar, que lhe jurava polos Evangelhos, que estavam naquelle livro, em que punha a mão, que o não vira: que falar-lhe onde quer que o topasse, o faria, mas conversação não na avia de aver antrelles; e por se tirar de differenças, tinha mandado ao mestre, e marinheiros da náó Cirne, que se fossem todos a Jorge Barreto com seus queixumes, que era capitão de Cochim, porque elle não avia de entender em nada. Passadas estas cousas, estando Gaspar Pereira, e Antonio Real patrão mór, e Ruy de Araujo na ribeira, chegou Jorge Barreto a cavallo, e disse-lhes, que Afonso Dalboquerque differa a Manuel Peçanha, que lhe não avia de falar, porque não era serviço delRey falar-lhe, que quem aquillo ouvisse, podia cuidar delle todos os males do mundo que quisesse; que lhes pedia por mercê, que fizeffem hum auto daquellas emburilha-

das pera o visorey saber as uniões, em que andava, porque elle fora sempre muito leal, e servira ElRey muito bem; e que se alguma hora se visse em Portugal, elle lhe perguntaria se era serviço delRey falarem-se, ou não. Gaspar Pereira se foi logo dali a Afonso Dalboquerque, e pedio-lhe muito que dèsse ó démo aquellas differenças, que não serviam de nada, senão de dar que falar á gente; e elle lhe respondeo, que se lho affi parecia, que lhe mandasse fazer o seu bargantim, pres-tes pera se ir pera Cananor, porque lá estaria sem ver Jorge Barreto, nem ouvir suas cousas. Como Gaspar Pereira vio, que Afonso Dalboquerque não recebia bem falar-lhe em amizades de Jorge Barreto, foi-se pera sua casa, e não lhe falou mais nisso. E dali a dous dias deram huma carta de Lourenço de Brito capitão de Cananor a Afonso Dalboquerque, em que lhe dizia, que lhe pedia por mercê que andasse sempre muito recatado dos homens de Cochim, porque lhe certicava, que em todo o mundo nunca vira tão má gente; e que lhe fazia a saber, que não dizia, nem fazia cousa em Cochim, que o visorey lá por onde hia não soubesse; e que ali em Cananor, onde estava, quando se alevantava pela menhaã se benzia, e pedia a Deos que o guardasse das emburilhadas, e mexericos de Cochim; e que das cousas passadas antre elle, e o visorey em Cananor se não sagastasse, porque elle esperava que tudo viesse a bom fim, e de o servir muito bem na India, e por aqui lhe foi dizendo outras muitas cousas bem diferentes das que dizia perante o visorey, e nesta carta lhe pedia que a rompessè logo.

REPOSTA DO GRANDE AFONSO DALBOQUERQUE  
PERA LOURENÇO DE BRITO

**P**EÇO-vos por mercê, que confieis de mim, que o meu saber, e siso nunca lançou não á costa, e bem creio eu que se préga agora na India outra cousa de mim, mas eu lhe perdoo tudo, porque em tempo, e lugar estam que lhe cumpre fazerem o que fazem; mas diante delRey<sup>o</sup> nosso senhor, em que está o galardão de nossos serviços, falam todos verdade, e lá se sabe tudo o que se faz na India, e está por fazer. Não creais que os poderes, que tenho delRey nosso senhor, nem a terra, nem os costumes della me hão de danar, porque o grande estomago que tenho, e o meu pesado siso esmoem todas estas contradições, e tudo ato com este verso de David, que diz:

Si Deus adjutor mihi, non timebo quid faciat mihi homo.

*E por tanto, senhor, não ajais dó de mim, mas avei-odos capitães delRey nosso senhor, que tem seus regimentos, e cartas messivas de sua alteza endereçadas a mim, em que me ha por seu capitão geral nestas partes da India, e não me querem obedecer, apresentando minha pessoa em tempo, que o visorey tinha seis náos de carga, e moução verdadeira pera se poder partir: e lembre-vos, que vós me mostrastes a vossa carta, e não me esquece a mercê, que me querieis fazer, estando o visorey pera partir pera Diu, e era, que ficasse eu por vosso castelão, em quanto fosseis com elle: assi, senhor, que o conselho, e sofrimento, que lá em Cananor tive nestas cousas, não me faltará agora, que cá estou metido em huma casa de palha, com nome de capitão ge-*

ral destas partes, como me ElRey nosso senhor hoje chama em Portugal; e crea vossa mercê, que pois todas estas cousas me lá em Cananor acháram duro de entrar, que pouco poder devem de ter em mim os mexericos desta terra, os quaes se revolvem todos, bem disse do visorey, mal disse do visorey: estas civilidades não se hão de achar em mim, nem ha ninguem de ousar de me vir com novas á pouxada, porque este primor tive sempre, assi por nação, como por criação: na terra não tenho que dizer, porque todos desejamos de servir ElRey: isto he o que sei nesta ermida, onde estou metido todo o dia, e toda a noite; e quanto he ao segredo, que me encomendais disto que me escreveis, a vossa carta foi logo rota, sem dar conta disso a ninguem. E com esta carta deram outra a Afonso Dalboquerque de Pero Fernandez Tinoco, em que lhe dizia, que se não fiasse em lhe o visorey dizer, que tanto que tornasse de Diu, lhe entregaria a India, porque depois de sua partida pera Cochim tivera conselho com os capitães seus amigos, e paniguados, e assentára de lha não entregar, e de o mandar pera Portugal na primeira armada que viesse.

## CAPITULO IV.

Como o visorey D. Francisco Dalmeida, depois de desbaratar os Rumes, se partio de Diu, e veio ter a Cananor com Lourenço de Brito, e dahi pera Cochim: e do que passou com o grande Afonso Dalboquerque em chegando.

**D**EPOIS do visorey ter desbaratado a armada dos Rumes, partio-se, e veio ter a Cananor, e ali achou cartas de Jorge Barreto, em que lhe escrevia grandes males do grande Afonso Dalboquerque, e de Gaspar Pereira, e Ruy de Araujo; e como Lourenço de Brito capitão da fortaleza, era o negociador de todas estas emburilhadas, começou-o tambem por sua parte a indinar, dizendo-lhe muitas cousas contra Afonso Dalboquerque. (Póde ser que se não lembrou da carta, que lhe tinha escrita.) O visorey advertido de tudo o que lhe tinham dito que passava, sem fazer nenhuma demora, se partio, e chegou a Cochim a oito dias do mez de março do anno de mil e quinhentos e nove, com determinação de não entregar a governança da India a Afonso Dalboquerque, aconselhado dos capitães, que fugiram da guerra de Ormuz, e doutros da sua cevadeira. Afonso Dalboquerque como soube de sua vinda, mandou chamar os officiaes da feitoria, e Gaspar Pereira, e disse-lhes, que pois o visorey era chegado, que lhe queria fazer hum requerimento, que lhe entregasse a India, pera lho elles como officiaes delRey apresentarem; e estando assi todos, e Afonso Dalboquerque escrevendo o requerimento com João Estão, differam-lhe,

que o visorey vinha polo rio acima na galé, que tomára aos rumes. Os officiaes como tinham obrigação de o irem receber, foram-se todos á ribeira, e metêram-se no batel com Jorge de Melo pera ir em sua companhia. O visorey como os vio, sahio-se da galé, e meteo-se no batel com elles, e veio desembarcar perto da fortaleza, e ali o estavam esperando toda a clérifia em procifsão, e Jorge Barreto capitão de Cochim com muita gente. Afonso Dalboquerque deixou o requerimento, que estava fazendo, e foi-se com algumas pessoas, que comiam com elle, receber o visorey, e esteve hum bom pedaço na praia, esperando que desembarcasse: o qual como desembarcou, fazendo que o não via, foi-se logo direito a Jorge Barreto, e abraçou-o, e fez-lhe grandes gazalhados, e a todos os que ali estavam. Vendo Afonso Dalboquerque a pouca conta que o visorey fazia delle, tomou-o pela ponta de huma opa de borcado, que levava vestida, e disse-lhe:

*Ah senhor, aqui estou, vede-me.*

O visorey virou-se pera elle, e disse-lhe, que lhe perdoasse que o não víra; e sem lhe responder mais nada, começou a andar, e foram allí todos em procifsão até á igreja, e prégou mestre Diogo, dizendo grandes louvores da vitoria, que o visorey ouvera contra os Rumes; e depois da prégação acabada, foi-se o visorey pera a fortaleza acompanhado dos capitães, e gente, que ali estava, e chegando á porta, disse-lhe Afonso Dalboquerque:

*Senhor, pois vos Deos deu huma tão grande vitoria, e tendes vingada a morte de vosso filho com tanta honra, e nisto não ha já mais que fazer, peço-vos por mercê, que antre nós não aja differenças, e me entregueis a governança da India por estas provisões, que aqui trago delRey nosso senhor, e confiai de mim, que*

*a não hei de lançar a perder, como vos fazem crer meus imigos, porque já em Cananor vo-las mandei amostrar por Antonio de Sintra, e não nas quisestes ver, e mandastes-me aconselhar, que as tornaſſe a cerrar.*

Estando nesta prática chegou Gaspar Pereira, que o visforey tinha mandado chamar, e disse-lhe Afonso Dalboquerque:

*Gaspar Pereira, pois sois escrivão dante mim, requero-vos da parte delRey noſſo senhor, que notifiqueis ao senhor visforey, e a todos os capitães, fidalgos, e gènte, que aqui está presente, estas proviſões, que vos aqui entrego, pelas quaes ElRey noſſo senhor manda, que o senhor visforey me entregue a India, e nas costas me passeis hum estromento com suas repostas, ou sem ellas.*

Acabado Afonso Dalboquerque de dizer estas palavras, o visforey virou-lhe as costas, e disse:

*Vós não tendes escrivão dante vós, onde eu estou; e sem lhe dar outro reposta, se recolheo pera dentro, e Gaspar Pereira, com os poderes, que lhe Afonso Dalboquerque tinha dado, entrou após o visforey, e outros muitos, e começaram a rir, e a zombar do feu requerimento; e João da Nova, que era hum delles, começou a dizer ao visforey, que faria bem mandalo prezo em ferros pera Portugal, porque era hum doudo, que não sabia o que dizia, e que bem se sabia quem lhe aconselhava que andasse naquellas parvoices, lançando todos estes remoques a Gaspar Pereira.*

## CAPITULO V.

O que o visorey passou com Gaspar Pereira, e Rui de Araujo, e os mais officiaes da feitoria, sobre esta prática, que teve com o grande Afonso Dalboquerque.

**D**EPOIS do visorey estar hum pedaço falando nas cousas, que passára em Diu, despedio todos, e ficou com Rui de Araujo, André Diaz, Pedromem, Antonio de Sintra, e Gaspar Pereira, officiaes delRey, e Jorge de Melo, que o visorey quiz que ficasse, e começou a dizer:

*Pois estamos sós, queria que falássemos hum pouco no que me disse aquelle doudo de Afonso Dalboquerque, que tão desaventurado he, que me não deixou desfencalmar, nem entrar em casa; e logo como desembarquei, me disse, que o recebêra mal, e as parvoices, que todos ouvistes, chamando a Gaspar Pereira escrivão dante si; e bem vedes quão pouca razão tem de me pedir que lhe entregue a governança da India, nem falar niisso de si. A culpa tem-na ElRey, que favorece este doudo, e por isso cuida elle que he alguma cousa; e a graça he, que vós Gaspar Pereira, quando vos elle chamou escrivão dante si, não vos risstes, nem déstes cotoveladas aos que estavam apar de vós, chamando-lhe sandeu, que se fosse muito, era má, que não éreis escrivão dante elle, e que éreis melhor que elle; e pois vós isto não fizestes, e recebestes delle esses papeis, que trazeis, não no desenganando logo, que não era pera governar a India, final he que vos parece bem o que elle requiere, e que he verdade que vós, e Rui de Araujo lhe*

*aconselhais todas estas cousas, que eu não podia crer, se mo não affirmáram em Cananor; e sabeí certo que este negocio não se ha de curar com malvas, e com unto, senão com ferro frio, porque he caso de treição, e alevantamento contra ElRey nosso senhor, e o seu visorey da India. E já muito menencório ergueo-se em pé, e disse: (pondo as mãos no abito:) Gaspar Pereira, faço voto a Deos, e a este abito que recebi, que se mais andais nestas cousas, que vos hei de mandar carregar de ferros, e arrastar por essa praia, e ao doudo de Afonso Dalboquerque castigalo-hei muito bem, se mais falar, e dai-lhe logo esses papeis, que os guarde, que os não quero ver. E faço voto a Deos, que todo o homem, a que parecer bem o que elle diz, e requer, que logo o mande enforcar, ainda que seja o melhor da India. Os espantos que fazia erão tão grandes, que todos os officiaes estavam tremendo. Gaspar Pereira como era solto, não tendo conta com suas menencorias, lhe disse:*

*Porque trata vossa senhoria mais estas cousas comigo, que com estes officiaes, que aqui estão? parece que a mim quer dar por parte neste negocio, e eu não sou mais aqui que como official mostrar estas provisões delRey nosso senhor, que me Afonso Dalboquerque deu, a vossa senhoria. O visorey lhe disse:*

*Como consentistes que vos chamaesse elle escrivão dante si? Gaspar Pereira lhe respondeo:*

*Pois vossa senhoria quer que isto quebre polo mais fraco, dir-lho-hei. ElRey nosso senhor felo seu capitão geral da India, depois de vossa senhoria acabar seu tempo, e a mim seu secretario, e assi mo escreve, e a vossa senhoria tambem, e nos seus regimentos assi o diz, e por isso não tem vossa senhoria razão de me re-*

prender sofrer-lhe chamar-me *escrivão dante si*. O visorey lhe respondeo:

*Não sei ábofee, será como Deos quizer, porque ElRey não sabe o que de lá manda, nem sabe a India como está, viram todos os capitães, e saberemos como isso ha de ser, porque eu não hei de entregar a India a hum doudo, que a lance a perder.* Gaspar Pereira lhe disse:

*Fu diſſo não sei nada, lá se avenha vossa senhoria, que a mim não toca mais que obedecer a quem ElRey nosso senhor mandar; e vós, que o entendeis, melhor, e aveis de dar conta diſſo, fazei o que quizerdes.* Dou-me ó demo Gaspar Pereira, disse o visorey, que melhor o entendeis vós que eu, nem que ninguém; e já me não espanto senão de Ruy de Araujo, que aqui está, que tendo-lhe feito todos os bens que pude, he tambem contra mim. Rui de Araujo lhe respondeo:

*Que fiz eu a vossa senhoria? ou em que vos desfagardeci a mercê, e honra, que me tendes feita? porque eu nunca falei contra vós, nem sei cousa, em que vos desfervisse: fui-vos receber á praia, quando aqui chegastes, quizeravos beijar as mãos, como a meu Superior, e não me quizestes ver; mas isto bem sei que não nasce de vossa senhoria, são cousas de Jorge Barreto, que me quer mal por hum requerimento que lhe fiz, que não fizesse huma náó, que queria fazer pera si, contra regimento delRey, sendo vossa senhoria em Diu.* O visorey lhe disse:

*Não vai ella por hi, porque ainda que me fosseis receber, quizera eu que foreis todos com rabos de gatos na testa, como diabretes, e eu achei vos muito carancudos, como homens, a que pezava de me verem: e logo nó passar, e no pôr dos pés de hum homem no chão vejo eu quem me quer bem e quem me quer mal.*

E já muito agastado de lhe falar em Jorge Barreto, disse-lhe tão más palavras, que não faltou más que pôr-lhe as mãos. Ruy de Araujo como era homem sefudo, sahio-se pela porta fóra, e foi-se pera sua casa sem lhe responder. Ainda que o grande Afonso Dalboquerque ganhasse mais honra no sofrimento, que teve de todas estas palavras, que o visorey contra elle dizia, que no trabalho, que passou na conquista do reyno de Ormuz, com tudo parecêra-me rezão lembrar ao visorey, se fora vivo, as muitas amizades, que seu trefavô tinha recebido de Gonçalo Lourenço de Gomide, visavô de Afonso Dalboquerque, sendo escrivão da Puridade delRey D. João de boa memoria, e valendo muito com elle. Muito tinha que dizer nesta materia, mas pois he morto, quero continuar com a historia, e deixar aos que a lerem, que julguem pelo focedido a Afonso Dalboquerque se tinha o visorey rezão de o aver por inabil pera governar a India.

## CAPITULO VI.

O que passou o visorey com Gaspar Pereira, e o recado, que por elle mandou ao grande Afonso Dalboquerque: e como deu conta aos officiaes da feitoria de Cochim, e a Jorge de Melo, e a outros capitães do que passava ácerca da pimenta, e o que Anchecala com elles passou na feitoria.

COMO o visorey ficou pouco contente desta prática, que teve com Gaspar Pereira, e com os outros officiaes da feitoria, dali a tres dias mandou-o chamar;

e fendo Jorge Barreto presente, lhe disse, que estando os dias passados á prática com elle sobre as parvoices de Afonso Dalboquerque, lhe dissera algumas coufas, como homem, que lhe queria mal por amor d'elle, a que não quizera, responder, porque estavam muitos na casa, e que pois os seus tres annos da governança da India eram passados, como elle dizia, porque aceitára os officios, que lhe dera pera servir com elle? Gaspar Pereira lhe disse:

*Eu, senhor, não vos quero mal, esses officios vós mos destes sem vo-los eu pedir, estando Afonso Dalboquerque ainda em Ormuz, e vossa senhoria me disse per vezes, que como elle viesse lhe avia logo de entregar a governança da India, rindo-vos muito dos que vos aconselhavam que lha não entrega.sseis: e lembre-se vossa senhoria, que quando aqui chegou Tristão da Cunha, vos disseram, que dizia Manuel Fernandez, que com elle vinha de Portugal, que Afonso Dalboquerque tinha a successão da India, acabando vossa senhoria os seus tres annos; e que respondeo a quem lhe isto disse, que a elle, e a huma ave do ceo a entregaria, se o ElRey mandasse: se isto assi he, que erro tenho feito em servir estes officios com vossa senhoria? O visorey lhe respondeo:*

*Isso são palavras generales de cortesia, que no obligan la persona: Como quereis vós que entregue huma cousa tamanha, como he a India, a hum doudo, que a lance a perder? e ali está Martim Coelho, e outros, que me aconselháram que o prendesse, e o mandasse em ferros pera Portugal. Gaspar Pereira lhe respondeo:*

*Esses que vos isso aconselham, andam dizendo por detrás de vossa senhoria, que mais honra ganháreis em lha entregar, chegando aqui, do que ganhastes na vi-*

*toria, que tivestes contra os Rumes; e pois nisto ha tantas emburilhadas, peço a vossa senhoria que me deixe, e os officios, que me tem dado, dê-os a quem quizer; porque em fim por derradeiro, ElRey ha-vos de fazer a ambos muita mercê, e eu ei de ficar pagando todas estas differenças; e seria muito mais serviço delRey a quem anda nestes mexericos, lembrar a vossa senhoria, que não ahi pimenta pera carrega das náos pera se buscar maneira com que se aja, pois os officiaes do rey de Cochim, quando lhe nisso falam, dizem que a não ha, nem dam esperança de se poder aver. Jorge Barreto como se sentio destas palavras, que Gaspar Pereira disse, respondeo:*

*Como ha de aver pimenta, se Afonso Dalboquerque, Gaspar Pereira, e Rui de Araujo dizem ao rey, que a não mande, se vossa senhoria não deixar a governança da India a Afonso Dalboquerque, e se for pera Portugal? e esta he a causa por que não vem, e não pelo que diç Gaspar Pereira. O visorey enfadado disto que disse Jorge Barreto, mandou dizer a Afonso Dalboquerque por Gaspar Pereira, que se avifasse, que não amostrasse mais a ninguem os poderes, e alvarás, que tinha delRey D. Manuel, nem lhe fizesse nenhum requerimento, nem se chamasse capitão geral da India: e que lhe dava licença pera se chamar capitão da náó Cirne, se quisesse; e que daquelle dia por diante não ouvesse mais nenhum ajuntamento em sua casa, porque tinha por informação, que alguns homens, que lá hiam comer, diziam muito mal d'elle. E mandou chamar os officiaes da feitoria de Cochim, e a Rui de Araujo, e disse-lhes, como Gaspar Pereira dissera que não avia pimenta na feitoria, nem esperança de a aver, e que elle tinha entendido que tudo nascia do sandeu de Afonso*

Dalboquerque, que estava metido em sua casa com dous homens, a que chamava hum feitor, e outro escrivão; e côm esse dinheiro, que trouxe de Ormuz, mandava pagar foldos, e quer mostrar á gente da India que fomos dous capitães môres; (que he coufa muito perjudicial ao serviço delRey, e pera se castigar como caso de treição;) e na verdade eu tenho a culpa, porque o ouvera de mandar vir cada dia perante mim, e que andasse comigo, como andam outros melhores que elle; e se o não faço, he porque me aborrece muito, e agastto-me de o ver diante de mim, porque he tão reitorico, e fala-me sempre tão cavaleirosamente, que o não posso soffrer, e tudo he falar em seus serviços, e em sua honra, e estima de sua pessoa. E porque esta divisão, que ha antre mim, e elle, he causa de não vir pimenta á feitoria pera carga das náos, mandeivos chamar pera me dizerdes o que nisto farei. Gaspar Pereira, e Rui de Araujo differam, que elles naquillo não tinham que dizer, que sua senhoria se informasse da verdade, e fizesse o que lhe parecesse mais serviço delRey nosso senhor. André Diaz, Antonio de Sintra, e Diogo Pereira differam, que devia de mandar, que toda a mercadoria, e dinheiro, que trouxera de Ormuz, mandasse logo entregar na feitoria delRey. Com este parecer mandou o visorey dizer a Afonso Dalboquerque por Diogo Pereira, que mandasse entregar tudo o que trouxera de Ormuz a André Diaz, que servia de feitor, e que se lhe devessem alguma coufa, que na feitoria delRey lho mandaria pagar, porque não avia de aver duas feitorias, nem dous capitães môres. Afonso Dalboquerque disse a Diogo Pereira, que elle não tinha mais dinheiro que aquelle, que lhe era devido de seus foldos, e desembargos; e pois elle o ganhára com a lança na

mão, e tinha mandado pagar quinze mil cruzados de foldo á gente, que com elle andára, não era coufa muito defarrezoadá pagar-se tambem do feu. O visorey lhe mandou dizer, que era muito bem que se pagasse do feu; mas que o feitor da fua armada fosse logo dar conta aos officiaes delRey, e não fizesse mais nenhum pagamento. Enfadado Afonso Dalboquerque destas re-  
plicas, disse a Diogo Pereira:

*Dizei ao visorey, que o feitor irá dar sua conta; mas que o bom disto seria mandar elle castigar muito bem quem lhe vai com estas mentiras.*

E como estas differenças, que antrelles avia, eram publicas, veio hum Naire (que era escrivão da fazenda do rey de Cochim, que se chamava Anchecala) á feitoria, onde estavam todos os officiaes delRey juntos; e depois de falarem na carga da pimenta, lhe disse, que a toda a gente da terra pareciam mal estas coufas, que avia antre Afonso Dalboquerque, e o visorey; e que o rey de Cochim feu senhor, falando hum dia com elle em muitas coufas, lhe dissera, que lhe parecia que os portugueses andavam mal avindos huns com outros, e que até ali sempre cuidára que eram todos em hum querer, muito obedientes aos mandados de feu rey: e que a coufa, de que se os malabares mais espantavam, e mais medo aviam, era a obediencia, que os portugueses tinham a feu rey, estando tão longe delle; porque lhe tinham dito, que a hum gruméte, que viesse com hum alvará delRey de Portugal, obedeceriam todos, e que agora via tantas differenças, que todos os da terra se espantavam, porque viam Afonso Dalboquerque estar metido em huma casa, e o visorey fazer muito pouca conta delle, e que isto não avia alli de ser, senão serem grandes amigos, e concertados pera o serviço

delRey de Portugal ir bem feito; e que o visorey lhe mandára dizer por Gaspar da India, que se não avia de ir pera Portugal, de que se espantára muito, porque ElRey D. Manuel feu irmão lhe tinha escrito que o mandava ir, e que Afonso Dalboquerque ficasse governando a India, e que por isto determinava de mandar seus embaixadores a Portugal pera fazer a saber a ElRey todas estas cousas que passavam; e que o rey feu senhor estava muito queixoso do visorey o tratar mal de palavras perante todos, e dizer mal d'elle. André Diaz, que ali estava presente, começou a desculpar o visorey, dizendo, que não tinha culpa naquellas differenças, que avia antre elle, e Afonso Dalboquerque, porque os capitães, e toda a gente da India não queriam consentir, (pelo que cumpria ao serviço delRey), que se fosse. Anchecala, acabado o negocio a que veio, despedio-se dos officiaes, e foi-se, e André Diaz foi ter com o visorey, e disse-lhe tudo o que Anchecala dissera na feitoria perante os officiaes. O visorey agastado disse:

*E bem: Não sabe esse cabraõzinho delRey de Cochim, que o mandarei pôr naquella ilha, e falo-hei cair mal, como elle sohia a ser? E o cabraõ de Candagora, que o castigarei eu muito bem, como elle merece, pois lhe aconselha que fale? E com esta menencoria mandou dizer a Afonso Dalboquerque, que não fuisse fóra de sua casa, nem tivesse conversação com o rey, nem com seus officiaes.*

## CAPITULO VII.

Como Francisco de Tavora, por algumas palavras, que ouve com Jorge de Melo Pereira sobre o grande Afonso Dalboquerque, o mandou desafiar, e do mais que nisso passou, e da chegada de Diogo Lopez de Sequeira á India.

**J**ORGE Barreto, e João da Nova desejavam tanto que o visorey ficasse na India, que como autores deste negocio, buscavam todas as maneiras que podiam pera indinarem a gente contra o grande Afonso Dalboquerque, e andavam de casa em casa dizendo aos homens, que se lembrassem quanto deviam ao visorey, e quanto mais era pera governar a India, que Afonso Dalboquerque; e que lhes fazia a saber, que estava assentado de lha não entregarem, e cedo o veriam, e que pois alli era, não fossem a sua casa, nem comessem com elle, porque se perderiam. E porque Francisco de Tavora andava agravado do visorey, e dizia muitos males dele, por agravos que lhe tinha feitos, por amor de Jorge Barreto, que lhe queria mal; porque em Ormuz differa a Afonso Dalboquerque, que elle fizera fugir os capitães, trabalhou Jorge Barreto por se reconciliar com elle, porque se arreceou, que por ser amigo de Jorge de Melo, que o era muito de Afonso Dalboquerque, e hia muitas vezes a sua casa, que o fizesse seu amigo, e fosse contra o visorey; e pera continuarem mais esta amizade, fizeram com o visorey que lhe mandasse concertar a sua náó, e o favorecesse, por esta ser a principal causa de suas queixas. Como Francisco de Tavora

te vio favorecido do visorey, e que lhe mandava concertar a sua náó, parecendo-lhe que Afonso Dalboquerque já não avia de governar a India, como lhe os outros tinham dito, começou a dizer males delle, por comprazer ao visorey. Passado isto, estando hum dia á noite Jorge de Melo em casa de Francisco de Tavora falando nestas cousas que passavam, parecendo-lhe mal dizer o visorey publicamente, que se não avia de ir pera Portugal, nem avia de entregar a India a Afonso Dalboquerque, (sendo Fernão Perez de Andrade presente,) disse-lhe Francisco de Tavora:

*Senhor, não deveis de dizer mal do visorey, nem disfamar delle. Jorge de Melo lhe respondeo:*

*Eu nunca disse mal do visorey; e se disserdes que disse mal delle, dir-vos-ei que não dizeis verdade; mas antes vós me dissestes muitas vezes que lhe querieis mal, porque vos não queria mandar concertar a vossa náó, e tambem porque vo-lo elle queria, por não fugirdes de Ormuz, quando fugiram os outros capitães, e isto he assi, e agora parece que estais já doutro bordo, que não he manha de homem honrado, e cavaleiro.*

E sobre isto passaram muitas palavras más, e ao outro dia pela menhaã lhe mandou Francisco de Tavora hum escrito de desafio por Fernão Perez de Andrade; e chegado elle a casa de Jorge de Melo, depois de lhe ter dado o escrito de Francisco de Tavora, entrou logo nas suas costas hum moço do visorey, que vinha chamar Jorge de Melo da sua parte, o qual sabia já tudo o que era passado, e presumio-se que por conselho de todos fizera Francisco de Tavora aquillo, parecendo-lhe que Jorge de Melo acodisse ao chamado do visorey, e não fosse ao desafio, e ficasse dali menoscabado de sua honra. Jorge de Melo entendendo a cousa, disse ao moço, que

se fosse, que elle iria logo; e como se o moço foi, tomou huma espada, e hum bedem, e levou hum moço consigo, e foi-se á cordoaria; (que era o lugar, onde Francisco de Tavora tinha mandado que fosse;) e como ali chegou, mandou-lhe dizer por duas vezes, que estava ali esperando, que não tardasse, e nisto chegou Antonio de Sintra a casa de Francisco de Tavora, e chamou-o da parte do visorey, e depois de lá ser, foi o alcaide mór em busca de Jorge de Melo á cordoaria, onde estava, e trouxe-o preso, e entrando pela porta do castelo, disse-lhe o visorey:

*Eu vos prometo, Jorge de Melo, que vós me pagueis o que dissestes, e o que fizestes;* e mandou-o meter na torre da menagem com hum grilhão nos pés, e que ninguem falasse com elle. Sabendo Afonso Dalboquerque a prizão de Jorge de Melo, foi-se ao visorey, e pediu-lhe por mercê que o mandasse soltar, e os fizesse amigos. Elle lhe respondeo, que não era tempo, que primeiro avia de mandar tirar devassa, e faria justiça de quem tivesse culpa. Afonso Dalboquerque como isto vio, não lhe quiz mais falar que o soltasse, e dali a dez dias chegou Diogo Lopez de Siqueira, que vinha de Portugal por capitão mór de quatro náos, e a seu requerimento o mandou soltar, e felos amigos, o qual Diogo Lopez ElRey D. Manuel mandava descobrir Malaca, e elle chegou a Cochim mui desbaratado, porque depois que partira nunca mais vira terra; e passadas suas praticas com o visorey, depois de lhe dar conta do que lhe ElRey mandava fazer, foi-se pera sua casa, e Jorge Barreto, e Antonio do Campo o foram acompanhando, e começaram-lhe a dizer grandes males de Afonso Dalboquerque; e como toda a gente da India estava em determinação de não consentir que a

elle governasse, e que como amigos lhe aconselhavam, se queria ser bem despachado, que não curasse de ter amizade com elle, nem ir a sua casa. Dali a tres dias mandou o visorey chamar Diogo Lopez de Siqueira, e estando Jeronymo Teixeira presente, lhe disse, que elle folgava muito com a sua vinda por ser naquelle tempo, porque sua determinação era ir-se pera Portugal, e levar Afonso Dalboquerque consigo, porque não era serviço delRey governar elle a India, e que elle ficaria por capitão mór della até ElRey D. Manuel prover nisso, como lhe pareceffe. Diogo Lopez de Siqueira lhe beijou as mãos por aquella mercê, que lhe queria fazer; mas que elle não avia de aceitar carrego, que lhe ElRey não dava, que se lhe queria fazer mercê, fosse em o despachar logo pera fazer sua viagem como lhe ElRey mandava. O visorey como esta não era sua tenção, senão grangear Diogo Lopez pera o ter da sua parte, não apertou com elle que aceitasse a governança, e mandou-lhe concertar os seus navios, e deu-lhe pilotos, e tudo o que lhe foi necessario em muita abastança pera sua viagem. Diogo Lopez de Siqueira polo comprazer, começou-se dali por diante a arredar da conversação de Afonso Dalboquerque, e a desculpar os capitães da sua fugida.

## CAPITULO VIII.

Do requerimento, que Jorge Barreto, e João da Nova, com parecer de alguns capitães, fizeram ao visorey D. Francisco Dalmeida, que não entregasse a India a Afonso Dalboquerque, e do conselho que sobre isso todos tiveram.

**A**INDA que o visorey folgasse muito de ficar na India, com tudo, arreceando-se que ElRey D. Manuel o não recebesse bem, buscou sempre modos pera lhe dar a entender o grande serviço, que lhe fazia em ficar nella; e posto que pela via do prior do Crato seu irmão o tivesse já feito, hum dia falando com Jorge Barreto, e João da Nova, lhe disse, que bem viam como a India estava em grande risco de se perder, se Afonso Dalboquerque ficasse nella; mas que elle não podia al fazer senão ir-se pera Portugal, e obedecer aos mandados delRey seu senhor, se lhe os capitães, e toda a gente da India não requeressem que se não fosse, porque arreceava que o rey de Cochim, polo odio, que lhe tinha, e amizade com Afonso Dalboquerque, etcrevesse a ElRey este negocio muito differente do que passava. Como João da Nova, e Jorge Barreto eram os principaes, que urdiam esta tea, ajuntáram-se com Antonio do Campo, André Diaz, Diogo Pereira, Antonio de Sintra, Diogo Pirez, (ayo que foi de D. Lourenço,) e ordenáram hum requerimento pera apresentarem ao visorey; e como o tiveram feito, foram-se ambos por essas casas dos capitães, e fidalgos, e amostrarão-lho, pedindo-lhe que assinassem nelle, pois sabiam que Afonso

Dalboquerque era hum homem muito inabil, e cobiçoso, e não tinha sifo, nem saber pera governar nada, quanto mais huma coufa tamanha, como era a India; e depois de muitos terem affinado, (porque este requerimento fosse com mais credito ante ElRey D. Manuel,) foram-se ao rey de Cochim, levando comsigo Antonio de Sintra; e disseram-lhe que olhasse por si, porque Afonso Dalboquerque se carteava com o Çamorim, e que lhe tinha prometido, que tanto que fosse governador da India faria pazes com elle, e assentaria em Calicut huma casa de feitoria; e que os capitães, e toda a gente da India, polo receo que tinham destas coufas; e tambem polo que cumpria a seu serviço, tinham feito hum requerimento ao visorey que se não fosse, que lhe pediam muito por mercê que elle tambem da sua parte quizesse favorecer este negocio, pois naquella terra não avia pessoa, que com mais razão se ouvesse de condoer das coufas do serviço delRey de Portugal que elle. O rey de Cochim lhe respondeo, que elle não avia de fazer tal, porque lhe não parecia serviço delRey seu irmão fazelo, mas antes lhe parecia muito mal não entregar o visorey a governança da India a Afonso Dalboquerque, pois ElRey de Portugal lho mandava. O visorey soube logo isto que o rey de Cochim respondêra, e mandou dizer a Afonso Dalboquerque, que os officiaes da feitoria se queixavam, que o rey não queria mandar pimenta ao pezo por amor d'elle, que se avisasse que lhe não mandasse mais nenhum recado. Afonso Dalboquerque, por escusar paixões, arredou-se da conversação do rey, e tendo já João da Nova, e Jorge Barreto feitas suas docuções, huma segunda feira quinze dias de maio do anno de mil e quinhentos e nove, mandou o visorey chamar todos os capitães da India, e fidalgos, que esta

vam em Cochim a conselho, e alguns destes eram inimigos capitães de Afonso Dalboquerque, porque os acusava da fraqueza que fizeram em deixarem espedaçar D. Lourenço seu capitão mór, principalmente Diogo Pirez seu ayo; pelo qual disse D. Lourenço, vendo-o ir na galé pelo rio a baixo: (segundo depois contou Alvaro Lopez mestre da sua náó, que ali foi cativo:)

*Ó trédor judeu, vai tu muito embora, que eu te prometo que se daqui escapo, que perante meu pai, pois vivo enganado contigo, te ei de matar ás punhaladas, que me puderas valer com a galé, e não quiçeste.*

Foram tambem nesta consulta os capitães, que fugiram de Ormuz, e Antonio de Mendonça, Manuel Peçanha, e Diogo Lopez de Siqueira. Depois de estarem todos juntos, Jorge Barreto, que era o que avia de propôr este negocio, se ergueo em pé, e disse, que aquelles senhores, que ali estavam presentes, lhe requeriam todos da parte delRey D. Manuel, que não entregasse a India a Afonso Dalboquerque, até sua alteza não ser informado dos males, e tyrannias, que tinha feito no reyno de Ormuz, como podia ver por aquelles capitulos, que juntamente com o requerimento lhe ali apresentavão.

O visorey mandou logo ler o requerimento, e capitulos perante todos por Antonio de Sintra; e acabados de ler, disse-lhes que olhasssem bem o em que se metiam, porque aquelle negocio era de muita importancia; e que se elle fizesse aquillo que lhe requeriam, que avia de escrever a ElRey, que elles lho aconselháram, pois sua alteza do seu saber, e siso confiava o estado da India, principalmente o senhor Manuel Peçanha, que aqui está, o qual ElRey D. Manuel manda, que morrendo eu fique governando a India, porque a elle pertencia

olhar por estas coufas. Manuel Peçanha como o viforey acabou de dizer estas palavras, disse:

*Senhor, nós não avemos de consentir que vossa senhoria se vá pera Portugal, porque não he serviço delRey deixar a governança da India a Afonso Dalboquerque, pelas rezões, que vão apontadas neste requerimento; e segundo a gente está abalada, de crer he que se vossa senhoria for, toda se ha de ir em vossa companhia. Isto digo publicamente, porque não pretendo aqui outra cousa senão o serviço delRey.*

Acabado Manuel Peçanha de dar suas rezões, assentaram todos que o viforey se não devia de ir pera Portugal, e que governasse a India até ElRey nosso senhor ser informado de tudo isto, e ordenar o que fosse mais seu serviço. E posto que neste conselho ovesse muitas pessoas, que differam mal de Afonso Dalboquerque, e assináram no requerimento, saídos dali, conhecendo seu erro mandáram-lhe dizer que lhe perdoasse, que elles fizeram aquillo com medo polos não deshonnar o viforey; mas eu não lhe recebo esta desculpa, porque o estado do rey, por muito longe que estê, não ha nunca de estar huma só hora fóra de sua obediencia, e determinação, ainda que custe a vida, quanto mais ameaços, e deshonna. O viforey como teve assentado isto da maneira que elle quiz, mandou a Antonio de Sintra, que por aquelles capitulos, que eram noventa e feis, tirasse huma devassa de Afonso Dalboquerque, e escreveo a Cogear, que se tinha algumas queixas delle, que mandasse huma pessoa, que o viesse acufar, porque elle lhe faria justiça. Tirada a devassa, mandou o viforey a Antonio de Sintra, que a tivesse em sua mão muito bem guardada até vinda das náos de Portugal, pera assentar com o capitão mór o que neste caso se

avia de fazer. Afonso Dalboquerque como foubes estes conselhos, e que o visorey andava desejo de o tomar em algumas emburilhadas, por lhe não affacarem alguma cousa, tomou por remedio mais seguro não sair fóra de sua casa, e fazer aquella vida, que mais em affoego tivesse as cousas do serviço delRey. E bem creio eu que se isto não fizera, não deixára de aver alguma grande revolta na India; mas foi o seu sofrimento tamanho, que não ouve pessoa, que lhe ouvisse dizer mal, nem ainda queixar-se daquelles, com que tinha razão, e amizade, por affinarem no requerimento, nem por dizerem que era inabil pera governar a India: e bem se vio depois d'elle ser capitão geral della o que fez, e como a governou. E de crer he que hum homem tão honrado, e tão cavaleiro como o visorey, (se naquelle tempo fora vivo,) que lhe ouvera de pezar muito das deshonnas, e afrontas, que por máos conselhos tinha feitas a este grande capitão.

## CAPITULO IX.

Das cousas, que passáram depois deste conselho: e como o visorey mandou prender João de Christus, frade da ordem de Sancto Eloy, e o que se nisso passou.

COMO se assentou por todos os fidalgos, e capitães, que o visorey se não fosse pera Portugal, e ficasse governando a India, tomáram aqui muitos homens atrevimento pera fazerem todas as descortesias que poderam a Afonso Dalboquerque, a fim de fazer, ou dizer alguma cousa, com que o pudessem calumniar. Vendo

elle a conjuração, que tinham feita em prejuizo de sua honra, por comprazerem todos ao visorey, começou-se arredar de suas conversações; e avendo muitos dias, que não sahia fóra de sua casa, foi-se hum dia pela menhaã, acompanhado dos seus moços, á ribeira (porque ninguem não ousava já de o acompanhar) ver a náó Cirne, que se estava concertando; e passando pela porta de Antonio do Campo, chegaram á janela Jorge Barreto, e Pero Barreto, que estavam com elle, e começaram-lhe de apupar, e chamar Judeu, trédor. Afonso Dalboquerque foi seu caminho sem lhe responder, e depois de estar hum pedaço na ribeira, tornou-se pera sua casa por outra rua. Jorge Barreto, Pero Barreto, e Antonio do Campo, como não ficaram contentes do sofrimento de Afonso Dalboquerque, foram-se todos tres á ribeira, e chegaram a tempo que elle era já ido, e começaram a dizer, que se o ali acháram, que lhe ouveram de quebrar a cabeça, e que era tão vão, e tão máo rapaz, que não falava a Jorge Barreto, e dizia que não era serviço delRey falar-lhe, e que ainda elle avia de pagar aquillo que differa. Garcia de Soufa, que se ali achou a estas práticas, como era bom fidalgo, e fóra destas emburilhadas, reprendeo-os muito daquellas coufas que diziam, e foi-se dali ao visorey, e disse-lhe:

*Senhor, vós me tendes feito muita mercê, e muita honra, e sempre vos ei de servir, porque vo-lo devo, e por isto, e tambem polo que cumpre a vosso serviço, vos ei de dizer huma cousa, que agora passou perante mim na ribeira, que me não pareceo bem, e contou-lhe tudo o que Jorge Barreto, Pero Barreto, e Antonio do Campo differam a Afonso Dalboquerque, e que João da Nova, e Antonio de Sintra lhe passavam cada noite pela porta, cantando cantigas mui descortezes; e sendo vossa se-*

*nhoria em Diu, lhe mandava Jorge Barreto de noite acutilar os seus homens; e Francisco de Tavora, porque hum pagem de Afonso Dalboquerque passou por elle sem lhe tirar o barrete, tomou-o, e deu-lhe muitos couces, e arrepelões, e todas estas cousas fazem, cuidando que vos servem nisso: e póde ser que não saberá vossa senhoria parte disso, digo-vo-lo porque os mandeis castigar muito bem.* O visorey lhe disse, que lhe tinha muito em mercê aquella lembrança, que não sabia que fizesse, porque Afonso Dalboquerque era tão mofo, que não tinha quem lhe quisesse bem, e que já por vezes dissera a João da Nova, que era hum doudo lambareiro, e que não podia acabar com elle que não andasse nestas cousas; mas que logo proveria nisso. E teve o visorey tão pouca lembrança de os castigar, que dali a tres dias, vindo Jorge Barreto pera a fortaleza a cavallo, topou no caminho com o comprador de Afonso Dalboquerque, e disse-lhe, que se tornasse; e porque o não quiz fazer, dizendo que tinha licença do visorey pera ir lá, disse-lhes:

*Vós de hum cabrão não quereis fazer o que vos eu mando?* e desceo-se do cavallo, e deu-lhe muitas pancadas com hum páo, e trouxe-o diante de si até casa do meirinho, e mandou-o meter na cadea. O visorey como o soube, mandou-o soltar, e nem por isso reprendeo Jorge Barreto do que fizera; e posto que toda a gente andava temORIZADA, e não ousavam falar contra as cousas do visorey, com tudo achando-se alguns homens honrados em casa de João de Christus, (hum frade da ordem de Sancto Eloi muito virtuoso,) estranháram muito não no reprender o visorey. O João de Christus como era homem de bem, disse:

*Eu creio verdadeiramente, que não póde a India durar*

*muito com estas cousas, pois sendo Jorge Barreto imigo capital de Afonso Dalboquerque, lhe espanca o seu comprador, sem niſſo aver castigo, nem reprehensão.*

Diogo Rodriguez, eſcrivão da náó Frol de la mar, que se ali achou, ouvindo isto, foi-se a João da Nova, (cuidando que lhe dava hum grande alvitre,) e disse-lhe o que João de Christus dissera. João da Nova foi-se logo ver com Jorge Barreto, e ambos se foram ao visorey, e contáram-lhe o que passava, e começaram a tratar com o visorey; que pois João de Christus, por Jorge Barreto espancar hum vilão, ainda que fosse comprador de Afonso Dalboquerque, dissera que por aquellas cousas se avia a India de perder, não podia ser senão que sabia elle certo que Afonso Dalboquerque tinha determinado alguma treição, pera tomar a fortaleza, e matar Jorge Barreto: que sua senhoria devia de mandar logo prender João de Christus, e telo em ferros, até que dissesse a verdade, porque era muito amigo de Afonso Dalboquerque, e não sahia nunca de sua casa. O visorey como recebia bem todas as cousas, que lhe diziam contra Afonso Dalboquerque, sem mais querer saber o como isto passára, só pelo dito destes homens, mandou prender logo João de Christus, e metelo carregado de ferros em hum çótão da fortaleza, e que ninguem fallasse com elle.

## CAPITULO X.

Como sabendo o grande Afonso Dalboquerque a prizão de João de Christus, foi falar ao visorey sobrelle: e como o mandou prender, e levar a Cananor, e derribar as cascas, em que vivia.

COMO se soube em Cohim a prizão de João de Christus, ficáram todos mortos, porque não sabiam a causa de sua prizão, Afonso Dalboquerque não sabendo parte destas emburilhadas, foi-se ao visorey, pedindo-lhe muito por mercê, que mandasse soltar João de Christus, porque era tão bom homem, que não cria delle que podia ter feito coufa, por onde merecesse aquella prizão. O visorey respondeo-lhe secamente, que deixasse fazer justiça, que o vigairo geral teria cuidado de o mandar soltar, se na devassa que tirava lhe não achasse culpas, porque elle não entendia nisso. Afonso Dalboquerque lhe disse:

*Eu, senhor, não entendo esta justiça; prenderem João de Christus sem porque, sendo hum homem muito virtuoso, e não se mandar enforcar Domingos Pousado, que eu conheço muito bem, que foi ontem tomado com furto de duzentos cruzados na mão, e por estar em casa de Antonio do Campo não falão nelle?*

O visorey, porque não soffria bem falarem-lhe nestes homens, lhe respondeo, que muitos se queixavam delle de agravos, que lhe fizera em Ormuz, e pelo caminho, e sempre se calára sem lhe pedir rezão disso. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que os males, que tinha

feitos, era fazer justiça de quem a merecia, que visse elle seu regimento, e nelle veria que de huma alçada não avia apelação pera outra, senão pera ElRey, o qual até aquella hora não tinha dado esta superioridade a ninguem. O visorey já agastado respondeo-lhe, que não entendia que coufa era justiça, nem a sabia fazer, e que aquillo se entendia d'elle, que não era visorey, senão rey, em quanto tinha aquelle cargo, e que o rapaz treddor de Gaspar Pereira, lhe diria aquillo. Afonso Dalboquerque respondeo, que era de sessenta annos, e vivêra sempre sem conselho de Gaspar Pereira, que como lhe parecia que agora o averia mister mais que nunca; e se elle era aquelle que dizia, porque o não mandava enforcar, pois tinha poder? O visorey lhe disse, que depois da vitoria, que lhe nosso senhor dera contra os rumes, fora dissimulando sempre com elle, e não no quísera castigar, mas que o levaria pera Portugal, e ElRey o mandaria enforcar por trédor. Como Afonso Dalboquerque vio que o visorey não queria mandar soltar João de Christus, por se não tomar em palavras com elle, despedio-se, e foi-se pera sua casa. Ido Afonso Dalboquerque, mandou o visorey ter grande guarda na fortaleza de Cochim, lembrando-lhe o que lhe Jorge Barreto, e João da Nova tinham dito, e lançar muitos pregões, que nenhuma pessoa trouxesse armas de dia, {nem de noite, sómente os seus criados, e os capitães, e algumas pessoas, a que elle dresse licença, e mandou prender Gaspar Pereira, e Rui de Araujo, e que cada hum estivesse sobre si, carregados de ferro na fortaleza, e que ninguem falasse com elles, e derrubáram-lhes as casas, em que viviam todas polo chão. E como o intento destes homens era lançarem Afonso Dalboquerque fóra de Cochim, entendendo que por via

do feu confessor (que era hum frei Francisco da Ordem d'Aviz) podiam negociar isto, foram-se a elle, e disseram-lhe que se quizesse dizer, como Afonso Dalboquerque quizera matar Cogear, e alevantar-se com Ormuz, que elles fariam com o visorey que lhe fizesse mercê, e lhe désse quintaladas. Frei Francisco lhe respondeo, que elle não sabia mais de Afonso Dalboquerque, que velo servir muito bem ElRey, e tomar muitas vilas, e lugares no reyno de Ormuz; que isto diria, se quisessem; e porque em frei Francisco não acháram cousa, de que podessem lançar mão, fizeram com o visorey que mandasse prender a Duarte de Soufa, o qual era hum homem fidalgo pobre, que viera de Portugal degradado na armada de Afonso Dalboquerque, e andára com elle na conquista do reyno de Ormuz, e servio tão bem, que lhe alevantou o degredo, e mandou-o assentar em soldo, e a hum filho feu; e porque este Duarte de Soufa comia com Afonso Dalboquerque, e era feu servidor, e nunca João da Nova o pode tirar disso, affacáram-lhe que queria matar o visorey, sendo elle muito innocente disso, e prendêram-no, e deram-lhe tratos. Como João da Nova, e Jorge Barreto víram que nem por frei Francisco, nem por Duarte de Soufa podia aver effeito o que pretendiam, ajuntáram-se com Antonio do Campo, que sabia muito bem a lingua malabar, e fizeram huma carta do principe de Calicut pera Afonso Dalboquerque, e reposta sua pera elle, pondo nella todas as maldades que quizeram, e ordenáram secretamente que fosses ter á mão do visorey; o qual como as vio, receoso do que dizia nellas, mandou prender Afonso Dalboquerque, e logo aquelle dia foi embarcado pera Cananor no navio de Martim Coelho, e mandou-lhe, que não levasse mais comsigo que tres moços pera o servirem, e que o entre-

gasse a Lourenço de Brito capitão da fortaleza, que o metesse na torre, e o tivesse a bom recado. Partido Martim Coelho, mandou o visorey derrubar as casas, em que Afonso Dalboquerque pousava, e tomáram-lhe tudo o que acháram nellas, que foi grande espanto pera o rey de Cochim, e pera os naires, dizendo, que aquelle caso era de treição, e compria muito ao estado delRey de Portugal castigalo com rigor; e porque neste tempo estava já Diogo Lopez de Siqueira prestes com sua armada pera partir pera Malaca, e Garcia de Sousa avia de ir em sua companhia por capitão de hum navio, mandou-lhe entregar Ruy de Araujo, e Nuno Vaz de Castelo-branco pera os levar comsigo a Malaca, e dahi irem com Diogo Lopez de Sequeira pera Portugal, por serem culpados nestas cousas de Afonso Dalboquerque.

## CAPITULO XI.

Como chegou a Cananor D. Fernando Coutinho marichal de Portugal, e dali levou comsigo o grande Afonso Dalboquerque  
pera governar a India.

**E**STANDO as cousas da India no estado que tenho dito, chegou o marichal D. Fernando Coutinho a Cananor, que partio destes reynos de Portugal por capitão mór de huma armada de quinze vélas, e em Cananor achou o grande Afonso Dalboquerque, que avia tres meses que ali estava preso por mandado do visorey, e o dia que chegou foi logo a terra pousar com Lourenço de Brito. Afonso Dalboquerque com a chegada do marichal ficou muito contente; porque além

de fer feu sobrinho, tinha por certo que com sua vinda teriam as differenças dantre elle, e o visorey algum fim, e deu-lhe conta das offensas, que lhe tinha feitas, e tudo o mais que com elle tinha passado. O marichal, porque o tempo era breve, pera fazer o que levava determinado antes de sua partida pera Portugal, não se quiz deter, e foi-se ao outro dia pela menhaã embarcar, e levou consigo a Afonso Dalboquerque, obedecendo-lhe como a capitão geral da India, porque a elle mandava ElRey D. Manuel, que entregasse todas as provisões, e dinheiro que levava, como a seu governador da India: e disse a Lourenço de Brito, que não podia entender que culpas eram estas de Afonso Dalboquerque, que obrigassem o visorey a prendelo, e não lhe entregar a India. Lourenço de Brito lhe disse, que elle não sabia mais disso que mandar-lho o visorey prezo, e que o tivesse mui bem guardado, e que se o visorey nisso tinha feito o que não devia, que lhe tomasse ElRey essa conta. Passadas estas práticas, despedio-se o marichal de Lourenço de Brito, e partio-se, e chegou a Cochim a vinte e nove de outubro, e em chegando, mandou-o logo o visorey visitar por Antonio de Sintra, o qual como entrou na náó, e vio Afonso Dalboquerque, ficou fóra de si; e depois de visitar o marichal, estando falando com elle em outras coulas, defatentadamente disse a Afonso Dalboquerque, que já o visorey tinha sabido que a carta, que diziam que escrevêra ao principe de Calicut, era mentira: Elle não lhe quiz responder, porque sabia que fora hum dos autores daquelle negocio. Antonio de Sintra despedio-se do marichal, e tornou com recado ao visorey. Os capitães, e fidalgos, que affinaram no requerimento, sabendo que o marichal trazia consigo Afonso Dalboquerque, obedecendo-lhe como a capitão

geral da India, ficáram fóra de si, e não se sabiam determinar no que fariam. Afonso Dalboquerque usando com todos daquella sua inviolavel bondade, e limpeza de animo, perdoou-lhe como adiante se dirá. E ao outro dia pela menhaã defembarcáram ambos, e o visorey os veio receber á praia, acompanhado de todos os da sua parcialidade, porque toda a outra gente o não quis acompanhar, e foram-se allí todos á igreja; e acabado de fazerem oração, recolheo-se o visorey á fortaleza, e o marichal, e Afonso Dalboquerque pera as casas, onde aviam de poufar, e aquella noite chegou Lourenço de Brito em huma caravela, que se vinha ver com o visorey, pera saber o como se o marichal avinha com elle, e tambem pera negociar sua embarcação, porque determinava de se ir com elle pera Portugal, e não ficar na India com Afonso Dalboquerque; e hum fabbado pela menhaã, quatro dias de novembro, foi o marichal á fortaleza visitar o visorey, e passou com elle muitas coufas sobre as differenças, que tivera com Afonso Dalboquerque, e trabalhou muito polos fazer amigos, e nunca pode acabar com Afonso Dalboquerque, que o quifesse fer. O visorey posto que tinha provisão delRey pera governar a India até sua partida, vendo o alvoroço, que avia na gente, porque se não fizesse algum máo recado, e tambem por escufar ter paixões com Afonso Dalboquerque, entregou-lhe a India, e foi-se embarcar ao domingo seguinte, que foram cinco dias do mes de novembro, e ali esteve embarcado, negoceando sua partida até vinte do dito mes, que se partio pera Cananor na náó Garça, em que avia de ir pera Portugal, e disse aos capitães, que aviam de ir em sua companhia, que se fossen logo apôs elle, porque de Cananor avia de fazer sua viagem. Jorge de Melo

Pereira, capitão da náó Betlem, com este edito do visorey foi-se ao marichal, e disse-lhe, que por nenhum caso do mundo avia de ir em companhia do visorey, porque lhe queria mal, e tivera-o preso, e arreceava que o tratasse mal pelo caminho, que queria antes ficar pera ir com elle. O marichal se foi ao visorey, e disse-lhe o descontentamento, que Jorge de Melo tinha pera não ir em sua companhia, que lhe pedia por mercê, que se não lembrasse das coufas passadas, e folgasse de o levar comsigo, porque lhe avia de ser bom companheiro; e foi assi, porque na agoada de Saldanha, onde o mataram, não teve parente, nem amigo, que o melhor servisse que Jorge de Melo. O visorey levou comsigo Jorge Barreto, Antonio do Campo, e Manuel Telez, e outras muitas pessoas, honradas, que elles induziram, metendo-lhe grandes medos pera não ficarem com Afonso Dalboquerque. Muito tinha nisto que dizer; mas por não escandalizar os vivos, quero calar o que fei dos mortos; e João da Nova, que era o que andava em todas as emburilhadas com Jorge Barreto, morreo em Cochim no mez de Julho do anno de nove, tão defamparado, que não teve ninguem; e Afonso Dalboquerque esquecido de todas as coufas, que lhe tinha feitas, lembrando-se que fora seu companheiro, e o ajudára em todos os trabalhos na conquista do reyno de Ormuz como cavaleiro, mandou-o enterrar á sua custa, com as suas tochas, e acompanhou-o até a cova, com todos os seus vestidos de preto, o que o visorey não fez. São pagas, que o mundo dá a quem não faz o que deve. Partido o visorey pera Cananor, veio o rey de Cochim visitar Afonso Dalboquerque, e o marichal; e depois de terem passado suas palavras de visitaçáo, disse o marichal ao rey, que pedia muito a sua real senhoria, que

mandasse aos seus officiaes, que lhe negoceassem quinze mil quintaes de pimenta, que avia mister pera carregar as suas náos, porque o visorey lhe differa, que elle lhas podia carregar todas, se quizesse. O rey lhe disse, que folgára muito de o poder servir; mas que era impossivel poder-se aver tanta pimenta, porque o anno passado ouvera tão má guarda naquella costa, que foram seis náos de Calicut carregadas della pera o estreito de Méca; e outras, que carregáram em Coulão, e Caecoulão, foram pera Choramandel, e que esta era a verdade, por onde não avia pimenta velha, e não dizer-lhe André Diaz, e Antonio de Sintra, da parte do visorey perante muitas pessoas, que elle não queria mandar vir pimenta á feitoria, por cem cruzados de peita que lhe Afonso Dalboquerque déra, ameaçando-o, que se logo não viesse pimenta, que mandaria vir outro herdeiro, que era amigo do Çamorim, e faria pazes com elle: E que se não avia de crer delle que fizesse tal cousa, porque esta vileza, que lhe o visorey affacára que fizera, em não querer carregar as náos, e cedo, além de ser deffervição delRey seu irmão, não avia elle de querer perder seis mil cruzados, que lhe vinham de direitos, por cento de peita, que lhe Afonso Dalboquerque désse. O marichal lhe disse, que se não agstasse, que aquillo eram modos de falar de officiaes, e que o visorey lhe não avia de mandar dizer tal cousa como aquella, que todos eram seus vassallos, e que ElRey seu senhor a todos mandava que o servissem. Com estas palavras do marichal ficou o rey muito contente, e despedio-se delle, e de Afonso Dalboquerque, prometendo-lhe de trabalhar muito por fazer vir toda a pimenta que ouvesse ao pezo.

## CAPITULO XII.

Como o marichal disse ao grande Afonso Dalboquerque, que ElRey D. Manuel mandava, que se destruísse a cidade de Calicut,  
e do que nisso passárão.

**P**ASSADA esta prática, que o marichal teve com o rey de Cochim, como seus desejos eram destruir Calicut antes que se partísse pera Portugal, por não perder tempo, ao outro dia mandou chamar á sua casa Gaspar Pereira secretario da India, e disse-lhe em segredo, que ElRey D. Manuel lhe encomendára muito, e mandava em seu regimento, que antes de sua partida destruísse Calicut, parecendo bem a Afonso Dalboquerque, que lhe pedia por mercê que o quisesse ajudar nisso com elle, porque se aquillo não fora, por nenhum preço do mundo viera á India, porque seus avós nunca foram mercadores, e que até então elle não tinha falado nisso a ninguem, posto que Manuel Peçanha, pelo que se dizia em Cochim, o tentára muitas vezes, fazendo-lhe o caso muito leve: que soubesse de Afonso Dalboquerque sua vontade, e tendo nisso dúvida, o tirasse della, porque avia algumas pessoas, que lhe faziam crer que lho avia de estorvar. Gaspar Pereira lhe disse, que não podia ser que fosse contra isso, porque lhe víra sempre boa vontade pera se destruir Calicut, e que tinha pera si, que lhe avia de dar alviçaras, quando lho dissesse, por isso não arreceasse de lho cometer, e que elle da sua parte trabalharia polo servir em tudo o que pudesse; e porém que lhe pedia muito por mercê que

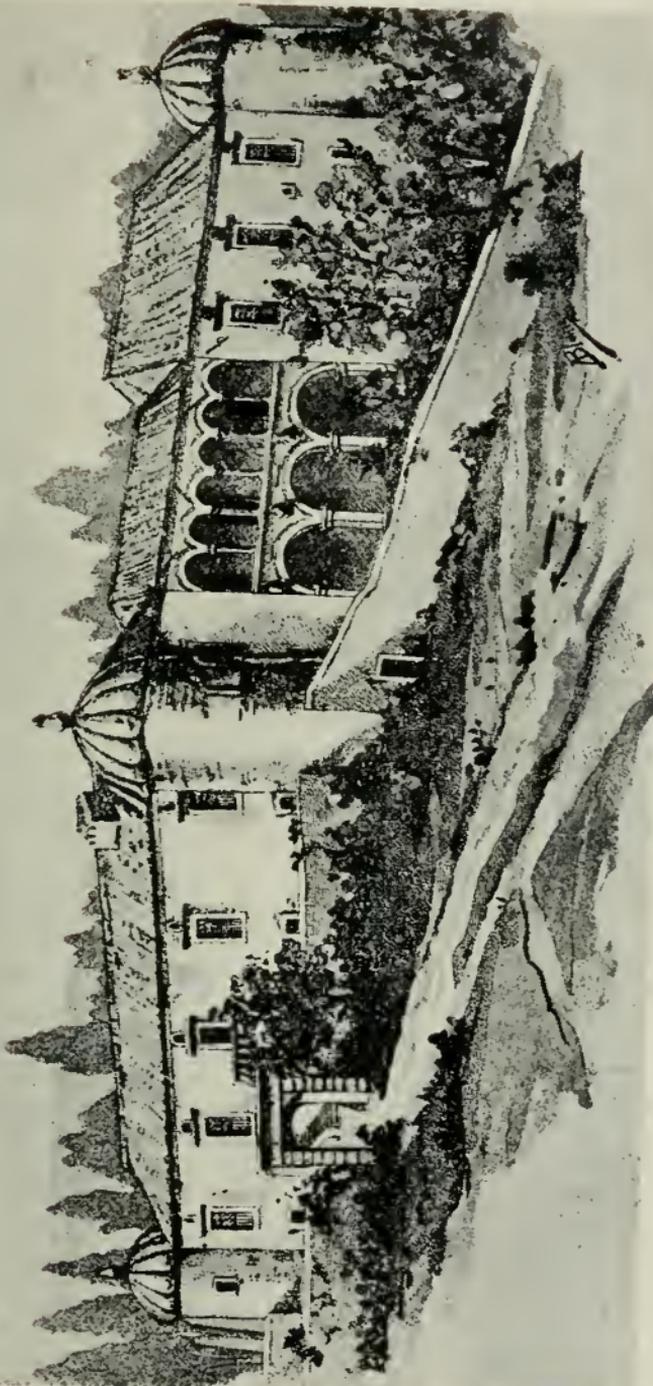
devagar cuidasse neste negocio, e ouvesse bom conselho com todas as pessoas, que o entendessem, porque não era tão leve como lhe Manuel Peçanha dava a entender. Passada esta prática, foi-se Gaspar Pereira a casa de Afonso Dalboquerque, e disse-lhe o que passára com o marichal; e como elle desejava de o comprazer em tudo, estando hum dia em sua casa, sendo Gaspar Pereira presente, polo tirar daquella sospeita, que tinha, lhe disse, que elle estava ali á sua obediencia, e que naquelle negocio de Calicut não tinha que lhe dizer; porque da primeira vez que viera á India, ficára tão enfadado do Çamorim, que nenhuma outra cousa faria de melhor vontade que destrui-lo, e que isto creesse delle, e não o que lhe diziam. O marichal lhe respondeo, que pois lhe queria fazer aquella mercê, que avia de ser logo, porque estavam na entrada de dezembro, e acabado o negocio, era necessario ficar-lhe tempo pera carregar suas náos; porque ElRey D. Manuel lhe mandava em seu regimento, que antes de sua partida destruisse Calicut. Afonso Dalboquerque lhe disse, que não era necessario regimento, que bastava querelo elle, quanto mais que ElRey lhe escrevêra sobriisso; mas que seria bom dar-se conta do negocio a alguns homens em segredo, [primeiro que viesse a conselho de todos. O marichal pareceo-lhe bem, e faláram com Manuel Peçanha, e com outros, e todos disseram que lhe parecia bem. Assentado isto, porque o negocio se fizesse mais dissimuladamente, mandou Afonso Dalboquerque a Lionel Coutinho, e a Bras Teixeira, que estavam prestes, em dous navios pera irem a Baticalá, e trazer cravo pera a carga das náos, que fizessem o caminho por Onor, e dissessem a Timoja, que elle se ficava fazendo prestes com a armada da India, e com as náos

da carga, antes que se partissem pera Portugal, pera ir sobre Goa; que lhe rogava muito que dêsse maneira, com que Lionel Coutinho entrasse o rio, pera ver a altura que tinha; e que se elle podesse vir a Cochim pera falarem com o marichal, que isso feria o melhor, e quando não, que estivesse prestes pera ser com elle naquella jornada. Partidos estes dous capitães, Lionel Coutinho foi ter com Timoja, e deu-lhe o recado que levava: elle lhe respondeo, que disseffe ao capitão geral, que não estava em tempo pera poder ir a Cochim; e que quanto ao rio de Goa não era necessario velo ninguem, que abastava telo elle visto, e que Goa estava só sem gente de guarnição, e todos mui amedrentados dos portuguezes, e que em chegando a levaria nas mãos sem perigo, e que elle estaria prestes com sua gente pera o servir naquelle negocio, e que o visorey lhe tinha feito alguns agravos, e que esperava, quando fosse tempo, de lhe pedir que o desagravasse, pois fora sempre leal fervidor delRey de Portugal, e polo servir tinha recebido muitas perdas, sem disso ter nenhuma fatisfação.

### CAPITULO XIII.

Como o grande Afonso Dalboquerque, e o marichal deram conta ao rey de Cochim da sua ida sobre Calicut: e do conselho, que tiveram com os capitães sobriſſo. .

**P**ARTIDOS estes capitães, dali a dous dias foram-se o grande Afonso Dalboquerque, e o marichal ver com o rey de Cochim, e deram-lhe conta desta sua determinação, e como ElRey D. Manuel mandava que se



Palácio da Bacalhóa, Restaurado por Albuquerque, filho.



destruiffe Calicut, e pediram-lhe muito, que quiseffe ser em pessoa com a sua gente nesta empresa, e dèsse em algum lugar polo sertão, por onde fosse forçado ao Çamorim acodir lá; e não podendo ir, escrevesse a algum senhor da ferra seu amigo, que o fizesse; e porque elles não tinham nenhuma informação de como Calicut estava, depois que em Cochim se começou a dizer que hiam sobrelle, lhe pediam muito por mercê, que mandasse alguns Bramenes secretamente saber onde o Çamorim estava, e que gente tinha, e se tinham feito alguma força junto do desembarcadouro. O rey de Cochim louvou-lhe muito a determinação, em que estavam, porque todas suas differenças dantre elle, e o Çamorim eram pela muita amizade, que tinha com ElRey de Portugal, e que elle mandaria logo saber o estado, em que tudo estava; e que quanto á sua ida, não tinham que lhe pedir, porque Gaspar da India sabia muito bem que cada anno andava lá quatro, cinco meses, e nisso gastava todos os direitos, que tinha em Cochim, e que as agoas eram ainda muito grandes, e não se podiam passar os rios, e com tudo que elle escreveria a alguns senhores seus vassallos, e amigos, que começassem a guerra polo sertão. Afonso Dalboquerque, e o marichal pareceo-lhes bem isto que o rey disse, e pediram-lhe vinte paráos pera desembarcar gente em terra. O rey lhos deu de boa vontade, e offereceo-lhes muitos catures, e gente, se a quisessem, e despedio-se delles, e foi-se pera sua casa, e escreveo logo a certos senhores da ferra a determinação, em que todos ficavam, e mandou dous Bramenes homens honrados, em que se elle confiava, que fossem a Calicut, e soubessem como estava, e que gente tinha. Estes Bramenes por sua região podem ir por todas aquellas

partes, de hum reyno pera outro, sem lhes tomarem conta onde vão, nem o que querem. Ido o rey pera sua casa, mandou Afonso Dalboquerque chamar todos os capitães, e fidalgos, que avia na armada, pera lhe dar conta deste negocio, que eram D. Antonio de Noronha, Lionel Coutinho, Manuel Peçanha, Pedrafonso de Aguiar, Ruy Freire, Gomez Freire, Francisco de Sousa Mancias, Jorge da Cunha, Francisco de Sá, Francisco Corvinel, Fernão Perez de Andrade, Simão de Andrade seu irmão, Jorge da Silveira, Manuel de Lacerda, Bastião de Miranda, Antonio da Costa, Duarte de Melo, Francisco Pereira Coutinho, Simão Martinz, Gonçalo Dalmeida, Gaspar da India, que era lingoa, e Gaspar Pereira secretario. E estando todos juntos, antes de entrarem no conselho, apartou-se o marichal com Afonso Dalboquerque, e perante Gaspar Pereira lhe disse, que ElRey seu senhor lhe tinha mandado em seu regimento, que aquelle negocio de Calicut se fizesse, se lhe a elle bem parecesse, (como lhe já tinha dito;) que lhe pedia por mercê, que antes de entrarem no conselho, assentassem ambos o que se devia de fazer, por não ir aventurado ao parecer de quatro capitães mancebos, que não entendiam a guerra. Afonso Dalboquerque, pelo que já tinha passado com elle, disse-lhe, que se aquilo dizia por lhe parecer que se arrependia do que lhe tinha prometido, como lhe Manuel Peçanha tinha feito crer, que o não creesse, porque elle nunca refusára pelejar, e mais tendo dous mil homens portuguezes, que eram pera conquistar o mundo, quanto mais o Çamorim, que desejava de ver destruido; mas que hum negocio tamanho como aquelle, e em que todos os capitães hiam aventurar suas pessoas, não se avia de cometer, sem lhe darem conta disso, e que isto

o obrigára mandalos chamar. O marichal, parecendo-lhe polo que lhe tinham dito, que todo o intento de Afonso Dalboquerque era divertir este negocio, de maneira que se não fizesse, disse-lhe que bem lhe parecia dar-se disso conta aos capitães; mas que avia de fer com tal determinação, que ainda que lhe parecesse mal, todavia deffem em Calicut, porque tinha sabido que andavam alguns dizendo, que não era serviço delRey cometer aquelle negocio. Elle lhe respondeo, que nas cousas daquella calidade, em que podia aver muitos inconvenientes, não lhe parecia bem ir a determinação diante do conselho, mas praticalo, e affentalo com todos aquelles, que aviam de fer naquelle feito, porque tinha pera si que nenhum o avia de contrariar; e estando nesta prática, chegou o rey de Cochim, e trazia comfigo os Bramenes, que mandára espiar Calicut, os quaes differam, que o rey era ido pelo sertão dentro a huma guerra, que lá tinha, e que na cidade avia muito poucos Naires, e no Cerame tinham feitas humas tranqueiras de madeira, em que estavam seis bombardas grossas, e ao longo da praia muitas covas, pera que a gente, que desembarcasse, caísse nellas, e que da banda das casas dos Macuas não avia reparo nenhum; e porque aquelle dia com a vinda do rey não ouve tempo pera se dar conta aos capitães, (tomada esta informação,) ao outro dia pela menhaã os mandou Afonso Dalboquerque chamar, e depois de estarem juntos, disse-lhes o marichal, que ElRey Dom Manuel seu senhor lhe mandava em seu regimento, que se destruisse Calicut, e que fosse com conselho, e parecer do capitão geral da India, que ali estava; e que pelas intelligencias que tiveram, tinham sabido que em Calicut avia pouca gente, e que estavam todos muito temorizados da nova,

que lá andava, da sua ida; e que pois o Çamorim era ido pelo fertão, como diziam, não lhe parecia que avia inconvenientes pera deixarem de cometer Calicut; e por aqui lhe foi apresentando outras muitas coufas, todas fundadas em seu destino. Acabado o marichal de propôr esta prática, ouve diversos pareceres no conselho, porque Pedrafonso Daguiar, Lionel Coutinho, e Ruy Freire com alguns outros differam, que se não devia de cometer Calicut, sem primeiro ser muito bem espiado, e terem mais informação do estado, em que as suas coufas estavam, da que os Bramenes davam. O marichal enfadado delles, disse-lhes, que aquillo eram inconvenientes de homens indeterminados, que aquelle negocio, pera se fazer, avia de ser asloprar, e comer, porque vindo o Çamorim com todo o seu poder focorrer Calicut, não no tinham elles pera lhe resistir; e porque a todos os outros capitães pareceo bem comer-se Calicut, mandou Afonso Dalboquerque a todos, que se fizessem prestes com toda sua gente pera partirem o derradeiro dia do mes de dezembro. E estando toda a gente embarcada, como em Calicut avia já algumas atoardas desta ida, pera se mais certificarem disso, mandáram os governadores da terra pedir pazes dissimuladamente a Afonso Dalboquerque por hum mouro, que se chamava Cogebequi, que fora sempre nosso amigo; e como elle estava já pera se embarcar, mandou-lhe que se fosse á sua não, e que lá lhe responderia: e fez isto, porque estando em terra, não tivesse maneira pera mandar avisar os governadores da determinação em que o achára, e na não esteve sempre com guarda; e acabado o feito de Calicut, deixou-o ir pera sua casa.

## CAPITULO XIV.

Como estando o grande Afonso Dalboquerque prestes pera se partir, chegou Vasco da Silveira de Çacotorá com recado de Duarte de Lemos a pedir-lhe navios, e gente, e do que nisso passou.

**N**ESTE tempo, estando já a armada prestes pera se partir, com a mais da gente embarcada, chegou Vasco da Silveira, que vinha de Çacotorá em humo não pedir ao grande Afonso Dalboquerque da parte de Duarte de Lemos, que andava por capitão mór na costa de Arabia, que lhe mandasse navios, porque os que tinha eram tão comestos do buzano, que se não estrevia com elles a cumprir as obrigações de seu regimento. Chegando Vasco da Silveira, foi-se ver com Afonso Dalboquerque, e disse-lhe, que Duarte de Lemos ficava em muita necessidade de navios, porque dous da sua armada se foram ao fundo de velhos; e os outros, que lhe ficavam, de muito comestos de buzano não se podiam ter sobre a agoa: que lhe pedia por mercê que o despachasse logo antes de se partir. Afonso Dalboquerque lhe disse, que estava já tão a pique, que não tinha tempo pera vestir humo camisa; e ainda que o quisesse despachar, não avia navios prestes pera lhe poder dar, porque todos ficáram desbaratados da ida, que o visorey fizera aos rumes, e nunca tivera tempo pera os mandar concertar, e que se o Deos trouxesse daquella jornada, que elle o faria. Vasco da Silveira lhe respondeo, que já o anno passado Duarte de Lemos

mandára pedir ao visorey duas galés, e tres navios, que ElRey D. Manuel lhe escrevêra, que désse a Jorge de Aguiar seu tio, pera andar em sua companhia no Cabo de Guardafum, e na costa de Arabia, e que lhos não mandára, dando por desculpa que hia buscar os Rumes, e que se não avia de desfazer da sua armada: e que pois os governadores da India não queriam fazer o que ElRey mandava, que queria tirar seus estromentos, e tornar-se pera Çacotorá, onde Duarte de Lemos estava. Afonso Dalboquerque começou-se de apassionar com Vasco da Silveira de maneira, que conveo ao marichal, que estava presente, levalo dali pera sua casa, por ser muito amigo de seu pai, e disse-lhe, que lhe pedia por mercê, que se não agastasse, porque viera a tempo, que se não podia acudir a huma coufa, e á outra, e que as obrigações da India eram tão grandes, que não avia possibilidade nella pera se remediar tudo aquillo, que ElRey queria que se fizesse: que elle lhe prometia, que acabado o feito de Calicut, o fizesse despachar muito bem. Vasco da Silveira ficou muito contente destas palavras do marichal, e fóra da paixão que tinha, e offereceo-se pera ir em sua companhia naquella armada.

Bastião de Miranda, Fernão Perez de Andrade, Simão de Andrade seu irmão, porque arreceavam que Afonso Dalboquerque os tratasse mal, por serem contra elle nas differenças do visorey, sabendo da vinda de Vasco da Silveira, e ao que vinha, pediram-lhe muito que os levasse comfigo, e ouvesse licença pera irem com elle. Afonso Dalboquerque sabendo isto, como era de huma rara grandeza de animo, dissimulou com elles, e mandou-os chamar, e perante alguns capitães lhes disse, que lhes pedia muito, que não cuidassem que lhes tinha

má vontade, por affinarem no requerimento, que se fizera ao visorey, nem por terem dito algumas coufas em desprezo de sua pessoa, porque bem sabia, (segundo o tempo, e as coufas andavam,) que lhes cumpria fazerem-no assi; e que fossem certos, que de tudo o que era passado lhe não alembrava nada: que lhes rogava que servissem ElRey muito bem, e sem nenhum pejo lhe dissessem todas as coufas, que lhe parecsem serviço de Sua Alteza, porque em seu nome lhes faria sempre muita mercê; e que lhes jurava por aquelles Sanctos Evangelhos, em que punha a mão, que aquillo era assi, e dentro lhe não ficava outra coufa. Elles lhe disseram, que era verdade que affinaram no requerimento, que se fizera ao visorey, porque os enganára João da Nova, e Jorge Barreto; mas de dizerem coufa contra sua pessoa, não averia ninguem que tal lhe ouvisse, e que dali por diante serviriam ElRey da maneira que lhe elle mandasse. E porque Vasco da Silveira morreo em Calicut com o marichal, (como adiante se dirá,) tornado Afonso Dalboquerque pera Cochim, acabado o feito de Calicut, mandou Diogo Correa na náó, em que Vasco da Silveira viera, carregada de mantimentos pera a fortaleza de Çacotorá; e chegado lá, contou a Duarte de Lemos, que avia poucos dias que ali era vindo de Quiloa, o desbarato que ouvera em Calicut, e a morte do Marichal, e a de Vasco da Silveira seu sobrinho, com outros muitos fidalgos, que ali acabáram, e por isso lhe não podera Afonso Dalboquerque mandar navios, nem galés, porque tudo estava desbaratado, e avia mister tempo pera se concertar, e que se ficava fazendo prestes huma armada muito grossa, pera se ir ajuntar com elle o veram que vinha, e entrarem o estreito do mar Roxo, como lhe ElRey D. Ma-

nuel mandava, dando-lhe as coufas da India lugar. Duarte de Lemos mal contente desta reposta, e agastado da morte de Vasco da Silveira seu sobrinho, entregou a capitania da fortaleza a Pero Ferreira, como lhe ElRey mandava, e deu hum navio a D. Afonso pera se ir pera a India, e elle tornou-se a invernar a Melinde.

## CAPITULO XV.

Como o grande Afonso Dalboquerque, e o marichal partiram pera Calicut com sua armada: e do conselho, que tiveram sobre o desembarcar, e do mais que passou.

**R**ECOLHIDA toda a gente na armada, que seriam por todas vinte vélas, a fóra paráos, que levavam pera sua desembarcação, em que hiam dous mil homens Portugueses, partiram-se de Cochim o derradeiro dia do mes de dezembro, e a tres dias de janeiro foram surgir devante o porto de Calicut; e como chegaram, foi-se o grande Afonso Dalboquerque com todos os seus capitães á não do marichal, e estiveram praticando a maneira que teriam no desembarcar; e visto o sitio, e a disposição do mar, assentaram que fosse defronte das cascas dos macuas, porque andava ali o mar mais brando, e podiam desembarcar todos com menos trabalho. O marichal, depois disto assentado, disse, que elle arreceava que antre tantos capitães, e homens mancebos, como estavam naquella armada, ouvesse algum, que cuidasse que ganhava honra em ser o primeiro que saísse em terra; que lhe jurava se fosse capitão, ou alguma pessoa da sua armada, de lhe man-

dar cortar a cabeça; e se fosse da gente da India, e o capitão geral que ali estava lha não mandasse cortar, que lhe não avia de falar mais, e que lhe pedia muito que não desembarcassem em terra primeiro que elle, mas que os bateis chegassem todos juntos a hum tempo; e porque ali não estavam todos os seus capitães, escreveu a cada hum seu escrito d'isto que estava assentado, nem roubassem a cidade, nem possessem fogo sem sua licença; e ao outro dia, que foram quatro do mes de janeiro, se embarcaram todos nos bateis, e foram juntos demandar a terra; e porque a agoa corria muito, mandou Afonso Dalboquerque apertar o seu batel do remo pera não descairem, e diante d'elle hia Vasco da Silveira em hum paráo, e Rodrigo Rabelo em outro, e assi como hiam foram demandar a terra, e desembarcaram sem darem polo que estava assentado. Afonso Dalboquerque, que estava sobre o remo á vista, esperando que o marichal tomasse terra, (o qual a corrente da maré levou mais abaixo, onde o mar andava de levadia,) como vio a gente em terra, e que começavam a caminhar desordenadamente, desembarcou, e correo ao longo da praia a telos que não andassem, até o marichal chegar, que a este tempo era já desembarcado; e como a gente hia alvoroçada pera cometerem o Cerame, onde os mouros tinham suas estancias fortificadas com artilheria, não os pode ter; e como os vio ir assi desmandados sem capitão, foi-se após elles a mais andar, e com alguns, que comsigo levava, chegou á dianteira da gente, os quaes estavam já ás lançadas com os mouros, e todos juntos apertaram com elles de maneira que lhe entraram as estancias per força, e mataram muitos mouros, e outros fogiram pera a cidade, e tomaram-lhe seis bombardas grossas que ali

tinham. Dos nossos mataram somente dous homens, e a este tempo vinha o marichal com sua gente pela praia muito cansado, porque desembarcaram longe, e com a grande calma não podiam sofrer as armas; e vindo alli, chegou-se hum homem d'armas a elle, e disse-lhe, que andasse devagar, que já o Cerame era tomado. O marichal agastou-se muito d'isso, e foltou muitas palavras, que podera escusar. Afonso Dalboquerque deixou o Cerame, e veio-se ao longo da praia em busca d'elle, o qual como o vio começou a bradar, e a dizer, que bem sabia elle que avia de aver desmandos, e que os mais fracos hiam sempre diante. A isto não lhe respondeo nada, e começou-lhe a dar suas desculpas, e que estivera esperando, sem desembarcar muitas horas, por cumprir o que lhe tinha prometido, até que se a gente começou a desmandar, e Vasco da Silveira seu servidor fora o primeiro; e por irem sem capitão, e não se perderem, desembarcára pera os ter, e que aquella honra era toda sua, pois todos ali hiam debaixo da sua bandeira. O marichal sem lhe responder foi alli caminhando muito agastado, e chegando ao Cerame, quis logo caminhar direito á cidade. Afonso Dalboquerque lhe disse, que seria bom descansar ali a gente, e depois de terem hum pouco de repouso, iriam marchando pera a cidade, e queimariam as náos, e fariam tudo o mais que lhe bem parecesse. O marichal com hum animo cheio de desconfiança lhe respondeo muito apassionado:

*Bem sei eu que isso he o que vós quereis, que não passe daqui, e eu ei de ir ás casas do Çamorim, e destruir Calicut antes que coma; e quem quiser ir comigo, vá; e quem não, fique; e tomado de huma desgraçada temeridade, chamou Gaspar da India, e disse-lhe, que*

caminhasse diante, e o levasse aos paços do rey. Afonso Dalboquerque, quando o vio com aquella determinação, disse-lhe, que lhe dizia aquillo, porque fazia grande calma, e a gente estava muito cansada, e sem comer, e dali aos paços era hum grande pedaço, e não sabia como lá chegariam; e fe per cima de todas estas rezões queria ir, que elle não avia de ser dos derradeiros. O marichal sem lhe responder começou a caminhar com sua bandeira diante; e ainda que a elle lhe não pareceo bem esta sua contumacia, foi-o seguindo, pelo que lhe tinha dito; e porque isto era na entrada dos valos, mandou a D. Antonio de Noronha seu sobrinho, e a Rodrigo Rabelo, com trezentos homens, que fossem queimar as náos, e depois de queimadas se tornassem ali, e estivessem em corpo com a sua gente pera acodirem aonde vissem algum desmancho.

## CAPITULO XVI.

Como o grande Afonso Dalboquerque, e o marichal entráram a cidade de Calicut, e foram ás casas do Çamorim, e os nossos desbaratados, e o marichal morto, e o mais que passou.

COMEÇANDO o marichal, que hia na dianteira, a entrar pela cidade, caminhando pera os paços do Çamorim, vieram ter com elle vinte, ou trinta Naires com suas espadas, e adargas, bradando como he seu costume; e como os assi vio, começou a zombar, e disse a Gaspar Pereira, que hia junto com elle:

*Este he o vosso Calicut, com que a todos nos espantais em Portugal?*

Gaspar Pereira lhe respondeo, que désse com a mão na boca, porque elle lhe ficava, que se aquelle dia fossen ás casas do Çamorim, que aquelles negrinhos nús o enfadasssem. O marichal lhe disse:

*Não he esta a gente, que me a mim ha de enfadar;* e chegando a huma mesquita, que estava na entrada da cidade, mandou-lhe pôr o fogo; e quando aqui chegou, hia já tão cansado, que o levavam dous homens sobraçado. Os nossos soldados, porque á entrada da cidade não acháram quem lhe resistisse, metêram-se a roubar. O marichal com esses, que lhe ficáram, chegou aos paços, e deu logo em duzentos Naires, que estavam em guarda delles, e poseram-lhes as lanças com tanto esforço, que os desbaratáram, e matáram oitenta, e o governador da cidade, e dous Caimais do Çamorim, que ali estavam, e os outros poseram-se em fogida, e com esta vitoria entrou pelas portas dos paços dentro, e foi ter a hum patio grande, que as casas tinham, tão cançado, que como entrou assentou-se em hum poial, e ali esteve hum grande espaço sem se poder bulir. A gente, que com elle entrou, começou a quebrar algumas portas, que estavam fechadas, e metêram-se a roubar o que acháram; e porque este patio, onde o marichal estava, tinha duas portas defronte de duas ruas da cidade, começaram a vir por ellas muitos Naires, que vinham a socorrer os que estavam em guarda dos paços, e ás fréchadas feriram muitos dos nossos. O marichal assi cançado como estava, com huns poucos que tinha consigo, foi-os cometer, e escozeo-os de maneira, que os fez arredar de si. Afonso Dalboquerque, que hia na traseira, como chegou á porta dos paços, por onde o marichal entrára, deixou-se estar quedo com sua gente junta em hum terreiro grande,

que ali estava diante dos paços. Os Naires como víram a nossa gente junta, vieram-nos cometer, e ás fréchadas tratáram-nos tão mal, que conveo a Afonso Dalboquerque, polos arredar de si, dizer a Pedrafonso Daguiar, que lhe mandasse tirar com o berço que trazia. Os Naires como se víram mal tratados do tiro, arredáram-se pera fóra, e começaram a dar grandes gritas, que he huma maneira, que elles tem pera ajuntar gente. Como Afonso Dalboquerque ouviu as gritas na cidade, mandou dizer ao marichal por duas vezes, que se recolheffe. Elle como estava ainda com a menencoria passada, não deu polo seu recado, e deixou-se estar muito defcançado. Afonso Dalboquerque vendo que os Naires cresciam, e o marichal se não queria recolher, deixou Gonçalo Queimado, que levava a sua bandeira com a gente, e entrou dentro; e já muito menencorio lhe disse, que se recolheffe logo, porque não era tempo pera esperar mais, que os Naires eram muitos, e de cada vez aviam de ser mais, e lhe tinham ferido parte da sua gente, e dali ás náos era muito longe, e que se huma só hora tardasse, que se perderiam todos. O marichal começou logo a recolher sua gente, que andava desmandada, e sahio-se pera o terreiro; e depois de estarem todos juntos, disse-lhe Afonso Dalboquerque:

*Senhor, como quereis que isto seja, porque esta nossa gente ha mister quem a encaminhe, e quem a tenha que se não desmande? porque os Naires são muitos, e o caminho está desfeito, e ei medo que se faça hoje aqui algum máo recado, se nos não ordenarmos bem.*

O marichal lhe disse, que pois assi lhe parecia, que tomasse a dianteira, e elle ficaria detrás com a sua gente. Afonso Dalboquerque começou a caminhar com sua

bandeira, e levava Gaspar da India diante, que lhe hia mostrando o caminho; e porque tudo eram valos de huma parte, e da outra, começou a gente da terra acodir, e per cima delles com fetas, pedras, e azagunchos de arremeço, tratáram muito mal a nossa gente; e posto que passavam trabalho, mandou-lhe Afonso Dalboquerque que não travassem com elles, e que se fossem a mais andar direito á praia. O marichal, que ficava na trafeira, como começaram a caminhar, mandou pôr o fogo aos paços. Os Naires como víram o fogo acodiram logo pera o apagarem, e acháram o marichal, que se hia recolhendo, e forão-no cometer; e como os Naires vinham de refresco, e os nossos estavam muito cansados, depois de pelejarem hum grande espaço, poseram-nos em desbarato, e matáram o marichal, e o seu alferes, e Manuel Peçanha, Vasco da Silveira, Lionel Coutinho, e Philippe Rodriguez, que feriam por todos dez, ou doze homens principaes. Como a nova chegou a Afonso Dalboquerque, que o marichal pelejava, fez volta, e não voltáram com elle senão muito poucos, indo diante quinhentos, ou seiscentos homens; e nesta volta lhe feriram muitos, e a elle deram huma lançada com hum zaguncho de cima de hum valo no hombro esquerdo, e outra na espada, de que cahio; e Diogo Fernandez de Béja, que hia perto delle, o salvou de o não matarem com assás trabalho, e ás costas de dous homens o levou ás náos; e nesta volta matáram Gonçalo Queimado, que levava a sua bandeira, que acabou como muito valente cavaleiro, apegado com o seu capitão. D. António de Noronha, e Rodrigo Rabelo, vendo o desbarato da nossa gente, acodiram á entrada destes valos a telos que não fogissem, porque não avia de que fugir; e senão fora

este novo focorro, o desbarato fora maior. Os Naires, que vinham seguindo a nossa gente, como chegaram aonde D. Antonio, e Rodrigo Rabelo estavam, não ousaram de ir mais por diante, e tornaram-se. Os nossos hiam tão fóra de si, que em chegando á praia, deixavam as armas, e metiam-se pela agoa a embarcar nos bateis. Afonso Dalboquerque porque tinha grandes dores, e não se atrevia a subir na sua náó, mandou que o levassem á caravela de Antonio Pacheco, que estava mais perto, e ali foi curado, e esteve aquella nõite, e ao outro dia pela menhaã foi-se pera a sua náó, e mandou fazer toda a armada á véla caminho de Cochim, e deixou sobre o porto de Calicut Jorge Botelho, e Simão Afonso nas suas caravelas, com regimento que não deixassem fair nenhuma náó daquella costa com especiaría.

## CAPITULO XVII.

Do que o Çamorim fez, quando soube que os portuguezes tinham entrado a cidade de Calicut: e como o grande Afonso Dalboquerque mandou Fr. Luis a Narfinga dar conta ao rey do que passára em Calicut, e do mais que se passou.

**A**o tempo que o grande Afonso Dalboquerque, e o marichal chegaram com a sua armada sobre Calicut, avia dias que o Çamorim andava polo fertão dentro, junto da serra em guerra, contra hum grande senhor servidor do rey de Cochim. Chegando-lhe recado que os portuguezes tinham entrado a cidade, ale-

vantou seu arraial, e partio-se com grande pressa de noite sem ser sentido dos imigos. O senhor da terra, como foi menhaã, que vio o arraial do Çamorim levantado, e elle partido, foi-lhe seguindo o alcance, queimando, e destroindo toda a terra por onde hia. Chegado o Çamorim a Calicut, avia já quatro dias que Afonso Dalboquerque era partido; e como vio a destruição da cidade, e a sua mesquita, e paços tudo queimado, e o seu Catual governador da cidade, e dous Caimais mortos, e deffoutra gente do povo, e Malabares passante de tres mil, ficou muito triste, e fazendo mostras de grande sentimento, não quis entrar nos seus paços, e mandou chamar os mouros principaes da cidade, e culpou-os muito por quão fracamente se ouveram em a defender, e jurou-lhes de os destroir, e lançar fóra do seu reyno: e o que mais fez sentir esta destroição foi saber, que dos portuguezes não eram mais mortos que oitenta: e ainda estes creio eu que não morrêram, se os nossos aquelle dia não fugiram tão desordenadamente, sem aver força de Naires, (que he a principal gente que o rey tem,) que pelejasse com elles, nem os metesse em tamanha desordem, que deixassem espedaçar dous capitães môres, e dez, ou doze fidalgos, que ali acabáram com elles, sem volverem o rosto atrás pera verem de que fogiam; porque se ouvera vinte homens, que quizeram ter mão em si, o marichal não morrêra, nem Afonso Dalboquerque fora espedaçado, porque todos os outros, que ali matáram, era gente sem vergonha, e sem temor dos pregões, que eram lançados, e andavam por essas casas a roubar; e porque os Naires andavam tambem a roubar, se na casa em que entravam achavam alguns portuguezes, os mais venciam os menos, e desta maneira morrêram

alguns, e outros atalhou o fogo, que poferam contra o que estava affentado. E porque Afonso Dalboquerque sentio muito a morte do marichal, e daquelles fidalgos, que com elle morrêram, determinou de buscar maneira pera se vingar; e escreveo ao rey de Narfinga, (porque confina o feu reyno com o de Calicut, e não eram muito amigos,) que querendo vir com fua gente por terra, que elle iria por mar, e destruiriam o Çamorim, e que trabalharia por ter intelligencias com alguns senhores da ferra pera o ajudarem: e a este negocio mandou Fr. Luis da Ordem de S. Francisco com huma instrucção do que lhe avia de dizer, que aqui vai escrita, o qual fe partio de Cochim em hum navio, e foi ter a Baticalá, e dahi fez feu caminho por terra direito a Narfinga, e despachou Diogo Correa com recado pera Duarte de Lemos, como atrás tenho dito; e depois de serem partidos, dahi a dous dias chegáram dous navios da armada de Diogo Lopez de Sequeira, em que vinha Nuno Vaz de Castelobranco, que lhe contou tudo o que fe lá passára em Malaca, e que os governadores da cidade tiverám ordenada huma treição a Diogo Lopez de Sequeira por mandado do rey pera o tomarem em terra em hum banquete, que lhe avia de dar, e a todos os que com elles fossẽm, e depois tomarem a armada, e que não ouvera effeito, porque Diogo Lopez de Sequeira fora avisado por huma Jaoa, amiga de hum marinheiro noſſo, que de noite veio a nado ter á fua náó: e que o rey vendo que a treição era descuberta, lançára mão de Ruy de Araujo Feitor, e de vinte homens, que com elle estavam em terra, negoceando a carrega pera as náos, e que dos navios da armada mandára queimar dous, por não ter gente que os navegasse, e fe partira; e chegando a Caecoulão, onde

lhe differam que elle era capitão geral da India, despedira aquelles dous navios, que se vieffem a Cochim, porque faziam muita agoa, e dali fizera feu caminho pera Portugal por fóra da ilha de S. Lourenço.

*Instrucção, que levou Fr. Luis.*

» **P**RIMEIRAMENTE direis ao rey de Narsinga, que lhe  
 » faça a saber, que eu sou ora novamente vindo  
 » por capitão geral destas partes da India, por mandado  
 » delRey de Portugal; e que confiando na amizade, que  
 » seus antecessores tiveram com elle, o mando visitar  
 » por vós, e offerecer-lhe as armadas, e gente delRey  
 » meu senhor; porque fei certo que folgará muito de  
 » o eu assi fazer, confiando em sua amizade, recados, e  
 » offerecimentos, que sempre teve dos reys seus ante-  
 » cessores, e lhe foram dados em Portugal.

» Lhe direis da grandeza, e poder delRey meu se-  
 » nhor, e as grandes armadas, que cada anno envia á  
 » India, e como o mar della se não navega já sem feu  
 » seguro; e aquelles, que o não levam, como lhes são  
 » tomadas suas náos, e mercadorias: e assi lhe direis,  
 » como em meus regimentos me manda, que a todos  
 » os reys gentios de sua terra, e de todo o Malabar,  
 » faça honra, e gafalhado, e sejam bem tratados de  
 » mim, e não lhe tome suas náos, nem mercadorias: e  
 » que destrua os mouros, com os quaes tenho sempre  
 » continúa guerra, como fei que elle mesmo tem: pela  
 » qual rezão espero de o ajudar com as armadas, e  
 » gente delRey meu senhor, cada vez que lhe comprir,  
 » e que o mesmo espero eu que elle faça com sua gente,  
 » lugares, portos, e mantimentos, e tudo o que de feu  
 » reyno me for necessario: e que as náos, que navegam

» pera seus portos, andam seguras por todo o mar da  
» India, e recebem honra, e bom tratamento das ar-  
» madas delRey de Portugal, e de suas fortalezas.

» Lhe dareis conta da destruição de Calicut, e como  
» eu sou informado, que elle he seu imigo capital, e  
» deseja de o destruir: e por tanto lhe mando notificar,  
» que os seus paços, e cidade tudo foi queimado, e se  
» trouxe á espada, e toda sua artilheria tomada, e que  
» o Çamorim não ousou de focorrer a cidade, e se  
» deixou estar na ferra, que está sobre Calicut, que he  
» nos confins do seu reyno, até que soube que éramos  
» partidos.

» Lhe direis, que minha determinação he prender o  
» Çamorim, e mandalo a Portugal a ElRey meu senhor,  
» e que isto se póde muito bem fazer, querendo elle vir  
» com seus arraiaes sobre as ferras de Calicut, onde se  
» o Çamorim recolhe, quando lhe fazem a guerra na  
» ribeira {do mar; e entrando elle polo sertão, que eu  
» irei pela ribeira com huma grossa armada, destruindo  
» todos os seus portos, e lugares, de manerã que o  
» Çamorim não possa focorrer a huma parte, e á outra  
» com sua gente, e o tomemos sem poder escapar, e que  
» lançaremos os mouros fóra de Calicut, que são os  
» que lhe dam todo o dinheiro, que elle ha mister pera  
» a guerra, e tirando-lhos da terra, ficarão seus portos  
» sem trato, destruidos, e desfeitos, e que acabado isto,  
» entenderei logo no feito de Goa, onde o poderei aju-  
» dar na guerra contra o rey de Decan, e lhe tirarei o  
» trato dos cavalos, que vam pera o seu reyno, com  
» que lhe elle faz a guerra.

» Lhe direis como Ormuz he delRey meu senhor; e  
» querendo elle sua amizade, e mandalo visitar a Portu-  
» gal por seus embaixadores com presentes, em que

» mostre final de verdadeira amizade, que elle lhe man-  
 » dará muitas coufas que ha em feu reyno, e que os  
 » cavalos de Ormuz não vão senão a Baticalá, ou a  
 » qualquer outro porto feu, donde os elle possa aver,  
 » e não irão ao rey de Decan, que he mouro, e feu  
 » imigo: e pera nossa amizade ser mais firme, lhe direis,  
 » que vindo elle pera estas partes com feu arraial, que  
 » eu o irei ver, e assentaremos muitas coufas, que cum-  
 » prem a feu serviço. E torno-vos a lembrar, que tra-  
 » balheis quanto poderdes, que o rey de Narsinga mande  
 » seus embaixadores a Portugal visitar ElRey com joias,  
 » e coufas de sua terra.

» Lhe falareis, que sendo caso que cumpra a ElRey  
 » meu senhor fazer assento, e feitoria em qualquer lu-  
 » gar dos seus portos, desde Baticalá até Mangalor,  
 » que mande que suas gentes, e armadas sejam recebi-  
 » das nelles, e dem lugar pera se fazer huma casa forte,  
 » onde possam estar seguras suas mercadorias, e gente  
 » de qualquer alvoroço do povo, que sobrevier, visto  
 » como está tão longe, que as suas justiças não podem  
 » acodir a tempo, que o possam remediar; e querendo  
 » elle fazer isto, terá seguro todo o trato dos cavalos,  
 » e todas as outras mercadorias de Portugal, de que  
 » tiver necessidade em sua terra.

*Da provincia do Malabar, e de alguns costumes,  
 que os Malabares tem.*

A PROVINCIA do Malabar começa do porto de Ma-  
 ceirão, junto com Mangalor, e vai acabar no cabo  
 de Comorin polo sertão, com o grande reyno de Nar-  
 singa, e ao longo de toda esta terra corre huma serra  
 mui alta, que devida esta provincia do Malabar do

reyno de Narfinga. O mais largo desta terra, da costa do mar até a ferra, serão quinze legoas. São estas ferras tão altas, que dizem os de Narfinga, que em sua terra não ventão levantes, porque he tamanha a altura dellas, que tolhe que não passem da outra banda. Terá esta provincia por costa cento e trinta legoas: e ha nella muitos reys, e são todos gentios. Os filhos do rey não herdão, senão os sobrinhos filhos de suas irmans, e não os filhos dos irmãos, porque hão por coufa muito duvidosa serem seus filhos; e por tanto se tem irmã, dam-na a hum Bramene, que a tenha por manceba, e os filhos desta herdão o reyno; e se acham Bramenes Patamares, que são do reyno de Cambaya, (avidos naquellas partes por gente mais fidalga que todos,) dam-lhes as irmans, que as levem de virgindade, e com isto muito dinheiro, porque queiram tomar este trabalho, que elles são mui rigorosos de fazer, e os filhos destas herdão o reyno. Estes Bramenes são huns homens religiosos, (como cá antre nós sacerdotes,) que tem cuidado de seus pagodes. Tem antre si huma sciencia por lingoagem, que he como entre nós o Latim, que não na entende senão quem na aprende. São casados com huma só mulher: não comem carne, nem peſcado, nem coufa, que padeça morte: comem arroz, leite, manteiga, e frutas, e bebem agoa. E porque nunca faltasse este mantimento pera os Bramenes, que eram muitos, ordenáram os antigos desta terra, que não mataſsem vacas, nem bois, sobpena de morte; e guardou-se tanto esta lei, que não tão sómente os não comem, mas adoram-nos, e são avidos antre elles por coufa sancta. Tem conhecimento da Trindade, e de Nossa Senhora, por onde parece que antigamente foram christãos. Os Naires desta terra são

homens de guerra, e avidos por cavaleiros, e mais honrada gente de toda a terra, e dizem que averá nesta provincia duzentos mil homens destes. São muito leaes a feu rey, e adoram nelle, e não se acha que Naire lhe fizeffe nunca treição. Tem fysicos, e curam desta maneira. Aos que são doentes de fevres, dam-lhes a comer carne, e peſcado, e purgam-nos com semente de figueira de inferno, ou as folhas pizadas, e dam-lhas a beber com agoa. Se tem camaras, dam-lhes a beber agoa de cocos fresca, e[ſtanca logo. Se arrebeça, lavam-lhes a cabeça com agoa fria, e cessa o vomito. Se he ferido, lançam-lhe azeite quente, cada dia tres vezes, e desta maneira faram. Nas doenças perlongadas o remedio que dam aos doentes he, que tenham tangedores, e que façam romarias a feus pagodes. Ha nesta provincia do Malabar de Chetuá até Coulão muitos christãos do tempo de S. Thomé, e tem muitas igrejas. Muitos outros costumes tem, que não escrevo por escufar proluxidade, e deixo-o aos que escreverão a historia da India.

### CAPITULO XVIII.

Como o grande Afonso Dalboquerque fez prestes sua armada com determinação de entrar o estreito do mar Roxo: e do conselho, que teve pera ir sobre Goa.

**S**ENDO já o grande Afonso Dalboquerque são de suas feridas, posto que do braço ficasse hum pouco mal tratado de maneira, que o não podia levar bem á cabeça, entendeu logo em mandar concertar todas as

nãos, navios, e galés, que o visorey deixára ao tempo de sua partida pera Portugal desbaratados; e tendo já a armada prestes de todas as cousas necessarias pera o tempo, que lá andasse, mandou chamar os capitães, e disse-lhes:

*Senhores, pois as cousas do Malabar estão de affossego, e no estado, em que vedes, minha determinação he ir a Çacotorá ajuntar-me com Duarte de Lemos, como ElRey Nosso Senhor me tem mandado que faça, e dahi fazermos nosso caminho ao estreito do mar Roxo a buscar a armada do grão Soldão; e não na achando no mar, ir a Suez, e queimar-lha, porque o bom conselho he ilos lá buscar, e não deixalos chegar a pôrem as costas na India, onde tem certo o favor, e ajuda dos mouros pera contra nós, e este será sempre meu parecer, em quanto a governar, por muitas razões, que pera isso darei quando me o tempo der mais vagar, e depois disto irmos acabar a fortaleza de Ormuz, que deixei começada: e peço-vos que olhando bem uma cousa, e a outra, me digais o que devo de fazer; e passadas muitas práticas, que sobre este negocio tiveram, assentou-se, que devia de ir ao estreito do mar Roxo; e quanto a Ormuz, que o tempo lhe mostraria o que avia de fazer. Determinado isto, deixou Afonso Dalboquerque as fortalezas de Cochim, e Cananor providas de capitães, e gente, artilheria, polvora, e mantimentos, e tudo o mais que lhe era necessario, e hum armada ao longo da costa pera acudir a qualquer cousa que socedesse; e partio-se de Cochim a dez dias de fevereiro do anno de mil e quinhentos e dez em hum armada de vinte e tres vélas, de que eram capitães Dom Antonio de Noronha seu sobrinho, Garcia de Souza, que viera de Malaca, Luis Coutinho, Jorge*

Fogaça, Jeronymo Teixeira, João Nunez, Diogo Fernandez de Béja, Jorge da Silveira, Simão Martinz, Fernão Perez Dandrade, Simão Dandrade feu irmão, Aires da Silva, Francisco Pantoja, Duarte de Melo, D. Jeronymo de Lima, Francisco Pereira Coutinho, Francisco de Soufa Mancias, Manuel de Lacerda, Bernaldim Freire, Jorge da Cunha, Antonio da Costa, e Francisco Corvinel Florentim de nação; e navegando ao longo da costa com toda esta armada, fez seu caminho direito a Anjadiva, donde levava determinado de atravessar ao cabo de Guardafum; e sendo tanto avante, como o porto de Mergeu, veio Timoja em huma fusta ter á náó de Afonso Dalboquerque, o qual era hum gentio de nação, muito fervidor delRey de Portugal; e sendo homem de baixa forte, veio a ser honrado por cofreiro, e perguntou-lhe pera onde hia com huma armada tão poderosa como aquella? e elle lhe disse, que sua determinação era ir ao estreito buscar a armada do grão Soldão, e pelear com ella; e não nos achando no mar, pola nova certa que tinha de serem já partidos, ir a Suez, e queimar-lhe todas as náos, e galés, que tivessem. Timoja lhe disse, que se espantava muito delle, tendo os Rumes tão perto de si, ilos buscar a Suez: que lhe fazia a saber, que hum capitão do grão Soldão com alguns Rumes, que escapáram do desbarato de D. Francisco Dalmeida, era chegado a Goa, e que o Çabaio lhe tinha feito grandes partidos, porque assentasse ali, e que antrelles avia alguns carpinteiros, e calafates, que tinham feito náos, e galés da feição das de Portugal; e que este mesmo capitão tinha escrito ao grão Soldão, que lhe mandasse gente, porque elle esperava de fazer seu assento em Goa, porque era terra, onde avia muitos mantimentos, e

madeira, e bom porto, e que dali com sua ajuda lançariam os portuguezes fóra da India, e tornariam as especiarias a ir a Meca, e ao Cairo, como antigamente hiam: e juntamente com isto lhe disse Timoja, que o Çabaio senhor de Goa era morto, e que Goa sem elle era morta, e não estava muito forte, e que dentro na cidade não avia gente pera resistir a huma armada tamanha como aquella; e que o Hidalcão filho do Çabaio era moço, e por morte de seu pai avia grandes divisões no reyno de Decan antre os senhores, e que o tempo estava disposto pera a levar nas mãos, se a quisesse cometer: e que na entrada da barra averia tres braças e meia de preamar, por onde toda aquella armada podia entrar sem perigo. Afonso Dalboquerque lhe agradeceo muito aquelle seu conselho; e porém, que huma determinação tamanha como aquella elle a não podia fazer sem dar conta aos capitães, e gente daquella armada, porque tinham assentado de entrar no estreito; que lhes daria conta disso, e do que se determinasse lho faria a saber.

Despedido Timoja com esta resposta, mandou Afonso Dalboquerque chamar todos os capitães, fidalgos, e pilotos da armada, e deu-lhes conta do que passára com Timoja; e depois de muitas práticas passadas, assentáram todos que se Goa estava da maneira que elle dizia, que devia de deixar a ida do estreito e trabalhar muito por tomar a cidade, e lançar os Rumes fóra della. Depois de todos dizerem seus pareceres, disse-lhes Afonso Dalboquerque, que ainda que o que lhe Timoja tinha dito parecesse que trazia alguma razão comfigo, por ser cousa duvidosa, elle se não mudava ainda da determinação, com que partira de Cochim, e que não avia de deixar de fazer o caminho do estreito,

senão fosse por segurar o reyno de Ormuz, que era tão importante como Goa, e muito proveitoso pera o serviço delRey Nosso Senhor; e chegando a elle, tolhendolhe os mantimentos, era tomado sem pelear, e nisto não averia contradição. E posto que elle tivesse os olhos em Ormuz, polo muito trabalho, que lhe tinha custado, (que os capitães, que lhe fugiram fizeram deixar,) com tudo se Timoja dizia verdade, não lhe podia negar, que deixando Goa, que se seguiria pelo tempo adiante muito trabalho ás coufas da India; e que tambem era muito de olhar, que se os Rumes fizessem seu assento em Goa, e a fortificassem, o Çamorim, que estava liado com ella, nunca se deceria de sua opinião, e daria muito trabalho a ElRey de Portugal, se a depois quisesse tomar; e porém que elle nisto que dizia não se determinava, sómente lhe apresentava todas aquellas razões, por huma parte, e pela outra, porque de Goa, e seu porto, e barra não avia piloto na armada, que soubesse mais que dizer Timoja que era bom porto, e que na barra averia tres braças e meia de preamar: e que lhe prometêra de tornar logo com alguma mais certeza do que lhe tinha dito; e avendo mais alguma informação deste negocio, então se determinaria, e diria seu parecer, e nisto assentaram todos.

## CAPITULO XIX.

Como o grande Afonso Dalboquerque se fez á véla do porto de Mergueu, e foi surgir avante do castelo de Cintácora: e o que passou com Timoja, e como dali foi surgir na barra de Goa.

PASSADAS todas estas práticas, huma segunda feira vinte cinco dias do mes de fevereiro, mandou o grande Afonso Dalboquerque fazer toda a armada á véla, e a humas náos, que em sua companhia hiam pera Chaul, que o seguissem, com determinação, que tendo necessidade dos seus bateis pera desembarcar gente, se podesse ajudar delles, e de tudo o mais que nellas ouvesse. E assi como hiam todos juntos, foram surgir davante do castelo de Cintácora, e em surgindo chegou Timoja de Onor com treze fustas armadas com muita gente, e foi-se logo ver com Afonso Dalboquerque, que folgou muito com sua vinda, e perguntou-lhe, por Gaspar Rodriguez lingua, que novas certas tinha de Goa. Elle lhe disse, que por recados, e cartas, que tinha de alguns gentios honrados della, lhe diziam, que o Çabaio era morto, e que em Goa estava hum capitão, que se chamava Melique Çufergugi, que tinha mil homens de peleja affoldadados, os quaes estavam mui agravados delle por lhes não pagar, que morriam todos á fome, e que o rio de Goa era da mesma altura que lhe tinha dito; e que este capitão, depois do Çabaio morto, não obedecia a ninguem, e que a gente da terra estava muito differente huma com outra. Afonso Dalboquerque lhe perguntou a causa, que o movêra

pera lhe vir aconselhar que tomasse Goa. Timoja lhe disse, que as principaes cabeceiras dos gentios, que avia na terra, lhe tinham escrito, que a morte do Çabaió era certa, e que todos tinham muito contentamento disso polos muitos roubos, e tyrannias, que lhe tinha feito, e que o anno passado matára, e roubára mais de duzentos mercadores, e que por isso estava a terra toda amotinada, e em differença huns com outros; e que se eu quisesse tomar Goa, que fosse lá com toda a minha gente, e que elles se entregariam de boa vontade. Afonso Dalboquerque mandou chamar todos á sua náó, e deu-lhes conta de tudo isto que Timoja dissera, e pediu-lhes muito que se determinassem, porque hiam gastando o tempo sem fazerem nada, e mandou a Timoja que falasse primeiro, o qual disse, que ácerca das cousas de Goa não tinha que dizer, porque já dissera tudo o que passava, e que quanto a elle, que estava prestes com suas fustas pera o acompanhar por mar, e mandaria muita gente sua por terra; e que lhe certificava, que forgindo aquella armada no porto de Goa, que os governadores da cidade lhe aviam logo de mandar entregar as chaves da fortaleza sem nenhuma resistencia.

Acabado Timoja de dar seu parecer, os capitães praticaram no negocio; e depois de determinarem algumas differenças, que tiveram ácerca do entrar da barra, attentouse que se cometesse a cidade. Afonso Dalboquerque, com esta determinação disse a Timoja, que mandasse gente por terra, que fosse destruindo esses lugares, que avia ao longo do mar; e como seus desejos eram tomar-se Goa polo proveito, que disso esperava de ter, mandou por terra dous mil homens, e por capitão delles hum cunhado seu, e hum mouro, que

fora capitão do Çabaio, que se chamava Melique Çu-fecondal, o qual fugira de Goa com medo delle, e estava acolhido em sua casa; e estando a nossa armada furta, chegou a gente de Timoja por terra, e deram na fortaleza de Cintácora, que está na ribeira do mar sobre hum rio, por onde parte o reyno de Onor com o de Goa, na qual fortaleza estava hum alcaide com gente; e como viram a nossa armada, fugiram todos, e chegada a gente de Timoja, acháram a fortaleza despejada, e derrubáram parte della, e poferam fogo ás casafas, e recolhêram algumas bombardas de cepo, que os turcos ali tinham: e com este bom successo fez-se Afonso Dalboquerque á véla com toda a armada, e foi forgir na barra de Goa, hum bom espaço afastado della. Timoja indo ao longo da terra em huma fusta sua, tomou hum mouro, que andava ao longo da praia descalço, e vestido em trajos de Ermitão, e trouxe-o a Afonso Dalboquerque, o qual lhe perguntou que homem era, e que fazia ali, e que novas avia de Goa. O mouro lhe disse, que elle era hum prove jogue, que estava ali antre aquelles matos em huma casinha fervindo a Deos, e que as novas de Goa eram ser o Çabaio morto, e o filho estava polo fertão dentro; e que o capitão, que ao presente estava em ella, não tinha em sua companhia mais que cem Rumes, e que da terra avia muita gente, mas que estavam todos muito differentes com o capitão; e que avia tantas differenças dentro na cidade huns com os outros, que muitos rogavam a Deos que fossem os Frangues sobrella, e a tomassem; e que avia doze náos acabadas muito grandes da feição de Frol de la mar, e muitas fustas, e atalaias, e que estavam quatro náos carregadas de mercadoria, duas pera Adem, e duas pera

Ormuz; e que além destes Rumes, que estavam na fortaleza, eram fóra cento em paráos, e fustas a roubar pelo mar. Com esta enformação mandou Afonso Dalboquerque vir os capitães á sua náó, e disse-lhes, que elle duvidára sempre de cometer aquelle feito de Goa, porque desejava de entender o desenho, e forças dos imigos, e que pois estava daquella maneira, que todos diziam, que lhe parecia bem cometer-se; mas que por cima desta informação que tinham se devia de mandar sondar o rio primeiro, porque não queria temerariamente cometer aquelle negocio, e todos assentáram nisto, e que mandasse Timoja com suas atalaias diante.

## CAPITULO XX.

Como o grande Afonso Dalboquerque mandou D. Antonio de Noronha, e outros capitães sondar o rio: e como tomáram o castelo de Pangij, que está á entrada da barra, e do mais que passou.

PASSADO este conselho, ao outro dia pela menhaã, que foram vintoito do mes de fevereiro do anno de dez, mandou o grande Afonso Dalboquerque D. Antonio de Noronha com certos pilotos sondar a barra, e Timoja em sua companhia com duas atalaias, e acháram duas braças e meia de altura de baixamar, e tres de preamar. Dom Antonio como teve sondada a barra, tornou-se, e deu-lhe conta do que achára. O capitão da cidade como soube que os nossos andavam sondando a barra, arrecesso que lhe tomassem algum baluarte daquelles, que estavam da barra pera dentro,

mandou com muita diligencia provelos de gente de pé, e de cavallo, e artilharia grossa, e miuda; e porque o principal delles era a torre de Pangij, que defendia a entrada da barra, mandou ali hum capitão, e reforçala mais de tudo o que lhe era necessario. E posto que estava assentado de entrarem com toda a armada da barra pera dentro, não se podia Afonso Dalboquerque persuadir de meter as náos grandes em rio, que não era sabido dos seus pilotos: e com esta indeterminação em que estava, mandou chamar os capitães de noite á sua náó, e disse-lhes a dúvida que se lhe movêra, que seria bom conselho irem primeiro alguns bateis da barra pera dentro ver o que lá hia, e o fundo, que o rio tinha, por se não verem depois de estarem dentro com as náos grandes em algum perigo, que não podessem remediar. E porque a todos pareceo bem, disse Afonso Dalboquerque a D. Antonio de Noronha seu sobrinho, que se fizesse prestes pera ir por capitão deste negocio, e em sua companhia mandou Jeronymo Teixeira, Simão Martinz, João Nunez, Garcia de Soufa, e Jorge da Silveira nos seus bateis, e Simão Dandrade, e Diogo Fernandez de Béja nas duas galés, de que eram capitães, e Timoja com as suas fustas, e ao outro dia pela menhaã cedo abaláram todos juntos, e foram demandar a barra, e entráram pelo rio dentro direitos á fortaleza de Pangij, por estar pegada com a entrada da barra. Chegado D. Antonio de Noronha com os bateis, e galés; que levava, defronte da fortaleza, começaram-lhe os mouros a tirar com a artilharia que tinham; e como ella estava assentada alta, passavam os tiros por cima, e não fez nenhum nojo aos nossos bateis. Passada a furia dos tiros, pareceo a D. Antonio tempo disposto pera desembarcarem, e mandou aos

capitães, que mandassem remar rijo direito á fortaleza, e postas as proas em terra desembarcaffem; e como a artilharia tornou a desparar sem fazer nojo, desembarcáram todos com muita furia, e por força pelejando entráram a fortaleza pelas bombardeiras, e por cima do muro, e matáram muitos, assi de pé, como de cavallo, e feríram o capitão, que escapou polo não conhecerem, e a outra gente se poz em fogida pera a cidade. Os mouros, que estavam no baluarte da banda da terra firme, vendo o desbarato da fortaleza de Pangij, como não eram poderosos pera resistir, deixáram-no, e fogiram todos. D. Antonio com esta vitoria mandou a Timoja que fosse cometer o baluarte, que estava da outra banda, e em chegando, achou-o despejado, e recolheo a artilheria, e tudo o mais que nelle estava; e depois de recolhido todo o despojo, que ficou aos mouros em Pangij, que eram muitas lanças, espadas, adargas, frêchas, e dezoito peças de artilharia, mandou D. Antonio pôr fogo ás casas da fortaleza, e recolheo-se aos bateis, e foi-se pera as náos.

Chegado D. Antonio com esta vitoria não esperada, Afonso Dalboquerque recebeu a todos com grande gañalhado, e contentamento, louvando-lhe muito aquelle feito; e não sofrendo tardança, vendo a mercê que lhe Nosso Senhor fazia, tornou logo mandar D. Antonio, que entrasse o rio, e fosse dar vista á cidade com as galés, e bateis, com que viera; e porque se temia das fustas, que avia em Goa, mandou-o reforçar com alguns navios pequenos; e estando prestes pera partir, ao outro dia pela menhaã vieram dous mouros principais da cidade em hum paráo com recado do capitão, e povo de Goa pera o capitão geral, dizendo, que todos estariam á sua obediencia, e fariam tudo o que elle

mandasse, porque queriam antes ser vassallos del Rey de Portugal, que do Hidalcão, pelas muitas tyrannias, que lhe seu pai tinha feitas. Afonso Dalboquerque não lhe quiz responder logo, e mandou a D. Antonio que todavia fosse pelo rio dentro dar vista á cidade, e ver a maneira della, e seus muros, e fortaleza, e que se trabalhasse muito por ver alguns lugares, por onde se a cidade podesse melhor entrar. Partido D. Antonio, teve Afonso Dalboquerque os mouros comfigo todo aquelle dia; e como lhe pareceo que D. Antonio podia estar já diante da cidade, respondeu-lhe, que dissessem ao capitão de Goa, que elle era capitão geral da India por El Rey de Portugal D. Manuel seu senhor; e se elles quizessem estar á sua obediencia, e darem-lhe a fortaleza de Goa, como diziam, e entregar-lhe todos os rumes, e turcos, que na cidade estavam, porque eram seus capitaes inimigos, que elle em nome del Rey seu senhor lhes segurava as vidas, e lhes faria muito bom tratamento, como lhe sua Alteza em seu regimento mandava. Partidos os mouros com esta reposta, vendo Afonso Dalboquerque que os da cidade estavam rendidos, como capitão prudente, entendendo a vitoria, que tinha na mão, sem mais esperar recado de D. Antonio, fez prestes todos os bateis, e navios pequenos, e parãos das náos de Cananor, que lhe ficáram, e abalou logo apos os mouros com toda esta frota, deixando as náos grandes fóra da barra, porque aviam mister mais vagar pera as meter dentro, e aquelle dia chegou diante da cidade, onde já achou D. Antonio de Noronha furto defronte da fortaleza. O capitão, e governadores della espantados deste tomulto de bateis, e gente armada, mandáram logo quatro mouros principaes a pedir seguro pera tratarem de concerto.

Afonso Dalboquerque lhes respondeo, que era contente de lho dar, com as condições, que lhe já tinha mandado dizer. Os mouros tornáram logo com reposta, dizendo, que elles aceitavam o seguro que lhe dava; e pois todos eram contentes de lhe entregar aquella cidade, que lhe pediam por mercê lho désse tambem pera alguns rumes, e túrcos, que ali estavam, que eram estrangeiros, e não parecia rezão, nem lei de homens entregarem-nos. Afonso Dalboquerque não se quiz determinar nisto só, e mandou chamar os capitães, e disse-lhes o que o capitão, e governadores da cidade cometiam; e assentáram todos, que não lhe entregando os rumes, e os turcos que ouvesse, que lhe não guardasse o seguro, e ao outro dia pela menhaã se désse combate á cidade. Os mouros foram com este recado, e passou-se grande parte da noite sem lhe darem reposta; e estando Afonso Dalboquerque neste pensamento, cuidando em si a causa desta dilação, veio hum gentio parente de Timoja de noite, e disse-lhe, que o capitão da cidade era fugido, e que o fizera por lhe não entregar os rumes, nem os turcos, e deixára a fortaleza despejada de todo, e que a gente da cidade não fazia senão roubar tudo o que achava. Afonso Dalboquerque posto que desejasse muito de aver os turcos, e rumes, contentou-se de aver a cidade sem trabalho, e perigo da sua gente, e mandou Garcia de Sousa, e Dom Jeronymo de Lima, que se fossem nos seus bateis pôr defronte da porta da fortaleza, e ali estivessem vigiando até pela menhaã, que nenhum mouro sahisse pela porta fóra, nem entrasse pera dentro.

*Do sitio, e fundação da cidade de Goa.*

O REYNO de Goa foi antigamente de gentios, e era tributario ao rey de Narsinga; e quando Afonso Dalboquerque o ganhou, averia setenta annos que era izento, e não lhe obedecia; e a principal cabeça deste reyno era a cidade de Goa, que está situada em huma ilha, a que os gentios chamão Tiçuarij, rodeada toda de esteiros de agoa salgada, e de ilhas, e em alguns paços principaes desta ilha tinham torres feitas pera defenderem a passagem aos mouros da terra firme; e porque o passo de Gondali era tão baixo, que de baixamar podiam passar a váo, ordenáram que todos aquelles, que morressem por justiça, e assi alguns mouros, que fossem tomados na guerra, se lançassem nelle, pera que os lagartos, que ha naquelles esteiros, viessem ali buscar esta carniça, os quaes eram tantos, e tão acostumados acodirem a este cevo, que os mouros por esta causa não ousavam de passar o váo; e com este artificio, e com as mais torres, que tinham derredor da ilha, vivêram muitos annos sem os mouros poderem entrar com elles; e a primeira povoação, que nesta ilha de Tiçuarij ouve, foi Goa a velha, e segundo seus edificios parece [que foi couza grande: e a rezão, por que os primeiros fundadores fizeram ali seu assento, e não onde agora está a cidade de Goa a nova, (lhe podemos chamar,) dado caço que o porto, e o rio fosse muito melhor, foi pela barra ser de pouco fundo, e não poderem entrar por ella náos, nem navios; e por curso de tempo as agoas, que vem da ferra do Gate, que no inverno correm com grande furia pera o mar, foram pouco, e pouco abrindo esta barra de maneira, que ficou em

altura, que podiam entrar por ella náos, e navios. Vendo os moradores de Goa a velha, que este rio, e porto era melhor, e a barra tinha fundo, que por ella podiam entrar náos, e navios sem perigo, deixáram a povoação de Goa a velha, e vieram fundar esta povoação, onde agora está a nossa fortaleza, e fizeram ali huma cidade mui grande; e por serem homens de mar, e soffrerem mais os trabalhos, que todas as outras nações, começaram logo fazer náos grandes, e navegáram por todas as partes da India: eram valentes homens, e bons frécheiros, e nisto faziam muita ventagem a todos os seus vizinhos. Foi sempre Goa em tempo dos gentios nomeada por cousa muito principal naquellas partes, e avia nella muita gente de pé, e de cavalo, e por isso se defendêram muitos annos contra o poder do rey de Daquem. Tinham os gentios nella templos muito honrados, e mui bem lavrados, onde viviam huns homens como religiosos, a que chamam Bramenes, que guardam ali suas gentilidades. Tinham por costume, que se algum gentio morria, a mulher se avia de queimar por sua vontade; e quando hia a este sacrificio, era com grandes festas, e tangeres, dizendo que queria ir acompanhar seu marido ao outro mundo; e a que isto não fazia, era lançada dantre as outras, e ficava ganhando por seu corpo pera as obras do pagode, de que era freguez; e como Afonso Dalboquerque tomou o reyno de Goa, não consentio que dali por diante se queimasse mais nenhuma mulher; e posto que mudar costume seja parelha de morte, todavia ellas folgáram com a vida, e diziam grandes bens delle, por lhe mandar que se não queimassem. Por este porto de Goa foi sempre a passagem principal pera o reyno de Narsinga, e de Daquem, e por esta causa avia nelle muitas

mercadorias, e vinham grandes cafilas de mercadores do fertão buscalas, e traziam outras; e deste commercio, que tinham huns com os outros, vieram os moradores de Goa a fer tão prosperos, que diziam que fó ella naquelle tempo rendia duzentos mil pardaos. Antre este reyno de Goa, e do Daquem, pela banda do fertão, vai huma ferra mui alta, e mui grande, que se chama Ogate, que divide estes dous reynos hum do outro, a qual ferra tinha certos passos, por onde se entrava, nos quaes os gentios tinham suas torres com gente pera sua defensão.

E posto que ao sobir desta ferra seja muito fragosa, tanto que estam em cima, dali por diante toda a terra he chãa, e muito povoada de lugares mui grandes, de maneira, que esta ferra fica sobre Goa, e sobre o mar, como hum eirado. Não dou rezão aqui desta terra, porque minha tenção he não tratar senão como o grande Afonso Dalboquerque a ganhou aos mouros, e não de como se elles fizeram senhores della. E avendo muitos annos que os mouros tinham ganhado o reyno de Daquem ao rey de Narsinga, e eram senhores delle, posto que com os gentios de Goa tivesssem sempre guerra, nunca os puderam senhorear, até que o Çabaio veio ser senhor de Daquem, e este continuando a guerra com elles, foi muitas vezes desbaratado, e outras muitas vencedor: finalmente avidos os paços da ferra por treição, veio com grande poder de gente sobre a ilha de Goa, e esteve sobrella tanto tempo, até que a entrou; e tomada a cidade toda, a outra parte do reyno ganhou sem trabalho, e ficou ella cabeça principal de ambos os reynos; e vendo o Çabaio velho o sitio de Goa ser muito bom, e de boas agoas, e a ilha em si muito fertil, e graciosa, determinou de fazer seu assento nella, e

tudo o mais de seu reyno deixar por amor de Goa, e fez logo huns paços mui grandes, e bem lavrados; e depois de se ver ali assentado de affossego, ficou tão contente do porto, e do rio, e da despozição, que tinha pera se fazer nelle grandes armadas, que praticava muitas vezes com effes seus privados, que pois a fortuna lhe dera Goa, que esperava de ganhar dali o reyno de Cambaya, e destruir todo o Malabar, porque estes foram sempre os maiores contrarios que elle teve; e quando Afonso Dalboquerque ganhou Goa, averia quarenta annos, pouco mais, ou meños, que o Çabaio a tinha ganhado aos gentios. Como se soube por todas aquellas partes, que o Çabaio era senhor do reyno de Goa, pela muita fama, que dos tempos passados tinha, trabalháram todos de o terem por amigo, e o Xequé Ismael, e o grão Soldão do Cairo, e o rey de Adem lhe mandáram logo seus embaixadores, procurando muito sua amizade; e porque elle dava aos estrangeiros maior soldo, que nenhum rey da India, acudíram logo a Goa muitos rumes, turcos, arabios, e persas, e com esta gente tomou muitos lugares ao rey de Narsinga, e se fez grande senhor no reyno de Daquem. E depois dos portuguezes serem entrados na India, os Malabares, que eram os maiores imigos, que o Çabaio tinha, se confederáram com elle, e o fizeram seu capitão geral, e lhe offerecêram muito dinheiro, e gente, e toda a outra mais ajuda, que lhe fosse necessaria contra nós; e pera esta empresa tinha o Çabaio feito huma armada mui grossa de náos, navios, e galés no rio de Goa, a qual se estava acabando, quando o grande Afonso Dalboquerque entrou a cidade. Nesta costa do reyno de Goa ha outros portos, nos quaes, antes que fosse tomada dos portuguezes, avia náos, e mercadores,

que agora não ha com medo das nossas armadas; e tambem porque Afonso Dalboquerque não consentia que ouvesse nenhum trato por toda aquella costa, senão em Goa.

## CAPITULO XXI.

Como os governadores da cidade de Goa entregaram as chaves della ao grande Afonso Dalboquerque: e do despojo que se nella achou, e o mais que passou.

**P**ARTIDOS D. Jeronymo, e Garcia de Sousa pera vigiarem a fortaleza, (como atrás tenho dito,) esteve o grande Afonso Dalboquerque queto toda a noite esperando que amanhecesse, e avistou os capitães do que aviam de fazer, se ouvesse resistencia na entrada da cidade; e começando amanhecer, mandou-lhes fazer o final que lhe tinha dado. Os capitães como o ouviram, levaram suas amarras, e vieram-se com toda a gente, (que seriam mil homens portuguezes, e duzentos Malabares,) ter á galé, onde Afonso Dalboquerque estava, e dali partiram, e chegando á cidade era já menhaã clara, e por não acharem nenhuma resistencia, entraram pelas portas com huma cruz diante de si: e aqui se assentou o grande Afonso Dalboquerque em joelhos, e chorando muitas lagrimas, deu graças a Nosso Senhor por aquella mercê que lhe fizera, em lhe dar huma cidade tamanha, e tão poderosa, sem trabalho, nem morte de ninguem: a qual Cruz levava hum frade de S. Domingos, e apos ella hia a bandeira real, que era de setim branco, com huma cruz de Christus no meio, e nesta ordem foram até á porta do

castelo, onde o estavam esperando os mouros principais da cidade, e governadores della; e lançados aos seus pés, lhe entregaram as chaves da fortaleza, e pediram-lhe muito por mercê, que lhes guardasse o feguro que lhes tinha dado. Como Afonso Dalboquerque entrou dentro na fortaleza, porque o vinha seguindo muita gente da cidade, mandou a Dom Antonio de Noronha que ficasse com cincoenta homens á porta, e não deixasse entrar nenhum mouro dentro. Os gentios, que estavam dentro, vieram-se a elle com suas cortesias, como he seu costume, e disseram-lhe, que elles queriam ser vassallos delRey de Portugal, e estar á sua obediencia: e elle os recebeo com muito amor, e gaalhado, e mandou apregoar sob pena de morte, que nenhuma pessoa tocasse em nenhuma cousa dos mouros, e gentios, que estavam em Goa, mas que os tratassem como vassallos delRey de Portugal seu senhor. Acabado isto, andou vendo a fortaleza, e os paços do Çabaio, que eram todos lavrados de Macenaria, com jardins, e poços de agoa dentro: e dali foi ter a humas tercenas grandes, onde achou muitos mantimentos, muita polvora, e muitos materiaes pera a fazer, e muitas armas de gente de pé, e de cavallo, e muita quantidade de mercadorias, e em humas estrebarias grandes cento e sessenta cavalos, e em diversas partes da cidade se tomáram quarenta bombardas grossas, e cincoenta e cinco falcões, e doutra artelharia miuda grande quantidade, e outras muitas cousas, que deixo de escrever, por não enfadar quem o ler. Na ribeira estavam quarenta náos varadas antre grandes, e pequenas, e dezaseis fustas, e muita enxarcia, pregadura, e tudo o mais que era necessario pera ellas: e ali achou Afonso Dalboquerque todas as mulheres, e filhos dos

turcos, e Rumes, que não puderam levar com a pressa que tiveram em fugir com Milique Çufegurgij; o qual chegado ao paço do Gondali pera passar a terra firme, foi tão grande a pressa, que muitos se afogaram no rio, e outros perdêram os cavalos, e muito fato, que levavam, por não terem em que passar, senão páos atravessados huns nos outros. Afonso Dalboquerque como teve recolhido as mulheres, e os filhos dos turcos, mandou-os pôr a bom recado, e guardar; e na segunda tomada desta cidade as fez christans, e casou com portuguezes, como adiante se dirá.

Estando já o grande Afonso Dalboquerque empellido da cidade, mandou chamar os capitães das náos de Cananor, e deo-lhe licença que se fossem, e fez-lhe mercê de parte dos despojos, que se ali tomáram. Elles partidos, chamou Timoja, e disse-lhe, que elle era certificado, que no castelo de Banda, e noutros ali derredor, avia ainda alguns turcos; e porque sua determinação era não ficar em todo o reyno de Goa nenhuma semente destes, queria mandar destruir aquelles castelos, e trazelos todos á espada; que lhe rogava muito quisesse mandar seu cunhado com algumas fustas mostrar as entradas dos rios aos nossos, porque as não sabiam. Timoja lhe disse, que lhe parecia bem mandar lançar todos os turcos fóra da ilha de Goa, e daquelles lugares ao redor, porque em quanto ali estivessem, lhe aviam de dar muito trabalho, e que elle faria prestes seu cunhado com as fustas, que fossem necessario pera aquelle effeito. Assentado isto, mandou Afonso Dalboquerque a D. Antonio de Noronha seu sobrinho, que fizesse prestes a não Sancta Clara, e o Cirne, Flor de la mar, e Flor da Rosa, que ficáram fóra da barra, (como tenho dito,) e tres galés, e fosse

correr todos aquelles lugares, e os destruiſſe, e não déſſe vida a nenhum turco, nem mouro que achafſe. D. Antonio fe partio, e foi demandar a fortaleza de Banda; e como a armada foi furta, meteo-fe em as galés, e nos bateis das náos, e entrou pelo rio dentro, levando diante de ſi o cunhado de Timoja com tres fuſtas. Os gentios da terra como viram a noſſa armada, polo grande odio, que tinham aos turcos, levantáram-fe todos contra elles, os quaes atemorizados da noſſa gente, deixáram a fortaleza, e fugíram polo fertão dentro, de modo que quando D. Antonio de Noronha chegou, eſtavam já os gentios em poſſe della, e o ſeu capitão veio logo ter com D. Antonio, e fez-lhe menagem da fortaleza, prometendo de eſtar á obediencia delRey de Portugal. Como a nova correo pela coſta, que Banda era tomada, os turcos, que eſtavam na fortaleza de Condal, (temendo-fe dos gentios, que andavam alvoroçados com o favor, que tinham da noſſa armada,) deixáram-na, e fugíram pelo rio acima. Sabido na terra que os turcos eram fugidos, veio-fe hum capitão gentio, homem principal, com muita gente meter nella, e mandou a obediencia a Afonso Dalboquerque, avendo-fe por vaſſallo delRey de Portugal, e D. Antonio tornou-fe pera Goa, e entrou pelo rio dentro com as náos grandes, e deo conta a ſeu tio do que paſſára, e como queimára quatro navios, que os rumes tinham dentro no rio de Banda.

## CAPITULO XXII.

Como o grande Afonso Dalboquerque começou a fazer a fortaleza de Goa: e o que passou com os capitães, e com Timoja.

**D**EPOIS do grande Afonso Dalboquerque estar bem informado das coufas de Goa, entendeu logo em a fortificação da cidade, com determinação de a foster, e fazer-se forte nella, pola ter por ajudadora de seus trabalhos, e começou logo em a cava, e muros, com muita gente da terra, que trázia na obra, e os capitães com a sua gente tinham suas horas de trabalho, segundo lhe vinha por gyro, e hia-se allí fortificando com muita pressa polo receio, que tinha do Hidalcão vir sobrelle, e ali estava todo dia, e dormia de noite vestido sobre hum catre, e dentro na fortaleza mandou fundar humas terecenas muito grandes pera se em ellas recolher cada anno muita somma de trigo, e de arroz, pera se dali proverem todas as outras fortalezas, e armadas da India, fazendo fundamento, que ali acudiriam todos os negocios della, segundo o que via em a disposição, e sitio da cidade. Posto isto tudo em ordem, mandou chamar Timoja pera entender no assento da terra, e disse-lhe, que pois ElRey de Portugal era senhor da terra, que não era rezão ter elle menos nella que os outros senhores passados; que devia de mandar ajuntar todos os gentios, e notificar-lhes, que dali por diante aviam de pagar a ElRey seu senhor, das possessões que tinham, o tributo, que antigamente costumavam a pagar ao rey, e senhor de Goa. Timoja lhe disse, que elle os mandaria chamar, e lho notificaria: e

com tudo isto não ficou contente de vêr que Afonso Dalboquerque determinava de foster Goa, porque avia dias que secretamente lhe requeria que lha désse, e as terras della, e que elle pagaria certa coufa em cada hum anno de renda por ellas, e as fosteria, e defenderia á sua custa; e Afonso Dalboquerque lhe andou sempre dilatando a reposta deste seu requerimento, sem dar conta aos capitães pela necessidade que tinha da sua gente pera o trabalho da obra; mas como Timoja vio que Afonso Dalboquerque lhe não respondia, determinou de dar conta disso a alguns capitães polos ter de sua parte; e elles, como gente enfadada da guerra, e do trabalho, deram-lhe a entender que era muito serviço delRey largar-lhe Afonso Dalboquerque Goa. Timoja como teve da sua parte estes capitães, com que falou, começou ápertar mais com Afonso Dalboquerque que lhe respondesse; e porque este negocio andava já roto antrelles, mandou-os dissimuladamente chamar, e disse-lhes, que elles sabiam bem que avia muito tempo, que Timoja andava no serviço delRey de Portugal, e particularmente o que lhe tinha feito na tomada daquella cidade, e quanta rezão era fazer-lhe mercê; porque além de ser coufa muito obrigatoria pagarem-lhe seu serviço, tambem seria exemplo pera outros muitos virem servir a ElRey, que lhe aconselhassem o que nisso faria. Os capitães quasi todos foram de parecer, que lhe désse Goa, dando por rezão que Timoja era senhor de muita gente, e que a podia foster, e defender aos turcos; e que além disto daria vinte mil pardaos cada anno de tributo, e que dando isto, seria mais serviço delRey dar-lha, que fostela. Vendo Afonso Dalboquerque o intento dos capitães, respondeo-lhes, que se espantava muito delles parecer-

lhe rezão dar huma cidade tão nobre, como era Goa, e tão importante ao serviço delRey de Portugal, a Timoja, por nenhum preço que por ella désse, senão segurala com huma boa fortaleza, porque nella avia o governador da India de fazer seu assento principal, nem lhe avia de arrendar as rendas, sem primeiro saber o que era, e entender seu modo de governo; e entendido, faria o que lhe parecesse mais serviço delRey: e que quanto o que diziam que Timoja tinha poder pera defender Goa dos turcos, que disso se espantava muito mais cuidarem elles que avia Timoja de ser poderoso pera defender Goa a hum capitão do Haldcão, que sobre ella viesse, quanto mais a turcos; e que a satisfação de seus serviços avia de ser como a espia, que fizera bem o que lhe mandára seu capitão, ou como vassalo, que servira lealmente seu senhor, e não como homem, em que estivera a salvação de todos; e que se lembrassem dos serviços do rey de Cochim, o qual não tinha mais delRey D. Manuel que quinhentos cruzados cada anno, de que estava muito contente.

Os capitães ficaram tão envergonhados desta prática, que Afonso Dalboquerque teve com elles, que não ouzaram de lhe reprimir nada; e acabado este conselho, mandou chamar Timoja, e disse-lhe, que elle desejava sempre de lhe fazer mercê em nome delRey D. Manuel seu senhor polos muitos serviços, que lhe tinha feito naquellas partes; e por não aver cousa ao presente, que lhe pudesse dar, lhe fazia mercê em seu nome de tudo aquillo, que rendiam as terras de Mergueu, pago na feitoria de Goa, e que o fazia aguazil mór, e capitão de toda a gente da terra: que lhe pedia muito que se quisesse contentar com isto que lhe dava, porque o tempo não estava pera o poder satisfazer

doutra maneira; e que quanto era ao seu requerimento, que lhe não podia responder sem no primeiro escrever a ElRey D. Manuel, e que faria nisso o que Sua Alteza lhe mandasse. Timoja não ficou contente desta resposta, porque sempre teve esperança de lhe Afonso Dalboquerque dar Goa pela palavra, que tinha dos capitães, e com tudo aceitou a mercê que lhe fez, e foi-se para sua casa muito rico, porque á entrada do castelo lhe deu duas casas, sem saber o que lhe dava, em que estava muita somma de mercadorias, e dous zambucos, que levou carregados dellas. Partido Timoja, dali a tres dias vieram alguns gentios dizer a Afonso Dalboquerque, que estava na terra de Salfete, e que como chegára, todo o gentio se fora para elle, e que estavam em determinação, se se elle fosse, de se irem todos, e deixarem a terra. Afonso Dalboquerque como entendeu que eram manhas de Timoja, dissimulou com os gentios, e fez que os não entendia. Vendo Timoja que Afonso Dalboquerque não respondêra ao requerimento dos gentios, mandou-lhe dizer por hum Naique seu capitão, que elle sempre desejava de servir a ElRey de Portugal, e que por esta razão, depois de ser partido, lhe lembrára que o deixára em Goa, sem ter quem lhe dissesse os costumes da terra: que elle se queria tornar a servir ElRey, e fazer tudo quanto lhe mandasse. Afonso Dalboquerque, posto que o hia conhecendo por roim, e manhoso, vendo que desistia do seu requerimento, aceitou sua vinda, e tornou-o a recolher para com elle assentar as cousas de Goa. Timoja com este recado veio-se logo, e Afonso Dalboquerque mandou a todos os principaes dos gentios, e mouros, que se ajuntassem, e o fossem receber, os quaes o trouxeram com muitas trombetas, e tangeres ao seu modo;

e depois de lhe fazerem sua cortesia, fegundo o costume da terra, disse-lhes Afonso Dalboquerque, que elle fazia Timoja aguazil mór do reyno de Goa em nome delRey de Portugal, e lhe dava todo o poder de justiça sobre os gentios, e mouros, e que pudesse prover todas as cousas da terra, e tudo o que elle mandasse fosse feito, e meteo-lhe hum terçado nú guarnecido de prata na mão, e hum annel, porque era costume da terra darem isto a quem avia de governar. Os gentios ficáram muito contentes desta mercê, e honra, que lhes Afonso Dalboquerque fizera, e leváram Timoja em hum andor por toda a cidade com muitas festas, e tangeres. Passado isto, arrendou-lhe Afonso Dalboquerque as terras de Goa, tirando a ilha, por cem mil cruzados, e que elle pagasse toda a gente, que fosse necessaria pera defenſa della; e assentadas todas estas cousas, ficáram muito amigos, e dali por diante começou Timoja a servir seu officio.

### CAPITULO XXIII.

Como os embaixadores do Xequé Ismael, e do rey de Ormuz, que estavam em Goa, mandáram dizer ao grande Afonso Dalboquerque, que lhe queriam falar: e o que passou com elles, e como mandou Ruy Gomes ao Xequé Ismael.

**A**o tempo que o grande Afonso Dalboquerque entrou a cidade de Goa, avia poucos dias que eram ali chegados dous embaixadores, hum do Xequé Ismael, e outro do rey de Ormuz, cada hum per si com sua embaixada, e seu presente de cavalos, pannos de seda, e

ouro pera o Çabaio; e polo acharem morto, depois da cidade fer entrada, posto que a tenção do embaixador do Xequé Ismael era passar ao Hidalcão, filho do Çabaio, (como lhe feu senhor tinha mandado,) todavia como era homem discreto, e entendido, dissimulou, e mandou pedir a Afonso Dalboquerque que o quisesse ouvir; e como teve licença sua, veio perante elle, e offereceo-lhe o presente que trazia, e disselhe, que o Xequé Ismael feu senhor, pelas coufas; que ouvia da India, desejava de ter estreita amizade com ElRey de Portugal; e como foubra que sua senhoria tinha ganhado o reyno de Ormuz, o mandára visitar com hum presente de cavalos, peças de prata, e outras joias, e chegando o embaixador a Ormuz, o achára já partido pera a India, e a causa principal de sua visitação era desejar de ter conhecimento, e prestança com sua senhoria; e que se o rey de Ormuz não quisesse estar á sua obediencia, que elle mandaria hum grosso exercito sobrelle pera lho entregar; porque gente de cavallo, e de pé lhe certificava, que teria quanto quisesse, e que isto, e outras muitas coufas trazia o embaixador pera lhe dizer. Afonso Dalboquerque lhe disse, que as coufas de Ormuz elle as tinha por acabadas, e que não tardaria muito tempo que lá não fosse, e que dali determinava de entrar o mar Roxo; e pois o Xequé Ismael tinha sempre guerra com o turco, e com o grão Soldão do Cairo, que lhe era muito necessário ter amizade com ElRey de Portugal feu senhor; porque além de senhorear os mares da India, tambem as suas armadas corriam o mar de levante, e que de huma parte, e da outra fazia a guerra ao turco, e ao grão Soldão; e querendo o Xequé Ismael confirmar esta amizade com ElRey feu senhor, e mandar-lhe seus embaixadores, e

feus arraiaes sobre a casa de Méca, não teria dúvida perderem o turco, e o grão Soldão feus estados, porque ElRey de Portugal era muito poderoso pelo mar, e podia ajudar com grossas armadas; e que avia dias, que elle desejava de lhe mandar hum embaixador, e offerecer-lhe o estado da India em nome delRey seu senhor, e por ter muitos negocios o deixára de fazer, mas que agora o mandaria em sua companhia. O embaixador lhe começou a falar nas grandezas do Xeque Ismael, e que era hum principe muito grandioso, adquiridor de fama, e deseioso de estender seu nome por todas as terras do mundo; e correndo a prática, cometeo-lhe duas coufas: a primeira, que fizesse com os mouros de Goa, que recebessem sua lei, e rezassem por o seu livro nas suas mesquitas: a segunda mandasse, que corresse a moeda do Xeque Ismael em Goa. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que quando os mouros lhe entregáram Goa, lhes dera seguro real em nome delRey de Portugal pera viverem em sua liberdade; e fazendo-lhes agora força em qualquer coufa, por pequena que fosse, era ir contra o seguro, que lhes tinha dado, que se não costumava antre os principes Christãos; e que quanto era a correr a moeda do Xeque Ismael em Goa, que se espantava muito delle cometer-lhe tal coufa, porque os reys estimavam muito suas insignias reaes, que era viverem seus povos, e vassallos debaixo da obediencia de suas leis, e receberem sua moeda, e correr em seus reynos naquella valia, que lhes elles punham, e que se não soffria hum rey consentir ao outro lavrar moeda em sua terra. O embaixador lhe respondeo, que elle viera a Goa com huma embaixada dirigida ao Çabaio, e trazia aquellas coufas em sua instrucção pera lhe falar nellas, e polo

achar morto, e sua senhoria em posse do reyno de Goa, que não fazia o que não devia, em lhe dizer o que o Xequo seu senhor mandava, pois era seu embaixador; e que se nisto tinha errado, que lhe pedia por mercê lhe perdoasse, porque a obrigação dos embaixadores era guardar suas instrucções, e a sua, fazer o que comprisse ao serviço do seu rey; e acabada esta prática, pedio-lhe o embaixador que o despachasse, porque se queria partir. Afonso Dalboquerque lhe disse, que se não agastasse, porque queria fazer prestes hum messageiro, pera mandar em sua companhia ao Xequo Ismael. Recolhido o embaixador pera sua casa, mandou Afonso Dalboquerque chamar o do rey de Ormuz, e perguntou lhe a que vinha, e que recado era o que trazia pera o Çabaio. O embaixador lhe disse, que Cogear o despachára, e que a principal coufa a que vinha era offerecer todo o estado do rey de Ormuz ao Çabaio, pedindo-lhe favor, e ajuda contra os portuguezes; e falando-lhe nas coufas passadas de Ormuz, lhe disse, que se não escandalizasse de Cogear, porque os capitães foram causa de todas as differenças, que entre ambos ouvera.

Passada esta prática, que Afonso Dalboquerque teve com os embaixadores, entendeu logo em despachar Ruy Gomez, criado delRey D. Manuel, (o qual fora degradado destes reynos de Portugal pera a India na armada do marichal,) pera o mandar ao Xequo Ismael, em companhia do seu embaixador, e por elle lhe escreveo huma carta, e outra ao rey de Ormuz, que ao diante vão escritas, e deo-lhe huma instrucção do que avia de dizer ao Xequo Ismael da sua parte, o qual Ruy Gomez levava em sua companhia hum lingoa, e hum criado seu. Como Afonso Dalboquerque o teve

despachado, mandou chamar o embaixador do Xequé Ismael, e fez-lhe mercê em nome delRey, e despedio-os que se fossen, os quaes se embarcaram em duas náos, de que era capitão, e feitor Cogeamir, hum mouro honrado de Cananor, que achou em Goa, o qual os rumes cativaram, vindo elle em huma não sua de Ormuz com cavalos, dizendo, que quem o mandava navegar o mar da India com seguro delRey de Portugal, e não do grão Soldão; e por elle escreveu Afonso Dalboquerque huma carta a Cogear, em que lhe dizia, que se quisesse tornar á obediência delRey de Portugal seu senhor, e pagar-lhe o tributo, que com elle tinha assentado, que as cousas passadas fossem esquecidas; e que lhe pedia muito que aquelle embaixador do Xequé Ismael não pagasse nenhum direito das suas mercadorias, e que a Ruy Gomez, que elle mandava por embaixador, dêsse encavaladuras, e dinheiro, e tudo o que elle, e os seus ouvessem mister; e que lhe pedia que o retorno das mercadorias, que Cogeamir levava, que eram delRey seu senhor, lhe mandasse em cavallos, e que as náos, que viessem de Ormuz pera Goa, trouxessem certidão sua, e todas viessem a Goa, porque não vindo a ella, as não avia por seguras.

CARTA, QUE O GRANDE AFONSO DALBOQUERQUE ESCREVEO  
POR RUY GOMEZ AO XEQUE ISMAEL.

*M*uito grande, e poderoso senhor antre os mouros Xequé Ismael: Afonso Dalboquerque capitão geral, e governador da India, polo muito alto, e muito poderoso ElRey D. Manuel, rey de Portugal, e dos Algarves daquém, e dalém mar, em Africa senhor de Guiné, e da conquista, navegação, commercio

de Thiopia, Arabea, Persia, e da India, e do reyno, e senhorio de Ormuz, e do reyno, e senhorio de Goa: vos faço saber, como ganhando eu a cidade, e reyno de Goa, achei nella vosso embaixador, ao qual fiz muita honra, e tratei como a embaixador de tão grande rey, e senhor, e olhei todas suas cousas, como se elle fora enviado a estas partes pera ElRey de Portugal; e porque eu sei certo, que ElRey D. Manuel meu senhor folgará de ter conhecimento, amizade, e prática comvosco, vos envio este messageiro, ao qual dareis credito a todas as cousas, que da minha parte vos disser, porque he cavaleiro criado delRey meu senhor, homem ensinado na guerra, criado nas armas de nosso costume, e de todas as cousas dos reynos de Portugal vos saberá dar muito boa razão. Bem sabeis como ganhei a cidade, e reyno de Ormuz por mandado delRey meu senhor, e dali me trabalhei por ter conhecimento de vosso estado, poder, e mando, e vos quisera mandar messageiros, se as cousas de Ormuz se não danárão, as quaes espero em Deos, que cedo tornarão assentar, porque espero de ir lá em pessoa, e dali trabalharei de me ver comvosco na ribeira do mar, e portos de vossos reynos; porque o poder, que trago delRey meu senhor de náos, e gente no mar, he pera destruir, e lançar fóra as náos do Soldão, que entram na India, e quizerem nella tomar assento, o qual feito com ajuda de Deos, temos acabado, porque o seu capitão Mirocem, e a sua armada foi desbaratada em Diu, e tomáram-lhe todas as suas náos, e artilharia, e matáram-lhe toda a sua gente, e agora as desbaratei, e ganhei a cidade de Goa, e toda sua armada, e os lancei fóra della, como vos dirá vosso embaixador; e porque eu tenho sabido que elle he vosso imigo, e vos

faz a guerra, vos mando esta nova, e vos offereço contra elle minha pessoa, e armada, e gente delRey meu senhor pera o ajudar a destruir, e ferei contra elle cada vez que me requererdes pera isso. E querendo vós destruir o Soldão por terra, podereis ter delRey meu senhor grande ajuda de armada por mar, e creio que com pouco trabalho senhareis a cidade do Cairo, e todo seu reyno, e senhorio, e assi vos póde ElRey meu senhor dar grande ajuda por mar contra o turco, e suas armadas por mar; e vós com vosso grande poder, e gente de cavallo por terra, trabalhosamente se poderá defender. E na India tem grandes armadas, com que vos póde ajudar. Assi que a amizade, e prestança de hum tão grande rey, como he ElRey meu senhor por mar, e por terra, deveis de querer aver, e deveis-lhe de mandar vossos embaixadores, porque folgará muito de ver quem lhe saiba dar razão de vossos reynos, e senhorios. E se Deos ordenar que este comercio, e amizade se faça, vinde vós com vosso poder sobre a cidade do Cairo, e terras do grão Soldão, que confinam comvosco, e ElRey meu senhor passará em Jerusalem, e lhe ganhará toda a terra daquella banda: e pera certeza do que niisto esperais de fazer, convem mandardes vossos messageiros, e por elles averdes resposta delRey meu senhor, e entretanto seja eu avisado do que quereis que faça, ou em que parte póde a armada delRey meu senhor andar, que mais dano faça ao Soldão em vosso serviço.

*Instrucção, que o grande Afonso Dalboquerque deo a  
Ruy Gomez do que avia de dizer  
ao Xequé Ismael*

» **P**RIMEIRAMENTE vossa ida será por qualquer modo,  
» e maneira que vós bem puderdes, direito onde  
» estiver o Xequé Ismael; e em chegando a elle, lhe  
» fareis aquella reverencia, que a hum tão grande rey,  
» e principe he devida.

» Chegando a Ormuz, requerereis a Cogeatar, que  
» vos mande dar as encavalgadas, que vos forem ne-  
» cessarias, e lhe requerereis que vos dê tudo o que  
» for necessario pera vossa despeza, e despacho de vossa  
» viagem, como por minhas cartas lhe tenho escrito.

» Em vosso caminho, que assi fizerdes, estareis sem-  
» pre á ordenança, conselho, e determinação do embai-  
» xador do Xequé Ismael, que em vossa companhia vai,  
» nem vos apartareis nunca d'elle a ir ver cidades, pra-  
» ças, lugares, ruas, festas, e jogos, nem fareis outro  
» caminho, senão o que elle fizer, e tudo por sua orde-  
» nança, porque bem sabeis como os mouros desejão  
» de nos fazerem todo o danno que podem.

» Direis ao Xequé Ismael da minha parte, que eu o  
» mando visitar pela grandeza de sua fama, senhorio, e  
» esforço, e pelas bondades, e grandezas de sua pessoa,  
» e tambem porque ágafalha os christãos, e os favorece,  
» e honra.

» Lhe direis como ElRey meu senhor folgará de ter  
» conhecimento, e amizade com elle, e que o ajudará  
» contra a guerra do Soldão; e que eu em seu nome, e  
» da sua parte lhe offereço a armada, e gentes, e arti-  
» lharia que trago, e as fortalezas, lugares, e senhorios,

» que tem na India, e esta mesma ajuda lhe dará contra o turco.

» Lhe direis que vindo elle sobre a casa de Méca, e querendo-a ganhar, que eu entrarei o mar Roxo, e irei ao porto de Judá com minha armada, e allí o farei, querendo elle vir sobre a terra de Arabia, e Adem, e sobre o mar da costa de Arabia, Baharem, e Catife, e a cidade de Baçora, e correrei toda a ribeira do mar da Persia, onde me poderei ver com elle, e farei tudo o que lhe de mim comprir.

» Lhe contareis as grandezas delRey meu senhor, e de seus reynos, e senhorios, e da riqueza, e abastança delles, e da grandeza, e fermosura da cidade de Lisboa, edificios, e casas ricas, que nella ha, e da grande quantidade, soma de prata, e ouro, e riquezas, e muita gente, que no reyno ha; e como ElRey meu senhor tem duas minas de ouro, donde cada anno lhe vem grande quantidade delle, e da abastança das náos, que no reyno ha, e grandeza dellas, e das grandes armadas, que cada anno faz pera a India, e como suas armadas, e gentes navegam por todo o mundo, e manda armadas a levante contra o turco.

» Lhe direis como ElRey meu senhor tem ganhado muitas vilas, cidades, e lugares por força de armas em Africa, e como seu poder, e senhorio se vai estendendo por toda a ribeira do mar até o Cabo de Boa Esperança, e dali pera dentro, entrando o mar da India, as fortalezas, que nella tem, e os reys, que nella estam á sua obediencia.

» Mais lhe direis a rainha minha senhora cuja filha he, e como ElRey seu pai, e a rainha sua mãe tem seus reynos, e senhorios, que comarcam com o reyno de Portugal; e allí lhe contareis do seu estado,

» e das donzellas, que a fervem, como são filhas de  
 » duques, marquezes, e condes de Portugal; e como  
 » andam vestidas de brocado, e ouro, e de toda a di-  
 » versidade de sedas, com muita pedraria, e como dali  
 » casam com os grandes de seu reyno.

» Lhe tocareis do estado delRey meu senhor, de  
 » como se ferve, e como come em meza alta de quatro  
 » degrãos, e todos os grandes senhores, e fidalgos, que em  
 » sua corte andam, estão á meza em pé com os barretes  
 » fóra da cabeça até que acaba de comer, e se recolhe.

» Lhe direis, que avia de mandar embaixador a  
 » ElRey meu senhor, procurando sua amizade, e pres-  
 » tança, assi na guerra contra seus imigos, como das  
 » mercadorias, que do reyno de Portugal podem entrar  
 » na Persia por via de Ormuz: e que ElRey o ajudará  
 » contra o Soldão, e contra o turco por mar, e por  
 » terra, mandando elle por seu embaixador requerer  
 » sua amizade, prestança, e ajuda.

» Lhe tocareis na nossa fé, e vereis o que nisso fente,  
 » e se vos recebe bem; e o que lhe nisso tocades, não  
 » ferá mais que em quanto elle não receba escandalo;  
 » e sabereis dos christãos daquellas partes se tem o rito  
 » da nossa fé, e crem verdadeiramente se Nosso Senhor  
 » nasceu de Nossa Senhora, e morreo, padeceo, em  
 » cruz por nos salvar: e vereis se algum destes chris-  
 » tãos são differentes alguma cousa na fé de nós; e  
 » vede se podeis ordenar, que venha comvosco algum,  
 » e que vá a Roma ao Padre Sancto.

» Vereis suas igrejas, e ornamentos dellas, altares,  
 » imagens, sanctos: e se tem Nosso Senhor na cruz, e a  
 » imagem de Nossa Senhora, e o modo de viver dos  
 » frades, e clerigos, e trajos, e se ha alguns corpos de  
 » sanctos martyres, e apóstolos nessa terra.

» Lhe contareis miudamente todas as cousas do estado delRey meu senhor, e da rainha minha senhora, » posto que no capitulo atrás vos toque nisso levemente, » todavia lhe contareis as grandezas de suas festas, » riquezas, atavios de suas pessoas, e casa, e a fermosura de seus paços, em que vivem, e dos gastos de » suas festas, e thesouros, pedraria, perolas, e joias, » que tem de desvairadas feições, e da grandeza de sua » corte, e da gente de cavallo, que continuamente » anda nella, e dos embaixadores dos reys seus vizinhos, » que sempre vem á sua corte: e todas as outras miudezas, que de vós quizer saber.

» Lhe direis, e contareis como portuguezes são leaes, » e verdadeiros amigos de seu senhor; e em tal maneira, que o Xequé Ismael cobice, e procure amizade, » prestança, e ajuda delRey meu senhor, e assi queira » estar em toda a obrigação, e boa vontade de fazer o » semelhante, quando por elle, ou polo capitão geral » da India em seu nome lhe for requerido.

» Lhe contareis do poder, e armada, gente, e armas, » artelharia, que trago na India, e assi grande somma de » artelharia, e grandeza della, que ElRey meu senhor » tem eu seu reyno, e de como a gente de Portugal » anda a cavallo, e dos arreios de prata, e ouro, sellas, » e aparelhos de cavallo que trazem, e bem assi dos » concertos, e atavios da guerra, e de como os homens » andam armados, e da feição, e maneira das armas.

» Vos mando, que miudamente vós, e o lingoa que » levais, leais este regimento, e vos confirmeis com elle, » por tal, que não haja ahi differença no contar das » cousas, mas sempre vos achem conformes com minha » carta, que lhe escrevo.

CARTA, QUE O GRANDE AFONSO DALBOQUERQUE  
ESCREVEO AO REY DE ORMUZ.

**M**uito honrado rey Ceifadim, Abenadar, rey de Ormuz, em nome do mui alto, e mui poderoso D. Manuel, rey de Portugal, e dos Algarves daquém, e dalém mar, em Africa senhor de Guiné, e da conquista, navegação, commercio de Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, e do reyno, e senhorio de Ormuz, e do reyno, e senhorio de Goa. Afonso Dalboquerque capitão geral, e governador da India por ElRey D. Manuel meu senhor, vos envio minhas encomendas. Cá topei hum messageiro vosso, e lhe fiz honra, e galardado por amor de vós: a minha partida de Cochim com a armada delRey era pera ir a essa cidade de Ormuz assentar feitoria, e deixar ali esses homens, que ElRey ordena. Soube, que os Rumes faziam armada em Goa, eu vim sobre ella, e a tomei, e os lancei fóra della, e lhes tomei toda sua armada, e artelharía: se lá poder ir invernár, irei: mandei ter muitos mantimentos pera a gente da armada, que he muita: as cousas passadas são esquecidas de mim: eu sou grande vosso amigo: lá vai Cogeamir, leva essas duas náos delRey meu senhor com mercadorias suas, folgaria que fosse de vós hourado: e assi esses messageiros, que mando com recado delRey ao Xequé Ismael. Envio-vos minhas encomendas, e a vosso pai, e a vossa mãe. Sabei certo que nas vossas cousas vos ajudarei sempre como vosso amigo verdadeiro. Feita em Goa a vinte de Março de 1510.

Chegado Ruy Gomez, e Cogeamir a Ormuz, deram as cartas, e recados, que levavam de Afonso Dalbo-

querque a Cogeatar, o qual fez grandes gafalhados, e offercimentos a Ruy Gomez; e depois de lhe perguntar particularmente por Afonso Dalboquerque como ficava, e polo feito de Goa, mandou-lhe que se fosse pera a poufada a descansar dos trabalhos do mar, e que elle o despacharia logo; mas como Cogeatar estava ainda no odio passado contra Afonso Dalboquerque, assi polo favor, que teve do visorey, como tambem por lhe Duarte de Lemos, que andava por capitão mór daquella costa, certificar que ElRey D. Manuel não fora contente da destroição, que era feita naquelle reyno; e porque tambem lhe pesava da nova amizade, que elle queria ter com o Xequé Ismael, em vez de quitar os direitos ao seu embaixador, affacou-lhe o que quis, e tomou-lhe quanto levava: e a Ruy Gomez ordenou, que o matáram com peçonha. Os criados vendo Ruy Gomez morto, tornáram-se pera a India, e Cogeamir ficou descarregando as suas náos, e fazendo sua mercadoria, e foi-se caminho da India, e não foi pera Goa, como adiante se dirá, e por este caso não ouve effeito esta embaixada, e depois mandou Afonso Dalboquerque Miguel Ferreira por embaixador ao Xequé Ismael com esta mesma instrucção, que tinha dado a Ruy Gomez, e em seu lugar se dará rezão de sua ida.

## CAPITULO XXIV.

Como o grande Afonso Dalboquerque mandou Francisco Pantoja prover a fortaleza de Çacotorá de mantimentos, e o que nisso passou com Duarte de Lemos sobre huma não, que tomou no caminho.

**P**ARTIDOS estes embaixadores, despachou o grande Afonso Dalboquerque Francisco Pantoja pera a fortaleza de Çacotorá, porque avia dias que não tinha novas de D. Afonso seu sobrinho capitão della, com huma não carregada de mantimentos, e escreveu por elle huma carta a Duarte de Lemos, em que lhe dizia, que elle partira de Cochim com sua armada, com determinação de se ir ajuntar com elle, como lhe tinha escrito por Diogo Correa; e sendo tanto avante como Onor, viera Timoja ter com elle, e polas novas que lhe dera do estado em que Goa estava, e que se podia tomar sem muito trabalho, nem perigo da gente, mudára o conselho, e fora sobrella, e a tomára mais por mysterio de Nosso Senhor, que por forças humanas, e que a ficava fortificando com determinação de a softer, por lhe parecer muito serviço delRey de Portugal fostela; e que acabado de a assentar de todo, elle iria com huma grossa armada cumprir o que lhe tinha prometido; e mandou a Francisco Pantoja, que sendo caso que Duarte de Lemos fosse em Ormuz, que lá fosse ter com elle, e tendo algum dinheiro das pareas arrecadado, que lho mandasse, porque tinha muita necessidade delle pera gastos, que fazia na fortaleza, porque ElRey D. Manuel lhe mandava que lhe acodisse com tudo, e

que a governança de Ormuz estivesse á sua obediencia, como veria pela carta, que lhe mandava; e que tambem dissesse a D. Afonso seu sobrinho, se ainda não era partido, que se viesse logo, porque ElRey mandava que fosse capitão de Cananor; e Pero Ferreira, que estava em Quiloa, ficasse por capitão na fortaleza de Çacotorá, como teria visto pelas provisões, que lhe tinha mandado por Diogo Correa. Partido Francisco Pantoja, atravessando aquelle grande golfão da India pera Çacotorá, topou com huma não do rey de Cambaya, que se chamava Meri, e hia carregada de mercadorias pera Meca, que feria de seiscentos toneis, e hia por capitão della hum mouro honrado de Cambaya, que se chamava Alicão; e posto que o mouro confiado na muita gente, e boa, que levava, se possesse em defender a sua não por salvar as vidas, e fazenda de todos, com tudo os nossos a cometêram, e pelejaram tão esforçadamente, que os rendêram, e tomáram-lhe a não, e com ella se foi Francisco Pantoja direito a Çacotorá, onde achou Duarte de Lemos, que avia poucos dias, que ali era vindo de Melinde com quatro náos esperar Afonso Dalboquerque pera entrarem o estreito, como lhe tinha mandado dizer, e Pero Ferreira capitão da fortaleza S. Miguel, porque D. Afonso de Noronha se partira no abril passado pera a India. Chegado Francisco Pantoja, depois de dar suas cartas, e recados de Afonso Dalboquerque a Duarte de Lemos, vendo elle a riqueza da não, mandou-lhe que a entregasse na feitoria, e que ali lhe mandaria dar tudo o que lhe viesse de parte a elle, e á sua gente. Francisco Pantoja apaixonado desta força, que lhe Duarte de Lemos fazia, disse-lhe, que elle não era da sua capitania, senão de Afonso Dalboquerque, que era capitão geral de todas aquellas

partes, e que a elle avia de entregar a náó, e sobre isso lhe fez grandes requerimentos. Duarte de Lemos não deo por isso, e respondeo-lhe, que elle era capitão mór daquellas partes, e que pois em os seus limites tomára a náó, que a elle pertencia mandar arrecadar a fazenda, e partila; e sem mais o querer ouvir, mandou descarregar a náó, e tomou pera si toda a parte, que pertencia a Afonso Dalboquerque, sem ter nenhum comprimento com Francisco Pantoja, nem lhe dar nada do que lhe vinha da sua parte. Feito isto, vendo que Afonso Dalboquerque se não podia já aquelle anno ajuntar com elle polo successo de Goa, determinou de não esperar mais tempo, e ir-se caminho da India, e tambem porque tinha perdido duas náos, e as quatro, que lhe ficavam, estavam tão desbaratadas, que não podia fazer nenhum serviço a ElRey naquellas partes; e depois de tomar mantimentos, e agoa, despedio-se de Pero Ferreira capitão da fortaleza, e partio-se, levando Francisco Pantoja em sua companhia, e a náó Meri; e sem lhe acontecer coufa no caminho, veio ter a Cananor o derradeiro dia de agosto, onde achou Afonso Dalboquerque, que avia poucos dias que era chegado de Goa, como adiante se dirá.

## CAPITULO XXV.

Do assento que o grande Afonso Dalboquerque fez com Timoja, e com os principaes da terra, sobre os direitos, que aviam de pagar cada anno, e como a seu requerimento mandou fazer moeda.

**D**EPOIS de Francisco Pantoja fer partido, foi-se Timoja ao grande Afonso Dalboquerque com esses principaes, e honrados da terra, assi mouros, como gentios, e disseram-lhe, que pera as cousas de Goa estarem na ordem, e costume antigo, em que sempre estiveram, era necessario saberem todos a maneira que aviam de ter no pagar dos direitos; porque depois que o Çabaio fora senhor do reyno de Goa, lhos dobrára, de que todos eram muito escandalizados, e por esta causa se foram muitos gentios viver a diversas partes; porque antigamente pagavam cento e cincoenta mil xerafins; e que o Çabaio, depois de ser senhor da terra, lhe dobrára isto, e que estavam arreceosos, que por este costume, em que os sua senhoria achava, os obrigasse a pagarem estes direitos: que lhe pediam por mercê quifesse assentar isto de maneira, que o povo podesse viver, e pagar; porque rezão seria, pois eram vassallos de hum tão grande rey, como era ElRey de Portugal, terem alguma liberdade mais da que tinham, vivendo debaixo do poder do Çabaio, que era tyranno, e máo. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que sua vinda a Goa não era pera usar com elles das tyrannias do Hidalcão, senão pera os favorecer, e honrar, e dar-

lhe largueza de vida, querendo elles fer verdadeiros, e leaes vassallos delRey de Portugal feu senhor; e fe elles queriam estar em esta obediencia, que elle lhes quitaria em nome delRey os direitos, que lhe o Çabaio novamente tinha posto, e que pagariam sómente o que pagavam aos senhores do reyno de Goa, sendo de gentios, e que esta quita feria em quanto elles estivessem á obediencia delRey de Portugal, e de seus governadores da India; e que sendo caso que fossem chamados por qualquer governador da India, e não viessem logo, não tendo rezão que dar por si, ficassem obrigados a pagar os mesmos direitos, que pagavam ao Çabaio. Timoja, e os outros aceitaram em nome do povo as terras, com as condições, que lhe Afonso Dalboquerque dizia; mas que avia de fer com lhes dar Tanadar, e gentios, que os governassem. Afonso Dalboquerque lhes disse, que elle lhes prometia de não fazer nenhum Tanadar mouro, e que mandaria arrecadar os direitos por portuguezes, com alguns gentios, da terra, que Timoja ordenasse, pera se tudo fazer com menos opressão do povo: e depois de ter assentado isto com elles, mandou-lhe dar juramento ao modo de suas gentilidades, que acodissem com os direitos a elle, ou a quem quer que fosse governador da India, e mandou-lhe dar dous pacharins a cada hum, que era costume antigo da terra darem-se a estes gentios. Acabado este negocio, deo-lhe licença que se fossem pera suas casas, e começassem a pagar os direitos, segundo os tombo das terras; e elles pediram-lhe que lhe nomeasse Tanadares (que são como Almoxarifes) pera arrecadarem as rendas, e os terem em justiça. Afonso Dalboquerque polos contentar nomeou-lhes por Tanadar de Cintácora a Bras Vieira, e Gaspar Chanoca por seu escri-

vão; e pera todas as outras Tanadarias lhe ordenou Tanadares todos homens honrados, e criados delRey, em que confiava, que os teriam em justiça: e mandou a Timoja, que lhe désse á cada hum seu escrivão gentio, pera lhes mostrarem o modo, que aviam de ter no arrecadar das rendas, e a cada Tanadar désse duzentos piões da terra pera os acompanharem, e fazerem na arrecadação das rendas o que lhe mandassem; e pera ordenar estas cousas como aviam de ser, e assentalas, mandou João Alvarez de Caminha, que era hum homem muito honrado, e de autoridade, e pera se confiar delle outras maiores cousas, e por seu escrivão Antonio Fragofo, e hum gentio criado de Timoja, homem de bem, pera lhe mostrar os tombos das terras por onde partiam pera não aver engano; e João Alvarez de Caminha os ordenou de maneira, que todo o povo ficou muito contente. Os gentios, que eram fogidos de Goa, como souberam que Afonso Dalboquerque lhes quitava ametade dos direitos, que soham a pagar ao Çabaio, e lhes dava seus naturaes pera os governarem, tornáram logo a povoar a terra.

Partido João Alvarez de Caminha com todos os Tanadares pera os pôr em ordem nas terras, como levava por seu regimento, foi-se Timoja com alguns mouros, e gentios principaes da terra a Afonso Dalboquerque, e disse-lhe, que o povo da cidade, e mercadores passavam grande detrimento, assi no governo della, como no trato das mercadorias, por não aver moeda: que lhe pediam muito por mercê, que a mandasse lavrar, porque impossivel era poder a terra ser bem governada sem moeda; e que devia de mandar alevantar o preço do ouro, e da prata, porque se não levasse pera fóra. Afonso Dalboquerque mandou chamar os capitães, e

diffe-lhes o requerimento, que lhe Timoja, e os mercadores fizeram em nome do povo, que lhe diffeſsem o que faria. Os capitães, depois de praticarem este negocio, affentáram todos que se lavrasse moeda. Afonso Dalboquerque lhes respondeo, que bem lhe parecia lavar-se moeda pelas rezões que Timoja dava; mas como era coufa nova, que nunca se fizera na India, que elle o não oufaria de fazer, sem primeiro escrever a ElRey seu senhor, pera em isso prover como fosse mais seu serviço, e com isto os despedio. Passados alguns dias, tornou Timoja, e os outros a falar no mesmo requerimento, sendo os capitães presentes, pedindo-lhe que mandasse lavar moeda, porque se perdia tudo pela não aver, e as mercadorias não corriam, ou dèſse licença que corresse a moeda do Çabaio. Os capitães ouvindo as rezões efficazes, que Timoja dava, pera se lavar moeda, e os inconvenientes de se não lavar, affentáram no que tinham dito em o primeiro conselho. Afonso Dalboquerque, vendo que ElRey de Portugal ganhava nisso credito, fama, e fazenda, e que o reyno era seu, affentou de a mandar lavar, e escrever-lhe o que nisso passava; e pera se fazer como convinha, mandou chamar os ourivezes, e alguns portuguezes que avia, e Timoja, e os homens principaes do povo, e mandou perante si lealdar a prata dos mouros, e acháram todos que era justamente mercadoura como a nossa. Feito este exame, fez thesoureiro da casa da moeda Tristão Déga, e mandou logo lavar moeda de prata, ouro, e cobre, e que de huma parte lhe possessem huma cruz de Christus, e da outra huma espora, (devisa delRey D. Manuel,) e que a moeda de prata pesasse hum bragani, que era moeda dos mouros, que pesava cada huma dous vintens, e poz-lhe nome esperas; e

fez outra mais pequena, que pesava hum vintem, a que poz nome meas esperas, e á moeda de cobre poz nome leaes, e á outra mais pequena, que valiam tres hum leal, poz nome dinheiros; e porque a moeda do ouro se não levasse fóra da terra, mandou que o cruzado valesse dezafete braganis. Assentado isto, comêçou-se a lavrar moeda; e depois de ser já feita huma fomma della, em doze de março do anno de mil e quinhentos e dez mandou Afonso Dalboquerque chamar todos os capitães, fidalgos, e cavaleiros, e toda a gente honrada da armada, e todos os principaes mouros mercadores, e chitins gentios, e depois de serem todos juntos em huma fala grande dos paços do Çabaio, em que elle poufava, que estava aparelhada pera isso, disse-lhes, que elle mandára lavrar moeda de prata, e cobre, como estava assentado, e que pera ser notorio a todos, era necessario mandar-se apregoar pela cidade, porque allí se costumava fazer nas terras, que os reys ganhavam de novo, que lhe dissessem se o faria: todos disseram, que lhes parecia bem fazer-se, pois não avia outras rezões em contrairo disso. Afonso Dalboquerque com o parecer de todos mandou logo trazer a bandeira real, e as trombetas, e atabales, e ajuntar toda a gente da armada, e a Tristão Déga, que a fosse apregoar, e elle se foi com toda esta gente por toda a cidade, e a cada pregão que se dava, lançavam muita moeda por cima do povo, que era muito, e foi assi nesta ordem correndo toda a cidade. Afonso Dalboquerque, depois disto acabado, mandou lançar pregões em nome delRey de Portugal com grandes penas, que nenhuma pessoa dali por diante tivesse moeda do Çabaio em sua casa, nem usasse della, e quem a tivesse a levasse á Casa da Moeda, e que ali lha trocariam pela delRey de Por-

tugal; e quem o não fizeffe, encorreria na pena de justiça, que lhe elle Afonso Dalboquerque quizer dar. O povo ficou muito contente com a moeda, e dali por diante começaram a tratar suas mercadorias.

## CAPITULO XXVI.

De como o grande Afonso Dalboquerque se fez prestes pera invernar em Goa, e mandou Diogo Fernandez de Béja á fortaleza de Cintácora.

COMO o grande Afonso Dalboquerque tinha affentado de foster Goa, e fazer-se forte nella, determinou, antes que mais entrasse o inverno, de se prover de todas as cousas necessarias pera aquelle negocio, e mandou logo recolher todos os mantimentos, que se podessem achar, e assi todos os cavalos, que aviam na terra, em humas estrebarias grandes, que o Çabaio tinha na fortaleza, onde se recolhiam antigamente os que os mercadores traziam de Ormuz pera vender, e pera isso tinha o Çabaio hum Xabandar, (que he como almoxarife da ribeira,) que tinha cuidado de mandar curar estes cavalos, e o povo era obrigado a trazer feno, grãos, e mungo, que he huma semente, que lhe dam a comer em abastança; e a este Xabandar, juntamente com os mouros, que tinham este cuidado, mandou Afonso Dalboquerque que o tivessem do provimento destes cavalos, e de todo o mais negocio da ribeira, a fim de ir entendendo as cousas de Goa, e o modo de suas provisões, e governo; e porque isto era já na entrada de Abril, (em que o inverno começa naquellas

partes,) antes que mais entrasse, quis advertir o rey de Cochim, e o capitão da fortaleza, e officiaes da feitoria, de como determinava de invernar em Goa, e acabar a fortaleza, que tinha começada, e que lhe mandassem todas as fellas que lá ouvesse, e alguns mantimentos. Francisco Serrão se partio logo em huma caravela, e não tornou mais com recado: parece que o medo o fez não tornar, e dava por desculpa que por amor dos tempos não podéra; mas Afonso Dalboquerque não lha recebeu; e passadas as coufas de Goa, (tornando a Cochim,) tirou-lhe a capitania da caravela, e mandou-o prender. Partido Francisco Serrão, como o lavramento da moeda era pouco, e não podia abranger a pagar os fervidores, que andavam na obra da fortaleza, nem á armada seu mantimento, a cruzado por mes, mandou aos capitães, que cada hum dèsse mes a sua gente, e fez isto por dous respeitos: o primeiro, porque tinha muitos mantimentos na cidade, e com elles se podia foster este gasto, o que não podia ser dando hum cruzado por mes á gente, porque os moedeiros não podiam lavrar tanto, que podessem soprir a tudo: o outro, porque tinha nova da vinda do Haldcão, e queria ter a gente junta pera qualquer rebate que lhe dessem. Os capitães enfadados do trabalho, que levavam no fazer da fortaleza, porque cada hum tinha seu tempo ordenado pera trabalhar com a sua gente, desejosos de irem ter seus prazeres a Cochim, e tambem por se escusarem do trabalho, que podiam ter em dar de comer, aconselháram aos seus soldados, que não aceitassem comerem em salas, e que pedissem os seus mantimentos em dinheiro, porque sabiam que pela muita falta que avia d'elle, não podiam ser bem providos, e com esta afronta feria forçado deixar

Afonso Dalboquerque Goa, e ir-se pera Cochim, que era o que elles pertendiam, e não ser a gente mal, nem bem provida. E como elle soube que o principal amotinador da gente era Jorge da Cunha, e que em sua casa se ajuntáram Estevão Baiam, e Francisco de Figueiredo, e fizeram rol de muitos homens pera lhe irem pedir que lhe mandasse pagar seus mantimentos a dinheiro, porque não aviam de ir comer ás falas dos seus capitães; porque se este negocio não fosse mais danando, mandou prender Estevão Baiam, e Francisco de Figueiredo pera os castigar. Os que eram nesta conjuração, como os viram presos, arreceando que lhes fizessem outro tanto, deixáram o requerimento, e foram comer ás fallas dos seus capitães, como estava ordenado; e porque na devassa, que se mandou tirar deste negocio, se achou ser Jorge da Cunha muito culpado, mandou soltar os presos, e a elle reprendeo por isso, e por outras muitas cousas que tinha feitas; o qual ficou tão descontente das palavras, que lhe Afonso Dalboquerque disse, que dali a poucos dias se ajuntou com Jeronymo Teixeira, Luis Coutinho, e Francisco de Souza Mancias, que eram todos em huma maça, e foram-lhe pedir licença pera se irem pera Cochim; e porque lha não quis dar, dali por diante fizeram-se sempre agravados, e arrufados delle. Afonso Dalboquerque polos desejos que tinha de acabar a fortaleza, arreceando a vinda do Hidalcão, dissimulou com elles, e sofreo-lhes suas cousas; e mandou Diogo Fernandez de Béja com certos navios, e gente, que fosse concertar a fortaleza de Cintácora, e nella ficasse por capitão, porque vindo o Hidalcão, não se metessem ali alguns turcos, que lhe desafocegassem a terra. Chegando Diogo Fernandez a Cintácora, achou muita parte da fortaleza

derribada, e destroida; e por ser na entrada do inverno, e não era tempo pera começar obra de novo, se tornou pera Goa, e disse-lhe o estado em que a achára, e que avia mister muito tempo pera se concertar, e por isso se viera.

## CAPITULO XXVII.

Como Mandaloy senhor de Condal escreveu ao grande Afonso Dalboquerque a nova, que tinha, da vinda do Hidalcão, e o que elle sobre este recado fez.

**E**Stando as coulas de Goa no estado que tenho dito escreveu Mandaloy senhor de Condal huma carta ao grande Afonso Dalboquerque, em que lhe dizia, que Balogi senhor do castelo, e terras de Pervaloy, e do reyno de Sanguizar, se tinha carteadado com Roçalcão capitão do Çabaio, e com Melique Rabão senhor do Carapetão, e que todos tres tinham mandado seus embaixadores ao Hidalcão, pedindo-lhe que lhe mandasse gente, pera com a mais que elles tinham, virem sobre as terras de Goa, e as tornarem á sua obediencia, e que Balogi, que estava já dentro em Banda com muita gente, e que elle estava ali com dous mil homens á sua custa, com determinação de defender aquella terra ao Hidalcão, e morrer sobre isso por serviço de sua senhoria: que lhe pedia que lhe mandasse algum focorro de gente, e quem quer que fosse, elle lhe entregaria logo as terras, que pera si não queria mais senão alguma cousa que comesse em sua vida. Afonso Dalboquerque como lhe esta carta deram, mandou chamar os capitães, e depois de a mandar ler

perante elles, lhes disse, que Timoja se tinha offerecido pera ir com gente á sua custa ajudar Mandaloy, que lhe dissessem se fiaria este negocio d'elle, ou se mandaria alguma outra pessoa de mais respeito. Praticado isto, foram todos de parecer, que devia de mandar hum capitão fidalgo com gente de pé, e de cavallo por terra, e navios por mar pera lhe darem favor. Tomada esta determinação, ordenou Afonso Dalboquerque pera este negocio Jorge da Cunha com sessenta de cavallo, e alguns bésteiros, e espingardeiros, e em sua companhia mandou Menaique capitão de Timoja, e Melique Çufecondal com quatro mil homens da terra, e Baldrez por lingoa, e a Diogo Fernandez de Béja com tres navios por mar, com regimento, que chegando onde estivesse Jorge da Cunha, lhe obedecesse; e como foram prestes, partiram-se todos, e Jorge da Cunha foi ter á ilha de Divarij, com determinação de ao outro dia pela menhaã passar á terra firme: e aquella noite, que foram vinte tres dias do mes de Abril, veio ter com elle hum Canarim com muita pressa, e disse-lhe, que á terra de Banda, e de Condal eram chegados dous capitães do Hidalcão com muita gente, e que se dizia que vinham pera entrar a ilha de Goa. Como Jorge da Cunha teve esta nova, deixou-se estar, e não consentio que Melique Çufecondal passasse á outra banda, e mandou o Canarim com esta nova a Afonso Dalboquerque, e elle lho tornou logo a mandar, e escreveo-lhe que não fosse mais por diante, e que se deixasse estar em Divarij, e não deixasse passar nenhuma gente de Timoja da outra banda da terra firme, sem ter outra nova mais certa da gente do Hidalcão; e como teve despachado o Canarim, mandou Diogo Fernandez adail com doze de cavallo, e Mirale em sua companhia

com mil piões canarins, e que se passasse á terra firme, e vilã se podia tomar algum lingoa, que lhe désse nova certa da vinda do Hidalcão. Diogo Fernandez se partio, e por não fer sentido, passou de noite á terra firme; e indo assi, fazendo grande escuro, foi dar com a dianteira da gente do Hidalcão, e foi tão de supito, que esteve de todo perdido, e salvou-se a unha de cavallo, ficando já por detrás muitos piões da terra, que se não poderam salvar; e quando chegou á cidade, não vinham mais com elle que quinhentos piões, e a gente de cavallo, que comfigo levára, e deo conta a Afonso Dalboquerque do que passára, e como estivera de todo perdido, e milagrosamente se salvára, e que a gente do Hidalcão era muita, e que lhe parecia que faziam rosto pera aquella parte de Benastarim, com determinação de assentarem ali feu arraial. Afonso Dalboquerque com esta certeza, que lhe Diogo Fernandez deo da vinda do Hidalcão, mandou chamar os capitães, e disselhes, que lhe pedia por mercê, que pois a nova era certa, andassem todos armados, e com sua gente junta; porque avendo algum rebate, estivessem prestes pera acodirem onde fosse necessario, e mandou recado a Jorge da Cunha, que se recolhesse pera a cidade; e estando nisto, chegou hum messageiro de Berforé rey de Garçopa com huma carta pera Afonso Dalboquerque, em que lhe dizia, que o rey de Narsinga lhe escrevêra, que o Hidalcão lhe mandára hum messageiro, aqueixando-se dos gentios, que eram seus vassallos, ajudarem os portuguezes pera lhe tomarem Goa, e principalmente de Timoja, e que se isto não era por feu consentimento, que lhe pedia que o ajudasse pera a tornar a ganhar: e que o rey lhe respondêra, que avia quarenta annos que os mouros de Decan lhe tinham tomado o reyno

de Goa, e que agora folgava muito de o ver em poder delRey de Portugal, cujo irmão, e amigo elle era, e que a ajuda que lhe pedia pera a tomar, daria aos portuguezes pera a defenderem; e na mesma carta mandou o rey de Garçopa dizer a Afonso Dalboquerque, que elle estava prestes com sua peffoa, e todo feu reyno pera o servir contra o Hidalcão cada vez que lhe comprisse, porque desejava muito de ter amizade com elle. Afonso Dalboquerque despachou o feu melleageiro, e escreveo-lhe por elle, dando-lhe muitos agradecimentos polos offerecimentos que lhe fazia, e que escrevesse ao rey de Narvinga, que elle se andava fazendo prestes pera pelejar com o Hidalcão, que por isto lhe não respondia ao que com elle tinha passado, que o faria por hum melleageiro, que determinava de lhe mandar.

## CAPITULO XXVIII.

Como o grande Afonso Dalboquerque, com esta nova proveo logo os passos da ilha de gente, e capitães, e mandou fazer justiça do Xabandar, pela má informação que teve delle, e do mais que fez.

**P**Assada esta prática, que o grande Afonso Dalboquerque teve sobre a vinda do Hidalcão com os capitães, poz-se a cavallo com a mais gente que pode, e foi correr todos os passos da ilha pera os prover do que fosse necessario, e em Benaftarim deixou Garcia de Soufa com cem soldados portuguezes, e seis de cavallo, e quatro tiros de artilharia, e bombardeiros

necessarios pera isso, e encomendou-lhe muito que tivesse cuidado de mandar buscar todas as pessoas, que passassem á terra firme, se levavam algumas cartas de mouros de Goa de aviso pera os do arraial do Hidalcão, e dali se foi a Goa a velha, e poz nella Jorge da Cunha com sessenta de cavallo, com regimento, que acudisse aos outros passos avendo necessidade: e no passo de Augij deixou o cunhado de Timoja, e Mirale com a sua gente: e no de Gondalij poz Francisco Pereira, e Francisco de Souza Mancias com mil homens da terra, e deixou Jorge Fogaça no passo secco com vinte homens dos nossos, e vinte dos da terra, e no de Agacij D. Jeronymo de Lima com quarenta homens portuguezes, e outra gente da terra; e porque em todos estes passos avia torres feitas do tempo que os reys de Narsinga eram senhores de Goa, mandou Afonso Dalboquerque dar aos capitães artelharia, polvora, e bombardeiros pera se defenderem, querendo-os a gente do Hidalcão cometer, e que tivessem os bateis das suas náos pegados comsigo pera se recolherem a elles, sendo-lhes necessário. Postas estas cousas em ordem, recolheu-se pera a cidade, e mandou a D. Antonio de Noronha, que fizesse prestes os bateis, galés, paráos, e alguns navios pequenos com gente, e artelharia pera andar no rio correndo todos aquelles passos, e favorecer os nossos, que nelles estavam; e estando na ribeira, dando ordem a esta armada, chegou Dinis Fernandez patrão mór della, e disse-lhe, que o Xabandar da ribeira mandára certos paráos polo rio arriba, e por lhe parecer mal, e o tempo ser de suspeita, lhe dissera, que os não mandasse senão pera baixo contra a barra, onde já por vezes tinham ido pelas cousas necessarias, e que elle o não quísera fazer. Afonso Dalboquerque o man-

dou chamar, e perguntou-lhe, porque mandava os paráos polo rio arriba, pois sabia que estava ali o Hídalcão com muita gente pera entrar a ilha. O Xabandar lhe respondeo, que elle não sabia da vinda do Hídalcão, e que se mandava os paráos era pera trazerem o necessario pera provimento da cidade, como lhe elle tinha mandado; e porque a desculpa não foi boa, e teve suspeita delle, que mandava aquelles paráos pera passar gente do Hídalcão, mandou-o matar polos seus alabardeiros, e lançar no rio. Partido D. Antonio com a armada, que estava já prestes, chegou-lhe recado de Garcia de Soufa, que o Hídalcão era chegado com toda sua gente, e que tinha assentado seu arraial de fronte de Benastarim, e que segundo o que tinha visto lhe parecia que era muita gente. Afonso Dalboquerque com esta nova poz-se logo a cavallo com todos os capitães, e alguma gente de pé, e foi-se a Benastarim, e quando chegou era já o Hídalcão afastado com o seu arraial pera detrás de hum outeiro, porque lhe tinha Garcia de Soufa morto alguma gente com a artelharía. E porque neste lugar, onde o Hídalcão tinha assentado seu arraial, estava huma mesquita, e casas, em que se os mouros podiam emparar da artelharía da fortaleza, mandou Afonso Dalboquerque a Garcia de Soufa, que fosse com a gente que tinha queimar as casas, e derribar a mesquita, o qual passou da outra banda, e destrahio tudo, e poz fogo á mesquita, e por ser ao longo da agua, tornou-se a recolher sem receber damno nenhum dos mouros; e chegado, poz-se Afonso Dalboquerque a cavallo, e foi visitando todos os passos, onde estavam os capitães, avisando-os do que aviam de fazer, e tornou-se pera a cidade ordenar suas tranqueiras, e tudo o mais que era necessario pera defender a forta-

leza, e a cidade, se o Hidalcão entrasse a ilha; e passando polo passo secco, lhe deo Jorge Fogaça, que ali estava por capitão, hum moço, que aquella menhaã fugira do arraial do Hidalcão, o qual era christão natural de Candia, e fora catiyo por Camalo capitão do turco, e que hum mercador comprára a elle, e a outros muitos, e os trouxera ao reyno de Decan, e os dera ao Çabaio velho; e que por fer christão, sabendo que ali estavam christãos, fugira, e se viera pera elles, e que outros dous companheiros seus fugiram tambem, e que não sabia o que era feito delles, e este deo muitas novas do arraial do Hidalcão, e da muita gente, que nelle trazia, e como era sua determinação entrar a ilha por força; e dali a dous dias chegaram os outros dous moços, hum delles era Albanes, o outro da Roxia.

### CAPITULO XXIX.

Como o Hidalcão mandou João Machado, e hum venezeano, que lá andavam tornados mouros, com recado ao grande Afonso Dalboquerque, pedindo-lhe que deixasse Goa, e a reposta que lhe deo.

**C**OMO o Hidalcão teve assentado feu arraial, parecendo-lhe que sabendo o grande Afonso Dalboquerque o poder de gente, que elle trazia, sem mais pelejar lhe deixaria Goa, pera o tentar, mandou-lhe hum recado por hum portugues, e hum venezeano, que lá andavam tornados mouros, os quaes vieram ter ao paço de Agacij, onde estava D. Jeronymo de Lima por capitão, em huma almadia de noite, e

differam-lhe, que elles traziam hum recado do Hidalcão pera o capitão geral da India, que lhe mandasse pedir seguro pera elle, e pera aquelle seu companheiro, e hum homem, que ficasse no arraial em arrefens, pera irem falar com sua fenhoria, e poderia ser que vendo-se, se seguiria dillo grande proveito pera todos. D. Jeronymo mandou logo recado a Afonso Dalboquerque, dizendo-lhe o que passava; e como elle desejava de saber quem era o portugues, que trazia este recado, mandou-lhe logo seguro, e Baldrez pera ficar no arraial por arrefens, porque sabia muito bem falar a lingua da terra, e avifou-o que ouvisse as práticas, e a determinação dos turcos, e que não entendessem nelle que sabia falar outra lingua senão portuguesa. Chegado Baldrez, e o seguro, mandou D. Jeronymo o portugues, e o venezeano no seu batel, e vieram-se nelle á fortaleza o primeiro dia de maio de noite, e por não entrarem dentro, veio-se Afonso Dalboquerque esperar á porta, que hia pera o rio, e como chegaram, perguntou-lhes, que homens eram. O portugues lhe disse, que aquelle seu companheiro era venezeano de nação, e avia muito tempo que andava com o Hidalcão, e que elle se chamava João Machado, e que viera de Portugal degradado na armada de Pedralvarez Cabral, e ficára em Melinde, e dali se passára ao reyno de Cambaya, e por ElRey dar pouco soldo, se viera ao reyno de Decan, e aceitára vivenda com o Çabayo pai do Hidalcão; e posto que andasse em tão errados caminhos, como sua senhoria via, elle era christão, e cria verdadeiramente em Jesus Christo, e na sua morte, e paixão se avia de salvar: e se aceitára o recado do Hidalcão, que lhe trazia, fora pera lhe dar alguns avisos, e dizer-lhe a verdade daquella gente, em cuja compa-

nhia vinha. Afonso Dalboquerque lhe perguntou, se lhe queria falar só, ou perante todos os que ali estavam. Elle lhe disse, que só folgaria de lhe falar, e então se apartou com elle pera huma parte; e João Machado lhe disse, que o Hidalcão desejava muito sua amizade polo grande nome, que tinha antre os mouros, e que se não agravava de lhe ter tomado Goa, porque sabia certo que Timoja fizera com os gentios da terra que lha entregassem: que lhe pedia muito que lhe deixasse a ilha, e as terras de Goa, e que elle lhe daria outro lugar dos seus ao longo do mar, qual elle quizesse, pera fazer fortaleza; e não querendo fazer isto que lhe pedia, que foubesse certo que se não avia de alevantar dali até o não lançar fóra, e que sobrisso avia de perder todo seu estado: e que pois o Hidalcão estava nesta determinação, que sua senhoria devia de tomar algum meio pera se concertarem, porque era mancebo, e grande senhor, e deseioso de ganhar honra, e tinha muita gente branca, que naquellas partes era muito estimada, e temida, e com ella tinha senhoreado muita parte daquelle reyno, e da outra gente da terra teria quanta quizesse; e que tambem o avifava, que se não fiasse da gente daquella cidade, porque eram cheios de novidades, e se vissem quatro mouros do arraial dentro da ilha, que logo se aviam de alevantar todos contra elle, porque cada dia tinha o Hidalcão cartas dos mouros da cidade, em que lhe diziam que entrasse, que elles eram seus, e por elle aviam de morrer, e que mandasse vigiar todos os passos da ilha; porque foubesse certo, que por onde estivesse mais descuidado, o aviam de entrar, e que verdadeiramente lhe parecia que não era poderoso pera defender a entrada da ilha ao Hidalcão; e que lhe não dizia aquillo, como homem,

que andava em companhia daquella gente, senão por lho assi parecer, e que elle esperava em Deos de muito cedo se ver em Portugal com ElRey D. Manuel, e dar-lhe larga conta das cousas daquella terra. Afonso Dalboquerque lhe respondeu, que lhe agradecia muito sua boa vontade, e avisos que lhe dera, e que prazeria a Deos, que lhe daria tal conhecimento da verdade, que se viesse á verdadeira salvação; e que dissesse ao Hidalcão, que elle não tomára Goa pera a deixar, porque ella não podia ser de ninguem, senão de quem fosse senhor do mar, que era ElRey D. Manuel seu senhor, e que folgasse de o ter por amigo, porque desta maneira não fômente segurava seu estado, mas ainda punha grande temor nos seus vizinhos, e que isto lhe dizia como homem, que era de sessenta annos, e muito usado nas armas, e elle mancebo, e mal aconselhado; e se a sua confiança estava no socorro, que esperava que lhe viesse do grão Soldão, que se não fiasse nisso, porque não fora tão pequeno o desbarato, que D. Francisco Dalmeida fizera nos rumes em Diu, que logo assi puderam vir: que lhe pedia muito por mercê, que alevantasse aquelle cerco, e se fosse, e lhe largasse Dabul, pera nelle fazer huma fortaleza, e que com estas condições faria pazes com elle; e que se o Hidalcão não esperasse de fazer tudo isto que lhe dizia, que não fallasse mais em concerto, porque esta era a derradeira reposta, que lhe sempre avia de dar. João Machado lhe disse, que lhe pezava muito de ver este negocio de maneira, que se não podessem avir: que o Hidalcão não avia de fazer tal concerto, porque não partira da sua terra com aquelle proposito; e com esta reposta se despedio, e Afonso Dalboquerque lhe fez mercê de sessenta cruzados, e ao venezeano de quarenta, e partíram-se

no mesmo batel em que vieram, e chegaram ao arraial, e deram a reposta, que levavam ao Hidalcão, e elle despedio Baldrez; e disse-lhe, que dissesse a Afonso Dalboquerque, que se espantava muito d'elle não querer aceitar o partido, que lhe mandára cometer: que lhe prometia, que antes de muitos dias elle se arrependesse muito da reposta, que lhe mandára. Chegado Baldrez, disse a Afonso Dalboquerque o que lhe o Hidalcão dissera, e que no seu arraial avia muita gente de pé, e de cavallo, e que faziam prestes muitas jangadas, e cestos pera passarem nelles á ilha: e que os turcos, que tinham suas mulheres, e filhos em Goa, não queriam que o Hidalcão fizesse nenhum concerto com elle, porque queriam morrer todos, ou tornarem outra vez a ser senhores de Goa, e que todas suas práticas eram, que sobrella aviam de morrer hum milhão de homens.

### CAPITULO XXX.

Como o grande Afonso Dalboquerque deo conta do recado, que lhe João Machado trouxera do Hidalcão, e do mais que sobre isso passára

**D**ESTA prática, que o grande Afonso Dalboquerque teve com João Machado, e com o venezeano, ficou muito enfadado polo que lhe disseram dos mouros de Goa, ainda que claramente lho não dissessem; e pera se determinar no que nisto faria, mandou chamar Timoja, e deu-lhe conta do recado, que lhe o Hidalcão mandára, e da reposta, que lhe dera; e depois de sobre isso terem alguma prática, disse-lhe, que elle tinha sa-

bido, que alguns mouros principaes da cidade se car-teavam com o Hidalcão, e que tinham suas intelligencias com os rumes, que lá andavam; que lhe rogava que lhe aconselhasse, como amigo, a maneira que teria pera este fogo não lavar. Timoja lhe disse, que muitos dias avia que se elle não fiava nos mouros, porque os vira sempre enfadados de verem aquella cidade em poder de portuguezes: que seu parecer era, que mandasse recolher todas as principaes cabeceiras, assi dos mouros, como dos gentios, á fortaleza, porque em tal tempo não se avia de fiar de huns, nem doutros. Afonso Dalboquerque, porque isto que lhe Timoja disse era a tenção com que lho perguntára, respondeo-lhe, que lhe agradecia muito aquelle conselho, que lhe dava, e que pois lhe assi parecia, por não aver escandalo antre huns, e outros, pois elle governava tudo, que fosse o primeiro que trouxesse sua mulher, e filhos á fortaleza; porque como os mouros, e gentios vissem que huma pessoa tão principal, como elle, e de tanta authoridade o fazia sem nenhum pejo, podia elle mandar a todos que o fizessem. Timoja, posto que lhe pezou muito do que tinha dito, por elle ser author deste negocio, mandou logo vir sua mulher, e hum filho que tinha, e mette-os na fortaleza. Como Afonso Dalboquerque lá teve a mulher de Timoja, mandou chamar os principaes mouros, e gentios, que governavam a terra, e disse-lhes, que mandassem ajuntar todos os mouros, e gentios honrados, assi na ilha, como em Goa a velha, e que lhes dissessem da sua parte, que ao outro dia se viessem com suas mulheres, e filhos metter na fortaleza, porque arreceava que entrando o Hidalcão a ilha, recebessem muitas injúrias, e afrontas dos turcos: Os mouros, e gentios, ainda que se enfadaram muito deste

edito de Afonso Dalboquerque, com tudo, vendo no castello a mulher, e filho de Timoja, foram-se logo metter dentro com suas mulheres, e filhos, e depois destes recolhidos, mandou recolher as mulheres, e filhos dos turcos, que andavam no arraial do Hidalcão, e mandou-lhes lá notificar, que se dentro em seis dias senão viessem pera a cidade, que lhes avia de cativar suas mulheres, e filhos, e perderiam toda sua fazenda. Fez Afonso Dalboquerque isto, porque lhe tinha dado seguro, que lhe mandáram pedir pera se virem, e era forçado cumprir com sua palavra, e mandar-lho notificar primeiro; e porque os rumes, que andavam no arraial do Hidalcão, não tinham seguro seu, mandou-lhes tomar as mulheres, e filhos por cativos, com determinação de fazer justiça dellas, por se saber em toda a terra o odio, que os portuguezes tinham á gente do grão Soldão do Cairo, pera nenhum senhor da India oufar de os recolher em seus portos, e lugares; e porque Afonso Dalboquerque se não fiava já dos mouros da cidade, nem dos gentios, mandou com grande pressa muita madeira a Garcia de Sousa, pera que fizesse huma estancia muito forte da banda da cidade, porque arreceava que por ali lhe entrassem Benastarim, a qual logo fez, e poz nella duas bombardas grossas, que lhe tinha mandado, e outra artelharia miuda, e seu irmão Duarte de Sousa por capitão com gente pera se vigiar dos mouros da cidade. E sendo informado que o Hidalcão determinava de entrar a ilha polo passo de Augij, onde estava a gente de Timoja, (que por algumas vezes quizeram deixar o passo, e ir-se,) disse-lhe, que fizesse prestes quatrocentos homens da gente que fora com Jorge da Cunha, e mandou-os ao passo de Augij, onde estava a outra gente, e por capitão delles

hum embaixador do rey de Onor, que ali estava, de que tinha muita confiança por ser homem principal, e cavaleiro, não dando a entender a Timoja a causa por que o fazia. E tendo Afonso Dalboquerque todos os passos providos de tudo o que era necessario, esteve alli por espaço de hum mes cercado, sendo algumas vezes cometido dos turcos por muitas partes pera entrarem a ilha, e os nossos se defendêram muito valerosamente, e nestes rebates matáram alguma gente ao Haldcão.

### CAPITULO XXXI.

Do recado, que Garcia de Soufa mandou de Benastarim ao grande Afonso Dalboquerque: e como foi visitar os passos da ilha, e do mais que passou.

**E**STANDO os passos da ilha nesta ordem que tenho dito, chegou hum pião da terra com huma carta de Garcia de Soufa pera o grande Afonso Dalboquerque, em que lhe dizia, que a gente do arraial do Haldcão era muita, e que cada dia lhe vinha de refresco outra; e que os soldados, que estavam em guarda dos paços, eram poucos, e ainda que tivessem alguma gente da terra comfigo, não era rezão que se fiassem delles, porque já que foram trédores aos seus naturaes, e da sua feita, que com mais rezão o seriam aos christãos; e que pois não tinham gente com que pudessem defender a entrada da ilha ao Haldcão, que lhe parecia que sua senhoria devia de mandar recolher todos os que estavam nos paços á fortaleza, porque nella fortificando-se muito bem com tranqueiras, se podiam valer

do poder do Hidalcão, que sobre elles vieffe, e que a armada, que estava no rio, abastava pera lhe defender a passagem, e que alli estaria tudo a bom recado. Afonso Dalboquerque andava já tão enfadado do assombramento dos capitães, que só com o seu animo invencível sofria as coufas com que lhe cada dia vinham; e respondeu-lhe, que guardasse elle muito bem Benastarim, que tinha a seu carregio, e que o deixasse fazer, porque sua determinação era defender a ilha, e o sertão, se fosse necessário, e que não ouvesse medo, porque elle esperava na misericórdia de Deos de desbaratar os inimigos, porque estamago, e confiança tinha pera tudo. E com esta resposta lhe mandou huma bombardia grossa pera pôr na estancia da banda, donde o Hidalcão tinha assentado seu arraial, com a qual elle fazia muito nojo. Neste tempo chegou Diogo Fernandez de Béja com a sua armada, que Afonso Dalboquerque tinha mandado a Condal, pera se ajuntar com Jorge da Cunha, e contou-lhe como toda a terra era cheia da gente do Hidalcão; e por não ter nenhum recado de Jorge da Cunha, se viera recolhendo, por lhe parecer que teria delle necessidade; e em sahindo do rio, acodiram muitos mouros, e lhe tiraram com espingardas, e frêchas. Afonso Dalboquerque, sem fazer demora, mandou-lhe que se fosse logo com sua armada polo rio acima ajuntar com D. Antonio de Noronha, e defendessem a passagem aos mouros, querendo passar á ilha. Tendo isto feito, cavalgou, acompanhado de alguma gente de cavallo, e de pé, e foi-se logo direito a Goa a velha, onde estava Jorge da Cunha, (e levou comfigo Melique Çufcondal, que topára no caminho;) e depois de estar hum pedaço com elle, encommendou-lhe a guarda daquelle passo, e dali foi ao passo de Agacij, onde estavam

no mar D. Antonio, Fernão Perez Dandrade, Luis Coutinho, e Bernaldim Freire, e outra muita gente com elle, porque ali naquella passo tinha o Hidalcão a maior parte do seu arraial; e despedindo-se delles, lhes disse, que lhes pedia por mercê, que tivessem boa vigia, e defendessem aos mouros, que não passassem o rio, porque nisto estava a salvação de todos; e dali se foi a Benastarim, e esteve falando com Garcia de Soufa, e contou-lhe como no caminho lhe descobriram huns mouros, que Melique Çufecondal estava concertado com o Hidalcão, que cometesse todos os passos da ilha nas jangadas, e parãos que tinha, e que elle se alevantaria com toda a gente, e mataria Jorge da Cunha, e seus companheiros; e como estes fossem mortos, que correriam todas as estancias, e levariam tudo nas mãos, e que o levava dissimuladamente consigo a Goa pera o castigar. Garcia de Soufa lhe disse, que elle se arreceára sempre da gente da terra, porque todos eram como Melique Çufecondal. E que ainda que sua senhoria tomára mal mandar-lhe lembrar que os Christãos eram poucos, e os mouros muitos, que elle lhe segurava que polo seu passo não entrasse nenhuma gente do Hidalcão, quer em sua companhia tivesse muita, quer pouca. Afonso Dalboquerque lhe disse, que verdadeiramente sua tenção não fora aquella, e que pela muita confiança que tinha de sua pessoa, e cavalaria, lhe entregára Benastarim, que era o principal passo daquella ilha. E depois de estar hum pouco praticando com elle, cavalgou, e foi correndo todos os outros passos, e chegou á cidade já de noite, e mandou chamar Gaspar de Paiva alcaide mór da fortaleza, e entregou-lhe Melique Çufe, que o tivesse a bom recado com os outros, da qual prizão Melique Çufe ficou muito agaf-

tado, porque nunca cuidou que hia prezo. Chegado Afonso Dalboquerque á cidade, disse-lhe Timoja, que Mandaloí senhor de Condal, lhe escrevêra huma carta, que lhe disseffe, que tanto que foubra que o Hidalcão com seu arraial estava sobre Goa, ajuntára quatro mil homens, e fora correndo todos os passos da ferra, e que lhe tomára os mantimentos, que vinham pera o feu arraial, e que estava tres leguas do Hidalcão, que lhe mandaffe dizer o dia que queria dar nelle, porque a esse tempo daria tambem no arraial com a sua gente, porque em tudo havia de estar á sua determinação. Afonso Dalboquerque disse a Timoja, que lhe escrevesse, que lhe tinha muito em mercê o seu recado, e que esperava em Deos de lhe pagar os desejos, que tinha de servir a ElRey de Portugal, com o fazer grande senhor nas terras do Hidalcão em seu nome; que se deixasse estar, porque quando fosse tempo, elle lhe mandaria recado do que havia de fazer.

## CAPITULO XXXII.

Como o Hidalcão entrou a ilha de Goa polo passo de Agacij, e foi cometer a cidade, e o grande Afonso Dalboquerque se recolheo ao castelo com toda a gente, e do mais que passou.

VENDO o grande Afonso Dalboquerque que a determinação do Hidalcão era entrar-lhe a ilha de Goa, sem nenhum receio da armada, que tinha no rio, com muita gente, e artelharia, assentou que isto não podia ser, senão confiado nas intelligencias, que tinha com os mouros da cidade, como lhe João Machado

tinha dito; e tendo já alguma suspeita de certos mouros honrados da terra, que se carteavam com alguns parentes, que tinham no arraial dos inimigos, tanto que chegou á cidade, mandou fazer justiça delles; e como Afonso Dalboquerque se arreceava muito do passo de Augij, pola suspeita que tinha da gente de Timoja, mandou a D. Antonio de Noronha seu sobrinho, que estava por capitão mór da armada no rio, que estivesse naquellê passo, e que se vigiasse muito bem. O Hidalcão, como teve as jangadas feitas, huma festa feira dezafete de maio, fazendo grande tormenta, (por ser inverno,) mandou passar trezentos turcos da terra firme á ilha polo passo de Augij; e porque a tempestade da noite, e o escuro foi grande, desçuidou-se D. Antonio de mandar chegar as galés bem a terra, e tiveram os turcos tempo de passarem sem serem sentidos, e tornáram logo nas meímas jangadas, e em outras, que já tinham feitas, e embarcariam setecentos turcos, e começaram a passar; e por ser quasi menhaã, foram sentidos de dous bateis nossos, que estavam mais á terra, e deram rebate a D. Antonio, o qual acudio logo com todos os navios, e ás bombardadas metêram as jangadas no fundo, e trouxeram todos os turcos á espada, que não escapáram, senão tres, que fugíram. Sentio o Hidalcão a morte destes turcos polo muito que lhe custava avelos em sua terra; e neste tempo que D. Antonio andava ás lançadas com estes turcos, começaram a passar dous mil da outra banda por huns esteiros de vasa, todos enlameados, sem serem vistos dos nossos, pela occupação que tinham. Menaique, capitão de Timoja, que estava em Goa a velha com Jorge da Cunha, ouve vista dos turcos, e sendo já muita parte delles passados, foi-os cometer a cavallo com duzentos

piães da terra, que o quisessem seguir. Os turcos deixaram-se estar quedos, e Menaique, como chegou a elles, deo-lhes na dianteira, e antes que se defendessem, matou trinta, ou quarenta; e como se começaram a juntar, e elle se viu mal focorrido de Jorge da Cunha, recolheu-se, e foi-se pera Goa, e levou as cabeças daquelles que matára. A gente de Timoja, que ficava no passo, como viram os turcos, foram-se a juntar com elles, e todos juntos correram a Benastarim, onde estava Garcia de Sousa, e entraram-lhe as estancias, e tomaram-lhe o camelo, que nellas tinha, e huns berços, e mataram-lhe seu irmão, e quatro, ou cinco homens, e poseram fogo ás estancias. Garcia de Sousa como viu que se não podia valer dos turcos, recolheu-se a hum parão que tinha, e foi-se pera Goa. Francisco de Sousa Mancias, e Francisco Pereira Coutinho, que estavam no passo de Gondalij, como os turcos chegaram, largaram a torre com quatro bombardas, e recolheram-se ao batel por huma escada, e vieram-se pera a cidade. Vendo Jorge da Cunha o desbarato dos nossos, e que os turcos tinham entrado a ilha por muitas partes, veio-se recolhendo com a gente de cavallo, já muito pela esquentada, e mataram-lhe tres homens de cavallo. Como Afonso Dalboquerque soube que Jorge da Cunha vinha posto em desbarato, mandou Diogo Fernandez Adail com vinte de cavallo, e cincoenta homens de pé, que lhe fosse dar costas, e os recolhesse, o qual o fez aquelle dia, como muito valente cavaleiro que era, e nisto, e tudo o mais em que se achou, deo sempre muito boa conta de si; e depois de Diogo Fernandez ido, poz-se a cavallo, e veio-se á praça com cincoenta homens armados pera ver se podia aquietar o grande alvoroço, que avia nos mouros, depois dos

turcos terem entrado a ilha. E os mouros, como homens, que tinham já as costas quentes, como víram Afonso Dalboquerque, foram-no cometer. Vendo elle que lhe hiam perdendo a vergonha, pera se melhor poder valer delles, mandou pôr fogo á cidade em quatro partes, e com a gente que tinha deo nelles, e todos os que achou pelas ruas trouxe á espada, sem dar vida a nenhum; e depois de lhe ter dado hum bom castigo, deixou-se andar por toda a cidade com toda a gente, e indo affi por huma rua vio Timoja, que se vinha tambem recolhendo, perseguido de alguns turcos, que vinham já pegados nelle, e como os vio, remeteo a elles, e polos em desbarato de maneira, que o largáram. E se se Afonso Dalboquerque ali não achára, Timoja, e alguns capitães seus, que com elle vinham, se perdêriam, com que o Hidalcão mais folgára, que de tomar a cidade. A este tempo eram já tantos os mouros do arraial do Hidalcão dentro na cidade, que foi necessario a Afonso Dalboquerque recolher-se com toda a gente á fortaleza, sendo já trinta dos nossos mortos, e muitos feridos. E não custou isto tão pouco ao Hidalcão, que da sua gente não ficassem estirados por essas ruas mais de dous mil. Entrando Afonso Dalboquerque na fortaleza, vio os nossos tão cheios de temor, da muita gente que o Hidalcão comfigo trazia, que os começou a esforçar: e ao outro dia pela manhã chegou D. Antonio de Noronha nas galés, e bateis, em que andava no rio, e com sua vinda tomáram os nossos algum esforço, e Afonso Dalboquerque mandou logo Jorge da Cunha com duzentos homens nos bateis, que fosse á ribeira, e queimasse as náos que estavam em estaleiro, e o armazem; e porque acodíram muitos mouros á ribeira, não pode Jorge da Cunha queimar

mais que quatro, e as cascas do armazem, onde se queimou muita enxarcea, e todo o aparelho da ribeira, e tornou-se a recolher; e ao outro dia pela manhã entrou o Hidalcão com toda a gente do seu arraial dentro na cidade com tantas gritas, e tangeres, que era coufa de espanto ouvilos.

### CAPITULO XXXIII.

Como o grande Afonso Dalboquerque determinou de se fazer forte na fortaleza, e fostela: e do que passou com os capitães sobre isso, e do recado, que lhe o Hidalcão mandou por João Machado, e o que nisso passou.

**R**ECOLHIDO o grande Afonso Dalboquerque com toda a gente á fortaleza, mandou aos capitães que tomassem estancias no muro, com determinação de se fazer forte nella, e defender-se do Hidalcão, até lhe vir socorro de Cochim, polo qual determinava de mandar; e pera se determinar em o que faria, mandou ajuntar os capitães, e disse-lhes, que pois o Hidalcão tinha entrado a ilha, e estava em posse da cidade, e a culpa era de todos, que seria bom emendarem o descuido, que nisso tiveram, com fosterem aquella fortaleza; porque além de ella ser em si tão forte, que Rodes lhe não tinha nenhuma vantagem, estavam nella mil homens portuguezes, que defendendo-se bem, não bastava todo o poder do Hidalcão pera os entrar, e que neste tempo mandaria por socorro a Cochim. Os capitães lhe respondêram, que a culpa de o Hidalcão ter entrado a ilha, e estar em posse da cidade, não era por

falta de esforço, nem descuido que nelles ouvesse, senão polos mouros serem muitos, e elles poucos; e que quanto era a querer defender a fortaleza, e fostela, que não devia de cuidar nisso, porque elles não eram poderosos pera se poderem defender do poder, que o Hidalcão ali tinha: que se devia de recolher ás náos, e segurar sua armada, porque nella estava toda a segurança da India; e deste parecer foram todos os capitães, senão D. Antonio de Noronha, e Gaspar de Paiva alcaide mór da fortaleza, que disseram, que não devia de deixar a fortaleza, mas antes segurála, e fostela até ver a determinação do Hidalcão, porque elles estavam com as costas no rio, e que cada vez que quizessem se podiam recolher, sem lhe fazerem nojo. Afonso Dalboquerque, porque sua determinação era fazer-se forte na fortaleza, e defendela, não quiz dizer seu parecer, e deixou a coufa assi, sem tomar concrusão, e disse, que viriam os outros capitães, que ali faltavam, e que então allentaria no que devia de fazer. Os capitães estavam tão affombrados, que não ficaram contentes de se dilatar este negocio, e cada hum per si se foi a elle, e requerêram-lhe por muitas vezes, que se recolhesse ás náos, e deixasse a fortaleza, e elle dissimulou sempre com elles, até que hum dia se ajuntáram todos, e disseram-lhe, que se recolhesse, porque não era tempo pera esperar mais, e que quando o não quizesse fazer, que elles determinavam de se recolher, e deixarem-no. Afonso Dalboquerque, receoso que o temor que tinham, lhe fizesse fazer algum máo recado, mandou a D. Antonio de Noronha seu sobrinho, que se fosse á porta da fortaleza, que hia pera a ribeira, e não consentisse que sahisse ninguem pera fóra, nem se bolisse dali, sem lhe primeiro ver o rosto, ou hum certo sinal, que lhe tinha

gado. Vendo-se Afonso Dalboquerque em tanto trabalho, que pera aver de foster a fortaleza lhe era forçado guardala dos mouros, e dos christãos, e que as differenças, que avia antre elles, podia o Hidalcão saber por dous homens estrangeiros da armada, que o dia de antes se lançaram com elle, e com qualquer rebate que lhe désse haviam todos de deixar as estancias, determinou comfigo só de se recolher ás náos, por não perder a artilheria, que tinha em terra, e mandou Manuel Fragofo em huma fusta secretamente de noite saber o rio como estava, porque lhe era dito que os mouros tinham dado fundo a duas náos malabares, carregadas de pedra, na volta que o rio fazia abaixo da ribeira, pera o intupirem, por ser ali mais estreito. Partido Manuel Fragofo, mandou Jorge da Cunha dizer a Afonso Dalboquerque, que João Machado chegára á tua estancia, e lhe dissera, que lhe queria falar: elle perguntou aos capitães o que faria, e todos elles foram de parecer que lhe não falasse, porque não era já tempo pera andar em concertos, senão pera se recolherem. Afonso Dalboquerque, porque se não aventurava nisso muito, por cima disso quiz-lhe falar; e porque João Machado não visse o defarranjo, e assombramento dos nosfos, não quiz que entrasse na fortaleza, e mandou a Antonio da Costa, que fosse no seu batel por elle, e o levasse á galé de Simão Dandrade, e elle poz-se a cavallo, e veio ter á porta da cidade, onde a galé estava; e estando assi, chegou João Machado, já muito de noite, e disse-lhe, que elle desejava sempre de se sua senhoria concertar com o Hidalcão, e que via as cousas irem muito polo contrario do que elle queria; e que pois assi era, e sua senhoria não pudéra fuster a ilha contra o poder do Hidalcão, menos poderia de-

fender a fortaleza, porque no seu arraial avia muita gente, e muitos petrechos pera a combater, e por aqui lhe disse outras muitas coufas; e estando assi falando com João Machado, veio Francisco de Soufa Mancias, e desatentadamente disse, que fazia, que os mouros entravam a fortaleza, e que os capitães lhe mandavam dizer que se recolhesse; e não no querendo fazer, que deixariam as estancias. Afonso Dalboquerque ficou tão agastado de lhe dizer aquillo perante João Machado, a quem se elle estava vendendo, e zombando dos biocos que lhe fazia, que se alevantou muito apaixonado, e disse-lhe:

*Como, Francisco de Soufa, tanto desejais de entregar esta fortaleza aos Turcos? ora ide, e entregai-lha, e fazei o que quizerdes.*

Francisco de Soufa como desejava de se ver já fóra do perigo, em que estava, em chegando a D. Antonio de Noronha, disse-lhe, que seu tio mandava que largasse a fortaleza, e se recolhesse. D. Antonio esquecido do que lhe seu tio tinha dito, e confiando-se no que lhe Francisco de Soufa dizia, mandou logo pôr o fogo a huma tercena. Como esta nova correo pelas estancias, veio a nossa gente de roldão á porta da ribeira pera se embarcar. Ouvindo Afonso Dalboquerque o rumor dos nossos, cuidando que fossem mouros, por ser de noite despedio João Machado, e meteo-se em hum paráo, e acudio á porta da ribeira, e achou o roldão da gente, que se vinha recolhendo á ribeira pera embarcar, e felos tornar atrás, e dissimulou, porque tinha mais culpa D. Antonio de Noronha seu sobrinho no que fez, que Francisco de Soufa no que lhe disse. Acabado de recolher, chegou Manuel Fragofo, que elle tinha mandado ver o rio, e disse-lhe, que os

mouros tinham lançado huma náo Malabar carregada de pedra no canal do rio, e que a agua, que vinha das ferras, era tanta, e corria com tanta furia pera baixo, que abrir o canal por outra parte muito mais alto.

#### CAPITULO XXXIV.

Como o grande Afonso Dalboquerque deixou a fortaleza, e se foi embarcar: e como o Hidalcão entrou nella, e o que fez.

VENDO o grande Afonso Dalboquerque estas cousas sem remedio, descontente da fraqueza dos capitães, tendo confiança que não deixariam a fortaleza senão por seu justo preço, determinou de se recolher ás náos, e mandou a D. Antonio de Noronha, que fizesse embarcar toda a artelheria, assi a dos mouros, que tinha tomada, como a nossa, e todos os mantimentos que pudesse, e as mulheres, e meninos, e mercadores, que estavam na fortaleza; e como tudo foi recolhido, mandou a Gaspar de Paiva alcaide mór da cidade, que se fosse á fortaleza, e mandasse cortar a cabeça a Melique Çufecondal, e a cento e cincoenta mouros principaes da cidade, que em ella tinha mandado recolher, pelo que lhe João Machado tinha dito, e decepar as pernas a todos os cavallo, que estavam nas estrebarias, e puzesse fogo ás tercenas, onde se queimáram todas as cousas, de que se os mouros podiam aproveitar. Feito este negocio, disse Afonso Dalboquerque aos capitães, que cada hum com a sua gente se recolhesse, porque elle queria ficar por derradeiro. Os nossos desejosos de se verem fóra do perigo, em que se viam,

foi tão grande a preſſa, e o deſarranjo ao embarcar, que ſe fora de dia, qualquer gente dos inimigos que acudira os deſbaratára. Afonſo Dalboquerque, como todos foram embarcados, recolheo-ſe ás náos huma feſta feira ante menhaã, aos vinte dias do mez de maio do anno de dez, e mandou fazer toda a armada á véla, e foi-ſe polo rio abaixo ancorar defronte da fortaleza de Pangij, por ſer ali o rio mais largo, e eſtarem ſeguros de ſe poder tapar com nenhuma couſa, com fundamento de eſperar ali até a barra dar jazigo pera ſahirem de fóra. Franciſco de Souſa Mancias, que foi o primeiro, que ſe fez á véla, foi logo de golpe demandar a barra pera ſe botar de fóra, ſem mais determinação, nem mandado de Afonſo Dalboquerque, o qual como o vio ir, mandou após elle Diogo Fernandez de Béja na galé, e fello tornar, e em chegando, o reprehendeo muito de cometer ir-ſe ſem ſua licença, e tirou-lhe a capitania da náao, de que elle ficou mui deſcontente. O Hidalcão, como vio a noſſa armada partida, mandou hum bargantim que foſſe á viſta della, e viſſe ſua determinação, e elle entrou dentro na fortaleza com todos os turcos, e rumes, com grande prazer, grandes gritas, e tangeres, moſtrando grande contentamento de acabar couſa, que elle tanto deſejava; e entrando dentro no caſtelo, que vio na praça delle todos os mouros principaes da terra degollados, ficou mui triſte, e foi o pranto tamanho em todos aquelles, que hiam com elle, que o Hidalcão ſe agaſtou muito por ver tanta triſteza em huma cidade, que elle tomára com tanto prazer. Os turcos, e rumes tambem por ſua parte, como ali não acháram ſuas mulheres, e filhos, ficáram muito anojados, porque com eſta eſperança ſofrêram muitos trabalhos em a entrada da ilha; e



Retrato do autor dos *Comentários* (busto coevo,  
do palácio da Bacalhõa).



estando o Hidalcão nesta tristeza consolando os pais, filhos, e parentes daquelles, que ali eram mortos, chegou o capitão, que elle mandára no bargantim, e disse-lhe, como a armada dos frangues surgira toda defronte da fortaleza de Pangij, e que lhe parecia que seu fundamento era fazer ali assento; porque huma não, que fora demandar a barra pera sahir de fóra, mandára o capitão mór huma galé após ella, e a fizera tornar pera dentro. Como o Hidalcão isto soube, temendo-se que Afonso Dalboquerque tomasse Pangij, e se fizesse forte nelle, polo entreter, pera neste interim poder prover a fortaleza, mandou logo João Machado no mesmo bargantim, que lhe fosse falar em pazes; e como o despedio, fez prestes hum capitão com quatrocentos turcos, e dous mil piães da terra, e artelharia, e todas as monições necessarias, e mandou-o á fortaleza de Pangij pera a guardar, e que fizesse todo o mal que pudesse á nossa armada, de maneira, que fosse forçado alevantar-se, e irem-se, ou fazer algum concerto com elle. Como João Machado chegou, falou logo nas pazes, e depois de muitas práticas, que sobre isso tiveram, disse-lhe Afonso Dalboquerque, que no tempo, que elle tinha a fortaleza de Goa, logo elle assentára com o Hidalcão qualquer paz, e amizade; mas pois era fóra della, que não faria nenhum concerto, sem lhe primeiro entregar Goa, e todas suas rendas, e pagar certo tributo a ElRey Dom Manuel das terras, que tinha tomado aos indios, e fazer-se seu vassalo, e tomar sua bandeira, e que lhe avia de dar Dabul pera nelle fazer fortaleza; e que se isto fizesse, assentaria paz com elle, porque Goa era delRey de Portugal, e sempre o avia de ser. João Machado se foi com esta reposta, e ao outro dia pela menhaã tornou logo o Hidalcão ao

mandar pedir-lhe arrefens pera irem dous turcos homens principaes a falar com elle. Afonso Dalboquerque mandou D. Antonio de Noronha em huma galé falar com os turcos, junto da fortaleza de Pangij, e Diogo Fernandez de Béja pera estar em terra por arrefens. Chegado Dom Antonio, mandou Diogo Fernandez a terra, e os dous turcos vieram á galé falar com elle, e esfliveram todos tres praticando hum bom pedaço, sem tomarem concrusão em nada; (e na verdade elles a não queriam, senão dilatar o negocio, pera proverem a fortaleza de Pangij, como fizeram;) e em se despedindo de D. Antonio, faláram-lhe em resgate das mulheres, e filhos dos turcos, e rumes, e D. Antonio os defenganou, que por nenhum preço do mundo lhas aviam de dar; e assi foi, porque dali as levou Afonso Dalboquerque comfigo, e na segunda tomada de Goa as fez christans, e casou, como em seu lugar se dirá. Partidos os turcos, recolheu D. Antonio a Diogo Fernandez, e veio-se pera as náos, e deo conta a seu tio do que passára, e Diogo Fernandez lhe disse, que lá em terra, onde estivera, lhe disseram os turcos muitas rebolarias em italiano, e em castelhano. Como a nossa gente ainda estava assombrada do negocio passado, vendo que D. Antonio não tomára concrusão com os turcos, avendo que tudo era perdido, foram-se a Afonso Dalboquerque, e fizeram-lhe grandes requerimentos, que se sahisse pela barra fóra, sabendo todos mui bem que estavam na força do inverno, e não era tempo pera ir demandar nenhuma barra da India.

## CAPITULO XXXV.

Do conselho, que o grande Afonso Dalboquerque teve sobre se sahiria pela barra fóra, e o que nisso passou: e como mandou Fernão Perez Dandrade, que se perdeu.

**O** GRANDE Afonso Dalboquerque, pera pacificar este alvoroço, em que os capitães traziam medido toda a gente, e por lhes tirar o affombramento que tinham, mandou-os chamar, e os mestres, e pilotos das náos; e depois de serem todos juntos, disse-lhes, que se espantava muito delles, pois sabiam que não era tempo pera sahir pela barra fóra, andarem amotinando a gente pera lhe fazerem requerimentos que se fossem, que ali estavam todos aquelles mestres, e pilotos, que se elles dissessem que lhes parecia bem fazelo, que elle o faria. Os capitães, como desejavam de se ir, começaram logo cada hum per si a dizer, que o tempo estava bonança pera sahirem pela barra fóra, e que fosse invernar a outra parte, porque tinha muito poucos mantimentos, e que naquellas ilhas não tinham maneira pera os poderem aver, porque tudo o Hidalcão tinha atalhado; e que quando o tempo não consentisse irem demandar Cananor, ou Cochim, que podiam invernar em Anjadiva; e por aqui foram dando outras muitas rezões, conforme a seus intentos. Os mestres, e pilotos disseram, que elles estavam ali em hum lugar muito largo, e espaçoso, onde tinham suas náos mui bem amarradas, e que lhe não podiam os da cidade fazer nenhum nojo; e que [se] isto assi não fosse, a barra andava de maneira, que hum barco, por muito

pequeno que fosse, não podia fahir por ella; e dado caso que podessem fahir sem perigo, não tinham onde pudessem invernar; porque Anjadiva, onde elles diziam, não era capaz de tantas náos, e tamanhas poderem estar naquelle tempo ali; e em tres, ou quatro confellos, que tiveram sobre este caso, sempre os pilotos, e mestres foram deste parecer, e a maior parte dos capitães polo contrario, e sobre isso lhe faziam muitas falas, e diziam-lhe, que toda a gente da armada se escandalizava d'elle, e clamavam, que os queria matar ali todos de fome; e outras muitas cousas diziam, que calo por não culpar os mortos, nem envergonhar os vivos. Vendo Afonso Dalboquerque, que por cima do parecer dos pilotos, e mestres os capitães eram mal sofridos nos trabalhos, e não lhes lembrava que não estava o seu governador fóra delles, determinou de aventurar o navio S. João, e mandou Fernão Perez Dandrade, que era capitão d'elle, que fosse a Anjadiva, e com o primeiro tempo lhe trouxesse todos os mantimentos que pudesse achar, e a Timoja que fosse em sua companhia com hum par de fustas das suas por effes portos, e trouxesse alguns; e como foram prestes, partiram, e foram demandar a barra; e porque o tempo era muito, e o mar grosso, forgiram da barra pera dentro, e esfliveram ali toda aquella noite, e ao outro dia pela menhaã, que o tempo abonçou, determinou Fernão Perez, por conselho do seu piloto, de botar de fóra. Timoja como o vio nesta determinação, disse lhe, que se não defamarrasse, porque ainda que o tempo fosse bonança, não era ensejo pera fahir, e que se o fizesse, que se perderiam. Fernão Perez Dandrade, como desejava de fazer o que lhe mandáram, não deo polo conselho de Timoja, e levou suas ancoras, e foi

demandar a barra, sendo hum quarto de agua por vasar; e porque a agua do monte corria muito, e o vento acalmou, acostou o navio a hum baixo, onde se perdeu, e por ser velho, desfez-se logo todo. Afonso Dalboquerque vendo o navio perdido, mandou-lhe acudir com os bateis, e salváram toda a gente, e artelharia, e todos os aparelhos d'elle. Quando os capitães viram como se o navio perdêra, pareceo-lhes então bom o conselho dos mestres, e pilotos, e ali esteve a nossa armada muitos dias passando muitos trabalhos.

### CAPITULO XXXVI.

Como o capitão, que estava em Pangij, começou a tratar mal as nossas náos com artelharia: e do que o grande Afonso Dalboquerque passou com os nossos sobre isso, e como não quiz tomar o presente, que lhe o Hidalcão mandava.

**O** HIDALCÃO, como vio que o grande Afonso Dalboquerque não respondia a proposito sobre seus concertos, apressou-se mais a mandar o capitão, e gente, que tinham ordenado pera Pangij, o qual como foi na fortaleza, mandou logo tirar ás nossas náos com a artelharia, e fazia-lhes muito nojo com ella; e dia ouve, que lhes metêram dentro cincoenta pilouros de bombardas grossas, a fóra outros de miuda. A gente andava tão assombrada, e desconfiada disto em que se viam, que lhes parecia, que com jangadas lhes aviam os mouros de tomar as náos, de maneira, que não oufava Afonso Dalboquerque de os tirar deste medo

com reprehensões, polos não meter em desesperação; mas antes quando lhe vinham aconselhar o que avia de fazer, pera se salvar do perigo em que estava respondia, que lhe parecia muito bem o que diziam, e que elle o faria logo, e dali se hia meter na sua camara, e olhava pera o ceo, e pedia a Deos perdão de suas culpas, porque aquelle affombramento da gente não podia ser medo, senão peccados seus, pois tinha o Cirne, e Frol de la mar, que eram duas náos tão poderosas, que ellas sós bastavam pera se defenderem do poder do Hidalcão. Com este affombramento, que a gente tinha, fugíram dous homens darmas pera os mouros, e differam ao Hidalcão a fortuna, em que os nossos estavam, e os muitos doentes, que avia na armada, e como a sua artelharia fazia muito nojo nas nossas náos; e que era a fome tamanha entre elles, que por falta de mantimentos comiam todos os ratos, que avia nas náos, e tiravam os couros das arcas encouradas, e comiam-nos cozidos, e que cada dia faziam grandes requerimentos ao capitão mór, que se sahisse daquelle rio. O Hidalcão, porque Afonso Dalboquerque não queria fazer nenhum concerto com elle, não deo muito credito a isto, que lhe os dous christãos differam; e pera se certificar se era verdade, determinou de lhe mandar hum presente de carneiros, e gallinhas, e outros refrescos da terra; e partido o mouro em hum barco com o presente, veio-se á não de Afonso Dalboquerque com huma bandeirinha branca, o qual como vio o barco com aquellas coufas que trazia, entendeu logo que seria dizerem os mancebos, que fugíram, ao Hidalcão, a necessidade em que estavam; e elle por se mais certificar do que passava, mandava aquelle presente; e pera lhe pagar na mesma moeda, mandou deter o mouro a

bordo da náó, e disse ao mestre, que mandasse cerrar huma pipa polo meio, e que a puzesse chea de vinho no convés, e todo o biscouto que ouvesse em huma véla, (o qual era pouco, e tinha-o guardado pera os doentes;) e como teve isto aparelhado, mandou entrar o mouro, e chegado onde Afonso Dalboquerque estava, disse-lhe, que o Hídalcão seu senhor tinha sabido a muita necessidade, em que estava por falta de mantimentos; e porque elle desejava de serem amigos, e de ter paz, e amizade com ElRey de Portugal, como por muitas vezes lhe mandára dizer, lhe mandava aquelle refresco; e tendo necessidade de mantimentos, lho mandasse dizer, que tudo lhe mandaria; porque ainda que antre elles ouvesse guerra, elle lha não queria fazer por fome, senão com a espada na mão. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que dissesse ao Hídalcão, que lhe tinha muito em mercê a lembrança que tinha delle, que não era seu costume tomar presentes de seus inimigos no tempo da guerra; e que quanto era aos mantimentos que lhe mandava offerecer, que na sua armada avia tanto biscouto, e vinho, que estavam as náos todas daquella maneira que via, sem aver quem lançasse mão delle. O mouro com esta resposta de Afonso Dalboquerque tornou a levar o presente que trouxera, e disse ao Hídalcão o que víra, e o que passára com elle.

## CAPITULO XXXVII.

O conselho, que o grande Afonso Dalboquerque teve pera cometer a fortaleza de Pangij, e como a entrou, e do estrago, que fez nos mouros.

VENDO o grande Afonso Dalboquerque o muito damno, que a sua armada recebia da artelharia, que estava na fortaleza de Pangij, determinou por cima de todos os inconvenientes, que podia aver, de a cometer, e sobre isso aventurar a vida, e tudo o mais; e pera se determinar como faria este negocio, mandou chamar os capitães, e disse-lhes, que elle tinha affentado, tanto que se vio fóra de Goa, não travar mais escaramuças com os mouros, porque quem deixava os muros de huma cidade tão nobre, como aquella, não se devia de contentar de andar ás frechadas com quatro negros; mas pois allí era, que a artelharia, que estava na fortaleza de Pangij, o obrigava a cometela, e lhe era forçado pelejar contra sua vontade, que lhes pedia por mercê, que lhe dissessem que maneira teria pera cometer este feito, porque elle determinado estava de o cometer; e porque neste conselho começou áver antre os capitães muitas differenças, e diversas determinações, quiz Afonso Dalboquerque açalhar a tudo antes que lhe respondessem, e disse, que elle não forçava ninguém a ser naquelle feito, que quem o quizesse seguir, tanto que ouvísse huma trombeta de Timoja, acudísse á sua náó, porque elle com poucos, ou muitos, com aquelles que se achasse, determinava de ir cometer os

mouros, que estavam na fortaleza, e com ajuda da Paixão de Nosso Senhor esperava de os levar nas mãos. Os capitães como viram a sua determinação, responderam-lhe, que elles seriam com elle naquelle feito; e sem aver mais praticas nisto, porque Afonso Dalboquerque não quiz que as ouvesse, por quão enfadado andava já de suas cousas, foram-se pera suas náos fazer prestes, e aquella noite fugio hum mancebo da armada, e levou por alvitre ao Hidalcão o conselho, e determinação, em que ficava. O Hidalcão com este aviso, que lhe o mancebo deo, mandou chamar os seus capitães, e João Machado com elles, e contou-lhes o que lhe o mancebo dissera, e perguntou-lhes se feria necessario prover Pangij de mais gente, e artelharia? Os seus capitães todos foram de parecer, que na fortaleza avia gente, que bastava pera se defender, e quando fosse necessario socorro, que mui prestes se poderia mandar. João Machado, que foi o derradeiro que falou, disse, que elle não era daquelle parecer, senão que mandasse mais gente; porque se a artelharia, que estava na fortaleza, fazia tanto nojo ás náos do portuguezes, como o mancebo dizia, que fosse certo que lha aviam de tomar. Hum dos capitães, que era já seu competidor, disse ao Hidalcão, que aquillo, que João Machado dizia, eram mais palavras de christão, que de mouro, e por isso lhe parecia que se não podia defender Pangij; que lhe mandasse dar quinhentos turcos, e que elle se obrigava com a mais gente, que estava nella, de a defender a todos os portuguezes. João Machado lhe respondeo, que elle não dizia aquillo senão como quem sabia bem quão determinados os portuguezes eram, que elle bem podia ir, mas que lhe ficava, que se os portuguezes eram os que elle cuidava,

que elles lhe parecêsem gente pera arrecear de comer com poucos; e porque se começáram a travar em palavras, porque já avia dias, que tinham diferenças, metêram-se os turcos capitães antre elles, e apartáram-nos, e o capitão turco se foi meter em Pangij com a gente que pedio ao Hidalcão, e acertou-se de ser o dia, que Afonso Dalboquerque cometeo a fortaleza, o qual foi recebido dos de dentro com grandes gritas, e tangeres, e fogos, que fizeram toda aquella noite. Afonso Dalboquerque, posto que a fugida do mancebo lhe fez ter dúvida a cometer este negocio, arreceando-se, que advertido o Hidalcão da sua determinação, proveria a fortaleza de mais gente da que tinha, com tudo não quiz tornar atrás do que estava assentado, e como foram horas, mandou tocar a trombeta, e todos se vieram a bordo da sua náó, e dali partíram huma festa feira ante menhaã catorze dias do mez de Junho, e chegando a terra, mandou Afonso Dalboquerque Diogo Fernandez de Béja com vinte homens, que fosse tomar a porta da fortaleza, que hia pera a cidade, e que se deixasse estar, porque ali iriam todos ter com elle; e a Dinis Fernandez patrão mór da ribeira, que com cincoenta marinheiros, e bombardeiros tivesse cuidado de recolher o camelo, e toda a outra artelharia, que ouvesse na fortaleza, aos bateis, e elle fez-se forte com hum corpo de gente na praia, pera acudir onde fosse necessario. Ordenado isto, em tocando as trombetas, foram os capitães com sua gente cometer o baluarte com tanta furia, que sem aver detença, o entráram, cada hum por onde achou melhor lugar; e Manuel de Lacerda foi o primeiro que subio em cima do muro. Os mouros como estavam sonorentos, confiados na muita gente que tinham, quando se quizeram

valer das armas, eram já os nossos apegados com elles, e como se víram atalhados, puferam-se em fugida, e foram demandar a porta da fortaleza, onde Diogo Fernandez estava, e polos mouros ferem muitos, tiveram-no de todo desbaratado, senão fora Garcia de Soufa que lhe acudio; e chegando a elle, achou-o já muito ferido, e a maior parte da sua gente, e tres homens seus mortos, e nisto chegaram os outros capitães, que vinham após os mouros, e fizeram-se todos em corpo, e deram nelles, e desbarataram-nos logo, e ficou a fortaleza despejada de toda a gente, que podiam fer quatro mil turcos, e mouros: morrêram ali cento e cincoenta turcos, e cem piães gentios, e tres capitães do Hidalcão, e os nossos feriam quinhentos portuguezes, tudo fidalgos, e principaes homens da armada, e por serem poucos fizeram hum feito muito de louvar, (porque nos animos generosos o temor da infamia vence todo o perigo, e medo.) E tendo já Dinis Fernandez recolhida toda a artilharia dos mouros nos bateis, e os dous camelos, que tinham tomado a Garcia de Soufa em Benastarim, e cinco falcões, que se tomáram na torre de Agacij, e muitos arcos, frechas, e lanças, recolheo-se Afonso Dalboquerque com toda a gente, e veio-se pera as náos; e sendo todos recolhidos, vieram os gentios, e queimáram todos os corpos mortos, (segundo seu costume,) e desta vitoria, que os nossos ouveram contra os turcos, ficou João Machado com mais credito com o Hidalcão pelo que tenho dito, e o seu competidor morto.

## CAPITULO XXXVIII.

Como o grande Afonso Dalboquerque, mandou Diogo Fernandez de Béja, e os outros capitães nas galés, dar huma vista á cidade pera saberem certeza da armada, que se fazia, e como D. Antonio polos focorrer foi morto.

**R**ECOLHIDO o grande Afonso Dalboquerque ás náos com esta vitoria, porque avia nova que o Hidalcão tinha feito huma armada de vinte e cinco vélas, de paráos, fustas, e atalaias, com muita artelharía, e arrombadas, e padefes pintados, e muita gente dentro pera lhe virem queimar as náos, mandou a Diogo Fernandez de Béja em huma galé, e Afonso Pelfoa, e Simão Martinz nas outras duas, que fosse dar huma vista á cidade, e vissem se se fazia esta armada que diziam. Partido Diogo Fernandez, e seus companheiros, mandou a Dom Antonio de Noronha feu sobrinho, que estivesse prestes com todos os capitães nos bateis das suas náos; porque sendo necessario tocorrerem Diogo Fernandez, o fizessem; e porque da armada se não podiam ver as nossas galés, nem a cidade, porque ficavam encubertas com huma volta, que o rio ali faz, mandou a Dinis Fernandez, que se fosse em hum paráo pôr no meio do rio, em parte, donde pudesse ver huma cousa, e a outra. Os turcos como já estavam prestes, em vendo as nossas galés mandáram levar suas ancoras, e começaram a vir remando pera ellas. Dinis Fernandez, que estava em vista, como vio que a armada dos turcos abalava, fez final a D. Antonio de

Noronha, o qual partio logo a voga arrancada, com todos os capitães; e porque a maré enchia, foram muito prestes á vista da armada dos turcos, e como a vio, bradou a Diogo Fernandez, e aos outros capitães, que com elle hiam, que remassem, e fossem investir duas atalaias, que vinham diante da armada. Diogo Fernandez, e os outros capitães, que estavam com os remos levados, quando víram o focorro que lhes vinha, mandáram remar mais depressa, e foram-se chegando pera a armada dos turcos, e começaram-lhe á tirar com sua artilharia, e acertou que huma bombardada da galé de Diogo Fernandez deo pelas atalaias, que vinham na dianteira, e felas em pedaços, e morrêram todos os mouros, que nellas vinham; huns, que matou a artilharia, e outros, que se afogáram em o rio, e a este tempo era já D. Antonio, e todos os capitães pegados com Diogo Fernandez. Os turcos, vendo a determinação dos nossos, fizeram volta pera a cidade, e Dom Antonio com todos os capitães foi-os seguindo, até encalharem na ribeira, onde estavam muitos mouros, esperando a furia, com que os nossos vinham, pera os reprimir; mas como a artilharia das galés os defenganou, matando alguns, largáram a ribeira, e recolhêram-se á cidade. D. Antonio, que hia seguindo huma galeota nossa, que ficára em estaleiro, quando se recolhêram, vendo-a varada em terra, fó sem ninguem, poz-se ao longo della no feu batel, e desembarcou com sua gente pera a lançar ao mar; e se o affi fizeram todos, a galeota não ficára em terra, e elle não morrerá; mas os mouros como víram D. Antonio mal focorrido dos nossos, acudíram á galeota, e foi a peleja de huma parte, e da outra de modo, que foram tres capitães do Hidalcão mortos, e muitos dos nossos feri-

dos, sem quererem largar a galeota, até que deram huma fréchada no joelho esquerdo a D. Antonio, de que logo ficou, que se não pode ter na perna, e com a grande dor que tinha largou a galeota, e recolheo-se ao batel, e todos os outros se afastaram logo, e com esta vitoria, ou desaventura, (pois ali acabou seus dias hum rarissimo capitão, como era D. Antonio,) se recolhêram ás náos; e porque elle tinha grandes dores na perna, não quis que o levassem á não de seu tio, e foi-se ao Cirne, de que era capitão. Como Afonso Dalboquerque soube este desastre, meteo-se no seu esquife, e foi-o ver, e achou-o já muito mortal, e ouve muitos conselhos pera lhe cortarem a perna; mas elle nunca quis, cuidando que não fosse o mal tanto, e affi esteve com grandes dores até oito dias do mes de julho, que lhe faltáram erpes nella, de que morreo; e não ouve pessoa na armada, que o não sentisse muito, principalmente seu tio, porque o deixou em tempo, que tinha muita necessidade de sua pessoa, conselho, e cavalaria; e derramando muitas lagrimas, o mandou enterrar ao pé de huma arvore, e na segunda tomada de Goa mandou trazer os seus ossos á igreja maior; e quando faleceo, deixou em seu testamento, que lhos passassem á sua capella de Nossa Senhora da Serra, que elle fez na cidade de Goa, como adiante se dirá. D. Antonio de Noronha era filho de D. Fernando de Noronha, e de D. Costança de Castro, irmã de Afonso Dalboquerque, mais moço que D. Alvaro de Noronha seu irmão. Foi muito efforçado Cavaleiro, e nunca se achou em cousa que lhe sentissem medo. Foi muito virtuoso, amigo de Deos, e muito verdadeiro. Achou-se em todos os trabalhos, que Afonso Dalboquerque até aquella hora tinha passados. Morreo de idade de vinte

e quatro annos, avendo quatro, que partira de Portugal com seu tio na armada de Tristão da Cunha.

### CAPITULO XXXIX.

O recado, que o Hidalcão mandou ao grande Afonso Dalboquerque, pedindo-lhe que quisesse fazer pazes com elle, e do mais que passou.

COMO o Hidalcão desejava mais de fazer pazes com o grande Afonso Dalboquerque, que de se vingar do desbarato, que os nossos fizeram na fortaleza de Pangij, passados alguns dias, depois deste feito, mandou dous turcos homens principaes falar nellas; e chegados á borda do rio da banda de Pangij, começaram a capear. Afonso Dalboquerque mandou Gaspar Rodriguez lingua a terra saber o que queriam. Os turcos lhe disseram, que dissesse ao capitão mór, que o Hidalcão os mandavá ali pera falarem em pazes, que mandasse huma pessoa falar com elles; e como elle estava muito aborrecido de suas mentiras, não quísera ter prática com elles; e com tudo, porque nisto se não aventurava nada, mandou Pero Dalpoem em hum batel esquipado com gente, que lhes fosse falar; e porque elles quando vinham fallar de pazes, traziam sempre em sua companhia alguns portuguezes, que lá andavam tornados mouros, bem vestidos, e encavalgados á sua ulança, e com sombreiros de estado, os quaes diziam muitas palavras descortezes, e aconselhavam aos nossos, que se fossem pera o Hidalcão, (porque além de lhes dar grande soldo, tinham lá muito boa vida, e estavam

fôra dos trabalhos, e fomes que ali passavam.) Enfadado Afonso Dalboquerque desta bargantaria dos portugueses, e da ruindade dos mouros, porque este desvergonhamento não fosse mais por diante, disse a Pero Dalpoem que levasse comfigo hum espingardeiro, e que se algum bargante daquelles ali chegasse, que o mandasse matar. Partido Pero Dalpoem, chegou á borda da agua, onde os turcos estavam, e começando a falar nos negocios das pazes, chegou João Deiras, hum galego, que fora marinheiro, e antre os nossos servia de cirurgião, com outros seus companheiros, em cima de hum cavallo mui bem concertado, vestido em trajos de mouro com seus moços, e sombreiro, e começou a falar algumas palavras descortezes. Pero Dalpoem, vendo que João Deiras hia por sua historia adiante, disse a João Dilhanes bombardeiro, o qual levava comfigo pera este feito, que o mataffe, e que elle lhe faria fazer mercê. Como João Dilhanes era bom official deste officio, andando João Deiras afastado hum pouco da borda da agua, passeando em cima do seu cavallo, e falando o que queria, desparou a espingarda, e deo com elle morto no chão, de que os turcos ficaram mui affombrados. Pero Dalpoem vendo o espanto, que elles fizeram de verem João Deiras morto, disse-lhes, que aquelle homem era condemnado á morte por sentença, por se lançar com os mouros, e pelas leis delRey de Portugal qualquer homem o podia matar, onde quer que o achasse, que lhe pezava muito daquillo ser perante elles; que lhes pedia por mercê, que se dali por diante mais viessem falar em pazes, ou em outra qualquer cousa, que não trouxessem em sua companhia aquelles bargantes, porque falavam coufas muito desonestas, e se allí fosse, sería necessario matarem-lhos

todos. Os turcos lhe respondêram, que lhes pezava muito, em tempo que elles vinham falar em pazes, e amizades, dizerem elles cousa que os escandalizasse, e por isso o que elle mandára fazer fora muito bem feito, e que elles não virião ali mais. Passadas estas práticas, os turcos se despedíram de Pero Dalpoem, e foram-se sem tomarem concurião nenhuma, e Pero Dalpoem se veio á não de Afonso Dalboquerque, e deo conta de tudo o que passára.

## CAPITULO XL.

De como o Hidalcão tornou a mandar outra vez hum seu capitão principal falar com o grande Afonso Dalboquerque nas pazes: e da resposta que lhe deo, e do que passou com elle sobre Timoja.

**P**ASSADA esta prática, que Pero Dalpoem teve com os dous turcos, dali a cinco dias tornáram a capear da fortaleza de Pangij com huma bandeira. Afonso Dalboquerque mandou saber o que era, e trouxeram-lhe recado, que estava ali hum capitão principal do Hidalcão, que se chamava Mostafação, que queria falar com elle, que lhe mandasse arrefens pera ficarem em terra, e como estava agastado da morte de D. Antonio seu sobrinho, não lhe quisera falar: e os capitães lhe differam, que pois o Hidalcão mandava hum capitão tão principal como aquelle, que seria pera fazer tudo o que elle quisesse, que o devia de mandar vir, e ouvilo, porque poderia ser que cometeria cousa, que parecesse bem a todos fazello; e com este parecer

dos capitães, (posto que fosse contra sua vontade,) mandou fazer prestes hum parão alcatifado de alcatifas de feda, e disse a Gaspar de Paiva, e Diogo Fernandez de Béja, e Pero Dalpoem, que fossem nelle a terra, e que o trouxessem, e mandou com elles Francisco Corvinel, e Diogo Fernandez, adail que fora de Goa, pera ficarem em arrefens, e a Gaspar Rodriguez lingua pera ir a terra com os recados; e como o parão esteve prestes, partiram-se, e chegando defronte da fortaleza de Pangij, mandou Pero Dalpoem Gaspar Rodriguez lingua em huma almadia a terra, dizer aos turcos, que o grande Afonso Dalboquerque mandava ali aquelle parão pera levarem o capitão á sua náó, e que tambem traziam arrefens pera deixarem em terra. Os turcos lhe mandáram dizer, que Mostafação era hum homem muito fidalgo, e dos principaes capitães do Hidalcão, e que trazia em sua companhia dous turcos, homens muito honrados; e que se elles traziam D. Antonio de Noronha pera ficar em terra, que iriam, e senão, que se tornariam, (parece que ainda não sabiam que D. Antonio era morto.) Pero Dalpoem lhe mandou dizer, que Dom Antonio não vinha ali, porque ficava muito doente, mas que vinham dous homens muito honrados, criados delRey de Portugal, e seus capitães. Os turcos foram disso contentes, e disseram, que os mandasse a terra. Pero Dalpoem os mandou logo na almadia, e nella veio Mostafação com os dous turcos, e embarcáram no parão, e vieram ter á não capitaina, onde Afonso Dalboquerque estava com todos os capitães fidalgos, e gente honrada da armada na tolda da náó, mui bem concertada. Chegado Mostafação á náó, Afonso Dalboquerque o veio receber no cabo da tolda, e fez-lhe muito gazalhado, e depois de passarem suas

cortezias disse-lhe Mostafação, que lhe queria dar hum recado do Hidalcão, mas que não avia de fer perante tanta gente. Afonso Dalboquerque se alevantou, e meteo-se com elle, e com os dous turcos na sua camara, e levou consigo Cogebequi, e Lourenço de Paiva secretario, e Pero Dalpoem ouvidor da India; e depois de estarem assentados, deo-lhe Mostafação muitas commendas da parte do Hidalcão, e de todos os seus capitães, dizendo, que ainda que antre elles ouvesse guerra, o costume dos capitães era na paz fazerem comprimentos huns com os outros; e depois disto lhe disse, que o Hidalcão feu senhor, pelos desejos, que tinha da paz, o mandava ali pera fazer tudo o que elle quisesse, que folgaria muito de aver antre elles alguma maneira de amizade, e que o Hidalcão folgaria muito de lhe dar Goa, polo muito que desejava de serem amigos, mas que os turcos não queriam consentir que lha désse; que lhe pedia muito por mercê, que quisesse tomar Cintácora, com todas as suas terras, e rendas, que eram muitas, porque ali tinha hum porto muito bom, onde podia fazer fortaleza, se quisesse. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que elle não tinha de que se aggravar do Hidalcão, pois todos os acontecimentos da guerra eram guiados pela vontade de Nosso Senhor; e posto que agora o lançasse fóra de Goa, que veria tempo, em que lhe elle faria outro tanto; e quanto ao mais que lhe dizia, que elle não avia de tomar outra nenhuma cousa, senão a ilha de Goa, com todas as suas terras, e que se lha désse, que seriam amigos, e senão, que não falasse mais nisso. Mostafação lhe respondeo, que o Hidalcão feu senhor não avia de dar a ilha de Goa, porque a tinha ganhada, e se lha tornasse a deixar, abateria muito em seu estado, e credito, e

chegou-se pera elle, e disse-lhe, como disse, que lhe parecia que se quifesse entregar Timoja ao Haldcão seu senhor, que os turcos consentiriam que lhe dêsse Goa. Afonso Dalboquerque ficou tão affrontado de lhe Mostafação falar em entregar Timoja, que lhe respondeo feveramente, que se espantava muito delle ousar de lhe cometer tal cousa como aquella: que Timoja fora sempre muito leal servidor del-Rey D. Manuel seu senhor, e por seus serviços era digno de muita mercê, e honra; que disseffe ao Haldcão, que o reyno de Goa era del-Rey D. Manuel seu senhor, cada vez que o seu capitão geral da India quifesse; e que lhe prometia, que antes que passasse aquelle verão, elle estivesse nos seus paços de Goa muito descansado, e que esperava de fazer Timoja muito grande senhor no reyno de Decan, e então saberia se era bom o conselho, que lhe os turcos davam, e despedio-o que se fosse no parão assi como viera, e trouxeram Diogo Fernandez, e Francisco Corvinel, que lá ficáram em arrefens.

## CAPITULO XLI.

Do que o grande Afonso Dalboquerque, estando no rio de Goa, passou com certos capitães sobre mandar enforcar Ruy Diaz: e de como determinou de mandar D. João de Lima com os doentes a Cochim.

**E**STANDO o grande Afonso Dalboquerque no rio de Goa passando estes trabalhos, que tenho dito, e com muita gente doente, e muita falta de mantimentos, e o tempo ser tal, que não podiam sahir pela barra

fóra, vieram-lhe dizer, que hum Ruy Diaz, homem d'armas, havia muitos dias que entrava de noite com as mouras, que tomára em Goa. Sabido isto, e arreando que Nosso Senhor lhe désse algum grande castigo senão acudisse a hum caso como este, mandou chamar Pero Dalpoem ouvidor, e encommendou-lhe muito, que secretamente se enformasse deste negocio como passava, e que fosse seu escrivão Lourenço de Paiva secretario, e achando a Ruy Diaz culpado, o prendesse, e procedesse contra elle como fosse justiça. Pero Dalpoem começou a tirar sua devassa secretamente, e achou por muitas testemunhas, que havia dias, que Ruy Diaz entrava com ellas. Vistas as culpas, e o lugar, e tempo em que cometêra este delicto, julgou que morresse morte natural, e mandou-o enforcar na náó Flor da Rosa, de que era capitão Bernaldim Freire; e indo o meirinho fazer esta execução, que lhe o ouvidor mandava, sahíram da galé pequena, onde todos estavam juntos, Simão Dandrade capitão della, Fernão Perez seu irmão, Jorge Fogaça, Francisco de Sá, e Bernaldim Freire, e passáram pela náó Flor da Rosa, onde o meirinho estava enforcando Ruy Diaz, e deixáram nella Bernaldim Freire, e Francisco de Sá; e como foram dentro, foi-se Francisco de Sá logo com huma espada nua ao goroupés da náó, e cortou-lhe o baraço, e recolheo-o pera a náó. Vendo o meirinho que lhe tomavam o preso, começou a chamar alto por Afonso Dalboquerque, que lhe mandasse acudir, que lhe tomavam o preso. Fernão Perez Dandrade, Simão Dandrade, e Jorge Fogaça, no paráo em que hiam, foram-se por essas náós, e de humas pera as outras começaram a capear com toalhas, requerendo aos capitães da parte delRey, que não consentissem enforcar

aquelle homem. O alvoroço era tamanho em toda a armada, que se não entendiam. Os capitães não sabendo o que era, mandáram alar os seus bateis a bordo, e começaram-se todos a fazer prestes para acudir aonde fosse necessário. Vendo Afonso Dalboquerque o alvoroço na armada, e que os capitães andavam capeando com toalhas, tendo já recado do meirinho como lhe tomáram o prezo, meteo-se no seu batel com cinquenta homens armados, e foi-se demandar o parão, em que andavam Fernão Perez, Simão Dandrade, e Jorge Fogaça, com determinação de os apagar logo, e a todos aquelles, que acodissem ao seu apellar. Como o elles viram no batel, deixáram de correr ás náos, como faziam, e vieram-se direitos a elle, e como chegaram, disse-lhes Afonso Dalboquerque, que alvoroços eram aquelles, em que andavam, estando toda a gente atemorizada das novas que avia dos turcos virem queimar a nossa armada; e porque bradavam da parte delRey, que se não fizesse justiça de hum homem, que fizera aquelle delicto em tempo, que era mais para trazer hum filicio derredor de si, que para o cometer, que elle da sua parte mandava fazer aquella justiça; e dizendo isto, saltou Jorge Fogaça no seu batel, e disse-lhe, que elle não avia de mandar allí fazer justiça de hum homem tão honrado, como aquelle: que mostrasse logo autos, e testemunhas, e o poder que tinha para o fazer; e Fernão Perez Dandrade, e Simão Dandrade tambem eram desta opinião, senão que as palavras foram mais honestas. O grande Afonso Dalboquerque, porque este desfacatamento feito a sua pessoa não ficasse sem castigo com merecida pena, determinou de os castigar, e felos embarcar na sua náos, e mandou-os meter debaixo da

cuberta, carregados de ferros, e disse ao ouvidor que se fosse á não Flor da Rosa, e mandasse logo enforcar Ruy Diaz. E porque na devassa, que se tirou, acháram Francisco de Sá muito culpado, mandou-lhe que o trouxessem prezo, e que o metessem em ferros debaixo da cuberta com os outros, e a Bernaldim Freire suspendeo a capitania da não fômente, porque se provou que Francisco de Sá o enganára. Como estes capitães foram prezos, ficou a gente mais asfocegada dos alvoroços, em que cada dia andava, e os capitães dali por diante mais brandos, e honestos em seu falar. Passadas estas cousas, sendo já quinze de julho, porque os doentes eram muitos, e na armada não avia nenhum remedio pera se curarem, pela muita falta que avia de mantimentos, mandou Afonso Dalboquerque fazer prestes D. João de Lima, pera ir por capitão mór de quatro navios, de que eram capitães Nuno Vaz de Castelo-branco, Luiz Coutinho, Francisco Pereira, e Antonio de Matos, e que botassem de fóra, e com quaesquer mantimentos que achasse, lhe mandasse logo dous navios daquelles carregados; e achando em Anjadiva algum capitão, que viesse de Pórtugal com náos, lhe disse da sua parte, que viesse surgir diante daquella barra, pera lhe dar favor, e ajuda, e que dali mandasse Nuno Vaz com os doentes a Cochim, e deo-lhe hum regimento do que avia de fazer, e onde o avia de esperar, e mandou a Timoja que se fosse com suas atalaias a Onor pera lhe aver tambem alguns mantimentos; e como foram todos prestes, fizeram-se á véla, e foram demandar a barra; e porque o vento era muito, e não puderam botar de fóra, surgiram junto do banco, e ali estiveram esperando tempo pera fairem, e fazerem sua viagem.

## CAPITULO XLII.

De como o grande Afonso Dalboquerque se fez á véla com determinação de fair com toda a armada de fóra: e a causa, por que não sahio, e o mais que passou.

**P**ARTIDO D. João de Lima com os navios pequenos, e Timoja com suas atalaias, como tenho dito, vendo-se o grande Afonso Dalboquerque cada dia afrontado dos capitães, e da gente, com requerimentos que se fuisse, não sendo tempo pera ir a Cananor, nem a Cochim, nem a barra dar jafigo pera poderem botar de fóra, determinou, por acabar com elles, e tambem por lhes mostrar que não podia ser o que elles queriam, de lhes fazer a vontade; e dali a cinco, ou seis dias, que foram vinte hum de Julho, mandou fazer toda a armada á véla, e vieram demandar a barra, onde ainda acháram D. João de Lima, e Timoja furtos, por não ser tempo pera poderem fair. Como o Hidalcão soube que a nossa armada hia á véla, cuidando que fairiam logo pela barra fóra, mandou Roçalcão com toda a gente de pé, e de cavallo, que avia na cidade, que se fosse por terra direito á barra, e visse ao fair della se podia fazer alguma afronta ás nossas náos. Chegando Roçalcão, mandou logo assentiar huma bombarda grossa, que levava, em hum outeiro alto da banda de Bradez, que está sobre a entrada da barra, e começaram dali átirar ás nossas náos, e metêram quatro pilouros no costado de Flor de la mar, e todas as outras foram bem varejadas da

bombarda, e matáram-lhe alguns homens; e polo tempo tornar outra vez a carregar muito, e a nossa armada não estar segura naquelle lugar, tornáram-se a fazer á véla pera dentro, e vieram forgir onde dantes estavam, e D. João de Lima tambem com os seus navios, e Timoja com as suas atalaias. Quando a nova chegou á cidade, que Afonso Dalboquerque tornava outra vez pera dentro, porque a fortaleza estava só sem gente nenhuma, por serem todos na barra, foi tão grande o alvoroço, e medo nos que ficáram nella, que o Hidalcão com suas mulheres fugio, e deixou-a. E depois de todas as náos estarem amarradas, pela muita necessidade, que nellas avia de mantimentos, mandou Afonso Dalboquerque a Garcia de Sousa, que fosse logo aquella noite com as galés, paráos, e bateis saltar alguma ilha daquellas do rio de Goa, e trabalhasse por aver alguns mantimentos; e como foram prestes, partíram á meia noite, e foram pelo rio arriba dar em huma ilha, onde tomáram algum arroz, e humas poucas de vacas, e palmitos, e outros refrescos, e cativáram duas filhas de hum Braminá de Goa, que estava na ilha, e puzeram fogo á povoação, e tornáram-se pela menhaã, e Afonso Dalboquerque mandou repartir tudo igualmente por toda a gente da armada, de que todos ficáram contentes.

Passados cinco, ou seis dias, veio Timoja a Afonso Dalboquerque, e disse-lhe, que o Braminá, pai das moças, que Garcia de Sousa tomára, lhe mandára dizer, que se lhe quizessem dar suas filhas, que elle diria onde estava hum zambuco pequeno carregado de arroz, e de outras sementes da terra, e que tambem na ilha podiam fazer algum salto. Afonso Dalboquerque pareceo-lhe bem, e deo-lhe as moças, e mandou

Diogo Fernandez de Béja, e Gaspar de Paiva nos bateis, que foffem em companhia de Timoja áquelle ardil do Braminá, e partíram de noite, e foram ter á ilha, onde elle estava esperando, e ali tomáram o zambuco, e cincoenta vacas, e Timoja lhe deo as filhas, que levava comfigo. Feito isto, tornáram-se a recolher, antes que foffe menhaã; e porque isto era já no fim de julho, e os navios pequenos podiam com menos perigo fair de fóra, mandou Afonso Dalboquerque a D. João de Lima, que se partiffe logo, e diffe a Timoja, que se foffe a Onor, e lhe fizeffe prestes todos os mantimentos que pudeffe, porque fua determinação era, pela nova que tinha de fe o Hidalcão querer ir, esperar ali com as náos grandes a armada, que viesse de Portugal. Partido D. João de Lima, como os capitães fouberam a determinação de Afonso Dalboquerque, foram-se a elle, e fizeram-lhe muitos requerimentos, que se faiffe fóra do rio, e foffe reformar fua armada a Cochim, porque não tinha mantimentos pera esperar ali; e elle lhe diffe, que se elles estavam em neceffidade, que fua peffoa não estava fóra della, que lhes pedia muito que fofreffem, e tiraffem a gente dos medos, em que a punham, porque elle era certificado, que os senhores do reyno de Decan estavam alevantados contra o Hidalcão, e os feus guazis lhe mandavam cada dia cartas, e frechas quebradas, que era final de homens cercados, e forçadamente avia de acodir lá, porque não no fazendo, punha em rifco de perder feú estado; e com estarem naquelle rio com aquella armada, obrigavam-no ter ali toda fua gente, e desta maneira ou avia de perder huma coufa, ou outra. Os capitães, ainda que fábiam muito bem todas estas coufas, não deixáram de fazer feus requerimen-

tos que se fosse a Cochim, e que de lá viria de maneira, que pudesse fazer quanto quizesse; e como Afonso Dalboquerque não podia acabar consigo deixar Goa, pedio-lhe que esperassem ali quinze dias, e que passados, faria tudo o que elles quizessem; porque sabia certo, que o Hidalcão se queria ir pera suas terras, e que todo o tempo que ali estivera fora mais forçado das turcos, que por sua vontade; e pera sabermos ser isto verdade, não lhes dava outra prova senão as muitas vezes que lhe o Hidalcão tinha cometido pazes, offerendo-lhe terras, e lugares pera fazer fortaleza, não sendo Goa, estando elles naquelle rio com tantos trabalhos, e necessidades como sabiam. Os capitães por cima de todas estas rezões, e outras, que lhes Afonso Dalboquerque deo, pera esperarem a determinação do Hidalcão, seguiram sua opinião, e tornáram-lhe a requerer muitas vezes que se fuisse. Vendo-se elle desesperado da ajuda dos capitães, e que forçadamente avia de fazer o que elles queriam, mandou-lhes que se fizessem prestes, porque no primeiro tempo que a barra desse lugar lhes faria a vontade, e se fairia.

### CAPITULO XLIII.

De como o grande Afonso Dalboquerque sahio do rio de Goa com toda a armada: e de como no caminho topou com Diogo Mendez, que vinha de Portugal, e o que passou com elle.

**S**ENDO já quinze dias do mez de agosto de mil quinhentos e dez, que a barra estava pera poderem sair, mandou aos capitães que levassem suas ancoras, e

se fizessem á véla; e porque aquelle dia não puderam botar de fóra por ser tarde, foi a armada toda ancorar sobre o banco da barra, e ao outro dia pela menhaã cedo botáram de fóra, e fizeram seu caminho direito a Anjadiva, e naquelle dia ao sol posto ouveram vista de cinco vélas, que vinham do mar reconhecer a terra. Afonso Dalboquerque mandou logo a Antonio da Costa capitão do Rey pequeno, e Duarte de Melo do Rey grande, que as fossem demandar, e foubessem que náos eram, e donde vinham; os quaes se fizeram na sua volta pera as reconhecerem, e por ser já noite perdêram-nas de vista, e ao outro dia pela menhaã vieram as náos ter com a nossa armada, e era Diogo Fernandez de Vasconcellos, que vinha de Portugal por capitão mór de quatro náos pera ir a Malaca, e Francisco Marrecos capitão do Bretam da armada do marichal, que invernára em Moçambique. Afonso Dalboquerque sabendo que era Diogo Mendez, mandou-o logo visitar, e que fizesse seu caminho a Anjadiva, e que lá se veriam, e a dezafete do dito mes foram todos surgir em Anjadiva; e depois de toda a armada furta, veio Diogo Mendez com todos seus capitães visitar Afonso Dalboquerque, e deo-lhe novas de Portugal, e da armada, que aquelle anno partira, em que vinha por capitão mór Gonçalo de Siqueira. Afonso Dalboquerque lhe disse, que folgava muito com a vinda de Gonçalo de Siqueira ser naquelle tempo, porque tinha deliberado com todas suas forças tornar a cercar Goa, e cometer os imigos, porque tinha entendido que o podia bem fazer, e deo-lhe conta de tudo o que passára em Goa, e do estado, em que ficava; e depois de estarem falando nestas coufas, despedio-se Diogo Mendez, e foi-se pera a sua náos, e ao outro dia pela menhaã veio

fó ter com Afonso Dalboquerque, e deo-lhe huma carta delRey D. Manuel, em que lhe encommendava muito, e mandava, que désse breve despacho, e todo o bom aviamento a Diogo Mendez pera sua viagem, porque compria assi a seu serviço. Elle lhe disse, que compriria inteiramente o que Sua Alteza mandava, e que além deste ser o respeito principal, por amor delle folgaria de fazer tudo o que pudesse, e lhe daria pilotos, e o mais que fosse necessario. Diogo Mendez lhe beijou as mãos por aquella vontade que tinha de lhe fazer mercê, e despachar; que se o logo despachasse, que elle esperava em Deos de ser primeiro em Portugal, que as náos de carrega; e que lhe certificava, que por chegar á India naquelle tempo, com os desejos que tinha de servir ElRey, passára grandes trabalhos naquella viagem, por querer ter sempre á véla, e que tambem trazia huma carta delRey pera Timoja, em que lhe mandava que lhe désse pilotos pera sua viagem, que lhe dissesse o que faria nisto. Afonso Dalboquerque lhe disse, que Timoja não tinha pilotos que lhe dar, e que todavia lhe désse a carta, porque avia de folgar muito com ella, que se fosse pera a sua náó, e se fizesse prestes, porque elle determinava de se partir logo caminho de Cananor, e o mesmo mandou dizer a todos os capitães, e que lá falariam.

Aquelle dia á noite, que foram dezanove do dito mes, se fizeram todos á véla, e foram forgir davante Onor; e como foram furtos, mandou Afonso Dalboquerque recado a Timoja, que lhe viesse falar, e achou ali Bras Vieira, que elle tinha mandado por Tanadar a Cintácora, com todos os officiaes, que de Goa levou, o qual por causa da gente do Hidalcão não pode tornar a Goa, e foi por terra ter a Onor. Timoja como

lhe deram o recado, veio logo ter com elle, e em chegando, Diogo Mendez o abraçou, e deo-lhe a carta delRey, com a qual foi muito ledo, e disse-lhe, que elle era vassallo delRey de Portugal, e em tudo o serviria; e disse a Afonso Dalboquerque, que como elle fãira pela barra fóra com sua armada, dali a tres dias se partira o Hidalcão pera suas terras, e que elle partido, todas as terras de Goa, e Saste até Cintácora, e da outra banda até Condal se alevantáram, e lhe matáram todos os Tanadares mouros, que tinha na terra pera arrecadarem os direitos. Elle lhe disse, que folgava muito com aquellas novas, e que lhe rogava, e encommendava que os mantivesse em aquelle odio até sua tornada, que esperava em Deos que fosse muito cedo, e que tivesse muitos mantimentos prestes; e depois de passarem todo aquelle dia em muitas coufas, que estiveram falando, despedio-se de Timoja, e partio-se com toda a armada, e Diogo Mendez em sua companhia com as suas náos, e a vinte e seis do dito mes chegou a Cananor, e por ser já tarde não sahio aquelle dia em terra, e ao outro pela menhaã desembarcou, e chegando ao cais, (onde estava Rodrigo Rabelo capitão da fortaleza com toda a gente esperando por elle,) dali se foram todos á fortaleza, (tirando Diogo Mendez, e os seus capitães, que não desembarcáram,) e estando todos assentados praticando, disse-lhe Rodrigo Rabelo, que tinha nova certa polos mouros mercadores de Cananor, que os rumes eram partidos de Suez com huma grossa armada a focorrer Goa, e que tambem chegára ali huma náos, que vinha de Diu, que dera as mesmas novas. Como Afonso Dalboquerque soube estas novas, disse a Rodrigo Rabelo, e a todos os outros capitães, que ali estavam, que Diogo

Mendez em Anjadiva lhe pedira, que o despachasse logo, pera fazer sua viagem pera Malaca, que lhe dissessem se lhes parecia bem deixalo ir assi como vinha ordenado, tendo aquella nova certa da vinda dos rumes, ou se o deteria até a vinda de Gonçalo de Siqueira; e depois de Rodrigo Rabelo, e todos os outros capitães dizerem seus pareceres, disse Garcia de Sousa, que elle, pelo que sabia da navegação de Malaca, (porque fora lá com Diogo Lopez de Siqueira,) até quinze dias de setembro não se podia perder viagem, mas antes lhe ficavam os tempos melhores pera sua navegação, e que Diogo Mendez devia de esperar até este tempo, e que então se tomaria certa determinação se seria mais serviço delRey tomar estas náos, polo alvoroço, que avia na India da vinda dos rumes, ou deixalas fazer sua viagem. Os capitães, depois de ouvido Garcia de Sousa, foram deste parecer, e Afonso Dalboquerque com elles.

#### CAPITULO XLIV.

De como Afonso Dalboquerque chegou a Cananor, e se vio com o rey, e da chegada de Duarte de Lemos, e Francisco Pantoja, e do que Afonso Dalboquerque passou com elle.

**P**ASSADOS alguns dias, depois desta prática, que o grande Afonso Dalboquerque teve com os capitães, mandou dizer ao rey de Cananor, que desejava muito de se ver com elle, que lhe pedia por mercê que lhe dêsse licença pera o fazer; e como o rey estava já em determinação de o ir visitar, mandou-lhe dizer,

que se deixasse estar, que elle se iria ver com elle na praia fóra da fortaleza. Assentado isto, mandou o rey armar huma tenda naquelle lugar, onde se aviam de ver, alcatifada toda por dentro de alcatifas muito ricas, e hum catle, com hum pano de seda por cima, e almofadas do mesmo teor, em que avia de estar assentado; e como tudo foi concertado, veio o rey da cidade esperar ali Afonso Dalboquerque, e trazia comfigo Mamalle, e o Alguazil de Cananor, e os regedores da terra, e outros muitos mouros honrados, e cinco mil Naires da sua guarda, todos de espadas, e adargas. Chegado o rey, sahio Afonso Dalboquerque da fortaleza acompanhado de todos os capitães mui bem ataviados, e toda a outra mais gente armada, e foi-se á tenda, onde o rey de Cananor estava lançado no catle, e detrás de si tinha hum page com huma espada de ouro, e outro com huma cimitarra de ouro; e tanto que chegou, foi-se a elle com grande cortezia pera lhe beixar a mão, e o rey sem se alevantar do catle o recebeo com muito gafalhado e prazer. Passadas estas cortezias, mandou-lhe Afonso Dalboquerque apresentar as chaves da fortaleza em hum bácio de agua ás mãos, lavrado de Bastiães, e tomou a Rodrigo Rabelo pela mão, que era capitão della, e disse ao rey, que elle lhe entregava aquellas chaves, e mandava ao capitão, que ali estava presente, que fizesse o que lhe elle mandasse, e estivesse sempre á sua ordenança, porque aquella fortaleza era sua, com toda a gente, que nella estava, porque assi o queria ElRey D. Manuel seu senhor, e por esta causa desejava sempre de se ver com elle, e de o servir, e que todas as suas cousas seriam sempre mui bem tratadas delle; e que estimava tanto velo, que agora avia por firme a amizade, que elle tinha

com ElRey feu senhor, e que dali por diante o serviria com todas as armadas, e gente, que na India tinha. O rey lhe deo grandes agradecimentos por aquellas palavras, dizendo, que elle cria verdadeiramente ser tudo o que lhe dizia assi, pola grande amizade, que em feu coração tinha com ElRey de Portugal feu irmão; e quando comprisse por suas cousas poria todo feu estado cada vez que lho elle requereffe, e que as chaves elle as recebia da sua mão, e as entregava áquelle capitão delRey feu irmão, e que por as cousas andarem desviadas não fizera aquillo mais vezes, mas nem por isso deixára de ser muito amigo dos portuguezes; e que bem sabia o capitão da fortaleza, que ali estava, como os seus officiaes faziam suas cousas, e como elle acudia ao que lhe mandava requerer, e dali por diante o faria de melhor vontade polo grande contentamento, que tinha de ver sua pessoa, e da grande fama, que d'elle avia antre os mouros; e por ser a primeira vez que se víram, passáram muitas cousas de parte a parte com grande contentamento, e mostras de muita amizade. Passada esta prática, o rey se despedio de Afonso Dalboquerque, e foi pera a cidade, e fez mercê aos capitães de tres peças de veludo, e dez de chamalote, e Afonso Dalboquerque se recolheu pera a fortaleza; e passados dous, ou tres dias, chegou Duarte de Lemos, que andava por capitão mór da costa de Arabia com quatro náos, e Francisco Pantoja em sua companhia, que fora prover a fortaleza de Çacotorá, (como atrás tenho dito,) e trazia consigo a náó Meri, que Francisco Pantoja tomára no caminho; e como chegou, Afonso Dalboquerque o mandou logo visitar á náó por Antonio de Liz, que era feu escrivão, e dali a dous dias veio Duarte de Lemos a terra, e elle o foi

receber á praia com todos os capitães, e vieram-se á fortaleza.

Passadas suas cortezias, disse-lhe Duarte de Lemos, que sua vinda fora com muita necessidade, por não ter navios pera cumprir com as obrigações de sua capitania mór, e aquelles, que trazia comsigo, á força de bombas se fofthinham sobre a agua; que lhe pedia muito por mercê, que o despachasse logo, e visse as náos, que lhe avia de dar, pera as fazer prestes: e que D. Afonso de Noronha seu sobrinho partira de Çacotorá o Abril passado na não Sancta Cruz, e levára em sua companhia Fernão Jacome seu cunhado, e Diogo Correa, e o Padre Fr. Antonio, e outras muitas peifsoas, e que depois de sua partida nunca mais foubera novas delle; e que pois até aquelle tempo ali não era nem recado feu, que devia de fer perdido. Afonso Dalboquerque lhe pezou muito com esta nova; porque naquelle tempo, (segundo as necessidades da India,) foi grande perda pera elle, e fez-lhe renovar a dor, que tinha, da morte de D. Antonio de Noronha seu sobrinho; e depois de lhe dar conta de tudo o que passára na cidade de Goa, e como sahira della, lhe disse perante Rodrigo Rabelo capitão da fortaleza, e outros capitães, que ahi estavam presentes, que lhe pedia por mercê, que não fizesse nenhum abalo de si até a chegada de Gonçalo de Siqueira, que tinha nova, que vinha de Portugal por capitão mór de huma armada, pera tomarem final determinação nas cousas de Goa, e no assento da India, que estava toda abalada com as novas, que avia dos rumes. Duarte de Lemos lhe respondeo, que a principal segurança da India era guardar as portas do estreito de Méca, no qual se não tinha tomado assento, como ElRey D. Manuel mandava

que se fizesse, e a causa disso era não lhe mandar o visorey, nem elle as galés, que Sua Alteza tinha escrito, que lhe mandassem; e quanto á sua estada até a vinda de Gonçalo de Siqueira, que elle o faria alli, pois compria a serviço delRey. Passada esta prática, pediu-lhe muito por mercê que perdoasse a Fernão Perez Dandrade, e Simão Dandrade seu irmão, e aos outros fidalgos, que tinha presos, e os mandasse soltar; e Afonso Dalboquerque, posto que elles mereciam castigo polo que tinham feito, por lhe fazer a vontade, mandou-os soltar todos, e tornou-lhes suas capitánias, tirandoa Jorge Fogaça, porque a este, como author principal das descortezias, que lhe foram feitas no rio, não lhe quiz tornar a sua. Duarte de Lemos, depois de os deixar todos em sua casa, tornou-se pera a sua náó, e lá lhe mandou Afonso Dalboquerque dar tudo o que fosse necessario pera a sua meza, e pera todos aquelles, que comessem com elle, como a sua propria pessoa, e teve-o sempre em credito, e autoridade de capitão mór da sua armada, e gente, com fundamento que o ajudaria no negocio de Goa. Como se Duarte de Lemos foi pera a sua náó, veio Francisco Pantoja ver a Afonso Dalboquerque, que o não tinha ainda visto depois de sua chegada, e deo-lhe conta de sua viagem, e como no caminho tomára a náó Merido rey de Cambaya, e chegando a Çacotorá, Duarte de Lemos lançára mão della, e de toda a fazenda, que era muita, dizendo, que a elle pertencia, por ser tomada nos limites da sua capitania mór; e fazendo-lhe elle muitos requerimentos, que não entendesse na náó, nem na fazenda que nella vinha, por pertencer a sua senhoria, que era capitão geral das Indias, debaixo de cuja bandeira elle andava, Duarte de Lemos não

dera por isso, e lhe tomára a náó, e as mercadorias, e fizera de tudo o que quizera. O feitor de Cananor, que estava presente, disse a Afonso Dalboquerque, que aquella náó, e a fazenda, que nella vinha, era delRey, que lha mandasse entregar pera a pôr em boa arrecadação; porque os officiaes, que Duarte de Lemos nella tinha postos, não davam nada por seus mandados. Afonso Dalboquerque lhe disse, que Duarte de Lemos lhe tinha tambem tomado a joia daquella náó, que lhe vinha de direito, e que se calava por se não desconcertar com elle; e pois Duarte de Lemos já tinha tomado o melhor della, que lá se aviesse, porque elle te lançava disso. Como Duarte de Lemos não vinha muito contente, por lhe Afonso Dalboquerque não mandar os navios, que lhe mandára pedir por Vasco da Silveira, nem se ir ajuntar com elle, como lhe escrevêra que faria, posto que diffimulasse, ficou apassionado destas palavras, que soube que elle differa ao feitor.

#### CAPITULO XLV.

Como chegou a Cananor hum embaixador do rey de Cambaya falar ao grande Afonso Dalboquerque em pazes: e a resposta que lhe deo, e o que passou com Duarte de Lemos sobre isso.

**T**ENDO o grande Afonso Dalboquerque passado com Duarte de Lemos as cousas, que no capitulo atrás tenho dito, chegou hum embaixador do rey de Cambaya, o qual veio logo á fortaleza, onde o elle estava esperando com todos os capitães, e fidalgos, senão

Duarte de Lemos, que estava na sua náó, e nella esteve sempre sem vir a terra; e depois do embaixador dar suas encommendas a Afonso Dalboquerque da parte do rey de Cambaya, deo-lhe huma carta de crença, e disse-lhe, que o rey seu senhor desejava muito de ter paz, e amizade com ElRey de Portugal, e que por muitas vezes lho mandára já dizer, e que agora lhe diziam, que sua senhoria se fazia prestes pera entrar o estreito de Méca; se alli era, que lhe pedia muito, que fizesse o caminho por sua terra, e que elle lhe viria falar em qualquer porto dos seus que elle quizesse, e ali assentariam suas amizades; e que os seus capitães tinham tomado huma náó sua, que lhe pedia por mercê que lha mandasse dar: e que lhe fazia a saber, que huns poucos de portuguezes, que se perdêram em huma náó, que viera dar á costa em hum porto seu, elle os tinha comsigo, e que logo lhos mandaria. Passado isto, o embaixador lhe deo huma carta dos christãos, que lá estavam cativos, na qual lhe diziam como D. Afonso seu sobrinho partira de Çacotorá na náó Sancta Cruz, e atravessando aquelle golfão da India, tomáram huma náó de Cambaya muito rica, e depois de a terem tomada, sendo tanto avante como os baixos de Padua, dera tão grande temporal nelles, que corrêram arvore secca, e vieram ter a hum porto de Guzarates chamado Nabande, e ali deram a náó em huns baixos, e se perdêra; e que como a náó tocára, D. Afonso com cinco, ou seis homens, parecendo-lhe que a náó se poderiam salvar, por estarem perto de terra, se lançáram ao mar em taboas, e como a tormenta era grande, e o mar andava muito de levadia, os acapelára de maneira, que todos se afogáram, e os que ficáram na náó, esperando que fosse baixa mar, (que seriam por todos cincoenta,)

se salváram, e como chegaram a terra, foram logo prezos a requerimento de vinte mouros, que comfigo traziam, que eram da náó que tomáram, na qual hia Fernão Jacome por capitão, que com o mesmo temporal fora ter ás terras do Hidalcão, e os mouros da terra tomáram a náó, e toda a fazenda que levava, e matáram Fernão Jacome, e os christãos que nella hiam; e que sabendo Gopicaixa alguazil mór do rey de Cambaya, que elles ali estavam prezos, e a gente da terra os tratava mal, fizera com o rey que mandasse por elles, e ficavam em Champanel, que pediam a sua senhoria que tivesse maneira com que os tirasse. E com esta carta dos cativos deo o embaixador outra a Afonso Dalboquerque de Gopicaixa, que he esta, que aqui vai escrita.

CARTA DE GOPICAIXA, ALGUAZIL MÓR DÓ REY DE CAMBAYA,  
PERA O GRANDE AFONSO DALBOQUERQUE.

**A** Miçade verdadeira, como tenho com minha alma, Afonso Dalboquerque capitão mór, sempre bem-aventurança vossa seja maior que a de Gopicaixa, que na cidade de Champanel abita, muitas vezes se vos encommenda: depois das devidas encommendas vos faço saber, que huma náó vossa pelejou com huma náó de Paverij, e tomaram-na, e dali a levaram pera Cochim; indo assi, deo nelles tormenta, e veio ter a vossa náó á costa em hum porto de Guzarate, onde se perdeu, e vieram nella, pouco mais ou menos, sessenta homens portuguezes, e vinte pessoas da náó de Paverij. Eu soube que a gente da vossa náó tinha mortas certas pessoas da náó de Paverij, que tomáram, e os que com elles vinham disseram-no á gente do dito porto, onde

a vossa não veio ter á costa, pelo qual a gente do dito porto os quizerá matar, e eu como soube estas novas, o fiz saber ao rey, e ouve delle mandado que logo lhos trouxessẽm; e Caixá, hum alcaide de Nabande, os mandou em ferros ao rey, e eu lhos apresentei, e elle lhe mandou logo tirar os ferros, e lhes mandou dar todas as cousas necessarias pera sua despeza, e vossas gentes vos escrevem, polas quaes cartas sabereis que isto he assi: e vós sabei, que no reyno de Guzarate hum verdadeiro amigo vosso sou eu, e a tudo o que antre vós, e o rey, de concerto, e amizade for necessario, eu o acabarei. Hum homem vosso christão, e de confiança ha mister que mandeis com seguro, que as vossas náos não andem dammando o mar, e furtando nelle, e os vossos christãos mandaremos logo soltar, e as vossas náos poderão ir, e vir seguras aos portos de Cambaya, comprando, e vendendo nelles, e todos os portos de Cambaya estaram a vosso mandado, e este vosso homem podereis mandar em huma náo ao porto de Suret, e poderá trazer alguma cousa boa de serviço ao rey, e eu lho apresentarei, assocegarei, e acabarei com elle de maneira, que os portos de Cambaya estem a vosso serviço, e sabereis que minha amizade he verdadeira, e por esta maneira será accrescentada.

Como Duarte de Lemos soube por Jeronymo Teixeira, e Francisco de Sá, que eram authores de todas estas differenças que avia antre elles, que o embaixador do rey de Cambaya era chegado, e Afonso Dalboquerque tinha aceitado sua embaixada, como já andava mal soffrido, e de sua condição era de animo obstinado, e soberbo, veio-se a terra, e disse-lhe perante Rodrigo Rabelo, que os limites da sua capitania chegavam até a costa de Cambaya, e por esta razão a elle pertencia

o recado do rey de Cambaya, e a carta do feu Alguazil, e que não ouvera de receber o embaixador, nem falar-lhe, sem primeiro fazer este cumprimento com elle. Afonso Dalboquerque como vio o caminho, que Duarte de Lemos levava, respondeo-lhe muito desapaſſionadamente:

*Senhor, tiremos nós os cativos, que lá eſtam, e caſtigai-me muito bem os mouros de Goa, que me quebráram a cabeça, e deixemos por agora eſſes governos, e mandos; e fora muito melhor, pois eu tenho o poder, e gente delRey noſſo. Senhor, que favorecéreis vós eſte negocio, e reſpondéramos ao rey de Cambaya de maneira, que ouveramos os chriſtãos fóra de ſeu poder, e não andardes comigo em differenças.*

Duarte de Lemos lhe diſſe, que ainda que elle tiſſe a gente, e poder delRey, que elle era capitão mór da coſta de Cambaya, e que a elle pertenciam aquelles negocios, que por iſſo não ouvera de aceitar o feu embaixador, ſenão remeter tudo a elle; e por aqui diſſe outras palavras mui fortes, e cheas de foberba, e tudo lhe Afonso Dalboquerque ſofreo, e diſſe-lhe:

*Senhor Duarte de Lemos, eu ſei bem a reſpoſta que eſtas voſſas palavras mereciam, ſe eu não fora capitão geral das Indias; mas pois aſſi he, que não poſſo deixar de o ſer, quero-me agora valer comvoſco do meu entendimento, e daquillo que dizia Tulio a Cefar, pedindo lhe que perdoaſſe a Marcello, ao qual não queria perdoar: *Vince te ipſum, qui vincis omnia.**

E com eſtas palavras ſe deſpedio d'elle, e Duarte de Lemos ſe foi pera a ſua náó, e lá eſteve ſempre com nome de capitão mór, até que chegou Gonçalo de Siqueira, e lá hiam Jeronymo Teixeira, e Francisco de Sá fazer ſuas decuções, e Afonso Dalboquerque os

quisera castigar por estas emburilhadas, e por outras cousas, que lhe já tinha sofridas. E porque estava em sua mão pera o feito de Goa, deixou-os assi engorolados, que se fossen pera Portugal. Passado isto, mandou chamar o embaixador do rey de Cambaya pera o despachar, e disse-lhe, que dissete ao rey, que elle se ficava fazendo prestes pera tornar outra vez sobre Goa, e acabado aquelle feito, se iria ver com elle, e assentariam suas pazes, porque ElRey de Portugal seu senhor lhe encommendava muito sua amizade, e que quando lhe comprisse suas armadas, e gente, que elle estava prestes pera o servir com tudo; que lhe pedia por mercê, que lhe mandasse os cativos que lá estavam. Despachado o embaixador, fez-lhe mercê em nome delRey, e deo-lhe esta carta pera Gopicaixa em reposta da sua.

CARTA DO GRANDE AFONSO DALBOQUERQUE PERA O  
ALGUAZIL MÔR DO REY DE CAMBAYA.

*M*uito honrado, e bom cavaleiro alguazil mór do Rey de Cambaya, Afonso Dalboquerque capitão geral, e governador das Indias, e do reyno, e senhorio de Ormuz, e do reyno, e senhorio de Goa por ElRey D. Manuel Nosso Senhor, vos envio minhas encomendas, e minha amizade. Vosso messageiro chegou a mim, e foi bem recebido, e honrado, e me deo as vossas cartas, com as quaes folguei muito por saber que ElRey de Cambaya vosso senhor quer ter pazes com ElRey Nosso Senhor: e assi vi em vossas cartas, como essa gente delRey Nosso Senhor, e dessa não, que se lá perdeo, fora bem recebida do rey, e agazalhada, e bem tratada, e isto se espera dos reys tão grandes

senhores, e que tanto mando tem, e tanta terra, e tanta gente como o rey de Cambaya, fazerem honrã á gente de Portugal e delRey Nosso Senhor. Como cá soube esta nova, que me escrevestes, logo mandei honrar a gente, que se tomou na náó Meri, a qual foi tomada por huma náó minha, que mandava a Çacotorá; e o capitão mór, e governador daquellas partes, que aqui está, a trouxe comigo: agora veja o rey que he o que manda da náó, e dos mouros, porque em tudo folgarei de o servir, e assi o fará o capitão mór daquellas partes, que aqui está juntamente comigo: a reposta vossa me achará ao longo da costa até Goa, a qual receberei de vós, como de meu amigo. Folgaria de me o rey de Cambaya mandar esses christãos, porque em todas as outras cousas folgarei de o comprar, e se farão como elle deseja; e prazera a Deos, que se fará a amizade antre elle, e ElRey meu senhor, com a qual elle deve muito de folgar, por ter seus portos seguros, e suas náos, e gente poderem navegar o mar. E espero de chegar lá perto da sua terra, e folgaria de ver recado seu, pera saber com quão boa vontade faço suas cousas, e como folgo de o servir no que lhe de mim comprar; e como tiver paz, e amizade com ElRey meu senhor, o ajudarei com todo seu poder, e gente, que tenho na India. Veja vossa reposta, e se mandais alguma cousa de mim, escreverei-mo, folgarei de vos ter por amigo. Escrita em Cananor a dezaseis de setembro.

## CAPITULO XLVI.

De como o grande Afonso Dalboquerque mandou Simão Martinz, e Garcia de Soufa esperar as náos, que vinham de Méca, pera saber nova certa da vinda dos rumes: e do requerimento, que lhe Diogo Mendez fez sobre o deixar fazer sua viagem a Malaca.

**D**EPOIS do grande Afonso Dalboquerque ter despachado o embaixador do rey de Cambaya, desejando saber nova certa da vinda dos rumes, pera se determinar no que avia de fazer, e tambem porque nestes dias, que avia de gastar em fazer sua armada prestes pera tornar sobre Goa, não passassem algumas náos carregadas de pimenta pera o estreito, por serem já dezaseis dias do mes de setembro, que he o tempo, em que as náos, que partem do estreito, vem demandar a costa da India; determinou de mandar alguns navios, que andassem espalhados em diversas partes, a ver se lhe podiam tomar algumas náos destas, pera ser mais certificado da sua vinda, e pera isto despachou logo Simão Martinz por capitão mór de tres navios, e com elle Francisco Marrecos, e Antonio de Matos, e mandou-lhes que se fossem ao monte de Deli, e naquella paragem andasse até o fim do mes de setembro, e tomando alguma não do estreito, se viesse logo com ella a Cananor. Partido Simão Martins com estes navios em sua companhia, mandou Afonso Dalboquerque chamar Garcia de Soufa, e disse-lhe, que elle tinha novas certas, que de Méca eram partidas algumas

nãos pera Calicut, que se fizesse prestes com tres navios, que lhe mandaria dar, pera andar dos baixos de Padua até os ilheos de Panane, porque nesta travessa, e paragem era a mais certa navegação das nãos, que fahiam do estreito pera Calicut. Garcia de Soufa lhe disse, que se espantava muito de sua senhoria mandalo áquelle negocio, tendo feito Simão Martinz capitão mór de tres navios, pera andar na mesma paragem, que elle não avia lá de ir, nem aceitar tal empreza como aquella, senão se Simão Martinz lhe ouvesse de obedecer, e andar debaixo da sua capitania; e porque isto não nascia de Garcia de Soufa, que era muito bom homem, e muito bom cavaleiro, e tinha servido ElRey muito bem em todas as partes, em que se achou, disse-lhe Afonso Dalboquerque, que lhe pedia por mercê, que servisse ElRey, e não curasse de competencias, porque Simão Martinz avia de andar em huma parte, e elle em outra, e que se guardasse dos conselhos atexeirados, (porque era hum homem, que trazia a India revolta,) e se lembrasse quão mal lhe parecêram sempre as mexericadas, em que João da Nova, e os outros seus companheiros andáram antre elle, e o visforey, e que não quisesse perder agora quanta honra tinha ganhada. E como Garcia de Soufa era deseioso de servir ElRey, fez o que lhe Afonso Dalboquerque mandou, e partio-se com regimento do que avia de fazer, encomendando-lhe muito que andasse a bom recado, porque tinha sabido, que em companhia destas nãos de Calicut vinham tambem algumas dos rumes.

Partido Garcia de Soufa, e Simão Martins, dali a tres, ou quatro dias veio Diogo Mendez a terra com seus capitães, e foi-se á fortaleza, onde Afonso Dalboquerque estava, e disse-lhe, que elle lhe dissera em

Anjadiva, que tanto que chegasse a Cananor, o despacharia, e lhe daria pilotos, e tudo o mais que lhe fosse necessario pera fazer sua viagem a Malaca; e pois o tempo era pera isso, que lhe pedia por mercê, que o despachasse, e lhe dêsse licença pera se ir. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que depois de sua chegada tivera muitas occupações, assi com o rey de Cananor, como tambem em despachar alguns capitães, que mandou guardar aquella costa, e por isso não tivera tempo pera falar com os capitães: que elle os mandaria chamar, e praticaria com elles aquelle seu negocio, e com seu parecer lhe responderia. Diogo Mendez lhe disse, que as couças assentadas por ElRey Nosso Senhor não se deviam de pôr em parecer de ninguem, senão cumprir os mandados de sua alteza, e seus contratos, e regimentos, porque nisto lhe hia muito; e que lhe requeria da parte delRey, que o deixasse fazer sua viagem, assi como de Portugal vinha ordenado; porque no contrato que ElRey com elle, e com os mercadores fizera, o izentava logo d'elle, como podia ver por aquelles papeis, que lhe ali apresentava. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que elle não tinha necessidade de ver seus papeis, porque ElRey não no avia de izentar do seu governador, se na India ouvesse necessidades, como estava certo avelas, e que isto era o que queria praticar com os capitães. Como Diogo Mendez vio que a determinação de Afonso Dalboquerque era não lhe responder sem primeiro falar com os capitães, não quiz mais insistir em seu despacho, e foi-se pera a sua náó.

## CAPITULO XLVII.

De como o grande Afonso Dalboquerque praticou com os capitães, se deixaria ir Diogo Mendez a Malaca: e do que se nisso assentou, e do que passou com Diogo Mendez.

**P**ASSADA esta prática, que o grande Afonso Dalboquerque teve com Diogo Mendez, deo conta aos capitães, (sendo presente Rodrigo Rabelo capitão da fortaleza de Cananor,) de tudo o que até li tinha passado com elle: praticada huma cousa, e a outra, assentaram que visto o que acontecêra a Diogo Lopez de Siqueira em Malaca, levando consigo cinco náos, e quatrocentos homens, e a pouca força da armada, e gente, e de outras cousas necessarias, que Diogo Mendez trazia, pera cometer hum feito tão grande, como aquelle era, e tambem as novas da vinda dos rumes, e que se avia por certo serem partidas de Suez cinquenta vélas, e dez mil homens; que por todos estes inconvenientes lhes parecia que não devia de deixar ir Diogo Mendez a Malaca, e que devia de esperar até o mes de abril, porque até aquelle tempo teriam as cousas da India tomado assento. Assentado isto, mandou Afonso Dalboquerque chamar Diogo Mendez, e os seus capitães, e disse-lhes, que elle tinha dado conta a Rodrigo Rabelo capitão da fortaleza, e aos mais capitães, e que a todos parecia que era muito serviço delRey não no deixar ir alli, pelas novas certas, que avia da vinda do rumes, como tambem pelas cousas de Malaca estarem tão danadas, que era necessario

mais força, que aquella, que elle trazia de Portugal, pera assentar nella pazes, pois Diogo Lopes de Siqueira viera de lá com a cabeça quebrada, e lhe matáram, e cativáram sessenta homens, e estivera em risco de perder toda sua armada, senão fora avisado da treição, que lhe estava ordenada: e pois as coufas de Malaca estavam no estado, que elle sabia, que era necessario acudir-lhe com força, e de maneira, que logo lhe fizessem tomar assento, porque isto era o que mais compria ao serviço delRey, que não carregar suas náos bem, ou mal; e que esta só razão bastava pera lhe não parecer bem fazer aquelle caminho, quanto mais outra, que tinha mais força, que era o estado, em que as coufas da India estavam, e as novas certas da vinda dos rumes, e Goa alevantada, e os reys de Cambaya, e de Calicut, e rumes terem todos em hum corpo com ella contra nós, e muitas náos feitas por toda aquella costa até Diu pera os ajudarem; que lhe pedia muito por mercê, que se quizesse achar neste negocio melhor do que até ali fizera, pois nelle hia tanto ao estado delRey Nosso Senhor, porque perdida a India, pouco lhe aproveitava ter Malaca. Diogo Mendez lhe respondeo, que elle era tão desejofo de fazer as coufas do serviço delRey, que a ninguem daria vantagem, e que por isso lhe parecia verdadeiramente, que nenhuma cousa compria tanto a seu serviço, como em ser brevemente despachado, pera fazer sua viagem, assi como vinha ordenado de Portugal; porque se não pudesse carregar suas náos em Malaca, que o faria em Samatara, ou em Pegú, que por isso lhe pedia por mercê, que não ouvesse inconvenientes pera o despachar; que ainda que as coufas de Diogo Lopes soccedessem da maneira que lhe dizia, que elle esperava em Deos, chegando a

Malaca, pôr tal recado em si, que não tão fômente carregasse suas náos, mas tinha esperança de aver os portuguezes, que lá estavam cativos: e pois ElRey na carta, que lhe escrevêra, lhe encommendava muito a brevidade do seu despacho, não quizesse insistir tanto em sua ficada, porque na India avia muitas náos, e gente, e a armada de Gonçalo de Siqueira, que mui prestes ali feria, com que podia escusar as suas náos. Afonso Dalboquerque apaixonado hum pouco de Diogo Mendez, disse-lhe, que as necessidades da India elle as sabia muito bem, e que sobre elle carregava dar conta della a ElRey seu senhor, que por isso não fizesse fundamento de ir a Malaca, pois alli estava assentado, e que elle o despacharia em abril, e mandaria em sua companhia outras quatro náos mui bem armadas, e aparelhadas, porque desta maneira poderia ir seguro, e não em quatro náos de cortiça, como as suas eram, mal aparelhadas de tudo o que era necessario pera hum negocio, como aquelle; e que isto lhe prometia de cumprir, se as cousas de Malaca naquelle tempo estivessem em melhor estado do que estavam. Diogo Mendez lhe respondeo, que pois sua determinação era não no deixar ir a Malaca, que elle como capitão geral delRey de Portugal naquellas partes da India, o podia fazer, mas que era contra sua vontade, e de seus capitães, que elle não vinha senão pera servir ElRey; e se lhe parecêra que em ficar na India o servia mais, elle o fizera mui levemente, e foram escusados tantos ajuntamentos sobre isso, porque bem sabia que nisto ganharia mais que em ir a Malaca; e passadas estas praticas, dali por diante não curou Diogo Mendez de falar mais a Afonso Dalboquerque em seu despacho.

## CAPITULO XLVIII.

De como Lourenço Moreno, e outras duas náos da companhia de Gonçalo de Siqueira chegaram a Cananor: e como o grande Afonso Dalboquerque o mandou affentar as pazes com os regedores de Baticalá, e da carta, que por elle escreveo a Timoja.

**E**STANDO o grande Afonso Dalboquerque cada dia esperando a vinda de Gonçalo de Siqueira, pera com sua chegada tomar certa determinação da sua tornada sobre Goa, sendo já oito dias do mes de setembro, chegou Lourenço Moreno capitão da náo Bota fogo, o qual vinha pera ser feitor de Cochim, e em sua companhia João de Aveiro na Bastiaina, e Lourenço Lopez sobrinho de Thomé Lopez em outra náo, e aquelle dia, que chegaram, foi logo Lourenço Moreno a terra ver Afonso Dalboquerque; e depois de lhe dar hum maço de cartas, que levava delRey D. Manuel. pera elle, lhe disse, que Gonçalo de Siqueira partira de Portugal com sete náos, e trazia muito boa gente; e vindo todos juntos, no cabo das correntes lhe dera hum temporal tão riço, que os espalhára a todos, e elle, e aquelloutras duas náos corrêram de longo, e vieram ter a Moçambique, e ali esperáram alguns dias; e quando víram que tardava, por ser já tarde, atravessáram pera a India, e segundo a paragem, em que o deixára, e os tempos, com que chegou a Moçambique ferem de viagem, lhe parecia que não podia tardar muito. Afonso Dalboquerque ficou muito contente com estas novas, que lhe Lourenço Moreno deo da armada

que Diogo Lopez trazia, porque esperava de se ajudar della no negocio de Goa; e depois de falarem em muitas coufas de Portugal, deo-lhe conta dos trabalhos, que passára em Goa, e como se fazia prestes pera tornar outra vez sobrella. Passadas estas práticas, despedio Lourenço Moreno, que se fosse descançar do trabalho do mar; e por não perder tempo no que tinha determinado de fazer, mandou chamar Duarte de Lemos, e todos os outros capitães, e disse-lhes, que estando elle em Goa, lhe mandára Condanechatim, e Naodaquizar regedores de Baticalá, hum messageiro, dizendo, que queriam ter pazes com elle, e estar á obediencia delRey de Portugal, e que até então lhe não respondera, porque não tinha náos, que pudesse lá mandar, e que agora era chegado Lourenço Moreno, e duas náos mui grandes em sua companhia, que podia ir assentar este negocio, e de caminho trazelas carregadas de mantimentos pera aquella armada, que fazia prestes pera tornar sobre Goa, que lhes pedia, que lhe dissessem o que nisto faria. Duarte de Lemos como era erreiro com Afonso Dalboquerque, com alguns capitães, que eram tambem da sua parte, differam-lhe, que com as náos da carrega não avia de querer fazer nenhum negocio, senão mandalas a Cochim carregar, e a Lourenço Moreno negocear-lhe sua carrega, pois avia de ser feitor, e não mandalo a huma coufa tão duvidosa, como aquella, e que poderia ser que não tornariam a tempo pera tomarem sua carga. Os outros capitães differam, que pois as náos aviam de esperar por Gonçalo de Siqueira, que bem podia o senhor governador mandar Lourenço Moreno a Baticalá assentar aquelle negocio, porque nisso não se perdia tempo, e ganhava-se muito em ter pazes com Baticalá, pera se

proverem dali de mantimentos, de que podiam ter necessidade tomando Goa. Afonso Dalboquerque foi neste parecer, e mandou chamar Lourenço Moreno, e despachou-o logo pera ir assentar este negocio, e em sua companhia mandou as duas náos, que com elle chegaram de Portugal, e hum mouro de Cananor chamado Porcassem por lingoa, pera ir a terra tratar o negocio, e deo-lhe hum regimento do caminho que avia de fazer, e huns apontamentos das condições, com que avia de assentar a paz; e as principaes eram, que os regedores lhe aviam de dar huma casa feita á sua custa, de pedra, e cal, em que o feitor delRey de Portugal pudesse ter suas mercadorias seguras, e que aviam de pagar em cada hum anno de tributo dous mil fardos de arroz; e mandou-lhe que acabado este negocio com muita brevidade, fizesse o caminho por Onor, e se visse com Timoja, e lhe entregasse Lourenço da Silva, e Fernão Vaz, os quaes lhe mandava pera andarem por capitães dos gentios, que faziam a guerra aos de Goa: e a estes dous capitães mandou dar certos homens portuguezes, que levassem consigo, e fellas, freios, e todo o mais aparelho de cavallos, e deo-lhe esta carta, que aqui vai escrita, que désse a Timoja.

CARTA DO GRANDE AFONSO DALBOQUERQUE  
A TIMOJA.

*H*onrado Timoja, alguazil mór, e capitão da gente de Goa, e senhor das terras de Cintácora por ElRey Nosso Senhor. Afonso Dalboquerque capitão geral, e governador das Indias, e Persia, e do reyno, e senhorio de Ormuz, e do reyno, e senhorio de Goa, por ElRey Nosso Senhor, vos envio minhas encomen-

das. Bem sabeis minha determinação, a qual he ir sobre Goa com vosso conselho, e ajuda, a qual espero em Nosso Senhor que mui aſinha ganharemos. Folgaria de favorecerdes eſſa gente, que anda em guerra contra os de Goa, e deixardes-lhe lograr, e comer as rendas da terra. Lá vos mando Lourenço da Silva, e Fernão Vaç, que ſão bons cavaleiros, e capitães pera governar eſſa gente, que anda na guerra: mandai-os logo aonde a gente eſtá, e dai-lhes alguma certa de que ſejam capitães, porque ſão bons cavaleiros, e espero que o fação bem. Eu ſerei cedo comvosco. Folgaria muito que por huma vossa fuſta me mandaeſſeis novas ao caminho de como a terra eſtá, e que gente averá em Goa, e vós com que gente me podeis ajudar; e eſſes mantimentos, que vos encomendei, que me tiveſſeis preſtes, mandai-os entregar a Lourenco Moreno pera mos trazer, que tenho neceſſidade delles. Beijai por mim as mãos ao rey de Garçopa, e diſei-lhe, que lhe peço que me ajude com todo o ſeu poder, porque eu espero de muito cedo lançarmos os mouros fóra da terra, e que eu o ajudarei com minha peſſoa, cavallos, armas, e gente a ganhar muita terra delles, e o farei maior ſenhor, que todos os outros ſeus riçinhos, que lhe peço por mercê que favoreça eſſa gente, que peleja por nós, e que não tenha receio dos mouros, porque cedo verá o Hidalção diſtruido, e todo ſeu eſtado perdido.

Como Lourenço Moreno teve ſuas náos preſtes, despedio-fe de Afonso Dalboquerque, e foi-fe embarcar, e fez ſeu caminho direito a Baticalá.

## CAPITULO XLIX.

De como Simão Martinz tomou huma náó, que vinha de Méca muito rica, e veio com ella a Cananor: e das novas, que dous judeos, que se nella tomáram, contáram ao grande Afonso Dalboquerque.

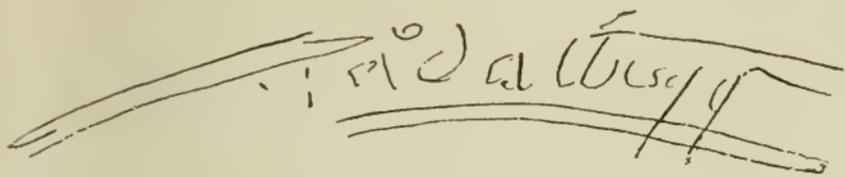
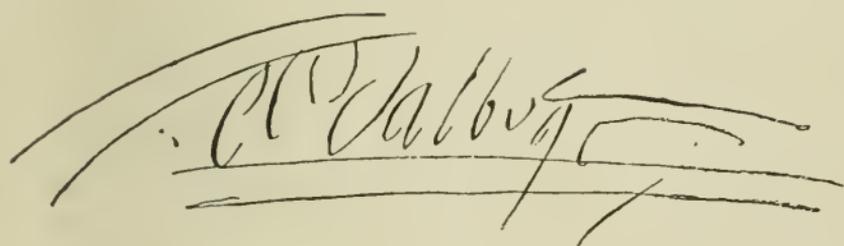
**P**ARTIDO Lourenço Moreno pera Baticalá, dali a cinco dias chegou Simão Martinz, que Afonso Dalboquerque tinha mandado esperar as náos, que vinham do estreito, (como atrás tenho dito,) e trouxe huma náó, que tomára na paragem do monte de Deli, que vinha de Méca pera Calicut, carregada de muitas mercadorias; e antre alguns cativos, que se nella tomáram, foram dous judeos castelhanos, que deram por nova certa, que os rumes não podiam vir aquelle anno, porque o grão Soldão tivera grandes differenças com os governadores de Damasco, e Alepo, e não ouvera tempo pera se poder fazer prestes. Afonso Dalboquerque lhe perguntou, se eram partidas muitas náos do estreito pera a India; e elles lhe disseram, que não sabiam novas de mais náos, que daquella, e de outra, que vinha atrás muito mais rica, porque vieram por terra embarcar á ilha de Çuaquem, e que ali faláram com hum christão, que se chamava Fernão Gomez, e com hum mouro, que hia em sua companhia, e que o Fernão Gomez lhe dissera, que o outro feu companheiro era morto, e que dali se partíram elle, e o mouro caminho do Cairo, e passados alguns dias, tornáram outra vez a Çuaquem, e por se não concertarem no

caminho, que avíam de fazer, Fernão Gomez se apartára do mouro, e fizera seu caminho pera Judá, e o mouro se tornára pelo sertão de Çuaquem, e que dali não foubra mais que se fizera delles. Afonso Dalboquerque lhe perguntou, que novas tinham do Preste João, e de sua terra. Os judeos lhe differam, que não sabiam mais d'elle, senão que cada anno hia huma cafila de Çuaquem, muito perto do mar Roxo, e hiam ter ao Monte Sinay, e dali direitos a Jerusálem, e em companhia desta cafila hia sempre hum capitão com gente de cavallo em sua guarda, por amor dos alarves; e por serem desertos, e no caminho não aver mantimentos, levavam muitos camelos carregados delles, e que á ilha de Çuaquem hiam ter muitas especiarias da India, e ali embarcavam em geluas, (que são huns barcos como caravelas, que navegam o estreito,) e hiam ter a Coçaer, (hum porto do mar Roxo,) e deste porto as levavam por terra a Caná, que está na borda do rio Nilo, que será jornada de tres dias de Coçaer, e ali embarcavam em barcas, e por espaço de poucos dias chegavam ao Cairo. E estes dous judeos se tornaram christãos: hum delles se chamou Francisco Dalboquerque, e outro Alexandre Dataide. E Afonso Dalboquerque, em quanto viveo, se servio delles de lingoas, principalmente de Alexandre Dataide, que fabia muitas, e era grande homem de negocio. E morto Afonso Dalboquerque, vieram-se pera Portugal, em tempo delRey D. Manuel, e daqui tornáram á India, e da India se foram ao Cairo, e lá se tornáram judeos. Como Afonso Dalboquerque foi certificado da outra náó, que vinha de Méca em companhia desta, mandou Simão Martinz que se tornasse logo, e andasse naquella paragem, onde topára a náó, que tomára; e mandou

a Rodrigo Rabelo, capitão de Cananor, que se embarcasse logo na náó Rumeza, e fosse ao mar do monte de Deli esperar aquella náó, e em sua companhia mandou Francisco Serrão, e Alvaro Paçanha nas duas caravelas, e Afonso Pessoa na fusta, e mandou-lhe, que sendo caso que topasse com Garcia de Soufa, e Simão Martinz, que lá andavam, que todos tres ouvessem bom conselho do que fariam pera averem esta náó, e Rodrigo Rabelo se partio, e dali a sete, ou oito dias tornaram elle, e Garcia de Soufa, e Simão Martinz, e differam-lhe, que em toda aquella costa não avia nova de nenhuma náó, que viesse de Méca, senão aquella, que Simão Martinz tomára.

Chegados estes capitães a Cananor, porque avia dias, que Diogo Mendez não vinha a terra, disse Lourenço de Paiva a Afonso Dalboquerque, que olhasse como estava com Diogo Mendez, porque Jeronymo Teixeira lhe dissera, que elle se fazia prestes, e tinha determinado de se ir caminho de Malaca, Afonso Dalboquerque, parecendo-lhe que isto era assi, foi-se logo de noite ao cais com esses fidalgos, e cavaleiros, que com elles estavam, e mandou a Rodrigo Rabelo, que se metesse em hum batel esquipado com gente, e Pero Dalpoem ouvidor da India em outro, e fossem a bordo da náó de Diogo Mendez, e que o chamassem da sua parte, e trouxessem todos os seus capitães, mestres, e pilotos prezos. Chegado Diogo Mendez á fortaleza, disse-lhe Afonso Dalboquerque, que se espantava muito delle querer-se ir daquelle porto com suas náos, e gente, sem sua licença, pois estava assentado em conselho, que era serviço delRey ficar elle na India, e não ir a Malaca. Diogo Mendez lhe respondeo, que elle nunca cuidára tal cousa, nem em tal determinação estava;

mas antes tinha dito aos seus capitães, e mercadores, que tinham parte naquella armação, que avia de estar á sua obediencia, e fazer tudo o que lhe mandasse, e que não ouvera de crer, que tal homem como elle ouvera de fazer cousa, que merecesse mandalo vir daquella maneira. E pois lhe não queria dar licença pera fazer sua viagem, que mandasse tomar a armada, e dêsse conta della a ElRey Nosso Senhor, e que do mais estava ali á sua obediencia, pera fazer o que lhe mandasse. Afonso Dalboquerque por cima destas razões tomou-lhe a menagem, e mandou ao ouvidor que a tomasse aos outros capitães da sua companhia, que sob pena de caso maior não se apartassem d'elle sem sua licença, todos prometêram de o cumprir, salvo Pero Corema, que disse, que Diogo Mendez era seu capitão mór, e que não avia de dar a menagem a ninguem, senão a elle. Afonso Dalboquerque o mandou prender no Castelo, e esteve prezo até o outro dia, que lho pediram alguns capitães, e mandou-o soltar, e tomar a menagem, como aos outros, e a Pero Dalpoem que notificasse aos pilotos, e mestres, que sob pena de morte, e perdimento de suas fazendas, dali se não partissem sem seu mandado; e feito auto de tudo, tornáram-se pera as suas náos. Passados dous, ou tres dias, foubе Afonso Dalboquerque que não fora verdade isto, que lhe disseram, e que Jeronymo Teixeira o ordenára porque se Diogo Mendez desconcertasse com elle; e como isto foubе, mandou-o chamar, e pediu-lhe muitos perdões daquillo, que lhe fizera, e que a culpa, que lhe tinha, era não se advertir das emburilhadas de Jeronymo Teixeira, e que elle lhe prometia, que acabado o negocio de Goa, o despachasse muito bem, e lhe dêsse pilotos, e tudo o que lhe fosse necessario pera sua via-

A fac-simile of a handwritten signature, appearing very shaky and unsteady. The signature is written in a cursive style and is underlined with two parallel lines. The overall appearance is one of instability and lack of control.A fac-simile of a handwritten signature, appearing much more firm and controlled than the one above. The signature is written in a cursive style and is underlined with two parallel lines. The overall appearance is one of stability and confidence.

Fac-simile das assinaturas do governador da India  
e do autor dos *Comentarios*; ambas notavelmente parecidas, mas a de cima, do pae,  
feita no ano da morte,  
muito trémula e a do filho firme.



gem; e com todos estes cumprimentos não lhe alevantou a menagem, nem aos pilotos, e mestres a pena, que lhe era pósta.

## CAPITULO L.

Como chegou Gonçalo de Sequeira a Cananor: e do conselho, que o grande Afonso Dalboquerque teve com os capitães sobre o tornar a Goa: e da nova, que lhe deram da morte do rey de Cochim, e do que nisso fez.

**P**ASSADAS todas estas cousas, que tenho dito, chegou Gonçalo de Sequeira a Cananor a dezafete dias do mes de setembro do anno de dez, o qual partito destes reynos de Portugal pera a India por capitão mór de sete náos, e com sua chegada ficou Afonso Dalboquerque muito contente, e deo muitas graças a Nosso Senhor, pois em tempo, que elle estava em determinação de tornar outra vez sobre Goa, eram chegadas á India catorze náos, em que podia aver mil e quinhentos homens portuguezes, com os quaes se podia cometer qualquer feito por grande que fosse; de que eram capitães môres Gonçalo de Sequeira, Diogo Mendez de Vasconcelos, (como fica dito,) e João Serrão de tres navios, que ElRey D. Manuel mandava a descubrir, e sondar as portas do estreito do mar Roxo. Gonçalo de Sequeira aquelle dia que chegou foi logo a terra ver Afonso Dalboquerque, e elle o veio receber com todos os capitães, e fidalgos, que ali estavam, ao cais, e trouxe-o á fortaleza; e depois de todos estarem falando em novas de Portugal, deo Gonçalo de Se-

queira a Afonso Dalboquerque as cartas, que trazia delRey D. Manuel pera elle, e huma pera Duarte de Lemos, que lhe logo mandou á náó, onde estava, em que lhe ElRey dizia, que entregasse toda a sua armada, e gente a Afonso Dalboquerque, e que se fosse pera Portugal, e que elle lhe daria embarcação pera sua pessoa, e pera os seus. Com esta carta ficou Duarte de Lemos mais brando, e fóra das esperanças em que o Jeronymo Teixeira, e Francisco de Sá tinham posto, que acabado elle seu tempo, avia de ficar por governador da India, pois succedêra na capitania mór da costa de Arabia por morte de Jorge Daguiar seu tio, que ouvera de ser governador da India se vivêra; e isto não era assi, porque a successão da governança da India tinha-a D. Afonso de Noronha, se fora vivo. Passado este dia, que Gonçalo de Sequeira chegou, como Afonso Dalboquerque não cuidava em outra coula senão em tornar a cometer Goa, e deseioso de tomar determinação no negocio, antes que se gastasse mais tempo, ao outro dia mandou chamar Gonçalo de Sequeira, Duarte de Lemos, e Diogo Mendez, e os mais capitães, que ali estavam, e juntos todos, deo-lhes conta do que passára em Goa, e no rio o tempo que ali estivera, e que depois de ser fóra delle, chegando a Onor, lhe dissera Timoja, que o Hidalcão se fora logo com todo seu exercito, porque todos os senhores do reyno de Decan eram alevantados contra elle; e que pela guerra, que com elles tinha, não podia acudir a Goa, e que nesta conjunção a podia tomar, e ser senhor della; que lhes pedia, que pois o negocio de Goa estava neste estado, que lhe dissessem o que faria. Os capitães sobre estas razões, que lhe Afonso Dalboquerque apresentou, tiveram tres conselhos, em que ouve muitas differenças, e

diversos pareceres; porque Gonçalo de Sequeira, e Duarte de Lemos, e os capitães, que aviam de tornar pera Portugal, diziam, que era mais serviço delRey D. Manuel ir assentar as pazes com o rey de Cambaya, pois estava desejofo dellas, e as pedia com muita effi-  
cacia, que não tornar sobre Goa; que era coufa muito duvidosa, e de muito perigo, e nenhum proveito pera ElRey de Portugal, (mas elles davam esta evasão, porque queriam mais carregar suas náos, e tornarem pera Portugal, que tomarem experiencia por si dos trabalhos, que os seus naturaes tinham passado no rio de Goa). Diogo Mendez, e os seus capitães, com todos os fidalgos, e a mais gente da India, foram de parecer, que tornassem sobre Goa, pois o Hidalcão estava tão remoto, que a não podia focorrer tão depressa; e posto que viesse, sería a tempo, que os nossos teriam o negocio acabado; e não succedendo como todos esperavam em Deos que fosse, ainda lhe ficava tempo pera ir a Cambaya verse com o rey, e assentar as pazes. Assentado por mais votos, que se tornasse a cometer a cidade de Goa, disse Afonso Dalboquerque a Duarte de Lemos, e a Gonçalo de Sequeira, que lhe pedia por mercê, que quizessem ser com elle em aquella empreza, porque como Goa não podia ser focorrida do Hidalcão por causa da guerra, que tinha, pouco tempo lhe abatava pera a tomar, e em isto não perdiam nada de sua viagem. Elles se escusáram, e deram suas razões, por onde não podiam ser com elle naquelle negocio. Bem creio eu, que depois de a verem tomada deram muito por se acharem naquelle feito, por não virem com tão máo nome pera Portugal. Afonso Dalboquerque não ficou muito contente delles, e com tudo mandou fazer sua armada prestes, e todas as coufas, que lhe eram

necessarias, com determinação de com essa gente com que se achasse, cometer este feito, e tudo o mais deixalo a Deos, que o guiasse como fosse mais seu serviço.

Andando Afonso Dalboquerque nesta pressa, chegou hum Catur de Cochim com huma carta do rey pera elle, em que lhe dizia, que o rey seu tio era morto, e que alguns mouros seus imigos, e outros, que se chamavam amigos, se alevantaram contra elle, e se foram pera hum seu primo, que queria ser rey, tudo por conselho do rey de Calicut, pera o meterem de posse da terra; que lhe pedia por mercê, que se os negocios o não tivessem muito occupado, que quizesse lá chegar, porque elle não tinha ninguem, com que pudesse tomar conselho, nem esforço senão com elle; porque o seu primo, que queria ser rey, estava em Vaipim, e que todos os senhores, que o vieram ver, lhe diziam, que se fosse meter na cova, e não no querendo fazer, que o avia o primo de matar, e que o maior contraio, que tinha, era o rey de Calicut: e com todas estas opressões elle se não avia nunca de apartar do serviço del-Rey de Portugal, porque avia de fazer sempre o que seu tio fizera nos trabalhos, que os portuguezes tiveram na India depois de ser descuberta. Afonso Dalboquerque deo conta desta carta aos capitães, e todos foram de parecer, que devia de acudir a este negocio com muita pressa, antes que o rey de Calicut metesse mais as mãos nelle. Afonso Dalboquerque determinou de se partir logo, e mandou a Gonçalo de Sequeira com as náos da sua companhia, e os capitães, que ficaram da armada do marichal, que se fizessem prestes pera o outro dia pela menhaã partirem com elle pera Cochim, e lá os despacharia pera Portugal; e esquecido das diferenças, que teve com Duarte de Lemos, deixou-o

em Cananor em feu nome, com todo o poder, e mando de governador como sua pessoa.

## CAPITULO LI.

De como o grande Afonso Dalboquerque se partio pera Cochim, e assentou as differenças, que avia antre o rey, e feu primo: e o que passou com os capitães estando em Cochim.

**A**o outro dia, que foram vinte e dous dias do mes de setembro á tarde, partio o grande Afonso Dalboquerque pera Cochim, e levou consigo Gonçalo de Sequeira com todas as suas náos, e as que ficáram da armada do Marichal, pera tomarem sua carga, e partirem pera Portugal, e as duas galés, e a náo Rumeza, e deixou toda a outra armada repartida ao longo da costa, pera defenderem que não entrasse em Goa nenhuma náos, que viesse do estreito, nem de outra nenhuma parte com mantimentos. E chegou a Cochim a vinte e seis do dito mes, e foi-se logo a terra ver o rey, que estava já esperando com todos os Caimais de sua valia, e com outra muita gente por elle, e foram allí todos á fortaleza, e ali lhe tinha o capitão huma casa muito bem concertada, onde se assentáram; e depois de lhe o rey dar grandes agradecimentos por aquella mercê, e honra, que lhe fizera em vir a feu chamado, deo-lhe conta dos seus trabalhos, e que os Bramenes lhe diziam, que pois feu tio era morto, que por obrigação se avia de ir meter na cova, (porque este era o teu costume antigo.) Afonso Dalboquerque

lhe disse, que pois ElRey D. Manuel feu senhor o mandára jurar por rey em vida de feu tio, que elle avia de ser rey, e que não curasse de seus costumes, nem do que lhe os seus Bramenes diziam, porque isto avia assi de ser, e que estivesse firme em feu reyno, porque elle, e todos os portuguezes, que ali estavam, e outros muitos que ElRey feu senhor mandaria de Portugal, aviam de morrer por feu serviço, e polo fuster em feu estado; e que mandasse dizer a seu primo, (se ainda estava em Vaipim,) que logo se fosse, e deixasse a ilha, porque não no querendo fazer, determinava de dar nelle, e destruílo, e a todos aquelles, que com elle estivessem. E porque Afonso Dalboquerque, em quanto governou a India, usou sempre de artificios com os reys, e senhores della, polos amedrontar, e trazer á sua amizade, e conservar a authoridade do estado delRey D. Manuel, dizendo isto, alevantou-se da cadeira, em que estava, e arrancou de huma espada, e disse-lhe, que não temesse todo o poder do rey de Calicut, porque elle era seu Naire, e que por elle avia de morrer, quando lhe comprisse; e que a seu primo não lhe avia de valer o rey de Calicut, nem seus pagodes, e pois isto tinha certo; que lhe pedia por mercê, que fosse sempre verdadeiro, e leal amigo delRey D. Manuel feu senhor, e lhe reconhecesse o amor, e boa vontade, com que o mandára alevantar por rey, e fizesse de maneira, que não perdesse isto, porque nenhuma outra cousa o podia destruir senão desagrader a ElRey feu senhor a mercê, que lhe fizera; e que elle lhe prometia, que acabado o feito de Goa, lhe dêsse boa vingança do rey de Calicut. O rey lhe respondeu, que elle era vassallo delRey de Portugal, que por isso não tinha que dizer áquellas palavras, senão que faria sempre o que lhe

elle mandasse da sua parte. Acabada esta prática, o rey se foi pera os seus paços, e mandou dizer a seu primo, que estava em Vaipim, da parte do grande Afonso Dalboquerque, que deixasse a ilha, e se fosse logo; porque não no fazendo, iria sobre elle com toda a sua gente, e o destruiria. O primo como soube que Afonso Dalboquerque era chegado, com determinação de o ir buscar, e destruir, deixou a ilha, e as differenças, que tinha com o rey de Cochim, e foi-se.

Affentadas estas differenças, mandou Afonso Dalboquerque chamar Gonçalo de Sequeira, e todos os capitães, e officiaes delRey, que estavam em Cochim, e disse-lhes, que em todos os conselhos passados, que tivera sobre o negocio de Goa, não quizera dizer seu parecer, por não cuidarem que queria cometer temerariamente aquelle feito mais por vingança do passado, que por ser cousa importante ao serviço delRey seu senhor: e que agora se affirmava, que não se tomando Goa, se a liga, que estava feita antre o Hidalcão, e os reys de Cambaya, e Calicut fosse por diante, com a esperança que tinham do socorro do grão Soldão, que seria cousa muito duvidosa poder ElRey de Portugal suster a India; e a principal razão, que o obrigava a cometer este feito, era ver na India tanta gente nobre, tantos capitães, tantas náos de Portugal, que lhe davam animo pera o fazer; que lhe pedia por mercê, perante aquelles officiaes delRey, que ali estavam presentes, que pois em Cananor lhe parecêra bem pelas razões já ditas tornar elle sobre Goa, que quizessem ser na execução de seus conselhos, porque indo todos assi como estavam, não perdiam tempo de sua viagem. Gonçalo de Sequeira, e os outros capitães começaram a dizer, que não era serviço delRey irem as náos da

carga a Goa, e que tambem era razão que os homens tivessem algum tempo pera fazerem suas fazendas, pois a isso vieram á India; e por aqui foram dando outras razões, escutando-se de irem com elle. Afonso Dalboquerque lhe disse, que pois bulcavam inconvenientes pera não servirem ElRey naquella empreza, que se ficassem, porque sua determinação era não levar ninguém contra sua vontade, e que lá dessem em Portugal razão de si a ElRey seu senhor, porque elle determinava de ir sobre Goa com a gente que tivesse; e que esperava na Paixão de Nosso Senhor, em que tinha toda sua confiança, que antes de se partirem pera Portugal, lhe viesse nova como elle estava muito descansado dentro nella, e que por infelice se devia de aver o cavaleiro portuguez, quando tal succedesse, não se achar neste feito, e que elle se hia ao outro dia pela menhaã embarcar, e que quem quizesse ser com elle, que o seguisse, e muitos se deixáram ficar, e não quizeram ir. Afonso Dalboquerque se partio, deixando já a carga, que aquelle anno avia de vir pera este reyno posta em ordem, e chegando a Cananor, achou Lourenço Moreno, que avia dous dias que era chegado com as náos carregadas de mantimentos, e disse-lhe, que chegando a Batalalá mandára logo Pocaracem a terra falar com os regedores sobre o concerto, que com elles avia de fazer, e que os achára de todo mudados, e respondêram, que não aviam de fazer nada, sem primeiro sabermos do rey de Narfinga seu senhor se era disso contente; e vendo que não queriam tomar concrusão, carregára suas náos, e se partíra, e viera ter a Onor, e dera a sua carta a Timoja, o qual se ficava fazendo prestes, e o rey de Garçopa com toda sua gente, pera o servirem naquella jornada de Goa, que por isso podia

ir quando quizesse. Como Lourenço Moreno deo conta a Afonso Dalboquerque do que passára, mandou-lhe que se fosse logo com as náos a Cochim, e que fizesse partir os capitães, e que mandasse embarcar tres alifantes, que lá deixára, pera se levarem a ElRey D. Manuel nas náos, em que tinha ordenado que fossem. Partido Lourenço Moreno, pedio Duarte de Lemos a Afonso Dalboquerque embarcação pera si, e pera seu irmão, pera se irem pera Portugal, pois ElRey assi o avia por seu serviço; e elle não se lembrando das menencorias passadas, deo-lhe tudo o que lhe pedio, e mandou-lhe pagar todos seus ordenados, e de seus criados, e deo-lhe a capitania mór de sete náos, e todo seu poder sobre aquella armada, do qual usaria depois de ser fóra da costa da India, e despedio-o que se fosse pera Cochim; e chegando lá, teve muitas differenças com os officiaes da feitoria, e fez outras cousas, que calo por não aver murmuradores, que digam que sou suspeito. Este Duarte de Lemos, sendo fidalgo honrado, era o maior homem, que avia em Portugal, e muito errogante, e tinha os dentes dianteiros demaziadamente compridos.

FIM DA SEGUNDA PARTE.





EDIÇÕES  
DA  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE  
SCRIPTORES RERVM LUSITANARVM

SÉRIE A

A sair :

DAMIAM DE GOES — Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel Conf. a *ed. princ.* Rev. e pref. pelo Dr. David Lopes.

— Chronica do Principe Dom Ioam, Conf. a *ed. princ.* Rev. pelo Dr. Joaquim de Carvalho.

FERNÃO LOPES DE CASTANHEDA — História do descobrimento, e conquista da India. Conf. a *ed. princ.* Rev. pelo Sr. Pedro de Azevedo.

Em preparação :

JOÃO DE BARROS e DIOGO DO COUTO — Décadas. Ed. revista e prefaciada pelo Dr. António Baião.

SÉRIE B

Publicado :

I — HIERONYMO OSORIO — De Rebus Emmanvelis gestis. 3 vols.

II — ITINERÁRIOS DA INDIA A PORTUGAL POR TERRA. Vol. I (António Tenreiro e Mestre Afonso). Rev. e prefaciados pelo Dr. António Baião.

III — COMENTÁRIOS DO GRANDE AFONSO DE ALBUQUERQUE. Conforme a 2.<sup>a</sup> edição. Revistos e prefaciados pelo Dr. António Baião. Vol. I (Partes I e II).

A sair :

COMENTÁRIOS DO GRANDE AFONSO DE ALBUQUERQUE. Vol. II (Partes III e IV).

ITINERÁRIOS DA ÍNDIA A PORTUGAL POR TERRA. Vol. II. (Itinerário da Terra Santa).

Em preparação :

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO — Epanaphoras de varia historia portuguesa.





DS

498

.5

A3A3

1922

pt.1-2

Albuquerque, Affonso de  
Comentários do grande  
Afonso de Albuquerque

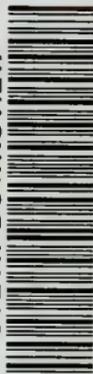
PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 12 05 13 06 002 1